

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

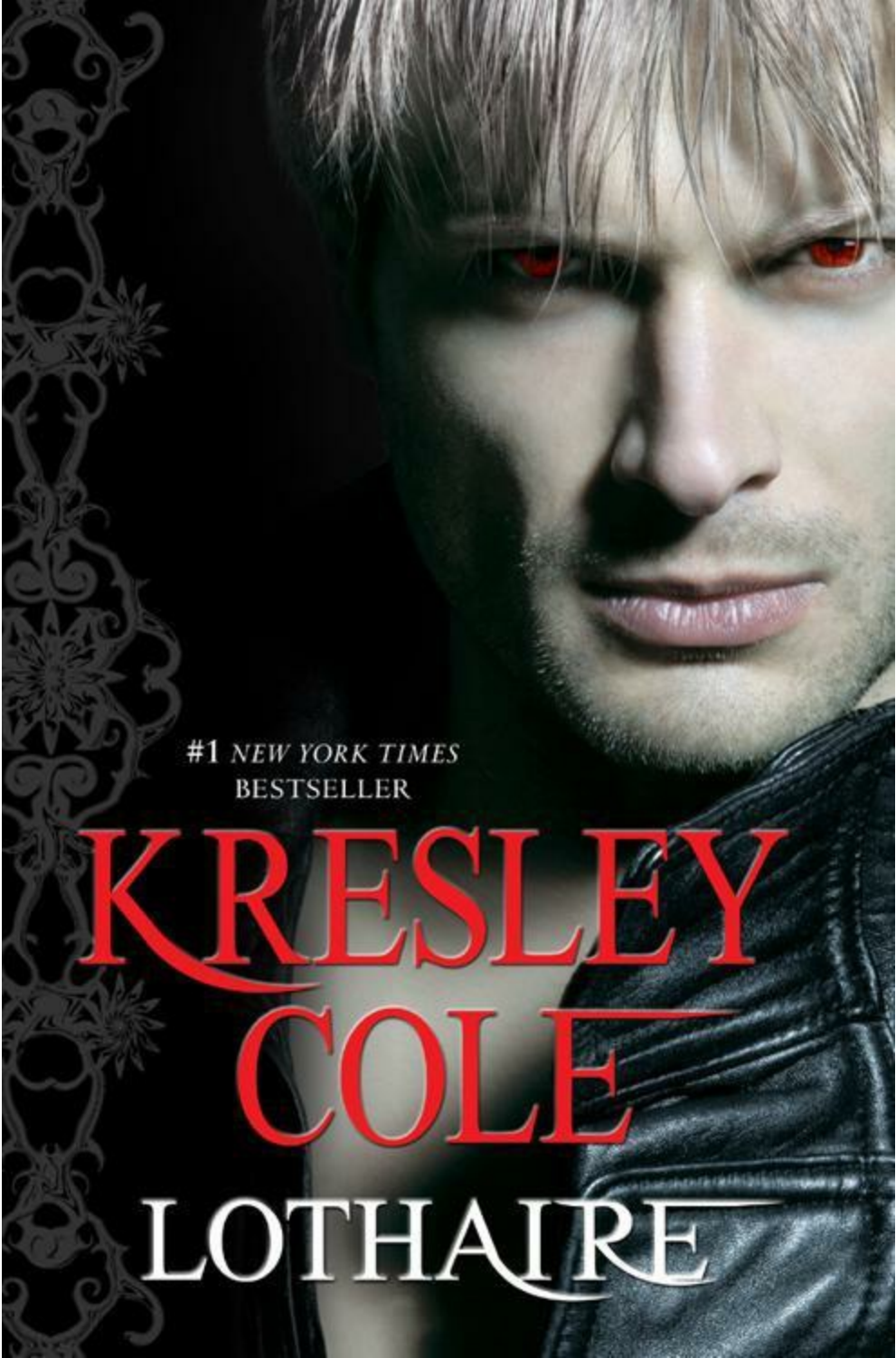
KRESLEY
COLE

*Evil finally
has a name.*

LOTHAIRE

AN IMMORTALS AFTER DARK NOVEL



The book cover features a close-up portrait of a man with light-colored hair and striking red eyes. He is wearing a dark leather jacket. The background is dark with a subtle, ornate pattern on the left side. The text is prominently displayed in the lower half of the cover.

#1 *NEW YORK TIMES*
BESTSELLER

KRESLEY
COLE
LOTHAIRE



Um lorde vampiro com o rosto de um anjo caído, mas um coração tão frio quanto gelo. Sua cativa mortal, arrancada de uma prisão para outro perigo ainda mais aterrorizante. Pode um guerreiro sinistro afinal escolher o amor acima da vingança?

Kresley Cole

1

Extraído dos Imortais

Livro do Lore

O Lore

“... E aquelas criaturas sensíveis que não são humanos devem ser unidos em uma só classe, coexistindo, ainda que em segredo, com os homens.”

A maioria é imortal e pode se regenerar de ferimentos. As raças mais fortes só podem ser mortas por fogo místico ou decapitadas. Seus olhos mudam com emoção intensa, frequentemente para uma cor específica da raça.

Os Vampiros

“No primeiro caos do Lore, uma irmandade de vampiros dominados por depender de sua natureza fria, seu culto à lógica e ausência de misericórdia. Eles surgiram das estepes severas de Dacia e migraram para a Rússia, embora alguns digam que o enclave¹ secreto, o Daci, ainda viva em Dacia.”

Cada macho adulto procura sua *Noiva*, sua esposa eterna, e caminha como morto-vivo até que a encontre.

Uma *Noiva* tornará seu corpo completamente vivo, dando a ele respiração e fazendo seu coração bater, um processo conhecido como *sangrar*.

Os *Caídos* são vampiros que mataram bebendo de uma vítima até a morte. Distinguidos por seus olhos vermelhos.

Dois exércitos de vampiros continuam a guerrear: A Horda, na sua maioria composta pelos *Caídos*, e os *Forbearers*, uma legião de humanos que retornaram, que não bebem sangue diretamente da carne.

As Valquírias

“Quando uma donzela guerreira grita por coragem quando morre na batalha, Woden e Freya atendem a seu chamado. Os dois Deuses enviam relâmpagos para atingi-la, resgatando-a para sua galeria e preservando sua

coragem para sempre na forma de filha guerreira imortal Valquíria.”

Elas se alimentam da energia elétrica da Terra, compartilhando-a em um poder coletivo e devolvendo com suas emoções em forma de raio.

Sem treinamento, a maioria pode ser hipnotizada por objetos brilhantes.

A transformação.

Somente através da morte pode se tornar um “outro”.

Alguns seres podem transformar um humano ou até mesmo outras criaturas do Lore em sua espécie por meios diferentes, mas o catalisador para a mudança é sempre a morte e o sucesso não é garantido.

A Ascensão

“E um tempo há de acontecer quando todos os seres imortais no Lore, desde as Valquírias, vampiros, Lykae e facções de demônio até as bruxas, metamorfos, fey e sereias... devem lutar e destruir uns aos outros.”

Uma espécie de balança mística para uma população sempre em crescimento de imortais.

Acontece a cada quinhentos anos. Ou nesse momento...

1 Enclave é um território ou reduto pertencente a um país, mas encravado em outro.

2

Revisão Inicial: Tininha, Miriam, Acacia, Carol, Anik, Vanessa, Gisele, Andressa, Francine, Josy, Ana Banana, Claudia

Revisão Final: Tininha

Visto Final: Fidalga

Projeto Revisoras Traduções

Comentário da Tininha: Confesso que o livro do Lothie não foi tão sanguinário quanto eu esperava. Juro que após o desenrolar do livro anterior e o episódio passado na ilha, achei que fosse ter mais lutas e o envolvimento dos demais personagens da trama. O livro se focou muito no Lothie e na Ellie discutindo a relação. Lothie não tinha como mudar muito mesmo, afinal é um vampirão muito egoísta, focado única e exclusivamente em encontrar sua Noiva e tomar os tronos da Horda e dos Daci.

Isso o toma completamente e ele não percebe as sutilezas do que tem na mão. Trata a Ellie de um modo abominável, mas o amor é lindo e supera todas as barreiras. Adorei ver o Thad nesse livro, ele promete! Um destaque para a família Daci que aparece bastante nesse livro, e deixa a entender que surgirão novas inspirações para futuros livros. A Bruxa, pra mim, se tornará mocinha de um livro próximo. Os Imortais são sempre uma ótima pedida e esse não ficou atrás. Mas não tem o peso das lutas e guerras dos outros livros e ficou quase light, tirando os capítulos iniciais quando a autora justifica o comportamento impulsivo e déspota de Lothie apresentando seu passado cruel. Recomendo a leitura, apenas senti falta das Valquírias que apareceram muito pouco, mas marcaram sua presença. Agora ficou com aquela saudade doida que cheguem mais. Atentem para o presente do vampirão à sua Noiva....rs.

Tinha que ser o Lothie!!!

Comentário Fidalga: Lothaire é um personagem deliciosamente pervertido e sexy. Machista, presunçoso, implacável e principalmente, MUITO DOIDO! Daqueles de rasgar dinheiro. Mas no desenrolar da história, percebi que Ellie não fica atrás. Daí, o encontro dessas duas “criaturas” de encaixe perfeito nos traz vários momentos hilários e outros extremamente HOT. Leitura mais que recomendada. Divirtam-se.

3

PRÓLOGO

Castelo Helvita, Fortaleza vampiro da Horda

Inverno russo, tempos passados

— Que nova humilhação este dia nos trará? — Ivana, a Corajosa, perguntou a seu filho Lothaire, enquanto guardas os escoltavam para o vampiro conhecido como Stefanovich, Rei Vampiro da Horda.

E pai de Lothaire.

Apesar de ter apenas nove anos, Lothaire podia dizer pelo tom de sua mãe que ela mantinha um traço de imprudência.

— E por que despertá-lo? — ela exigiu dele, como se ele pudesse explicar os modos precipitados do seu pai.

A convocação veio ao meio-dia, passando bastante da sua hora de dormir.

— Eu não sei, mãe. — ele murmurou enquanto ajeitava sua roupa. Teve apenas alguns segundos para se vestir.

— Cansei desse tratamento. Um dia ele vai me empurrar muito longe e se arrependerá.

Lothaire a escutou reclamando para seu tio Fyodor sobre as “tiradas e flertes, e o comportamento cada vez mais bizarro” do rei. Ela confessou baixinho.

— Joguei fora o meu amor pelo seu irmão, não sou nada mais que uma amante maltratada neste reino, embora eu tenha dado o herdeiro do trono em Dacia.

Fyodor tentou confortá-la, mas ela disse.

— Eu já sabia há muito tempo, antes de seu coração parar de bater. Agora questiono se ele tem um coração afinal.

Hoje seus olhos azuis gelo estavam em chamas com uma luz perigosa.

— Fui destinada para algo melhor que isso. — A cada passo que dava as peles escorregavam por seus ombros, balançados de um lado para o outro. As saias do seu vestido escarlate farfalhavam, um som agradável que ele sempre associou com ela. — E você, meu príncipe, também.

Ela o chamava de “príncipe”, mas Lothaire não era um. Pelo menos, não neste reino. Ele era apenas o bastardo de Stefanovich, um de uma longa lista deles.

Eles seguiram os dois guardas na escada sinuosa acima até as suítes privadas do rei. As paredes eram banhadas a ouro e úmidas pelo frio. Lá fora uma tempestade de neve surrava o castelo.

Castiçais iluminavam o caminho, mas nada podia aliviar a melancolia que ecoava por esses corredores.

Lothaire tremia, desejando voltar para sua cama quente com seu novo filhote de cachorro cochilando sobre suas pernas.

4

Assim que chegaram à antecâmara do lado de fora das câmaras de Stefanovich e os guardas começaram a abrir as portas douradas que rangiam, Ivana alisou suas elaboradas tranças loiras platinadas e ergueu seu queixo. Não pela primeira vez, Lothaire pensou que ela parecia com um anjo de outrora.

Do lado de dentro, revestindo a parede do fundo, estava uma janela de vidro marchetado com símbolos embutidos das artes das trevas. O vitral mantido fora da luz do sol fraca visível através da tempestade fazia um pano de fundo assustador para a cadeira do rei.

Não que o vampiro imponente precisava de mais alguma coisa para torná-lo temível. Sua estrutura física era mais como a de um demônio, seus ombros mais largos que uma prancha de transporte, seus punhos como bigornas.

— Ah, Ivana Daciano se digna a obedecer a uma intimação. — Stefanovich chamou com sua cabeça da sua longa mesa de jantar. A cada noite seus olhos pareciam ficar mais vermelhos, seu brilho vermelho se destacando contra o cabelo cor de areia caindo sobre sua testa.

A dúzia de cortesãos sentados com ele encarava Ivana com indisfarçável malícia. Por sua vez, ela repuxou seus lábios para trás para mostrar suas

presas. Ela achava estes cortesãos muito abaixo dela e não fazia nenhum segredo disso.

Sentado a esquerda do rei estava Fyodor, tio de Lothaire, que parecia envergonhado.

Lothaire seguiu o olhar de Ivana para a cadeira à direita de Stefanovich — um lugar de honra normalmente reservado para ela. Os pratos do jantar cheios de restos de uma refeição estavam espalhados diante da cadeira.

Ocasionalmente os jovens vampiros comiam comida da terra, consumindo-a além de sangue. Quem sabe outro dos bastardos de Stefanovich veio para Helvita viver entre eles?

O coração de Lothaire deu um salto. Eu poderia fazer amizade com ele, poderia ter um companheiro. Como o bastardo do rei ele não tinha amigos; sua mãe era tudo para ele.

— Está tarde. — Ivana disse. — Todos deveriam estar deitados nesta hora odiosa.

Fyodor parecia estar silenciosamente advertindo Ivana, mas ela não lhe deu atenção, exigindo.

— O que você quer, Stefanovich?

Depois de dar um longo gole de uma caneca de hidromel misturado com sangue, Stefanovich enxugou seus lábios com a manga.

— Veja minha amante arrogante e seu bastardo fraco. — O rei olhou pra baixo a Lothaire. —

Venha.

— Não, filho. — Ivana deixou escapar em Dacian.

Lothaire respondeu na mesma língua.

— Eu vou para te poupar. — Como sempre ele faria o que pudesse para

protegê-la, sem importar o quanto ele mesmo sabia que era fraco.

Em sua expressão, ansiedade brigava com orgulho.

5

— Eu deveria saber que Lothaire Daciano nunca se esconderia atrás das saias de sua mãe, mesmo diante de um tirano-de-olhos-vermelhos.

Quando Lothaire cruzou para ficar diante da cadeira do rei, Stefanovich balançou sua cabeça com desgosto.

— Você ainda não pode riscar, então?

O rosto de Lothaire estava impassível quando respondeu.

— Não ainda, meu Rei. — Não importava o quanto ele tentasse se teletransportar, nunca tinha sucesso. Ivana disse que riscar era um talento que chegava tarde para os Daci — eles limitavam essa necessidade perto do reino. Ela considerava a incapacidade de Lothaire outro sinal que se ele assemelhava mais a ela que a um mero vampiro da Horda.

Stefanovich segurou o braço fino de Lothaire apertando.

— Tão frágil, pelo que vejo.

Lothaire estava desesperado para ficar maior, ser tão formidável quanto seu pai guerreiro, se por nenhuma outra razão, para proteger sua mãe. Não que a Princesa Ivana precisava de outra proteção.

— Por todos os Deuses, você me envergonha, garoto. Eu devia ter torcido seu pescoço magrelo ao nascer.

Lothaire ouvia essas críticas habitualmente, era usada por eles.

Porém, não por sua mãe.

Com um grito agudo, Ivana pegou uma garrafa de sangue, arremessando-a em Stefanovich.

Quebrou um painel de vidro preto logo atrás dele, desencadeando um mudo raio de luz.

Os cortesãos silvaram, espalhando-se ao longo da câmara. O feixe queimou a polegadas do cotovelo imóvel de Stefanovich, antes de um servo correr para tapar o buraco com um chumaço de pano.

— Meu filho é perfeito. — Ivana mostrou suas presas, suas íris azuis ficaram pretas com a emoção.

— Além do fato que ele tem sua marca no rosto. Por sorte ele herdou sua mente aguçada da minha linhagem real. Ele é cheio de astúcia, uma marca dos Daci!

Stefanovich também mostrou suas presas afiadas, seus olhos flamejantes muito mais vermelhos.

— Você tenta minha ira, mulher!

— Como você tenta a minha. — Ivana nunca recuava diante dele. Sempre que Stefanovich a atingia, ela retaliava duas vezes.

Ivana dissera a Lothaire que os Daci eram friamente lógicos, governados pela razão.

Aparentemente, Ivana a Corajosa, era a exceção.

Feroz como a tempestade furiosa lá fora, ela aguilhoou Stefanovich para chamar sua atenção, atacando-o com sua língua ferina sempre que ele olhava pra dentro da noite. Ela uma vez admitiu para Lothaire que seu pai sonhava em achar a fêmea vampiro que eventualmente seria a Noiva de Stefanovich, a pessoa que faria seu coração bater para a eternidade.

6

A rainha legítima que levaria seus verdadeiros herdeiros.

Ivana alisou suas tranças mais uma vez, claramente lutando com seu temperamento. — Você zomba do seu filho colocando-o em perigo,

Stefanovich.

— Filho? Eu não o reivindico como tal. Esse garoto nunca vai se comparar ao meu verdadeiro sucessor! — Outro gole de sua caneca. — É o que eu tenho certeza.

— Eu também. Lothaire será superior a qualquer outro homem em todos os sentidos! Ele é um Dacian!

Lothaire assistiu esta troca com uma profunda inquietação, recordando a advertência que o seu tio Fyodor uma vez deu a Ivana: *“Até Stefanovich pode ficar com ciúmes de seu conhecimento e força. Você deve se curvar, antes que seu amor por você se transforme em ódio”*.

Lothaire soube que o aviso de seu tio se tornou realidade.

Pois Stefanovich parecia assassino.

— Você acredita que o seu tipo é muito melhor que o meu.

Uma fêmea bêbada cambaleou na antecâmara privada de Stefanovich. Uma fêmea mortal.

Lothaire ficou de queixo caído e Ivana pressionou sua boca com as costas da mão.

A mulher estava vestida como uma rainha, suas vestes tão ricas quanto as da própria Ivana. Foi ela que jantou do lado direito do rei?

— Uma humana? — O choque de Ivana rapidamente se transformou em ira.

— Você se atreve a trazer um desses animais doentes para minha casa!

Próximo a minha descendência? — Ela avançou adiante para empurrar

Lothaire para trás dela.

Embora vampiros adultos fossem imortais, Lothaire ainda era vulnerável a doenças.

— A humana é Olya, minha nova amante.

— Amante! — Ivana gritou. — É mais como um animal de estimação. Sua espécie vive em choupanas de terra, dormindo entre seus animais!

Stefanovich acenou para a mulher, e ela recatadamente serpenteou para ele. — Ah, mas ela tem sabor de vinho e mel. — Ele virou para seu irmão. — Não tem, Fyodor?

Fyodor lançou um olhar culpado para Ivana.

Puxando sua mascote para seu colo, Stefanovich zombou. — Você deveria prová-la, Ivana. — Ele descobriu o braço pálido da mortal.

Os olhos de Ivana se arregalaram. — Bebendo sangue diretamente da sua pele! Eu não afundaria minhas presas em um humano mais do que em qualquer outro animal. Devo trazer suínos para você perfurar?

7

Eles estavam olhando fixamente um para o outro, suas expressões falando, mas Lothaire não podia decifrar exatamente o que estavam dizendo.

Finalmente, Ivana falou. — Stefanovich, você sabe que há consequências, especialmente para alguém como você...

— Minha espécie venera a Sede. — disse Stefanovich. — Venera beber sangue.

— Então você venera a loucura, porque é isto certamente o que se seguirá.

Ignorando o alerta de Ivana, ele perfurou o pulso da mulher, fazendo-a gemer.

— Você é revoltante! — Ivana bloqueou a visão de Lothaire, mas ele estava fascinado por esta visão, espiando ao redor de suas saias. Por que ela nunca o ensinou a perfurar outra pessoa?

Assim que ele terminou de se alimentar, Stefanovich liberou o braço da mortal, então a beijou em cheio na boca, produzindo um grito de indignação de Ivana. — Que você beba de sua pele já é ruim o suficiente, mas acasalar

com seus corpos? Você não tem vergonha?

Ele interrompeu o beijo. — Nenhuma. — Ele lambeu seus lábios e a mortal deu uma risadinha, enrolando o cabelo de Stefanovich em volta do seu dedo.

— Isso é muito desprezível para suportar. Não dá mais!

— E o que vai fazer sobre isso?

— Vou deixar este lugar selvagem para sempre. — ela declarou. — Agora, sacrifique seu novo animalzinho de estimação, ou retornarei a Dacia.

— Tenha cuidado com ultimatos, Ivana. Você não apreciará o resultado. Especialmente por que você não pode encontrar sua terra natal.

Ivana explicou para Lothaire por que o reino de Dacia permaneceu em segredo por tanto tempo. O

reino misterioso de Daci viajava camuflado em névoa. Se alguém abandonasse a névoa, o Dacian nunca poderia riscar para casa sozinho, e suas memórias de sua localização enfraqueceriam.

Quando Ivana pôs seus olhos pela primeira vez em Stefanovich, ela perdeu seu coração, seguindo-o de volta para Helvita, deixando pra trás sua própria névoa, sua família e seu futuro trono.

— Eu o encontrarei. — ela declarou agora. — Se ele me matar, entregarei Lothaire para o Reino de Sangue e Névoa, uma terra onde os imortais têm regras civilizadas.

— Civilizadas? — Stefanovich riu, e os cortesãos seguiram seu exemplo. — Aqueles demônios são mais brutais que eu!

— Homem ignorante! Você não faz ideia do que você fala! Não pode compreender nossos modos, sei disso, pois tentei ensiná-los a você.

— Ensinar a mim? — Ele golpeou seu punho enorme na mesa. — Sua arrogância será sua ruína, Ivana! Sempre se achou melhor do que eu!

— Por que eu sou!

8

Diante disso os cortesãos ficaram em silêncio.

Entre dentes cerrados, Stefanovich ordenou. — Volte atrás em suas palavras descuidadas, ou no pôr do sol lançarei você e seu bastardo lá fora no frio.

Lothaire engoliu em seco, pensando no fogo em seu quarto, seus amados quebra-cabeças em cima da sua escrivaninha, seus brinquedos espalhados sobre os tapetes de pele quentinhos no chão. A vida em Helvita podia ser miserável, mas era a única vida que ele conhecia.

Peça desculpas, mãe, ele desejou silenciosamente a ela.

Em vez disso, ela endireitou os ombros. — Escolha, Stefanovich. A humana fedorenta ou eu.

— Implore meu perdão e faça as pazes com minha nova amante.

— Implorar? — Ivana ridicularizou. — Nunca. Sou uma princesa de Daci!

— E eu sou um Rei!

— Deixe Ivana ir, Irmão. — Fyodor murmurou. — Isso está ficando tedioso.

— Ela deve aprender o seu lugar. — Para Ivana, ele ordenou. — Suplique perdão a Olya!

Quando a mortal deu a Ivana um sorriso vitorioso, Lothaire soube que ele e sua mãe estavam condenados.

Um mês mais tarde...

— Fomente esse ódio, Filho. Faça-o queimar como uma forja.

— Sim, mãe. — Lothaire disse forçadamente, suas respirações saindo em névoas enquanto marchavam com neve até a altura do joelho.

— Esta é a única coisa que nos manterá aquecidos. — Os olhos de Ivana brilharam com ressentimento, como estiveram desde que Stefanovich ordenou a eles para deixar Helvita.

Naquela noite Lothaire ouviu um pequeno arranco na respiração de Ivana e viu um clarão de surpresa. Ela sabia que tinha cometido um erro.

Mas ela era orgulhosa demais para remediar isso, curvar-se até um humano.

Nem mesmo por mim.

Toda a corte se reuniu na entrada do castelo para assistir Lothaire expulsar a arrogante Ivana somente com as roupas em suas costas.

Para morrer no frio. Eles teriam perecido há muito tempo se Fyodor não deslizesse uma moeda a Lothaire.

O filhote de Lothaire os seguiu com os olhos arregalados e tropeçando nas próprias patas, em pânico para alcançá-lo. Enquanto Lothaire olhava fixamente incrédulo, Stefanovich pegou o cachorro pelo pescoço e o torceu.

9

Ao som de risos da corte dos vampiros, o rei lançou a criatura agonizante aos pés de Lothaire. —

Apenas um dos nossos animais de estimação perecerá neste dia.

Os olhos de Lothaire se encheram de lágrimas, mas Ivana silvou para ele. — Sem lágrimas, Lothaire!

Extraia seu ódio por ele. Nunca se esqueça da traição dessa noite! — Para Stefanovich, ela gritou. — *Você vai perceber o que fez muito tarde...*

Agora ela murmurava distraidamente. — Quando alcançamos Dacia, terei deixado sua alma tão amarga quanto o frio tentando nos matar.

— Quanto falta pra chegar? — Seus pés estavam dormentes e sua barriga vazia.

— Não sei. Só posso seguir meu desejo de um lar como Dacia.

Como ela disse a Lothaire, seu pai, o Rei Serghei, governava aquele reino, uma terra de fartura e paz. Era todo cercado por pedra, escondido dentro do coração de uma cadeia de montanhas.

Dentro de uma caverna mil vezes maior do que Helvita havia um majestoso castelo negro, circulado por fontes deslumbrantes de sangue. Os súditos do Rei enchiam seus baldes todas as manhãs.

Lothaire mal podia imaginar um lugar assim.

— Depois de toda a nossa andança sinto que estamos perto, filho.

Naquela primeira noite, enquanto se dirigiam pela aterrorizante Floresta Sanguinária que cercava Helvita, ela temeu que Lothaire não conseguisse atravessar através da noite gelada. Novamente ela tentou teletransportá-los para Dacia, só para retornar ao mesmo lugar.

Ele sobreviveu; ela mesma estava exausta.

Agora ela estava muito fraca para riscar, então eles caminhavam lentamente em direção a outra aldeia, que poderia proporcionar um celeiro para abrigá-los da luz do sol no dia seguinte.

Infelizmente, cada aldeia fervilhava com os imundos mortais. Eles sempre olhavam para a beleza de Ivana e o corte estrangeiro de sua roupa com admiração — então suspeita. Lothaire recebeu sua parte da atenção pelos seus penetrantes olhos azuis gelo e o cabelo loiro platinado, sempre se derramando debaixo do seu boné.

Por sua vez, Ivana ridicularizava sua sujeira, seus corpos cobertos de piolhos e idioma simplista. Sua aversão pelos mortais continuava a crescer, alimentando a sua.

Toda noite antes do amanhecer, ela deixava Lothaire escondido enquanto caçava. Às vezes ela voltava com o rosto corado de sangue e triunfo nos olhos. Rasgava seu pulso para encher uma taça para ele também.

Outras vezes ela estava pálida e mal humorada, amaldiçoando a traição de Stefanovich, lamentando a sua situação. Em um nascer do sol, quando adormeceu, ele a ouviu murmurar. — *Agora nós dormimos com o gado e devo beber da carne...*

Ivana diminuiu a velocidade, sacudindo sua cabeça ao redor.

10

— Eles estão nos seguindo, mãe? — Os humanos da última cidade que estiveram foram mais hostis do que em qualquer outra, arrastando-se atrás deles, até no deserto.

— Não creio. A neve cobre nossa trilha muito rápido. — Ela marchou penosamente, dizendo. —

Está na hora das suas aulas.

Durante a jornada a cada noite, ela o instruiu sobre tudo, desde como sobreviver no meio de humanos —”beba deles só se estiver faminto e nunca até a morte” — até a etiqueta de Dacian: ”

rompantes de emoção são considerados o auge da grosseira, então naturalmente ofendi minha parte.”

E ela sempre extraía promessas para o futuro, como se ela pensasse que *morreria* em breve?

— O que você deve fazer quando estiver crescido, meu príncipe?

— Vingar esta traição contra nós. Destruirei Stefanovich e tomarei seu trono.

—Quando?

—Antes que ele encontre sua Noiva.

—Por quê?

Lothaire obedientemente respondeu. — Uma vez que sua fêmea predestinada

o sangrar, ele se tornará mais poderoso, ainda mais difícil de matar. E ele será pai de um herdeiro legítimo dela. A Horda Vampiro nunca seguirá o bastardo de Stefanovich enquanto seu sucessor verdadeiro viver.

— Você *deve* estar totalmente certo que a Horda jurará fidelidade a você. Se o seu esforço para reivindicar a coroa fracassar, eles o aniquilarão. Espere até que esteja em sua posição mais poderosa.

— Será que tenho que ir de olhos vermelhos para lutar com ele?

Ela parou, inclinando sua cabeça. — O que você sabe de tais assuntos?

— Quando um vampiro mata sua presa enquanto bebe ele se torna mais poderoso, mas o sangue mancha seu olhos.

— Sim, porque ele bebe para ir rápido para o poço da alma. Traz força, mas também sede de sangue. Stefanovich se tornou um dos *Caídos*. — Ela acrescentou vagamente. — E será ainda mais torturante. Para ele, em particular.

— Por quê?

Ela deu a Lothaire um olhar de avaliação, como se decidindo algo sobre ele.

— Não pense nessas coisas. — ela disse por fim, tornando seu tom leve. — Nunca mate enquanto bebe e não terá que se preocupar sobre isso.

— Então como eu vou... — ele corou de vergonha. — Como serei forte o suficiente para matar Stefanovich?

Ivana o alcançou, pressionando suas mãos congeladas contra suas bochechas, levantando seu rosto. — Esqueça tudo que você ouviu de seu pai. Quando for mais velho, imortais tremerão diante de você com medo enquanto suas fêmeas desmaiarem em seu despertar.

11

— De verdade, mãe?

— Você é perfeitamente formado e crescerá como um magnífico Dacian, um

vampiro para ser temido. Especialmente quando você sangrar. — Ela perscrutou o céu nublado, a neve pontilhando seu rosto. — E sua Noiva? — Ivana encontrou seu olhar mais uma vez. — Ela será incomparável. Uma rainha que até eu me curvarei diante dela.

Ele estreitou seus olhos para ver se ela estava brincando, mas seu comportamento era sério.

Lothaire esperava que ele encontrasse essa fêmea depressa. Sabia que quando estivesse completamente crescido, seu coração lentamente iria parar de bater e seus pulmões de respirar. Quando ele se tornasse mais um entre os vampiros mortos-vivos, não sentiria nenhuma necessidade de fêmeas.

Seu tio uma vez o pegou debaixo do queixo e disse. — Justamente quando você tiver se esquecido de quanto sente falta do berço das coxas macias de uma fêmea, você encontrará sua Noiva, e ela vai te trazer de volta à vida.

Lothaire não se importou nada sobre se deitar com uma mulher, mas a ideia do seu coração parar o horrorizou. Ele perguntou a Ivana. — Quanto tempo vai se passar até que eu possa encontrá-la?

Ela olhou fixamente pra longe, dizendo num tom estranho. — Eu não sei. Pode demorar séculos.

Fora de Dacia, fêmeas vampiros são escassas. Mas sei que você será um bem e fiel rei para ela. — Então ela perguntou. — E o que você fará quando possuir o trono da Horda?

— Unir com o seu pai, alinhando Daci e a Horda sob o mesmo brasão da família.

Ela acenou com a cabeça. — Serghei é o único que você pode confiar. Não meus irmãos ou irmãs com suas intrigas e enredos. Somente meu pai. E é claro que pode confiar em sua Noiva. Mas e todos os demais?

— Vou usá-los e descartá-los, sem me preocupar com ninguém, pois eles não têm importância nenhuma.

Ela curvou seu indicador debaixo do seu queixo. — Sim, meu filho inteligente.

Eles passaram as próximas milhas desta maneira, com ela ensinando os costumes intrincados dos Daci enquanto tentavam ignorar o frio. O céu abaixando ameaçava mais neve; o amanhecer arranharia pela escuridão em poucas horas.

Lothaire estremecia, dentes e pequenas presas chacoalhando.

— Silêncio. — Ivana silvou. — Os humanos nos seguiram. — Ela farejou o ar. — Deuses, o cheiro deles me ofende!

— O que eles querem?

Ela murmurou. — Nos *caçar*.

— O-onde podemos nos esconder? — Eles estavam em num extenso vale com planaltos altos à leste e oeste. Os mortais avançavam do norte. As montanhas assomavam no extremo Sul.

Ela olhou ao redor desesperadamente. — Devemos chegar até aquelas montanhas. Acredito que é onde encontraremos a passagem que leva a Dacia. — Ela lhe deu um pequeno empurrão. — Agora corra!

12

Ele fez o mais rápido que podia, mas a neve estava muito alta no chão, pedacinhos chovendo muito rapidamente o ofuscando. — Nunca vamos conseguir, mãe!

Ela pegou seu braço e tentou riscar com ele. Suas formas desbotaram brevemente, mas não desapareceram. Rangendo os dentes ela tentou mais uma vez, sem sucesso.

Liberando-o, ela deu meia volta no lugar, procurando por uma saída — então se acalmou, escutando. Seus olhos dispararam se abrindo desmesuradamente. — Pai! — ela gritou, o som ecoando vale abaixo. — Estou aqui! Sua Ivana está aqui.

Ninguém respondeu.

— Pai!

Os mortais ao longe deram gritos enquanto se aproximavam.

— Papa? — Ela oscilava, sua expressão... perdida. — Eu sei que eu o senti e aos outros.

Lothaire também. Imortais de grande poder estiveram aqui. Por que não resgataram sua princesa?

Lágrimas vermelhas deslizaram seu rosto bonito abaixo quando ela caiu de joelhos.

— Estávamos tão perto. — A orgulhosa Ivana começou a cavar na neve, usando suas garras para apunhalar as camadas permanentes de gelo.

Mesmo quando suas garras foram arrancadas e seus dedos começaram a sangrar ela continuou a cavar.

— Como eu caí, Lothaire. Quando se lembrar de mim, não se lembre disso.

A cada punhado de gelo o buraco aumentava. — Você é filho de um rei, neto de um rei. *Nunca* se esqueça disso! — Quando a pele nas pontas dos seus dedos começou a descascar tentou ajudá-la, mas ela bateu em suas mãos, parecendo quase enlouquecida. Finalmente, ela o puxou para o pequeno buraco que fez. — Venha. Esconda-se aqui.

— Tenho que torná-lo mais fundo, mãe. — Não há espaço suficiente.

Ela sussurrou. — Há espaço suficiente. Vou garantir que você esteja seguro.

Seus olhos se arregalaram. Ela quis dizer lutar com eles? — Risque daqui sozinha. — ele disse, entretanto sabia que provavelmente ela estava muito fraca, até pra isso.

— Nunca! Agora, quais são suas promessas para mim?

— Mãe, eu...

Ela estalou suas presas, suas íris pretas desapareceram.

— Suas promessas!

— Tomar a vida de Stefanovich. Ocupar seu trono.

13

— Em quem você vai confiar?

— Em ninguém, só seu pai e minha rainha.

Mais lágrimas rolaram. — Não, só sua rainha, Lothaire. Serghei e os Daci nos abandonaram neste dia.

— Por quê?

— Eu trouxe estes mortais muito perto. — Ela deu um soluço. — Ele escolheu o segredo de seu precioso reino acima de nossas vidas. Pagarei por minha impetuosidade, pela minha falta de astúcia. Eles me tomarão como exemplo.

O pânico queimou dentro de Lothaire.

— Como te encontrarei? O que eu faço?

— Assim que os humanos se forem minha família virá por você. Se não, faça o que for preciso para sobreviver. Lembre-se de tudo que eu te ensinei. — Ela empurrou sua manga por cima do seu braço. —

Beba, Lothaire.

— Agora? — Ele sacudiu sua cabeça confuso. — Você não pode perder sangue.

— Obedeça-me! — Ela mordeu o seu pulso. — Incline sua cabeça pra trás e abra seus lábios.

Involuntariamente ele fez e ela levantou seu braço sobre seu rosto virado pra cima, bem em cima da sua boca. Seu sangue era rico, rapidamente afastando o frio.

Ela o fez beber até que o fluxo diminuiu para uma gota, até que gelo se formou sobre a ferida. —

Agora ouça. Vou levá-los para longe de você, distraí-los. Eles vão me levar...

— Nãooo! — ele uivou.

— Lothaire, ouça! Quando eles me capturarem, a necessidade de me proteger se levantará dentro de você. Você deve ignorá-la e permanecer aqui. Ignore seu instinto e confie na razão fria. Como eu não consegui fazer com Stefanovich. Como não consegui fazer mil vezes. Prometa!

— Quer que eu me esconda? Para não defendê-la contra aquelas criaturas? — Lágrimas brotaram embaraçosamente.

— Sim, é exatamente isso o que eu quero. Filho, sua mente é a mais brilhante que eu já encontrei.

Use-a. Não repita meus erros! — Ela agarrou seu queixo. — Faça uma última promessa para mim. Uma promessa para o Lore que você não deixará este lugar até que os mortais tenham ido.

Para o Lore? Mas era uma promessa inquebrável! Ele queria seguir sua trilha, negar isto. Como não poderia defendê-la?

Ela levantou seu queixo. — Lothaire, eu... *imploro* a você por isso.

Uma princesa orgulhosa de Daci implorando a alguém como eu? Seus lábios se separaram em choque. As palavras caíram deles. — Juro pelo Lore.

14

— Muito bom. — Ela pressionou um beijo frio em sua testa. — Quero que você nunca, nunca desça até esse ponto novamente. — Acima de seus protestos frenéticos, ela começou a enterrá-lo na neve. —

Torne-se o rei que você nasceu para ser.

— Mãe, por favor! C-como você pode fazer isso?

— Por que você é meu filho. Meu coração. Farei o que for preciso para te proteger. — Seus olhares se encontraram. — Lothaire, qualquer coisa que era digna em mim começou com você.

Ele se recusou a acreditar que seria a última vez que a via, recusou-se a dizer a sua mãe o quanto a amava...

Ela sussurrou. — *Eu sei.* — e então ela o enterrou na neve.

Aquecido pelo seu sangue, ele se deita encolhido, tremendo de medo por ela. Seus olhos corriam, não vendo nada.

Teria ela varrido a seus pés, correndo de volta em direção aos mortais? A tempo ele ouviu sua luta a distância, podia sentir as vibrações de várias pisadas. O que deveria ser dezenas de humanos a cercando.

Ele cerrou seus punhos, lutando com sua ânsia frenética de salvá-la.

No entanto Lothaire estava impotente — obrigado pelo seu voto e minado pela sua fraqueza.

Seus gritos abafados de frustração se transformaram em lágrimas escaldantes quando ouviu o tilintar de correntes, seus gritos abafados.

Os sons guturais dos homens.

Ele foi criado em Helvita sob o reinado perverso de Stefanovich; Lothaire sabia o que aqueles mortais estavam fazendo com ela.

Enquanto ele lutava para não vomitar o precioso sangue que ela o presenteou, ele resolveu que *iria* se tornar um dos Caídos, vivendo de outras criaturas pela força.

Ele poderia enlouquecer com sede de sangue; *nunca* mais seria impotente novamente...

O que deve ter sido horas mais tarde seus gritos se calaram. Novamente seus olhos dispararam.

Pensou que pegou um fio de fumaça, então o cheiro de carne queimada.

O amanhecer. Seus gritos renovaram.

Enquanto ela queimava, gritava em Dacian.

— Nunca se esqueça, meu príncipe! Vingue-me! — Outras palavras se seguiram, mas ele não podia entendê-las. Então sons ininteligíveis... gritos agudos de agonia.

Ao som dos seus gritos ele soluçava, repetindo seus votos repetidas vezes, adicionando um novo.

— *Queimar o r-rei... o Daci vivo...*

“Minha sanidade me faltará muito antes que minha vontade o faça. Felizmente, a única coisa mais interessante que um louco é alguém implacável.” — Lothaire Konstantin Daciano, o inimigo do Antigo.

15

“Eu, uma magnólia de aço? Aço, minha bunda! — Rindo, então abruptamente sério. — Tente titânio.” — Elizabeth ‘Ellie’ Pierce, especialista em meninos, Psicologia Inversa e Policial.

“A diferença entre você e eu é que minhas ações não têm nenhuma consequência para mim. Isso é que me faz uma Deusa.” — Saroya, a ceifeira de almas, Deidade de sangue, Protetora Sagrada dos Vampiros, Deusa Divina da Morte.

Capítulo 1

Slateville, Virgínia

Cinco anos atrás

— Então você pensou em me exorcizar? — Saroya, a Ceifeira de Almas, perguntou ao homem ferido que a perseguiu com a luz do fogo. — Não sei o que é pior. O fato de você ter pensado que eu era um demônio... — Ela girou o cutelo ensanguentado na mão, adorando o modo como o homem arregalou os olhos seguindo cada giro... — ou que você acreditasse que poderia me separar do meu hospedeiro humano.

Nada menos do que a morte poderia remover Saroya. Especialmente não um diácono mortal, um entre um grupo de cinco que percorreu essa distância toda até este desprezível trailer em Appalachia para realizar um exorcismo.

Conforme ele se remexia recuando de sua marcha firme contínua, tropeçou em uma das lâmpadas quebradas no chão. Ele tropeçou caindo de costas, liberando brevemente o seu domínio sobre o toco esguichando que costumava ser seu braço direito.

Ela suspirou com prazer. Séculos atrás, quando fora uma Deusa da Morte, teria descido e afundado suas presas na jugular do humano, chupando até que ele estivesse seco e devorado sua alma; agora ela foi amaldiçoada a possuir um impotente mortal atrás do outro, experimentando sua própria morte inúmeras vezes.

Sua posse mais recente? Elizabeth Peirce, uma garota de dezenove anos, tão encantadora quanto pobre.

Quando o diácono encontrou o cadáver esquartejado de um de seus irmãos deu um grito apavorado, afastando o olhar dela. Num instante Saroya saltou em cima dele, balançando o cutelo e mergulhando o metal em seu pescoço grosso.

O sangue se espalhou quando ela arrancou a lâmina para outro golpe. Depois outro. Então um último.

Ela passou seu braço por cima do seu rosto respingado enquanto se tornava contemplativa. Os mortais se acreditavam tão especiais e elevados, mas quando eram decapitados soavam exatamente como um peixeiro de feira.

Depois que acabou com o último dos cinco diáconos, Saroya se virou para a única sobrevivente à esquerda do trailer: Ruth, Mãe de Elizabeth. Estava encolhida em um canto, murmurando orações enquanto brandia um atizador de fogo.

— Derrotei o espírito da sua filha, mulher. Ela nunca retornará. — Saroya mentiu, sabendo que Elizabeth logo encontraria um modo de subir à tona, despertando sua consciência e recuperando o controle do seu corpo.

De todos os mortais que Saroya possuiu Elizabeth era a mais bonita, mais jovem — e a mais forte.

Saroya tinha uma dificuldade crescente em assumir o controle, a menos que a garota estivesse dormindo ou debilitada de algum jeito.

A primeira. Saroya suspirou. Elizabeth deveria considerar uma honra ser a forma para a essência de Saroya, a carne e o sangue do templo alojando seu piedoso espírito vampírico.

Saroya olhou pra baixo em direção ao seu corpo roubado. Ao invés disso, teve que lutar pela posse de Elizabeth, ainda *estava* lutando contra ela.

Não importa. Depois de séculos sendo embrulhada em homens idosos encurvados ou mulheres com cara de cavalo, ela encontrou sua forma ideal em Elizabeth. No final, Saroya a derrotaria. Ela tinha a sabedoria dos tempos passados e presente — dons sagrados e um aliado.

Lothaire, o Inimigo do Antigo.

Ele era um vampiro notoriamente do mal, com milênios de idade e o filho de um rei. Um ano atrás seu oráculo o direcionou para ela. Embora Saroya e Lothaire tivessem passado apenas uma noite juntos no bosque próximo, ele se comprometeu a salvá-la de sua existência miserável.

Ele podia não ter a capacidade de retornar com Saroya para o seu estado de Deusa. Mas de alguma maneira ele extinguiria a alma de Elizabeth do seu

corpo, então transformaria Saroya em um vampiro imortal — evitando a maldição.

Saroya sabia que Lothaire estaria caçando incessantemente por respostas.

Porque sou sua Noiva.

Ela olhou para a mãe de Elizabeth por uma pequena janela, achando a paisagem invernal vazia.

Esperava que um massacre como este pudesse trazer Lothaire até ela?

Quanto tempo mais devo esperar por ele nesta terra desolada esquecida por Deus? Sem uma palavra?

Ele falou da legião de adversários lá fora querendo destruí-lo, de antigas vendettas: “se um vampiro pode ser medido pelo calibre de seus inimigos, Deusa, então me considere terrível. Se for pelo número?

Então não tenho nenhum igual”.

Talvez seus inimigos tivessem prevalecido?

Ela não ficaria mais aqui. A família Peirce começou a acorrentar Elizabeth na cama à noite, impedindo Saroya de matar, a única coisa pra qual ela vivia.

Lembrando-se do seu tratamento, ela se virou para a mãe.

17

— Sim, sua filha é minha pra sempre. E depois que eu matar você vou estripar seu filho mais novo, então vou varrer sua família como se fosse uma doença. — Ela levantou o cutelo acima da cabeça, deu um passo adiante e...

De repente, manchas pretas pontilharam sua visão. Vertigem?

Não, não! Elizabeth estava subindo à consciência com toda a sutileza de um trem de carga. A cada vez que ela surgia à tona como uma mulher se afogando mantida debaixo d’água, Saroya a subjugava.

A pequena cadela poderia retomar o controle do seu corpo, mas, como sempre, ela despertaria para um novo pesadelo. Aproveite, Elizabeth...

Suas pernas se dobraram, suas costas encontraram o tapete. Escuridão.

Tum Tum, Tum Tum, Tum Tum, Tum Tum...

Ellie Peirce despertou com uma bateria louca em seus ouvidos. Estava deitada no chão do trailer de sua família, olhos bem apertados, seu corpo coberto com algo quente e pegajoso.

Nenhuma palavra era pronunciada ao seu redor. Os únicos sons eram do fogo crepitando na sala, sua respiração superficial e os cachorros uivando lá fora. Ela não tinha nenhuma lembrança de como chegou até aqui, nenhuma ideia de quanto tempo esteve desmaiada.

— Mãe, funcionou? — ela sussurrou enquanto espreitava abrindo seus olhos. Talvez os diáconos fossem bem sucedidos?

Por favor, Deus, tomara que o exorcismo tenha dado certo... minha última esperança.

Seus olhos se ajustaram à sala, à sala iluminada pelo fogo, ela levantou a cabeça para olhar seu corpo abaixo. Sua calça jeans gasta, camiseta, e botas de segunda mão estavam encharcadas.

Com sangue. Ela engoliu em seco. *Não o meu.*

Oh, Deus. Seus dedos estavam enrolados em torno do cabo de um cutelo gotejante. Eu disse a eles para não me desencadear até que meu tio e primos chegassem aqui!

Mas o Reverendo Slocumb e os membros da sua igreja “Ministério da Emergência” achavam que poderiam lidar com ela...

Um movimento atraiu seu olhar pra cima. Um atizador de fogo?

Fechado nas mãos de sua mãe.

— Espere! — Ellie se lançou para o lado assim que o atizador veio descendo golpeando o chão onde sua cabeça estava. O sangue espirrou do tapete como se alguém tivesse pisado numa poça.

— Sua coisa suja, vá embora! — Sua mãe gritava, levantando o ferro novamente. — Você tem a minha menina, mas não terá o meu menino!

— Espere! — Ellie se levantou se embaralhando, deixando o cutelo cair. — Sou eu! — Ela ergueu suas mãos com as palmas viradas pra fora.

18

Sua mãe não diminuiu a velocidade do atizador. Seus longos cabelos ruivos estavam soltos, emaranhados em volta do seu rosto sem rugas. Ela usou um ombro para empurrar algumas mechas dos seus olhos. — Foi isso o que você disse antes de começar a rosnar aquele idioma de demônio e sair furando todo mundo! — Seu rímel escorria pelas suas bochechas, seu batom em tom de pêssego manchando seu queixo. — Depois você matou todos os diáconos!

— Matei? — Ellie girou ao redor, aturdida pela visão macabra.

Cinco corpos cortados estavam espalhados pela sala de estar.

Estes homens foram atraídos até aqui pelas cartas suplicantes da sua mãe e pela evidência da possessão de Ellie: gravações dela falando idiomas mortos que ela não tinha nenhum modo de saber e fotos de mensagens em sangue que ela não se lembrava de escrever.

Aparentemente, Ellie escreveu em Sumério, *Renda-se a mim*.

Agora a cabeça de Slocumb jazia separada de seus restos mortais. Seus olhos estavam vítreos na morte, sua língua pendendo entre os lábios entreabertos. Estava faltando um braço em seu cadáver. Ela percebeu vagamente que deveria ser o único debaixo da mesa de jantar. O deitado ao lado da mecha de escalpo e uma pilha de dedos cortados.

Ellie cobriu sua boca, lutando para não vomitar. Os cinco juraram exorcizar o

demônio. Em vez disso, todos foram massacrados. — Is-isso foi feito por... *mim?*

— Como se não soubesse, demônio! — Sua mãe sacudiu o atizador para Ellie. — Faça seus joguinhos com outra pessoa.

Ellie arranhou seu tórax, sua pele parecendo rastejar de dentro pra fora. *Odeio tanto isso, odeio isso, odeio isso, ODEIO isso.* Embora ela nunca soubesse seus pensamentos, nesse instante podia quase sentir essa coisa se regozijando.

Sirenes soaram à distância, fazendo os cachorros lá fora latirem ainda mais alto. — Oh, Deus, mamãe, você não chamou aquele xerife que não-serve-para-nada? — Ellie e sua família eram um povo completamente da montanha. Qualquer lei era suspeita.

Diante disso sua mãe soltou o atizador. — Você é realmente Ellie. O demônio me disse que você não voltaria desta vez! Disse que você nunca voltaria para nós.

Não é de se espantar que sua mãe a atacou.

— Sou eu. — Ellie disse por cima do seu ombro enquanto se apressava para a janela, suas botas escorregando pelo tapete. Ela puxou as cortinas manchadas de cigarro de lado para olhar a noite lá fora.

Pela encosta da montanha coberta de neve, as luzes azuis do carro do xerife pareciam serpentear lá em cima na estrada sinuosa. Outro carro acelerava atrás dele.

— Tive que chamá-los, Ellie! Tinha que deter o demônio. E então o atendente do 911 ouviu os diáconos gritando e...

O que devo fazer... o que eu posso fazer? Dezenove anos era muito jovem para ir para a prisão! Ellie preferia morrer, já tinha considerado o suicídio se o exorcismo não desse certo.

Houve pelo menos dois outros homens desde que a criatura possuiu o corpo de Ellie um ano atrás.

Logo no início ela acordou para encontrar um homem de meia-idade em sua cama, sua pele fria contra a dela, sua garganta aberta, cortada como um sorriso.

Ninguém entre a enorme família Peirce sabia o que pensar. Um clã rival plantou o corpo? Por que escolher Ellie? Por que havia sangue em suas mãos?

De boca fechada seus primos enterraram o homem atrás do celeiro, dizendo a si mesmos que eles deveriam ter visto isso chegando.

A família não começou a suspeitar que estivesse possuída até recentemente, quando o demônio colocou um representante mutilado da companhia de carvão no meio dos bichinhos de pelúcia de Ellie, então “blasfemou” com os seus parentes de um modo que uma garota como Ellie “nunca poderia imaginar”.

Depois disso, sua mãe e Tio Ephraim começaram a acorrentá-la de noite, como se Ellie fosse um dos cães de caça lá de fora. Embora odiasse as correntes e poderia facilmente escolher as fechaduras, ela as suportou.

Mas tarde demais para alguns.

Alguns excursionistas acharam um altar macabro no bosque, com ossos humanos espalhados pelo lugar. Sua mãe sussurrou para Ephraim.

— Você acha que foi Ellie?

Eu não! A maldita coisa dentro dela estava ganhando, assumindo o controle com mais frequência e mais facilmente.

Apenas questão de tempo até que eu me vá completamente.

Conforme as luzes azuis rastejavam mais perto, brilhando mesmo na luz do luar, Ellie teve o louco impulso de se limpar, atocaiar o xerife lá fora e exigir

um mandato, então talvez dizer que a ligação foi um trote.

Afinal, ela não cometeu esses assassinatos. Ou talvez ela devesse correr!

Mas ela sabia que a Lei poria os cães em seu encalço; não teria a menor chance, não no inverno.

E aquilo não resolveria o problema do demônio dentro dela...

Ela ouviu um baque atrás dela e se virou. Sua mãe, normalmente tão resistente, caiu de joelhos, seu rosto desfeito.

— Aquilo me disse que me mataria, então iria atrás do resto da família e depois ao bebê Josh.

Joshua, o irmão adorado de Ellie. Ela o imaginou engatinhando com seu pijama de pezinho, suas bochechas rechonchudas ficando rosadas à medida que ele ria. Uma tia estava cuidando dele num trailer bem abaixo da montanha.

Com o pensamento de chegar a machucá-lo, as lágrimas de Ellie caíram desenfreadas.

20

— O-o que devo fazer?

As próprias lágrimas da mãe se derramaram.

— Se o reverendo — que Deus o tenha — e seu ministério não puderam tirar o demônio de você...

ninguém pode, Ellie. Talvez você devesse deixar o xerife te levar.

— Você quer que eu vá para a cadeia?

— Nós fizemos tudo que pudemos. — a mãe se levantou, aproximando-se cautelosamente. —

Talvez as pessoas da prisão ou até mesmo os psiquiatras possam impedi-la de matar novamente.

Prisão? Ou morte? Ellie engoliu em seco, sabendo que assim que decidisse como lidaria com isto, nada poderia influenciá-la. Se sua mãe era teimosa Ellie era três vezes mais, tão imóvel quanto as montanhas ao redor delas.

Sirenes soaram quando os carros de polícia vieram pela longa estrada, então derraparam até parar diante do trailer.

Ellie enxugou suas lágrimas.

— Farei melhor do que ir para cadeia. — poderia levar o demônio comigo. Se ela corresse pela porta da frente coberta de sangue e uma arma na mão...

Sua mãe sacudiu sua cabeça com firmeza.

— Elizabeth Ann Peirce, nem sequer pense nisso!

— Se essa coisa — Ellie cortou seu peito com as unhas — pensa que vai machucar minha família, então não me conhece muito bem. — Apesar de sua própria arma e munição ter sido tirada dela, a Remington do seu pai permanecia no armário. O xerife não saberia que estava vazia.

— Você não fará isso, Ellie! Pode haver esperança, algum tipo de tratamento ultramoderno.

— Você quer que eu perambule por estas montanhas a estar trancada numa cela minúscula? — Ela não lembrou a sua mãe que provavelmente pegaria a pena de morte de qualquer maneira.

Sacrificar cinco diáconos em Appalachia? Ellie já era.

— Não deixarei você fazer isso. — sua mãe projetou seu queixo.

— Nós duas suspeitamos que isso aconteceria. — O demônio estava me matando lentamente. —

Minha opinião já está tomada.

Nisto sua mãe empalideceu ainda mais, sabendo que era o melhor a ser feito.

— E apenas pense que se eu matar este demônio, irei para o céu. Estar com o papai. — disse Ellie, esperando que era onde acabaria. Ela estendeu seus braços e sua mãe se afundou contra ela, soluçando. —

Agora, pare de agir como se você não soubesse que isto aconteceria, como se não soubesse disso há meses.

— Ah, Deus, querida, eu só... — mais soluços. — V-você quer fazer uma oração?

21

Ellie ficou na ponta dos pés e pressionou um beijo na testa lisa de sua mãe.

— Não tenho tempo. E se ela voltar? — E os policiais já estavam cercando o trailer, suas botas rangendo na neve enquanto o xerife pomposo exigia que Senhora Peirce abrisse a porta para eles neste minuto.

Ele sabia que era melhor se abrigar da tempestade numa casa nesta montanha.

Soltando todo o ar dos seus pulmões para se equilibrar, Ellie girou em direção ao quarto da sua mãe, forçando-se a olhar para os corpos. Estes homens tinham famílias. Quantas crianças ficaram órfãs de pai por causa deste demônio?

Porque me agarro obstinadamente à esperança?

Ellie passou por seu próprio quarto, estremecendo ao olhar as correntes nas extremidades da sua cama, enroladas como cascavéis.

Então olhou amargamente para as flâmulas de vinil da Middle State University² que ela colou nas paredes do seu quarto antes de tudo isso começar.

Como ela estava animada sobre a faculdade! Para bancar as mensalidades e o dormitório ela trabalhou com seu tio na loja de equipamentos esportivos todo dia depois da escola e como guia durante todas as suas férias por anos.

Ellie fora nas aulas só o suficiente para compreender com maravilha, *puta merda, eu posso... eu realmente posso fazer isto!* As matérias vinham surpreendentemente fáceis para ela.

Então ela começou a perder o que estava acontecendo, acordando em lugares estranhos. Eles a fizeram arrumar as malas e voltar para casa antes do semestre terminar.

Ela teria sido a primeira na família a obter um diploma universitário.

Quando ela chegou ao quarto dos fundos, espiou seu reflexo na porta do armário espelhado. O

sangue a cobria — seus longos cabelos castanhos estavam molhados com aquilo. Seus olhos eram de um cinza empedernido e tão duro quanto a Montanha Peirce.

Sua camiseta encharcada dizia: LOJA DE EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS EPHRAIM: Rafting, , caça, pesca, suprimentos & guias.

O que o tio Eph diria sobre isto?

Ela imaginou seu rosto marcado pelo tempo e de expressão séria, assim como seu falecido pai. *Vá agora e cuide das suas coisas, Ellie. Ninguém fará isto por você.*

Ela deslizou a porta do armário abrindo-o, alcançando as velhas coisas do trabalho do seu pai — um capacete de mineração, ferramentas de serralheiro e um cinto de utilidades. Antes de ele morrer na mina, seu adorado pai nunca teve menos de três empregos ao mesmo tempo.

2 Middle State University é a maior universidade do Tennessee.

22

Com um nó na garganta, ela recolheu sua arma favorita: uma Remington de cano duplo calibre doze. Estava descarregada, sem balas para serem encontradas; há muito tempo tio Eph veio e recolheu todas as caixas — só no caso do demônio ter alguma ideia com a escopeta.

O peso familiar da arma era tranquilizador. Logo tudo isso estaria acabado para sempre. Com este pensamento ela sentiu uma estranha sensação de alívio.

Quando retornou para a sala de estar, sua mãe correu pra ela. — Por favor, bebê, você não pode apenas tentar a prisão?

— Estou condenada de qualquer maneira. Uma injeção mais tarde ou uma bala agora.

Ellie morreria em seus termos — sangrando na neve, no topo da sua amada montanha.

— Não, a cadeia está fora de cogitação. Agora você precisa pensar em Josh. Na família. — Ellie forçou um sorriso. — Eu amo você, mamãe. Diga a Josh que o amei também. Você sabe que estarei olhando pra baixo, observando a todos.

Quando sua mãe começou a gritar, murmurando palavras confusas, Ellie apontou para o quarto dos fundos.

— Vá lá pra trás e fique ali! Ouviu? Não saia até eles fazerem, não importa o que aconteça.

Prometa!— finalmente sua mãe assentiu. Ellie lhe deu um empurrão e ela se afastou arrastando os pés, fechando suavemente a porta do quarto atrás dela.

Antes de Ellie ficar nervosa girou para a porta da frente, a Remington na mão. Ela começou a estender sua mão para pegar o casaco, então fez um punho ao invés disso. *Boba. Em breve você não sentirá frio.*

No três. Ellie respirou fundo várias vezes, seus pensamentos correndo. *Tenho apenas dezenove anos — muito jovem.*

Um.

Não tenho escolha. Logo, nada restará de mim.

Dois.

Imagine acordar com mamãe e Josh mortos, seus olhos vítreos e cegos.

Nunca! Com um grito agudo, ela abriu a porta, erguendo a arma.

— Atirador! — o xerife gritou. As balas voaram.

Ela não sentiu nenhuma delas; um homem imponente apareceu do nada, de pé entre ela e os oficiais.

Com um rugido furioso ele a empurrou para o chão, tirando a arma de suas mãos quando recebeu as balas em suas costas. Ela olhou fixamente com descrença. Suas íris eram... vermelhas. Pelo menos cinco tiros o atingiram, mas o olhar monstruoso não oscilou dos seus olhos.

— Não atirem!

23

— De onde ele veio?

— Que diabos está acontecendo?

A pele do homem era perfeita como mármore, destacada contra a camisa preta e casaco impermeável que ele usava. Seu cabelo era loiro platinado, suas feições cinzeladas. E aqueles olhos... do outro mundo.

— Outro demônio! — Ela cegamente cravou sua mão pela neve, agarrando automaticamente a escopeta, mas ele pisou no seu pulso.

Quando ela soltou um grito de dor ele apertou mais ainda, seus lábios recuando para revelar...

presas.

— Você se atreve a arriscar minha mulher? — Sua voz era profunda e com sotaque, seu tom repleto de desprezo. Ao som de suas palavras, o latido dos cachorros imediatamente silenciou.

— D-do que você está falando?

— Sua tentativa de incendiar a glória, Elizabeth. E tudo por causa de uns poucos assassinados? —

Ele lhe deu um olhar de repulsa, como se dissesse *Cresça*.

O xerife ordenou.

— Ponha suas mãos onde eu possa vê-las!

Em vez disso o demônio de cabelos claros se debruçou ao lado dela, cavando em sua nuca para puxá-la ainda mais perto. Com sua outra mão, ele lançou sua arma para longe.

Quando outra bala acertou suas costas ele silvou por cima do seu ombro, mostrando aquelas presas.

— Um... momento. — ele estalou.

Ellie relanceou furtivamente um olhar para os policiais; eles pareciam muito confusos para reagir.

E atrás deles, Ephraim e alguns primos seus vieram correndo montanha acima, rifles na mão. Eles diminuíram a velocidade em choque ao ver o demônio.

O macho zombou.

— Mortais. — então se voltou para ela. — Ouça com muita atenção, Elizabeth. Sou Lothaire, o Inimigo do Antigo, e você me pertence. Depois de considerar minhas opções, decidi que permitirei que você vá para a prisão esta noite.

— V-você pegou a garota errada! Não sei quem você...

Discutindo ele disse.

— Em sua prisão humana estará escondida dos da minha espécie, o que

significa que estará relativamente segura enquanto continuo minha busca. Voltarei pra você em dois anos. Mais ou menos. —

Ele deu uma sacudida severa nela. — Mas se você tentar prejudicar a si mesma ou a minha mulher novamente, vou puni-la além do imaginado. Está me entendendo?

24

— Sua mulher? Eu não sou sua!

— Eu não tenho “você”. — Ele estreitou aqueles olhos vermelhos. — Mas o ser glorioso que vive dentro de você...

— Não estou entendendo! O que está dentro de mim?

Ele estendeu sua mão livre em direção a seu rosto, suas garras pretas refletindo no luar. Ignorando sua pergunta, com a voz rouca murmurou.

— Vou tê-la, minha rainha, para sempre.

Quando ele escovou uma mecha de cabelo do seu rosto, ela vacilou.

— Tire suas mãos de mim, demônio!

Ele olhou fixamente pra baixo para ela, mesmo enquanto se dirigia a outra naquela voz profunda e hipnótica.

— Saroya, se você pode me ouvir, durma até que eu retorne para você. Quando todos os meus planos e todos que trabalham para mim venham a tona.

Saroya? Aquilo tem um nome?

Com velocidade que não era humana, ele se ergueu pairando acima de Ellie. Mais palavras em outro idioma se seguiram, então ele desapareceu no ar.

Os oficiais agitados se aproximaram de Ellie de queixo caído. Suor escorria de suas testas mesmo quando suas respirações saiam esfumaçadas. Um deles

a algemou silenciosamente, enquanto os outros apontavam suas pistolas em todas as direções, até mesmo para cima.

Ephraim e seus primos pareciam chocados, pois não podiam fazer nada para salvá-la, a não ser matar quatro policiais a sangue frio.

Sua mente atordoada finalmente registrou que ela seria capturada viva.

O demônio de olhos vermelhos impediu sua morte. E Ellie queimava para matá-lo por isso.

Capítulo 2

Centro Correccional para mulheres de Ridgevale, Virgínia

Dias de hoje

— Será que a condenada quer dizer suas últimas palavras? — Entoou o diretor.

— Não! — Ellie se contorceu contra as amarras na maca, esticando os eletrodos que pontilhavam seu peito. A cada um dos seus frenéticos batimentos cardíacos, o ECG próximo monitorando gravava. Os equipos de soro que serpenteavam de cada braço balançavam pra frente e pra trás. — Não, estou pronta!

25

Ela poderia estar sentido medo por estar prestes a morrer, mas a urgência subjuguava todas as outras emoções. Ela teve a morte arrebatada de sua mão uma vez antes.

E o demônio estava se agitando dentro dela.

Temendo que “Saroya” surgisse e atacasse todos ao seu redor, Ellie não fez sua última refeição, não se encontrou com nenhum familiar ou capelão. Ela inventariou seus pertences do mundo — seus gloss, os livros da faculdade, quatro dólares em trocados e seus diários — com rápida eficiência.

Ellie fez as pazes com seu destino há muito tempo, estava ansiosa para morrer desde a noite de sua prisão. Ela escreveu um pedido de desculpas às famílias das vítimas, salvando-as para serem entregues depois que ela se fosse.

— Por favor, depressa, senhor. — ela implorou ao diretor de idade avançada.

Diante disso, um zumbido de murmúrios eclodiu inesperadamente na sala ao lado. As testemunhas por trás do vidro escuro da janela não sabiam o que fazer diante de seu comportamento, não sabendo como processar um assassino tão incomum.

Ela era jovem, não apresentou nenhum recurso para sua sentença e pelo que diziam, nunca exibiu um comportamento violento.

Houve desentendimentos com a lei. Alguns menores — como ser pega no estacionamento com rapazes. Alguns nem tão pequenos — como caça ilegal em terras do estado e se recusar a testemunhar contra os membros de sua família ou cooperar com a polícia.

Mas nunca tinha derramado uma gota de sangue humano pela sua mão até a matança de um ano atrás.

Saroya esteve mais ocupada do que Ellie jamais sonhou.

— Estou pronta.

O diretor franziu a testa e os dois guardas da prisão que o acompanhavam vacilaram desconfortavelmente. Contra sua vontade — e de Saroya — eles acabaram gostando de Ellie, admirando sua silenciosa determinação de se educar para conseguir um diploma, embora não tivesse futuro nenhum.

Ellie sempre teve bom senso com as pessoas e acabou gostando dos três de volta.

— Obrigado por tudo.

— Então Deus esteja com você, Ellie Peirce. — O diretor se virou em direção à sala de controle adjacente. Enquanto os guardas o seguiam para fora, um deles pousou brevemente uma mão em seu ombro. O outro lhe deu um rápido aceno com a cabeça, mas ela poderia dizer que eles estavam afetados com a sua morte.

A porta se fechou atrás deles, um ensurdecido clique final. *Estou sozinha agora.* Ela ficou olhando fixamente para eles, compreendendo que ninguém sairia vivo desta sala.

Sozinha. E tão assustada.

Eu não queria ter que morrer...

Ela olhou para seus braços, presos aos suportes acolchoados. Seus pulsos estavam amarrados, suas palmas pra cima. As duas linhas endovenosas tinham alguns centímetros, correndo do interior de seus braços até uma portinhola na parede atrás dela, seguindo até a sala de controle.

Meia hora atrás um médico sem nome e sem rosto instalou um soro lá trás, começando seu gotejamento. Ao meio-dia ele adicionaria um trio de substâncias químicas e momentos mais tarde o pesadelo acabaria para sempre.

Isso tem que acabar. Está quase lá.

Engraçado o que se pensa à beira da morte. Quantas pessoas sabiam os minutos que faltavam para suas mortes?

Ela duvidava que alguém já tivesse ido para sua própria execução com uma movimentação tão febril ainda a estimulando, com uma meta, uma vontade de ferro e disposta a alcançá-la. Longe de silenciar sua determinação, a prisão somente a aperfeiçoou, como adicionar camadas após camada de revestimento para escorar um trem numa montanha.

Estou prestes a vencer. Para dar um golpe nela. Saroya subiu apenas duas vezes nos últimos cinco anos, ambas as vezes nos primeiros meses. Os blecautes de Ellie resultaram na deformação permanente de duas colegas de cela.

Tudo feito com suas mãos nuas.

Há muito adormecido, o demônio agora se agitou. Sentindo sua própria ruína? *Isso mesmo, você está indo embora, cadela.*

Só duas coisas poderiam salvar sua vida neste momento.

Um telefonema inesperado do governador.

Ou o companheiro poderoso de Saroya de olhos vermelhos.

Não passava um dia em que Ellie não pensasse sobre o demônio chamado Lothaire, o Inimigo do Antigo. Ela viu o macho aparecer do nada e então desaparecer, viu as balas o incomodarem. Membros de sua família, o xerife e os oficiais testemunharam estas coisas com ela, não importa quantas vezes o xerife até a reeleição dissesse a ela que eles não viram...

Ela esticou sua cabeça pra trás para olhar ao relógio na parede atrás dela. Faltavam três minutos para o meio-dia.

Cento e oitenta segundos até a morte deslizar pelos tubos abaixo.

Embora orientada, Ellie não deixava de ter remorsos. Queria que pudesse ter usado seu diploma de psicologia duramente conquistado, ter uma carreira, ter feito amizade com mulheres que não fossem assassinas.

Ela lamentou não ter sua própria família. Talvez não devesse ter sido tão cuidadosa para não acabar uma mãe adolescente como sua mãe e sua avó.

Inferno, talvez Ellie devesse ter dado até para um daqueles garotos ávidos com quem ela ficou no estacionamento. Ela provavelmente deveria ter sido menos rígida e inflexível de um modo em geral.

27

Inflexível. Mas essa era a Peirce nela; Ellie *teria* as coisas do seu jeito no fim. *Melhor se afastar.*

Outro olhar para o relógio. Dois minutos até que...

As luzes piscaram e aumentaram a sua ansiedade. Outro pico de energia, um momento depois fez as testemunhas resmungarem nervosamente.

Com a terceira piscada Ellie congelou de medo, assim como quando o ECG foi à loucura. Nada poderia parar isto! Frequência cardíaca de 150, 170, 190...

Escuridão. O ECG ficou em branco com o último pico de energia.

Sem janelas na enfermaria da morte. Escuridão total. As testemunhas estavam

batendo na porta, clamando por uma evacuação.

— O que está acontecendo? — Ellie chorou. Por alguma razão, nenhum gerador foi acionado, nenhuma luz de emergência brilhando.

Deitada no escuro, amarrada a uma maca.

Ao longe um grito ecoou.

Perto de hiperventilar ela se retorceu contra suas restrições, amaldiçoando suas amarras.

— O que está acontecendo aí fora?

Um grito agonizante soou, mas ela recusou o pensamento que surgiu. Um estrondo dissonante de tiros alimentou seus medos. Um homem gritou:

— Eu não posso vê-lo! Onde diabos ele foi... — em seguida veio um grito de gelar o sangue. Outro homem implorou. — Por favor! Nãoooo! Ah, Deus, eu tenho uma famí... — sons de gorgolejar.

Então ela soube.

Ele havia chegado. Lothaire, o Inimigo do Antigo, retornou por ela.

Assim como ele prometeu...

Capítulo 3

— Que pequena *Suka*3. — zombou Lothaire, agarrando o pescoço de um guarda com seu punho.

Elizabeth estava prestes a ser executada, voluntariamente, por um número insignificante de assassinatos.

Em instantes.

O parceiro do guarda disparou loucamente no escuro, balas feriram a pele de Lothaire, mas ele mal notou. Havia se alimentado ontem e estava forte. Pelo

menos o seu corpo estava. Sua mente, no entanto...

3 Suka é cadela em eslovaco.

28

Com um grito ele pulou pra frente, cortando a garganta do atirador com suas garras. Quando os dentes afiados de Lothaire rasgaram sua carne, sangue respingou em sua face, seus pensamentos ficaram em branco.

Loucura. Mordendo meus calcanhares.

Mesmo agora com tanta coisa em jogo. Muitas vítimas, muitas lembranças. Sempre voltando.

Não, foco no final do jogo! Chegar até ela. Salvar sua fêmea.

Seus inimigos o impediram de chegar até ela mais cedo. *Se for muito tarde...*

Ele seguiu em frente através do corredor sem luz, podia ver facilmente no escuro, mas o lugar era um labirinto de corredores e quartos minúsculos.

Droga! Ele não podia sentir o cheiro dela sobre o odor da amônia. Outro corredor entrou em sua vista, as câmaras identificadas: quartos familiares, quartos de visitas, celas.

Sem tempo. Ele avisou Elizabeth para não ferir sua fêmea. Porém ela optou em ser condenada, direcionando seu defensor público para arquivar o processo sem apelar, como se não tivesse fundamentos.

Depois de viver milhares de anos, Lothaire raramente era surpreendido. Suas ações o surpreenderam muito. Correr contra uma saraivada de balas era uma coisa, tramar um suicídio ao longo dos anos era outra completamente diferente.

Não conseguia decidir se ela fatalmente era teimosa ou louca. Em todo caso, estava provando ser um espinho ao seu lado, o que lhe custava de inúmeras maneiras. Lothaire era conhecido em todo o Lore por cobrar dívidas de sangue de imortais em apuros, negociava com eles para fazer um pacto com o

diabo.

Embora estivesse orgulhoso de suas negociações, ele já queimou duas por causa de Elizabeth.

Ele forçou um oráculo em dívida a ficar de olho em sua prisão. E há poucos minutos, um técnico em eletricidade endividado o acompanhou até aqui para cortar a energia de toda a instalação, incluindo os geradores, não deixando nenhuma luz ou câmera ligada. Apenas confusão.

A extensão do plano de Lothaire hoje era: o técnico cortava a energia enquanto o vampiro massacrava seu caminho até sua mulher. Ridiculamente simples para um estrategista nato.

Como se estivessem se sacrificando para o plano, dois guardas o interceptaram no corredor, as lanternas brilhando em seus olhos vermelhos. Durante seu silêncio atordoado, Lothaire teve tempo para antecipar suas reações.

O maior da direita atirou primeiro, disparou três tiros antes de perceber que arranquei sua espinha.

O da esquerda gaguejou uma resposta a minha pergunta, mas sabe que vai morrer logo depois.

— Coloque as mãos onde possamos ver!

Lothaire foi atacado. Primeiro tiro, segundo tiro, terceiro...

Um grito torturado. O grande corpo amolecido de um dos guardas desabou no chão. Com uma mão Lothaire jogou fora os ossos. Com a outra levantou o guarda que restava pela garganta.

— Qual o caminho para a câmara de execução? — Lothaire aliviou seu aperto apenas o suficiente para que o homem respondesse.

29

— D-direita... depois, segunda a esquerda. Siga em frente até o fim. Mas por

favor...

Snap. No momento que o corpo do guarda entrou em colapso, Lothaire num segundo já estava no segundo a esquerda.

Ele faria Elizabeth colocar a mente pra funcionar, garantiria que estivesse em *relativa* segurança.

Afinal, não se importava com sua mente, só com seu corpo, o templo onde abrigava sua Noiva.

Minha companheira. A fêmea destinada somente a ele. E que gloriosa e sanguinária fêmea ela era...

Saroya sentira essa execução? Estaria ela lutando desesperadamente para levantar e se proteger?

Suas garras negras cravando nas palmas das suas mãos até fluir sangue. *Foco, foco!*

Quando entrou mais profundamente no edifício Lothaire lutou com seus pensamentos referentes a sua recente prisão. *A razão por que estou atrasado para a execução da minha Noiva.*

Semanas atrás quando soube desta data, ele estivera a ponto de resgatar Saroya. Em seguida ele mesmo fora capturado pela Ordem, um exército mortal.

Ele escapou deles... mas à tempo?

Luzes de lanternas brilharam a sua frente. Três guardas da tropa de choque escoltavam um punhado de civis.

— Tem alguém aí? — um guarda exigiu.

Lothaire se imaginou deixando um rastro de sangue e gritos no meio do grupo. *Não, foco!* Embora fosse prazeroso seria egoísta.

Para poupar tempo, Lothaire passou riscando por eles, desaparecendo e

reaparecendo em instantes.

Quando chegou a sala de exibição, ele se teletransportou para dentro. Dois homens jovens tinham acabado de irromper pela porta da câmara de execução adjacente que a guardava, munidos de Maglites⁴ e fuzis.

Então pela primeira vez em cinco anos, o olhar de Lothaire caiu em cima de Elizabeth. A última vez que a viu ela estava deitada na neve, seus incomuns olhos cinzentos olhando para ele com um medo delicioso.

Agora ela estava contida vestida com um uniforme laranja sujo. Seu cabelo longo cor de café foi puxado severamente para trás do seu rosto. Mais uma vez ela estava apavorada, com os olhos dardejando cegamente no escuro, mas ele não sentiu nenhuma simpatia, somente ódio.

Ela fez tudo isso! Com o consentimento de Elizabeth as agulhas foram afundadas no interior de ambos os braços. Um líquido transparente já descia em cada equipo de soro.

Seu coração parecia que poderia explodir. *Tarde demais?*

4 Maglites são lanternas.

30

Com um rugido ele riscou para dentro golpeando os dois machos jogando-os longe, lançando-os de cabeça contra a parede oposta.

— Quem está aí? — Elizabeth gritou quando ele pôs as mãos trêmulas em seus braços delicados para retirar as agulhas de suas veias. — O que está acontecendo? Não posso ver!

Ele se inclinou para cheirar o líquido, quase afundando até os joelhos de alívio. Salina. Nenhum cheiro químico, apenas água salgada. Para ter certeza cortou a linha de um deles com sua garra e pingou o líquido em sua língua.

Segura.

Mas se tivesse chegado um segundo depois...

Quando ele arrancou os eletrodos que estavam cobrindo Elizabeth, ele falou áspero.

— Você foi uma pequena mortal muito má...

Ela prendeu a respiração. Então gritou.

— Pare com isso, seu bastardo! Deixe-me!

Assim que cortou suas amarras, ele apertou a mão ao redor do seu pulso e a puxou para se levantar. Antes de Lothaire riscar de volta para a segurança de sua casa, ele prometeu.

— Agora, Elizabeth, você vai pagar.

Quando o chão de repente reapareceu embaixo dela Ellie se lançou para frente. Sabia que tinha um monstro atrás dela, poderia reconhecer a voz de Lothaire em qualquer lugar.

Esse timbre profundo e com sotaque assombrou seus sonhos.

Conforme as náuseas a tomaram percebeu que não estava mais na prisão. De alguma forma, ele os transportou para uma sala de estar extravagante de alguma mansão.

Assim que ela recuperou o equilíbrio, sentiu seu corpo sendo erguido do chão.

— Ah! Pare, pare!

— Eu te avisei, mortal! — O demônio berrou quando a arremessou para longe dele.

Com um grito sufocado, ela pousou em um lado do sofá no meio da sala.

Levante-se! Tonturas... mantenha-o em sua vista, Ellie! Depois de sacudir a cabeça para clarear a mente ela ficou de pé. O demônio caminhava pra frente

e pra trás diante dela, desaparecendo e reaparecendo enquanto andava.

Ele era maior do que ela se lembrava, e desta vez parecia ainda mais assassino. Seus punhos estavam fechados, forçando os tendões em seu pescoço. Sua íris vermelha brilhava, as veias de sangue se bifurcavam no branco dos seus olhos.

31

Seu rosto estava sujo de sangue, o cabelo pálido manchado com ele. Novamente estava todo vestido de preto, do casaco até as botas. Sua camisa crivada de buracos de balas. *Isso não pode estar acontecendo! Sequestrada do corredor da morte em uma prisão de segurança máxima? Por ele.*

— Eu prometi te castigar! — ele balançou seu longo braço para um lado, atacando uma coluna de mármore. Pedacos caíram no tapete felpudo a seus pés, o edifício inteiro pareceu tremer. Sua força era monstruosa, assim como tudo nele. — Você me desobedeceu e se colocou em perigo.

Ela devia ter se afastado dele. Em vez disso ela sentiu uma raiva borbulhante ferver dentro dela.

Ellie pensara que poderia finalmente ser livre, que por fim derrotaria Saroya. Ela esteve a dois minutos da morte, pronta para isso. Mas esse diabo a impediu mais uma vez.

Ele já havia tirado sua liberdade, assegurando que passasse meia década numa cela minúscula.

Cinco anos desesperadores. Quando ela se lembrou desses anos se viu gritando.

— O que você quer de mim? O quê? — com o canto do olho viu um vaso e o arrebatou. — Porque diabos não pode me deixar sozinha? — Ela jogou a peça pesada, a qual o atingiu no peito e quebrou com o impacto. Como se tivesse batido contra uma parede de tijolos.

Mesmo quando ela olhava incrédula, encontrou um castiçal pesado em seu

caminho e o pegou.

Dois minutos. Tão malditamente perto. Ela o arremessou.

Ele se desmaterializou, e voou em forma de névoa. Ela deu um grito de fúria. Outro candelabro voou; um peso de papel, uma lâmpada.

Ele simplesmente se esquivava dos mísseis. *Isso não pode estar acontecendo!* Ela estava sem fôlego, desesperada para machucá-lo, puni-lo.

Mil oitocentos e vinte dias sem estações, sem neve ou flores, sem amigos ou família. Seu irmãozinho não se lembrava dela. Enquanto Josh se tornava um homem sem ela em sua vida, a existência de Ellie se estagnou, pontuada apenas por ataques do mal.

Ela já não se sentia como uma... pessoa.

Eu não sou uma pessoa, eu sou a reclusa de Virginia DOC # 8793347. Sou a hospedeira de Saroya.

Por causa dele. Ellie olhou para uma espada que estava à mostra sobre um aparador. Ela saltou para a arma, tirando-a de sua bainha ornamentada.

O metal brilhando refletia a luz em seus olhos. Naquele instante veio a clareza. Sabia o que tinha que fazer. Segurando o cabo em ambas as mãos virou para ele.

— Vou matar você, demônio!

Ele repuxou seus lábios para que ela pudesse ver seus horríveis caninos, e em seguida movimentou dois dedos para ela.

— Vamos lá, então...

Seus olhos se arregalaram e ela olhou a espada prestes a afundar em seu peito. No ultimo momento, ela virou para si mesma.

— Não! — Ele vociferou. Então de alguma forma estava entre ela e a ponta da espada, prensada contra o corpo dela.

A lâmina deslizou na parte inferior das suas costas até que encontrou o osso. Ela ofegou sentindo seu músculo tenso contra ela, sentindo sua crescente raiva. O vermelho de sua íris sangrou ainda mais o branco de seus olhos. Ele descobriu os dentes para ela.

— Isso fez com que me desafiasse o dobro, Suka. Você errou feio.

Com um estalar de seu pulso, ele a enviou voando para o chão.

Atordoadada. Deitada de costas. Ameaçando derramar lágrimas histéricas. Ela o ouviu remover a espada do seu corpo, em seguida jogá-la longe. *Não ia chorar na frente dele. Não se entregue a essa cadela.*

Coragem, ela se lembrou dos anos passados olhando as paredes de blocos de concretos. Contando os blocos, as linhas do rejunte, vendo padrões e formas. Ela chamava de Canal dos Blocos de Concreto.

Todos os blocos, todos os dias. Sem interrupções. Nunca.

Rangendo os dentes, ela torceu de lado trabalhando para se levantar. Seu cabelo soltou derramando-se sobre seu rosto. Empurrou uma mecha de seus olhos.

— Fique deitada. — ele ordenou se elevando sobre ela. Era um demônio, um animal, ainda tinha sangue espirrado em seu rosto. Quantos ele havia assassinado hoje?

— Volte para o inferno, idiota. — então cuspiu em suas botas.

Capítulo 4

Lothaire agarrou seus braços puxando-a contra ele, ignorando a dor de seu novo ferimento. *Ela tentou se matar novamente. Quase conseguiu...*

— Deixe-me ir! — Ela se debatia contra seu aperto.

Elizabeth quase roubou sua cobiçada Noiva, ela o desobedeceu — duas vezes

— e o apunhalou.

E ainda assim estava furiosa com ele?

Como ela continuou se debatendo, seu aperto aumentou até que um grito foi arrancado de seus lábios e ela se calou.

Controle-se. Ele inalou profundamente. *Mais um pouco e perderá sua Noiva.* Ele era muito forte para perder o controle quando ela estava próxima. A raiva... a loucura...

Inspire. Expire. Saroya estava sob sua guarda, segura no momento. Desastre evitado.

Após longos momentos, ele percebeu sua ira sumindo, a névoa se dissipando um pouco. Aliviou seu aperto, mas a manteve perto dele.

— Já acabou? — Ele retrucou.

Com expressão teimosa, ela murmurou.

33

— Por um feitiço.

— Ainda me desafiando? — Lothaire sabia que beirava a insanidade, agora percebia que esta humana já poderia estar lá.

Porém, no auge da sua ira, com a dor de seus ferimentos diminuindo, abafada pela percepção penosa dela, ele olhou para baixo em seus marcantes olhos com estupefação.

O sentimento era quase... hipnótico.

Ela penetrou em todos os seus sentidos. O corpo de sua Noiva estava emitindo um calor insuportável conforme tremia contra ele. Seu rápido batimento cardíaco era uma sirene o chamando, ostentando seu fluxo correndo. Uma veia em seu pescoço pulsava convidativa.

Dor? Não sentia nenhuma.

Seu olhar caiu sobre a seda do seu cabelo se derramando, fluindo solto em seus ombros. Ondas de marrom escuro como a cor dos seus olhos se destacavam: cinza esfumado, emoldurado por cílios pretos e grossos.

Ela ficou mais bonita nos anos que passaram. Curvilínea. Seus quadris tentadoramente arredondados, seus seios altos apertados contra aquele top surrado.

Ele esfregou sua língua sobre uma presa conforme recordava a primeira noite que viu Saroya. Ela estava na floresta em um altar improvisado, coberta de sangue sob a luz da lua cheia.

Um olhar para ela e seu coração despertou de seu longo sono. Fôlego encheu seus pulmões. Seu eixo endureceu com um calor rápido, exigindo sua primeira liberação em milênios.

Agora endureceu lembrando-se de quando lambeu o sangue da vítima de sua pele doce enquanto se acariciava. Ela ficou passiva contra ele — uma mulher dando a suavidade da sua força — enquanto ele estremecia e derramava sua semente sobre as folhas...

O que tenha sido que Elizabeth viu em sua expressão a fez prender a respiração e suas bochechas corarem. — O que você quer de mim?

Seu olhar caiu sobre seu pescoço, suas presas latejando por aquela carne macia. *Tocar em você.*

Beber de você e deixá-la mais molhada com isso...

Não, ela não! A luxúria veio de forma dura, mas ele nunca agiria assim com ela. Embora Lothaire matasse tão facilmente, embora ele invariavelmente agisse sem honra, não trairia sua rainha.

Especialmente não com uma mortal inútil, uma fêmea, geralmente abaixo de suas expectativas.

Ele libertou Elizabeth, empurrando-a para longe dele. Lothaire só se saciaria

com a sua Noiva.

Quando será que ela se levantaria?

Saroya havia explicado bastante sobre como a posse funcionaria com Elizabeth. Nenhuma delas saberia o que a outra estava pensando, embora Saroya acreditasse que a garota pudesse sentir suas intenções às vezes, exatamente como Saroya podia perceber as mudanças em Elizabeth.

34

A deusa tinha dificuldade para se levantar a menos que Elizabeth estivesse enfraquecida de alguma maneira, fisicamente ou emocionalmente, ou quando ela dormia.

Quanto mais a própria Saroya dormisse, mais rápido ela poderia recuperar o controle sobre seu corpo.

Uma vez que a garota começasse seu caminho de volta à tona, Saroya seria sobrecarregada com tonturas, visão turva e uma sensação de movimento dentro do corpo, uma mudança interior.

— Por que você não pode ficar no controle? — Lothaire perguntou.

Com os olhos cinzentos brilhando, Saroya sibilou: — A mortal é muito forte.

Agora, como antes, estava estarecido que sua Noiva estivesse sujeita aos caprichos de uma humana, uma situação muito semelhante à de sua mãe.

Blyad5! Se Elizabeth podia sentir as intenções de Saroya às vezes, então como a Deusa não sentia a presença de seu companheiro?

Até que ela subisse, ele teria de lidar com Elizabeth. — Sente-se! — Ordenou a ela.

Com o queixo erguido ela permaneceu de pé.

Suas sobrancelhas se juntaram. Muito poucos desobedeciam a ele, especialmente no auge de sua raiva.

Lothaire permaneceu vivo por tanto tempo usando sua habilidade de prever os movimentos de seus adversários. Sabia como iriam se comportar, muitas vezes antes deles mesmos. Sua vida foi uma partida de xadrez sem fim, uma marcha calculada o levando cada vez mais perto de seu xeque-mate — de reinos apreendidos e castigos distribuídos.

No entanto, esta fêmea continuava a se mostrar imprevisível. Quando ela virou a lâmina para si mesma... — Sente-se agora. Ou vou recolocar as correntes para que sente acorrentada.

Ela engoliu em seco, mas não se mexeu.

Ele quase sentiu pena que ela fosse embora tão cedo. Quebrá-la teria sido um esporte divertido. —

Muito bem. — Ele riscou a um de seus muitos esconderijos, este mantido estrategicamente nos Montes Urais, para recuperar um conjunto de algemas.

Até mesmo imortais com força e habilidades incalculáveis normalmente tremiam diante dele, uma humana impotente que não tinha nem um quarto de século de idade estava desafiando-o.

Impotentes. Pensou novamente como seria fácil para os seus inimigos matá-la. Por que Elizabeth não poderia padecer em silêncio na prisão? Este resgate não poderia ter vindo em pior hora!

Múltiplas facções — Demonarchies, Vampiros da Horda, Valquírias, Fúrias e Lykae — caçando-o em busca de vingança, ou melhor ainda, de sua morte. Tão logo descobrissem que ele tinha uma Noiva em sua posse, eles marcariam Saroya também.

5 Blyad em russo é prostituta.

35

Milhares de anos planejando o que em breve seria concretizado — seu xeque-mate finalmente chegou — contanto que não se distraísse nessas últimas semanas.

Ele considerou xeque-mate sua jogada de mestre porque agiu sozinho, sem pensar em mais nada.

Não, ele não permitiria que Elizabeth alterasse seu curso.

Ele voltou com as algemas. A garota estava apenas a poucos passos de distância quando congelou ao som do tinido.

Ellie lentamente se virou para ele, os olhos esbugalhados com a visão das algemas em suas mãos.

Quando ele desapareceu, ela pensou em escapar. Agora se arrastou para o sofá e se enterrou nele, implorando interiormente, *Não me algeme, não me algeme...*

— Tem medo de mim, humana? — Ele apontou os punhos.

É claro que ela tinha! Ele tinha poderes sobrenaturais, tinha acabado de matar e por algum motivo este maníaco tinha se fissurado nela.

Mas Ellie geralmente tinha uma boa noção sobre as pessoas e suspeitava que ele respeitava a coragem. Então ela respondeu honestamente. — Neste exato momento estou muito assustada. — Seu sotaque estava mais acentuado, um monte de sotaque que se espessava sempre que suas emoções estavam no auge. — Mas acho que vou trabalhar isto.

—E você teme essas algemas? — Cada movimento dele denunciava ameaça.

Este demônio está brincando comigo. — Sim, senhor, temo. Mas você não gostaria de me algemar.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Não?

— E se Saroya acordar? Tenho certeza que ela ficaria furiosa por se encontrar toda amarrada. E

você não quer arruinar a sua... reunião. Ela mal conseguia dizer a palavra. O

que eles fariam juntos?

Certamente ele gostaria de fazer amor com sua rainha, afinal. Porque, por alguma razão, ele nunca fez antes. Ellie ainda era virgem. O que significava que Saroya nunca teve um amante desde que ela ganhou o controle.

Depois de um momento sem fim, Lothaire deixou as algemas caírem no chão. A concessão pareceu mais como uma armadilha do que uma vitória para Ellie. Com a ameaça imediata evitada, ela arrastou seu olhar dele para avaliar ao redor.

A sala era muito maior do que o trailer inteiro em que ela cresceu. A mobília parecia requintada, mas moderna, como uma dessas revistas de *design*. As cortinas estavam tão fechadas que não poderia dizer se era dia ou noite. — Onde estou?

Ele cruzou os braços sobre o peito largo. — Nova Iorque.

—Nova Iorque. — ela repetiu em silêncio. Nunca saiu de Appalachia, mas sempre quis viajar.

Agora, tudo era muito surreal. — Por que me trouxe aqui?

— Porque este lugar é misticamente protegido, inescapável e impenetrável.

36

Misticamente? Naquele momento ela decidiu que seria melhor manter sua mente aberta, sob pena de se romper pela tensão.

— Você será mantida aqui por um tempo até que eu expulse sua alma do seu corpo.

—O-o que você está falando?

— Seu corpo vai se tornar apenas de Saroya.

Ele tinha o poder de roubar o corpo de Ellie dela? Para sempre?

—Vou me matar antes que isso aconteça! — Ela se levantou de um pulo, como uma estátua de bronze sobre um pedestal. — Está me ouvindo?

—Se você se machucar de alguma forma, matarei sua mãe e seu irmão.

Ela se acalmou, o medo a fazendo tremer.

— Talvez eu devesse acabar com um deles hoje para que demonstre boa-fé em minha ameaça. —

disse ele, como se estivesse comentando sobre o tempo. — Gostaria de mandar algum recado?

Sua mente gritou: *Oh, Deus, não!* No entanto, ela se forçou a zombar. — Faça isso. Não dou à mínima. Nenhum desses babacas veio à minha execução hoje. — Ela tinha proibido.

Sua família obedeceu a suas outras ordens?

Lothaire desapareceu bem diante de seus olhos. Bem atrás dela, ele murmurou: — Você é muito talentosa no blefe, pequena humana...

Ela sentiu sua respiração em seu pescoço antes de se virar.

— ...mas seu coração acelerado te denuncia. — concluiu.

Ele podia desaparecer e reaparecer diretamente no trailer de sua mãe e assassiná-los em segundos. Se sua família estivesse lá.

Esperando que Lothaire quisesse vingança pela execução, Ellie fez sua mãe jurar que ela e toda a família sumiriam nos próximos dias.

Certamente haveria cobertura dos jornais sobre o misterioso desaparecimento de Ellie, sua mãe estaria em modo de defesa, não devendo voltar para casa até que tivesse ouvido falar de sua filha fugitiva.

Ellie estava quase certa que eles estavam fora do alcance de Lothaire, mas poderia apostar a vida de sua família nisto?

Não.

Então, ele ganhou. Toda a raiva dela se esgotou e ela desabou de volta no sofá. Ela sempre acreditou que ganharia a batalha contra Saroya porque pensava que tudo se resumiria a um teste de vontades.

Mas este homem... este animal...

37

Enquanto o olhar dela esvoaçava sobre os buracos de bala em seu peito que ele parecia não notar, encontrando seus arrepiantes olhos vermelhos, ela compreendeu, *não posso vencê-lo.*

Capítulo 5

Lothaire podia ver a derrota em sua atitude.

Finalmente a mortal tinha aceitado sua situação, aceitado que ele possuía toda a influência necessária para forçar sua cooperação. Agora ele tinha apenas que esperar por Saroya.

— Permita que ela se levante, Elizabeth.

— Ela não está mais tentando. Eu não posso forçá-la.

— Mas ela estava tentando antes? Para escapar da execução. — Quando ela não negou, Lothaire imaginou Saroya presa, arranhando para se levantar, para se defender...

Deuses, ele odiava essa garota — e não podia matá-la! Ele andou de um lado para o outro mais uma vez, lutando para controlar sua raiva enquanto ignorava seu cansaço e as pontadas de seus ferimentos que cicatrizavam rapidamente.

Quando foi a última vez que ele realmente dormiu? Dias atrás? Semanas desde que descansou por mais de uma hora de cada vez?

Preciso dormir para sonhar. As lembranças vêm em sonhos. Ele precisava

começar seu trabalho, suas sete pequenas tarefas.

— Se você pode expulsar minha alma — disse Elizabeth — então porque precisa que ela se levante?

E porque me deu um gelo por cinco anos?

Ele diminui o passo, olhando além dela.

— Eu não possuía os meios antes.

— Mas agora possui?

Ainda não. Depois de anos enganando, matando e manipulando, Lothaire conseguiu se apoderar do *Anel das Somas*, um talismã de grande poder — que concede desejos. Apenas para tê-lo roubado durante sua recente captura.

38

Os mortais da Ordem atacaram com suas armas de choque drenando sua força, obrigando-o a se ajoelhar... o sangue cegando seus olhos e acumulando em volta de seus joelhos.

Ele nunca esqueceria o ensurdecedor arranhar do anel pelo chão enquanto o líder deles, um soldado chamado Declan Chase o capturava.

— Você possui os meios agora? — A garota perguntou novamente.

Em algum lugar do emaranhado da sua mente Lothaire sabia a localização do anel. Ele apenas tinha que acessar essa informação.

— Calculo entre uma noite a um mês até o seu fim. — Tempo suficiente para percorrer através dos milhões e milhões de memórias roubadas.

Como seu pai antes dele, Lothaire era um *cosaç6*, um ceifeiro de memórias. Uma benção para alguns vampiros, uma maldição para um dos Caídos.

Maldito seja seu tio por tentá-lo com o poder séculos atrás...

— Você deve beber até se faltar para ser forte o suficiente para destruir meu irmão. — Fyodor disse a ele quando se reuniram uma vez mais.

— Meus olhos estão vermelhos, não estão? — Lothaire dissera — Tenho sido uma praga entre os humanos.

— Ou você pode beber de *imortais* até se faltar e roubar sua força, inclusive os poderes deles.

Junte-se a mim, Lothaire.

— Ivana me advertiu contra isso.

Fyodor sorriu levemente.

— Sua bela mãe provavelmente achou que você teria assassinado Stefanovich há muito tempo...

Impaciente por poder, Lothaire começou a mirar imortais. Porém suas almas eram muito mais deterioradas que as humanas. E eles tinham exponencialmente mais memórias. Desastroso para um *cosaş*.

Seu tio prometera e entregara força além da medida, mas minimizou o efeito colateral.

Insanidade. Memórias sempre cobradas. Lothaire se equilibrava na ponta de uma navalha.

Embora Fyodor, também um *cosaş*, tenha enlouquecido muito antes de sua morte no ano passado, Lothaire se retirou de alguma forma, limitando suas matanças e colheitas de memórias, lutando para ficar são. *Tudo para servir ao meu Xeque-mate...*

Ele olhou de soslaio à mortal sentada no sofá. Há quanto tempo esteve nesse ritmo com seus pensamentos à deriva? A expressão dela tinha mudado de derrotada para diabólica enquanto contemplava as ferramentas da lareira.

Em outra situação ele talvez tivesse admirado sua tenacidade. Agora ele explodiu.

6 Cosas vem do romano, que literalmente é um gafanhoto, que com suas longas antenas capta coisas. Ou seja, um interpretador de sonhos.

39

— Você deve querê-los mortos.

Ela arrancou o olhar da lareira adiante.

Franzindo as sobrancelhas ele continuou andando, considerando sua reação a ela mais cedo. Ele não se lembrava de seu corpo respondendo tão ferozmente durante sua única noite com Saroya.

Durante anos ele permaneceu afastado facilmente, uma vez que teve sua liberação inicial com ela na floresta.

Agora, luxúria fervia dentro dele. *Ignore, Saroya vai se levantar em breve.* E quando ela fizesse, ele a tocaria, provaria. Exploraria suas novas curvas.

— Nossa! Seus olhos estão ficando mais... esquisitos.

Eis a loucura em um vampiro. Todos no Lore sabiam que Lothaire estava no limite. Ninguém sabia o quanto ele estava perto.

Na maioria das vezes, tinha dificuldade de discernir as memórias de suas vítimas das suas. Quando ele dormia riscava descontroladamente para lugares estranhos, como um sonâmbulo. Com uma frequência cada vez maior ele esteve oprimido pela fúria.

Uma que acenava para ele agora.

— Quero que Saroya se levante. — disse para a humana.

— Você não pode levar a *ela* ao invés de *mim*? Talvez colocá-la no corpo de uma mulher demônio de olhos vermelhos.

— Ela não é mais demônio do que eu! Saroya a Ceifeira de Almas é a Deusa da morte e do sangue, antiga divindade dos vampiros da Horda.

—V-vampiros? — Elizabeth sussurrou enquanto oscilava de pé. —Você é... você não é um *vampiro*?

Ele mostrou as presas.

— Você... você bebe de pessoas? Morde-as?

Ele enunciou:

— Com prazer.

Embora não sem um motivo, não mais. Sua última presa foi calculada — Declan Chase, seu carcereiro. O homem saberia para onde o Anel das Somas foi levado. Lothaire só precisava dormir para experimentar as memórias de Chase em sonhos...

Elizabeth colocou suas mãos nos joelhos, ofegante.

— Sem sol. É por isso que as cortinas são tão grossas. Um *vampiro*. Doce Jesus me guarde.

Sangue começou a gotejar da punção da agulha no interior do braço dela.

40

O olhar dele se concentrou nisso, a fome o atormentando. Ele foi ferido repetidamente.

Certamente essa era a única razão pela qual ele tanto queria prová-la.

Não porque o aroma do sangue dela era exótico... fazendo seu pênis inchar em suas calças e as presas se afiarem. Ele correu sua língua em uma, saboreando a picada de seu próprio sangue.

— Olhe pra você! — Exclamou Elizabeth.

Ele não se permitira prová-la antes. Seu sangue não teria qualquer utilidade, poderia levá-lo ao seu limite. Mas Deuses, o apelo era irresistível.

— Você não vai me morder! Aproxime-se de mim com esses seus dentes e vou arrancá-los.

Ele estava atrás dela em um instante, enlaçando-a pela cintura com um braço. Com a mão livre ele agarrou o comprimento do brilhante cabelo dela e puxou sua cabeça para o lado. Seu pulso vibrava diante de seus olhos.

Quantas vezes ele ansiou por carne, mas negou a si mesmo?

No entanto suas presas nunca latejaram assim, gotejando para penetrá-la...

— Não me toque! — Ela se debatia afundando as unhas no braço dele, mas ele apreciava que seus inimigos lutassem, sempre apreciou.

Ele raspou uma presa pela pele dourada do pescoço dela, cortando uma distância superficial, o sangue porejando suavemente.

Com a voz rouca, ele disse:

— Gostarei mais se você lutar. Você gostará mais se não.

Dezenas de mulheres — e homens — desfrutaram dele tomando seu sangue. Isso os deixava famintos, fazia se agarrarem a ele como se quisessem se sacrificar em suas presas.

Mortais pareciam particularmente suscetíveis. Muitos gozaram em seus braços.

Elizabeth iria? A ideia o deixou ainda mais duro. Baixou sua cabeça, a boca se fechando no ferimento que ele acabou de fazer. Quando sua língua tocou uma gota de sangue seu corpo estremeceu como se atingido por um raio.

Uma corrente abrasadora pareceu eletrizar cada veia do seu corpo...

Deliciosa.

— O-o que você está fazendo comigo?

Ele lambeu repetidas vezes, querendo rugir quando ela começou a tremer, sua

resistência diminuindo.

Ela se inclinou para ele, suas costas pressionadas contra seu eixo dolorido. Quando a pegou ainda mais apertado e a prendeu a ele, ela gemeu.

Sim, mortais gostavam que ele tomasse seu sangue, mas ela estava *tremendo* com necessidade.

41

—Ah! Ahhhh, não... ah, por favor! — Sua voz era gutural, a respiração superficial.

Justo quando ele começou a ampliar o maxilar para perfurar seu pescoço ainda mais, ela começou a lutar novamente.

— Não, agora não!

Lothaire rasgou sua boca pra longe, vendo-a ficar ainda mais pálida.

Ela cambaleou.

—Não *agora...*

Saroya estava se levantando!

—Não lute com ela, garota! — Ele comandou, sacudindo Elizabeth.

—Não, não, não. — suas pálpebras se fecharam.

Ele a apanhou contra ele, virando-a em seus braços.

—Saroya, *volte para mim.*

Depois de um longo momento, os olhos dela abriram se estreitando; então a palma de sua mão subiu para estalar no rosto dele.

— Como se atreve a me deixar apodrecer na prisão, seu imundo! Vou brincar com seu baço antes que a noite acabe.

— Saroya. — ele rilhou, mal mantendo sua raiva controlada. Inspira, expira.
— Ah, minha flor. Senti sua falta também.

Capítulo 6

Quando Saroya recuou sua mão para bater na face sorridente de Lothaire novamente, a expressão dele ficou mortal.

— Uma vez foi perdoado, Deusa, mas duas se provaria imprudente.

Sua mão hesitou. Lothaire era um notório assassino, e enquanto ela estivesse presa nesta concha mortal Saroya estava vulnerável.

Embora seu espírito continuasse depois da morte dessa humana, assim como sempre fez, *esse* era o corpo que ela queria. Saroya estava determinada a mantê-lo vivo e incólume. Para fazer isso precisava da ajuda deste vampiro.

Mortificante.

— Solte-me, Lothaire.

42

Sem uma palavra ele o fez. Ela deu um passo atrás, inspecionando-o pela primeira vez em anos.

Claro que ele mudara pouco, congelado para sempre nesta forma imortal. Ele tinha pelo menos um metro e oitenta de altura, magro, mas musculoso. Suas feições eram perfeitas, uma barba dourada por fazer cobrindo sua mandíbula masculina e seu queixo forte com covinha. Seu cabelo pálido caindo até o pescoço era espesso e liso – agora manchado de sangue.

— Você matou? Sem esperar por mim?

— Para efetuar sua fuga da prisão, sim.

Finalmente fora daquele buraco dos infernos!

Ela esquadrinhou seus arredores, achando-os pouco melhor. A área foi

decorada com um toque sutil, cores ricas e tecidos obviamente caros, mas era organizado – exceto por uma pilha de mármore esmagado e vários vasos quebrados.

Saroya preferia decoração chamativa, a elegância de uma tumba repleta de sacrifícios para ela, empilhada com troféus de carne e ossos.

Seda preta cintilando contra granito respingado de sangue.

— Para onde você me trouxe? — ela perguntou num tom magoado.

— Nova Iorque. — ele respondeu. — Para uma de nossas casas.

— Suponho que temos muitas.

— Possuímos mansões, vilas, castelos. Qualquer residência que desejar será sua.

Como se precisasse que ele dissesse isto para ela. Ela relanceou seu olhar para baixo no seu braço, para uma trilha vermelha que estava secando.

— Você me *mordeu*? — Estreitando seus olhos, ela acrescentou. — E nem pense em mentir pra mim.

Um músculo saltou em sua mandíbula.

— Você sabe que não posso mentir, Saroya. — Os vampiros nascidos naturalmente eram fisicamente incapazes disto. Sempre que uma mentira surgia, um vampiro sentiria o *rána*, a queimadura, uma escaldante sensação em sua garganta.

— Você ousou furar minha pele?

— Houve pouca ousadia nisso. Mas neste caso, só arranhei seu pescoço.

Ela estendeu a mão e roçou o corte com as pontas dos seus dedos. Por alguma razão seu corpo parecia desajeitado, seus seios pesados.

— Tomando diretamente da carne, *cosaş*? Vinte mil anos de minhas

memórias indubitavelmente vai fazer você passar do limite. — ela disse. — Você deve ter estado muito sedento de sangue para roubar o dela.

43

Houve um sutil rubor em seu rosto?

— Aposto que você tem que estar à frente da consciência para que eu possa recolher suas memórias. Quanto as de Elizabeth, acredito que posso lidar com vinte e quatro anos humanos.

— Quanto tempo você me deixou naquela prisão, Lothaire?

— Apenas meia década.

— O que era mais importante do que eu?

Ele deu de ombros.

— Encontrar um jeito de burlar sua maldição.

— Suponho que você encontrou tal meio. De outra forma eu ainda estaria presa.

— Libertei você porque o corpo estava prestes a ser executado. Pelos mortais.

Vergonha demais para suportar!

— Eu senti uma ameaça, mas uma execução? Por um número tão insignificante de mortes?

Um pouco de tensão deixou seus ombros largos.

— Exatamente o que pensei.

— Então, nós não estamos perto? — Pelo menos agora que estava livre seria capaz de matar mais uma vez. No passado ela recolheu almas de suas matanças, cada vítima fornecendo força a ela. Ela fora uma verdadeira

vampira. Agora roubava vidas somente por prazer.

— Depois de anos de procura descobri o Anel de Somas.

— Somas? — Seus olhos se arregalaram. — Lothaire esperto. — Por ele ter pensado nesta possibilidade! Aquele talismã estava impregnado de poder.

— Ele me permitirá extinguir a alma de Elizabeth e tornar seu corpo imortal. Você se tornará uma vampira como eu.

Vampiras só podiam nascer — nunca serem feitas. Embora o sangue vampírico pudesse potencialmente transformar machos humanos em vampiros, uma fêmea mortal como Elizabeth nunca sobreviveria à transformação.

Mesmo uma antiga deidade como Saroya não sabia o por que.

Mas o anel superaria isto. *O que mais o anel poderia fazer...?*

Ela quase se sentiu sorrindo — o que nunca fazia. Então sua satisfação esmaeceu.

— Entendi que o anel foi perdido séculos atrás. Junto com sua proprietária.

— Uma feiticeira chamada A Dourada, uma adversária de Saroya particularmente traiçoeira que guardara o anel.

44

Não importa o quanto Saroya zelosamente buscasse a morte da Dourada, seus assassinos nunca puderam lhe entregar isto.

— Você roubou o anel da Dourada?

Ele inclinou sua cabeça regamente.

Os lábios dela se separaram.

— Eu sabia que você era ambicioso, mas isso é quase inacreditável! Até os Deuses pisam com cautela com a Dourada. Especialmente os maus. — *Eu*

nunca estive mais indefesa contra ela...

— Enfrentei a feiticeira e seus lacaios sete dias atrás, e ainda estou de pé.

Ele sobreviveu a um confronto?

— Ela terá sua Noiva como alvo para puni-lo! A menos que a tenha matado?

— *Estou livre da profecia afinal?*

— Ainda não.

— Se você a deixou viva, então ela virá atrás de nós.

— Sim. — ele disse casualmente.

— Devemos usar este anel para devolver minha divindade, Lothaire! E rapidamente.

— Até o Anel de Somas tem limitações. Se o anel pudesse fazer de alguém um Deus, então A Dourada teria ordenado a ele para fazer isso. Acredito que estamos limitados ao reino dos imortais.

— Nesse caso me dê o anel.

—Três semanas atrás fui preso por inimigos, uma organização chamada a Ordem. Eles me encarceraram e o confiscaram.

Estava tentada a não acreditar em tal história — poucos no Lore eram tão formidáveis quanto Lothaire — mas ele não podia falar mentiras.

—Por que eles te tornaram um alvo?

— Para me examinar, determinar minhas fraquezas e então me executar. Muitos outros guerreiros do Lore foram capturados também.

— Esses inimigos devem ser excepcionalmente espertos para o aprisionarem.

— Suas armas são avançadas. Mas roubarei o anel de volta. Partirei amanhã à noite, assim que esteja acomodada. E assim que estivermos... presos. — ele

adicionou.

—Você deve destruir A Dourada, Lothaire. Você *deve*.

Ele estreitou seus olhos.

— Eu pretendo, assim que recuperar o anel. Considere a feiticeira morta.

45

Um pouco tranquilizada, ela perguntou.

— Quanto tempo levará para recuperá-lo?

— Uma noite? Um mês? Não posso dizer com certeza. — ele disse. — Bebi o sangue do meu ex-carcereiro. Ele sabe como encontrar o anel e posso tocar suas memórias através dos meus sonhos. Já vi algumas.

Saroya não era uma Deusa paciente.

— Esse corpo envelhece a cada dia.

Lothaire deu a volta em torno dela, descaradamente esquadrinhando seu olhar sobre a sua forma.

— Está *muito* mudada.

— Espelho! — ela ordenou imperiosamente.

Com um entediado erguer de sua sobrancelha ele apontou atrás dela, para um preso a uma parede de painéis.

Saroya cruzou para o vidro e olhou dentro dele, encolhendo-se ante seu traje de prisão.

O arranhão em seu pescoço chamou sua atenção. Essa cicatriz ficaria? Curaria antes de se tornar uma vampira? Uma vez que este corpo se tornasse imortal, ficaria congelado para sempre — a mesma aparência.

Lothaire permaneceu atrás dela.

— Você não sofreu nenhum mal do seu tempo na prisão, só ficou mais bela.

Ela escrutinou sua figura. Elizabeth perdeu peso? Saroya se resignou a sua nova estrutura pequena

— meros centímetros a mais que um metro e meio — mas não aceitaria esta magreza.

— O corpo está muito magro.

Ela recordou uma das poucas vezes que se levantou naquela prisão fétida. Ela lera o diário de Elizabeth, notando que a mortal “trabalhava” todo dia em sua cela. Infelizmente, isso se mostrava.

Como Saroya sentia falta de seu próprio rosto! Seus olhos uma vez foram grandes e de um amarelo felino, com uma íris preta fina fazendo uma fenda no meio. Seus lábios eram vermelho-sangue, sua pele pálida como a lua. Ela tinha quase um metro e oitenta de altura e voluptuosa a um nível obsceno.

Sempre que descia do plano divino até a Terra os homens ficavam aterrados só de vê-la. Uma vez que acenava, eles se ofereciam para sua insidiosa marca da morte...

Ela correu suas mãos sobre sua nova figura esguia, tateando em busca de suavidade. *Quanta carne um corpo pode ganhar antes de Lothaire encontrar o anel?*

Pelo menos o busto de Elizabeth crescera a um tamanho decente. Quando Saroya aliviada os segurou com as mãos em concha, Lothaire entrecerrou seus olhos.

46

Saroya abruptamente soltou suas mãos. Em um tom vivo, ela disse.

— Esse rosto é o mais adorável dos meus templos.

Embora este disfarce atual não pudesse se comparar a ela quando tivera seus encantadores olhos-de-gato, Saroya desfrutou de algum sucesso atraindo vítimas. Os homens queriam proteger a garota que parecia vulnerável e arrancar sua inocência. Em vez disso, Saroya arrancou seus corações, olhos e testículos.

Ao contrário de sua irmã gêmea Lamia, uma Deusa da vida e fertilidade, Saroya era uma deidade virgem e para sempre seria, defendendo sua castidade até a morte...

A morte dos outros.

Até Lothaire acreditava que ela era uma criatura sensual, acreditava que ela nunca tomara um amante no corpo de Elizabeth por fidelidade a ele...

— Realmente adorável. — Sua voz ficou mais rouca. — Quem veio antes desta humana?

— Eu possuí um professor de meia-idade de Americana. Tive muito que aprender com ele, eu o mantive vivo por mais de noventa anos. Depois dele veio uma mulher corcunda e dentuça. Saltei de um edifício para me livrar dela. — Ela franziu o cenho. — Essa transferência não se provou tão instantânea quanto eu esperava.

— Como esses templos são escolhidos por você?

— Pode ser baseado numa linhagem de sangue. Só quem me amaldiçoou pode dizer. — *Lamia, maldita seja até a eternidade!* — Tudo que sei é que farei de tudo para permanecer em Elizabeth — e você faria bem em me ajudar. Prometo a você que a próxima forma para sua Noiva não pode ser melhor, você pode até encontrar pra mim. Eu poderia possuir um homem, um bebê ou uma idosa de 80 anos. Não uma jovem e inocente freira.

Mais uma razão em que este corpo se encaixava perfeitamente. Elizabeth era virgem, para grande fascínio de Lothaire.

Ele agarrou sua cintura, girando-a para enfrentá-lo. Ela enrijeceu, mas permitiu isto.

— Estou bastante satisfeito com sua hospedeira também. Quanto tempo pode mantê-la afastada?

—Ela se levantará essa noite. Ela é extremamente voluntariosa. Lothaire, quero que ela vá.

Ele tirou uma mecha de cabelo de sua testa, seus olhos vermelhos seguindo o movimento de sua mão.

— E você terá tudo o que deseja assim que eu recuperar o anel. Por enquanto, eu a amedrontarei sempre que se levantar.

— Acha que pode fazer alguém como ela hibernar? Como? Quando você não pode prejudicar o corpo para torturá-la até a submissão?

Seus lábios recuaram de suas presas, não um sorriso.

— Deixe que eu me preocupe com nossa patética pequena mortal.

47

—Tanto sarcasmo. — Uma coisa que ela aprendeu sobre Lothaire? Ele desprezava humanos ainda mais do que ela.

—Elizabeth só está tentando se destruir, achando que mataria minha Noiva. No entanto não posso puni-la por sua transgressão! — ele raspou. — Assegure-se que da próxima vez que ela se levantar *será a última*.

Saroya nunca encontrou um homem tão certo de si mesmo. Mas ele era poderoso, brilhante, calculista, e acima de tudo, perfeitamente na moda.

Lothaire era tão atraente quanto um Deus da virilidade.

A noite do seu primeiro encontro, ela permitiu que ele lambesse o sangue de sua presa da sua pele como se acariciasse seu próprio órgão para se liberar. Entretanto fora repelida pelas necessidades animais dele, mesmo que estivesse relutantemente extasiada pela visão. E ela estava acima de tais impulsos.

Saroya desprezava todas as coisas sexuais. Sangue e morte eram tudo que ela reverenciava —

certamente não um ato destinado a *criar vida*.

De fato ela abominava os homens — esses portadores irresponsáveis de semente —

completamente.

Agora este aqui estava cavando sua nuca, seu olhar preso em seus lábios, sem dúvida pretendendo reivindicá-la. Como adiá-lo mais uma vez?

— Como eu disse anos atrás Lothaire, não entregarei este corpo até que seja completamente meu para te dar.

Ele se endireitou, encontrando seus olhos.

— E como eu disse a você Saroya, não posso te tomar até que seja imortal, arriscando te matar com minha força. Mas há outras formas de dar prazer um ao outro.

Primata asqueroso.

— Apesar da vasta oportunidade não estive com outra desde que sangrei.

Sim, ele *teria* uma vasta oportunidade.

— Imagino que as mulheres se atirem em cima de você onde quer que vá.

— Todas entediadas. — Ele estudou sua expressão. — Ciumenta ao pensar em mim com outra?

— Nem um pouco. — Ela não se importava mais com quem ele se acasalava do que com uma formiga na calçada.

Seu domínio sob seu pescoço apertou, uma ameaça clara.

— Não sou um homem altruísta, quando dou, espero ganhar. Hoje te dei a

liberdade.

Embora a intimidasse, sabia que tinha que manipulá-lo.

48

— Vampiro, estou cheirando a prisão, pobreza e medo. Olhe para minha aparência, minhas vestes atrozes. Quero me sentir bonita, ser desejável. Preciso de roupas, joias e cosméticos. Meu cabelo deve ser cortado, minha pele banhada.

Ela achou que ele poderia pressionar a questão. Ao invés disso ele a soltou, oferecendo sua mão.

—Então bem-vinda a Nova Iorque. — Ele puxou uma cortina, revelando uma sacada que dava para um parque verde e uma vasta cidade. Ele a fez avançar para a luz do sol enquanto recuava nas sombras. —

Qualquer coisa que precise encontraremos aqui.

Ele esperava que ela estivesse impressionada com esta visão? Ela estava confusa. *Impressionante* seria esta vasta cidade escravizada à sua vontade...

Capítulo 7

Sua cobertura foi transformada no sonho de consumo de uma mulher. Veludo azul drapeado sobre a mesa da sala de jantar, pontilhada com pedras preciosas do tamanho do punho de sua Noiva. Prateleiras com artigos de luxo revestiam as paredes da sala de estar. Sapatos de grife espalhados pelo chão.

Cosméticos foram dispostos no closet.

E na cozinha, um chef preparou uma refeição digna de uma rainha. Depois o próprio Lothaire limpou e fez algumas chamadas definidas. Dentro de uma hora, sua casa estava cheia com os estilistas mais exclusivos da cidade, esteticistas e lojistas, todos vendendo seus produtos e serviços.

Pelo menos, os proprietários mortais mais exclusivos. Normalmente teria comprado dos vendedores do Lore, mas a fofoca sobre a nova mulher do

Inimigo do Antigo seria impossível de suprimir a menos que matasse todas as testemunhas. O que estava hesitante em fazer, pois ele mesmo gostava de artigos de luxo. Embora ainda não fosse um rei, gostava de se vestir como um...

Por isso, chamou os humanos. Ele ajustou os óculos de sol que foi forçado a usar na frente deles.

Nas últimas horas Saroya ficou encerrada em sua suíte com esteticistas e um "especialista em cera", seja lá o que isso significasse, passando a tarde fazendo Deus-sabe-o-que no banheiro.

Pra passar o tempo, ficou tentado a resolver um novo quebra-cabeça mecânico que adquiriu — um conjunto poliédrico solucionável em 65 movimentos — mas da maneira como sua concentração estava, perdia na maioria das vezes.

E agora o som da voz de sua noiva o provocava. O cheiro dela mantinha o seu corpo bem apertado.

Como sempre a loucura o ameaçava.

Lothaire sabia de uma coisa que o relaxaria. Seguiu para o armário de sua suíte e abriu um cofre lá dentro. Ali estava o seu bem mais precioso: um livro-ata bem pesado.

Ele não o usava para controlar os gastos e rendimentos monetários. Em vez disso, gravava as dívidas de sangue, registrando todos os imortais que juraram fazer o que ele exigisse deles.

Como um sovina contando seu ouro, Lothaire revia seus devedores, reverentemente passando os dedos sobre as páginas do livro.

Ele congelou sentindo algo que não poderia estar certo. Uma presença de muito, muito tempo atrás. Ele empurrou o livro de volta no cofre batendo a porta trancando-a. Então rastreou a sombra até a beirada da varanda. O sol estava velado por nuvens nebulosas, mas ainda sombreava seus olhos sensíveis quando olhou para a cidade.

Estava sendo perseguido?

Como antecipar uma ameaça quando mal conseguia separar a realidade da fantasia? Esperando...

assistindo...

Assim que a noite caiu, a presença desapareceu. Ou teria imaginado isso?

Inquieto, voltou para a sala de estar. Saroya surgiu logo depois. Ao vê-la deu de ombros para sua inquietação. A espera valeu a pena.

Um longo vestido de seda preta moldava cada curva de seu corpo. A frente tinha um V profundo até a cintura. Tiras de couro finas cruzavam o peito, mantendo o tecido no lugar sobre os seios fartos.

Queria vê-los. Pela primeira vez. Lothaire nunca contemplou sua forma nua.

Seus olhos estavam fixos em seus movimentos, naquela roupa genial — criada para fazer os homens fantasiarem sobre desatar lentamente os laços e ter sua carne livre.

Ela passeou pela sala, seus saltos agulha dando a ilusão de altura. Seu cabelo úmido cheirava a xampu perfumado e caíam pesadamente nas costas. Sua maquiagem foi aplicada generosamente.

Pinceladas ousadas enrubesciam suas bochechas e uma maquiagem pesada quase embotava as nuances de suas feições finamente cinzeladas. Seus olhos foram ressaltados com tons de marrom, preto e prata. Seu batom era vermelho vivo. Seus lábios tinham uma aparência sexy, um arco formava um beicinho. E as unhas pareciam como se o sangue escorresse por cada dedo. *Um toque muito agradável, Saroya.* No geral, o efeito era flagrantemente sexual.

Por todos os Deuses, ela era uma peça adorável e logo ele a reclamaria. Só de pensar, seu eixo inchou. Ele se moveu desconfortavelmente, ajustando o casaco longo que disfarçava sua reação a ela. A pressão crescente...

Lothaire tinha 33 anos quando teve uma última mulher debaixo dele, na noite antes que seu coração parasse de bater e, tanto ele quanto seu coração, fossem congelados em sua forma imortal. Até essa idade gostava de mulheres de todas as facções no Lore, tomara uma nova a cada noite. Agora estava sofrendo os impulsos e as ânsias de sua juventude novamente?

Entre sua sanidade cada vez menor e esta ereção inconveniente, descobriu que era impossível se concentrar no seu Xeque-mate. Começou a andar, tendo que se lembrar de não se teletransportar na frente dos mortais.

Não posso perder o foco. Finalmente estava à beira de conquistar o trono da Horda. Ele concluiu a tarefa mais desafiadora — matando Stefanovich — há séculos. Embora não antes do velho rei ter atacado o seu bastardo com malícia incompreensível. A terra desabando sobre mim...

Não, foco no final do jogo! No anel. Ele permitiria a Lothaire destruir Elizabeth e transformar Saroya numa vampira, uma medida vital de proteção para sua esposa e a chave para assegurar o trono da Horda para ele.

E o anel lhe daria o poder de encontrar e aniquilar os Daci. Para finalmente localizar Serghei.

Um anel que igualava a companheira eterna de Lothaire, dois reinos e a vingança que ele ansiava desde o assassinato de sua mãe...

50

Saroya começou a finalizar suas compras, seu comportamento entediado. Ela apontou a cada prateleira de roupas, ordenando:

— Coloque-as no meu guarda-roupa.

O quarto dela, ao lado do seu, tinha um closet enorme, duvidava que tudo aquilo coubesse naquele espaço cavernoso. Com um ar ofendido ela percorreu as ofertas do joalheiro.

— Ficarei com todas as bugigangas.

Chamou oito dígitos de “*bugigangas*”. Lothaire suspirou. *Bem-vindo ao casamento.*

Todos os olhos caíram sobre ele. Com uma onda negligente de sua mão ele aprovou os gastos.

Como se fosse possível, os humanos se submeteram ainda mais, o que aumentou sua irritação.

Quando Saroya voltou para sua suíte e se estabeleceu em uma cadeira para ter o seu cabelo cortado, ele a seguiu.

— Não posso ter privacidade? — Perguntou ela.

— Não. — ele disse simplesmente. Não mais. Ele possuía o corpo tanto quanto ela. Ele estaria ali para qualquer alteração. — E depois disso, quero te ver com as roupas que comprei para você. — Ele se inclinou para dizer no seu ouvido: — Ver você na lingerie. — Seu olhar mergulhou avidamente nas curvas de seus seios, ocultos por uma tira de couro... carne dourada saindo.

— É claro, amante. — disse ela, muito suavemente.

Ele apertou seu queixo, virando-a para encará-lo.

— Saroya, não comprei estas coisas para seu benefício. — Nunca daria um presente sem pensar em um retorno sobre o meu investimento. — Eu os comprei para agradar a nós dois, assim como esse novo corpo.

Ela arqueou as costas sutilmente.

— Um corpo que este é feito para o sexo, não é?

Ele rangeu os dentes antes de dizer:

— Eu só posso imaginar, nunca o vi.

— Em breve, Inimigo do Antigo. Eu prometo.

Lothaire debateu se deveria acreditar nela. A Saroya da mitologia era escassa

na melhor das hipóteses, e contraditória. Alguns diziam que ela era tão frígida — e mortal — para os homens como sua gêmea Lâmia⁷ era sensual com eles. Outros diziam que Saroya havia participado de orgias e depravações em seus templos.

⁷ Segundo opinião bastante difundida, a Lâmia mitológica serviu de modelo para as Lârias (Lamiae em latim), ora descritas como bruxas, ora como espíritos e ora monstros, humanos da cintura para cima, mas com cauda de serpente. As Lârias atraíam os viajantes expondo os belos seios e emitindo um agradável cicio, para depois matá-los, sugar seu sangue e devorar seus corpos. Neste aspecto, as Lârias constituem um antecedente dos súcubos da Idade Média e das modernas vampiresas.

51

Vendo-a assim — nessa maquiagem foda-me e as roupas — apostava no último.

Mas não importava quais eram suas inclinações, sabia que Saroya não ficaria feliz na cama de um companheiro como ele, um homem que exigiria obediência em todos os sentidos.

E ele nunca estupraria uma mulher. Por isso, levaria toda a sua considerável experiência para colocá-la nos eixos.

— Corte na altura do meu queixo. — ela comandou a estilista.

— Ah-ah. — Lothaire negou. — Mantenha-o longo. — Ele nunca viu um cabelo tão lindo, ondulado da cor do vison.

Agora ela queria cortar tudo fora? Depois que ele imaginou enroscar seus dedos nele infinitas vezes?

Depois de fantasiar em agarrá-los nos seus punhos, enquanto facilitava seu eixo entrando e saindo de sua boca...?

Saroya se eriçou.

— Eu quero curto.

Ele estalou os dedos e a estilista correu pra fora do quarto, fechando a porta atrás dela.

— Eu prefiro comprido.

— É o meu cabelo.

Ele lhe deu um olhar sarcástico de divertimento.

— Esse corpo é tanto meu quanto seu.

Seus olhos brilharam.

— Eu habito nele.

— E eu o roubei da prisão. Eu serei o único a alimentá-lo e salvaguardá-lo. O corpo estaria morto se não fosse por mim. Portanto, eu o possuo.

— Você esquece que eu sou uma Deusa. — ela sussurrou. — Sua Deusa.

E uma cadela também. Mas então, não eram todas as Deusas aflitas umas cadelas?

Embora soubesse que não poderia esperar nada diferente de Saroya, ele poderia começar a colocá-

la na linha.

— Você esquece que não tem poder. Então, por enquanto, eu sou seu Deus. Pare de me pressionar, Saroya. — Ele segurou seu olhar. — Você não vai gostar quando eu te pressionar de volta.

52

Capítulo 8

Saroya separou seus lábios para amaldiçoar Lothaire para a superfície do sol, mas sua visão oscilou.

Ela levantou sua mão recém manicurada para a testa.

Ela já podia sentir Elizabeth tentando se levantar — como se a garota estivesse batendo contra uma parede interna que as separava.

Um lembrete do quanto Saroya precisava deste demônio. Por enquanto.

Controle sua raiva justificada, diga a ele o que quer ouvir.

— Lothaire, eu era uma divindade do primeiro Ether. Não estou acostumada a renunciar ao controle. E agora estou há muito tempo oprimida e aprisionada. Certamente alguém tão grande quanto você dificilmente pode imaginar a que ponto eu descí, mas tente.

Imediatamente ela percebeu uma mudança nele. Suas palavras o afetaram.

— Eu entendo Deusa. — Agora ele enrolava ternamente o dedo indicador debaixo do seu queixo.

—Mas, neste assunto eu não vou ceder.

Ele não podia mentir. O que significava que ele realmente não cederia.

— Então vou deixar tudo isto — ela acenou para a massa pesada de cabelo.
— para o seu prazer.

Seus olhos escureceram com necessidade.

— E o que mais você faria para o meu prazer?

Nada. Nunca mais. Naquela noite que o deixou beijá-la, mal disfarçou quanto achava revoltante aquele lado do cio dele.

Se ele não estivesse tão fervoroso pelo seu sangramento, certamente teria descoberto sua reação?

Ela sabia que ele não estaria tão motivado para assegurar o Anel das Somas para ela se descobrisse o quanto sua Noiva o achava repulsivo sexualmente. Como poderia disfarçar isso se ele se saciasse em cima dela agora?

Abafando um arrepio, ela ronronou.

— Logo você vai ver. Mas, por enquanto, deixe-me concordar com seu desejo sobre o meu cabelo.

— Antes que ela se levantasse e desse meia volta para chamar os humanos de volta, viu seus olhos se estreitarem com suspeita.

Quando a estilista começou a aparar poucos centímetros de sua longa juba, Lothaire se sentou perto, como se guardando cada cacho.

Assistir a este processo parecia ser relaxante e excitante para ele. Quando a escova deslizou pelo seu cabelo suas pálpebras ficaram pesadas, até quando se debruçou para frente, avançando em direção à beirada da cadeira.

53

Ele claramente precisava dela para muito mais do que seu trono.

Como poderia colocá-lo para fora, possivelmente, por um mês? Talvez desviando sua atenção em direção a outra?

Encontrar uma companheira de cama para ele não seria difícil. Até ela podia admitir o quanto ele parecia bonito em suas roupas sob medida.

Seu longo cabelo loiro estava limpo de sangue e num estilo aparentemente descuidado, com um resultado perfeitamente decadente. Ele usava óculos escuros para esconder seus olhos e um casaco longo para cobrir sua reação física a ela. Ambos o faziam parecer mais malandro. Especialmente com aquela barba dourada escura em seu queixo, ele foi congelado para sempre com isto, poderia barbear o rosto, mas logo retornaria ao mesmo comprimento devasso.

As mulheres e os homens aqui o cobiçavam tão intensamente que podia sentir seu desejo.

Ele deveria se deitar com um ou todos eles. *Vou ver o que dá pra fazer.*

Assim que a estilista terminou, Saroya olhou no espelho desdenhando o

resultado, mas o que ela poderia esperar, considerando as restrições de Lothaire?

Os suaves cachos a fizeram parecer ainda mais jovem, mais inocente. Menos poderosa. Embora detestasse sexo, fazia questão de parecer sexualmente receptiva, uma ilusão desejável, assim como a usada por uma planta carnívora.

Saroya apreciava atrair suas vítimas com promessas de realizar seus sonhos mais selvagens, só para entregar seus piores pesadelos. Ela se deliciava em imaginar o último pensamento lamentável de cada um: pensei que ela me quisesse.

Com sua voz áspera, Lothaire disse.

— Estou satisfeito.

Saroya o informou.

— Então, obviamente os mortais podem viver.

A mulher pensou que estivesse brincando e riu, mas se calou com a expressão impassível de Saroya.

Então Lothaire começou a apressar os humanos para fora do apartamento, antes que Saroya pudesse arranjar uma parceira para ele. Ele sem dúvida acreditava que com as objeções de sua Noiva fora do caminho, eles poderiam começar a dar prazer um ao outro de outras maneiras.

Quando ficaram a sós ele se voltou para ela, alcançando-a.

Como se orquestrado, seu estômago roncou.

Ele soltou sua mão.

— Você não comeu o dia todo?

Outro ronco.

Ele exalou, parecendo relutantemente divertido, como se achasse essa característica humana dela pitoresca.

— Tenho uma refeição preparada para você.

— Comer alimentos mortais? — Só de pensar ela ficou nauseada. — Eu me recuso.

— Você não pode recusar.

— Eu comerei se você fizer. — O vampiro poderia comer tão facilmente quanto um mortal poderia beber sangue, mas ele estaria igualmente relutante.

— Saroya, você sabe que não vai acontecer.

— Vou me alimentar quando puder beber sangue mais uma vez. Eu sinto muita falta disto.

— Você não tem estômago para isso agora?

Ela agitou sua cabeça.

— Eu tentei isto com Elizabeth. Ao primeiro sinal de náusea retrocedi para o fundo, radiante com o pensamento dela acordar vomitando baldes de sangue.

— As pequenas coisas da vida...

— E depois que eu forçá-la a ficar inativa, e daí? Você terá que alimentar este corpo humano até que eu possa transformá-la em um vampiro.

Repetindo suas palavras, ela disse.

— Nisto não cederei. Deixe Elizabeth se alimentar.

— Você quer que ela suba de vez em quando?

Caso contrário Saroya seria forçada a comer e satisfazer seus desejos.

— Você pode mantê-la prisioneira aqui quando eu recuar? Tem um guarda para proteger o corpo da Dourada enquanto você procura pelo anel?

Sua testa estava enrugada, sua mente já complicada trabalhando nos detalhes. Lothaire poderia ter os impulsos de um primata, mas sua mente a impressionava.

— Este apartamento está protegido de invasões e fuga. Está escondido de qualquer ser no Lore.

— Como?

— Conheço alguns dos modos antigos. — ele disse. — Usei um feitiço Druida para criar uma barreira invisível em torno do apartamento.

Nem mesmo Dourada poderia cruzar essa barreira.

— Então, onde está o bloqueio? — Em algum lugar nesta casa ele inscreveu, gravou ou pintou símbolos, um tipo de código. Poderia ser prudente saber onde, como também o código inverso para desbloqueá-lo.

55

— Dentro do meu quarto. — Antecipando sua pergunta, ele disse. — A combinação é atualizada durante o dia, no caso de um talentoso adivinho começar a espionar sua existência.

Ela deixaria essa mentira por enquanto.

— Excelente, vampiro. — Ela estava segura por conta das precauções que Lothaire tomou e convencida de sua dedicação para mantê-la segura, para devolvê-la à sua antiga glória.

Afinal, ele estava destinado a ela para sempre.

Sim, ela estava confiante. O suficiente para que se recusasse a chafurdar nesta concha mortal fraca além do necessário.

— Então você pode lidar com Elizabeth. E, quem sabe, fazer com que ela

ganhe mais carne nesses ossos? Lothaire, se puder confiar em você para que isto seja feito eu poderia dormir até minha transformação, construindo minha força. — Ela precisava dele para dominar Elizabeth à sua vontade.

— Dormindo o tempo todo? — Ele estava incrédulo. — Eu disse que pode levar um mês! Devo ficar sem minha mulher por todo esse tempo?

Cio animal!

— Um mês parece segundos para mim, mal será um descanso para me repor. E você se foi há tanto tempo. Além disso, não deveria ter tempo para uma mulher, porque deveria estar trabalhando incessantemente para achar aquele anel.

Ela podia vê-lo lutando para controlar seu temperamento.

— As circunstancias são diferentes agora. Minhas necessidades são fortes, e minha mente está focada nisso. Não posso perder minha concentração.

— Muito bem. Tentarei me levantar amanhã à noite. — ela mentiu.

— Não tente, Deusa. — Ele pegou seu pulso, forçando sua palma contra sua ereção latejante. — Eu sou um homem de sangue. Terei outra me aliviando desta dor. Você ou uma estranha. Decida.

Saroya puxou sua mão de volta, abrindo seus lábios para dizer a ele pra ficar com uma estranha.

Mas então percebeu que assegurar uma parceira poderia levar tempo afastando-o de sua busca, e seus flertes com outra limitaria o tempo que ele, pessoalmente, permaneceria com este corpo.

O que não faria. Não com Dourada em cena.

Uma ideia surgiu. Porque não deixar *Elizabeth* suportar suas paixões primitivas?

— Você pode se saciar com Elizabeth. — Pelo menos, até certo ponto. Saroya não queria seu templo favorito contaminado por descendentes de

Lothaire.

— Satisfazer-me com uma humana. — ele falou com desgosto. — Com esta humana?

— Eu te autorizo a usá-la à vontade. Apenas conserve sua reivindicação para mim, e não estrague sua pele ainda mais com suas mordidas.

56

— Você espera muito de mim, mulher.

Hora de acariciar seu ego.

— Isto é apenas temporário, meu rei. Eu só quero ser sua em todos os sentidos, para governar a Horda ao seu lado. Você é um homem grande e poderoso. Merece uma rainha que combine com você, Lothaire. — Ela se forçou a passar sua mão em seu peito. — Imagine uma eternidade derramando sangue juntos, caçando juntos, conquistando juntos...

Ela sabia que ele há muito tempo sonhava com estas coisas para ficar impassível.

A necessidade de Lothaire governar sobre seus irmãos não era somente obsessiva, era patológica.

O que encaixava em seus planos. Pelo resto do tempo ela se esforçaria para obter a divindade, mas no presente, aceitaria governar um reino de criaturas que viviam da maneira que ela estabeleceu...

Alimentando-se de outros, reivindicando a noite como seu próprio domínio.

É claro, finalmente ela seria a governante suprema destas criaturas, e Lothaire seria seu consorte servil.

— Como sua rainha, assentarei sua coroa sobre sua cabeça leal e me regozijarei enquanto todos os seres da noite tremem diante de você.

Suas sobrancelhas se juntaram, sua ânsia por isto quase palpável.

— Em breve, meu rei. — ela murmurou, um pouco antes de outra onda de tontura tomar conta dela. Ela se moveu para a beirada da cama, deixando-se cair.

Ele sacudiu duramente sua cabeça, ordenando.

— Lute com ela agora. Permaneça comigo.

— A garota está vindo. — Saroya irritada chutou seu salto alto para longe. — Não há nada que eu possa fazer, Lothaire. Basta usá-la!

— Blyad! Você não sabe o que está dizendo. Levante-se amanhã à noite, Deusa, ou sofrerá minha ira!

Suas pálpebras vibraram se fechando e a escuridão a levou.

57

Capítulo 9

Ellie acordou subitamente com uma respiração frenética.

Cada vez que se levantava era como se tivesse que abrir caminho lutando ao longo de um túnel escuro e silencioso, apenas para irromper numa corrente impulsiva.

Agora ela virou sua cabeça ao redor se encontrando em um quarto escuro sobre os lençóis mais macios que ela jamais imaginou.

Não na prisão — as memórias da tarde retornaram como uma onda se quebrando.

A boca quente de Lothaire no seu pescoço. Suas presas varrendo sua pele atrás de sangue. Sua língua serpenteando pelas gotas.

Ela estremeceu. Ele *provou* seu sangue. *Oh, meu Deus, vampiros existem.*

A possessão do demônio não foi apenas um obstáculo para uma garota de Appalachia, na casa de manipuladores de serpentes, falando em línguas e a

lenda de Mothman⁸.

Mas a ideia de um vampiro bebendo sangue, fazia seu mundo inteiro sair dos eixos.

E se isso fosse verdade, então não tinha nenhuma razão para não acreditar que Saroya era uma divindade.

Ellie lançou seus braços em cima do rosto, gemendo na miséria.

— Oh Deus.

— Eu não sou o Deus que você está se referindo. — Lothaire entoou de um canto escuro. — Mas para você eu poderia muito bem ser.

Ela deu um pulo na cama, esquadrinhando a escuridão. Seus olhos vermelhos brilhavam nas sombras como brasas.

— Você! — Seu pesadelo continuou. Conveniente, já que era noite lá fora agora. As cortinas estavam puxadas pra trás e uma brisa fria soprava entre as portas francesas abertas. Uma linha faiscando no horizonte ao longe.

Outro dia perdido. Mas ela supôs que todo tempo estava sendo emprestado agora.

Então ela avaliou seu corpo. Sem sangue?

Ela estava usando um vestido de seda quase indecente, com pulseiras e anéis que a adornavam.

Longas unhas vermelhas. Nenhuma pele escondida embaixo delas? Saroya sempre a deixava com as cenas mais horríveis. Então onde estavam os cadáveres?

— Será que Saroya... matou enquanto eu estava inconsciente?

— Não.

8 Lenda de Mothman, Homem Mariposa ou Homem Borboleta é uma suposta

criatura sobrenatural, que segundos relatos, apareceu em Charleston e Point Pleasant entre 1966 e 1967. Sua aparição está associada ao acontecimento de futuros desastres.

58

Ellie exalou com alívio.

— Minha Noiva estava muito cansada, por isso te chamou mais cedo esta noite. — Desde que Ellie o viu pela última vez, ele se limpou do sangue e se trocou, vestindo uma camisa de botão preta e calça comprida escura. — Mas sempre existe o amanhã.

— Se seu objetivo é me tornar infeliz, considere esta missão cumprida. — Ela sempre despertava de seus blecautes exausta e faminta. Ainda que não estivesse coberta de sangue se sentia suja e usada. —

Então, o que perdi? — Ela bateu com a palma da mão na testa. — Oh sim, agora me lembro, você é um vampiro.

— Eu sou. — Ele estava diferente em relação a ela. Mas por quê?

Como poderia estudar uma pessoa quando estava nos bastidores na metade das suas interações?

Ela não poderia lidar com seu humor também. Ele não parecia mais furioso ou louco, apenas se mantinha com tranquilidade absoluta.

Como um predador.

Ela engoliu em seco.

— Será que você bebeu mais do meu sangue enquanto eu estava fora?

Em um tom malicioso, ele disse.

— De alguma forma eu me contive.

O alívio a tornou corajosa e ela retrucou

— Seja sarcástico o quanto quiser senhor, mas você estava lambendo minha veia como um filho da puta antes que eu te chutasse.

— E você estava adorando. Gemendo e se esfregando em mim.

Ela olhou para longe embaraçada. Porque o que ele disse era verdade. O prazer que sentiu foi desconcertante...

— Você realmente não se lembra de nada do resto da tarde?

Ela balançou a cabeça secamente.

— Como é enlouquecedor não ter nenhum controle sobre seu corpo. Se você odeia tanto isto, então por que subir afinal?

— Porque este é o *meu* corpo. — Ela bateu no seu peito quase à mostra e as pulseiras tilintaram em seus pulsos. — Meu!

— Errado. Eu o reivindiquei. E logo você vai cedê-lo para outra mulher.

Ele iria expulsar sua alma! Ellie lembrou como se sentiu derrotada quando ele ameaçou sua mãe e seu irmão, até que percebeu que ainda tinha uma chance.

59

Se ela pudesse chegar a um telefone poderia ter certeza que sua família estava escondida. Então não haveria a influência do vampiro. Ellie poderia sair daqui — e Saroya com ela.

Este guaxinim ainda não está acuado...

— Se você estava pronta para morrer por causa disso, então porque não retroceder e permitir que ela decida por você? — Ele perguntou. — Você teria simplesmente dormido dentro da sua forma física, sem sentir mais dor, nem medo. Não haveria necessidade que eu a libertasse de sua alma.

— Estava pronta para morrer, para sumir com um assassino que mata homens de bem. Não lhe dar um passe livre. — Ela adicionou esta última frase distraidamente, sentindo como se algo não estivesse certo no seu corpo.

— Não continue lutando comigo, Elizabeth. Qualquer um que cruze espadas comigo perde. Isto é apenas um fato.

— Hum? — Alguma coisa estava definitivamente errada lá embaixo.

Com irritação crescente, ele disse.

— Cruzando espadas. Você perdendo...

— Sim, bem, talvez seja porque você nunca encontrou alguém como eu. Sou mais teimosa do que qualquer um que você já tenha encontrado.

— Uma declaração ridícula, de uma garota ignorante. Sou centenas de anos mais velho. Eu já encontrei milhões de pessoas.

— *Centenas?* Isso é velho! — Ela gritou. — Então bebedores de sangue são imortais?

— Vou te dar um instante para envolver sua mente insignificante em torno disto.

— Muita consideração sua. Mas não importa. Sou ainda mais cabeça dura do que qualquer um.

Posso ser mais teimosa que uma montanha. É minha natureza. — Porra, por que se sentia tão estranha entre as pernas?

Lothaire abriu a boca para dizer algo, mas ela o cortou.

— Tenho que usar o banheiro.

Ele exalou com irritação e apontou em direção a um corredor.

— Por ali.

Ellie levantou da cama, estremeando em seus doloridos pés manicurados. Um par de sapatos de salto agulha caído no chão.

Saltos, Saroya? Isto é cruel. Crescendo, Ellie ficara descalça uns bons sete

meses todos os anos. Na prisão, eles lhe deram chinelos.

Sapatos eram estranhos e saltos torturantes.

Descendo por um longo corredor ela avistou o banheiro. O interior era espaçoso. Um piso de mármore brilhava com balcões combinando. Toalhas felpudas, bonitas demais para serem usadas penduradas em uma prateleira aquecida.

60

Quando virou para se examinar no espelho que ia de parede a parede, ela ofegou com seu reflexo.

O vestido preto que usava era da mais fina seda, mas o decote ia até embaixo e seu umbigo era visível. Seus seios estavam transbordando; o tecido fino claramente delineava o pouco que estava coberto.

Estar exposta assim poderia tê-la envergonhado, mas a prisão, e tomar banho sem privacidade, acabou com qualquer indicio de modéstia que ela alguma vez possuiu.

Estava com um corte de cabelo novo e elegante e mãos e pés feitos por manicure, mas camadas de maquiagem cobriam seu rosto. Seus lábios estavam vermelhos brilhantes, seus olhos produzidos com sombra chamativa. Ela parecia uma versão de estrela pornô de si mesma. A maquiagem também escondia o arranhão que o vampiro fez. Ela examinou seu pescoço e seios procurando por mais mordidas, mas não encontrou nada. Então ele disse a verdade.

Considerando o modo como ele lambeu esse fluxo de sangue mais cedo, pensou com certeza que ele tinha mordido Saroya e terminado o serviço. Então por que se *conteve*?

Saroya deu a Lothaire sua virgindade ao invés disso? Do jeito que Saroya adorava assassinar os homens, ela não se aproveitou de um!

Ellie levantou a bainha do vestido e quase gritou. Saroya a depilou —

completamente.

— Mas que porra é essa? — Careca como uma bola de bilhar. — Quem fez isso? — Seu rosto esquentou.

A nudez era tão descaradamente sexual. Certamente Lothaire a deflorou hoje.

Ela se sentou no vaso sanitário com naturalidade tocando o que importava de fato, suavemente se sondando por dentro. Sem dor. Sua virgindade estava intacta.

Então, sem sexo e sem mordida? Será que os vampiros *faziam* mesmo sexo? Ela recordou quando ele lambeu seu sangue. Seus olhos se arregalaram. — Oh! — Ele teve uma ereção, estava enterrado contra suas costas.

Talvez a psicótica da Saroya tenha se negado a ele. Se ela fosse realmente uma Deusa, então quem sabe achasse que sexo estava abaixo dela.

Então porque a depilação?

Ellie fez xixi, lavou suas mãos, então voltou para o velho imortal milenar esperando por ela.

O quarto agora estava iluminado. Luminárias embutidas lançavam um brilho silencioso.

Assim que seus olhos se ajustaram, seu rosto chamou sua atenção e ela deu um tropeção. A primeira noite que o viu estava muito petrificada para registrar qualquer coisa sobre sua aparência, exceto: *demônio de olhos vermelhos!*

Hoje cedo ele estava coberto de sangue. Agora?

Querido Deus, ele estava... lindo. Todos os seus traços cinzelados e os cabelos loiro despenteados.

Até aqueles olhos assustadores não prejudicavam o resto do seu rosto, apenas o fazia parecer com uma espécie de anjo caído.

Assim que ela pode tirar os olhos dele notou outros detalhes, como o tamanho do quarto.

— Se isso apenas não estivesse tão apertado. — ela murmurou embasbacada com a altura do teto.

Decorado em tons de creme, o quarto era tão espaçoso que foi dividido em escritório, saleta e dormitório. A mobília era tão chique que temia tocá-la.

Contudo o colchão king-size estava diretamente no chão.

— Você tem algo contra cama com estrado?

— Vampiros gostam de dormir o mais próximo possível do chão.

— Mas não estamos no andar térreo.

— Vinte e cinco andares acima dele. Também aprecio estar na cobertura.

Ela nunca esteve acima de três andares antes! Ela avistou um parque enorme, exatamente além da sacada.

— Este é... o Central Park?

— O que tem isto?

Ela correu para o lado de fora. Olhando para as bonitas luzes. Melhor do que na TV.

Quando alcançou a grade da sacada foi puxada pra trás como se tivesse se chocado com uma parede invisível. Exatamente quando estava prestes a cair de bunda, Lothaire a agarrou de lado, mantendo-a na posição vertical.

Ele a puxou levantando-a, mas permaneceu próximo por trás dela. Em seu ouvido ele disse.

— Misticamente protegido, lembre-se. — Ele pegou seu pulso, forçando-a a

tocar a fronteira invisível.

Seus lábios se separaram quando sentiu a energia pressionando contra sua mão.

— Você não pode deixar estas instalações de forma alguma a não ser escoltada por mim. — Ele a liberou, mas não se afastou.

— De uma prisão para outra.

— Exatamente. — ele murmurou, colocando suas palmas sobre seus quadris.

Ela congelou, não sabendo o que fazer. Eles provavelmente pareciam para todo mundo como amantes olhando a linha do horizonte, em vez de um vampiro e sua prisioneira. Sua pele arrepiou consciente dele.

Por fim, ele a virou para encará-lo.

Pagaria para saber o que estava pensando.

— Como você faz para se mover tão rápido?

62

— Eu não me movo rápido. Vocês mortais é que se movem lentamente. — Seu olhar caiu no revelador decote em V do seu vestido.

— E como faz para desaparecer e aparecer?

— É chamado de rascar, que é como os vampiros viajam. — Ele franziu a testa, deixando cair suas mãos. — Já faz algum tempo desde que falei com alguém que sabe tão pouco sobre nosso mundo.

Inacreditavelmente é ainda menos do que sabe sobre o seu. — Ele começou a voltar para o quarto, falando por cima do ombro. — *Venha.*

Ela encontrou seus sapatos procurando no lugar. A única coisa que a manteve firme em sua teimosia foi sua incapacidade de receber ordens.

— Você realmente acha que é meu dono?

Ele a enfrentou com um olhar suave.

— Sim.

Eu o odeio!

— Então mais cedo, quando resolveu me informar como as coisas ficariam, basicamente me disse que serei uma escrava até o dia em que você acabar comigo.

— Com estas palavras. — Ele começou a rodeá-la, um estranho rondar que a assustou como o diabo.

Então ela levantou seu queixo.

— E para onde exatamente você enviará minha alma?

— Enviar? Hmm. Nem eu sei para onde vão as almas depois desta existência.

— Circulando, circulando. — Minha única preocupação é que deixe seu corpo.

— Se eu não me levar antes disso.

— Você não vai. — Vou usar sua fraqueza, seu amor pela sua família, para que não prejudique a si mesma.

— Você realmente é o tipo de homem que mataria uma mulher indefesa e uma criança? — Ela exigiu, embora tudo nesse homem gritasse que ele era.

Segurando seu olhar, ele respondeu.

— Farei isso sem hesitação para conseguir o que quero. Farei isso com prazer se continuar a me desafiar.

Ele é um animal... melhor tratá-lo como um, Ellie. Não demonstre medo.

— Implore por suas vidas agora, Elizabeth. Interceda por eles.

Com mais desafio do que já fingira, ela disse.

— Você me odiaria mais do que já faz. Então, farei melhor. Vou negociar com você.

63

— Negociar?— Ele repetiu parecendo intrigado. Então sua expressão se tornou fechada. —

Somente aqueles com poder podem negociar. Você não tem nenhum.

— É aí que você se engana. Eu impedi Saroya de subir algumas vezes no passado. Vou me lançar contra ela ainda mais. Não vou dormir ou comer. Não vou pensar em nada além de como enterrá-la tão profundamente que nunca verá a luz do dia. — Ellie pensou que ele ficaria furioso com isso.

Ao invés disso ele pareceu interessado novamente.

— Gosto de uma boa negociação. Mas também gosto de fazer meus inimigos implorarem.

— Você precisa de mim viva, mas precisa mais do que isso. Precisaré da minha cooperação. Então o que tinha planejado para mim depois que eu terminasse de implorar?

— Eu tinha planejado um jantar para você.

Ela estreitou seus olhos para ele.

— Eu certamente estou faminta, Lothaire. Poderia comer um cavalo nesse instante. Vê como é fácil para nós estarmos juntos?

Ele apertou seu queixo, duro.

— Cuidado, filhotinho. Se brincar comigo, não vai gostar quando eu entrar no jogo. — Ele inclinou sua cabeça para ela. — E por esta *facilidade* o que quer em troca?

— Não deixe Saroya matar.

Depois de um momento considerando, ele disse.

— Até que você vá embora? Concordo. E vai obedecer minhas ordens sem questionar, ou sua próxima infração equivalerá ao fim da sua família. Tente impedir Saroya de subir ou prejudicar a si mesma de qualquer forma e poderá também arrancar a cabeça do seu pescoço com suas próprias mãos. Você me entendeu, Elizabeth?

— E-entendi. — Então ela adicionou. — Entendi que toda a minha família está a salvo de você e de qualquer um que trabalhe com você, desde que eu esteja colaborando.

Ele franziu a testa como se espantado por sua temeridade. Ela suspeitava que fosse uma novidade para ele.

Então o que aconteceria quando a novidade passasse?

— Eu me perguntava se você estava louca. Agora decidi que deve estar. — Ele se virou e andou a passos largos em direção ao outro quarto. — Siga-me.

Tendo uma espécie de vitória, ela se arrastou atrás dele. A cada curva era confrontada com mais exemplos de sua riqueza, luxo como nunca imaginou, arte, tapetes orientais, equipamentos eletrônicos ultramodernos. Mas nem um único telefone ou computador.

Este lugar era um paraíso comparado a prisão. O ar era mais seco aqui, não carregado de umidade.

Enquanto sua ala estava saturada com o odor cítrico de urina, tudo aqui cheirava a novo.

64

O apartamento tinha duas alas com terraços extensos entre eles. Um terraço tinha até uma piscina.

Um paraíso comparado a *qualquer lugar*.

— Quantos quartos tem neste lugar?

— Mais de uma dúzia ao longo dos três andares.

— Você mora sozinho?

— A partir de hoje vivo com Saroya e uma prisioneira temporária.

Então um pensamento a atingiu.

— Estamos arrumados para comer *juntos*?

— Você não quer me ver beber o meu jantar?

Ela nunca teve escrúpulos quanto a sangue, caçou cervos com seu tio toda sua vida, eventualmente guiando suas próprias viagens de caça por conta própria. E os crimes de Saroya endureceram Ellie ainda mais.

Sem falar quando a cadela bebeu baldes de sangue...

Mas Ellie não negociou que *Lothaire* não poderia matar. Nem que não pudesse beber dela.

— O sangue em si não é um problema. Estou mais preocupada aonde você irá obtê-lo.

— Geralmente, de uma jarra na geladeira. Esta noite comerá sozinha. Estou aqui só para garantir que você ganhe peso. Preencha mais suas curvas. Saroya acha você magra demais.

Não havia absolutamente nada errado com suas curvas!

— Então, talvez vocês dois devessem raptar uma garota mais rechonchuda, uma já pronta que atenda as suas necessidades.

Ele apareceu ao lado dela num instante, sua mão fechando sobre um de seus cotovelos.

— Você é minha. Seu corpo é meu por direito. Eu o possuo. Quanto mais

cedo você aceitar isto, melhor será para você.

Ela tentou se libertar, mas seu aperto era como um torno.

— É você quem está louco.

— Devo retornar com a cabeça de sua mãe? Talvez eu a coloque como centro de mesa.

— Eu ainda estou cooperando! — Ele era a pessoa mais assustadora que ela já tinha encontrado!

Ninguém no interior das montanhas ou mesmo no corredor da morte poderia se comparar.

Seu sorriso se aprofundou.

— E quem é seu dono?

65

Diga as palavras! Force-se a dizê-las!

— É você.

Ele a liberou.

— Boa menina.

Capítulo 10

— Sente-se. — Lothaire apontou para a sala de jantar. Sobre a mesa havia louça, talheres de prata, dois lugares postos e utensílios suficientes para confundir a garota.

Elizabeth olhou ao redor.

— Quem cozinhou isso?

— Um chef veio mais cedo. — disse Lothaire, surpreso com sua lucidez persistente. Antes que Elizabeth acordasse ele observou os movimentos de seu peito, suas pálpebras ficando mais pesadas.

— Como o cozinheiro passou pelo campo de força? — perguntou ela. — Pensei que fosse impenetrável.

— É. — Na teoria a fronteira jamais poderia ser violada, protegendo-a contra as legiões de seres imortais que dariam qualquer coisa para matá-la ou capturá-la, só para punir ou coagir Lothaire.

Se eles conseguirem encontrar este lugar.

Mas Lothaire não correria nenhum risco. Em sua longa vida ele descobriu que, sempre que alguém descrevia algo no Lore como *sempre* ou *nunca* aconteceria, o destino *normalmente* provava que ele estava errado.

— Eu posso abrir quando quiser, é claro.

Quando ela escolheu o assento à direita no final da mesa ele retrucou:

— Ah-ah. Nesse não. Não se sente ali. Ele não pode controlar a prostituta mortal de Stefanovich tantos anos atrás, mas agora em sua própria casa, ele faria as regras para esta humana.

— Ok, ok. — Ela mudou de lugar na mesa, então se sentou.

— Continue.

Com um olhar ela desdobrou o guardanapo e o colocou no colo, então serviu porções em seu prato.

Quando começou a refeição tomando porções delicadas de vários pratos, ele observou que suas maneiras à mesa não eram tão grosseiras quanto esperava.

Ela escolheu esse momento para levantar uma garfada de *foie-gras*, deixando-o cair de volta em seu prato.

—O que é isso?

—Não é a comida provinciana com a qual está acostumada, mas vai se acostumar.

— Estou cheia.

A refeição mal foi tocada.

— Coma. Mais.

Quando ela começou a remexer e mordiscar, ele disse:

— Isso é salsa.

— A única coisa que eu reconheço.

— Coma mais um pouco de tudo.

Depois de uma pausa que teria revirado as vísceras de outros, ela cortou o rabo de uma lagosta succulenta, deu uma mordida hesitante então disfarçadamente cuspiu em seu guardanapo.

Duas coisas o atingiram. Ela nunca ter comido lagosta, e a pivete tola não gostar de lagosta. Até ele se lembrava do gosto.

O salmão não se saiu melhor. Logo haveria mais comida no guardanapo que em seu estômago.

— A refeição tem um cheiro delicioso, ou pelo menos deveria ter para um humano. — disse ele. —

Especialmente para um que poderia comer um cavalo. Está me desafiando outra vez?

— Eu nasci e cresci numa montanha, depois fui para a prisão. Nunca comi uma refeição como esta.

Frutos do mar sofisticados como estes. Se você queria que eu comesse peixe,

deveria ter sido um prato de

“John Silver Long”⁹.

Ah, melhor assim.

— Então, coma o pão.

Ela começou a passar manteiga num rolinho esquisito.

— Saroya realmente quer me engordar?

Quando ele balançou a cabeça, ela disse:

— E você está de acordo?

Ele a achava adorável como estava, quase irresistível, mas não tinha preferência. Mais carne significava mais do que ele já gostava. E Saroya seria a única que habitaria o corpo pela eternidade.

— Se a minha Noiva quer, então estou de acordo.

— Tudo bem, mas não diga que não avisei, porque pão demais faz minha bunda ficar enorme. — Ela deu uma mordida.

9 John Silver Long’s é uma cadeia de fast food nos EUA à base de peixe e frutos do mar e tem mais de 1200

estabelecimentos espalhados ao redor do mundo.

67

— Notável.

— Você fala engraçado. Seu sotaque é europeu?

Ele revirou os olhos.

— É russo.

— Espere! Você disse Noiva? — Elizabeth engasgou. — Você se casou com ela?

O vampiro exalou impaciente, sentado à cabeceira da mesa.

— O casamento é desnecessário para minha raça. Nosso vínculo é muito mais forte.

— Do que o quê?

— A Noiva é companheira de um vampiro, a fêmea destinada somente a ele. Saroya é a minha.

Ellie processou a informação— *mantenha a mente aberta* — então perguntou:

— Como sabe que é ela?

Ele inclinou a cabeça daquela forma avaliadora, como se considerando os prós e contras de responder a ela.

— Ela me fez sangrar. — Diante de seu olhar questionador ele disse: — Cada vampiro adulto do sexo masculino anda como morto-vivo até que encontre sua companheira e ela o faz sangrar, trazendo-o de volta à vida. Saroya fez meu coração bater novamente e meus pulmões se encherem de ar. — Em um tom rouco, ele acrescentou: — Entre outras coisas.

— Como sabe que não sou eu quem está... te fazendo *sangrar*?

Um músculo repuxou em seu queixo.

— Porque o destino não me desprezaria tanto. Eu procuraria o sol do meio-dia se fosse emparelhado com alguém como você.

— Alguém como eu. — ela repetiu suavemente. Foi ridicularizada muitas vezes a sua vida inteira para se ofender. Sua pele era tão grossa como uma armadura.

— Sim, você. Uma ignorante, uma garota que trabalha no caixa do supermercado Kmart. — Ele pegou a faca mais afiada da mesa, girando-a distraidamente entre o polegar e o dedo indicador esquerdo.

— Kmart? Eu não tive tanta sorte. Esses empregos eram difíceis de encontrar. Eu trabalhava na loja de departamento do meu tio.

— Então você é ainda pior. É uma garota que trabalha como caixa da loja de departamento com aspirações de trabalhar no Kmart.

— Ainda melhor do que ser um demônio.

68

— Saroya não é um demônio. — ele sibilou. — Eu também não sou um deles.

— Oh, é mesmo, ela é uma *Deusa*. E você é um vampiro. Suponho que os duendes são reais, também. E metamorfos? — Então seus olhos se arregalaram. — O Homem Mariposa é real?

Na Virgínia todos ouviram falar do demoníaco ser alado, com a órbita dos olhos vermelhas.

Continuava a ser avistado voando na escuridão do pó de carvão.

O xerife que prendeu Ellie, brincava com os outros dizendo que podia ter visto Mothman na noite de sua prisão, um encontro divertido no isolado topo da montanha Peirce.

— Tudo o que sempre sonhou é real. — disse Lothaire. — Toda criatura chamada de mito.

Chamamos nosso mundo de Lore. E só para registro, Mothman é um sem noção.

Seus lábios estavam entreabertos.

— Como os de sua raça não se revelam para os humanos?

— Somos punidos quando nos revelamos desnecessariamente como imortais.

— Então, todos esses “mitos” estão lá fora secretamente, vasculhando as ruas?

—E governando, estrelando filmes, infiltrando-se nas monarquias humanas. Sua espécie é notoriamente fraca e desatenta em relação aos Loreans, de modo que vagueiam livremente sobre a terra, Deuses andando entre os de sua espécie.

Um pensamento horrível a atingiu.

— Se você bebeu meu sangue, será que me transformarei em vampiro também? — *Diga não, diga não, diga não.*

Ele exalou.

—Se fosse assim tão simples.

—Oh, graças a Deus!

O vampiro não gostou nada disso. Tensão zumbia pelos seus poros. Pressionou a ponta da faca que segurava contra a almofada de seu polegar direito, girando até que o sangue começou a escorrer.

O silêncio reinou.

—Lothaire?

Ele não respondeu. *Gotejando, gotejando...*

Ela mexeu com o guardanapo. A estranha calma intensificava seu nervosismo.

A prisão foi um ataque contínuo aos seus ouvidos. Durante o dia as presas batiam nas grades, guardas subindo e descendo degraus de aço. Soava como uma gaveta de talheres bagunçada sendo aberta e fechada várias vezes.

À noite, misteriosos gemidos de prazer e dor ecoavam da ala. Gritos ecoavam. O serial killer do outro lado do corredor gostava de sussurrar para ela no escuro...

Finalmente Lothaire grunhiu.

— Eu tive mortais me implorando para convertê-los. A maioria dos humanos daria qualquer coisa para se tornar imortal. É considerado um dom inestimável.

Ela olhou para todos os lugares, menos para a nova lesão dele.

— Eu nunca iria querer isso.

— Nunca adoecer, nunca envelhecer?

Ellie tinha um talento inato para a empatia, para se colocar no lugar dos outros. Agora imaginava como seria viver milhares de anos, como Lothaire aparentemente vivia.

Como ele poderia saborear cada dia de sua vida quando a oferta era ilimitada? Como poderia alguma vez experimentar o maravilhoso e o excitante?

— Tudo que posso pensar é que seria desgastante.

Uma sombra passou em sua expressão?

— Então, se não estou realmente transformada em vampiro — disse Ellie —, e não é tão simples fazer, como você e Saroya ficarão juntos?

— Eu procuro um anel. Ele tem o poder de transformá-la em um vampiro.

— Fazer um vampiro? No *meu* corpo? Se ela é uma Deusa, porque está grudada em mim como um carrapato?

Ele simplesmente olhou para ela com aqueles olhos assustadores, girando a faca quando seu sangue formou uma poça na superfície da mesa.

Embora a estivesse aterrorizando, Ellie continuou pressionando.

— Por que ela estaria dentro de *mim*, a garota do caixa? Por que deveria acreditar que ela é...

divina?

— Entenda, garota. Eu não minto. Nunca. Ela foi amaldiçoada em uma forma humana.

— Quem a amaldiçoou? Por que colocá-la em *mim*? — Vendo que ele não tinha a intenção de responder, ela disse: — Olha, vocês estão tirando meu corpo do negócio. Não estou recebendo nada. Você disse que gostava de uma boa barganha? Deve reconhecer que esta não é exatamente uma troca justa.

Mataria me dizer por que ela precisa do *meu* corpo?

Seus olhos tinham um olhar distante e sua cor se aprofundou, dizendo a ela que sua mente estava vagando. *Dissociação?*

Ela viu o mesmo olhar hoje cedo quando ele estava passeando de um lado para o outro. Ocorreu a ela então que esse vampiro não era apenas o mal.

70

O Inimigo do Antigo poderia ser clinicamente insano.

— Outra Deusa a amaldiçoou com a forma de um mortal. — Lothaire finalmente disse, lutando para refrear a loucura. *Foco*. — Eu não sei por que *você* foi a escolhida.

— Que Deusa?

Saroya tinha uma gêmea, Lamia. Cada irmã retirava sua força da vida — Lamia de criar e salvaguardar, Saroya de colher e consumir as almas.

Quando Saroya fez uma proposta para mais poder, matando

indiscriminadamente e perturbando o equilíbrio, Lamia juntou forças com outros Deuses e amaldiçoou Saroya para experimentar a morte inúmeras vezes como humana.

— A maldição da mortalidade. — ele murmurou. — Poderia haver algo pior? Ele olhou para baixo, surpreso ao encontrar a ponta da faca em seu próprio polegar.

— Lothaire, *por quê* ela foi amaldiçoada? — Elizabeth continuou negligentemente.

Ele lambeu sua ferida que estava gotejando de novo.

— Porque ela é igualzinha a mim. — Um ser insaciável pelo poder. — Ela viu uma chance de ganhar mais e tomou.

— Eu não entendo.

— Caralho. Não me importo uma porra. — Ele estava ficando cansado dos outros agindo como se ele apenas pronunciasse disparates. Ele matou a maioria daqueles que lhe davam um afiado olhar questionador.

Mas não poderia prejudicar a humana diante dele, a mulher com seus firmes olhos cinzentos testando sua paciência. Ele olhou para ela por um longo tempo, surpreso ao se encontrar se sentindo mais próximo.

— Como pode uma garota que veio do meio do mato que jamais encontrou algo tão... improvável?

Sem quebrar o contato visual, ele se recostou na cadeira.

— Eu me perguntei constantemente desde que a vi pela primeira vez. Afinal de contas, no começo eu não tinha ideia de que você fosse nada além de uma simples humana, não tinha ideia de como *eu* poderia estar ligado a você.

Por que ele estava tão empenhado em conversar? Talvez porque soubesse que ela levaria os segredos dele para o túmulo? E em breve?

Por alguma razão as palavras pareciam tê-lo abandonado.

— Imagine a minha miserável decepção com você, mulher. Lothaire, o Inimigo do Antigo, o vampiro vivo mais temido, filho de um rei e neto de outro, emparelhado com uma mortal? Ainda mais uma mortal sem distinção. Eu sou levado a crer que o seu povo é pior do que os camponeses.

71

Em vez de indignação, a curiosidade acendeu seu rosto.

— Espere. Cheguei primeiro? Você não me encontrou por causa dela? Ei, você está dizendo que é um príncipe?

— Sim, os camponeses. — ele repetiu lentamente. — O ser mais humilde, mais baixo entre os humanos. — Então ele enunciou. — Caipiras excessivamente retrógrados e vulgares.

— Já fui chamada de coisas piores, senhor. — Ao ver as sobrancelhas dele levantadas, ela exalou impaciente. — Contrabandista, atendente, Elly May Clampett¹⁰, Mamãe Montanha, caipira, Bessie rural, jeca, sertaneja, lixo de trailer, camponesa, e mais recentemente, vigarista do corredor da morte.

— Sem referências à mineração? Estou desapontado.

Tristeza brilhou em seus olhos expressivos.

— Meu pai morreu num desmoronamento na mina. Desde então nenhum dos meus parentes trabalhou novamente embaixo do chão.

— Naturalmente a grande e má companhia de carvão foi a culpada?

—Tenho certeza de que existem boas e seguras companhias de carvão lá fora, Va-Co não é uma delas. A mineração acabou para nós.

— E foi assim que vocês permaneceram terrivelmente pobres.

— Acho que sim. Na verdade os insultos só machucam quando vem de alguém que eu respeito.

— Então ninguém te ensinou a respeitar seus superiores?

— Você acha que é melhor do que eu porque é um príncipe? —ela soava incrédula?

— Eu sou um rei deslocado de duas facções de vampiros. Agora trabalho para recuperar meu trono.

— *Por que estou dizendo isso?* Ele não dava à mínima se ela o respeitava. — Quanto aos outros, acho que sou melhor que você porque é comprovadamente inferior a mim em todos os sentidos. Riqueza, inteligência, aparência, linhagem, devo continuar?

Ela acenou a distância.

— Como me encontrou? Você é obviamente rico e, oh, *realeza*, por que estava numa das áreas mais pobres da América?

Ele entreabriu os lábios para dizer que se calasse, mas ela obedientemente deu outra mordida no salmão, desta vez para realmente engolir.

— A chegada da minha Noiva fora predita. Um oráculo previu quando e onde ela estaria. Mas não *n o quê*. — O mesmo oráculo que o ajudou, um fey chamado Hag.

Ele olhou para o prato de Elizabeth. Ela deu outra mordida.

10 Elly May Clampet é a atriz da comédia Família Buscapé, famoso filme sobre uma família de caipiras.

—Eu te encontrei quando você tinha quatorze anos, mas não aceitou meu sangramento. — Ele assumiu que ela era muito jovem. — Decidi na época que nunca retornaria, andaria como os mortos antes de estar amarrado a uma criatura como você. — Sem importar que ela prometia se tornar fisicamente adorável.

— Então por que voltou?

— Pura curiosidade. — Poderia ter sido pura, mas o *atormentou* tanto que teve de voltar para vê-la três vezes mais.

Quando ela tinha quinze anos, uma mulher desabrochando, ele a encontrou uma noite nadando com um garoto, ansiosamente explorando beijos com ele. Aos dezessete anos, ela estava quase deslumbrante, com sua pele beijada pelo sol, olhos bem claros e feições marcantes, mas ainda muito humilde para tentá-lo.

Até um ano depois...

— Justamente quando prometi te rejeitar para sempre, encontrei você na floresta em um altar improvisado, rodeada por corpos.

A expressão Elizabeth endureceu.

— Não era *eu*. Era Saroya.

— Sim, Saroya. — ele suspirou. Coberta de sangue coagulado da cabeça aos pés, atrevida e letal, ela o fez sangrar pela primeira vez.

Agora ele encarava o passado de Elizabeth, saboreando a lembrança daquela noite...

Entre as respirações inexperientes, ele perguntou:

— *Quem é você? — Ele sabia que a consciência mortal tinha desaparecido, sentiu a ausência de Elizabeth.*

Diante dele havia uma outra entidade.

— Sou Saroya, vampiro. — Seu sotaque tinha mudado. — Sua Deusa, presa na mortalidade.

Todos os vampiros sabiam que Saroya foi enganada com seu plano majestoso, amaldiçoada por sua irmã a viver dentro de humanos escolhidos ao acaso, um após o outro, repetidamente, experimentando sua própria morte através deles.

Se Lothaire sentiu qualquer dúvida sobre sua identidade, ela eliminou falando com ele em russo, seu sotaque próprio da realeza. Não havia nenhuma maneira de uma camponesa ignorante de dezoito anos de idade saber a língua.

E, além disso, Lothaire merecia uma Deusa. Ele sabia que o destino não o emparelharia com a humilde Elizabeth Peirce!

Por milênios ele procurou governar a Horda Vampira. Como eles poderiam negar a sua reivindicação com Saroya, a protetora dos vampiros, como sua rainha?

— Eu sangrei você? — ela perguntou de maneira delicada.

73

— Sim. Sou Lothaire, seu companheiro...

— Não tenho companheiro e não aceito nenhum mestre. — ela retrucou. — Sou uma Deusa!

— Isso é uma vergonha. — ele respondeu suavemente, ignorando seus novos batimentos cardíacos e o enrijecimento insuportável de seu membro, negando a necessidade de reclamá-la, de afundar suas presas profundamente em sua carne. — Porque se você fosse minha, eu encontraria uma forma de extinguir a alma humana e em seguida tornar o seu corpo imortal.

— Lothaire? — Ela estreitou os olhos. — Um antigo com grande poder, descendente de duas linhas reais. Até eu ouvi falar de você.

— E em breve vou me apoderar dos meus reinos. Terei minha rainha imortal

ao meu lado.

Ela se aproximou.

— Você poderia me imortalizar nesse corpo?

— Com o tempo eu descobriria uma maneira. Nada poderia me impedir.

— Mas você deseja se acasalar comigo agora? Para completar a troca de sangue.

Cada vampiro experimentava sua primeira liberação ao tocar o corpo de sua Noiva. A maioria dos vampiros simplesmente acasalava com suas mulheres, mas Lothaire sabia que não podia. Riscando a poucos centímetros dela, ele tocou sua nuca com a mão trêmula.

— A única coisa maior do que a minha necessidade é minha força. Seu corpo mortal é muito frágil para eu reivindicar. Mas devo acabar com isto.

— Então não entregarei este corpo até que você destrua a alma de Elizabeth e me faça completa.

Por enquanto, você deve ter sua liberação física de alguma outra forma...

— Lothaire? — Elizabeth interrompeu seus pensamentos.

Lembrando do interlúdio com Saroya, lançou a garota um olhar de ódio renovado. Naquela noite ele e a Deusa conversaram até o amanhecer, discutindo seus objetivos. Inúmeras vezes ele descobriu o quanto ela combinava com ele.

Saroya era sua parceira de todas as maneiras, uma rainha para quem até mesmo Ivana se curvaria.

Blyad! Como sua Noiva poderia esperar que ele usasse Elizabeth? Talvez Saroya não tivesse visto a dicotomia entre as duas mulheres, mas estava claro para Lothaire.

Seria como ter uma mulher completamente diferente.

Assim que Saroya compreendesse melhor suas circunstâncias, ela não estaria tão entusiasmada para que Lothaire desfrutasse a outra. Ele imaginou como se sentiria se a situação fosse o inverso.

Assassinato.

74

Ainda que tivesse desprezado Elizabeth em sua adolescência, foi equivocadamente protetor com ela. Quando a viu beijando aquele garoto Lothaire jogou sua caminhonete no vale. O garoto correu pra fora da água para investigar, então Lothaire o jogou no vale também...

Talvez Saroya não sinta ciúmes por que não sente nada por você, uma parte de sua mente sussurrou.

Sim, Lothaire se orgulhava de prever as ações dos outros. Ele realmente poderia antecipar Saroya se levantando para ele amanhã à noite?

Embora mal pudesse acreditar, a Deusa não se convenceu dos encantos dele. Um absurdo, ele sabia, mas quem podia compreender a mente das mulheres?

Lothaire resolveu mimá-la ainda mais e demonstrar sua destreza na cama, a fim de garantir que ela necessitasse dele para outras coisas.

Ele exalou. Passou tanto tempo desde que teve relações sexuais que não poderia ter mantido qualquer destreza. Sorriu, pensando: *Talvez eu deva praticar com Elizabeth.*

A sacudida repentina da luxúria o pegou como um soco, desmanchando seu sorriso. Ele desviou seu olhar para ela. Estudando os olhos cinzentos encontrando os seus.

A ideia era boa.

Ou talvez eu esteja me pegando a qualquer coisa, racionalizando por que quero tocar a humana.

Não, sua Noiva compartilhando um corpo estava confundindo sua mente

sofrida. Essa era a única razão para que a desejasse.

A menos que eu seja mais parecido com meu pai do que gostaria de admitir?

Capítulo 11

— Eu tenho trabalho a fazer. — disse o vampiro enquanto riscava Ellie de volta para o quarto, deixando-a cambaleando. Ela se acostumaria com o teletransporte?

— Você ficará aqui até que eu volte para você.

— Trabalho? Voltar ao seu trono?

— Você sempre faz tantas perguntas?

— Você sempre responde tão pouco a elas? — Ela respondeu, ganhando outra cara feia. — Apenas me fale. Se Saroya é tão extremamente importante pra você, então por que a deixou na prisão?

— Estava certo que você estaria fisicamente segura ali.

— E mentalmente?

75

— Eu não poderia me importar menos. Só me preocupo com seu corpo.

Típico de homem.

— Contra o que preciso ser protegida?

— Eu sou Inimigo do Antigo. Há muitas pessoas que prejudicariam Saroya para me atacar pelas costas.

— Prejudicá-la. No *meu* corpo.

Ele segurou seu queixo, sua pele surpreendentemente quente.

— Como eu disse esta protegida aqui, menina. O único que precisa temer é a mim.

O que significava que este era o último lugar em que ela deveria estar. Ellie podia arrombar uma fechadura, mas como fugir de uma prisão invisível? Se existiam fechaduras místicas, existia pé de cabra místico?

— E meus pertences? Escova de dentes, roupa de baixo, et cetera?

— Qualquer coisa que você precise esta no banheiro. Qualquer roupa — ele abriu uma porta no corredor — fica aqui. — Ele revelou um armário tão grande quanto seu velho trailer.

Seus pensamentos se apagaram quando ela entrou. Vestidos, casacos, bolsas, calças em todos os lugares. Deveria haver várias dezenas de pares de sapatos, casacos e ainda mais blusas. Com os olhos arregalados, ela girou no lugar.

— Estas são as melhores roupas que já vi!

Lothaire inclinou seu ombro contra a porta.

— Elas seriam. Costureiras Appalachianas estão supostamente em falta.

Sabia que ele a estava insultando agudamente, mas escolheu agir como se estivesse brincando. Ela lutou de igual para igual com ele e perdeu. Agora tentaria outra tática.

Sua mãe sempre disse: "Você ganha mais com mel do que com vinagre. E quando não funcionar, passe para o chumbo grosso".

Ellie concluiu que poderia ter usado o chumbo grosso cedo demais. Agora ela disse:

— Appalachian e alta costura? — Colocando um pouco de contradição na voz.

Ela serpenteava em direção à parte de trás, navegando de prateleira em prateleira.

Em casa ela tinha poucas roupas, alguns pares de jeans bem gastos, alguns vestidos de verão, algumas camisetas, botas. Em seguida, na prisão, quatro uniformes alternados.

Esta seleção era esmagadora.

— Arrumou tudo isso pra Saroya?

76

Ele parecia mais relaxado do que estava na sala de jantar, talvez olhando para ela com um pouco menos de hostilidade.

— Sim.

Ellie tentou imaginar a reação de uma Deusa.

— Ela deve ter delirado.

— Ela desejou cada peça de roupa e bugiganga. — disse ele, seu sotaque russo acentuado.

— E você apenas comprou tudo isso pra ela? — Ellie estalou os dedos. — Só assim?

— É claro. Ela é minha mulher.

— Ela deve te amar muito. — Ele não disse nada, apenas cruzou os braços no peito musculoso. —

Ela ama?

— Eu já disse, ela é minha Noiva predestinada.

Se ele estivesse dizendo a verdade sobre nunca dizer mentiras — isso poderia ser uma mentira? —

Então Ellie podia ver sua resposta como um desvio.

— Você ama Saroya?

— Quando os mortais me fazem perguntas incessantes, costumo arrancar sua língua fora e vê-los sangrando até a morte.

Em vez de ficar horrorizada ela pensou, *definitivamente um desvio!*
Problemas no paraíso? Fazendo seu tom casual, ela disse:

— Bom saber sobre as línguas. — as pontas dos seus dedos avermelhados arrastaram amorosamente sobre o couro amanteigado de um casaco. — Posso experimentar este?

Quando ele deu de ombros, ela escorregou para dentro do casaco, seus olhos se fechando pesadamente quando o abraçou próximo a ela.

— Lothaire, eu não poderia ter sequer imaginado coisas como esta.

— Novamente, terei apenas o melhor.

Por que uma Deusa como Noiva, em vez de uma mortal? Uma divindade, ao invés de uma camponesa que ele achou tão carente e que observou por anos, decepcionado com a escolha do destino para ele?

E o tempo todo ela nunca soube que um vampiro a mantinha na mira. Parecendo tomar uma decisão, ele caminhou até uma cômoda polida contra a parede de trás. Depois de abrir uma gaveta rasa, ele retornou ao seu lugar na porta sem dizer uma palavra.

— O que tem ali dentro? — Joias. Enormes. Brilhantes. — Oh... meu... Deus.
— Ela ofegou. — Não consigo recuperar o fôlego.

Ao mesmo tempo ele riscou ao lado dela segurando seu braço, desta vez mais gentilmente.

77

— Obrigada, Lothaire. O brilho me cegou. — E ela não podia ajudar, mas achava que apenas uma daquelas pedras provavelmente sustentaria toda a sua família por anos. *Poderia manter a companhia de carvão longe deles...*

— Você reage assim, mesmo que nada disso nunca seja seu?

Em um tom defensivo, ela disse.

— Elas ainda são bonitas. Ainda estou feliz por poder vê-las. — Ela se afastou dele, mas ele a virou para si.

Ela o fitou, imaginando como seria ter um homem comprando coisas assim para ela. *Por me querer tanto, ele mataria por mim.*

Suas sobrancelhas se juntaram. Ela percebeu que eram mais escuras do que seu cabelo, barras negras em um rosto esculpido com a pele tão suave e pálida quanto o mármore.

Como se incapaz de se impedir, ele arrastou seus dedos através do cabelo dela.

Normalmente ela gostava de ser acariciada desta forma, poderia se tornar dócil como um gatinho.

Mas, agora, um assassino a tocava. Deixou os fios fluírem através de seus dedos espalmados, seu olhar seguindo o movimento.

Acariciando, acariciando...

Surpreendentemente, um pouco da sua tensão começou a deslizar. Ele deixou a mão cair.

— Vou deixá-la sozinha em sua suíte por algum tempo. Você estará *sozinha*. — ele falou em um tom insistente. Como se estivesse discutindo consigo mesmo. Voltou-se para uma porta lateral onde havia uma câmara ligada a dela. Era *dele*? Bem, era bastante acolhedor.

— Não há escapatória, nem telefone. Considere este quarto sua nova cela.

Ela o seguiu.

— Espere, o que devo fazer?

— Vá para a cama ao amanhecer. Acostume seu corpo a dormir durante o dia.

— E amanhã? E daí? Você disse que eu teria um mês de vida. O que espera que eu faça com esse tempo?

— Ganhe peso. — Ele bateu a porta na cara dela.

Ellie olhou para os painéis da porta sólida com os punhos apertados.

— Imbecil! — Ela puxou a maçaneta da porta. Trancada!

Ela varreu seu olhar ao redor da sala. *Minha nova cela?* Não importa o quanto fosse aberta e arejada, ainda permanecia presa. Odiava estar confinada! Correndo as portas francesas na sua varanda, ela respirou profundamente o ar da noite.

78



Nova York estava diante dela, todas as luzes brilhando com energia. Como ela queria estar lá embaixo! Imaginou todos os lugares para explorar, todas as pessoas novas e interessantes que poderia encontrar.

Mas nunca teria a chance. Porque havia barreiras místicas, Deusas e arrogantes sanguessugas.

Ela caminhou de volta pra dentro, pegou o banquinho da cômoda e o jogou na barreira. O

banquinho bateu e voltou, pulando em sua direção. Ela começou a rir

histericamente até que ele bateu em sua canela. Deixaria uma marca.

Ha-ha, Saroya. Preto e azul é a sua cor. Ela estava prestes a bater seu rosto na maçaneta da porta quando se lembrou que não só se prejudicaria, mas arriscaria sua família.

Então marchou para o banheiro. Olhando pra si mesma com toda aquela maquiagem, com este vestido sexy de Elvira¹¹, era como olhar para Saroya. Pela primeira vez Ellie estava vendo como a Deusa preferia sua aparência.

Ela ligou a água quente para lavar o rosto.

— Odeio você mais do que o inferno, Saroya.

Um psicólogo poderia ter um dia de campo com isso. Olhando para o espelho com ódio?

Afirmações diárias se transformaram em acusações diárias? Droga, eu deveria estar morta agora! Mas a cadela a impediu mais uma vez.

— Você pode ter ganhado essa batalha Saroya, mas vou ganhar a guerra. Vou destruí-la de alguma maneira. — Mesmo que dissesse a si mesma essas palavras com coragem, Ellie lutou contra o pesar em relação a sua situação.

Parte dela ainda desejava outra chance, a possibilidade de viver. Por que *ela* tinha que fazer esse sacrifício? Por que cairia com ela?

Mas há muito tempo se resignou ao seu destino. Recolhendo a água em suas mãos, disse:

— Seu grande final está rolando como uma tempestade. Sem parar. — Ela limpou o rosto mais forte do que o necessário, livrando-se da pintura de guerra de Saroya.

Outra espiada para o espelho. *Estou de volta*, pensou, embora a presença da Deusa se escondesse dentro dela, corroendo-a como um câncer.

Após secar a pele macia, Ellie voltou para o closet. Vasculhando as peças, vestiu um jeans e uma blusa azul marinho simples. Sentindo-se mais como

Ellie, deixou seus pés descalços. Incapaz de se conter, furtivamente lançou outro olhar para as joias. Ela se lembrou da forma como Lothaire tinha mostrado a ela.

Sem uma palavra, sem se gabar.

Por que se importava que Ellie as visse? Tinha esperado uma reação alucinada? Imaginou que ficaria louca como Saroya?

11 ***Elvira, Mistress of the Dark*** é um filme dirigido por James Signorelli, na década de 80

79

Então franziu a testa. Lothaire nunca dissera nada que indicasse que ele e Saroya gostavam um do outro, muito menos se amavam. Falou apenas de destino e *sangrar*.

Perguntas sobre ele surgiam incessantemente. Será que ele ama a Deusa? Por que não tinha se deitado com sua Noiva? Todos os vampiros seriam tão cruéis como ele?

Ela desejava que pudesse analisar Lothaire em seus momentos de lazer, talvez usar seu diploma em benefício próprio. Uma das razões pelas quais estudou psicologia foi que sempre achou fácil simpatizar com os outros. Uma ferramenta útil para um conselheiro. Mas a psicologia era a ciência do comportamento *humano*. Ele era *desumano*...

Teria apenas que trabalhar mais para descobrir o que tornou Lothaire um parasita, usando qualquer meio necessário.

Quando saiu do closet, lembrou-se que antes eles não *saíram* pela porta principal da sua suíte. Eles riscaram ali dentro. Ao contrário do quarto contíguo de Lothaire que estaria desbloqueado. Nem teria que escolher.

Talvez, quando ele saísse, ela investigaria o lugar. Será que se atreveria a desobedecê-lo? Ele provavelmente nem sequer saberia que ela se esgueirou. Com esse objetivo em mente, ajoelhou-se na fresta da porta do seu quarto

para ouvi-lo.

Ela ouviu o farfalhar de lençóis e uma praga abafada. Ele foi *pra cama*? Depois de contar que tinha trabalho a fazer? E era essa sua jornada de trabalho?

Novamente ela pensou, *típico de homem*.

Espere. Ele... *gemeu*?

Eu nunca vou dormir com essa ereção.

Embora Lothaire estivesse exausto, ele latejava por alívio, impossível ignorar. Ele não podia se virar de frente sem que seu eixo esbarrasse no colchão, não podia virar de costas sem suas mãos descendo para masturbar seu comprimento.

Mas estaria condenado se derramasse sozinho quando estava de posse de sua Noiva.

Seus olhos se estreitaram quando a mortal se ajoelhou na porta que dividiam. *Acabaria gritando e jogando coisas, Elizabeth?* Podia ouvir sua leve respiração ofegante pela fresta debaixo da porta.

Ela o espiava? Lothaire era um mestre em espionagem, gostava de mais algumas coisas. Ao longo de sua vida, ele observou incontáveis seres tendo sexo, era um voyeur descarado. E notou que cada vez que um casal se aproximava do clímax, chegava a um ponto sem retorno, quando todos os sentidos e inibições eram perdidos, um ponto que quando ultrapassado nada poderia separá-los.

Lothaire sempre teve conhecimento do que estava fazendo, sempre capaz de parar.

Agora temia que se ele se aproximasse esta noite do clímax, se cruzasse essa linha, jogaria Elizabeth em sua cama. Ele a teria nua e enterraria seu pau e presas tão profundo dentro dela, que não saberia onde ela terminava e ele

começava...

Não. Não vou me rebaixar para uma mortal.

80

Lothaire *podia* esperar Saroya levantar amanhã à noite. Ele esperaria, jurou a si mesmo, enquanto sua mente sussurrava: *Ela não vai se levantar.*

Mas como dormir?

Ligou o metrônomo¹² ao lado da sua cama. *Tick... Tack... Tick...* Calmante, mas não o suficiente para combater a dor persistente em suas bolas. Talvez ele devesse se drogar como seu ex-carcereiro costumava fazer, Declan Chase, um soldado irlandês da Ordem conhecido como o Magistrado.

Lothaire se sentou, esfregando sua testa. Ele escapou da prisão da ilha da Ordem ontem? Parecia que se passaram semanas.

A menos de 24 horas atrás Chase fora mortalmente ferido. Lothaire deu ao Magistrado seu sangue em troca de sua própria liberdade. Lothaire faria qualquer coisa para chegar a Saroya antes da execução.

Mesmo outra barganha. Tentar transformar Chase em um vampiro para salvar Saroya.

Séculos se passaram desde que Lothaire transformou um vampiro. *Talvez eu seja um senhor mais uma vez?* Mas o sangue não era garantia. Chase ainda estaria vivo?

Meu inimigo. E potencialmente minha prole. Ele franziu a testa sem saber como se sentia sobre isso. Especialmente pelo fato de que Chase torturou Lothaire durante sua prisão.

Embora o Magistrado tenha sido brutalmente torturado quando era um rapaz — e portanto sabia o que diabos estava fazendo — Lothaire apenas riu da dor. Mesmo quando sua pele se queimou até as cinzas.

Chase não compreendeu. Nenhum sofrimento poderia se comparar a se

esconder na neve enquanto escutava como sua mãe era brutalmente estuprada e queimada viva. Nenhuma crueldade poderia se comparar ao que Stefanovich fez a Lothaire anos mais tarde.

A terra caindo em cima de mim, raízes se enroscando em meu corpo.

Tranque essa lembrança fora! Ou observe o abismo lá embaixo...

Não importava o que aconteceu entre Lothaire e Chase, estavam ligados por sangue agora, trocaram sangue entre eles. O que significava que Lothaire poderia alcançar a mente de Chase com a sua, poderia investigar suas memórias.

Talvez eu não precise dormir. Só tinha que chegar perto o suficiente de Chase. A mulher do Magistrado era uma Valquíria. Ela o teria levado de volta para Val Hall, a propriedade em Louisiana onde seu Coven residia com sua infundável neblina, relâmpagos e gritos ímpios de Valquírias.

Um lugar que Lothaire conhecia bem. Ele era um dos poucos vampiros que viu o interior e ainda vivia. Ele poderia ir lá agora buscando Chase.

No entanto, se Lothaire tinha esses planos, então outros poderiam ter também. Imortais de todo o Lore gostariam de ter um pedaço de Declan Chase, o bicho-papão que durante a noite sequestrou dezenas deles e seus entes queridos para fazer experiências medonhas.

12 Metrônomo é um instrumento que mede os impulsos métricos e batimentos por minuto. Muito usado por músicos como ferramenta para monitorar o tempo e fazer marcações.

81

Mas fico com ele primeiro.

Especialmente por que Lothaire *ficaria* com ele primeiro...

Capítulo 12

— Você é mais um sentinela, então? — Lothaire perguntou a Thaddeus

Brayden, um de seus companheiros de prisão foragido. O jovem foi pego vagando do lado de fora da mansão das Valquírias no período anterior à guerra, marchando dentro e fora do nevoeiro perto do igarapé.

Thaddeus girou de lado, sua expressão feroz relaxando instantaneamente, distante da recepção costumeira para Lothaire.

— Acho que sou, Sr. Lothaire! Estamos meio que sitiados. — disse ele com um marcado sotaque texano. Ele usava uma calça jeans desbotada, camiseta e botas de cowboy, parecendo ridiculamente humano.

Apesar de Thaddeus ser novo no Lore, tendo apenas descoberto que não era mortal um mês atrás, o garoto poderia ser útil hoje à noite.

— Como conseguiu passar pela fronteira do Val Hall? — Ele olhou pra trás de Lothaire. — Quando ninguém mais consegue?

Lothaire olhou por cima do seu ombro para a turba de linchadores imortais reunidos no portão da frente, impedidos de sua vingança devido a um feitiço de uma bruxa no recinto. Era similar, mas inferior, a sua própria barreira druídica. *Fácil de violar pra mim.*

Como previsto, todos aqueles Loreans queriam se vingar de Chase. O que eles não perceberam era que o Magistrado era somente o músculo por trás da Ordem, sofrera uma lavagem cerebral desde que era um garoto pelo verdadeiro líder — Comandante Webb.

Webb, o mortal que roubou o anel de Lothaire estava fora da ilha-prisão, tinha um esconderijo secreto.

Chase saberia onde estava.

Lothaire desejou sorte para todos da multidão sedenta de sangue, mas sabia que nunca passariam da fronteira, muito menos da segunda linha de defesa das Valquírias.

Os fantasmas.

Vestidos com túnicas vermelhas esfarrapadas, aqueles ecos fantasmagóricos

de mulheres guerreiras mortas fervilhavam na mansão num vendaval, um rosto esquelético espiando ocasionalmente do lado de fora.

As Valquírias contrataram o Antigo Flagelo, com sua guarda supostamente impenetrável, para proteger a mansão depois de uma recente incursão de vampiros.

Lothaire não foi parte disso? *Ah, sim. Fui.*

82

— Eu já disse, Thaddeus, tenho poderes que os outros não podem nem pensar em entender. E você também pode, *parceiro*. Apenas escolha uma vítima para beber.

Thaddeus riu, embora Lothaire estivesse falando sério. Séculos atrás ele bebeu de um feiticeiro que sabia como neutralizar feitiços Wicca. Lothaire ainda se lembrava do gosto do seu sangue, ainda se lembrava que seu improvável aliado o ajudou a aproveitá-la...

Thaddeus se aproximou com sua mão estendida.

— De qualquer jeito, é bom vê-lo.

Lothaire deu a sua mão um olhar intimidante até que o garoto a deixou cair com um sorriso. Não importava o quanto ele fosse desagradável com o jovem imortal, Thaddeus ainda pensava o melhor dele.

No seu primeiro encontro, Lothaire estava faminto em seu cativeiro e escolheu Thaddeus para beber. *Jovem, sem tantas lembranças, de preferência.* O garoto vivera apenas porque era em parte vampiro.

— Acho que está aqui para verificar Chase, heim? Eu poderia perguntar as Valks se o deixarão passar pelos fantasmas, mas — ele arrastou suas botas de couro de cobra desconcertado —, elas parecem não se importar muito com você.

— Eu não *peço* nada. Eu *tomo*. Se eu quisesse muito mesmo, nem os fantasmas conseguiriam me impedir. — *Se eu estivesse embalado*

apropriadamente...

Mas ele não precisava estar do lado de dentro, só perto de Chase.

Thaddeus ergueu suas sobrancelhas diante disso, mas sabia demais para desacreditar. As façanhas de Lothaire na ilha confundiram a mente do rapaz.

— Chase mal está se segurando lá dentro, mas ainda está consciente.

O homem foi eviscerado com uma espada.

— Para ser esperado, Thaddeus.

— Meus amigos me chamam de Thad.

O Inimigo do Antigo conversando com um escoteiro adolescente jogador de futebol chamado *Thad*? Um vampiro meio fantasma chamado Thaddeus era mais apreciável.

Em todo caso...

— Nós não somos amigos. — disse Lothaire, então franziu o cenho. As palavras fizeram sua garganta queimar, quase como se fossem uma mentira.

Como poderia ser isso? Thaddeus era tudo ele não era: um bom e decente virgem dedicado aos seus entes queridos e amigos. Além do fato de que ele e Thaddeus eram ambos considerados extremamente atraentes — Lothaire muito mais, é claro — eles não poderiam ser mais diferentes.

— Tenho que te dizer, Regin ainda está muito puta com você por ferrar a todos nós. — Ele chutou uma pedra no caminho.

83

Regin, a Radiante, era uma Valquíria bélica. Junto com Lothaire, Thaddeus e eventualmente com o próprio Chase, ela foi parte de um grupo de seis se aliando apenas para escapar da ilha, uma banda não tão alegre. Lothaire salvou suas vidas em troca dos votos de Chase.

Se o Magistrado viver ele entrará no meu livro de contas.

Os seis correram juntos por uma semana, lutaram lado a lado contra inimigos mútuos. Até que Lothaire fez um acordo com seus adversários — ao qual ele, em última instância, estaria preso também.

— Eu vi a bola rolando e peguei. — Num tom pensativo, Lothaire disse. — E, ainda assim, Regin perdoou Chase por todos os *seus* pecados contra ela?

Antes de Chase se lembrar que a amou numa vida passada, o Magistrado seguiu as ordens de Webb e torturou Regin, ele a olhou nos olhos e lançou um veneno que causou uma dor excruciante no corpo da Valquíria.

Mais tarde ele ficou destruído pela culpa.

— Regin sabia que DC não era mau, não lá no fundo. — Thaddeus disse. — Ela tem *certeza* que você é.

Valquíria hipócrita. Regin provavelmente matou milhares de Loreans durante sua longa vida. Ainda assim era admirada por isto. Lothaire? Injuriado.

— Espero que seu sangue faça o truque para DC. — Thaddeus disse. — Se você salvou sua vida, então elas têm que te perdoar, certo?

— Você é tão ingênuo, isso me agride fisicamente. — Além do mais, nem todo homem sobrevivia à transformação.

Thaddeus acenou com a cabeça gravemente.

— Ouvi muito sobre você, Sr. Lothaire. Nada de bom. Falo bem de você o tempo todo, mas parece que metade dessas pessoas do Lore têm uma impressão realmente ruim de você.

— Com toda certeza eu colocaria essa porcentagem mais perto de noventa. E suas impressões são precisas. — Lothaire tinha alegremente prejudicado a maior parte deles de maneira repreensível. — Dessa maneira só faz com que você pareça lamentavelmente ignorante ou teimosamente obtuso... — Ele parou, sua atenção já vagava em direção a sua casa. *Vontade de voltar para minha Noiva.*

O pensamento o levou a ser breve. Por que Lothaire se sentia tão conectado a ela agora? Anos antes, ele se afastou facilmente dela. Agora, momentos gastos sem ela o estavam afetando. *Blyad!*

— Regin também disse que seus olhos vermelhos significam que está ficando louco.

— Certamente ela se expressou com mais cores que isso? — Regin era uma prostituta espalhafatosa que se achava divertida.

Thaddeus passou a mão pela sua nuca.

— Ela disse “olhe pra mim, eu sou Lothaire, sou uma morsa para todo o sempre”. Ou algo assim. Ela disse que você seria ainda mais insano que Nïx. Isso é verdade?

84

Nïx era a Sabe Tudo, o oráculo das Valquírias. Sua rival durante milênios, ela frustrou mais esquemas vampíricos do que todas as outras “facções” de adivinhos combinados.

— Mais louco que Nïx? Impossível. — Ela era muito pior do que Lothaire. Ele se perguntou se ela previu Saroya. A única coisa boa sobre Nïx? Ela estava tão enlouquecida que frequentemente esquecia suas visões.

Mas e se ela se lembrasse? E se Nïx conspirasse contra ele inclusive agora? *A rainha branca se movendo contra o rei negro no tabuleiro de xadrez...*

Thaddeus murmurou.

— Seus olhos estão mudando a cada segundo. Nunca os vi pior.

Inquieto por deixar minha Noiva sozinha. Os mercenários e assassinos de todas as facções o caçavam constantemente. Sempre que Loreans poderosos deviam a ele uma dívida de sangue, normalmente optavam por enviar seus melhores guerreiros atrás da cabeça de Lothaire.

— Ossos do ofício. Mas os benefícios são fantásticos.

— O que foi isso, Sr. Lothaire?

Mas agora a Noiva de Lothaire seria um alvo para eles. Lembrou a si mesmo que tecnicamente Saroya não poderia ser morta.

Mas eu a quero na forma graciosa de Elizabeth. Pensando em seus olhos cinzentos, lábios sensuais e uma figura digna de fantasia, ele novamente determinou que era crucial garantir o corpo para Saroya.

Sem falar no sangue delicioso dela. *Ela tinha gosto de vinho e mel* — assim como seu pai dissera. As presas de Lothaire se afiaram nesse instante.

— O que sobre vinho e mel? — Thaddeus perguntou. — Você não está fazendo sentido.

Eu falei em voz alta? Como para desalojar as memórias, Lothaire balançou duramente sua cabeça, inadvertidamente voltando para a linha dos fantasmas.

— Cuidado! — Thaddeus gritou.

Antes que Lothaire pudesse riscar do seu caminho, eles enfiaram as garras em seu rosto, deixando sulcos sangrentos.

— Está tudo bem, Sr. Lothaire?

Dor. Ele se agarrou a um fio de lucidez. *Não mostre nenhuma fraqueza, não demonstre loucura.*

Quando o sangue pingou em seus lábios, ele estendeu sua língua para provar. Detectou uma nota importante do sangue de Elizabeth misturado com o seu e aquilo o acalmou.

Os fantasmas abrandaram e a líder deles olhou pra ele com um rosto fantasmagórico.

— Sou o único que sabe como destruí-lo. — Lothaire grunhiu. — Toque-me novamente Flagelo, e vou demonstrar.

Ela gritou. Lothaire riu maliciosamente.

— Conheci você quando era bonita. — O rosto dela relampejou para seu antigo semblante, que era de uma bela guerreira Macedônica.

Num tom pensativo, Lothaire perguntou.

— Eu não fiz quando você era bonita?

Outro guincho furioso, então ela foi arrastada na maré de sua tempestade.

Lothaire deu de ombros.

— Acho que sim. — Em frente para Chase.

Thaddeus o seguiu persistentemente.

— O que você quer com DC?

— Vou entrar na sua mente e ler seus pensamentos.

— Como?

Implorando aos céus por paciência, Lothaire lançou.

— Bebi sangue dele, então mais tarde o presenteei com o meu. Temos uma ponte entre nós para sempre.

— Então foi isso que Regin quis dizer quando o advertiu sobre laços inquebráveis.

Parcialmente.

Thaddeus se plantou na frente de Lothaire.

— Por que eu deveria deixar você se fundir mentalmente, ou seja lá o que for com DC?

Lothaire deu uma risada amarga.

— O que você pode fazer para me impedir? Agora dê um passo para o lado.

— Ele quase acrescentou, “ou matarei sua amada mãe e avó adotiva por sua insolência”, mas um nó surgiu em sua garganta .

O que significava que era uma mentira. *Por que eu não mataria dois humanos insignificantes?* Por que ele sentia uma migalha da fidelidade de Thaddeus?

Porque era um exemplo de como o garoto me afetava. Uma demonstração de lealdade...

Thaddeus colocou seus ombros para trás.

— Eu poderia dar o alarme.

86

E eu poderia arrancar sua garganta fora antes de você tomar fôlego para gritar. Mas por causa de suas interações passadas, Lothaire o pouparia esta noite.

— Pretendo usar as memórias de Chase para encontrar o Comandante Webb, aquele que ordenou nossos raptos e aquelas tediosas experiências. Aquele que ainda pode ferir sua família.

Aquele que detém a chave para todo o meu futuro na forma de um anel.

As presas do jovem se alongaram.

— Quero caçá-lo também.

— Por que você acha que preciso de ajuda para realizar uma vingança de sangue?

Eu não? Lothaire ainda tinha que completar a sua antiga vingança. Ele se lembrou de Olya, aquela humana em Helvita, lembrou o quanto ele queria matá-la. Ela foi drenada por Stefanovich muito antes que Lothaire pudesse

chegar até ela.

Lembrou-se dos mortais brutalizando sua mãe.

— *Faça justiça por mim!* — *Ela tinha gritado.*

Só agora Lothaire estava prestes a retribuir. *Encontrar Serghei finalmente...*

— Não importa se você precisa disso, Sr. Lothaire. Estou ansiando a vingança também. Além disso, somos amigos. E amigos guardam as costas um do outro. Exatamente como fizemos na ilha.

No calor da fuga Lothaire pode ter salvo o garoto algumas vezes sem receber nada em troca de Thaddeus, mas só porque serviu aos próprios fins de Lothaire.

Ele também ameaçou a vida de Thaddeus repetidamente.

Lothaire cortou os argumentos adicionais com um seco:

— Discutiremos isso mais tarde. — Para tornar a declaração mais verdadeira, Lothaire previu a extensão da sua “discussão”.

Thaddeus perguntaria. — *Posso ir com você?*

Lothaire responderia. — *Não. Agora, foda-se.*

— Vou te cobrar isso, Sr. Lothaire. Agora o que exatamente está procurando com essa coisa de fundir mentes?

Debaixo da janela do quarto de Chase e fora do caminho dos fantasmas, Lothaire respondeu.

— Ele deve ter visitado o esconderijo de Webb. Se eu puder acessar essa memória, posso riscar diretamente até ele, como se eu mesmo estivesse lá.

— Então acesse e vamos detonar uns caras!

— O primeiro passo é você calar a boca.

Thaddeus concordou avidamente.

— Certamente.

Lothaire estabilizou sua respiração, acalmando seu coração enquanto ouvia os batimentos cardíacos do próprio Chase. Depois que ele começou a aumentar em seus ouvidos como um tremor repetitivo, Lothaire fechou brevemente seus olhos — mas ainda podia ver. Diretamente na mente aflita de Chase.

Lothaire encontrou... escuridão. Vazio.

Sem pensamentos, sem sonhos. *Ele estaria nas garras da morte?*

Deuses, para ter sua própria mente em repouso desta forma? Talvez valesse a pena morrer. Ele cavou mais fundo, mas estava tudo quieto.

Não haveria nenhum pensamento de Webb tão cedo, e Lothaire não poderia vasculhar todas as cicatrizes na mente de Chase para procurar uma memória específica. Ele poderia muito bem tentar navegar sozinho. Pelo menos sabia onde os buracos negros estavam, as armadilhas de areia movediça e pontos sem retorno.

Ele soltou Chase exalando com frustração. Nada para mostrar por sua transgressão, nenhuma informação nova.

Suas garras entraram nas palmas de suas mãos. *Chto za huy13! Deve ter aquele anel!* Afastando dele o que era seu.

Thaddeus perguntou.

— Você encontrou Webb? Qualquer coisa para ajudar nossa missão?

— *Nossa missão?* Não vi nada para ajudar *minha* missão! Você não vai dizer nada disso — nada a meu respeito — pra ninguém.

— Por que eu deveria guardar segredo dos meus outros amigos? Significa que fará mal a algum deles?

Lothaire não tinha tempo para fazer nada a nenhum deles.

— Não. *Ainda* não. — ele adicionou para prevenir o *rána*.

Depois de hesitar, Thaddeus disse.

— Ok, vou segurar um pouco. Mas preciso saber como posso entrar em contato com você. Qual o seu número?

Lothaire olhou fixamente para ele.

— Número? Por que você quer isso?

Thaddeus revirou os olhos.

13 Chto za huy é “que porra é essa?” em russo. Achei legal deixar a frase verdadeira.

88

— Mais uma vez. Porque — somos — *amigos*. Pretendo ajudá-lo com Webb e te dar algum apoio contra Dourada. Eles disseram que ela virá atrás de você.

Ela está. Quando Lothaire a viu da última vez — mumificada, horrorosa de olhar — ela estava gritando, “ANNNEEEELLLL”, enquanto o caçava através da prisão da Ordem, seus lacaios Wendigo espreitando ao lado dela.

Ele tinha uma surpresa e tanto esperando por todos eles...

— Lothaire? Alôo.

— *O quê?*

— Eu disse que gostaria de encontrar a sua senhora.

Lothaire ficou tenso, lentamente girou sua cabeça para o garoto.

— Minha senhora?

— Eles dizem que você tem sua Noiva agora.

— *Eles* significam *Nix*. — Lothaire mostrou suas presas, sentiu gotejando em sua língua. Sim, ele brincara com seus inimigos ameaçando suas famílias, zombando de suas reações frenéticas enquanto ele era sempre frio e calculista.

Não mais.

Desavisado do impulso crescente de Lothaire cometer um assassinato, Thaddeus continuou.

— Há um monte de gente aqui falando sobre uma recompensa por sua senhora...

Antes que Thaddeus pudesse piscar, Lothaire estava com suas mãos em torno da garganta do garoto, apertando...

— Qual é a recompensa? Quem falou isso?

Tolo, Lothaire! Por que não agiu com indiferença? Por que revelar sua louca possessividade por Saroya?

Como fui arrogante no passado, confiante que nunca me importaria com nada o suficiente para revelar fraqueza.

Thaddeus jogou pra fora.

— Não sei o que é... mas disseram que é inestimável. Não sei quem... falou isso.

Inestimável?

— Alguém enviou caçadores para nos rastrear? Então, eles enviaram facções para me atormentar.

Se minha Noiva mortal não for pega por eles primeiro. — Lothaire lançou Thaddeus com um empurrão que o enviou esparramado no chão.

Entre sibilos o garoto disse.

— Eu sabia que você tinha uma mulher, então! Você fez alguns comentários... É por isso que você teria feito qualquer coisa para sair da ilha.

— Ele se deliciou com isso, levantando-se e espanando como se nada tivesse acontecido. — Essa é a razão que você ferrou com tudo. Eu sabia que você não era tão ruim quanto Regin e Nix, Cara e Emma e...

— Chega! — Os soldados do exército de Vertas — os supostos chapéus brancos no Lore — agiam de maneira piedosamente hipócrita. Contudo castigariam uma mulher que nunca prejudicou nenhum deles?

Hipócritas na liga.

Tenho que transformá-la numa imortal o mais breve possível. Saroya tinha que ser capaz de se defender, riscar para fugir se necessário.

— Bem, então, o *que* ela é? — Pressionou o garoto. — Não um vampiro, porque Regin me disse que não sobrou nenhuma fêmea. Talvez ela seja um demônio ou uma bruxa?

Não posso pensar... não posso pensar. Por que esse interesse de Thaddeus?

— Será que te plantaram aqui para conseguirem informações de mim?

— Não, claro que não!

Mesmo que Lothaire mantivesse Saroya atrás de uma barreira, nada no Lore era infalível. O pânico apertou seu peito.

Retorne. Nunca fique desprotegido novamente. Para Thaddeus ele grunhiu.

— Esqueça que já me conheceu, rapaz. — Então desapareceu.

Capítulo 13

Quando Lothaire retornou ao apartamento encontrou Elizabeth fora do seu

quarto.

Contra suas ordens.

Ela tinha removido toda aquela maquiagem; embora Lothaire estivesse relutante em admitir, ele achou que ficou melhor. Ela trocou também a calça jeans que delineava amorosamente seu empinado traseiro — um fato para compensar o pior de sua raiva.

Estamos explorando, não é? Quando imaginou seu pequeno cérebro mortal lutando para processar seu novo ambiente, ele decidiu virar sua sombra se tornando invisível, pois assim poderia estudar suas reações.

Quando entrou no quarto escuro e as luzes se acenderam automaticamente, ela girou em um círculo, exigindo:

— *Quem está aí?* — Então saiu do quarto. As luzes se apagaram. — *Oh.*

90

Na sala de estar apertou um botão da TV. Quando esta se levantou de um console, ela arregalou os olhos.

O home theater produziu uma exclamação: “Ohh!” que ele supôs era o termo caipira para

“Excelente”.

Na cozinha ela espiou dentro da geladeira, fazendo careta para seus jarros de sangue. Lothaire vagamente se perguntava o que o chef mortal pensou de suas compras mais cedo hoje; ela cheirou um, então depressa devolveu. Ela investigou os armários, achando-os vazios. Depois de examinar os eletrodomésticos, ela cantou “*Meet George Jetson*”.

Seja lá o que isso signifique.

De fato sua exploração consistia principalmente em apertar botão e saltar pra trás com medo.

Ela poderia muito bem ter estado numa terra estrangeira. Parecia alternar entre suspeita e deslumbramento.

Mas no saguão principal ela olhou para o lustre de cristal por longos momentos, balançando sua cabeça em direções diferentes, seguindo o desenho complexo com o olhar.

Lothaire podia ver os prismas de luz refletidos em seus grandes olhos cinzentos. Ela tinha... olhos inteligentes. Talvez houvesse mais lá do que ele se permitia ver.

Ele olhou fixamente para a forma delicada de seu rosto de perfil. Deste ângulo podia ver que seus lábios tinham um toque mais cheio no meio, dando-lhes aquela forma de arco.

Ela era tão frágil. Tocá-la seria como tocar em algo diáfano. Reivindicá-la seria impossível. Ela tinha que ser mais forte.

A ideia dele mesmo numa fúria de sangue, desesperado para se consumir bem dentro dela...

Ele correu suas mãos sobre o rosto. Se a tomasse naquele estado poderia rasgá-la em duas, poderia esmigalhar seus ossos.

Ela esfregou sua nuca onde caía aquele cabelo lustroso, então conscientemente colocou uma mecha atrás de sua orelha. Será que a mortal realmente o sentia olhando para ela?

Alguns humanos possuíam uma espécie de sexto sentido. Poucos deles pareciam confiar nisso.

Um vampiro está observando você como uma presa. Pode sentir isso, Elizabeth?

Ela estreitou os olhos, perscrutando ao seu redor.

Você pode me sentir...?

Depois de um momento seu semblante desconfiado se tornou determinado.

Com um passo largo propositado retornou àquele primeiro quarto. Lá dentro ela empurrou a mesa de cabeceira pra longe da parede, então caiu de joelhos.

91

O que ela está fazendo? Ele se perguntou vagamente, seu olhar fixo em seu traseiro arredondado e suas coxas firmes — até que ouviu o papel de parede rasgando. Ele riscou a meras polegadas dela para conseguir ver o que ela estava fazendo.

Ela estava escavando por uma tomada de telefone. Sem um telefone? Por quê?

Ela procuraria em vão. Não havia nenhum no apartamento. Todos foram removidos e colocados de lado.

No terceiro quarto ela deve ter concluído o mesmo, porque se sentou nos seus calcanhares e soprou o cabelo dos olhos.

— Filho da puta.

Agora ela vai colocar sua cabeça entre as mãos e vai chorar enquanto eu assisto impassível.

Em vez disso, ela deu um tapa na coxa então se levantou, marchando para a cozinha. Pegando uma faca de manteiga e uma de corte retornou ao console da televisão, manobrando o objeto pesado para longe da parede.

Então ela voltou a se ajoelhar, suas novas ferramentas estavam prontas para uso.

Ele ergueu suas sobrancelhas no momento em que pedaços de equipamento começaram a voar detrás do console. Pequenos parafusos, um cabo da placa da tomada, pedaços de fios...

A caixa de cabos desapareceu de sua estante, arrancada por uma mortal peculiar.

Novamente riscou mais perto para vê-la. Encontrou-a deitada de frente,

mexendo com a caixa.

— *Vamos, vamos.* — Ela mordeu seu lábio. — *Botão de mensagem.*

Ela se esforçava para enviar um sinal através do cabo! Não, Lothaire não era surpreendido frequentemente; ela continuava a pegá-lo de surpresa.

Elizabeth tinha provado... ser mais enganadora que ele assumira. E a labareda de surpresa não era *des* agradável.

Justamente quando estava prestes a detê-la ela murmurou.

— Não, não. Droga, Motorola! — Ela se sentou encostada na parede com os joelhos contra o peito.

Seus olhos começaram a lacrimejar. *Agora ela vai chorar enquanto me regozijo por predizer todas essas coisas.*

Contudo tão de repente quanto sua tristeza apareceu, desapareceu. Ela bateu seu punho contra o chão, então começou a arrumar tudo no lugar certo, pelo menos superficialmente, escondendo os pedaços que ela tinha removido.

Outro olhar determinado iluminou seu rosto e ela retornou ao seu quarto. O que ela faria agora?

Por alguma razão, mal posso esperar pra saber.

Ela começou a olhar a fechadura da porta ao lado.

Não. De jeito nenhum...

92

Apesar da madrugada se aproximar Ellie ainda não ouvia Lothaire dentro do seu quarto. E ela queria entrar.

Testou a maçaneta da porta em estilo de alavanca. A fechadura era de padrão

pino e trava, não seria muito difícil de abrir.

Mas e se ele retornasse? Ela recordou como ele a lançou através do quarto esta tarde e como seus olhos arderam vermelhos como chamas.

Ele deve ter um telefone ali dentro. *Decidido.*

Ela correu para o banheiro para se abastecer. Em um kit de higiene pessoal achou uma pinça.

Puxou uma larga como uma forquilha que se curvava na ponta num ângulo de noventa graus. Perfeito para uma chave de tensão. Um grampo aberto agiria como uma alavanca.

De volta à maçaneta, ela inseriu sua chave de tensão no buraco da fechadura. Com a outra mão ela aliviou o grampo ao lado para inclinar os pinos.

Ajustar a tensão. Inclinação. Ajustar a tensão...

Clique.

— Beleza, baby.

Ela abriu a porta, guardando suas ferramentas nos bolsos da calça jeans.

O quarto de Lothaire era um gêmeo do seu em tamanho e configuração, mas as cores deste aqui eram mais masculinas, com um rico tom de terra no papel de parede e tapetes. Luzes especiais acentuavam as pinturas nas paredes. As pinturas pareciam elegantes, como se fossem originais.

Cortinas pesadas cobriam as portas francesas que davam para a varanda. Sua cama estava desfeita, seus lençóis remexidos. Aquilo era um metrônomo na sua mesa de cabeceira?

Do outro lado do quarto, uma escrivaninha de aparência antiga estava coberta com complicados quebra-cabeças em 3-D. Vários estavam completos, mas alguns pareciam estar por terminar.

Ela ergueu um que consistia de anéis de metais e fios. Aquilo não era um

quebra-cabeça — era um paralisante de cérebro. O outro era mecanizado. Blocos de prata brilhantes e triângulos constituíam o terceiro.

Ao lado deles um livro estava aberto num capítulo intitulado: “Quebra-cabeças mecânicos, a teoria de Goldberg”. Teoria geométrica aplicada para montar quebra-cabeças? Lothaire tinha *criado* alguns destes quebra-cabeças?

Seguindo em frente ela olhou à esquerda da escrivaninha. Espalhadas pelo chão estavam cartas emboladas numa linguagem — e alfabeto — que ela conseguia ler.

Sempre temerosa do seu retorno, ela rapidamente investigou seu banheiro. Surpreendentemente parecia um banheiro masculino normal: Creme de barbear, barbeador, sabonete, uma escova de dente.

Tem que manter os dentes brancos.

93

O armário não tinha nenhum remédio. Ela supôs que vampiros não tinham doenças.

Seu armário estava repleto de roupas caras — dezenas de calças finas, esportes, com botões, sob medida e casacos, em todas as variações de preto. Botas polidas enchiam as prateleiras de sapato.

O vampiro adora umas roupas. Ela se debruçou para cheirar um de seus casacos, aspirando seu perfume masculino — suave, amadeirado, com um toque de verde?

Da mesma maneira que fascinava com sua aparência. Quando percebeu que suas pálpebras estavam ficando pesadas ela se sacudiu por dentro, e então se arrastou para longe do casaco.

Numa gaveta de acessórios, ele organizou com precisão óculos de sol, relógios, abotoaduras e cliques entalhados para dinheiro. Na parte de trás do armário viu uma série de espadas dispostas numa prateleira, alinhadas. O punho de cada espada estava uma polegada ou algo assim longe do outro.

Na verdade ela apostava que eles tinham exatamente uma polegada os separando, como se ele tivesse medido a distância com uma régua.

Estas armas não pareciam ser decorativas, como a que ela quase se apunhalou esta tarde – mente aberta –, estavam mais para acessórios úteis. Um lembrete oportuno que ele era um guerreiro, um macho mortal.

O que estou fazendo aqui? A curiosidade matou a Ellie.

E para todos que estavam à sua procura, ela recebeu uma pequena visão para ajudá-la contra Lothaire — e nenhuma nova esperança de fuga.

Agora que a corrida frenética havia minguado ela exalou com fadiga, visualizando sua nova cama.

Entretanto se preocupou sobre a ascensão de Saroya, nada podia mantê-la fora disso. Ellie não dormiu ontem à noite antes da sua execução.

Execução. Memórias daquela manhã vieram à tona, mas implacavelmente as socou pra baixo.

Imaginava uma tira de borracha agarrando seu pulso cada vez que se recordava da injeção, o relógio tiquetaqueando, os gritos... Snap!

Pense adiante, nunca no presente.

De alguma forma antes de Lothaire conseguir aquele anel, Ellie teria que descobrir uma maneira de se comunicar com sua família. Assim que estivesse segura que eles estavam bem e sumiram, ela finalmente começaria a fazer o que precisava ser feito. *Cuide de seus negócios, Ellie.*

Não haveria mais ela e Saroya. *Eu ainda posso morrer* — poderia ser só alguns dias fora da programação.

Chicoteada pelo esgotamento, Ellie se voltou em direção ao seu quarto. Nunca um dia foi tão cansativo...

— *Que diabos você está fazendo aqui?*

Capítulo 14

Os olhos da moça se arregalaram quando ela girou para enfrentar Lothaire, seu cabelo escuro ondulado balançando sobre o ombro.

— Você arrombou a fechadura do meu quarto? Invadiu minha privacidade?

— Esbravejou furioso com a intromissão, furioso com suas reações a ela.

Quando a mortal respirou seu cheiro, ficando com as pálpebras pesadas... ele mal sufocou um gemido, ficando tão duro quanto uma pedra.

Agora ele riscou diante dela, agarrando sua garganta. Ela recuou com medo, o coração batendo num ritmo tão forte que ele podia *sentir*.

— Eu disse que não machucarei esse corpo! No entanto você se afasta de mim?

Numa voz estrangulada, ela gritou:

— Você está *brincando*?

— Acalme seu maldito coração! — ele gritou, seu instinto de protegê-la, confortá-la, quase substituindo sua necessidade de puni-la. O que o enfureceu ainda mais!

Ele sabia que deveria apenas devolvê-la ao quarto dela, e depois dormir — e não apenas ter fantasias. Ele estava viciado, sua loucura chegando a assustar mais a cada momento.

Mas sua ira exigia apaziguamento.

— Você recuou como uma covarde. Você é uma? Devo adicionar covarde aos demais adjetivos que uso para descrevê-la?

— Foda-se, vampiro! — Ela puxou seu braço pra longe, ele deixou. — Não sou covarde. Tenho pedras nas minhas veias. Não confunda meus reflexos com medo. — Seus punhos cerrados, seu medo esvanecendo. — E não venha

me falar em privacidade! Não enquanto a sua vagabunda sem teto montou sua casa de papelão *dentro de mim*.

Ele reagiu melhor à sua raiva, sua visão clareando. Deuses, os rumores eram verdadeiros. Ele estava conectado ao humor de sua Noiva, respondendo a eles. E Elizabeth era um fragmento de Saroya, como um espaço reservado para sua mulher.

Entre os dentes cerrados, ele ordenou:

— *Acalme-se, Elizabeth.* — Ele sabia de uma coisa que acalmaria os dois. Liberação. Com uma mordida ela estaria implorando a ele que a aliviasse. Ele se perguntou se os rumores sobre as Noivas eram verdadeiros. *Será que ela me dará um prazer mais profundo do que eu imaginava?*

Espere pela sua única e verdadeira! Saroya vai valer a pena.

Elizabeth olhou para seus olhos.

— Olhe para mim, Lothaire. Eu estou me acalmando, ok?

95

— Então, responda a pergunta. Por que está no meu quarto?

— Estava curiosa sobre você.

— Curiosa para encontrar um modo de frustrar meus planos? E o que descobriu sobre mim que não sabia?

— Algumas coisas.

O quê? O quê? Antecipação pairou por ele, porque não tinha ideia do que ela ia dizer. Ele se sentou em sua mesa, impacientemente acenando com a mão para ela.

— Teste-me.

Ela respirou fundo e disse:

— Você tem dificuldade para dormir. Fala e escreve pelo menos em duas línguas, mas tem dificuldade em centrar seus pensamentos o suficiente para escrever qualquer coisa muito longa. Você é obsessivo-compulsivo com suas posses, o que me leva a pensar que muito pouco da sua vida fora destas paredes é como você quer que seja. Você não teve amigos quando cresceu e isto não mudou desde então.

Você é narcisista, mas soube disso quando te olhei pela primeira vez.

Ele inclinou a cabeça, relutantemente impressionado, embora seu tom não demonstrasse.

— Antes de mais nada, não sou narcisista. — Quando ela abriu os lábios para argumentar ele disse.

— Conheci Narkissos de Thespieae, mesmo que compartilhemos traços, eu cheguei primeiro, então ele é

“*Lothairista*”, e não o contrário. Além disso, eu falo e escrevo *oito* idiomas. Quanto à minha obsessão com a ordem, isso é óbvio pelo meu armário. Insone é bastante fácil de adivinhar. Os lençóis estão remexidos.

— E o metrônomo. Você o usa para relaxar.

Humana observadora.

— Meu suposto estado de não ter amigos? — Ela o pegou direitinho ali, diferente do seu jovem admirador mestiço.

Então Lothaire franziu o cenho. Não, ele uma vez teve a bênção de um companheiro. *Até que fui traído.*

— Soube pelos quebra-cabeças. — disse Elizabeth. — Eles são um passatempo solitário. O par está muito velho, então suponho que esteve interessado neles por algum tempo, provavelmente desde que era um menino.

Novamente, foi inesperado. Ela estava realmente o divertindo.

— Olha, Lothaire, isso não vai acontecer novamente. Só vou voltar para o

meu quarto.

— Sente-se. — Ele apontou para um sofá ao lado da sua escrivaninha. Depois de hesitar ela sentou na beirada do colchão, com suas costas tão retas quanto um vareta.

— Relaxe, mortal.

96

— Como posso relaxar quando não tenho ideia do que vai fazer? — Seu olhar passou rapidamente pelo lado do rosto dele.

Ele estendeu a mão, cobrindo as marcas que esqueceu que recebeu. *Fodido fantasma.*

— Vou tentar relaxar a partir deste dia.

Elizabeth se mantinha ereta, embora estivesse exausta. Manchas coloriam a pele embaixo dos seus olhos.

— Como aprendeu a arrombar fechaduras?

— Nos fins de semana meu pai trabalhava com “faz-tudo” na serralheria ao lado.

— Antes de morrer na mina? Todo esse trabalho e vocês ainda estavam mergulhados na pobreza?

Ela ergueu o queixo, os olhos faiscando.

Tão orgulhosa. Com tão pouca razão para ser.

— Você gostou de ficar procurando pela minha casa?

— Quanto tempo estava me olhando? — Ela exigiu.

— Quanto tempo você acha?

— Você nunca responde a uma simples pergunta?

Ele tornou um hábito dar respostas oblíquas. Sua incapacidade de mentir o tornou hábil em desorientação. Entretanto, não fora pego nisso muitas vezes.

— E você? É quase tão má quanto eu.

— Tudo bem. Sim, gostei de bisbilhotar pelo seu apartamento. Pude ver coisas que nunca tive antes. Provavelmente sonharei com o lustre hoje à noite. — Ela mordeu o lábio inferior. — Logo após eu ter sonhado com as joias.

Ele se surpreendeu, mostrando-as para Elizabeth, querendo ver a reação dela. Ou quem sabe ele simplesmente quisesse alguma reação, qualquer resposta ao seu presente.

Saroya estava... em falta.

— Você realmente acha que é com isso que vai sonhar? — perguntou ele. — É mais provável que você reviva os acontecimentos das últimas 24 horas. Ele não achava que ela compreendeu totalmente tudo o que aconteceu com ela. Sua mente estava inutilmente ocupada planejando uma fuga ou suicídio.

Mas uma vez que ela realmente aceitasse que estava condenada...? Tudo o que sofreu iria alcançá-

la.

Todas as misérias eventualmente a alcançariam.

Será que ele vivenciaria a experiência quase fatal de Elizabeth em sonhos? Ele tomou bastante do seu sangue antes.

97

— Não estou me permitindo refletir sobre hoje. — disse ela.

— Simples assim, sua mente faz o que a sua vontade quer? Mente sobre mente?

Ela deu de ombros.

— Algo parecido com isso, sim.

Ele se inclinou em sua cadeira.

—Então esta noite, aprendi que você é injustificadamente orgulhosa. Você se acha com força de vontade e de espírito...

—Eu não sou fraca ou sem vontade.

— ... E gosta de analisar as coisas. Gostaria de saber o que você faria com isso? — Ele riscou para o seu cofre, recuperando seu pesado livro de contas.

Ele nunca mostrou para outra pessoa as suas contas. Mas Elizabeth logo estaria morta, e ele agora estava curioso para ver o que ela diria.

Sentou-se em sua mesa mais uma vez, abrindo o livro.

— Venha. Veja meu livro.

Ela se levantou hesitante, então ficou ao lado dele.

— Nunca vi um livro de contabilidade como este. — Continha apenas duas colunas: *Endividados* e *Alvejados*. — E reviu tantos no seu trailer em Appalachia?

— O engraçado sobre as piadas de Appalachia, ao contrário de todas as outras, é que elas nunca ficam velhas.

Ele levantou uma sobrancelha.

— É uma prestação de contas de dívidas de sangue de Loreans.

— Há tantas entradas.

Ele inclinou a cabeça. Tudo para servir ao seu Xeque-mate.

— Isto representa milhares de anos de... contabilidade. — Uma vez após a

outra ele usou sua habilidade de prever as jogadas dos outros, assegurando que estaria sempre no lugar certo e na hora certa para os votos de sangue.

Se Nix era a rainha da previsão, então Lothaire era o rei da perspicácia. Rainha Branca *versus* Rei Negro. Ele lembrou seu último encontro com a adivinha naquela ilha-prisão. Ele disse a ela:

“— Até nosso próximo jogo. Mas ela respondeu:”

“— Não haverá um próximo jogo, vampiro.”

98

O que ela quis dizer?

— Explique pra mim como isso funciona. — Elizabeth disse, tirando-o de seus pensamentos.

— Se um imortal está em apuros concordarei em ajudá-lo, mas por um preço. Então eu o obrigo a fazer um voto de fazer o que eu quiser. O ditado *fazer um pacto com o diabo* vem de mim. — Se ele parecia orgulhoso, bem...

Eu sou.

— Então é por isso que pareceu interessado quando eu ofereci uma barganha.

— Exatamente. — Novamente estava achando fácil falar com ela, como se as palavras fossem retiradas dele, como se tivesse esperado toda sua vida para revelar estas coisas.

Devo estar precisando de um confidente, alguém que nunca poderia contar meus segredos. A maioria dos homens lendários tinham.

— Mas você *ajuda* os outros?

— Então talvez eu não seja totalmente mal? — Ele deu uma risada sem humor. — Na maioria das vezes sou aquele que manipula as criaturas em posições desesperadas. Por exemplo, eu fatalmente vou ferir a alguém que você ama, em seguida me ofereço para salvá-lo.

— Esses nomes-alvo terão uma surpresa dos infernos, hein?

Elizabeth era mais esperta do que ele inicialmente tinha considerado.

— Justamente.

Ele arrastou seu olhar das páginas para o rosto dela, inspecionando-a como faria a uma pintura que tivesse achado superficialmente atraente, apenas para descobrir as camadas, as nuances.

Ele balançou duramente a cabeça. Não, se Saroya estivesse na linha de frente ele estaria sentindo este desejo, esta fascinação, somente por ela.

— O que você costuma exigir deles?

—Eu não costumo cobrar desses. — Seus devedores sempre assumiam que ele pediria seus primogênitos. *Como se eu fosse o fodido Rumpelstiltskin*¹⁴? O que Lothaire faria com inúmeros bebês berrando? Criá-los num canil? — Mas quando fizer minha jogada para tomar os meus tronos, suas contas vão virar débitos.

E o mundo vai tremer.

Seus lábios se cuvaram enquanto revisava algumas das aquisições mais recentes: dois membros da realeza do clã Lykae MacRieve; o Deus do mar Nereus; Loa, a sacerdotisa vodu; Gamboa, o demônio traficante de drogas; Rydstrom Woede, rei dos demônios da raiva.

— Todo esse trabalho para obter os tronos?

14 Rumpelstiltskin é um conto de fadas dos Irmãos Grimm, onde Rumpelstiltskin é um duende que após um favor e quando a pessoa não tinha nada para oferecer, ele pede o primeiro filho que ela desse à luz em troca.

99

— Sim. Qualquer coisa por eles. — Ele lutou lado a lado com uma Valkíria que odiava quando tudo que queria fazer era se vingar dela. Ele se aliou com várias demonarchies, convencendo alguns que ele era o diabo encarnado,

dedicando-se a conduzi-los de volta ao inferno.

Ele jurou lealdade a um rei-vampiro, aquele que estava sentado no trono do próprio Lothaire.

— Se os seus reinos são tão importantes, então por que você os perdeu em primeiro lugar?

— Não posso esperar que você entenda as maquinações políticas dos vampiros.

Ela inclinou a cabeça pra ele.

— Nenhum dos seus devedores nunca o ludibriou?

— Os votos para o Lore são inquebráveis.

— Então estou surpresa que eles simplesmente não tentem matá-lo.

— Oh, eles tentam constantemente. — disse ele. — E agora virão atrás de você, pensando em trocá-la por suas dívidas ou lucrar com uma recompensa. Então, é claro, há os que buscam vingança, determinados a vingar qualquer assassinato que eu tenha cometido. — Ele nivelou seu olhar com o dela. —

Eu cometi muitos.

Ela não desviou o olhar. De fato, ele teve a estranha impressão de que *ela* o estava estudando.

O inseto quer entender a lupa.

— É por isso que você é chamado de Inimigo do Antingo?

— Em parte. Também porque apareço como uma praga a cada dois séculos, matando seres em massa antes de desaparecer. Às vezes desaparecendo involuntariamente.

— Há realmente uma recompensa pela minha cabeça?

Quando Lothaire descobrisse quem ofereceu isso, sangue seria derramado.

— Minha Noiva já seria o alvo número um no Lore. Agora milhares lutarão pela recompensa e vão acreditar que *you* é minha. Eles usarão oráculos para rastrear seus movimentos. Então, se de alguma forma *you* fosse capaz de escapar dessa barreira, seria sequestrada em segundos. Eles fariam coisas terríveis com *you*.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Posso apenas imaginar como algumas coisas seriam ruins para que *you* possa chamar de terrível. Mas se eles estão oferecendo a morte, não se esqueça que quero morrer.

— Alguns inimigos tirariam sua vida. A maioria a manteria. Um anatomicamente incorreto Deus do mar adoraria nada mais do que sondar suas profundezas e roubar sua virgindade. Meus inimigos vampiros a manteriam viva para se alimentar, perfurando-a todas as noites por décadas. Demônios emprestariam *you* a seus notórios haréns, onde seria prostituída por todas as muitas criaturas que pagariam caro por uma chance de humilhar a Noiva de Lothaire. *You* aprenderia a polir os chifres de demônio das formas mais degradantes.

100

Ela engoliu em seco.

— Então, haréns, prostituição e chifres?

— De repente o destino que planejei pra *you* não parece tão escandaloso?

Ela voltou para o sofá, sentando-se menos rígida do que antes.

— Só para ficar claro. Meu destino, como *you* pretende será assim: de um a trinta dias *you* vai enviar a minha alma embalada para onde as almas vão e minha família nunca será ferida por *you*.

— Aproximadamente. — respondeu ele, usando uma de suas palavras favoritas. A garota supôs que ele se referia ao número de dias. Na verdade ele

falou da parte da "alma embalada". Sua alma se extinguiria.

— Por aproximadamente você quer dizer de um a trinta ou o resto?

Bruxinha.

— A pergunta que você deveria ter feito é porque os dias são tão variáveis.

— Lothaire. Por que os dias são tão variáveis?

— Eu já disse a você que preciso de um anel especial para tornar Saroya um vampiro. O mesmo anel libertará sua alma do seu corpo. *Nem uma mentira.*

— Posso demorar semanas para localizá-lo.

— Entendo. Não que eu esteja reclamando, mas se você supostamente está à procura de alguma coisa, então por que estava tentando dormir esta noite? O seu trabalho não é daqueles de 9 às 5? Você não deveria estar lá fora riscando na rua nesse exato momento?

Ela o fez parecer preguiçoso.

Ninguém trabalhou mais duro do que ele em suas sete pequenas tarefas: *encontrar o anel, alienar a alma humana, transformar Saroya em vampira, matar A Dourada, reivindicar a coroa da Horda, encontrar Serghei para queimá-lo vivo, conquistar Daci.*

Ele não tinha prazer nessa vida, não desfrutava de diversões. Tudo servindo a seu Xequemate.

Cansado só de pensar em todo esse trabalho, recostou-se na cadeira. E mais uma vez teve a sensação de que ela estava estudando-o.

— Sono e trabalho são a mesma coisa agora.

— Não entendo.

— Quando bebo o sangue diretamente da veia, posso recolher memórias da minha vítima. Vejo suas lembranças em meus sonhos, revivendo-as quando durmo. Sinto o toque do frio em sua pele, a dor de seus ferimentos, até

mesmo sua morte em minhas mãos. Recentemente bebi de um homem que sabe onde está o anel. Agora só tenho que chegar a essa memória, mas é mais fácil dizer do que fazer. Tenho que percorrer um monte delas.

Ela correu os dedos sobre o arranhão em seu pescoço.

101

— Você vai sonhar com as minhas?

— Provavelmente. Mal posso esperar pelas boas lembranças do guisado de esquilo em volta da lareira do trailer.

Ela abriu a boca, sem dúvida para dar um corte, mas em seguida voltou atrás.

— Como sabe o que é um sonho comum e o que faz parte da vida de outra pessoa?

— Eu não sonho nada a não ser as memórias, e só deles.

— Não é à toa que você está louco. Mas eu afeto sua sanidade mental, não é?

— Saroya afeta minha sanidade. Você é apenas um espaço reservado.

— Se o anel se equipara a minha morte, então toda vez que você dormir significa que estou mais perto de morrer?

— Não querendo ir direto ao ponto, mas sim.

Finalmente, ela olhou pra longe, dizendo baixinho:

— Você poderia me avisar com antecedência?

— Não. Não mais do que você deu aos veados que caçou.

— Eles eram animais!

— Você é muito mais? — Ele perguntou em tom pensativo. — E o que faria sendo avisada com antecedência?

— Quero escrever para minha família.

— Ah, as últimas cartas de Ellie Ann. Que tocante. Mas não há espaço no Lore para sentimentalismo. — Quando ele cruzou os braços no peito, ela parecia estar fazendo uma nota mental disso.

Ele realmente se sentiu um pouquinho sentimental antes quando percebeu que Chase poderia morrer — e com ele a única esperança de Lothaire de uma linhagem de vampiro. *Eu não deixaria nada de mim para trás?*

Muito tempo atrás Lothaire criou vampiros numa ocasião, mas sempre morriam antes dele. Ele perdeu o gosto por fazer isso.

Todos morreram antes dele. *E agora estou sendo piegas, sentindo o peso da minha idade?*

Elizabeth perguntou:

— Você já fez alguma coisa para alguém sem esperar algo em troca?

— Vou conjurar minha mente de volta. Mais... mais ainda... Ah, sim. Durante a Idade do Ferro, eu me deparei com um guerreiro mortal, morrendo num campo de batalha. Ele queria que eu enviasse uma mensagem para sua esposa e filhos. Eu estava com um humor extravagante. *"Dê você mesmo a mensagem*

pra ela", disse a ele, e o transformei em um vampiro. Quando se reuniram, ela correu para ele com lágrimas de alegria escorrendo pelo seu rosto, seus filhos junto a ela. Enquanto seus filhos se alegravam ele a girou em seus braços, apertando-a contra o peito. Um momento tão pungente, tanta emoção... até que ela estalou como uma uva.

Elizabeth ficou horrorizada.

— Vampiros e humanos não se misturam. Você é muito frágil. Se eu perder o controle e colocar as mãos em seu corpo... pop.

Ela ficou em silêncio.

*Por que eu mataria para saber o que ela está pensando agora?
Provavelmente porque gosto de matar.*

Numa clara tentativa de mudar o assunto, ela perguntou:

— Seus alvos sempre caem em suas garras?

— Noventa e seis ponto quatro por cento do tempo, sim.

Ela franziu os lábios.

— Que... chato.

— O que você disse?

— Onde esta a diversão nisso? Onde esta a surpresa?

— A vida não é divertida.

— Não para a maioria, imagino. — Ela se recostou no sofá dobrando suas pernas debaixo dela. —

Mas se eu fosse rica como você, me divertiria.

— Se você não fosse terrivelmente pobre saberia que dinheiro não compra felicidade.

— Falou como um homem que sempre teve dinheiro.

— Se você fosse eu, o que faria? Pra se divertir?

— Gastaria dinheiro com a minha família. E viajaria. — Ela olhou para o teto como se imaginando todos os lugares para onde iria. — Visitaria todos os Grandes: a Grande Muralha da China, as Grandes Pirâmides, a Grande Barreira de Corais. Inferno, visitaria a costa pela primeira vez.

Ela nunca esteve fora de Appalachia, nunca viu o oceano, a praia. Ele mal podia imaginar isso. Ela não fazia ideia de como era o cheiro do mar, não fazia ideia de como era sentir as ondas quebrando nos seus pés. Como ela

reagiria?

Provavelmente não como ele esperava.

— Eu vi o mundo, Elizabeth, várias vezes. É superestimado. Não tenho família pra reconhecer.

103

— Então, agora você lê o seu livro por prazer? — Ela arranhava o desenho do tecido do sofá, as unhas vermelhas arrastando levemente. — Qual é a última entrada no seu livro?

— Será um mortal chamado Declan Chase. Se ele viver. Ele é o único que possui memórias do anel.

— Se ele viver. Você o feriu? — Ela perguntou reprimindo um bocejo?

— Eu não. Um demônio cortou suas vísceras com uma espada ontem. Mas dei meu sangue a ele para torná-lo imortal.

— Isso não é um negócio realmente grande? Desde que mortais te imploram para fazer e tudo o mais. Creio que disse que era inestimável? — Ela apoiou a cabeça no braço do sofá.

—Eu queria muito um vínculo com ele. Embora, agi como se oferecesse o meu sangue.

Lothaire se lembrou do subterfúgio, um enredo simples, mas elegante e em seguida a culminação

— Chase inconsciente, sua boca escancarada sendo forçado a aceitar o sangue de um vampiro.

Mesmo que o Magistrado considerasse uma violação, um veneno em suas veias...

— Agora posso localizá-lo em qualquer lugar do mundo, a qualquer momento. — continuou Lothaire. — Posso ler sua mente se ele estiver por

perto. Sim, mortal, sob certas circunstâncias sou capaz de ler mentes. Uma outra coisa em que ainda sou superior a você.

Ela vai se engasgar com espanto levantando a mão para a têmpora, temendo que eu esteja lendo sua mente agora...

Silêncio. Ele olhou para ela, suas mãos se fecharam em punhos tremendo.

Elizabeth estava dormindo profundamente.

Ele finalmente se abriu e realmente conversou com alguém — mostrou a porra do livro — e ela adormeceu? Ele a deixou *entediada*?

Súka! Ele foi tentado a riscá-la no meio de uma luta numa gaiola *ghoul*, vejamos se isso a acordaria!

Ele pairava sobre ela olhando pra baixo, confuso com este comportamento mortal. E por que ele nunca poderia prever isso.

Acima dos batimentos do seu coração ouviu as respirações de Elizabeth. No sono ela parecia suave, ainda mais jovem. Tão bonita, mas profundamente carente de potencial.

Ela parecia inteligente o suficiente — *exceto quando me desafiava* — tirando sua aparência, não havia nada de notável nela, sem conquistas que pudesse se vangloriar.

Ela era atletica por causa de todas as expedições pelo deserto e tal, mas não era uma atleta reconhecida. Não tocava nenhum instrumento, e falava uma única língua — muito mal.

Se não fosse por Saroya, Elizabeth teria vivido uma existência desperdiçada, assim como sua repugnante mãe. Roupas de brechó e perfume barato em um trailer sombrio e com goteiras.

104

Pelo menos agora Elizabeth servia a um propósito mais elevado. Enquanto sua respiração se aprofundava, seus lábios entreabriam e seus batimentos

cardíacos aumentavam. Como um metrônomo...

como as ondas que ela nunca veria.

Tão jovem, essa mortal. Olhando pra ela agora, quase podia esquecer o quanto ele detestava os humanos.

Quase.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo seu súbito bocejo. Observá-la dormir o acalmava. Sua Noiva, ou pelo menos seu corpo, poderia acalmá-lo. Uma ferramenta que posso usar?

Depois de soltar sua espada, ele chutou suas botas e retirou sua camisa. *Agora eu durmo. Agora as memórias viriam.*

Enquanto ele riscava para sua cama, pensou. *Seus dias estão contados, jovem Elizabeth.*

Capítulo 15

Ellie acordou com um gemido. Um gemido *masculino*.

Abriu os olhos e se encontrou enrolada no sofá no quarto do vampiro. Ainda meio grogue esticou o braço e acendeu uma lâmpada, iluminando a área o suficiente para ver Lothaire.

Ele estava dormindo na cama.

Ela se levantou e atravessou o quarto até ele, curiosa para descobrir se o acharia tão bonito agora que estava descansada — e não tão traumatizada.

Do lado da sua cama Ellie exalou com resignação. Como ele podia ser tão danificado mentalmente

— e moralmente — e ainda assim ser tão deslumbrante por fora?

Vestido somente com seu jeans escuro pairando bem baixo em seus quadris, estava deitado virado pra ela, sua cabeça apoiada de lado no antebraço. O

comprido cabelo loiro despenteado, aqueles enervantes olhos escondidos.

O rosto dele era assustadoramente perfeito, com seu orgulhoso e aristocrático nariz e maçãs do rosto pronunciadas. Até a barba por fazer no maxilar ousado a seduzia. Seus dedos coçavam por traçar os lábios dele, para determinar se eram tão firmes quanto pareciam. Ela realmente nunca prestou atenção nos lábios de um homem antes, mas os dele eram sensuais.

Agora que as feridas dele cicatrizaram a suave pele das costas dele parecia exigir o toque dela.

Aqueles ombros musculosos...

Ele gemeu de novo, as sobrancelhas se reunindo acentuadamente. *Sonhando?*

Se ele realmente experimentava as memórias de todas as vítimas dele — equivalentes a milhares de anos — como *não* poderia ficar louco?

Certamente ele não estaria sonhando com esse anel. Talvez estivesse vendo as memórias *dela*?

105

Ela nunca fez nada que tivesse vergonha que ele descobrisse, mas não queria que ele *sentisse* exatamente o quanto ela amava sua família — ou soubesse quanto seus dilemas atualmente eram medonhos.

A última vez que ela falou com sua mãe, houve murmúrios sobre os homens Pierce retornando para as minas. Sua mãe dissera:

“— Por cima do meu cadáver, Ellie.” — E então se envergonhou do comentário para sua filha no corredor da morte.

Quando Lothaire virou de costas, a boca de Ellie secou. Seu tórax era duro como uma pedra, peito e abdomen perfeitamente definidos. Pelos loiros escuros quase dourados tracejavam o centro do seu peito, e uma linha fina dourada que seguia descendo até o umbigo dele e mais abaixo.

Seus sentidos famintos o beberam, quase embotando seu ódio por ele. Meu

Deus, o vampiro era tão... *bonito*.

Perfeição masculina. Especialmente com os olhos fechados. *Eu poderia olhar para ele o dia inteiro.*

Não! *Esticando o elástico*. Ele era um *assassino* que queria matá-la. Ele era em parte responsável pela sua prisão.

Era melhor não ter nenhuma atração confusa por ele. De fato, ela chegou a pensar em abrir as cortinas para o sol da manhã, mas decidiu não fazer. Ele era muito rápido, apenas riscaria para longe da luz.

Em vez disso Ellie se arrastou pra longe, planejando tomar banho, vestir-se e se preparar mentalmente para sua próxima rodada com ele.

Dentro do seu quarto trancou a porta de comunicação entre suas suítes pelo lado dela — como se isso fosse impedi-lo de entrar. Então abriu as cortinas do quarto para a sacada. Seu queixo caiu.

Fim de tarde? Exausta ou não, ela não podia acreditar que dormiu tanto tempo. Na prisão acordava às seis da manhã em ponto sempre.

Ela se dirigiu ao banheiro, encontrando artigos de higiene luxuosos lá dentro. A promessa de um banho com água bem quente — e sem olhares de guardas — a chamava.

Assim que a água fumegante cascadeou sobre ela, suspirou com satisfação, vagorosamente se esfregando com um sabonete perfumado.

No entanto, logo as mãos que varriam o corpo ficaram mais lentas, tomar banho se tornando acariciar. Passou tanto tempo desde que ela pode se tocar assim — completamente nua e não observada

— que se esqueceu de como era.

Ela bloqueou as imagens do peito esculpido de Lothaire da mente, dizendo a si mesma que estava apenas se reencontrando com seu corpo novamente.

Quando pôs uma mão em concha em um dos seus seios, um suspiro tremulo

escapou dela. Porra, sentiu falta de ser acariciada, sentiu falta dos sons masculinos de apreciação enquanto ela os tocava.

Ellie desfrutou dos homens, fora uma incurável paqueradora toda a sua vida. Ela embaçou tantas janelas de caminhonetes que ganhou uma reputação.

106

Aquela era a Ellie, a virgem fácil — que estava pronta para a conversa pervertida, acariciando,

alisando. Desde que seu jeans estivesse fechado.

Mas então foi mandada pra longe, banida dos flertes, risadas e toques.

Na prisão ansiava por sentir a aspereza das mãos dos garotos em seus seios, por ouvir seus gemidos desesperados em seu ouvido. “*Deixe-me tê-la Ellie... só vou colocar a ponta, eu juro.*”

Apoiou o braço na parede de mármore do chuveiro enquanto sua mão livre desceu pelo umbigo e mais abaixo. Como agora ela estava nua entre as pernas, Ellie notou cada diferente sensação — gotas de água correndo ao longo de sua carne, o raspar de uma de suas longas unhas...

Ela estava escorregadia por dentro, tão tentada a fazer mais do que explorar. Mordeu o lábio e olhou em volta, meio receosa que Lothaire riscasse para dentro do banheiro e a surpreendesse assim.

O que ele faria?

Quando ele a agarrou contra o corpo dele ontem, sentiu o duro poder dos músculos dele, sentiu sua ereção incrivelmente grande.

O sexo dela se apertou ao pensar naquela dureza.

Um jato de água aspergido na área do seu pescoço fazendo-a tremer. O vampiro a provou ali, parecendo apreciar o seu gosto, gemendo enquanto bebia.

Por alguma razão tal ideia era tão... erótica pra ela — como se ele a quisesse tanto que tinha que tomar uma parte dela dentro dele.

Ela suspirou estremeando.

O que teria acontecido se Saroya não tivesse se levantado? O vampiro teria agarrado os seios de Ellie? Lembrava-se de como eles doeram. Naquele momento não poderia tê-lo detido, estava num estupor sensual causado pela sua boca.

Teria ele arrastado seus beijos para baixo... e mais baixo ainda? Imaginou aqueles lábios firmes se fechando ao redor de um de seus mamilos, suas sobrelhas loiras arqueadas numa expressão de prazer enquanto as mãos pálidas amassavam...

Não! O que estava *errado* com ela? Ela detestava o vampiro, mas ainda fantasiava com ele? Deixou suas mãos cair no mesmo instante, fechando as torneiras. Inclinando suas costas contra a parede, ela prendeu a respiração, controlando sua necessidade.

Os vampiros sempre foram retratados como hipnoticamente atraentes nos filmes. Com certeza ele tinha algum tipo de influência estranha sobre ela — alguma qualidade sobrenatural dele.

Embora a explicação mais provável fosse que ela estava desesperada depois de sua longa estadia na prisão.

Depois de se secar foi para o closet, atordoada novamente com todas as escolhas. Podia passar horas misturando e combinando. Nunca seguiu a moda das revistas femininas porque sabia que nunca possuiria escolhas suficientes para criar um traje, para ter um “estilo pessoal”.

107

De fato, se ressentia um pouco das mulheres que tinham recursos — e tempo — para gastar com moda.

Ainda não tenho tempo. Lembrando-se que tinha apenas um mês no máximo,

rapidamente escolheu uma calça bege e um suéter azul com decote baixo. A roupa parecia sem graça sem os sapatos, então colocou um par de escaupins de cor tabaco.

O vampiro já teria se levantado? Teriam outra conversa — ou confronto? Ela se perguntava se a sensação esvoaçante em sua barriga era fome. Ou nervos.

Ela rapidamente trançou o topo dos cabelos, deixando o resto ondulando pelos ombros. Depois de considerar a maquiagem, escolheu um gloss...

Um berro estrondoso soou do quarto dele. Seguido por outro, e outro. Mais e mais alto...

E então silêncio.

Capítulo 16

Quando Lothaire despertou estava deitado num banco de neve. Apesar de certamente ainda ser dia em Nova Iorque, a luz amarela da lua derramava sobre ele.

Riscando no sono. Novamente. *Onde diabos estou agora?* Era para acontecer toda vez que ele dormisse?

Dardejou seu olhar ao redor reconhecendo seu paradeiro, porque era uma propriedade que ele retornava frequentemente, uma que ele possuía agora.

O campo onde sua mãe tinha morrido.

Como distintamente se recordou da morte de Ivana e a noite que se seguiu. Numa tarde como esta ele finalmente foi capaz de subir de seu casulo de neve...

O sol mal tinha se definido quando ele começou a arranhar pra fora da neve. Os humanos há muito haviam ido embora, mas Lothaire foi forçado a esperar em agonia pelo crepúsculo.

Finalmente ele rompeu a camada exterior de gelo e correu à procura de sua mãe... esperançoso contra toda a esperança. Então avistou tudo que restava

da orgulhosa Ivana, cinzas negras contra a neve notoriamente branca.

Com um grito sufocado ele alcançou seus restos mortais, mas uma leve brisa soprou, espalhando suas cinzas pelo campo.

— Não, não, mamãe! — Chorando, frenético por tocar até mesmo um fragmento dela, lançou-se para elas...

E ao invés disso ele riscou , escovando as pontas dos dedos sobre as cinzas se desintegrando.

A primeira vez que foi capaz de se teletransportar. O choque brotou. Horas antes aquela habilidade teria evitado o sacrifício de Ivana.

108

Ele caiu de joelhos, repleto de um ódio amargo por si mesmo. Falhei com ela. Lágrimas escorreram até que percebeu uma presença.

Os Daci, todos ao redor dele, envoltos em névoa.

Sua mãe dissera que sua família poderia vir para ele assim que os humanos se fossem. Realmente eles vieram.

— Lothaire. — eles sussurraram como o vento.

Ele se levantou de um salto, balançando-se em círculos.

— Mostrem-se! — Ele botou o ódio que sentia por si mesmo pra fora. Ouviu a voz de sua mãe em sua mente: — Confie em seu raciocínio frio. Mas ele não podia.

A fúria queimava dentro dele da mesma maneira que o sol a queimou.

— Seus covardes imundos! Onde estavam ontem à noite? Onde está Serghei?

— Ele gritou até a saliva escapar dos seus lábios, congelando-se lá. — Deixe-me ver seus rostos!

— Lothaire ...

Ele riscou pra frente voando para dentro da névoa com suas presas à mostra. Não era possível vê-

los. Com os olhos arregalados percebeu que eles eram a névoa — e dentro dela, como ele era.

— Você a deixou queimar! — Ele gritou, sua garganta em carne viva. — Lute comigo!

Ao redor ele ouviu seus débeis murmúrios... “sua maldição...” “ele riscou pra dentro da névoa...”

“sangue da Horda...” “em falta...” “raiva...”

— Sim, eu tenho sangue da Horda! Para melhor destruir vocês com...

Eles simplesmente riscaram para longe se dissipando.

A noite ainda estava em absoluto silêncio. Solidão absoluta...

Ao longo dos séculos Lothaire retornava aqui uma vez após a outra, desesperadamente buscando o povo de sua mãe, buscando Serghei.

Mas ele nunca riscou no sono esse tipo de distância. O floco de neve em seus pés descalços, uma brisa gelada se filtrando no calor de seu tórax descoberto.

Desprezo este lugar. Lothaire ainda podia se lembrar do cheiro da carne de Ivana se queimando naquele amanhecer gelado.

Porque seu pai, Serghei, o rei dos Daci a abandonou.

Lothaire nunca, em sua infinita vida, foi capaz de encontrar seu avô.

Quando jovem Lothaire não compreendera a dor que sua mãe sentira. Desde então, ele conheceu muitas vezes a tortura, sentiu sua própria pele queimando longe, ao sol.

Agora ele entendia ao que Serghei submetera Ivana. *Ainda posso sentir suas cinzas frágeis contra as pontas dos meus dedos...*

Com aquela memória a raiva fervia dentro de Lothaire, tão fresca quanto naquela tarde. Não deveria ter diminuído?

Ele se sentiu enlouquecido, querendo dilacerar um inimigo até que o sangue fumegante se espalhasse como a chuva e pintasse a neve.

— *Enfrente-me, Serghei!* — Ele berrou. — *Você é um covarde de merda.*

Por um instante pensou ter sentido sua presença. Ou era apenas um resquício remanescente do seu sonho?

— Enfrente-me! — Ninguém apareceu; ninguém respondeu ao seu desafio.
— Malditos sejam todos vocês, lutem comigo!

Este pode ser o momento em que eu tombe, irremediavelmente louco.

Outro berro explodiu do seu peito. *Ânsia de sangue, massacre... ossos quebrados...*

A arremetida quando a carne deu lugar às presas.

No topo da navalha olhando fixamente para o abismo lá embaixo. E o abismo olhando de volta.

Só quando percebeu que estava prestes a perder essa batalha, imaginou a pele de sua Noiva cedendo, doando esse seu vinho vermelho. *Afundando suas presas nela, introduzindo-as profundamente...*

Seus olhos se arregalaram. Ela estava sozinha. Desprotegida.

Em menos de um segundo ele retornou ao apartamento. Precisando protegê-la. Precisando dela.

Ele enterraria seu rosto em seus cabelos e inalaria seu inebriante aroma, imaginava isso tão claramente.

Ele encontrou Elizabeth se destacando em sua sacada sob o manto do sol.

Não ela, não *ela*. Somente Saroya. Ele grunhiu.

— Deixe Saroya se levantar.

Ela se virou.

— Você está de volta... Oh, meu Deus, seus olhos.

— Deixe-a se levantar! — *Abismo*.

— Ela não está tentando.

Ele lançou a cabeça para trás e berrou.

— Lothaire? — Ele ouviu a mortal engolindo com medo e ainda assim se aproximou dele, as mãos pra fora diante dela. — O-o que aconteceu com você? Isto é neve no seu jeans?

110

Ele estreitou seu olhar sobre ela, querendo-a, *Sim, venha pra mim*. Ela deu um passo mais perto das sombras, então outro. Suas mãos tremiam. *Quero-as em mim. Venha e me toque, fêmea*.

Toque-me, e eu poderei durar mais uma noite.

Os olhos do vampiro estavam mais assustadores do que Ellie já os vira. Estavam cheios de raiva e *angústia*. Raias vermelhas bifurcados sobre o branco, dando-lhe um aspecto ainda mais sinistro.

No entanto eram fascinantes para ela.

Seu peito nu arfava com as respirações, suas mãos cerradas em punhos, à promessa de violência em todos os músculos ondulantes e tendões rígidos. Suas presas brilhavam como navalhas afiadas.

E ainda assim, ela se encontrou indo até ele, querendo alisar seus cabelos soprados pelo vento de sua testa, precisando sentir sua pele perfeita.

Quando ela se juntou a ele na sala, algo começou a acontecer que Ellie não entendeu. Ele se posicionou mais perto dela, *mais perto*, com uma sedosa graça predadora.

Ocorreu-lhe que ele não queria assustar sua presa. Ela estremeceu, ordenando a si mesma a não fugir.

Porque ela sentiu que poderia... *excitá-lo*.

Logo estavam tão perto que ela teve que torcer a cabeça até encontrar seu olhar. Seus lábios se separaram diante da necessidade descarada que viu ali.

Mas o que ele precisava? O que queria?

Porque ela sentia como se fosse morrer se não soubesse como sua pele pálida seria?

— Elizabeth. — ele refreou, sua voz crua, sua expressão enlouquecida.

Talvez ela pudesse tocá-lo, satisfazer sua curiosidade e ele nem sequer se lembraria.

— Posso... posso tocar você?

Ele estremeceu, então silvou.

— Sim. Toque-me.

Testando, ela deslizou uma mecha de seu cabelo de seu rosto. Quando ele simplesmente se aproximou dela, ela timidamente colocou as palmas em seu peito, contra sua pele gelada. Para onde ele riscou? Que terra coberta de neve?

Ele se encolheu, mesmo quando seus músculos saltaram para o seu toque.

— Elizabeth. — ele falou entrecortadamente em tom áspero. — Você está *me*

escaldando. — Ela estava prestes a tirar suas mãos quando ele ordenou. — *Mais.*

111

— O-ok. — Ela espalhou seus dedos sobre seu tórax, avançando suas mãos até que pararam nos músculos rígidos de seu peito, nos seus mamilos planos.

Ela não entendia este homem, este vampiro malvado com seus olhos angustiados. Ele ainda não tinha colocado suas mãos nela. Porque tinha medo?

— Se eu perder o controle... — ele a advertiu.

Mas ela sentia que o acalmava, que o afetava fisicamente — e mentalmente.

Confiante o suficiente, sua agitação começou a aliviar, suas pálpebras ficando pesadas.

Ellie estava igualmente afetada. Ficou encantada com os cumes flexionados sob as pontas de seus dedos, implorando para serem explorados.

Quando ela esquadrinhou suas unhas pelos cabelos dourados em seu tórax, seus olhos ficaram encobertos.

— Assim é melhor? — Sua voz era embaraçosamente gutural. Mas estava doendo para ter um contato por metade de uma década, como poderia não apreciar um homem como ele?

Todo cabelos despenteados e músculos salientes.

Parecendo despertar, ele lhe deu um olhar cheio de ódio. Varreu rudemente suas mãos pra longe murmurando uma maldição, então andou a passos largos em direção à cozinha.

Já que ele não riscou, presumiu que queria que ela o seguisse.

Ela admirou com relutância os planos esculpidos de suas costas, o modo como afinavam até aqueles quadris estreitos...

Até seu andar era sensual. Lothaire caminhava como ela imaginava que um rei poderoso o faria.

Na cozinha ele abriu a geladeira, apoiando-se na porta enquanto retirava uma jarra de sangue.

Parecia como um creme fluindo em suas grandes mãos.

Ele virou a jarra engolindo seu conteúdo, enquanto Ellie afundava numa cadeira olhando fixamente com fascinação.

Ela o viu olhar para ela com o canto do olho e sabia que ele notava sua respiração superficial, suas bochechas corando.

Agora que ela o tocou estava ainda mais atraída por ele. Voando, atraída em direção a uma lâmpada.

Talvez ele estivesse um pouco menos intimidante sem suas roupas extravagantes e botas caras? E

sua maneira de beber de uma jarra na geladeira era tão normal, tão masculina, que não podia deixar de responder.

Até mesmo quando uma linha de sangue escorreu do canto de seus lábios.

Vampiro. Sangue. Ainda assim não conseguia desviar o olhar. Como esta visão deixava sua boca cheia d'água?

112

Quando ele terminou passou seu antebraço pela sua boca, sobre sua barba por fazer em seu queixo.

— Olhar te satisfaz? Apalpar te satisfaz? Não se preocupe, estou acostumado a mulheres de todas as espécies me cobiçando.

Ela sentiu um rubor de embaraço, mas o refreou. Ellie tinha uma data limite em sua vida que estava se aproximando rápido; não poderia desperdiçar um minuto ficando envergonhada com nada.

E resolveu não se abater porque estava atraída por um letal e maníaco vampiro que ela desejava matar.

Ellie inclinou sua cabeça como se estivesse considerando, dizendo honestamente.

— Bem, pelo menos você é bonito por fora. — Ao ver sua expressão, ela disse. — Oh, vamos lá. Em toda a sua infinita vida, ninguém nunca insinuou que você era *feio por dentro*?

Aqueles mais fracos que Lothaire não tinham o hábito de insultá-lo. Claro, ela *queria* morrer.

— Você não vai me provocar até te matar — ele disse, adicionando. —, esta noite. Mas provoque minha ira e vou puni-la de outras maneiras.

Sua ira estava em riste, seu humor desagradável. Embora tivesse dormido por horas, as únicas lembranças que sonhou ou experimentou em primeira mão foram as suas, algo que não acontecia há anos.

O que significava que não recolheu nenhuma nova informação sobre o paradeiro do anel.

Se ele não conseguisse acessar as memórias de Declan Chase, seria forçado a partir procurando pelo anel do zero novamente.

Quando ele seguiu o primeiro conselho de seu tio e bebeu o “vivo” sangue imortal da carne, Lothaire aceitou o risco: a loucura.

Mas se convenceu que sua mente era forte demais para ser excessivamente afligida. Talvez ele tenha ficado mais diabólico, sua consciência ainda mais corroída.

Ele nunca esperou rascar no sono e pelos acessos de raiva, que às vezes não o permitia ouvir um inimigo se movendo furtivamente pra ele por causa do trovejar de seu coração.

Nunca esperou perder suas habilidades estratégicas. No passado, ele manipulava facilmente várias pessoas, décadas de longas conspirações prevendo cada movimento de cada jogador como se fossem peões no jogo de xadrez.

Agora, meras soluções do quebra-cabeça escapavam dele. Raramente dormia. Quando o fazia, não podia filtrar seus sonhos para chegar às informações que precisava.

Igualmente estranho? De qualquer forma não experimentou as memórias de Elizabeth. Ela era sua mais recente escolha, então porque não viu as dela?

113

A única coisa boa que veio de seu descanso era que seus ferimentos se curaram completamente.

Na sua idade ele poderia passar semanas entre as alimentações, mas a regeneração o deixou faminto.

Despejou mais do sangue fresco em um copo, e glub, glub. Ele bebeu vagorosamente na frente da mortal, só para foder com ela.

Mas ela não fez nenhum comentário sobre seu café da manhã, disse apenas:

— Não achei nada aqui que eu pudesse comer.

— Não se preocupe, vou alimentar meu novo bichinho.

— Bichinho? — Seus olhos cintilaram. — Nunca soube que pudesse odiar alguém tão profundamente quanto odeio você.

— Sempre ajudo os outros a descobrirem os limites do seu ódio. É um talento meu. — Meditando sobre sua própria situação desconcertante, ele disse. — Isto deve te confundir, desejar um homem que você despreza.

— Não, descobri o que está acontecendo.

— Estou involuntariamente intrigado. Diga-me o que o seu pequeno cérebro

mortal *descobriu*. —

ele disse, imitando seu sotaque.

Ela estreitou seus olhos.

— Sempre gostei de homens. Antes da prisão eu namorei bastante, fiquei em estacionamentos todos os fins de semana.

Ciúme queimou dentro dele, entretanto estaria condenado se soubesse por quê. *Elizabeth* não era dele.

Como se lembrando de um antigo namorado, ela olhou para Lothaire. Seus olhos ficaram lânguidos, enrolou uma mecha de cabelo passando-a por cima do seu cheio lábio inferior.

Aquele cabelo. Aqueles lábios.

— Sinto falta de alguns estacionamentos. — ela murmurou distraidamente, um rubor se espalhando ao longo das maçãs salientes do seu rosto. — Excitante, agitado... estacionamento. —

Justamente quando ele estava prestes a quebrar alguma coisa ela encontrou seu olhar. — Nos últimos cinco anos vi um total de nove homens. Pense sobre isso por um segundo. Então vai entender como até *você* pode parecer bom.

— Até eu? — Seu tom era de escárnio. — Meus atributos naturais não teriam nada a ver com isto?

— Ele apontou para si mesmo, indicando seu físico impecável.

Ele foi criado para ser perfeitamente moldado.

Exatamente como prometido.

Mas, por todos os Deuses, o que era preciso para manter suas próprias promessas?

— Lothaire, só porque estou sexualmente desesperada não faz de você um pêssego.

114

Sexualmente desesperada? Passou pela sua mente aquele momento que a viu na água beijando avidamente aquele garoto, seus dedos agarrando em seus ombros enquanto sua boca se movia na dele. A expressão do garoto foi de deslumbramento antes de seus olhos se fecharem, a luxúria o subjugando...

A visão de Lothaire ficou coberta de vermelho. Elizabeth se contorcia contra o garoto, como se fosse incapaz de chegar perto o suficiente dele.

Lothaire arremessou seu copo através da cozinha, sangue e fragmentos explodiram contra a parede. Ele riscou diante dela agarrando a parte de cima dos seus braços para arrancá-la de sua cadeira.

Seu batimento cardíaco disparou, seus olhos arregalaram com um medo delicioso...

Capítulo 17

As mãos de Ellie voaram para o peito do vampiro enquanto sua boca descia para o seu pescoço.

— O que está *errado* com você?

— Este corpo pertence a mim agora! Nunca será tocado por outro. — Contra sua pele, ele grunhiu.

— Porra, deixe Saroya se levantar! — Seus lábios se separaram e sua língua sacudiu pra fora.

— Oh! Eu-eu não posso. Ela nem está tentando. — *Ele vai beber de mim novamente?*

Sua pele estava mais quente do que antes, ficando mais e mais quente sob seus dedos.

Outra lambida perversa em seu pescoço causou arrepios através dela. Os mamilos de Ellie se contraíram em pontos sensíveis, seus seios incharam.

— Você está precisando do meu toque. Desapareça e faça-a vir para mim. — ele ordenou, sua voz grave. — Vou dar prazer a este corpo, e então você ficará aliviada desta dor quando acordar.

— Não sei como desaparecer. — ela chorou, seu sotaque ficando mais pronunciado. Ele estava beijando seu pescoço tão avidamente, não mordendo, mas ainda com uma fome urgente. — Oh, Deus, não posso pensar quando *você está fazendo isso*. — ela gemeu a última palavra?

Deve ter gemido porque ele se separou dela, olhando pra baixo pra medir sua reação. Ela estava arquejando, olhos enfocados em sua boca sexy, naqueles lábios.

Ele desabotoou o botão em sua calça.

— Você me odeia...

Ela engoliu em seco com medo. E antecipação.

— ...mesmo assim ainda vai me deixar fazer o que quero com você. — Ele segurou seu zíper, soltando palavras ásperas em russo pra ela, e lentamente começou a deslizá-lo para baixo.

— Eu-eu te odeio acima de tudo! Mas isso... essa sua boca é tão *boa*. Você provavelmente tem algum tipo de controle de vampiro antinatural sobre mim.
— Alguma coisa tinha que explicar esse desejo animal que ela sentia por ele.

115

Quando ele abriu sua calça comprida e tocou o lacinho de renda em sua calcinha de seda com um gemido, Ellie mordeu seu lábio, lutando pra manter seus olhos abertos. Será que seus dedos continuariam a mergulhar pra baixo, descobrindo sua umidade ...?

O que mais ele podia controlar? Sua vida, seu futuro e agora seus desejos? Ela estava sofrendo de insanidade temporária, compreensível considerando

tudo que sofreu.

Tudo em que *ele* a colocou.

Ao pensar naquilo ela o odiou de novo. Ellie deu uma forte sacudida em sua cabeça, então encontrou seus olhos faiscantes.

— Não, *não deixarei* você fazer o que quiser. — Ela agarrou seu pulso, puxando sua mão sempre descendo de sua calcinha. — Por que eu não quero *você, nunca* vou querer.

Um músculo saltou em seu maxilar.

Ela não sabia se ele a beijaria — ou mataria.

Ele girou e esmurrou a parede da cozinha, enviando uma nuvem de gesso para o ar.

— Como se eu te quisesse, detesto tanto você que queima! E não posso matá-la.

— Por enquanto.

Ele balançou seu olhar para ela.

— Ainda não. Mas em breve.— Ele desapareceu, reaparecendo segundos mais tarde, completamente vestido.

Seu tórax largo ainda estava arfando debaixo de um suéter cinza escuro de algum tecido fino, provavelmente casimira ou algo caro. Seja o que for estava colado em seus músculos como uma segunda pele. Sua calça preta era obviamente sob medida pra ele. Ele usava um cinturão e espada.

Incrivelmente bonito.

— Estamos indo para um passeio.

Uma chance de escapar?

— Onde?

— Para ver uma bruxa.

Lothaire riscou Elizabeth para dentro de uma cabana na beira de uma praia deserta em Outer Banks.

Ele precisava de uma reunião de emergência com seu oráculo, uma fey conhecida como Bruxa do Porão.

116

— Onde estamos? — Elizabeth sussurrou. — Você disse que seus inimigos me encontrariam fora do apartamento!

— Não aqui. Suas proteções são idênticas às minhas. — Elizabeth estaria segura o suficiente. Além disso, ele não tinha nenhuma escolha além de se consultar com a Bruxa, sua mente estava cada vez mais desordenada.

Muito perigosamente.

Momentos atrás ele decidiu arrancar as calças de Elizabeth até seus tornozelos, em seguida curvâ-

la sobre a mesa e fodê-la ali mesmo. Por um breve instante pensou que era uma ideia brilhante.

Fazendo-a gemer meu nome antes de permitir que ela goze, mergulhando em seu calor apertado, sentindo-a ficar mais escorregadia ao meu redor...

Não, não! Foco! Fora o fato que ele aguardava a ascensão de Saroya esta noite, ele poderia matar Elizabeth. Se ele perdesse o controle golpeando dentro dela com toda sua força...

Suas narinas inflaram e seus punhos se fecharam. Sede de sangue guerreava com necessidade sexual. Esteve bem perto de penetrá-la nesta manhã.

A Bruxa poderia ajudá-lo a se focar, poderia ajudá-lo a ordenar suas memórias, assim ele poderia se livrar de Elizabeth o mais cedo possível.

A oráculo era a única pessoa em que ele confiava levemente com seu Xequemate. Ela previu sua Noiva e disse a ele como encontrá-la. Ela garantiu que o corpo de Elizabeth estava salvaguardado durante sua prisão.

Durante anos a Bruxa guardou seus segredos...

As venezianas de sua casa estavam fechadas contra o último raio de sol do dia. A oráculo estava esperando por ele.

Enquanto Elizabeth inspecionava a sala de estar aberta e a área da cozinha, Lothaire tentou enxergar este lugar através dos seus olhos.

Asas de morcego e amarrados de ervas pendurados no teto para secar. Carcaças de animais numa bancada de açougueiro em vários estágios de abate.

Misturas de bruxa borbulhando estavam sendo preparadas em um moderno fogão a gás, enquanto longas bancadas de trabalho mantinham um sortimento de frascos em queimadores.

Sua coleção de crânios de demônio decoravam o topo de uma prateleira, eles pareciam humanos exceto pelos chifres salientes e presas. Cabeças de Ghoul alinhadas em outra prateleira, seus rostos verdes pútridos congelados em horror. Jarros cheios de falos de centauros preservados.

— Bruxa. — ele chamou. A oráculo era na verdade uma fey de aparência jovem que foi transformada em uma velha sem poder por alguns séculos antes de recentemente retornar a sua verdadeira forma — que era de uma morena graciosa de orelhas pontudas.

Balery era seu verdadeiro nome, mas gostava mais de Bruxa. Lothaire queria lembrar a fey do seu passado de mulher idosa o máximo possível.

A Bruxa emergiu de um quarto dos fundos.

— Lothaire, não posso dizer que isto é uma surpresa. — Ela enxugou suas mãos encharcadas de sangue num avental manchado.

Embora vestisse roupas modernas debaixo do avental — uma saia curta, botas e camiseta — ela tinha uma algibeira preta definitivamente *antiga*, de ossos de vidente, presa no seu cinto.

Além de seus talentos como oráculo — o que enfraquecera por falta de uso involuntário — a Bruxa também era conhecida como fabricante de poções, especializada em venenos e poções.

Elizabeth ficou boquiaberta com as mãos sangrentas da fey, esgueirando-se mais perto dele como se para protegê-la. O vampiro que pretendia destruir sua própria alma.

Ele a ouviu sussurrando pra si mesma “*mente aberta, mente aberta*” e achou que ela enlaçou seu dedo num dos passadores do seu cinto.

— Ficando perto do *sanguessuga* agora? — O medo de Elizabeth era tão mortal, *não era condizente com uma rainha*. Outro exemplo de como ela era inferior a corajosa Saroya.

Elizabeth ficou tentada ao resplendor da glória cinco anos atrás? Ela se juntando a ele nas sombras mais cedo? Mera cabeça fraca, Lothaire decidiu.

— No momento estou pensando que você é o menor de dois males.

Ele deu uma risada sem alegria.

— Você não poderia estar mais enganada.

— Ela é a *Bruxa*? — Elizabeth murmurou. — Ela não se parece com uma. Será que se transforma em uma de noite ou algo assim?

A Bruxa suspirou pela sua ignorância. Num tom desdenhoso, ela disse.

— E você trouxe uma companhia *humana*.

— Meus inimigos já sabem que ela está sob minha guarda.

— Em tão poucas horas?

— Nix. — Ele não precisou dizer mais nada.

— Devemos atualizar nossas chaves de criptografia a cada hora.

Ele assentiu.

A fey circulou Elizabeth, suas orelhas pontudas se contraindo.

— Ela é ainda mais bonita do que nas minhas visões.

— Você esperava algo menos da minha Noiva?

118

— Visões? — A postura tímida de Elizabeth desapareceu e ela o empurrou para encarar a Bruxa. —

Foi você que contou a esta aberração como me encontrar?

A Bruxa a ignorou como se ela fosse um cachorro latindo.

— Seu corpo vai gerar bem, mesmo depois de transformá-la. — ela comentou com Lothaire.

Ele esteve tão preocupado com o *ato* de procriação que nem pensou sobre o resultado.

Como seria sua descendência quando conseguisse esse corpo? Apesar de vampiros reproduzirem moderadamente, ele imaginava muitas crianças com uma cabeleira de um tom loiro quase branco e com olhos cinza determinados.

— Vou exigir muitos herdeiros.

Compreensão e horror raiaram na expressão de Elizabeth.

Como era bizarro perceber que aquele corpo continuaria, Lothaire meditou, produzindo crianças para outros.

— *Meus filhos.* — Elizabeth cerrou os punhos. — Criados por você e sua cadela nojenta. — Se ela o atingisse como queria tanto fazer quebraria os ossos de sua mão.

Quando a Bruxa deu um aperto avaliador nos quadris de Elizabeth, a garota girou, balançando um daqueles punhos. Ele riscou entre elas, pegando-o com sua palma.

— Nunca toque esta fey. Nunca. Sua pele é venenosa.

A Bruxa era uma *Venefican*, uma dama envenenada. Quando menina, ela foi alimentada com pequenas quantidades de veneno até que sua pele ficou permanentemente letal. Ela também foi treinada como cortesã. Coloque todas essas características juntas e ela era uma arma perfeita.

— E antes que você tenha ideias suicidas — Lothaire disse a Elizabeth —, saiba que ela vai te curar antes que você possa morrer. Mas experimentará uma agonia como nunca conheceu antes.

Elizabeth arrancou sua mão pra longe dele, seu queixo levantado.

— Ela é uma pequena humana feroz, não é? — disse a Bruxa.

— Elizabeth ainda não compreendeu o seu lugar no grande esquema das coisas. — Ele deu à garota um empurrão conforme seguia em direção ao balcão da cozinha. — Sente-se, cale-se e não toque em nada.

Ela hesitou antes de se sentar em uma banquetta de bar, ainda eriçada.

— O que te traz aqui hoje? — a Bruxa perguntou.

— Eu vim por uma poção. Preciso limpar minha mente para alcançar minhas memórias. — *Meu Xeque-Mate está tão perto.* Então teria tudo que sempre quis.

Então eu finalmente entenderei o incompreensível...

— Preciso me concentrar. — Em *outra coisa* diferente que o encanto de Elizabeth.

A Bruxa olhou de soslaio com seus olhos castanhos de corça para ele.

— Gostaria de falar de negócios na frente dela?

Ele deu de ombros.

— Ela vai embora logo. Mas precisa comer até então.

A Bruxa disse a ela.

— Vá no quarto dos fundos e procure por um baú verde decorado com videiras frondosas. Abra a tampa e diga o que você deseja comer. Não abra o baú preto decorado com teias de aranha.

Quando Elizabeth apenas estreitou os olhos, Lothaire disse.

— Faça o que ela ordenou. Você deve seguir suas ordens exatamente como seguirá as minhas.

Elizabeth se ergueu com um bufo, então foi andando tranquilamente até o quarto dos fundos. Ele ouviu a dobradiça rangendo, então ela enunciou.

— Fun-yuns¹⁵.

Um segundo mais tarde naquele sotaque arrastado:

— Dá o fora!

Por cima do ombro ele ordenou.

— Coma algo *nutritivo*.

Depois de uma pausa rebelde, ela disse.

— Waff-els de mir-ti-lo. Xa-ro-pe de bor-do. — Então ela gritou. — Uau! *Excelente*.

Ela retornou com um prato cheio e talheres, sentando perto da mesa de jantar. Agora que ela recuperou seu equilíbrio, agia despreocupada com tudo isso, mas ele sabia que as rodas estavam girando, podia ver o brilho calculista nos seus olhos.

Mas não posso prever o que ela vai fazer.

Ela cautelosamente deu uma mordida no seu café da manhã, murmurando.

— Oh, meu Deus, isso é bom.

Outra mordida, e outra. Ela saboreava sua refeição de uma forma quase sensual. Ele se perguntou se ela seria assim na cama, saboreando o gosto de sua pele. *Como eu iria saborear a sua.*

A Bruxa estava dizendo algo a ele e queria se concentrar, mas continuava ouvindo o garfo de Elizabeth naquele prato, seus barulhinhos de prazer. Ele se encontrou extasiado enquanto ela girava um pedaço de waffle no xarope.

15 Funyuns são salgadinhos de milho de anéis de cebola.

120

— Está gostando dos seus *alimentos*? — grunhiu para ela.

— A gororoba da prisão tinha gosto de sola de sapato. Então, sim, pode-se dizer que estou gostando disso. — Com um ar satisfeito consigo mesma, ela acrescentou. — Além do mais, estou me divertindo com o fato que posso fazer algo que você não pode.

— Não posso? — Ele riscou para a cadeira ao lado dela.

Erguendo sua sobrancelha de modo desafiador, Elizabeth levantou uma garfada de waffle.

— Quer uma mordida?

— Você *não* faz ideia.

— O *waffle*. Oh, mas você é um *sanguessuga*. — Ela fez uma careta exagerada.

Ele achou imperativo acabar com esse olhar no rosto da mortal. Embora soubesse que a Bruxa estava olhando para ele com perplexidade, não deu a mínima. Agarrou o pulso de Elizabeth e aceitou a garfada.

Ao mesmo tempo, suas papilas gustativas gritaram *errado!* Ele não mastigava há tempos e estava desajeitado com isso, mas finalmente conseguiu engolir a comida.

Elizabeth lhe lançou um sorriso meio surpreso.

— Você tem xarope nos seus lábios. Aqui. — Ela lambia o dedo e se estendeu pra frente para limpar o xarope.

O ar entre eles estava elétrico enquanto ele debatia consigo mesmo tocando seu pulso entre beber ou lavar isso tudo.

A Bruxa pigarreou.

— O *anel*, Lothaire?

Relutantemente, ele se levantou.

— Você ainda não o viu nas suas visões?

Ela abriu espaço para ele se sentar no balcão, arrumando uma pilha do que parecia ser crânios de aves.

— Não tive mais sorte do que você. Está escondido com algumas magias muito fortes. Toda vez que tento descobrir sua localização, enfraqueço minha habilidade.

Posso sentir o olhar da mortal ainda sobre mim. O que significava que ele estava tendo dificuldade em manter seus olhos fora dela. Ele passou os dedos pelo seu cabelo.

— Você pode ajudar com a minha concentração?

— Possivelmente. Mas temos outras preocupações também. A Dourada.

121

A Rainha Feiticeira do mal. Algumas semanas atrás, ele a localizou adormecida numa tumba amazônica escondida. Ela estava meio morta, mumificada por séculos em um sarcófago, com o Anel de Somas no seu polegar.

Embora ela tivesse feitiços de proteção ligados a ela, incluindo um que garantia despertá-la, Lothaire arrancou seu polegar incrustado e roubou o anel.

E possivelmente inundou sua tumba com uma onda gigantesca.

Talvez eu não devesse ter roubado descaradamente o bem mais amado de seu corpo, despertando-a e potencialmente anunciando o apocalipse?

Eu deveria ter deixado seu polegar...

— Eu vi a Dourada em visões, eu a senti. — a Bruxa continuou. — A Rainha do mal não vai parar diante de nada até puni-lo.

A “Rainha” era uma feiticeira que exercia mais controle sobre qualquer coisa que qualquer outra feiticeira. Quando a Dourada estivesse completamente regenerada poderia controlar os seres do mal —

inclusive Lothaire.

Mas ele não estava preocupado com seu poder, imaginando que com o anel poderia derrotá-la com bastante facilidade. No entanto, quando estava prestes a deslizar-lo no seu dedo, foi capturado por Declan Chase.

— Lidarei com ela assim que encontrar o anel. — disse Lothaire. — Temos algum tempo.

Exatamente sete dias atrás consegui lançá-la em um abismo de fogo. — Quando todo o inferno se soltou, ou melhor, quando todos os prisioneiros imortais se libertaram das celas da Ordem, seus zumbis Wendigos o atacaram

em bando.

Ele derrotou a todos eles, uma façanha particularmente notável considerando que estava faminto, recuperando-se de tortura, misticamente enfraquecido e incapaz de riscar. Então girou seu olhar cheio de ódio para Dourada...

A Bruxa brincava com um frasco esfumaçado.

— A feiticeira já está vindo atrás de você.

— Ela se levantou muito rápido, não é? — Depois de despachar os Wendigos, saltou sobre uma fenda para alcançar Dourada, lançando-a para baixo. Mas ela pegou sua perna. Enquanto eles estavam pendurados, fez o que qualquer um faria em sua situação, chutou seu rosto até que seu crânio cedeu e um olho saltou pra fora.

No final ela despencou em um abismo de centenas de metros de profundidade.

— Sim, Dourada está se recuperando dos ferimentos que você causou e de seu estado mumificado.

Lothaire, se você mal prevaleceu contra ela da última vez e ela está regenerando agora...? Seu controle sobre todas as criaturas do mal será absoluto em questão de semanas, talvez dias.

Então ela poderia ordenar que ele saudasse o sol do meio-dia em um deserto equatorial que o mataria.

Elizabeth tossiu, escondendo um sorriso por trás do seu punho.

122

— Por que você está achando graça? — ele exigiu.

— Parece para mim como se você estivesse quase tendo seu rabo espancado por uma garota. Não sei quem é esta Dourada, mas estou desejando a ela toda a sorte do mundo.

A Bruxa ofegou. Lothaire deu um soco no banco ao lado dele, quebrando-o, estilhaços voando.

Enquanto ele e a Bruxa olhavam com espanto, a mortal calmamente recolheu-os fora do seu prato e do seu cabelo, então deu outra mordida no waffle.

Capítulo 18

Várias realidades se tornaram claras para Ellie enquanto os imortais conversavam diante dela como se fosse uma criança esquecida numa cadeira.

Um: Lothaire estava tendo dificuldade em encontrar o anel que se equivalia à morte de Ellie.

Dois: Sua concentração sofreu quando ele pirou.

Três: Ellie precisava fazê-lo pirar o máximo possível.

Quatro: Ela se arriscava a morrer a cada tentativa. O que por ela estava bem. *Ganhar-ganhar.*

No entanto, sua expressão agora proibitiva estava minando sua coragem. Para reforçar isso de novo, lembrou a si mesma que já estava tão boa quanto morta.

Ellie uma vez leu um artigo sobre o transtorno de estresse pós-traumático de guerra. Lembrou-se particularmente de um oficial do exército que dizia aos novos soldados da linha de frente. “Você morreu no dia em que se alistou para esta guerra. Você *já está* morto. Então por que não ser corajoso agora?”

Eu morri no dia em que Saroya aterrizou em mim. Então, por que não levar a sanidade de Lothaire pra baixo comigo?

Com sua voz vibrando com raiva, o vampiro disse:

— Eu fui torturado e privado de sangue durante semanas antes de enfrentar Dourada.

Ellie lhe deu um olhar como se estivesse ligeiramente embaraçada por ele.

— Mas ela ainda não era uma múmia ou algo assim? Regenerando e tudo? Parece que você é o contrapeso dela.

Pelo canto do olho, viu a Bruxa ficar de queixo caído.

Lothaire riscou na frente dela, cerrando os punhos tão apertado que o sangue começou a escorrer deles.

— A feiticeira tinha uma dúzia de guardas Wendigo que eu derrotei.

123

— Não sei o que é um Wendigo. Poderia ser um coelho do Lore. Mas parece que *você* considera essa façanha uma grande coisa.

A Bruxa interveio.

— Wendigos são zumbis vorazes, contagiosos até mesmo para imortais, muito velozes, com garras e presas tão longas quanto lâminas. No passado, *um* foi o suficiente para dizimar toda uma espécie de imortais. Algo em torno de uma dúzia.

Balbuciando, Ellie perguntou a ela:

— Você é doce com Lothaire, não é?

Agora a Bruxa caminhou a passos largos em direção a ela com indisfarçável malícia.

Num tom incrédulo, Lothaire grunhiu.

— Sua insolência...

— Estou apenas tirando sarro de vocês dois, patetas. Mas falando sério, Lothaire, deve derrotar a Dourada antes de se preocupar com o anel.

A Bruxa disse:

— Se não calar sua boca, vou selar seus lábios por você.

Elizabeth deu de ombros.

— Acho que você não quer meu conselho.

— Ela disse pra você *calar a boca*.

Mas Lothaire levantou a mão.

— Às vezes o meu novo bichinho de estimação faz alguns truques. — Para Elizabeth, ele disse. —

Fale.

— Se Dourada pode controlar todas as criaturas do mal, então é melhor você se acertar com essa.

— Ela sustentou o seu olhar. — Estou consciente de que não há como lutar com alguém quando ele tem total poder sobre você.

— Se eu encontrar o anel que procuro, então poderia derrotá-la com ele.

— Você me disse que poderia demorar um mês para encontrá-lo?

— Improvável. Ainda que possível.

— A Dourada terá força total numa fração desse tempo. Você deve sempre atacar o mais urgente em primeiro lugar.

— Uma dedução razoável, mas você não tem todas as variáveis. A localização do anel pode mudar.

Se eu não alcançá-lo, poderei perdê-lo para sempre.

124

— E isso seria uma *vergonha*?

Apenas quando Ellie decidiu que ela foi longe demais e atingiu seus objetivos, ele disse:

— Vou falar com Bruxa em particular agora.

— Onde exatamente você quer que eu vá, Lothaire?

— Você não queria ver o mar? — Ele disse num tom enigmático. — Está justamente ali fora. Vá.

Veja.

A excitação vibrou através dela.

— Verdade?

— Estamos em Outer Banks.

Ellie se levantou de um salto correndo para a porta da frente.

Lothaire murmurou.

— Em cinco, quatro, três...

— Do que você está falando? — A Bruxa perguntou.

— A mortal está prestes a ficar de frente pela primeira vez com a...

— *Ahhh!*

— ... barreira. — Ele sorriu.

— Você não costuma atormentar sua presa, Lothaire.

— Sim, costume. — Ele corrigiu. — E, além disso, minha presa normalmente não age assim.

— A mente dela está com defeito? As mentes dos mortais quebram tão facilmente.

— Ela quer me provocar para incitar minha loucura, então vou atacar e matá-la.

— Ela está aproveitando sua maior fraqueza tão cedo? Então é surpreendentemente inteligente, não é? — A Bruxa adicionou um envelope de cristais verdes em um vidro de laboratório e em seguida parou. — Você tem certeza que ela não é a sua Noiva?

— Cuidado, Bruxa. — Ele a alertou, fervilhando que ela ousasse considerar Elizabeth para ele. —

Seus antigos empregadores poderiam perdoar seu atrevimento, *eu* não vou.

— Nunca predisse que sua mulher seria Saroya.

— Você disse em muitas palavras. “A grande e destemida rainha amada pelos vampiros que vai garantir seu trono para você”, disse ele. — “*Ellie Ann*, dos confins de Appalachia, simplesmente não vai inspirar o amor dos vampiros da Horda.”

125

Elizabeth não era da realeza, nem nobre, nem vampiro. Nem mesmo um dos mais baixos do Loreans.

Saroya era uma divindade.

Os lábios de Bruxa afinaram. *Ainda não estava convencida?* Como ela poderia estar? É claro que a Noiva de Lothaire era uma Deusa.

Ele pretendia iniciar uma dinastia com ela que duraria até a eternidade. A mãe daquela dinastia *não* poderia ser uma ignorante camponesa mortal.

— Você se lembra quando encontrei Elizabeth? — Perguntou ele. — Quando voltei e disse que houve um erro? Eu protestei e neguei sua visão até que encontrei Saroya e tudo fez sentido. Foi como uma epifania. E você me lembrou que nunca fui sangrado até que vi Saroya.

— Eu poderia checar agora. Saber com certeza.

—Você pode também checar pra saber se o céu é azul. Pra que desperdiçar seu poder com isso, quando mal consegue suprir o suficiente para me ajudar com as coisas do jeito que estão? Entre outras coisas deveria ter localizado a rainha Valkíria. Mas não adiantou.

Quando ela abriu a boca outra vez, Lothaire cortou.

— Deusa de sangue triunfa num trailer de merda de uma mortal. Ponto. Até para divertir a alternativa é ridícula. — Ele nivelou seu olhar no dela. — Nunca vou e nunca poderei abandonar Saroya.

Retome este assunto novamente de qualquer maneira e vou arrancar sua garganta pela sua coluna.

Estamos entendidos?

Ela murmurou.

—Entendido.

Pelo menos uma mulher sabia quando recuar diante dele. Não que a Bruxa fosse covarde, mas acima de tudo a fêmea fey se sobressaía em escolher suas batalhas.

—Agora em relação à Dourada. Não quero usar o anel para derrotá-la.

Ele tinha planejado usá-lo não mais do que três vezes. Embora o Anel das Somas fosse simples de usar, era um dos mais trapaceiros talismãs do Lore. O anel podia fazer quase qualquer desejo se tornar realidade, mas quanto mais usado, mais ele escolheria *interpretar erradamente* os desejos.

No passado ele ouviu falar de dois possuidores diferentes. O desejo do primeiro homem foi uma fortuna em ouro. Baús disso apareceram do lado de fora da sua porta da frente. O quarto desejo do outro homem foi o mesmo. Ouro caiu do céu enterrando sua família.

E o anel não permitiu que o desejo fosse revertido.

Lothaire poderia, ou colocar Dourada em espera e arriscar a má interpretação

do anel depois , ou encará-la agora e arriscar que o anel fosse movido do complexo de Webb.

O passo lógico seria de fato procurar à feiticeira.

126

— Encontre-a para mim. — Lothaire disse. — E vou enfrentá-la.

A Bruxa assentiu.

— Estarei à procura o máximo que minhas visões permitirem.

— E o que diz da minha confusão, da minha falta de foco?

— Sua Noiva pode acalmar sua mente melhor do que qualquer coisa que eu possa inventar pra você.

—O que devo fazer? Levar Saroya comigo enquanto luto para recuperar o meu anel? — *Ela não vai se levantar de qualquer maneira*, sua mente sussurrou.

Não, esta noite ela vai. Ela deve. Seria suficiente para acalmar sua mente? Em qualquer caso, ele ainda buscaria uma poção.

— Não posso expô-la ao Lore. Meus inimigos a aniquilariam.

— Então retorne para perto dela o máximo possível. Fale com ela. Toque-a.

— É inconveniente. Apenas prepare algo para mim.

—Há um remédio, mas precisarei de cinco videiras cinzas para fazê-lo. As vinhas não são normalmente encontradas neste plano. Vou ter que checar para localizar algumas.

— Faça isso.

Ela puxou o chumaço de pano preto do seu cinto, desdobrando sobre o balcão, perdendo dezenas de pequenos ossos de várias formas. Ela os

recolheu e rolou como se fossem dados, em seguida estudou seu posicionamento, enfocando sua previsão.

— Há um bando de metamorfos de lobos nas florestas da Moldávia. Eles usam as vinhas para curar seus escravos mortais após o sexo vigoroso.

— Como posso encontrar o covil do bando?

Ela rolou os ossos hesitante novamente.

— Está em algum lugar a um dia de viagem do Templo de Riora.

Riora, a Deusa da Impossibilidade.

— Conheço a localização. — Haveria cerca de seis horas para o amanhecer na Moldávia. Ele riscaria milha por milha fora do templo, enquanto voltava a cada hora para verificar se Saroya estava se levantando. — Vou diretamente. Quero a base da poção pronta quando eu voltar.

— Haverá dezenas de homens. — disse a Bruxa. — Você não pode usar uma dívida de sangue para uma ou duas espadas extras? Só um louco enfrentaria um covil de metamorfos sozinho.

Ele ergueu uma sobrancelha. *E seu ponto é?*

127

Capítulo 19

A praia.

Ellie a estava fitando, mãos e rosto pressionados contra a barreira invisível.

Estava tão perto que podia sentir o cheiro do ar salgado, podia ouvir as ondas, mas não podia tocar nada.

A barreira se estendia apenas até a varanda coberta da Bruxa, como Lothaire obviamente sabia. A testa de Ellie ainda latejava.

A cena diante dela era tão diferente de suas amadas montanhas, a vista aqui era aberta e surpreendentemente infinita.

Seus ombros ficaram tensos quando Lothaire riscou ao lado dela. Ela deixou cair as mãos, furiosa consigo mesma por ele a pegar olhando ansiosamente para o oceano.

— Você me deixa chegar tão perto, mas não vai me deixar tocar a areia, a água?

— É como com as joias. — Suas palavras estavam cobertas de diversão. — Você ficará feliz simplesmente por ter visto.

Ela disse calmamente:

— Odeio você mais do que o inferno.

— Eu sei. Conforte-se sabendo que só vai ter que lidar comigo por mais alguns dias. Com a nova poção da Bruxa, eu poderei sonhar com o anel hoje à noite. E você poderá estar morta amanhã!

— Pretendo voltar e assombrá-lo.

— Então, tem que entrar na fila. Por enquanto, voltarei daqui a poucas horas ou nunca mais.

— Sei o que está esperando por mim.

Depois que ele desapareceu com um juramento murmurado, Ellie revirou uma ideia após a outra para escapar. Mas não *conhecia* o suficiente sobre esse mundo para navegar em sua situação atual.

Ela permaneceu na barreira até o dia desaparecer sobre o oceano num motim de roxo e laranja.

Lugares como este poderiam fazer uma garota *querer não* estar morta.

Com o coração pesado ela entrou, sentando em um banquinho no balcão da Bruxa. A fey estava trabalhando em alguma poção, parecendo esgotada.

Gotículas de transpiração acima do seu lábio superior, cachos soltos pendendo sobre seu rosto afogueado. Até as pontas de suas orelhas estavam rosadas. E ainda assim a Bruxa era estonteante com seus emotivos olhos castanhos e suas feições delicadas.

Dois em cada dois dos imortais que Ellie tinha encontrado eram sobrenaturalmente bonitos. O que levava à questão: *Como esta aqui obteve seu nome?*

128

A Bruxa pegou o que parecia serem ovos azuis endurecidos, em seguida começou a moê-los com um pilão. Quando seu avental ficou entreaberto Ellie congelou. A fey tinha um telefone celular preso ao seu cinto.

Ela decidiu provocar a Bruxa talvez fazendo um telefonema. Com esse pensamento em mente, Ellie se voltou à “arca-chef” e pediu:

— Duas Coca-Colas com gelo.

Dois copos de Coca-Cola gelada apareceram. Para alguém que amava tanto comida quanto Ellie, esta caixa era como a arca santa.

Ellie levou os copos de volta para o balcão, deixando um na frente da oráculo.

—Você não se parece com uma bruxa para mim.

— E eu esperava tanto não decepcioná-la.

— Então qual é o seu verdadeiro nome?

Silêncio.

Ellie deixou seu olhar cair sobre um velho livro deitado perto do pilão.

— Isso é um livro de feitiços? — Ela o apanhou correndo os dedos sobre a capa. — Nunca senti um couro tão macio.

— Feito de um humano dedicado ao cuidado da pele.

Ellie deixou cair com um estremecimento.

— Você pode realmente ver o futuro?

— Sim.

— Posso abrir uma janela?

— Não.

— Suas orelhas são pontudas.

— E seus olhos funcionam.

— Eu poderia moer isso pra você. — Ellie ofereceu. — Por que não me coloca para trabalhar?

— Acredito que as ordens de Lothaire foram se sentar, calar a boca e não tocar em nada. Sugiro que as obedeça, Elizabeth.

Sua atitude condescendente a irritou.

— Não sou uma criança.

— Pra nós você bem que poderia ser.

129

— E se eu te batesse e roubasse seu telefone?

A fey revirou os olhos.

— Tente, mortal.

Planejando.

— Considere-se avisada, Bruxa.

— Mesmo se pudesse de alguma forma pegá-lo de mim, tenho um código de bloqueio.

Caramba, de volta a simpatia. Num tom mais conciliatório, ela disse:

— Pode me chamar de Ellie, se quiser.

— Não quero. — A Bruxa correu as costas de uma mão manchada de azul sobre uma onda marrom brilhante. — Olhe. Se esta é a parte em que tenta fazer amizade comigo a fim de obter minha ajuda, poupe seu fôlego. Sirvo apenas aos interesses de Lothaire.

—E os de Saroya? Você não se importa que uma assassina psicopata esteja prestes a ser solta no mundo?

— Se esse é o desejo Lothaire, então é o meu também.

— Você o teme tanto assim?

— Devo minha vida a Lothaire. Independente disso, você seria louca de não temer o Inimigo do Antigo.

— Vocês dois tem um caso?

— Claro que não. Ele tem uma Noiva a quem permanece fiel.

— Mas Saroya e Lothaire não são íntimos. — Pelo menos, não acho que sejam...

— Não vou discutir sobre isso com você.

Lothaire apareceu na sala fazendo com que Ellie saltasse na cadeira. Desde que o viu pela última vez, ele vestia um casaco longo sob medida colocado sobre seus ombros largos. Ele estava sem fôlego, com faixas de terra em uma bochecha e lama espirrada em suas pernas.

—Saroya tentou se levantar?

— Ela não está no momento. — Disse Ellie acidamente. — Posso anotar um

recado?

— Você prometeu que permitiria que ela se levantasse!

— Saroya nem ao menos está tentando. — *Onde está o fogo, vampiro?* Ele esteve afastado da Deusa durante anos. Agora ele simplesmente *tinha* que vê-la?

— O que você disse?

130

— Nem-um-beliscão.

Lothaire lançou seu punho contra a parede e depois desapareceu.

A Bruxa suspirou, então voltou a trabalhar.

— Ele é sempre assim... intenso? — Mesmo quando Ellie e Lothaire compartilharam uma conversa um tanto normal na noite passada, ele esteve vibrando com alguma coisa.

- Você é estúpida em ameaçá-lo. Se ele perder o controle, você vai morrer – terrivelmente.

Nota para mim mesma: descobrir sua definição de terrivelmente.

— O que seria necessário fazer pra você me ajudar? Tudo que preciso é um telefonema.

— Você não *tem* nada. Agora, cale a boca.

Dois minutos depois:

— Você tem um banheiro?

— Pensando em escapar?

— Pensando em fazer xixi, na verdade.

A Bruxa assinalou para um corredor lateral.

—Não abra janelas ou portas em qualquer lugar desta casa.

— Ótimo. — No banheiro Ellie fechou a porta atrás dela, especulando. — O que vou fazer? — Ela murmurou. — O que fazer... o que fazer...?

— *Venha comigo.* — Uma voz sussurrante respondeu.

Uma voz. Vinda do espelho assustador!

Ellie se achatou contra a porta.

—Q-quem é você? — *Mente aberta!*

—A cavalaria, aqui pra te salvar. — A mão de uma mulher apareceu junto ao reflexo atordoado de Ellie, parecia como se viesse de *dentro* do espelho.

Cavalaria? Seu coração pulou. Mas então se lembrou do que os inimigos de Lothaire gostariam de fazer com ela. Haréns, prostituição e chifres.

Ellie se virou e abriu a porta, correndo de volta para a cozinha.

— Bruxa! — ela gritou. — Tem... tem alguma coisa *no espelho*, alguma coisa que quer que eu vá com ele.

A Bruxa deixou cair às folhas que estava separando.

131

— Espelho? — Ela recolheu um facão de um gancho na parede. — Mariketa, a Esperada. Ela deve ter procurado em todos os espelhos do mundo pelo seu reflexo.

— Quem é Mariketa?

— Ela é a líder da Casa das Bruxas, um famoso grupo de mercenárias. — De arma na mão, a Bruxa caminhou para o banheiro.

Isso não vai acabar bem para Mariketa. Ellie seguiu a Bruxa cautelosamente.

— Bruxas mercenárias? Só pode estar brincando comigo!

— Elas decifraram a criptografia da nossa barreira. Ou pelo menos parte dela.

— Na porta a Bruxa disse: — Vá pra dentro e diga que você quer ir com ela.

— Uh, tudo bem. — Ellie entrou então encarou o espelho. — Ei, você está aí cavalaria?

A voz respondeu:

— Não tenho o dia todo, Noiva de Lothaire. Esta noite tem cerveja barata e música de boate com boliche. — Mariketa soou tão humana, tão normal, que Ellie teve dúvidas. Especialmente quando a Bruxa rastejou para o lado do espelho e levantou o facão. — Mariketa continuou. — Eu não posso violar o plano do vidro por causa do feitiço antigo da barreira. Mas você pode alcançar o espelho e pegar minha mão.

Passe no dois e eu vou fazer o resto.

A Bruxa acenou positivamente e Ellie disse.

— Sim, ok, aqui vou eu.

A fey enfiou sua mão no espelho como se mergulhasse numa piscina de água.

Mariketa disse:

— Te peguei!

A Bruxa respondeu:

— Não, *eu* peguei você.

Seu facão golpeou através do vidro. Um grito irrompeu.

— *Ahhh! Sua PUTA!*

Num jato de sangue a fey saltou para trás. Ellie ficou boquiaberta. A Bruxa estava segurando a mão decepada da bruxa.

Alguma espécie de besta rugiu de dentro do espelho, a energia começou a se construir no ar, arrepiando os pêlos finos dos braços de Ellie.

Usando o sangue a Bruxa freneticamente desenhou símbolos estranhos no vidro, terminando quando um flash do que parecia ser um raio torpedeou na direção delas.

132

— Segure... segure firme. — A Bruxa murmurou. O parafuso ricocheteou no vidro plano e voltou para a escuridão. Outro grito soou.

— *Você vai pagar por isso, fey!* — Depois, o silêncio.

O vidro ficou sólido novamente, os símbolos parecendo se infiltrar no espelho antes de desaparecer.

A Bruxa desabou contra a parede.

— Eles sabiam o suficiente da nossa chave para encontrá-la. Deuses das trevas, essa passou perto.

— Você me salvou, obrigada.

O rosto dela empalideceu.

— Foi *muito* perto. Eu deveria ter mudado a criptografia uma hora atrás. Você não estava invisível para os inimigos. Lothaire vai me matar por isso.

— Sem dano, sem infração? Não tenho um arranhão em mim.

— Você não conhece Lothaire. — A expressão da Bruxa estava arrasada.

— E se eu não contar?

— E o que você quer em troca?

O olhar de Ellie caiu para o seu telefone.

— Você sabe o que quero.

— Prometi ao Lore nunca trair Lothaire. Mesmo que eu queria que você faça a chamada, é impossível quebrar um juramento para o Lore.

— Então o que você *pode* me dar?

Os olhos da Bruxa dardejaram.

— Não sei... não posso pensar.

— É melhor se apressar. Ele pode voltar logo. Ei, talvez possa responder vinte questões para mim.

Em um tagarelar rápido a Bruxa disse:

— Eu teria que me reservar o direito de não responder a certas questões se as respostas puderem prejudicar os interesses de Lothaire. Uma pessoa inteligente poderia colher exclusivamente das perguntas que eu recusei.

Como se eu pudesse apenas recolher aquilo que talvez prejudicasse os interesses de Lothaire? E

you acha que sou inteligente?

— Então prometa me dar informações sobre este mundo, sobre os imortais em geral.

133

— Ajude-me a limpar e vou fazer com que valha a pena.

— Hum, sim, vou precisar que você faça esse voto ao Lore.

A Bruxa olhou de soslaio para Ellie.

— Tenho um sentimento muito agourento sobre você. Mas eu quero viver.

Então faço um voto ao Lore para lhe dar informações sobre o nosso mundo.

— Tudo bem. Diga o que quer que eu faça...

A Bruxa lhe deu um pó para derramar em cima da pia e no facão para fazer o sangue desaparecer, enquanto ela desintegrava a mão da bruxa em outra cuba.

Quando tudo estava de volta aos eixos, A Bruxa disse:

— Não importa o quanto deixemos isso limpo, você vai nos delatar. Ele vai ver através de você.

Ellie voltou ao seu banquinho.

— Olha, é como quando a Lei ronda por aí perguntando sobre um imóvel ou um laboratório.

Mesmo que eu seja pega com a mão no pote vou negar. Eu me transformo numa parede de tijolos. Não sou o ponto fraco aqui.

— Sinto cheiro de sangue de bruxa. — entoou Lothaire atrás delas.

A fey virou um pouco rápido, mas Ellie era especialista nisso.

— Sim, não posso acreditar nas merdas que enviam através da correspondência postal. — Ela batia as unhas sobre o balcão. — Pretendo denunciá-la quando escapar.

— Uh-huh. — Lothaire estreitou os olhos para a Bruxa. — Qual poção precisa de sangue de bruxa?

— Eu reforcei o feitiço da barreira especificamente contra elas depois que você me contou sobre a recompensa. A Casa não vai ceder diante de nada que tente capturar Elizabeth.

Ele examinou o rosto da Bruxa claramente desconfiado.

— Essa previsão.

— Eu sou um oráculo.

Uma das boas.

— Como vai sua busca, Lothaire? — A Bruxa perguntou.

— Estou chegando perto. — Virou aquele olhar penetrante para Ellie. — Saroya?

— Nem um pio.

— Se eu descobrir que você tem segurado sua volta...

— Caramba, não estou!

134

Lothaire evidenciou o olhar mais aterrador que Ellie já viu em um homem. Deu-lhe calafrios, a fez querer mergulhar num abrigo. Então ele desapareceu.

Ellie estava prestes a exalar uma respiração reprimida quando se lembrou de um velho truque policial.

— Fique séria, Bruxa. Ele já está voltando.

Capítulo 20

Elas estão aprontando alguma coisa...

Lothaire retornou para a casa da Bruxa segundos mais tarde para pegá-las trocando confidencialmente um olhar de alívio...

Ele ficou invisível, mas ele só encontrou a fey mexendo seu caldeirão enquanto Elizabeth continuava a tamborilar suas unhas em cima do balcão.

Com os olhos estreitados Lothaire voltou para a sua tarefa. *Sim, estavam aprontando alguma.* Mas não tinha tempo ou clareza para investigar.

Durante as últimas horas ele cobriu quilômetros, correndo para fora do

templo vazio de Riora através de uma floresta antiga.

Já que ele só poderia riscar para os lugares onde esteve antes ou lugares que conseguia ver, tinha dificuldade de cobrir grandes quantidades de terra. Era quase fácil correr seguindo as trilhas dos animais feitas à medida que fugiam de sua presença. *Até mesmo outros predadores me temem...*

Embora esta tarefa pudesse ajudá-lo a completar seu Xeque-mate, ele encontrou seus pensamentos vagueando para Elizabeth novamente, desta vez para o olhar de anseio em seu rosto enquanto ela olhava fixamente para o mar.

Sua satisfação se revelou curiosamente menor do que esperava.

Por que não podia parar de pensar nela? Ou como ela se derreteu por ele mais cedo no apartamento?

Porque até eu pareço com uma opção.

Ele nunca teve problemas com as mulheres antes. Agora duas entraram na sua vida apenas para atormentá-lo.

Uma parecia não desejá-lo; a outra desejava, mas só porque foi privada de qualquer macho. *Aquela sua boca parecia tão boa...*

O que ele faria se Saroya ainda não tivesse se levantado esta noite? Trairia sua Noiva?

135

A necessidade de Lothaire ser fiel não era por razões sentimentais, mas somente pela lógica. Ele estudou os reis e rainhas verdadeiramente grandes no Lore, e casais reais históricos que acumularam poder juntos não dormindo com outros.

Os homens não tomavam concubinas. As mulheres não deslizavam secretamente em outras camas.

O casal apresentava uma frente unida para o mundo, sem brechas em sua

base para os inimigos rastejarem caminho adentro. Cada um demonstrava lealdade absoluta... apenas para o outro.

Lothaire não podia discutir com os fatos.

Esperava esta unidade com Saroya. Planejou isso. Mas tecnicamente Elizabeth e Saroya eram a mesma. Se sua Noiva não via diferença, então talvez ele não devesse ter escrúpulos a cerca disso. Ele poderia desfrutar de Elizabeth e ainda ser fiel...

Ficou tenso, pegando o cheiro do bando de metamorfos. Ele os seguiu até a entrada do covil, então mergulhou pra dentro.

Dentro da terra. *Matenha-se focado*. Cinco videiras cinza. Dentro. Fora.

Ele seguiu um túnel para uma caverna parecendo uma abóbada, o ponto central de encontro deles com passagens se desdobrando em todas as direções. Em volta de uma fogueira camas cobriam o chão e bancos de pedra se enfileiravam nas paredes.

Raízes pendiam do teto como dedos ávidos. *Terra caindo sobre mim...*

Bloqueie essa memória. Ou olhe pra dentro do abismo. Bloqueie isso. Foco!

Ele farejou mortais em algum lugar nas profundezas da caverna. *Seus escravos*.

Os metamorfos começaram a surgir de outros túneis. Dezenas o cercavam, todos em sua forma humana, mas ficaram tensos com a agressão.

O maior deles, o alfa, disse.

— Um vampiro ousa entrar em nosso território chegando perto de nossas mulheres?

— Há pouca ousadia nisso. — Só um louco entraria num covil dos metamorfos? Lothaire estava entediado. Quantos bandos ele enfrentou e sacrificou? Era incalculável. — Procuro vinhas de cinzas.

Entregue-os para mim e pouparei a todos vocês.

— Quem diabos é você? — o alfa exigiu.

— Sou Inimigo do Antigo.

Os olhos do alfa se arregalaram.

— Você matou meu pai e meus três irmãos mais velhos.

Lothaire falou lentamente.

— Nunca ouvi isso antes.

136

Aparentemente ele matou a tantos membros de famílias que deve ter afetado significativamente a população do Lore. *Fazendo minha parte pelo meio ambiente.*

Um macho corpulento sem pescoço disse.

— O sanguessuga visou a linhagem do alfa? Agora ele vai morrer.

Disco quebrado.

— Vamos deixá-lo ir. — Numa abordagem mais covarde — ou sábia — aconselhou um metamorfo.

Outros murmuraram concordando.

— Vocês estão todos loucos? — O Alfa olhou furioso. — Há trinta de nós. E um só dele.

Falando com o canto de sua boca, o covarde insistiu.

— Mas... mas é o Inimigo do Antigo. — Então para Lothaire, ele disse. — Estamos sem vinhas e nosso fornecedor não as envia há semanas. Juro pelo Lore.

— Cala a porra da boca! — O alfa ordenou.

Sem vinhas. Lothaire deveria riscar para longe, não arriscando sua sede de sangue, assegurando-se que não beberia de nenhum destes animais no calor da luta.

— Olhe para isso — o sem pescoço disse. —, ele vai riscar para longe, correr de volta para o seu rei.

Oh, espere, seu rei foi morto exatamente na última primavera. Assassinado em seu próprio castelo.

O rei que Lothaire servira. O rei com quem ele tinha falhado.

A morte que eu tanto lamentei — e celebrei.

Uma raiva silenciosa fervilhava dentro de Lothaire. Sua mente se focou dentro de um túnel, perdendo a visão periférica. Tudo ao seu redor diminuiu, até seus batimentos cardíacos soavam lentos, como relógios tiquetaqueando em óleo.

O alfa golpeará com as garras de sua mão esquerda dominante. Vou fatiar seu braço com a minha direita e usar a minha esquerda para cortar sua jugular. O covarde hesitante atacará por trás. Um chute para trás se conectará com seu peito e esmagará sua caixa torácica. O sem pescoço vai arrebatá-lo um banco de pedra, balançando-o enquanto esmurro seu peito e removo seu coração.

O resto reagirá incontrolavelmente, transformando-se e atacando como um bando.

— Você errou por pouco. — Lothaire arreganhava suas presas. — Agora todos vocês vão morrer.

137

Capítulo 21

— Então, qual é a minha recompensa por salvar seu traseiro fey? — Ellie

perguntou quando a Bruxa retornou à cozinha.

Pouco depois da última aparição suspeita de Lothaire, a Bruxa se desculpou dizendo que precisava verificar alguma coisa. Agora que retornou, olhava fixamente para Ellie com uma estranha intensidade.

— Vá até aquela estante. — A Bruxa assinalou um conjunto frágil de prateleiras. — Procure um volume muito antigo intitulado *O Livro Vivo do Lore*. É uma enciclopédia de auto-atualização do nosso mundo.

— Enciclopédia? — Ponto! Ellie o encontrou, abrindo as páginas mofadas. As palavras eram escritas à mão em uma escrita de estilo antigo, mas legível.

— Se Lothaire volta e encontra você com ele, vou negar apontando pra você.

— Mensagem recebida. — Momentos depois Ellie se reclinou com o livro numa espreguiçadeira sob a lua quase cheia.

Imediatamente procurou por uma “Deusa de sangue” ou “Saroya” ou “ceifeira de almas”, mas não obteve sucesso. Desanimada se virou para a entrada de *Vampiros*. Ali havia informações para a tomada!

Começou a ler atentamente sobre as facções de vampiros.

Lothaire tinha zombado dela.

— Eu não podia esperar que você compreendesse as maquinações políticas dos vampiros.

Portanto era *imperativo* para Ellie entendê-las.

Os *Forbearers* eram um exército relativamente novo de humanos transformados liderados por um vampiro nascido naturalmente chamado Kristoff, o Sepultura Ambulante. Eles juraram não beber sangue diretamente da carne, abster-se. Seus olhos eram claros, suas mentes fortes. Kristoff os governava do seu castelo em Monte Oblak.

Os *Daci* eram supostamente outra facção, todos achavam que eram os primeiros vampiros. Havia rumores que eles existiam num reino subterrâneo

— com um lendário castelo negro que ninguém no Lore podia encontrar. Nem provar sua existência.

A *Horda* era o reino vampiro principal povoado principalmente pelos Caídos — vampiros de olhos vermelhos como Lothaire que matavam enquanto bebiam de suas vítimas. Eles eram liderados por Tymur, o Leal, assim chamado porque servia a quem quer que fosse o rei sentado no trono.

Ainda que seu mestre anterior tivesse sido morto pelo seu novo mestre.

Desde a morte do Rei Demetrius no ano anterior, Tymur e outros vampiros leais ocupavam o Castelo Helvita, a sede real, enquanto esperavam a chegada do próximo herdeiro. Só aceitariam um herdeiro real legítimo que mantivesse sagrado a Sede — a necessidade dos vampiros de beber da carne.

Lothaire certamente não tinha nenhum problema em beber dos outros. Então ele era *ilegítimo*?

138

Pelo que ela pode perceber, ele provavelmente estava interessado, ou no trono da Horda ou no trono Dacian — ou ambos. Mas como ele poderia ter certeza que os Daci sequer existiam? Seus olhos se arregalaram. *Ele* era um Dacian real vivo?

Ellie memorizou tudo que pode, repetindo os fatos em sua cabeça.

Forbearers. Kristoff. Oblak. Abster-se da carne. Olhos claros.

Horda. Tymur. Helvita. Complexo dos Caídos, assassinos de olhos vermelhos.

Daci. Lenda? Castelo em Dacia. Os primeiros vampiros. Olhos desconhecidos.

Em seguida Ellie examinou as características de todas as espécies de vampiros. Vampiros nascidos naturalmente de fato adoecem se mentirem. *Vou analisar as técnicas de disfarce do Lothaire.* Eles podem riscar pelo mundo inteiro, mas não podem se teletransportar para fora de certas

armadilhas místicas, correntes ou até mesmo das garras de um oponente mais forte.

Vampiros do sexo masculino geralmente se congelavam em sua imortalidade em seus vinte e tantos anos ou trinta e poucos, tornando-se mortos vivos — até que cada macho encontre sua Noiva e ela o *sangre*.

O que significava que Lothaire ficou milhares de anos sem sexo.

Milhares.

Concentre-se, Ellie!

Depois de estudar cada palavra sobre o assunto de vampiros, voltou sua pesquisa para outro tópico. Lothaire não disse que a Bruxa era uma fey?

Os Fey do Domínio Grimm eram mestres na arte dos venenos. *Confere*. Tinham seu próprio reino místico chamado Draiksulia. *Mesmo assim a Bruxa se instalou na Carolina do Norte?* Normalmente guerreavam com vampiros e várias monarquias de demônio, ou demonarchies.

Então por que a Bruxa estava trabalhando para Lothaire?

Em seguida Ellie virou a página, lendo sobre ninfas, ghouls e Cerunnos — enormes criaturas parecidas com serpentes que podiam falar. Engoliu em seco vendo a ilustração horrenda de um Wendigo, sentindo um respeito relutante em relação a Lothaire por derrotar a tantos.

Dentro do Lore havia facções de poder como as Valquírias, Lykae e a Casa das Bruxas. Com certeza as bruxas eram mercenárias místicas que vendiam seus feitiços pelo maior lance. Aparentemente a mão de sua líder voltaria a crescer.

Vampiros não eram a única espécie com poderes regenerativos.

A Bruxa e Lothaire também falaram sobre A Dourada, uma feiticeira Rainha do Mal, então Ellie foi passando as folhas pela letra S...

*Sorceri*16. A maioria dos feiticeiros tinha a capacidade de controlar a matéria ou os seres vivos de várias maneiras. Uma feiticeira era conhecida como Rainha se seu poder especial fosse mais forte do que qualquer outro feiticeiro.

Assim Dourada realmente poderia controlar o mal.

Incapaz de se deter Ellie procurou por *Aliens*. Ao invés disso encontrou a *Ascensão* — um fenômeno místico que acontecia a cada quinhentos anos, empurrando facções para a guerra enquanto juntava companheiros.

A *Ascensão* atuava como controle populacional para os imortais. E uma estava a caminho bem agora...

Quando o céu começou a clarear, ela ergueu os olhos com consternação. O sol nasceria em breve e nem sequer arranhou a superfície...

De repente o livro foi fechado com violência, arrancado de suas mãos.

— O que temos aqui?

Lothaire. Parado diante dela. Coberto de sangue e pedaços de... pele. Seus olhos flamejavam enquanto fechava o livro.

Merda.

Quando ele riscou para dentro rapidamente o seguiu.

Lothaire acenou o livro no rosto da Bruxa.

— Por que ela está com isso?

Ellie disse rapidamente.

— Eu o vi e peguei. Só queria saber mais sobre este novo mundo.

Em um tom fervilhante, ele disse.

— Você não vai estar nele tempo suficiente para se dar a esse trabalho.

— Ela é impossível de conter, Lothaire. — A Bruxa disse, calmamente mexendo uma poção no fogão. — Como sabe, ela é astuta. Diga, encontrou as videiras?

Ele sacudiu a cabeça. Como se pudesse sentir Ellie o estudando, virou para ela.

— *O quê?*

— Você está coberto com... pele e cartilagem.

Olhou para si mesmo.

— E daí?

16 Sorceri é feiticeira, mantivemos para entenderem o porquê da letra S.

140

Ela fez tsk tsk.

— Você luta Sandbox, Lothaire? Joga sujo com os outros pequenos vampiros?

— *Poshyol ty*¹⁷. Foda-se. Cai fora. Saroya tentou se levantar?

— Ela está lá no fundo, mas hibernando. Nem mesmo um tremor. O que significa que não estará voltando tão cedo.

Diante disso a fúria disparou em seus olhos. Agarrou o braço de Ellie riscando de volta para o seu quarto no apartamento — com o livro ainda na mão.

Quando ele a liberou, ela se encolheu.

— Você colocou pele em mim!

Quando Lothaire começou a andar de um lado para o outro ela arrebatou uma das folhas amassadas do chão para limpar o sangue coagulado. Embora

tentada a correr e tomar um banho tinha que, pelo menos tentar afastar o livro dele.

— Eu não terminei de ler isso.

Ele franziu a testa para o livro como se não lembrasse que o segurava.

— Você *deveria* me deixar lê-lo, Lothaire. Estou realmente mais impressionada com você uma vez que vi uma ilustração de um Wendigo. Quase como se você tivesse marcado trinta pontos.

Olhou de relance para ela, sua expressão dizendo, *Quem é você?* Em seguida com uma cara feia, riscou para seu cofre, trancando o livro dentro dele.

Quando retornou, ela disse.

— Não pode estar irritado *desse jeito* só porque li um velho livro bolorento — ou porque teve que jogar sujo com outros pequenos vampiros.

— Eles eram *metamorfos*!

— Não cheguei a ler sobre metamorfos ainda, então não posso avaliar a briga que teve. Mas tenho certeza que *você* considera uma grande façanha.

Ele riscou para diante dela, parecendo totalmente insano. Agarrou-a pela garganta, pressionando apenas o suficiente para dizer a ela que tinha que ser levado a sério.

Ela agiu despreocupada.

— Ou talvez esteja irritado porque Saroya não se levantou. — Considerando o encontro quente entre os dois mais cedo, imaginou que ele queria ficar ocupado com Saroya, mas então rejeitou a ideia.

Certamente não estaria *tão* duro horas depois.

Novamente, ele passou mais de *meia década* sem um vislumbre de sua companheira.

17 Poshyol ty em russo quer dizer foda-se, vá embora, cai fora.

141

— Lothaire, por que estava tão certo que Saroya se levantaria? Ela não costuma fazer.

Especialmente se não há ninguém para matar ou mutilar.

Ele a liberou com um juramento murmurado e deu de ombros no seu casaco sujo.

— Há alguma coisa terrível que você tem pra discutir com a Deusa? Um assassinato pra planejar ou algum mal para marcar, uma lista de pendências...? — Ellie parou de falar, as palavras falhando e se afundou no sofá.

Porque agora podia ver sua ereção descarada apertando contra suas calças.

Portanto há fogo, vampiro.

Quando ela finalmente parou boquiaberta olhando para o enorme tamanho dele, arrastou seus olhos para cima. Seus ombros estavam tensos. As sobrancelhas loiras apertadas sobre os famintos olhos vermelhos.

O vampiro precisava ficar ocupado! E Saroya não estava em nenhum lugar para ser encontrada.

Tudo isso vinha da luxúria? Não de assassinatos ou conspirações?

A luxúria estava dentro da esfera do seu conhecimento.

Tinha experiência suficiente com isso por todos os seus *flertes* em cabines de caminhonetes. E

quando foi crescendo aprendeu muito simplesmente mantendo seus ouvidos abertos. Ela foi criada em Appalachia, pelo amor de Deus.

Sem mencionar que as mulheres de sua família tinham certeza que Ellie sabia

como lidar com o sexo oposto, porque antigamente tudo dependia dos homens.

Lembrou-se de sua avó dizendo a ela: “Homens são como fornalhas, Ellie. Se encontrar um homem que queira manter, precisa alimentar sua barriga todos os dias, fazê-lo queimar por você, então soltar um belo vapor, ou nunca vai tê-lo funcionando.”

Inferno, Saroya podia aprender uma lição com a Vovó Peirce!

Ellie via Lothaire andando tão agressivamente, imaginando a dor que deveria estar sentindo lá embaixo. E em sua boca, também. Ele continuava passando a língua sobre as presas.

Suas presas são afiadas, mesmo assim minha pele não está marcada novamente; seu eixo está ansioso para sair enquanto meu corpo está intocado.

Saroya, aquela cadela idiota — quem teve tempo ontem para reunir um novo guarda-roupa, depilar suas partes íntimas e fazer as unhas — relegou seu vampiro a essa condição?

Então o deixou na companhia de outra mulher... uma mulher que se parecia exatamente como ela?

Se ela é estúpida o suficiente para deixá-lo insatisfeito, Ellie pensou meio que de brincadeira, então talvez eu deva alimentar sua barriga e soltar seu vapor. Virá-lo para o meu lado.

Ela o acalmava.

E se ela... fizesse?

142



Ela poderia conquistá-lo? Tentá-lo até que a preferisse mais do que a Saroya?

Seus olhos se arregalaram. Se havia uma maneira de se livrar de Ellie, talvez o contrário fosse verdade? Então ela poderia persuadir Lothaire a expulsar Saroya!

Eu poderia ter meu corpo de volta. Minha vida de volta!

O vampiro passeava, alcançava uma extremidade do quarto espaçoso uma fração de segundo antes do próximo. Seus movimentos eram tão atordoantes quanto seus pensamentos; pela primeira vez em anos ela percebeu que... *Talvez eu... talvez eu não tenha que morrer.*

Ellie poderia se deitar com Lothaire se tivesse que fazer. Poderia fechar os olhos e fingir que ele não era mau e que não o odiava até o âmago do seu ser. Certamente.

Você não pareceu se importar quando ele estava lambendo todo seu pescoço, Ellie.

Com aquela lembrança seus mamilos endureceram novamente, mas se forçou a ignorar sua reação.

Ela poderia deixá-lo tê-la? Arriscando danos físicos? *Pop...*

Que escolha tinha? Se tudo que precisava era um anel para se livrar de Ellie, mais cedo ou mais tarde Lothaire o encontraria.

Então Saroya ganharia.

Nunca.

Vou seduzir Lothaire. Tornar-me insubstituível para ele. Mas sabia que precisaria mais do que somente seduzir seu corpo.

Se eu fosse um imortal antigo, o que eu iria querer?

Energia, surpresa, excitação.

Ellie poderia mantê-lo na ponta dos pés, mantendo-o imaginando. Ela ganharia a *mente* desse vampiro também.

Então chutariam o traseiro de Saroya para o meio-fio e Ellie possuiria suas joias!

Eu não tenho que morrer. Meu futuro está nas minhas mãos mais uma vez. Ela usaria tudo em seu arsenal, todas as lições que já aprendeu baseada em todas as suas loucuras nas cabines de caminhonetes, seus vícios e vitórias.

Ela confrontou a sabedoria do seu país contra o conhecimento do mundo dele — e do outro mundo.

Meu destino se resume em fazer um vampiro me querer mais do que quer a uma Deusa.

Lothaire caminhou furioso para o lado de dentro. O amanhecer veio e se foi, a noite acabou.

143

E Saroya estava adormecida. O que significava que ela não tinha vontade de vê-lo. Mesmo depois que ele explicou a ela que seus desejos não poderiam ser reprimidos. Até quando a pressão constante dentro dele se transformou em dor.

Aquela cadela! Estava certo sobre ela, previ isso. Saroya esperaria mais do que um mês para se levantar? Enquanto ele estava fora batalhando por eles?

Onde estava a lealdade, a *unidade* entre eles?

Sua mente em sofrimento mal podia processar essa situação. Ele deveria tê-la forçado para se deitar com ele ontem — em vez de comprar suas malditas roupas!

Com um urro ele balançou um punho, esmagando um antigo serviço de uísque.

Nunca quis uma mulher que não o desejasse também.

— Lothaire? — Elizabeth murmurou. — Preciso te dizer algo.

— Então *diga!*

— É embaraçoso. Não vou gritar através da sala. — Ela ergueu seu cabelo, amarrando-o vagarosamente em um nó.

Ela brincou com os fios de seda como se soubesse exatamente como isso o afetava. Olhos fixos, ele imaginou que ela descobriu seu pescoço para ele.

Desnudando-o em um convite. Seu eixo pulsou mais forte.

— Diga-me.

Ela entortou seu dedo.

— Por favor, vem cá?

Ele esfregou sua língua no seu canino, então riscou justamente diante dela.

— *O quê?*

Ela se levantou, ficando nas pontas dos pés. Quando colocou suas mãos delicadas no seu peito, ele quase estremeceu.

Em seu ouvido, ela suspirou.

— Lothaire, posso dizer que você está duro como pau.

Isso foi... *inesperado*. Outro tremor.

— Acha que eu não percebi?

— Só queria que soubesse que os outros percebem também.

— Olhe para ele, Elizabeth. — Ele apertou seu queixo e abaixou sua cabeça.

— Será que posso estar tão enganado a ponto de pensar *que* poderia passar despercebido?

Ela continuou olhando fixamente para o seu eixo mesmo depois que ele a liberou. Sua cabeça caiu para trás.

Posso sentir seu bonito olhar sobre ele.

Ele se imaginou a colocando de joelhos, então introduzindo seu pau entre seus lábios. Ele a mandaria chupá-lo até que não sobrasse nada dele...

Ela murmurou.

— Talvez você queira voltar aqui depois.

— Depois do quê?

— Depois de você cuidar disso.

— Você assume que preciso cuidar de mim mesmo. — Depois do primeiro lançamento, ele a colocaria de costas tateando, desesperado para se esgotar com ela. Ou melhor, com Saroya.

Minha Noiva. Que não se dignava a me ver. Então, ela que se foda. Usaria essa mortal para o seu próprio prazer. E se a fantasia a ferisse, ele faria seu delicioso corpinho gozar, chegando ao clímax com tanta força que a Deusa ainda estaria sentindo isso quando fizesse sua aparição.

— *Você vai cuidar de mim, garota.*

Elizabeth não exibiu nenhum medo, nenhuma surpresa, só o mediu estudando-o com seus olhos cinzentos.

— Não vai lutar comigo?

— Não. Tudo que peço é que tome um banho pra tirar esse sangue primeiro.

— Qual é o seu plano? — Com um sorriso de desdém, ele disse. — Talvez vá tentar me fazer te querer mais do que quero a Saroya?

Elizabeth ergueu as sobrancelhas.

— Já previ cada movimento no seu tabuleiro de xadrez, cada jogada que você talvez pudesse fazer.

Este é o único movimento aberto pra você.

— Talvez seja exatamente o que pretendo.

Outro sorriso de escárnio.

— Então vou te dar uma chance de demonstrar o quanto você quer me balançar. Quando eu voltar do banho, esteja usando o vestido de seda vermelho e fique de joelhos na minha frente.

Exatamente enquanto riscava pra longe ele a ouviu murmurar.

— Vou ter certeza que você ficará... satisfeito.

145

Capítulo 22

Ellie mascarou seu choque até que ele riscou para longe.

O vampiro queria dizer que apenas a usaria do modo mais superficial imaginável?

Errado, em vários níveis. Primeiro, ela jamais veio abaixo por um homem antes. Limitava seus encontros à terceira base, uma *suave* terceira — uns amassos completamente vestidos até chegar ao clímax. Sem confusão, sem rebuliço, sem gravidez. Ideal para ela.

E segundo, precisava que Lothaire a desejasse tanto que a escolheria acima de uma *deidade*.

Não existiria sedução do corpo e da mente dele se fosse apenas um receptáculo de vampiro.

Ellie suspeitava que ele quisesse admiração, surpresa, excitação. Agora deduziu que o caminho mais certo para surpreendê-lo seria desobedecer a suas ordens.

Enquanto corria para o seu próprio banho debatia suas opções.

Por um lado, Ellie precisava obedecê-lo para não arriscar sua família. Se estivesse jogando somente com sua própria vida, do jeito que estava, então seria uma descerebrada.

Por outro lado se seu plano desse certo poderia ganhar o primeiro prêmio — tomar seu corpo de volta de Saroya e talvez ter uma chance de escapar de Lothaire, de preferência com um bolso cheio de joias para melhorar a situação financeira de sua família.

Depois de uma ducha rápida se cobriu com um robe e sentou em sua cômoda. Já que ele parecia ser tão parcial com seu cabelo, ela o prendeu para cima folgadoamente — só para deixá-lo se soltar na frente dele. Então usou um pouco da maquiagem de Saroya. Rímel, gloss e um pouco de delineador.

Mas quando foi se vestir Ellie não tinha tanta certeza. Olhou com desânimo para a camisola vermelha em sua gaveta de lingerie.

Ela não estava envergonhada por vesti-la — sem modéstia remanescente e tudo — mas não queria que seu encontro com Lothaire fosse como ele parecia planejar: ela numa camisola dando-lhe um trato com sua boca, então ele partindo sem uma palavra.

Por fim, ela vestiu roupas de baixo sensuais, mas escolheu usar outra calça jeans e um top apertado, um vermelho pra manter a palavra. Até calçou umas botas stiletto.

Quando terminou de se vestir se checkou no espelho. Seus jeans e top estavam ambos colados no corpo, sua bota de saltos altos sexy. Mas até ela podia ver que o conjunto precisava de algo...

Engolindo em seco, ela arrancou seu top, tirou o sutiã, então puxou o top de volta. *Isso vai servir.*

Imaginou se vendo pelos olhos dele. *Como eu pareceria para um vampiro milenar?* O jeans acentuava as curvas de seus quadris e bunda. Seus seios sobressaíam contra o fino material de seu top. Ele provavelmente ia querer tocá-la ali.

146

Só de pensar em suas mãos sobre ela fazia seus mamilos endurecerem. *Não vou me sentir derrotada por desejar um bastardo como ele.* Estava antecipando isso porque estava emocionalmente atrofiada — e sexualmente desesperada — pela prisão.

A roupa era sexy, mas nem tanto quanto o vestido em que ele a queria. *Estou apostando fichas que não posso me dar ao luxo de perder.* Ela exalou, prestes a mudar...

Lothaire apareceu em seu quarto, o cabelo ainda úmido, vestido em outra roupa cara. Ela rapidamente se perguntou por que ele trocava de roupa, mas imaginou que queria intimidá-la — ou sair imediatamente depois do seu boquete.

Hora do show, Ellie.

Ele parecia lascivo, seu corpo tenso.

— Eu te dei uma ordem. — ele riscou para ficar justo diante dela, agarrando seu cotovelo. — Você me desafia quando já estou no limite? Poderia matá-la tão facilmente.

— Mas não vai.

— Eu poderia. Embora não *pretenda*. No caso de não ter notado, sou muito louco.

Num tom inexpressivo ela disse.

— Acho que você é somente incompreendido.

O vampiro olhou para ela duas vezes surpreso.

— Além disso, Lothaire, *seu* jogo de xadrez poderia se recuperar de um movimento assim? Você não foi tão longe para se arriscar a perder tudo.

Ele lhe lançou um olhar avaliador; ela fez uma nota mental — *aprender como jogar xadrez*.

— Você entendeu o que aconteceria se me desobedecesse.

Ela se obrigou a dar seu sorriso mais brilhante, como se estivesse encantada com ele.

— Oh, não achei que você *realmente* quisesse que eu vestisse aquilo.

Ele ergueu suas sobrancelhas. *Por que não?*

Chamando cada grama de coragem que possuía, ela disse.

— Definitivamente não na primeira vez que estamos para ficar... íntimos.

— E por que não?

— Você quer que eu me sinta confortável. Estou mais confortável de jeans.

Seu punho apertou.

— Você realmente acredita que dou uma merda para o seu conforto?

147

Coragem, Ellie!

— Disse a você que te agradaria, não foi?

Soltando seu braço ele andou a passos largos pela porta que ligava os dois quartos para aquele sofá no seu quarto, sem duvidar que ela o seguiria. Ele reclinou nele, suas longas pernas estendidas diante dele.

Entrelaçou as mãos atrás da cabeça, dizendo num tom malicioso.

— Estou pronto para ser *agradado*. E, claro, ser seduzido longe das garras de Saroya. — Ele soava como se estivesse sufocando uma risada cruel. —
Prossiga.

— Você acha que conhece o meu plano, e não acredita que tenho uma chance no inferno.

— Absolutamente nenhuma.

— Mas ainda vai me deixar tentar?

— Dou boas vindas ao seu esforço mais inspirado. Embora dificilmente penso que seja justo, já que não foi capaz de praticar suas habilidades de sedução na prisão. Ou talvez *tenha* sido capaz. Quem sabe o que acontece atrás das grades?

Sua expressão era tão zombeteira, picando-a tão profundamente quanto uma ferida.

— Isso é engraçado pra você?

— Hilariante.

— E o que Saroya pensará sobre que vamos fazer?

— Terei certeza de não deixar de contar todas as suas desajeitadas tentativas de suplantá-la, assim ela e eu poderemos rir sobre elas juntos.

Ellie estreitou os olhos. Sim, sua zombaria a picava, mas não a intimidava; ele só acenou com uma bandeira vermelha na frente de um touro. *Ele nunca teve uma garota do campo*.

Uma garota boca suja do campo — cuja vida estava em jogo.

Ela poderia lançá-lo. Lembrou-se de escutar os garotos falando sobre ela na escola:

— Você já foi a algum estacionamento com Ellie Peirce? Transforma uma vida. — Decidiu então que saberia só o suficiente sobre os homens para ser

perigosa. Ele a subestimou por *sua* conta e risco.

Lembrando que *todo mundo* sempre a subestimou, pôs seus ombros pra trás e andou a passos largos para se juntar a ele, notando que seu olhar estava preso nos seus seios sem sutiã. Sua ereção protuberante quase a fez tropeçar, mas quando o alcançou se escarranchou em seu colo, descansando sobre seus joelhos.

— Quero ficar à frente hoje à noite, Lothaire.

— Você?

148

— Sim, farei todo o trabalho. Apenas sente e relaxe após o seu dia ocupado fazendo o mal. Vai manter suas mãos quietas?

— Improvável.

— Você disse que poderia me machucar se me tocasse.

— É por isso que eu exigi que tivesse cabeça, Elizabeth.

— Certamente não está assustado por uma virgem mortal dirigindo o caminhão? Claro, tenho *alguma* experiência que você pode gostar.

Ele apertou seu queixo novamente.

— Ah, apreciarei suas habilidades de *estacionamento*.

Ela puxou sua cabeça para trás longe do seu aperto, mas ainda sorria pra ele.

— Quando a única ferramenta que você possui é um martelo...

— Todo problema começa a se parecer com um prego.

Claro que ele estaria familiarizado com seu ditado favorito.

Ele lambeu distraidamente uma presa.

— Não posso esperar para ver exatamente como você... dirige.

Então vou te dar um passeio que nunca esquecer.

Capítulo 23

Ela obstinadamente *me desafia enquanto dá um sorriso de bagunçar a mente.*

No que ela estava *pensando*? A ideia de que Lothaire pudesse escolher essa camponesa mal educada acima da Deusa dos vampiros? Cômico.

Mas, oh, ele parecia tão à frente da campanha da inexperiente Elizabeth esperando influenciá-lo.

— Mostre-me como você é superior a uma Deusa. Ou está perdendo a coragem?

Ele rapidamente se aborreceria com o seu jogo, e então arrancaria aquele top que ela usava e acariciaria aqueles seios grandes e atrevidos pela primeira vez. *Vou lambar aqueles mamilos tensos contra o tecido.*

— Talvez essa não seja a única razão por que eu queira estar com você. — ela disse.

— Explique-se.

149

— Vou morrer logo. Talvez não queira morrer virgem.

— Mas não vou foder você. Reservo isso apenas para minha noiva.

Ela mordiscou seu lábio fazendo um beicinho.

— Então quero estar com você por que passei anos sem o toque de um homem.

Seus mamilos estavam tão duros que quase podia acreditar que ela realmente desejasse as mãos dele sobre ela.

— Eu não sou um homem.

— Não. Você não é. Mas servirá. — Ela ergueu os braços e soltou sua sedosa juba, deixando-a cascadear sobre os ombros. Cachos balançaram sobre seus seios, excitando os bicos, seu aroma provocante se arrastando sobre ele.

Espere. Eu vou servir?

Então ela esticou o braço e desabotoou o botão do meio da camisa dele, estendendo a abertura o máximo que pode, expondo o centro do seu tórax.

Com outro sorriso, sem esforço ela pressionou a boca na sua pele. Os músculos dele tencionaram sob seus lábios.

Ela deu uma lambida. Ele sibilou uma maldição. Outro botão aberto, outro beijo acompanhando.

Fez várias vezes isso com os mais leves beijos. Doce, mas sexy.

Do momento que tirou a camisa do peito dele, ela o havia beijado da clavícula até o umbigo e começado novamente.

Quando alcançou um mamilo, ela apenas pairou sobre ele, deixando-o sentir seu fôlego quente antes de roçar seus lábios sobre ele. Ao contato, seu eixo pulsou dentro da calça.

Quando ele baixou o olhar em sua direção ela lambeu o mamilo, fazendo seu corpo enrijecer.

Então ela o chupou.

Quando ele estava para gemer, ela... mordeu. Os quadris dele se movimentaram incontrolavelmente.

— Você gosta disso? — ela perguntou.

— Vou fazer o mesmo com você, menina. Veja se gosta disso.

Ela deu ao seu outro mamilo uma lambida, murmurando contra ele.

— Promete?

— Está brincando comigo? Vou te perfurar, beber de você. Tire sua blusa e me observe.

Ela se endireitou pegando a barra da própria blusa, levantando-a lentamente, descobrindo polegada por polegada de seu torso esbelto... então, o início dos seus seios inchados.

150

Mais alto, mais alto, quase revelando seus mamilos.

Ela deixou o material cair.

— Eu vou conduzir. Não estou preparada para ir direto ao assunto ainda.

Ele agarrou um punhado do seu cabelo, enrolando-o em torno do seu punho.

— Entenda, Elizabeth. — ele começou, quase dizendo que estava de saco cheio dos seus jogos. Mas o *rána* caiu sobre ele. *Não posso mentir.*

Aparentemente ele... *não estava* de saco cheio dos jogos dela?

Eu *posso até* gostar *deles*?

Não com ela! Ele puxou seu cabelo com força.

Ao invés de chorar de medo, ela disse.

— Parece que você vai conduzir, então. É uma pena não chegar a ver uma coisa que sou muito, muito boa em fazer.

Porra. De novo ela estimulou sua curiosidade. Ele lembrou o prazer que sentiu somente vendo-a desmontar o aparelho de TV a cabo dele. Certamente não esperava pelas suas ações; que outras surpresas ela tinha guardadas para ele?

— Humm. O *quanto* é boa?

— Provavelmente, sou melhor nisso que você é matando.

— Tem cinco minutos pra me impressionar. — ele disse. — E saiba que minhas habilidades em matar são extremamente bem afiadas. É melhor você me ter gritando bem alto.

— Inferno, Lothaire, posso fazer isso com as mãos amarradas. Agora, se já acabou de falar, adoraria mostrar meus seios pra você.

Ele sufocou uma tosse chocada. *Disfarce sua surpresa. Não mostre reação.* Com os olhos apertados, ele a soltou para que pudesse remover seu top.

Quando ela estava despida, ele sibilou entre os dentes.

Os seios da mortal eram... divinos. Altos e cheios, com pele dourada e macia. Seus mamilos rosados estavam arrebitados.

Enquanto ele a encarava paralisado, ela se abaixou sobre seu eixo, arrancando um gemido dele e um grito dela.

— Porra, vampiro, você veio armado para caçar um urso!

— O que *isso* significa?

— Caçadores de ursos têm que sair armados até os dentes, mesmo que estejam caçando coisas menores. Então o que estou dizendo é que você é bem-dotado, e muito, muito duro.

151



— Eu sou superlativo em todos os sentidos.

— Aham. — Ela colocou sua mão aberta no peito dele, então se inclinou para pressionar os seios contra ele. Com sua mão instalada entre seus corpos, ela acariciou o mamilo dele — e o dela — enquanto beijava ternamente sua bochecha, em seguida o canto dos lábios, dando uma pequena lambida ali. —

Gosto do seu sabor, Lothaire.

Quando ela estava cheia de luxúria como naquele momento, seu sotaque ficava mais carregado, a cadência mais *agradável*.

Por alguma razão, ele achava isso... sexy como o inferno.

— Você inteiro tem sabor *superlativo*.

Ela estava tirando sarro dele? Outra carícia em seu mamilo. Ele não podia pensar.

E então ela começou realmente a falar. Depois de sugar o lóbulo da sua orelha ela sussurrou pra ele como se sentia — *úmida e doendo* —, e como o sentia contra ela — *quente e rígido como aço*. Como ela se imaginava lambendo-o dos joelhos ao pescoço e se banquetando no meio.

— Você vai me alimentar até me saciar, vampiro... ?

Sim. Sim, vou. O tempo todo ele lutou para resistir ao calor avançando sobre ele.

E Lothaire percebeu que de fato poderia gostar dos jogos dela.

O que começou como um exercício, um meio de autopreservação para Ellie, logo ficou fora de controle.

Só o modo como ele a *olhava* a excitava como nada que se lembrasse antes. Ele a encarava como se quisesse *devorá-la*.

Será que ele realmente morderia seus seios? Ante aquela ideia, seus mamilos se franziram ainda mais, como se estivessem provocando para que fizesse.

Sua pele impecável chamava os lábios dela; os planos bem definidos do corpo dele faziam sua respiração ficar superficial. E cada entrada de ar trazia o delicioso aroma dele — amadeirado, masculino com um toque forte.

— Adoro seu cheiro também.

— Eu sei. Vi sua reação quando cheirou meu casaco.

Ela estava excitada demais para se sentir embaraçada, sua atenção direcionada aos músculos do torso dele, pela promessa daquela força incrível em cada centímetro esculpido dele.

— Seus músculos são duros, vampiro. A sensação é tão boa.

— Meu pau está duro também. — ele falou asperamente. Quando seu eixo se arremessou embaixo dela, seu sexo latejou em prontidão para ele. — Essa sensação é boa, mascote?

152

Seu sotaque áspero, seu tom desafiador... um desejo como ela nunca conheceu a inundou.

— Quando acho que não pode ficar mais duro, ele fica.

Ela olhou para os lábios dele enquanto lambia os seus próprios lábios. Precisava beijá-lo. Mas será que suas presas a cortariam?

Logo ela não se preocuparia...

Ellie estava perdendo o controle. Quando ela se excitava o suficiente, sua mente parecia ficar em branco até que tudo que importava era alcançar o orgasmo. Nunca teve nenhuma comunhão com seu parceiro, nenhum encontro de olhares e mentes.

Apenas ela agindo para se satisfazer.

Ela nunca se esforçou para deixar um cara louco ou nada do gênero. Era apenas uma feliz coincidência que o cara embaixo dela sempre se satisfizesse, também.

E agora a costura do seu jeans e a ponta do eixo de Lothaire estavam alinhados contra o seu clitóris latejante. Ela estava prestes a começar a se

mexer sobre ele, e então tudo se acabaria. Ela encontrou um ritmo que poderia fazer com que ela chegasse ao fim.

— Posso sentir o seu calor. — ele falou rouco. — Quero que tire essa calça.

Tirar essa perfeição? Ela pressionou seu dedo indicador acima dos lábios dele dando um sorriso indulgente.

— Apenas me deixe fazer o que estou precisando fazer.

Capítulo 24

Lothaire colocou a mão na sua garganta, empurrando-a de volta.

— Você é louca?

Novamente ele não viu medo nos olhos de Elizabeth. Eles estavam com as pálpebras pesadas, um cinza profundo cintilante.

— Você se diverte com a minha raiva como se estivesse tentando trazê-la pra fora?

— Não é isso o que estou tentando trazer neste exato momento. Estou ocupada com outra coisa.

— Ela usou as duas mãos para arrastar o cabelo sedoso para cima, empilhando-o no topo de sua cabeça. O

perfume sublime de seu cabelo caiu sobre ele enquanto seus seios balançavam. Seus pensamentos dispararam indistintamente.

Não! Ele ficou irritado com alguma coisa, precisava discipliná-la.

—Você teve seus cinco minutos. Agora é hora... — Suas palavras foram sumindo.

153

Porque ela começou a se *mover*.

Deus todo poderoso. Sua cabeça caiu pra frente, seu olhar fascinado quando ela languidamente balançou os quadris pra cima e pra baixo no seu colo, sensualmente esfregando seu sexo ao longo do seu pau inchado.

Depois de outra ondulação ela gemeu, atraindo seu olhar para cima.

Seus instintos vampíricos retrocederam, observando as mudanças em sua presa. Ela arfava e suas pupilas estavam dilatadas; sangue corava as maçãs do rosto elevadas, espalhando pelo seu pescoço abaixo até os seios, os mamilos endurecendo ainda mais.

Sim, ele vira amantes chegarem a um ponto sem retorno quando todas as inibições eram perdidas, quando nada poderia separá-los. Elizabeth estava lá.

Pela primeira vez pensou que poderia gostar de experimentar ele mesmo tal ponto.

— Lothaire, você está olhando para meus mamilos... ainda querendo “me morder”? — Ela abaixou as mãos liberando as ondas escuras do seu cabelo, então agarrou seus ombros.

— Incline-se pra frente, mascote. Só vou usar minha língua sobre eles.

Ela estremeceu.

— É isso o que você quer?

— *Sim.*

Ela se inclinou para *trás*.

Apesar de sua ousadia o atrair como uma fonte de sangue fresco, sua raiva não podia ser negada.

— *Você quer que eu os chupe.*

— *Dói em você também.*

— *Então me obedeça agora, Elizabeth!*

De olhos fechados, cabeça caindo para trás, ela sussurrou:

— *Não.*

Ele era o mestre, ela pertencia a ele. Ela se *importaria com ele*. No momento em que Lothaire agarrou seus seios e arrastou um até sua boca... sentiu o cheiro de sua excitação.

Como se respirasse uma droga que sabia que nunca se fartaria. Ele gemia:

— Você está molhada para mim.

Ela envolveu suas mãos em torno de sua nuca, segurando-se a ele enquanto usava seu colo.

— Ensopada. Surpresa que você não possa sentir isso através do meu jeans.

154

A ideia dela tão excitada que encharcou sua calcinha e jeans...

Impulsos de um predador o atormentaram, levando-o a dominá-la, *tomar* sua liberação, seu sangue. Ele imaginou sua mulher presa embaixo dele, suas coxas forçadas bem abertas para aceitar seu pau... ou sua boca sobre ela.

Minhas presas em sua exuberante carne feminina.

— Não me encha de raiva, Elizabeth. Meu controle está por um fio.

Ela agarrou uma de suas mãos, trazendo seu dedo indicador aos lábios. Quando o chupou em sua boca molhando-o generosamente, seu pau estremeceu em resposta.

Em seguida ela colocou seu dedo escorregadio contra um de seus mamilos. Com os olhos extasiados, circulou lentamente a ponta.

— Posso senti-lo latejando.

Com um grito, ela espalhou seus joelhos ainda mais para se acomodar

embaixo. Quanto mais ele circulava, mais duro ela o cavalgava.

Ele estava a caminho de gozar se não a impedisse em breve. *Vadiando com uma mortal?* Mas, Deuses, era tão bom. Ele não podia se impedir de ir ao encontro dela.

Ela gemeu de prazer finalmente levando as mãos dele aos seus seios. Quando ele sentiu seus mamilos contra as palmas de suas mãos, quase perdeu sua semente.

— *Ansiosa pequena Elizabeth.* — Ele usou seus seios para pressioná-la pra baixo, enquanto apertava o pau contra ela. — É disso que você gosta?

— Certo... *aqui.*

— Você vai gozar? — Se ele fosse, então ela iria também.

— Estou tão perto. — Ela mordeu o lábio, como ele desejava fazer. Em seguida o olhar dela se fixou nos lábios dele. — Vampiro, vou gozar cavalgando você... gozar duro até gritar, se eu pudesse beijar sua boca. Você me quer?

— Você gosta de falar sujo, mostre-me o que mais pode fazer com a língua.

Ela engatou uma respiração. Logo quando ele percebeu uma nova enxurrada de desejo, ela esfregou os lábios contra os dele.

Os dela eram suaves, doando-se toda. Quando ela arremessou a língua em sua boca ele a encontrou, retorcendo a sua com a dela, girando mais e mais.

Parecendo derreter por ele, ela enrolou os braços esbeltos em volta do seu pescoço como se nunca fosse deixá-lo ir, como se não pudesse chegar perto o suficiente...

Quando ela começou a chupar docemente sua língua, seus olhos reviraram.

Como isso podia ser tão bom? Os contos sobre a Noiva de um vampiro eram verdade?

Infinitamente mais prazeroso com sua Noiva. Tanto prazer.

Não, ela era uma mortal, não sua mulher. *Confundindo-a com minha Noiva.* Mesmo afirmando isso para si mesmo suas presas se prepararam para ela. Beber dela...

Contra sua boca, ele gemeu.

— Vou m *order* você. — Ela não recuou, tinha acenado com a cabeça? Não importa. Ele afundou uma presa em seu lábio inferior, como se numa ameixa.

Sangue derramou em sua língua, seu corpo sacudiu.

— *Uhm!* — Sua essência correu por suas veias, como uma febre se espalhando por ele.

O frenesi tomou conta, a luxúria se formando. Gota após gota molhavam suas línguas, enquanto ela apertava seu sexo para baixo em seu pênis.

Nada podia ser tão bom.

Ele lambia, sugava. Sua visão vacilou. *Quero consumi-la, levá-la para mim.*

É muito. *Ela é muito frágil.*

Muito mortal.

De alguma forma ele se separou dela para recuperar o fôlego e avaliar sua reação, sabendo que ela estaria enojada pelo sangue.

Ele queria ver seu desgosto para se lembrar que a garota humana jamais entenderia como ele vivia.

Suas pálpebras estavam pesadas, mas seus olhos cinzentos estavam ferozes em sua boca. Como se não tivesse notado o sangue escorrendo de sua própria boca as mãos saltaram, os dedos se enfiando em seu cabelo. Ela pegou dois

punhados e o puxou de volta para o beijo, lambendo sua língua ensanguentada.

Foda-se! Pedacinho quente!

Com as mãos trêmulas pegou a parte de trás da cabeça dela com a mão aberta e apertou seu traseiro puxando-a para ele, empurrando seus seios contra o peito. Enquanto ela o cavalgava, esfregou os mamilos pra cima e pra baixo sobre sua pele lisa de suor.

Faça-me gozar assim. Não me importo. Sua cabeça ficou leve. Seu pau estava ingurgitado com sua semente, a cabeça se espessando. *Só não pare.*

Entre beijos respondeu asperamente:

— Você vai gozar, seu aroma diz que está quase... — Ele sabia que se a cobrisse nesse exato momento, seu jeans teria molhado a palma da sua mão. Ele queria escorregar seus dedos dentro dela, lambe seu mel deles.

156

Ela puxou mais forte seu cabelo, contorcendo-se sobre ele mais rápido. Mais rápido. Mais rápido.

Seu sangue em suas veias. Ardente fricção sobre seu pênis.

— Ahhh! O que quer que faça... não pare com isso... — Línguas se emaranhando. Pressão se construindo.

Seu corpo enrijeceu se curvando para trás. O prazer o fez interromper o beijo, jogar a cabeça para trás e rugir.

— *Porra! Elizavetta!*

Por um momento sua mente vagou, ficou em branco. Tudo o que podia perceber era seu coração acelerado.

Então ele ouviu o seu próprio gemido selvagem:

— Mulher, você está me fazendo... gozar! — Um jato de sua semente saiu de seu pênis, uma ejaculação tão forte que gritou palavrões em russo. Ele gritava descontroladamente com cada jato, cada vez mais alto.

Suas ondulações ficaram ainda mais frenéticas. Enquanto ela se banhava de todo sêmen do seu eixo, ele pensou. *Siga-me, Elizavetta, siga-me.*

— Lothaire! — Ellie gritou. — Oh, Deus, estou gozando, gozando. Suas pálpebras se fecharam. Seu orgasmo foi esmagador.

Onda após onda de êxtase, doce arrebatamento.

Mas a intensidade continuou a se construir quase a assustando. Seus olhos se abriram num instante.

— L-Lothaire? — Ela sussurrou enquanto seu sexo desamparado continuava a se contrair, vazio. —

Isso não acaba!

Seu olhar ardente estava preso ao dela. Ele falou palavras estranhas que ela não entendia, mas latejava com ferocidade, com fome.

Aqueles olhos... perdeu-se neles.

Finalmente seu clímax diminuiu. Com um gemido Ellie desabou sobre ele, enterrando o rosto contra seu pescoço.

Estou fora de mim.

Ela nunca conheceu nada parecido com isso. Havia orgasmos e orgasmos!

Envolvendo o braço ao redor do seu pescoço ele a puxou ao lado dele, arrastando-a pra perto até seus seios estarem fortemente pressionados contra o seu lado. Ela não tinha outro lugar para colocar a mão a não ser em seu peito ofegante, acima do seu trovejante coração.

Emocionalmente atrofiada, sexualmente desesperada, repetiu para si mesma. Essa foi a única razão pelo qual acabou de gritar em abandono com o homem que estava determinado a matá-la.

O vampiro que mordeu seus lábios por sangue.

Depois de hesitar ele apoiou o queixo em sua cabeça. Justamente quando ela pensou que eles estavam agindo como amantes normais, ele agarrou seu pulso e enfiou sua mão no calor úmido de suas calças.

— Ansiosa e pequena Elizabeth. Sinta o que você me fez fazer.

Sem pensar ela fechou os dedos em torno do seu pênis úmido, ainda semiereto. Quando pulsou em reação, ela suspirou baixinho. O primeiro que segurou.

Desejava vê-lo, beijá-lo. Nunca se interessou em emprestar sua boca, como ele chamava. Mas agora ela lambeu o lábio superior, imaginando a cabeça inchada...

— Se eu não estivesse tão esgotado faria você me limpar. — Ele pareceu irritado, mas depois se inclinou para esfregar os lábios sobre sua orelha. — Com sua língua.

Ela estremeceu com seu tom de voz rouco. Enquanto ponderava se ele estava falando sério e qual seria sua própria reação, ele disse.

— O beijo com sangue não te incomodou.

— Eu estava meio que fora do ar no momento. Te dei prazer, não? — Ela lhe deu um aperto, ganhando um rosnado. — Fiz você berrar?

De repente ele ficou tenso, segurando firme seu pulso.

— Todo o esforço foi em vão, pequeno mascote. — Ele puxou sua mão pra longe. — Sua patética tentativa de conquistar meu afeto fracassou. Você não pode se comparar a Saroya.

Sem outra palavra ele desapareceu.

Capítulo 25

Chafurdando em um humano, assim como meu pai.

Horrorizado consigo mesmo, Lothaire entrou no seu banheiro, despindo-se para outra chuvairada.

Enquanto a água escorria sobre ele, apertou as mãos contra a parede, lutando para se acalmar.

Na agonia ele quis consumir Elizabeth, tão frenético que voltou para sua língua nativa.

Nunca perdeu o controle assim, não podia se lembrar de alguma vez ter gozado tão forte — como se fosse desmantelado como um quebra-cabeça, então lentamente remontado.

E nem sequer a reivindicou.

158

Nunca esqueceria o olhar em seus olhos quando ela agarrou seus cabelos, puxando-o para mais perto daquele beijo cheio de sangue.

Nunca esquecerei o orgasmo de minha Noiva como um chafariz sobre mim.

Não, não... ela não era sua Noiva. Estar próximo de Saroya antes o deixou pronto; Elizabeth simplesmente estava no lugar certo na hora certa.

Se Saroya tivesse se dado ao trabalho de se levantar teria espremido aquela impressionante ejaculação dele. Deveria ser a intrigante da Saroya que estivesse vivendo esse inferno bem agora.

É claro.

Ainda assim, ele continuou repetindo o que acabou de acontecer com a mortal, encontrando-se excitado mais uma vez. Apenas momentos depois

daquele tipo de clímax?

Ele fez uma careta para baixo ao seu pênis exaltado. *Isso não vai acontecer.*

Ele ridicularizou as intenções de Elizabeth, esperando se divertir com sua inexperiência. Na pior das hipóteses esperava que ela fingisse desejo. Ao invés disso ela estava desesperada para gozar, trabalhando a semente dele sem usar a boca ou as mãos.

Montando-o desenfreadamente. O que o fez imaginá-la nua montando outras coisas. *Minha coxa, minha boca. ..*

Elizabeth dissera que teve namorados suficientes. Com quantos ela praticou pra poder se mover assim?

Quantos ficaram exatamente como ele, perdidos nela, impotentes para fazer qualquer coisa exceto se derramar sob ela? As presas de Lothaire afiaram com agressividade ao pensar nela com outro.

Pelo menos nenhum de seus “namorados” tomou sua virgindade. Ele se perguntou por que ela não desperdiçou isso. Lothaire não estava lá para interromper todas as sessões de natação com rapazes e obviamente ela apreciava sua sexualidade.

Assim como ele apreciava.

Forçou um sorriso. *A virgindade de Elizabeth pertence apenas a mim.*

Seu sorrisinho desapareceu. Ele nunca a conheceria assim. Ele só poderia reivindicar Saroya.

Nunca experimentaria a paixão desenfreada de Elizabeth? Nunca moveria lentamente seu pênis em seu sexo gotejante?

Então ele não seria diferente de todas as suas outras conquistas.

Seu pulso disparou se conectando com a parede. O mármore desintegrou; sua ereção diminuiu.

Queria matar qualquer um com quem ela esteve. Aniquilar todos eles. A Horda dos vampiros era notória por se aproveitar de ideias súbitas, agindo impulsivamente. Justamente quando sua mente estava prestes a se ocupar com assassinatos e suas sete pequenas tarefas se tornarem oito, ele a ouviu marchando em seu banheiro.

159

A curiosidade o tomou mais uma vez. O que ela faria?

Ele se virou para apoiar o braço contra o vidro, descansando sua testa nele.

— Voltando para mais, mascote? — ele disse casualmente, porém sentiu alguma coisa. Ela marchou com seus seios ainda à mostra, seus ombros para trás. Seus punhos se fecharam, seu pênis se expandindo mais uma vez.

Ela parecia impetuosa, seus olhos desafiadores. Jogou aquela juba de cabelos sobre os ombros, o que quase lhe rendeu uma posição em seu chuveiro.

— Estou aqui para te lembrar de uma coisa.

Do que, do que? Prazer ondulou através dele, quase como diversão. Mas seu tom estava entediado.

— Humm. Lembrar? — Por que sua voz estava rouca?

Ah, dos meus gritos chocados até o teto.

Ela pegou suas calças descartadas do chão.

— Quando você relatar minhas *tentativas desajeitadas* para Saroya, não deixe de mencionar a parte em que montei você como um cavalo preguiçoso e fiz você ejacular em seu jeans mais rápido que um colegial de quinze anos apalpando uma teta pela primeira vez. — Ela lançou suas calças dentro do chuveiro.

— Você pode querer limpar estas. — Ela deu meia volta e saiu tranquilamente do banheiro.

Ele ficou olhando fixamente para ela. Jeans ejaculado? Cavalo preguiçoso?

Esponaneamente seus lábios se curvaram em um sorriso.

Depois de se lavar e se trocar com a mais modesta das roupas de dormir, escolhendo uma camisola longa de seda branca; Ellie cruzou para sua cama.

Quando se deitou nela suspirou com a suavidade que a saudou.

Nunca soube que lençóis pudessem ser assim. Aqui deitada, vestida em seda, aconchegada nos melhores linhos que jamais imaginou, deleitando-se na cama de tamanho considerável, era como se estivesse deitada no chão.

Estava sendo mantida no paraíso de uma prisão, por um carcereiro de olhos vermelhos que sem dúvida também funcionava como uma fantasia sexual ambulante.

Um carcereiro que despertou algo nela esta noite, algo que Ellie instintivamente temia que não pudesse experimentar com outros.

Assim, quando começou a se preocupar, imaginando como viveria sem o êxtase que descobriu com Lothaire, lembrou-se que provavelmente não viveria afinal.

O elástico estava esticado. Snap. SNAP!

160

Finalmente se acalmou, sua mente zumbindo desacelerou. Justamente quando estava cochilando uma sensação de estonteante vertigem caiu sobre ela; quando abriu seus olhos estava de pé em seu quarto. *Ele me riscou novamente?*

— Quero que você me entretenha. — ele exigiu, sentando-se em sua escrivaninha. Estava sem camisa, descalço. Seus cabelos úmidos jogados negligentemente sobre sua testa. Tão deslumbrante, tão lindo.

— Entreter. — Ela esfregou os olhos. — Isto não fazia parte da descrição do meu trabalho.

— Acredito que a descrição do seu trabalho era você fazer o que eu ordenasse. Além disso, você está claramente vestida para o trabalho que quer e não para o que tem, e minha Noiva vai me entreter depois que nos esgotarmos.

— Dança macaco, dança. É isto? Lothaire, estou exausta.

— *Vá pra merda.* Não estou nem aí. Sente-se. Fale comigo.

Ela hesitou em retornar para aquele sofá, mas eventualmente se afundou com um bufo.

— Acho que tenho algumas perguntas sobre você. Surpreendente, considerando que é... você. Mas não posso controlar minha curiosidade.

— O que quer saber?

— Porque ainda é virgem?

Ela não queria contar a verdadeira razão, que temia ficar grávida de algum garoto do segundo grau, temia ter que abandonar seus sonhos de longa data de uma carreira gratificante, um marido amoroso, e por último, quando ela estivesse pronta para isso, crianças.

Ao invés disso, ela disse:

— Acho que Saroya de alguma maneira resistiu aos seus encantos todas aquelas vezes que vocês saíram matando juntos.

— Nunca saí para matar com ela.

— Ela só saiu sozinha e assassinou? Por quê?

Ele deu de ombros.

— Ela costumava se sustentar do ato. Agora acho que virou hábito.

— Isso não faz sentido.

— Imagine que não precisasse mais comer para viver, mas que poderia comer. Você não sentiria falta do sabor da comida, o ritual das refeições?

Ele tinha um ponto. Ellie adorava comer.

— Você não respondeu minha pergunta. — ele disse. — Nenhum guarda da prisão tentou deflorar você?

161

— A maioria deles era decente.

— Mas nem todos? Algum deles tentou... tocar você? — Sua expressão escureceu, suas presas pareceram crescer.

Ele estava perdendo a cabeça novamente. E quando seus olhos ficaram vagos, seus sentidos entraram em alerta vermelho.

— Desacelere a porra do seu coração!

Ela gritou.

— Talvez eu pudesse desacelerar a porra do meu coração, se você parasse de gritar comigo, porra!

— Tenho seu destino em minhas mãos, mas ainda me mostra desrespeito a todo instante.

— Você não *ganhou* o meu respeito.

— Pode ser que hoje eu sonhe com o anel. Então você desaparecerá para sempre.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Você adora segurar essa espada sobre o meu pescoço. Está tentando me fazer ficar louca como você? Fazer com que eu vá mentalmente antes de ir

fisicamente?

— É possível? — ele perguntou com toda a seriedade. Pelo menos se acalmou um pouco.

— Quanto mais você acha que eu posso aguentar?

— Vai aguentar tudo que eu der a você.

— E vou gostar? — Ela revirou os olhos. — Você tortura todo mundo assim?

Ele ficou imóvel como uma estátua, sua voz gotejando ameaça quando disse.

— Você não sabe o significado de tortura.

— E você sabe? Você apenas distribui ou esteve no lado que recebe?

— Ambos.

Ela desejou não ser tão curiosa a respeito dele. Mas...

— *Como* você foi torturado?

— Pegue a pior agonia que você possa imaginar, multiplique por mil, e então sofra a cada segundo por seiscentos anos. E isso foi apenas uma entre muitas vezes.

— Seis séculos? — *Ele estava exagerando. Tinha que estar.* — É por isso que você está louco?

— Em parte. Também por causa das memórias.

162

— Você viu as minhas quando dormiu recentemente?

— Até agora, nenhuma memória de pó de carvão, goteira no telhado ou o aroma pungente de inúmeras criaturas fervendo em banha na velha cozinha.

Ele fez parecer tão horrível, mas o que ela não daria para estar de volta ali agora mesmo!

— Você me observou mais do que revelou.

— Tive que aprender sobre você investigando seus pertences, espionando sua arrepiante família.

Ela ofegou.

— Você esteve na minha casa?

— Eu tenho uma casa. Você vivia num meio de transporte.

— Que eu comprei e paguei por ele. Ninguém pode nos mandar embora. — Ao contrário da terra em que estava estacionado.

O representante da Companhia Mineradora que Saroya matou esteve farejado ao redor da Montanha Peirce por uma razão. No fundo estava carregado de carvão. A VA-Co começou a fazer pressão sobre a família para vender. Quando isto não funcionou foram atrás da hipoteca do banco.

Apesar de Ruth, Ephraim e o resto da família providenciar o pagamento juntos, era questão de tempo antes que eles negligenciassem o seu empréstimo.

— Você é tão orgulhosa. — Lothaire murmurou, seu tom perplexo. — E não posso compreender por que.

Ela sufocou uma réplica . *Fique fria, Ellie. Consiga informações.*

— Conte-me como Saroya é.

— Cruel, insolente, destemida. Ela é uma rainha a quem outras rainhas se curvariam.

Ellie arqueou uma sobrancelha.

—Uma mulher cruel que não se importa que você passe tanto tempo sozinho com uma linda Bruxa?

— A fey e eu não estamos envolvidos.

— Saroya concorda em ter todos esses herdeiros que você quer?

— Ela me dará quantos eu desejar. — ele disse friamente.

Um desvio?

— Você não quer fazer um pequeno príncipe vampiro?

— Não posso reivindicá-la até que esteja em um corpo imortal, senão a machucaria com a minha força. Lembra-se? *Pop.*

— Então essa é a causa da demora. — Ou havia mais? Saroya ainda poderia satisfazer o vampiro.

Talvez a Deusa não apreciasse situações sexuais? — Tenho dificuldade em imaginar esse tipo de força.

— Há quatro coisas que fazem um vampiro mais poderoso do que seus irmãos. Sede de sangue, um coração batendo, o sangue Dacian e a idade. Sou um dos caídos de olhos vermelhos com sede de sangue, um Dacian com um coração batendo. Vivi por milênios, ficando mais forte ao longo dos intermináveis dias de minha vida.

Ótimo. Ela foi presa pelo Hulk dos vampiros. Então relanceou seu olhar para cima.

— Você é um verdadeiro Dacian?

— Ah, está certo, você fez seu dever de casa. Minha mãe era Ivana Daciano, herdeira do seu trono.

Eu sou Lothaire Daciano, agora o legítimo herdeiro.

— Mas acham que eles não existem.

— É claro que existem. Imortais podem ser tão ruins quanto os humanos, pensando que se não podem ver algo, é por que não deve existir.

— Seu interesse consiste nos tronos da Horda e o Dacian? — Quando ele inclinou sua cabeça, ela disse. — Se você é tão poderoso, seus súditos devem estar ansiosos para você ser seu rei.

Ele fez um som de escárnio.

— Pretendo subjugar um reino e devastar o outro.

— E depois?

Suas sobrancelhas loiras se uniram.

— O que quer dizer?

— Depois de devastar, subjugar? Tem que ter uma razão para se fazer estas coisas.

— Pura gratificação.

— Quanto tempo isso vai durar? Cem anos? Mil? Certamente você tem um objetivo final?

Ele se levantou, abruptamente enfurecido, todo intimidação.

— Eu tenho um Xeque-mate!

Perdendo a sanidade. Ele murmurou para si mesmo em russo, então sacudiu a cabeça bruscamente do jeito que as pessoas loucas faziam — como se tivesse acabado de ver ou experimentar algo que ninguém mais tinha.

— Esse Xeque-mate é seu *objetivo final*? — ela perguntou. — OK, então o que é?

Seu olhar vagava conforme ele andava de um lado para o outro.

— Sete pequenas tarefas.

164

— Conte-me.

Soando como se recitasse uma lista, ele disse.

— Encontrar o anel. Descartar a alma de Elizabeth. Transformar Saroya. Matar A Dourada. Assumir o comando da Horda. Encontrar e matar Serghei. Conquistar os Daci.

Descartar a minha alma. Como ele dizia aquilo facilmente! E quem era Serghei?

— Vampiro, odeio dizer isso, mas estas tarefas não são um objetivo final.

Ele se virou para enfrentá-la.

— Segure sua língua, pequena mortal! Ou terei que fazer isto por você.

Ela se calou, no limite enquanto ele andava/riscava.

Longos momentos mais tarde, ele retrucou.

— Sobre que diabos você estava falando?

— Um objetivo final deve ser o resultado, não o processo de alcançá-lo.

— Talvez eu sinta prazer no processo em si.

Ellie disse.

— Então o objetivo final é o prazer. As tarefas ainda são o processo.

— Meu objetivo final é a ocupação com a vingança de sangue. Trabalho só para isso, há milênios.

Em voz baixa, ela assinalou.

— Ainda é um processo.

— Ahhh! —ele rugiu, esmurrando a parede novamente. — Cale a porra da boca.

Num tom tão casual quanto pode fingir, ela disse.

— A maioria das pessoas têm objetivos de uma vida familiar satisfatória e uma carreira gratificante, com felicidade e prazer como resultado.

— E o que sabe sobre felicidade? — Ele se acalmou, parecendo intensamente interessado neste assunto.

— Eu experimentei isso na maior parte da minha vida. E aprecio ainda mais depois do meu recente sofrimento.

— Como você pode ter sido *feliz* naquele trailer, forçada a caçar para comer, tendo tão poucas posses?

Ela pestanejou. Ele não estava a insultando? Lothaire estava genuinamente curioso sobre isso.

165

— Eu valorizo os bons momentos que passei com aqueles que amo, e rapidamente deixei para trás os maus momentos. O que está feito está feito. Nunca insisto no passado.

— Isto é simplista.

— Não é uma coisa complicada. — ela rebateu.

— Isto é uma coisa abstrata.

— E ainda assim pode ser aprendido. Pode ensinar a si mesmo a ser feliz. Você disse que suas habilidades para matar eram bem afiadas. E se você colocar todo esse esforço em achar a felicidade?

— Então não teria sobrevivido todos esses anos.

— Talvez você possa encontrar compartilhando interesses com Saroya.

— Deixe-a fora disso.

— Ela é do tipo instrumental. O que ela gosta de fazer?

Ele estreitou os olhos.

— Saroya caça, assim como você costumava fazer.

— Ela *não* caça como eu fazia. — A ideia a fez querer esmurrar uma parede!

— Você me viu deixando carcaças de cervos por toda a montanha para apodrecer? Por nenhuma razão? *Não* há comparação. Eu nunca desperdiçaria e desrespeitaria a vida assim.

— Assunto delicado? Encontrei uma brecha na sua armadura?

— Qualquer comparação com ela me irrita. Nós não somos *nada* parecidas.

— Verdade, você é...

— Oh, poupe-me. — ela interrompeu. — Já sei que sou inferior em todos os sentidos, blá, blá, blá.

Ele arqueou uma sobrancelha, então continuou.

— Assim como compartilhar interesses, Saroya e eu governaremos juntos, protegendo e educando nossa prole.

Minha prole!

— Posso apenas imaginar o que uma Deusa da morte ensinaria a seus filhos.

— Você não vai semear discórdia. Sua tática é transparente.

— Seria apenas uma tática se eu estivesse sendo desonesta. Caso contrário, é uma observação. E

realmente quero saber sobre as habilidades maternas de Saroya, sem mencionar as suas.

Ele franziu o cenho, seu comportamento ficando pensativo.

— Lothaire, nunca pensou como seria ser pai?

166

— Seria um risco, embora poucos ousassem prejudicar a prole de Saroya. Certamente nenhum dos meus inimigos vampiros o faria... — Ele cruzou para a sacada e olhou para fora. Com uma brisa deslizando através dos seus cabelos, seus ombros tensos. — Uma névoa surge. — ele disse num tom estranho.

Ela não estava chegando a lugar nenhum com ele.

— Diverti você, vampiro? Estou cansada. Esta mortal inferior precisa descansar.

Ele se virou para ela.

— Você vai dormir aqui. — Ante seu olhar incrédulo, ele disse. — Eu não exagerei na ameaça para você. Esperava ter quartos separados, não porque desejasse te permitir privacidade, mas porque eu não queria olhar pra você. Infelizmente, não temos esse luxo.

— Ótimo.

Ela se levantou, apanhou um travesseiro e um cobertor do seu quarto, então retornou para o sofá.

— Não me toque quando eu dormir. — Lothaire disse. — Não se aproxime de mim. — Quando ele segurou seu olhar, ela de repente recordou o rugido assombroso que ecoou do seu quarto na última vez que ele dormiu. — Não importa o que acontecer.

Capítulo 26

Onde estou agora? Lothaire acordou na neve mais uma vez, desta vez durante o dia. A luz solar filtrada em seu peito nu era como uma tira de couro cru o açoitando lentamente.

Sombreando seus olhos, ele olhou ao redor, seu coração começava a trovejar em seus ouvidos . *Ah, Deuses, não...*

Ele se ajoelhou no meio da floresta. Ao redor dele estavam árvores que choravam sangue. O sol da manhã se entremeava nos troncos retorcidos, infiltrando-se nas cascas.

Mais uma vez ele retornou a um lugar do seu passado — na Floresta de Bloodroot¹⁸ que flanqueava o Castelo Helvita.

Eu cresci dentro daquelas paredes. Mais tarde conheci as torturas nestes bosques.

A constante pressão da terra em cima dele o esmagando, como se ela se alimentasse dele, digerindo-o como uma refeição...

Não retornou aqui desde que o Rei Demestriu morreu. Agora sem nenhum rei na residência, vampiros da realeza mantinham o trono, à espera de um herdeiro com duas qualificações: tinha que se segurar da sede sagrada e que ser legitimamente da realeza.

Liderados por um soldado chamado Tymur, o Leal, eles rejeitaram todos os candidatos.

18 Bloodroot é uma árvore medicinal oriunda no Norte dos EUA, também conhecida como Tetterwort ou raiz vermelha. Usada no tratamento de muitas doenças, entre elas o câncer, é mais conhecida pelos nativos norte americanos como corante natural.

167

Tymur assassinaria Lothaire de cara.

Por que voltei a este lugar de traições? Por que seu subconsciente focava essa memória torturante...

O metal frio beijou seu pescoço. Uma espada real? Uma ameaça imaginária?

Ele virou sua cabeça para encontrar duas sentinelas do dia, um demônio com chifres e um Cerunno.

Eles teriam recebido ordens para o levarem prisioneiro, para ser questionado.

O demônio podia se teletransportar para um refúgio; a velocidade do Cerunno era lendária. No entanto, eles permaneceram.

Então eles não fazem ideia de quem sou.

O demônio disse.

— Quem se atreve a invadir estes locais sagrados?

Lothaire mostrou suas presas. *Vou riscar numa velocidade que nem eles podem seguir, aparecendo atrás do demônio, sussurrando meu nome em seu ouvido. Ele vai tremer de medo antes que eu quebre seu pescoço. O Cerunno fugirá... até que eu arremesse a espada do demônio, pegando a criatura na espinha...*

— O Inimigo do Antigo. — Lothaire sussurrou no ouvido do demônio antes de agarrar e torcer seus chifres. A cabeça se soltou com uma arremetida de tendões desfiados e vértebras crepitantes. — E há pouco uso para isto. — Ele olhou impassivelmente o corpo do sentinela desmoronando.

Eu estava enganado. Não houve nenhum tremor de medo; ao invés disso o macho ficou irritado ao ouvir o nome de Lothaire.

O segundo guarda já tinha começado sua rastejante retirada correndo pela neve ao redor das árvores. Lothaire pegou a espada do demônio e a lançou no Cerunno, acertando suas costas o aleijando.

Com o pensamento já em outras coisas, Lothaire riscou para o ser, pisando sobre sua cauda que se contorcia serpenteando para recuperar a espada.

Com um balanço cortando a cabeça do Cerunno, Lothaire percebeu que sua mente danificada estava tentando lhe dizer algo o enviando até aqui. No entanto provavelmente seria morto antes que pudesse interpretá-la.

Riscou diretamente aos seus inimigos sem uma arma, apenas para acordar desorientado sob o sol.

Se o demônio só tivesse balançado a espada primeiro eu estaria morto.

Pelo menos Lothaire não revivera a tortura que experimentou aqui. Ele certamente cairia no abismo então.

Eu gostaria de ser louco.

As memórias para sempre o assombrando. Mas nenhuma notícia do anel. Depois de várias horas de sono não recebera novas pistas.

Com ambos os adversários eliminados, Lothaire tentou não notar que os troncos das árvores pareciam bocejar mais perto dos cadáveres.

As árvores desta floresta não precisavam nem de sol nem de chuva para viver — como tudo o mais neste domínio vampírico — elas se alimentavam de sangue.

Ele bloqueou o gemido de um dos troncos vorazes, o silvo assobiado de um dos galhos...

Com um estremecimento Lothaire riscou de volta para o apartamento. Embora ainda precisasse dormir para sonhar, estava preocupado com o risco. Será que teria que fazer alguma coisa que o impedisse de riscar? Ele se acorrentaria à sua cama a cada vez que dormisse?

De volta ao quarto na penumbra, Elizabeth estava dormindo pacificamente. Ela estava quente, de aspecto suave, tão distante da violência que ele a tinha condenado.

Enquanto olhava fixamente para ela, o conflito começou a se misturar em suas memórias, congelando quase como um milhão de noites assim — todas cheias de tortura, guerra ou morte. Com *s angue até os tornozelos e gritos infinitos em meus ouvidos*.

Sim, Elizabeth estava muito distante, mas deveria ser sempre assim...

Ele arrastou seu olhar para longe dela, franzindo a testa ao olhar para baixo e ver a espada pingando que nem se lembrava de estar segurando.

Enlouquecendo. Com um movimento praticado, ele balançou a lâmina e o sangue saiu voando.

Inquieto, ele jogou a espada longe, então se sentou na cadeira de sua escrivaninha, deixando a cabeça cair em suas mãos.

A loucura rastejava cada vez mais perto, o abismo o aguardando. *O que vou fazer?* Pela primeira vez em muito tempo, ele não sabia. Estar tão perto do seu Xeque-mate e perder o controle agora?

Nunca!

Ele levantou seu olhar, estreitando-o em seu quebra-cabeça mais complicado. Mente sobre mente?

Uma sensação de frio no quarto.

Ellie tinha acordado se perguntando se uma janela fora deixada aberta.

Mas o frio vinha de Lothaire que reapareceu de alguma viagem misteriosa, com neve ainda endurecida em torno das pernas de sua calça e segurando uma espada ensanguentada na mão.

Ela mantinha suas pálpebras entreabertas e respirando profundamente, e ainda assim o observando enquanto ele olhava para ela com uma expressão ilegível. Finalmente ele afundou em sua cadeira.

Então ele deu a um daqueles quebra-cabeças um olhar desafiador, como se fosse derrotá-lo ou morrer tentando.

169

Agora ela via como ele parecia estar fazendo progresso, colocando um bloco aqui, virando a estrutura para inserir um triângulo.

Estava encantada como seus dedos pálidos trabalhavam. Embora possuísse garras pretas, elas eram longas e elegantes. Como imaginava que seria a de um cirurgião.

No entanto Lothaire usava suas mãos não para salvar, mas para destruir.

Quando aqueles dedos abruptamente cessaram seu trabalho, tensão irradiou dele, aumentando como uma bomba-relógio prestes a explodir. Seus olhos flamejaram vermelhos...

Com um berro lançou o quebra-cabeça do outro lado do quarto, tão forte que

os pedaços deslizaram pelo chão e se incorporaram na parede.

Deus, ele é tão forte. Ela prendeu a respiração. *Aparentemente um dos mais fortes.*

Mas isso não era destruição suficiente para o vampiro. Enquanto ela olhava com espanto, ele esmagou móveis, jogou as luminárias. Ele correu seu antebraço sobre a escrivaninha e varreu todos os quebra-cabeças para o chão.

Ele se acalmou, suas sobrancelhas se juntando. Arrependimento? Ele claramente não suportava ver seus amados quebra-cabeças em desordem. Com a respiração arfante e seus olhos brilhando no escuro, ele caiu de joelhos.

Talvez eu devesse ajudá-lo para influenciar sua afeição.

— Qual é o problema, Lothaire? — ela perguntou, juntando coragem para se unir a ele no chão.

— Era tão simples antes. — ele disse distraidamente, estudando um bloco de todos os ângulos. —

Brincadeira de criança.

Ela ajoelhou na frente dele.

— Está tudo bem. Shh, vampiro. — ela murmurou quando começou a juntar pilhas com peças semelhantes, então as colocando na escrivaninha.

Ele ergueu sua cabeça para encará-la completamente. Seus olhos estavam definitivamente fora de foco. Ele parecia... vulnerável. Mesmo com suas presas e garras negras e suas íris de fogo. Mesmo que ele certamente tivesse acabado com uma vida uns minutos atrás.

— Nós nunca viveremos perto da floresta de sangue. As árvores choram sangue, bebendo profundamente. Nunca mais perto delas. — Suas palavras eram como uma divagação de um louco, seu sotaque mais acentuado como ela jamais ouviu antes.

Procurando saber o que aquilo significava, ela disse.

— Claro que não. Por que você estava na... floresta?

— Eu risco quando durmo. Risco para os inimigos. Quanto tempo o destino me deixará seguir com isso? Quantas vezes posso ter uma espada no meu pescoço antes de me decapitarem de verdade?

— Você não pode se prevenir de riscar?

170

— Com as correntes. Odeio ser acorrentado. Capturado rápido em qualquer coisa.

— Eu também.

— Quando eu era um menino fui pego numa rede. — Ele contemplou o passado. — Não pude riscar dali. O metal era frio e pesado em minha pele. Eles desceram para recolher minha cabeça e presas.

— Quem?

— Olhe para o lorde sanguessuga aos farrapos. — ele zombou, imitando o sotaque do outro. — Ele deve estar com fome. — Uma longa exalação. — Fui poupado. Mas pra que fim...?

Sem aviso, ele pôs de lado seu quebra-cabeça e a puxou para seus braços, riscando para a cama.

Sentou-se contra a parede, acomodando-a em seu colo, olhando pra ela.

— Quando eu tomar o castelo, irei colocá-las todas abaixo.

— Hum, cada árvore até a última?

Isso pareceu acalmá-lo um pouco.

— Sim, bela, sabia que você concordaria. — ele respondeu, escovando uma

mecha de cabelo de sua testa.

O quarto escureceu ainda mais com a chuva que começou a cair do lado de fora, parecendo isolá-

los do mundo. Será que ele ainda se lembra desta conversa? Talvez pudesse se aprofundar para obter mais informações.

— Lothaire, conte sobre sua vingança de sangue. Como suas sete tarefas se encaixam nela?

— Vingarei a morte da minha mãe. — Ele levantou o olhar, parecendo olhar fixamente para algo que Ellie não podia ver. — Ela morreu por mim e não precisava. Serghei poderia tê-la salvo.

— E Serghei é... ?

— O pai dela. Quem permitiu que ela fosse estuprada por dezenas de homens, em seguida queimada até a morte.

Ellie mal conseguiu impedir seu queixo de cair.

Num tom distante, Lothaire murmurou.

— Nenhum menino deve ouvir essas coisas. Os Daci a abandonaram, retornando quando ela não era nada mais do que cinzas espalhadas. Mas vou fazê-los pagar.

Ele esteve *perto* quando sua mãe fora estuprada e assassinada? Por que o pai de Ivana não fez nada para salvar sua filha, para poupar seu neto?

Não importa Ellie. O passado de Lothaire não lhe diz respeito. Não importa o quanto fosse trágico.

— Como o anel entra na jogada? — Ellie sabia que Lothaire planejava usá-lo para transformar Saroya em uma vampira — e se livrar de mim —, mas como isto serviria em sua vingança de sangue?

Adquirir sua mulher não deveria estar numa lista de tarefas diferente? — O

que o anel faz?

171

— Quase tudo que se deseja. Por um tempo. — ele adicionou enigmaticamente. — É um talismã poderoso, mas enganosamente simples de usar. Basta girá-lo em um dedo e fazer um desejo. Mas não muitos.

— O que isso significa?

Ele não respondeu, apenas acariciou os cabelos dela.

Percebendo que não conseguiria mais dele sobre o assunto, ela disse.

— Sei que vai encontrá-lo em breve.

Ele sorriu para ela, revelando então dentes brancos, suas presas não tão intimidantes neste crepúsculo. Lothaire Daciano era *atordoante* quando sorria.

— Eu vou. E então você será minha rainha pra sempre.

— Sim, pra sempre, Lothaire.

Ele curvou seu dedo debaixo do queixo dela, em vez de beliscá-la.

— Você quer ficar comigo.

Esta ternura inesperada junto com sua vulnerabilidade estava fazendo seu peito doer.

— Esperei uma eternidade por você. — Ele correu os dedos pelas maçãs do rosto dela, sua expressão de desejo. E ela teve a estranha vontade de chorar.

— Não sabia qual seria sua aparência.

Imaginei por séculos, procurando rostos.

— Você está feliz com minha aparência?

Outro sorriso maroto fez seu coração se apertar.

— Eu poderia olhar para Saroya por horas.

Um elogio, Ellie supôs. Ela inclinou sua cabeça para ele. Lothaire parecia mais jovem quando sorria.

— Quantos anos você tinha quando virou imortal?

— Eu tinha trinta e três anos quando meu coração parou de bater. — Ele suspirou. — A última vez que eu tive uma criada.

Como ela pensara. Milhares de anos sem uma mulher.

— Você é realmente mal, Lothaire?

— Sim. — ele respondeu sem vacilar.

— Você realmente quer dizer que me faria mal?

— Quando eu encontrar o anel, sim. Para você não sou nada mais do que a morte. — ele disse mesmo fazendo outra carícia em sua face.

172

— Será que vai doer quando você arrancar minha alma?

— O anel pode te trazer dor. Eu não sei.

Terrivelmente vago.

— Você não vai me mostrar nenhuma misericórdia?

— Misericórdia? Meu pai me implorou por isto uma vez. Depois que eu o decapitei, alimentei os cães com seus restos mortais. — Lothaire deu um sorriso sinistro, tão diferente do seu sorriso devastador.

Este era mais uma exibição de suas presas. — Ele odiava cães.

— Você m-matou seu próprio pai?

Ele ficou tenso a redor dela.

— Talvez ele devesse ter me enterrado vivo por seis séculos.

— *E-enterrado...*

— Enviado para minha sepultura. Antes de estar morto.

Oh, meu Deus. Na noite passada ela reconheceu que estava fora de si em sua profundidade com Lothaire. Agora percebeu que estava mais íntima com todo este mundo novo. Um mundo cheio de ódio, tortura e assassinato.

Não se admirava que ele quisesse Saroya.

E ainda assim ela se viu alisando seu queixo forte com as pontas dos dedos.

— Sinto muito pelo que você sofreu...

Ele tirou a cabeça e mordeu seu dedo indicador.

— *Ai.* — Como algum animal raivoso!

Quando o sangue brotou, ele apertou seu pulso e puxou sua mão até sua boca, fechando seus lábios sobre o dedo. Quando começou a sugar suas pálpebras ficaram pesadas, fechando-se completamente. Aqueles músculos esculpidos relaxaram ao seu redor.

E oh, ela respondia ao seu óbvio prazer. Ver seus lábios trabalhando a derretia. Quando sua língua se enroscou em torno do seu dedo, ela sentiu uma dor lenta e úmida se construir entre suas pernas.

Por que não o deixou sugar seus seios antes? Ter sua boca faminta trabalhando em seus mamilos endurecidos?

De repente ele a liberou, sua expressão intensa.

— Preciso de você.

Ela engoliu em seco, imaginando o que ele faria agora.

173

— Lothaire?

— Você quer que eu te toque?

Ela queria? Será que a machucaria? Se pudesse acariciá-la tão suavemente quanto ele trabalhou naquele quebra-cabeça...

Antes de arremessá-lo com raiva.

Ellie planejou seduzi-lo para afastá-lo de Saroya. *Vou desistir depois de um fracasso?*

Ele cobriu seu seio com uma palma quente, aqueles dedos elegantes beliscando seu mamilo através da seda. Ela ofegou, seu corpo estava todo mole.

— Responda. — Ele mergulhou a boca no pescoço dela, provocando-a com pequenos arranhões de uma presa. — Sim ou não, Elizabeth, antes que eu pare de fingir que sua resposta importa.

Quando ele começou a deslizar sua camisola até as coxas, ela estremeceu com necessidade, perdida.

— Sim, sim...

Capítulo 27

A névoa diminuiu. Lothaire não estava sonhando.

Ele tinha uma das mãos sobre um seio macio, sua outra mão avançando de forma constante da lingerie de Elizabeth até as coxas firmes.

Como ele chegou nesta posição? Não conseguia se lembrar. Por que ele tinha esse gosto delicioso de

Sangue na boca? Por que não podia se lembrar...? *Espere.*

Ela teria tentado interrogá-lo? Quando sua mente começou a clarear percebeu que a mortal tinha pensado em se aproveitar dele.

— Você estava cavando para obter informações? — Ela engoliu em seco. — Sua cadela! — Ele queria puni-la e não podia. — Blyad! — O que seria necessário para garantir o anel e finalmente se livrar *dela*?

Com a frustração borbulhando dentro dele, levantou-se bruscamente e jogou-a de volta na cama, fazendo-a gritar.

Quando ela correu para a direita, sua camisola deslizou para cima e ele pegou o rápido vislumbre do seu sexo.

Nua? No mesmo instante ele riscou para a cama, jogando-a de volta para baixo.

— Você tem uma surpresa ara mim? Vou vê-la agora, abra suas coxas.

174

— Não! — Ela puxou sua camisola para baixo.

Ele apertou as mãos nos seus joelhos, abrindo-os, levantando sua camisola. Seu rosto ficou vermelho, ela lutou, mas ele a dominou facilmente, encaixando os quadris entre suas coxas.

— Fiz as coisas do seu jeito da última vez. Agora vou fazer do meu... — Suas palavras foram sumindo ao primeiro olhar da sua carne feminina. Lábios brilhantes se abrindo como pétalas.

Um grunhido escapou quando sua mão caiu sobre ela.

Ele não queria querê-la. Mas a visão de seu sexo excitado e seu aroma delicioso fez sua luxúria ficar fora de controle. Enquanto ela precisava de liberação, ele instintivamente necessitava saciá-la.

A primeira vez que a sentiu... úmida, quente ao toque, inimaginavelmente

macia. Ele deu um gemido reverente.

— Solte-me! — Ela o empurrou.

Afastar esse prêmio dele?

— *Minha*, Elizabeth! — Ele a cobriu possessivamente, dando-lhe um duro aperto. — Isto pertence a mim. Não pode negar o que é meu.

Quando suas unhas cravaram em seu braço, ele riu cruelmente.

— Como as garras de um gatinho. — Outro empurrão. — Entenda, mulher, sou dono do seu corpo, ele vai me divertir o resto da minha vida. Lambendo-o, fodendo-o, tudo para o meu prazer.

Ela tinha começado a tremer de medo, olhando para ele com olhos desolados...

Droga, isso não vai dar certo.

Sim, ele a odiava e gostava de insultá-la, especialmente desde que o questionou. Sim, ficou furioso por não ter novas pistas do seu sono antes, e queria descontar nela.

Mas agora ele estava com tesão e dolorido, o que significava que ansiava a sexualidade desinibida que ela mostrou. *Eu a quero mais molhada, mais abandonada.*

Com esforço, ele acalmou o seu tom.

— Relaxe, mascote. — ele se forçou a dizer. — Não vou machucá-la esta noite. — *Hmm, não é uma mentira?*

Tensão ainda zumbia dela.

— Não confia em mim?

Ela sacudiu a cabeça, seus cabelos soltos se destacando contra os lençóis.

— Quero apenas colocar meu dedo em você, só brincar. Olha pra mim então.
— Para ilustrar, ele esfregou o dedo indicador vagorosamente sobre seu clitóris. Uma vez, duas vezes...

175

Ela afrouxou o aperto em seu braço. Outra carícia leve e ela começou a relaxar.

— É isso aí, mulher. — Enquanto brincava com ela, levantou os quadris pedindo mais. — É tão responsiva. — Ele deslizou o seu indicador entre seus lábios úmidos e sedosos. — Você é muito bonita aqui, Elizabeth. — ele disse com voz rouca. Para proferir essa afirmação sem a *rána* ele teve que acrescentar: —

Acho você excelente aqui.

Ela engoliu em seco nervosa, estudando sua expressão.

— Coloque seus braços acima da sua cabeça. E os mantenha lá.

— Por quê?

— Porque estou mandando. Faça. Entrelace os cotovelos.

Quando ela hesitantemente o fez, ele cerrou as mãos sobre sua camisola e a rasgou do seu corpo de cima abaixo. Deixando-a totalmente nua.

Deuses todo poderosos.

— Lothaire! Seus olhos...

Respirando entrecortadamente, ele grunhiu:

— Eu precisava... vê-la. Assim.

Cintura fina, quadris bem torneados. Seios generosos, de dar água na boca.
Pele da cor de mel. O

calor exuberante entre as pernas...

Lothaire achava que merecia todas as coisas boas que vinham do seu jeito, considerava que era devido, mas até ele se sentiu atordoado com sua boa sorte com o que viu diante dele.

Quando ela começou a tremer novamente ele se deitou ao lado dela, dobrando seu braço e apoiando a cabeça em uma mão. Sua posição descontraída desmentia a necessidade explodindo dentro dele quando deu um golpe lento circular sobre seu clitóris.

Ela engasgou novamente.

— Você me deixa louca, vampiro.

— Claro que sim, Elizabeth. — Outra carícia.

Este macho era como sexo encarnado.

Comparação com Lothaire, os garotos com quem Ellie esteve antes eram brutamontes amadores.

Agora ela estava lidando com um imortal sedutor que usava seus talentosos dedos — e sua mente astuta

— para fazer coisas pecaminosas com ela.

Um imortal cujos olhos pareciam estar pegando fogo, o vermelho se aprofundando através deles enquanto olhava para o seu corpo nu.

176

Quando ele retirou a umidade e subiu para continuar os círculos preguiçosos, ela relaxou seus braços acima da cabeça e deixou seus joelhos caírem abertos.

— Ávida por mais? — Esfregando sua dureza contra seu quadril, ele cheirou seu pescoço, sua orelha, murmurando palavras em russo.

Sua respiração quente contra a dela a fez tremer descontroladamente.

— O-o que você disse?

— Eu falei coisas sujas no seu ouvido. — Sua voz era irregular quando disse.
— Falei que você tem a mais bela boceta que eu já vi, e então disse o que vou fazer com ela. — Ela gemeu, as unhas cravando nos cotovelos.

— Lothaire!

— *Seja minha querida* — respondeu asperamente com aquele profundo sotaque. —, use seu dedo para mim. Mostre-me como você gosta de gozar.

Seu sotaque... a aspereza de suas palavras sujas... sua voz perversa era como um toque, acariciando-a toda.

Ela prontamente obedeceu escorregando a mão entre suas pernas, acariciando seu clitóris. Embora ele não tivesse pedido, sua outra mão em concha foi para o peito, o que pareceu lhe agradar.

— Você não se penetra? — Seus olhos estavam fixos em seus dedos.

Ela só conseguiu sacudir a cabeça.

— Você não saberia, não é? Logo vou te ensinar como é bom ter algo dentro de você.

— *Lothaire.*

— Assim que seu corpo se torne imortal, vou alimentar o meu comprimento em você, gastando-o bem aqui dentro. — ele bateu de leve seu dedo indicador em seu núcleo. — E aqui. — ele levou a mão à sua boca, mergulhando o dedo dentro dela.

Quando ela obedientemente o sugou, ele sussurrou.

— Sim. Ah, doce Lizvetta, vou estar nesta carne ao entardecer, à meia-noite e de madrugada.

Imaginando que seu polegar era outra parte de sua anatomia, Ellie chupou em êxtase.

— Sinto sua linguinha. Você vai me fazer gozar só com ela? — Ele tirou a mão, esfregando o polegar molhado sobre o bico de um mamilo, depois no outro.

— Lothaire, estou *perto*...

— Sem esperar por mim?

Levantando-se desabotoou suas calças, empurrou-as e em seguida caiu de joelhos entre suas pernas. Ela olhou com admiração para o corpo nu, para seu pênis enorme — o mais bonito que ela já tinha imaginado. O eixo cheio de veias era tão rígido, a cabeça larga. Umidade brotava da fenda inchada. Quando o pensamento voltou, ela disse.

177

— Quero tocá-lo. Aprender o que você gosta.

Ele lhe deu um olhar ilegível — *de prazer com isso?*

— Você estará ocupada com outra coisa. — Ele deu um olhar aguçado para seus dedos, em seguida agarrou a ereção com uma mão, elevando-se acima dela.

Com os músculos do braço salientes ele pressionou a cabeça contra o centro do seu peito, sibilando uma inalação ao contato.

Lentamente ele arrastou sobre um mamilo, depois o outro, fazendo-a gemer baixinho. Ela engoliu em seco quando ele se posicionou entre seus seios, colocando-se até que seu eixo foi pressionado dos dois lados.

Com um gemido ele empurrou com a cabeça jogada pra trás, esticando os tendões de seu pescoço.

— Oh, meu Deus... — *Eu poderia gozar só de vê-lo se mover.* — Ele pinçou ambos os mamilos entre o indicador e o polegar, então deu outro impulso

novamente. E de novo.

— Vou me derramar sobre seu pescoço todo se eu não parar.

Ela choramingou, imaginando o líquido quente a marcando.

— Faça o que quiser!

Mas ele já começou a arrastar a cabeça seu torso abaixo. Numa névoa de sensações, Ellie viu a coroa úmida se arrastando sobre seu ventre.

— Mais baixo vampiro, p-pressiona contra mim. Deixe-me mover contra ele.

— Você quer que a gente se toque? Você quer me sentir contra esses lábios nus? — Novamente seu tom era um desafio. — Então me beije. Levante-se e me beije.

Ellie sentia que o vampiro a estava testando, mas para determinar *o que?*

Arrastando os dedos pra longe do seu sexo, Elizabeth pôs as mãos nas suas costas, erguendo-se nos braços esticados. Inclinou-se pra cima para pressionar sua boca contra a de Lothaire, desenfreadamente encontrando sua língua.

Deuses, ela me deixa louco. Ele recuou.

— Mais duro. Beije-me como se fosse morrer se não gozasse logo.

Seus olhos estavam fixos nos seus lábios.

— *Eu vou!*

Ele agarrou seu cabelo brilhante e a puxou para cima.

— Faça isso!

178

Com um grito gutural ela se inclinou mais. Quando ele pegou sua boca com a

dele, ela chupou sua língua novamente, fazendo sua cabeça girar.

E então... ela timidamente lambeu uma de suas presas doloridas, oferecendo seu próprio sangue para ele.

Ele se acalmou em estado de choque mesmo quando pensava. *Sim, ah, Deuses, sim! Faça isso novamente...*

A bruxinha lambeu o outro. Mais forte.

Compartilhando outro beijo de sangue comigo?

O prazer sacudiu direto para o seu pênis, mas a ideia dela fazendo isso queimou na sua mente.

Muito intensa, muito dela.

Muito... inesquecível.

Ele interrompeu o beijo. Furioso com ela. Empolgado com ela. Seu pau a ponto de explodir.

— Deite-se, então. — Ele quase não reconheceu sua própria voz. — Agarre seus cotovelos mais uma vez.

Quando ela obedeceu, ele a recompensou avançando seus quadris para baixo, forçando seu pênis em direção a sua umidade.

Ela envolveu uma perna em torno da sua cintura o estimulando. *Pedacinho quente...*

Finalmente, Lothaire descansou seu eixo contra os lábios trêmulos. *Porra!* Ele teve que espremer a cabeça do seu pênis para não se derramar instantaneamente.

— *Tão molhada.* — ele sussurrou. — Gotejando.

Com a outra mão ele gentilmente beliscou suas dobras contra seu eixo, como fez com seus seios.

Então se balançou mais contra seu clitóris.

— *Oh-meu-Deus!* — Suas mãos voaram para seus quadris.

— Elizabeth, *continue*. Não se atreva a gozar ainda!

— Tarde demais! — Ela estremeceu, seus longos cabelos caindo desordenadamente sobre os lençóis. — Não posso parar.

Ele sentiu as unhas cravarem em seu traseiro enquanto seus quadris subiam e desciam, deslizando o sexo dela no seu eixo. Assim que se soltasse se derramaria. *Não podia resistir a isto...*

Ele abriu seus joelhos ainda mais, empurrando-os contra suas coxas.

Quando ele enfiou mais rápido sobre ela seus seios saltaram, os mamilos rosados sobressaindo. *Era muito...*

O olhar dele se fechou em seu olhos de pálpebras pesadas e respondeu asperamente:

— Você quer a minha semente.

179

— *Sim!*

— Então me olhe... *gozar*. — Ele soltou seu pau, suas costas se curvaram quando seu sêmen se precipitou. — *Ah! Elizavetta!* — Ele berrou, bombeando sobre sua barriga.

Arqueando-se sobre ela, atacou-a de novo e de novo, ele ficou atordado — porque ela estava se contorcendo em outro orgasmo.

E sorrindo. Seus lábios curvados com prazer.

— *Lizvetta?*

Quando terminou os últimos espasmos desabou ao lado dela com um gemido,

seu eixo se contraindo contra sua coxa.

Demasiado dela. Precisava ficar longe dela.

E ainda assim, deitou-se ao lado dela com um braço estendido sobre seus seios, a perna jogada sobre as dela, puxando-a para mais perto.

Então ele franziu a testa. Eles *se encaixavam*.

Como duas peças de um quebra cabeça.

O corpo de Ellie estava zumbindo, sua pele formigando com suas exalações roucas atingiram seu ouvido.

Estavam deitados assim enquanto ambos recuperavam o fôlego. Ele até roçou os lábios contra sua têmpora.

Esfregando um dedo em sua semente, ela lhe deu um sorriso atrevido.

— Olha o que eu fiz você fazer. — ela disse, repetindo suas palavras.

Logo quando Ellie estava pensando que fez progressos ele recuou, o rosto uma máscara de raiva.

— Fale comigo assim novamente e eu vou fazer você implorar pela sua morte! — Antes dele desaparecer, falou de forma áspera. — E você ainda não se compara à Saroya.

Ela estava atordoada, os olhos dardejando, desacreditando no que tinha acontecido. Mas a prova gritante estava empoçada em sua barriga.

Antes, achou erótico senti-lo gozando sobre ela, agora se sentia manchada por isso.

Usada! Ellie cobriu o rosto com o antebraço, o lábio inferior tremendo. Não só não foi boa o suficiente para influenciá-lo, ele ainda zombou dela novamente por tentar seduzi-lo para afastá-lo de Saroya.

Sentia-se tão mal...

Nunca se permitiu chorar, nem mesmo na prisão. Agora não sabia se poderia afastar as lágrimas.

180

Ela tinha acabado de levar um fora — de novo — de alguém que a ameaçou, ameaçou sua família, repetidamente. Alguém que matou.

Alguém que odeio tão profundamente.

Antes que pudesse explodir em lágrimas sentiu uma agitação em seu peito. Saroya. *Eu me pergunto o que a Deusa pensaria sobre a sua coragem em tudo isso?* Se ela realmente desprezasse todas essas coisas sexuais...

Inferno, mesmo que *não fizesse*.

Pela primeira vez em sua vida Ellie a deixaria se levantar sem uma luta.

— Pelos baldes de sangue que eu vomitei. Divirta-se com isso, Deusa.

Capítulo 28

— *Oh, sua cadelinha.* — Saroya se levantou na cama olhando horrorizada para o revestimento em sua barriga. Tão perto de dar frutos.

Por isso fui obrigada a me levantar. A semente de Lothaire parecia queimar sua pele como ácido sobre ela.

Vida em cada maldita gota.

Ela foi correndo para o banheiro da sua suíte, limpando aquilo freneticamente, esfregando a si mesma com uma toalha molhada até que sua pele estivesse esfolada.

Como Lamia estaria rindo.

Se Saroya tivesse se levantado quando o vampiro a chamou, era isso o que

ele havia planejado para ela? Degradação? Ela sabia que não seria capaz de esconder sua repugnância!

Uma vez que se sentiu relativamente limpa da sua marca, ela se olhou no espelho. Havia marcas na parte superior dos seus braços e na parte internas das coxas. Havia sangue na sua boca? Ele cortou a língua dela com suas presas!

Bruto.

O primeiro impulso de Saroya foi o de se retirar. Mas evidentemente Lothaire tinha acabado de copular. Se ele permanecesse no apartamento, este seria o momento ideal para enfrentá-lo...

Enquanto ela se preparava, Saroya sentiu falta das décadas quando ela teve inúmeros servos para banhá-la, vesti-la e adorná-la com joias. Agora ela tinha que se arrumar sozinha.

Depois de aplicar seus próprios cosméticos, selecionou entre o número escasso de roupas designadas a ela, escolhendo uma saia justa preta, salto alto e uma frente única metalizada.

181

Satisfeita com os resultados marchou para o quarto dele, encontrando Lothaire em sua mesa observando absorto um quebra-cabeça em suas mãos. Profundamente mergulhado em seus pensamentos?

Sobre o que havia acabado de acontecer com Elizabeth?

Tudo ao redor do quarto estava em ruínas. Ele experimentou uma de suas fúrias das quais ele falou a respeito? *Isso não era sinal de boa coisa*. Talvez esse fosse o motivo dele ter usado a humana — para descarregar seu ódio.

Ele ergueu sua cabeça, dando a ela um olhar de desprezo. Antes que ela pudesse dizer uma palavra, o olhar se esvaiu.

— Ah, Saroya se dignou a se levantar para mim.

— Por que não me confundiu com Elizabeth? — Ela e a mortal não eram somente gêmeas, dividiam um corpo.

Ignorando sua questão, ele perguntou.

— Quando você despertou?

— Em tempo de encontrar seus... *resíduos* em meu ventre. Elizabeth deixou que eu me levantasse apenas para apreciar aquilo.

Ele deu uma meia risada.

— Você não merece nada menos. Esperei por você a noite passada, mas se recusou a se juntar a mim.

— Era isso que tinha guardado pra mim?

— Depende do quanto você seria boa. Não gozo como uma fonte para qualquer uma.

O insolente!

— Então ela deve ter sido bastante talentosa.

— Surpreendentemente.

Ela poderia ter se sentido vulnerável por Elizabeth ter dado tanto prazer a ele, mas ela era Saroya, Deusa do sangue e da morte sagrada. Além do mais, Lothaire estava preso a ela.

Não podia abandoná-la mais do que o sol podia deixar de nascer.

— Talvez eu pudesse ter tratado minha Noiva de forma diferente. — ele disse. — Em todo caso, deveria ter sido você a me dar prazer.

Saroya examinou suas próprias unhas. *Nunca* seria ela. Evitou se render a um macho por vinte milênios.

Só Lothaire acreditaria ser quem me dominaria. Ergueu seu olhar para ele.

O Inimigo do Antigo faria melhor em não persistir naquela crença depois dela ter se transformado.

De qualquer forma poderia se deleitar no último patético pensamento dele: *A credito que ela me quer.*

182

Lothaire estava na expectativa de ver *Elizabeth* entrar marchando no quarto dele, reprovando-o sobre sua saída e comentários ferinos.

Eu estava inclusive esperando por isso?

Ao invés disso Saroya o enfrentou mais uma vez.

Estava furioso com a Deusa por não aparecer — mas estava ainda mais com Elizabeth por ser tão inconcebivelmente sexy.

O modo que ela lambeu suas presas... seus gemidos roucos...

Sua paixão o excitava como nada mais que ele pudesse se lembrar. Longe de estar enojada por sua semente a marcando, ela pareceu excitada. “Olhe o que eu te fiz fazer,” ela o provocou, quase o enganando.

Não pense nela. Sua Noiva se encontra diante de você.

A que não se levantou por ele.

— Diga-me por que não me encontrou como prometido.

— *Elizabeth* não me deixou levantar.

Bela mentirosa. Novamente, onde estava a lealdade, a confiança?

— Se é assim, então ela será punida. Severamente. Apesar de imaginar como ela te impediria de fazê-lo enquanto dormia.

Se Saroya não se levantou, então talvez tivesse medo de fazê-lo. *A Deusa de sangue com medo de me enfrentar?* Impossível.

— Você pelo menos está mais perto do anel? — Ela mudou de assunto e ele permitiu, decidindo deixar passar seu ressentimento.

Ivana dissera que seria um bom e verdadeiro companheiro para sua Noiva. Não importava por que Saroya se negou, Lothaire começaria de novo com ela.

— Não, não estou mais próximo em minha busca. — ele disse. — Mas posso ver a memória de meus alvos da próxima vez que sonhar. Se não conseguir, planejo capturar sua mulher Valquíria para forçar sua cooperação. — *Se Declan Chase vivesse*, Lothaire descobriria esta noite. — Como você sabe, não há maior modo de influenciar alguém do que com um ente querido.

Claro, Lothaire poderia matar a mulher de Chase a primeira vez que ela falasse imprudentemente com ele. Regin a Radiante poderia testar a paciência de um monge.

— Seus planos são fortes. E a Dourada?

— Meu oráculo procura por ela. Até agora não tem perambulado perto de você.

Notou seu evidente alívio, mas não comentou a respeito.

183

— Agora que a tenho aqui, você pode passar a noite comigo. Sente-se. — Ele apontou para o canapé.

Quando ela cruzou o quarto para seguir as suas ordens, ele riscou para o closet para educadamente vestir uma camisa, como um bom companheiro deveria fazer.

Ela o chamou.

— Como você soube que era eu ao invés da mortal?

As mãos de Lothaire se imobilizaram num botão. Ele soube por que Elizabeth era... mais bonita.

Ele não poderia se enganar mais — as duas mulheres *não* eram uma nem iguais. A Deusa emplastava seu rosto com maquiagem, cobrindo aquelas charmosas sardas em seu nariz. E ela andava rigidamente, não com aquele sensual requebrar de quadris.

Os olhos de Elizabeth eram mais brilhantes. Ela estava sempre sorrindo.

Não, não. Saroya parecia e andava diferente porque ela era uma *Deusa*. Ela deveria se comportar como uma. Não se portar de forma comum como Elizabeth.

Quando voltou a si Lothaire respondeu.

— Com certeza posso reconhecer minha própria Noiva. — Ele se sentou na cadeira da escrivaninha; Saroya se empoleirou na pontinha do canapé, o mais longe possível dele. Nem Elizabeth fez isso e ela o temia. *Não importa.* — Fale comigo, Saroya.

— Sobre o que?

— O que estiver em sua mente. — Mais cedo ele se sentou com a mortal, comparando habilidades com ela. Por um momento sua discussão o distraiu de outras preocupações. Poderia esperar o mesmo de Saroya?

— Muito bem. Eu quero criados.

— Não posso confiar em ninguém além da Bruxa.

— Então a dê para mim. Faça dela minha criada.

— Duvido que isso funcione como você espera. Alguns imortais não dão bons escravos.

Infelizmente, ela é um deles. Além do mais, preciso dos talentos dela como oráculo.

— Isso me desaponta profundamente, Lothaire.

— É temporário. Faremos sacrifícios agora para sermos recompensados mais tarde. — Ficou um silêncio em seguida. — E não há *mais nada* em sua mente? — Isso soou mais áspero do que pretendia.

— Meus pensamentos estão consumidos com o anel.

Outro período de silêncio.

184

Como um homem cuja existência foi quase sempre solitária, Lothaire não estava acostumado a imaginar coisas para discutir.

— Qual é sua lembrança favorita, Saroya?— Uma pergunta tão boa quanto outra qualquer, ele supôs.

— Por que está perguntando isso?

— Apenas faça minha vontade.

Ela fitou as próprias unhas.

— Uma vez, por diversão, escolhi dois dos meus vassalos vampiros, um macho e sua Noiva, e ameacei a vida de seus dois filhos. É claro, os pais fariam qualquer coisa para salvá-los. Então fiz o pai jurar ao Lore que comeria sua mulher, pedaço por pedaço, começando pelos dedos dos pés. — Saroya suspirou.

— Mais tarde ele tentou de tudo para escapar do seu juramento, para se esquivar dele. Pelo menos para atenuar o sofrimento dela. Mas seu voto o obrigava e sua maldita regeneração assegurava que isso durasse por décadas. De fato, ainda estava acontecendo quando fui amaldiçoada.

Aqueles juramentos inquebráveis ao Lore... imortais dependiam deles, mesmo quando temiam ficarem presos a um.

Saroya deu de ombros.

— Garanti aos meus vassallos que criaria sua prole enquanto eles estavam ocupados. Mas eu me lembro com carinho de beber deles rapidamente de qualquer maneira.

Os ombros de Lothaire ficaram tensos, qualquer relaxamento de antes desapareceu. *Saroya seria uma boa mãe...?*

— Você fez mal às crianças? Não fará mais.

— Você pensa que vai mandar em mim novamente, Lothaire? Entenda que sou uma Deusa, não tenho sensibilidade com relação à idade. Meus vassallos eram somente corpos que eu usava como brinquedos. Jovens, velhos... a idade não importa nem um pouco.

— Se você tiver como alvo crianças, então seus inimigos farão o mesmo.

Ela piscou.

— Não tenho crianças.

— Mas terá. *Eu* terei. — Maldita Elizabeth por plantar dúvidas.

— Se esse é seu desejo, vampiro. Vou me esforçar para ser obediente a você. É isso que quer, não é?

Posso querer uma mulher que aceite minhas ordens — e faça tudo, menos cumpri-las. Ele empurrou esse pensamento pra longe.

— Fale algo engraçado, Saroya. — ele ordenou.

— O que?

185

— Você tem raciocínio rápido, é persuasiva? — Como Elizabeth era continuamente. *Você é um peso-mosca para a intensidade dela...*

— Lothaire, eu escravizo outros para que sejam essas coisas, para que possam me entreter.

Silêncio novamente.

Ele ficava se lembrando daquela noite na floresta com Saroya, como ele se deu bem com ela. Ou simplesmente ficou admirado por ter sangrado?

— A primeira noite que te encontrei conversamos por horas. Por que isso é como arrancar dentes agora?

— Estou confusa, Lothaire. É como se você estivesse me entrevistando para um papel que já ganhei. Um que é meu além de *qualquer* retificação. A mortal de alguma forma semeou discórdia entre nós?

Ele manteve sua expressão neutra. *A mortal fez*. Ele nunca havia pensado além de obter os tronos e alcançar seus objetivos até que a humana o desafiou.

Agora se via forçado a imaginar como a eternidade seria com a mulher à sua frente.

Não, não, a maioria dos imortais tinha dificuldades com seus companheiros no início.

Especialmente se fossem de diferentes facções ou culturas. Lothaire não seria diferente. *Pelo menos nisso*.

Como outros machos Lorean faziam todos os dias, Lothaire conquistaria sua fêmea. Ele poderia ser charmoso, se quisesse ser. Poderia persuadi-la a responder a ele.

— Se não vamos falar, então o que vamos fazer esta noite, flor?

— Caçar. Matar. Derramar o sangue de inocentes.

Lothaire não entendia essa necessidade de Saroya de matar. Se ela não estava ceifando sangue, então qual era o propósito? Ele entendia matar seus inimigos e obstáculos políticos. Deleitava-se com isso.

Mas Saroya massacrava sua presa sem razão nenhuma. E Lothaire jurou não deixá-la matar.

— Sem caça. Você está completamente escondida de meus inimigos aqui e no meu oráculo. — ele disse com sinceridade, embora pudesse tê-la levado pra sair, meio riscando com ela para mantê-la invisível dos outros.

E havia uma tatuagem druida que ela poderia usar que a tornaria impossível de ser rastreada.

Poderia adquirir a tinta de um de seus devedores. *Mas mantereí essa informação por enquanto.*

— Lamentavelmente Saroya, há uma recompensa pela sua cabeça...

— Uma recompensa! — ela exclamou. — Devolva minha divindade e destruirei todos os seus adversários, os afligirei com loucuras e pragas até que fervam e apodreçam, rastejando aos seus pés por misericórdia!

Os lábios dele se curvaram.

186

— Gostarei quando você começar assim.

— Serei uma rainha temível para você, assim que encontrar o anel para nós.

— Ela estudou sua face, não poderia confundir com interesse. — Até lá, desfrute de Elizabeth. — ela disse. — Você parece estar mantendo um relacionamento amigável com seu brinquedo mortal.

— Relacionamento amigável? — Quando ela se contorcia enquanto ejaculava sobre ela? — Sim, suponho que estejamos nos dando bem. É uma boa coisa você não ser ciumenta, porque nós dois somos pervertidos juntos.

Mostre desgosto, fêmea. Demonstre que isso incomoda você.

Ao contrário, ela estava incrédula.

— Vocês dois? Você não teve que forçá-la a satisfazê-lo?

Ligeiramente ofendido, ele disse de modo grosseiro.

— Olhe pra mim, Saroya. Ela mal podia manter suas mãos afastadas de mim.

— Mas ela só colaborou com isso? Mesmo sabendo que você estava comprometido com outra?

— Como estou comprometido quando você me empurra a usar uma substituta pra você? — Saroya claramente não estava sentindo nenhum vínculo vampírico como ele sentia. Só havia uma forma de despertar isso. Na cama.

— Além disso, Elizabeth meteu na cabeça que pode me tirar de você.

— Isso me diverte imensamente.

— É mesmo? Eu não poderia dizer. Por que não sorri, então? — Nenhuma expressão. — Qual é, você tem um belo sorriso.

— Você quer dizer, *Elizabeth* tem. Ela sorri timidamente pra você, Lothaire? Você está obcecado?

Talvez *a prefira* a mim? — ela zombou.

Elizavetta pode ser minha? O nome dela gritado para o céu pareceu... correto.

O pensamento era tão abominável que ele imediatamente o banuiu.

— Estou perigosamente perto de ferir você, Deusa.

— Certamente o grande Lothaire não estaria ficando estupidamente apegado.

Foi o abandono de Elizabeth que o excitou tanto — ou simplesmente o corpo de sua Noiva? Hora de descobrir. — Apegado? Por acaso estou ansioso para experimentar a substituição.

— Insolente! Acha que não me lembrarei destes insultos sarcásticos?

— Venha para mim e farei tudo pra você.

— Reconheço esse olhar em seus olhos. Estranho. Pensei que estaria acabado essa noite.

— Posso jogar uma dúzia de vezes se estiver inspirado. Venha para mim. *Agora*. Isso não é um pedido.

187

Apesar dos olhos dela estarem estreitados numa fenda, ela se levantou e foi arrastando os pés para ele. Colocou-a no seu colo, mas ela permaneceu tensa.

— Relaxe, Saroya.

Quando se deitou ao lado de Elizabeth com a perna jogada por cima dela, seu braço atravessado sobre os seios macios... eles se *encaixaram*.

Isso era como forçar duas peças de um quebra-cabeça que não se encaixavam, forçando-as. *Não, não. Mente perturbada*.

— Vou devagar com você. Não deseja me beijar? Conhecer meu toque?

— Você vai me machucar. Elizabeth não é consciente de sua força ilimitada, eu sim.

— Dei um jeito de não feri-la. Duas vezes.

— Você a usou *duas vezes*? E ela não lutou contra você? — De novo ela estava incrédula.

— Permita-me mostrar porque ela concorda.

— Você diz que não a machucou, mas estou sentindo dor bem agora. — Saroya disse. —

Contundida e machucada. Diga-me, Lothaire, você tem algum ferimento, alguma dor?

— Claro que não.

— Eu sinto pelo meu corpo todo.

— Então serei mais gentil com você, ainda mais cuidadoso com a minha

Noiva. — Segurando seu rosto ele murmurou em seu ouvido. — Apenas relaxe, Saroya e prometo a você que apenas te darei prazer.

Ela fecharia seus olhos bem apertado, seu corpo enrijecendo como se gelo a cobrisse.

Ele se curvou para pressionar seus lábios sobre os dela, uma vez após a outra, provocando com sua língua. Ele aprofundou o beijo, e ela respondeu...

Exatamente como ele havia previsto.

Ele recuou.

— Você ficou fria. — Os olhos dela estavam fechados bem apertados, os lábios afinados. E pior...

ele se pegou imaginando que era Elizabeth para ficar ereto. — Você não quer meu toque de nenhuma forma.

Ela abriu os olhos.

— Eu nunca seria capaz de relaxar com medo que você me machucasse. Lothaire, imagine-se indo para a batalha em estado mortal. Sem regeneração, sem poder, sem velocidade. Imagine estar indefeso.

Você estaria tão entusiasmado em entrar na briga, não importa quanto adore combater?

Ela tinha razão. *Convença-se, Lothaire. Você não pode mentir para os outros, mas pode mentir pra si mesmo.*

188

— Quando eu for uma vampira as coisas serão diferentes. — ela insistiu. — Por enquanto peço paciência. Imploro a compreensão do meu macho até lá.

Sim, quando ela for uma vampira...

E ele ainda se recusava a aceitar que sua Noiva fosse sexualmente fria? Não,

ele poderia fazer Saroya o desejar.

— Seu corpo mortal não sente nada além de dor? Você deve ter necessidades.

— Não. Aparentemente você satisfez essas urgências recentemente.

Blyad! Ele desperdiçou esse prazer em Elizabeth!

Saroya bateu no ombro dele sem jeito.

— Você encontrará logo o anel e então serei sua em todos os sentidos. Por enquanto use sua mortal.

— Não se preocupa que eu possa me apaixonar completamente por ela? — ele perguntou apesar de saber a resposta. Saroya simplesmente não poderia compreender que alguém pudesse não desejá-la acima de todas as outras. Sua arrogância impedia dúvidas como essa.

E não podia evitar a sensação como se houvesse uma lição inerente para ele aprender.

— Nem um pouco, Lothaire. Se você a escolhesse no meu lugar, teria que renunciar a todas as suas aspirações ao trono da Horda, por tudo que trabalhou durante todos esses *milhares* de anos. Além do mais, você é tão inteligente, sei que pode ver através dessas manipulações dela. Nunca nos deixará sermos peões de uma humilde mortal.

Um peão. Ele e sua mãe foram peões para uma mortal antes. “*Beseech19* perdão, Olya...”

Nunca mais.

— Você viu a família de Elizabeth. — Saroya continuou. — Aqueles seriam seus parentes pelo casamento. Ela ia querer viver entre eles.

Ele reprimiu um calafrio.

— Mal sobrevivi morando naquele trailer. Como você se encaixaria ali?

Lothaire preferiria morrer.

— Tenho uma ideia, vampiro. — Saroya disse de repente. — Leve-me ao seu oráculo.

— Por quê? — ele perguntou, ainda chutando a si mesmo por ter saciado a humana.

— Você não perguntou o que eu gostaria de fazer essa noite? Quero fazer uma pergunta a ela sobre o futuro.

19 Beseech em russo é suplico.

189

Ele soltou o ar que estava retendo com força, riscando até a Bruxa.

Assim que apareceram na cozinha da Fey, a Bruxa disse a Saroya:

— Oh, é *você*.

Entre dentes, Saroya disse.

— Como sabe que sou eu? Antes mesmo que eu dissesse uma palavra?

— Por causa da maquiagem. — a Bruxa murmurou. — *C amadas e camadas* de maquiagem.

Saroya falou de forma agradável.

— Você acaba de garantir a sua morte. Tão logo sua utilidade acabe, Lothaire me trará sua cabeça.

Vou usá-la como pegador de mosca.

Os olhos da Fey se tornaram verde floresta com ódio.

— Isso não está no *meu* futuro, Deusa...

— Esta é minha Noiva, Bruxa. — Lothaire interrompeu bruscamente, perplexo com essa hostilidade. — Não é *Elizabeth*. Um pouco de respeito, então.

— Muito bem. — Mas os olhos da Bruxa ainda faiscavam.

— Você ajudou Lothaire a ver o seu futuro. — Saroya disse. — Quero que responda a uma pergunta sobre o meu.

— Posso jogar apenas algumas vezes em um dia. — Ante o olhar ameaçador de Lothaire, a Bruxa acrescentou. — Mas vou tentar.

— Pergunte aos seus ossos se a Horda aceitará Lothaire como seu rei se eu estiver ao seu lado.

— Não é tão simples...

— É. Ele é parte Dacian. Eles cortam todas as considerações irrelevantes e se focam somente em seus objetivos. O objetivo principal de Lothaire é se tornar o rei da Horda. Quero saber se sou a chave para o trono da Horda.

— Faça, Bruxa.

A Fey relutantemente removeu sua bolsa esticando o pano. Ela rolou os ossos então os leu.

— E aí?— Lothaire exigiu.

Como se as palavras fossem arrancadas dela, a Bruxa disse.

— A Horda aceitará você se Saroya estiver ao seu lado — e ela for uma vampira. Tymur o Leal e seus homens vão render o Castelo Helvita e jurar sua lealdade a você.

Tymur se ajoelhando diante de mim enquanto decido se devo decapitá-lo... os olhos de Lothaire se encobriram.

— Aí está, Lothaire — disse Saroya —, como prometi, vou colocar aquela coroa em sua honrada cabeça. Você será um rei, assim como Ivana a Corajosa queria. E depois que governar a Horda, você usará aquele exército para se apoderar do trono Dacian. Está tudo tão próximo. Estamos apenas esperando por você, meu rei.

Rei. Seu peito doía de querer aquilo. *Coroados, governando, poder.* Ele construiria um monumento para sua mãe no antigo castelo de Stefanovich. *Se eu não derrubá-lo até o chão, pedra sobre pedra ensanguentada.*

— Agora, Lothaire — Saroya começou —, teremos mais mercadorias e serviços entregues no apartamento? Sua rainha deseja rubis. E diamantes olho-de-gato. Talvez um colar romano cravejado de esmeraldas...

Capítulo 29

— Lothaire simplesmente... me deixou. — Ellie murmurou para a Bruxa, sua voz soando tão confusa quanto ela se sentia.

Nas últimas sete noites ele a deixou com a Fey — como uma pirralha com a babá — enquanto estava fora procurando incansavelmente pelo anel, determinado a substituí-la para sempre.

Mas neste amanhecer ele não veio buscá-la. Eram três da tarde. Agora ela sabia como se sentia a última criança esperando na creche.

— O que devo fazer sobre isso? — Olhando fixamente para o nada, Ellie bebeu sua cerveja.

Ela e a Bruxa estavam do lado de fora no deck da Fey, reclinadas em suas espreguiçadeiras com lanches, revistas e um balde de gelo com Corona Light²⁰ entre elas.

Depois do susto com a bruxa-do-espelho, a oráculo ficou muito mais agradável com ela.

Provavelmente porque sabia que Ellie estava para morrer e tudo o mais.

E Ellie finalmente a perdoou por colocar Lothaire no seu caminho — afinal, a

Bruxa não tinha nada a ver com Saroya estacionada dentro de Ellie.

— Não faça nada sobre isso, Elizabeth. — a Bruxa disse. — Ele está apenas atrasado. Vamos nos divertir até que ele retorne.

Percebendo que Saroya provavelmente não gostaria de ficar bronzeada, Ellie foi a St. Tropez, passando o dia lá, besuntada em óleo de coco. Embora sempre se bronzeasse facilmente, ultimamente estava pálida por causa da prisão.

Não mais . *Sinta o bronzeado, monstro.*

E já que Saroya queria que engordasse, Ellie decidiu *perder* peso. Estava atualmente, numa dieta de cevada e lúpulo.

20 Corona Light é uma marca de cerveja.

191

— Alguma coisa aconteceu depois que Saroya levantou dessa última vez. — disse Ellie. — Desde então Lothaire está agindo diferente comigo. — Como se todo o terreno que ela conseguiu conquistar com ele tivesse sido perdido.

Quando Ellie despertou Lothaire olhou pra ela como se o tivesse enganado, como se ele se *ressentisse* dela.

Talvez Saroya tivesse se provado sedutora. Talvez tivesse aprendido com as tentativas de Ellie .

Embora eu ainda seja virgem. Claro, Lothaire explicou por que eles não poderiam fazer sexo.

— Ele me deu um leve tapinha com sua mão, um gesto bem intencionado, mas desajeitado, como se minha pele estivesse envenenada. — A Bruxa estava tão desacostumada a ter uma amiga quanto Ellie.

Toda noite, assim que o trabalho da Fey estava feito, ela e Ellie entornavam bebidas e conversavam.

Temperando isto com uma Fey que era um oráculo. *Meu novo normal.*

Falavam sobre poções, caça e as loucuras do Lore. E do status de solteira da Bruxa.

Retornando eras atrás, a Bruxa havia se apaixonado por um *demônio* — estritamente fora dos limites para uma Fey como ela. O guerreiro musculoso duvidou do amor de sua “delicada Fadinha”, especialmente pelo fato de que ela era tão jovem. Por sua vez, ela duvidou que ele pudesse resistir a sua pele envenenada por tempo suficiente para reivindicá-la. Eles decidiram se encontrar uma década mais tarde debaixo da macieira dourada em Draiksulia — se ela ainda se sentisse do mesmo modo e se ele pudesse obter um antídoto para ela.

Por causa da maldição da Bruxa, ela estava séculos atrasada para o seu encontro. Agora era incapaz de achar o guerreiro — nem seus ossos puderam dizer onde ele estava.

Os olhos castanhos de corça de Bruxa faiscavam verdes com emoção sempre que falava dele...

— Ei, você não acha que Lothaire está... morto? — Ellie perguntou, confusa por quase se sentir preocupada sobre a segurança de seu sequestrador. *Sequestrador e muito-em-breve seu carrasco.*

— Ele voltará, Elizabeth.

E como eu deveria me sentir sobre isto?

— Eu saberia se ele estivesse morto. — A Bruxa disse enquanto verificava seu cronômetro.

A Fey estava trabalhando numa poção, uma experiência que ela esperava que contrariasse um feitiço que protegia um dos inimigos de Lothaire — certa Valquíria chamada Regin a Radiante. Ao descobrir que Regin tinha um feitiço de proteção, Lothaire silvou “*Nix, aquela cadela!*”

O que quer que aquilo significasse.

— Ele pode ter se distraído e se perdido temporariamente. — A Bruxa acrescentou.

Ellie poderia acreditar nisso. Ele estava piorando mentalmente. Em um amanhecer quando chegou para buscá-la estava coberto de sangue e esbravejando sobre seus inimigos: “Estão me seguindo! Não é seguro para você.”

192

Duas noites atrás acordou em seu lugar no sofá para encontrá-lo ajoelhado ao lado dela, acariciando seu cabelo.

Ele murmurou.

— Está cada vez mais difícil de saber quando estou acordado... não posso viver assim por muito mais tempo.

Às vezes ele falava com ela em russo, como se esperasse que ela respondesse no mesmo idioma.

Ela nunca o questionou novamente, a não ser ocasionalmente para perguntar.

— Vou morrer esta noite?

— Ainda não. — ele respondia de forma distante. Mas no último pôr do sol ele não respondeu, só olhou para longe.

Ellie abriu outra cerveja, tampando a garrafa com uma fatia de limão.

— Você pode me dizer por que Saroya não está tentando se levantar? *Ela* não deveria estar preocupada com ele nesse instante? Por que não está desejando vê-lo? Se eu fosse má e Lothaire me banhasse com joias e roupas eu estaria atrás dele.

— Você iria? — A Bruxa estudou seu rosto. — Mesmo depois de tudo que fez com você?

Como sempre Ellie repetiu a voz zombeteira do vampiro em sua cabeça.

— *Você não pode se comparar com Saroya.* — Ela pensava ser imune aos insultos, mas por alguma razão, ele a atingiu em cheio. — *Você é comprovadamente inferior em todos os sentidos. Inteligência, riqueza, aparência, linhagem...*

O desprezo em seu tom, seu sorriso afetado. Ela suspirou. *A verdade* de suas palavras.

Seu ego levou um golpe.

Mas, então houve aqueles relances de um lado diferente dele. O sedutor, o Lothaire charmoso, cujos beijos esquentavam seu sangue. O vampiro que fazia seus dedos dos pés enrolarem com seu acentuado e antiquado sotaque. *Seja minha querida...*

— Está querendo saber se eu poderia me apaixonar por ele? — Ellie perguntou, tentando imaginar como seria ser amada por Lothaire. Mas ela sabia bem como era sonhar com coisas que nunca aconteceriam. — Mesmo se por algum milagre ele sentisse alguma coisa por mim, eu nunca o amaria. Só uma tola se apaixonaria por quem a sequestrou. — Ela encontrou o olhar da Bruxa. — Não sou tola. Meu interesse por ele é puramente de vida ou morte. — Ela tomou um longo gole de sua cerveja. — Só pra constar, há *alguma* chance que eu seja sua Noiva?

Parecendo escolher suas palavras com muito cuidado, a Bruxa disse.

— Companheiros mortais são extremamente raros para os Loreans. Estou pensando agora em todos os casais que foram reunidos nesta Ascensão e não posso citar um único com um humano no meio.

De qualquer forma, Lothaire despreza os mortais mais do que qualquer um que eu conheça.

— Por quê?

193

— Não vou dizer e sugiro não perguntar a ele.

— Mas é *possível* que eu seja dele. Por que não pergunta ao oráculo e descobre com certeza?

— Você sabe que só jogo com os ossos algumas vezes por dia.

Ellie perguntara a Bruxa como funcionava aquele lance de rolar os ossos. Ela respondeu que era como digitalizar o texto de um livro, mas se fizesse com muita frequência, as palavras pareceriam borradas.

— E se eu for dele? — Ellie insistiu. — Se você serve aos interesses de Lothaire, então como acha que isto o afetará tão logo ele perceba que matou sua primeira e única Noiva? Você não acha que ele ficaria irritado?

O olhar da Bruxa vagou para longe.

— Confio no julgamento de Lothaire.

— Diga-me por que deve tanto a ele.

— Muito bem. — A Bruxa pegou outra cerveja, facilmente abrindo a tampa com a unha do polegar.

— Séculos atrás comecei a trabalhar para um poderoso feiticeiro e suas irmãs. Ele não gostou de uma de minhas premonições, então me amaldiçoou para parecer como uma velha repulsiva, cativa a sua vontade enquanto ele vivesse; uma situação particularmente difícil, considerando o quanto foi difícil matá-lo. Ele era conhecido como o Único Imortal. — Seus dedos apertaram ao redor da garrafa. Justo quando Ellie pensou que ela fosse se quebrar a Bruxa a soltou. — Se não fosse por Lothaire, eu ainda estaria presa no porão de um castelo úmido. Ele traiu todas as suas alianças, quebrando um pacto para me libertar do feiticeiro assassino.

— Lothaire fez tudo isto por você?

A Bruxa deu uma risada sem humor.

— Não, ele tinha outras razões misteriosas. Minha liberdade foi apenas uma feliz coincidência, mas não importa, ele me fez jurar uma dívida com antecedência, o que me colocou em seu notório livro. — Seu cronômetro

soou. — Volto daqui a pouco. Não fique muito queimada.

Sozinha, Ellie folheou sua revista mais uma vez. Ela virou a página passando os olhos em um artigo sobre Bora-Bora, mas sem ler realmente. Em vez disso, refletiu sobre todas as coisas que jamais chegaria a fazer.

Ver sua família novamente. Viajar ao redor do mundo. Ter sua própria casa. Ter filhos. As ideias de Ellie sobre ter uma cerca branca? Sua própria cabana na Montanha Peirce.

Nunca chegaria a encontrar um homem que a quisesse. Sempre imaginou o tipo de cara com quem acabaria, fantasiando os detalhes amorosos que ele gostaria.

Basicamente o oposto de Lothaire em todos os sentidos.

Pensando por esse lado, isso poderia fazer uma garota desejar que não estivesse oscilando à beira da morte.

Oscilando. Ellie estava cansada disso. Pelo menos no corredor da morte poderia contar os dias até que estivesse livre afinal. As bordas da revista ondulavam em suas mãos.

194

Agora ela permanecia nesta espera dos infernos.

Queria gritar, estrangular Lothaire, realmente podia ver a atração de acabar com a vida de uma pessoa.

Como ela desejava outra chance de “cruzar espadas” com ele, especialmente agora que aprendeu a decodificar o modo como ele falava. Ela analisou suas declarações repetidas vezes, e se sentia confiante de ser capaz de dizer quando ele estava desviando ou redirecionando.

Se ela perguntasse a ele “Você gosta de azul?” e ele gostasse, mas não quisesse admitir, zombaria.

“Pareço com o tipo de homem que gosta de azul?”

Ele começava as declarações com "talvez" ou "aposto" para evitar as mentiras. Ou diria algo extremamente ultrajante.

Ela chamava isso de fala-de-Lothaire.

Ellie concordava com ele sobre uma coisa: pela chance, mesmo que remota de sobrevivência, ainda tinha uma jogada em aberto para ela.

Seduzi-lo.

Parte dela queria tentar isto mais uma vez. Talvez se conseguisse que a reivindicasse totalmente, pudesse criar uma barreira entre ele e Saroya.

Ou talvez, Ellie devesse apenas fazer o boquete que ele queria. Recordou das palavras sábias de sua prima Sadie, a vadia que habitava na encosta da montanha:

— Se você quer transmitir uma ideia para o cérebro de um homem, fale com ele através de seu pênis. É como buzinar no ouvido, de todos eles.

Pensar em seduzir Lothaire não tinha absolutamente *nada* a ver com o fato de que Ellie ainda ansiava por ele como crack.

Com certeza ele *tinha* despertado algo dentro dela.

A semana toda esteve com um tesão dos infernos, ansiando suas mãos nela, repetir o que fizeram juntos. Quando dormia sonhava que estava chupando ele, depois tomando seu eixo grosso dentro dela.

Se tocou algumas vezes no chuveiro, mas não podia relaxar o suficiente para chegar lá, sempre com medo que Lothaire de repente aparecesse e a pegasse — para ridicularizá-la cruelmente...

Ela soltou o ar com um forte suspiro virando uma página, decidindo em seguida *não* se impor. *Eu nunca tive uma chance com ele de qualquer maneira.*

O que significava que *não* havia jogadas em aberto. *Já estava praticamente morta, assim como os soldados da linha de frente.*

A ideia era, de alguma forma, libertadora. A pressão para influencia-lo foi cansativa. Especialmente por que ele a evitava por dias.

Ela estava decidida, firme.

195

Então, por que as páginas estavam tremidas pelas lágrimas não derramadas?

Odeie-a. Deseje-a.

Por uma semana Lothaire manteve distancia de Elizabeth, deixando-a com a Bruxa e a ignorando quando eram forçados a estarem juntos.

Nunca precisou dela mais do que agora.

Durante o dia inteiro, rastreou Declan Chase — que sobreviveu sem nenhuma ajuda de Lothaire.

Descobriu que o Magistrado fora um berserker imortal desde o princípio, embora Chase não soubesse que era.

Repetidas vezes Lothaire tentou chegar perto o suficiente para entrar na sua cabeça, mas sua companheira Regin fez algum tipo de feitiço nele que repelia Lothaire.

A cadela nunca saía do lado de Chase.

Depois de um dia espionando o casal — inclusive em seus entusiásticos episódios de sexo —

Lothaire retornou ao seu apartamento, cansado, mas entusiasmado, desejando ardentemente sua própria mulher. Sua Noiva.

Quando Saroya se levantou da última vez ele renunciou à mortal. E uma vez que ele comprou tudo, exceto a lua para a Deusa, ela concordou em se levantar em duas semanas.

Mas o que fazer até lá?

A separação do corpo de sua Noiva o estava afetando — como também sua sanidade. Houve mais rascar durante o sono, mais raiva e até mesmo blecautes enquanto caçava.

Em vez das visões relativas ao anel estava sonhando com coisas que pensava ter esquecido há muito tempo, memórias fortuitas — suas *próprias* memórias aleatórias.

Uma Fey-criança de cabelos longos me agarrando.

A Valquíria Helen grande com uma criança, seus olhos cheios de tristeza enquanto olhava para seu marido.

Nix exigindo.

— Onde está sua paciência... ?

E mais, Lothaire percebera aquela presença misteriosa novamente. Os Daci. Ele acreditou tê-los sentido antes, fora de seu apartamento em algumas ocasiões. Mas nenhum deles o enfrentou.

Eles o seguiram ou ele apenas imaginou sua presença?

Tantas evoluções, tantos movimentos. *E mal posso manter meus pensamentos longe de Elizabeth, minha luxúria sob controle.*

196

Antes que a apanhasse pelo restante do dia, sabia que tinha que aliviar um pouco dessa pressão.

Sete merecidos dias...

Deitado de costas em sua cama, abriu cuidadosamente suas calças acima de sua ereção dolorida.

Quando a apertou em seu punho e começou a bombear, se perguntou se

Elizabeth gozou desde sua última vez juntos.

Enquanto estava totalmente ocupado pensando sobre seu estado sexual miserável longe de Elizabeth, ele não pensou sobre *ela*.

Ela era uma fêmea luxuriosa. A pequena camponesa provavelmente se aliviaria.

Dentro de sua casa, acariciando seu sexo virgem. Aquela carne nua delicada ficando tão molhada...

A ideia o enviou pra borda e começou a bombear com seu punho. Será que ela pegaria sua sugestão e penetraria a si mesma com um dedo? Ou dois? Ou será que ela ia esperar por ele para ensiná-

la... ?

Suas presas gotejavam em sua boca, afiadas como uma navalha por ela. Ele lambeu uma, sugando seu próprio sangue, fantasiando que era o dela. Suas costas se arquearam enquanto gemia em russo.

— *Espere por mim, Lizvetta. Espere ...*

O sêmen subiu até seu exaltado pênis, quando ele sacudiu seus quadris, fodendo seu punho...

Contudo depois ele desacelerou. E se ela *estivesse* esperando por ele?

Eu *quero* suas *mãos em mim*. Eu *quero* que ela *me veja gozar*. Elizabeth gostou de ver seu sêmen derramar. Se ele retornasse para ela, poderia persuadi-la a sugar isto dele. Com sua boca.

Este plano fazia sentido — ter sua liberação com ela, usando-a como uma ferramenta. Apenas pra manter sua sanidade.

Com aquilo em mente, colocou meticulosamente seu pênis pra dentro das calças, vestiu um sobretudo para disfarçar, então riscou até a Bruxa.

A Fey relanceou o olhar por cima de uma panela fervente. *Dando-me um*

olhar de censura?

— Elizabeth está lá fora.

Encontrou a mortal deitada ao sol enquanto lia uma revista de Lazer e Viagem, um balde de cerveja gelada ao seu lado.

Ela vestia um biquíni. Um minúsculo. Triângulos de um material vermelho cereja amarrados juntos.

Sua pele dourada estava brilhando com óleo. Óleo de coco — exótico e extremamente erótico, cheirando em sua direção.

Seu queixo caiu, seu pau empurrando em prontidão. *N ão sabia que esta visão me saudaria!*

Querendo visualizá-la assim durante seu descanso, ele riscou de volta ao apartamento, colocou óculos de sol, então retornou.

197

Depois de dizer a Bruxa para dar um passeio, ele riscou para uma cadeira na sombra, silenciosamente removendo seu casaco.

De lá ele observava cativado como o sol se embebia na pele lisa de Elizabeth, aquecendo-a, *marcando-a* diante de seus olhos. Ele nunca viu uma carne tão macia.

Seus dentes cintilavam brancos se destacando no seu novo bronzado. Ele avistou um toque sutil de ruivo naquela cabeleira brilhante. Ela era de Appalachia — em algum lugar em sua linhagem, provavelmente tinha algum antepassado escocês.

Seu biquíni o provocava, o material agarrando os mamilos rígidos e a leve sugestão de sua fenda.

Ele a morderia embaixo de cada triângulo...

Ela dobrou uma orelha na página que estava olhando. Havia apenas uma

razão para marcar páginas numa revista de viagem. Quando sonhava com uma futura viagem.

Uma que ela nunca faria.

Ele franziu o cenho em reação a isso, então lembrou a si mesmo que não sofria remorsos por decisões já tomadas. E seu sacrifício foi determinado há meia década. Tudo que ele queria agora, era o uso de seu corpo adorável.

— Tire a parte de cima do seu biquíni, mascote.

Ela engasgou.

— Pare de me chamar disso, idiota.

— Mas você *é* uma mascote. Eu te alimento, abrigo, acaricio. E você me diverte. Agora, faça como eu disse.

— Se eu soubesse que passaria o dia aqui, poderia ter arrumado uma mala.

— Então é por isso que você está nervosa hoje.

— Certo, Lothaire. Não tenho *nada* pelo que estar nervosa.

— Ah, você deve ter sentido minha falta.

— Nem tanto quanto você claramente sentiu a minha. — Ela ergueu seus óculos de sol, revirando seus olhos para sua ereção.

— Eu te dei uma ordem.

Ela correu um dedo no seu lábio inferior.

— Quer ver meus seios? — ela ronronou, lançando pra ele aquele sorriso ofuscante.

Ele se endireitou na cadeira, tenso com antecipação.

— Peça a Saroya pra te mostrar. — seu sorriso desapareceu, ela pegou sua

cerveja, enrolando o dedo em torno do gargalo da garrafa.

198

Quando ela bebeu um gole, ele pensou. *Sem classe. Mas estranhamente... excitante.*

— Você nem sequer quer ter elegância, não é?

— Não. — Ela chupou ruidosamente uma fatia de limão.

— Você, realmente, não quer fazer isso hoje, Elizabeth.

— Mas eu quero! Veja, meus dias estão passando muito depressa para adiar *qualquer coisa*.

Recusando-se a morder a isca, ele concordou.

— Sim. Estão. Agora, sobre a parte de cima do seu biquíni. Cale a boca e tire isso.

Ela riu e bebeu mais cerveja.

— Pode esperar sentado, vampiro.

— Não quer continuar a me seduzir pra me tirar da minha Noiva?

— Não, decidi que *não vale a pena* me prostituir para você.

— E quanto a sua razão alternativa? Apenas querer estar com um homem? Pra conhecer seu toque?

— Isto foi bom, Lothaire, mas não *tão* bom.

— Você gozou rápido o suficiente. — Ele adorou esta disputa, porque raramente isso acontecia com ele.

— Você realmente quer ir por aí? Porque, oh grande rei, você gozou *nas suas calças*.

Seus olhos se estreitaram.

— Não foi isso que aconteceu com cada uma de suas conquistas? Só porque não sou pobre, imbecil e vulgar como eles não significa que sou imune aos seus encantos. Agora. Tire seu sutiã. — Quando ela negou, ele retrucou. — Você me desobedece porque assume que não vai ter nenhuma punição.

— Que tal nós jogarmos um jogo de olho por olho. Você responde minhas perguntas, e eu puxo isto

— ela apontou um dos triângulos superiores do seu traje de banho — um pouco para a direita.

199

Capítulo 30

Elizabeth e seus jogos. Que estava desfrutando mais do que gostaria de admitir.

— Continue.

— Onde você esteve? — Perguntou ela.

— Perseguindo meus inimigos, Declan Chase e Regin a Radiante. Chase é a chave para encontrar o meu anel.

Ela ajeitou o material para a direita, apenas o suficiente para revelar... a marca do seu bronzado.

Porra, isso foi sexy para ele. Podia apostar que sua pele estava escaldante ao toque.

— Pensei que só precisasse sonhar as memórias dele.

— As memórias são provas fugazes. — disse ele distraidamente. — Mas compartilhamos sangue entre nós, então posso ler sua mente se chegar perto o suficiente dele.

Outro ajuste.

— Quem é Nïx? Você a xingou no outro dia.

A maldição da minha existência.

— Ela é uma Valquíria vidente que conheço por quase toda a minha vida. Ela gosta de meter o nariz onde não é chamada. — *A rainha branca, com sua premonição divina.*

— Você teve um relacionamento com ela?

Como responder a isso?

— Nós tivemos... muitas coisas um com o outro. — disse ele, lembrando a primeira vez que a conheceu, apenas um mês após a morte de sua mãe.

Ele estava faminto, ferido, mancando por uma passagem isolada da montanha sem nenhuma ideia para onde ir. Uma rede de metal desceu sobre ele, impedindo-o de riscar.

— Olhe para a sanguessuga pentelha esfarrapada. — uma Valquíria de cabelos escuros disse enquanto ela e outros de sua laia desciam de uma pedra. — Ele parece faminto.

Ele estalou suas presas para eles, sibilando sangue e saliva. Enquanto debatiam quem decapitaria sua vítima, outra Valquíria passeou pelo meio.

Com seu cabelo preto azeviche e brilhantes olhos dourados ela era incompreensivelmente linda para ele.

— Poupe este, irmã. — ela disse. — Ele é especial.

— Como assim, Phe Nïx?

200

— Não posso ver. — disse a Phe Nïx. — Na verdade, a única maneira em que posso dizer que papel ele desempenha em nossos assuntos é lendo *seu*

futuro, Helen. Vocês dois estão conectados de alguma forma.

— Você fala por enigmas, como de costume. — Helen colocou sua espada na bainha com um impulso exasperado. — Ele é um parasita patético. Eu morreria de tristeza se estivesse conectada a alguém como ele.

Mas elas o pouparam, e a Valquíria dos olhos dourados furtivamente entregou moedas para ele enquanto se encaminhavam para seus corcéis brancos.

Uma era se passou antes que ele encontrasse Nîx novamente. Ambos tentaram capturar um feiticeiro cujo castelo foi sitiado por um exército invasor de demônios de pedra, uma das mais brutais *demonarchies*.

Nîx planejava salvar a vida do feiticeiro para que ele cumprisse algum papel desconhecido no futuro; Lothaire queria beber seu sangue e roubar seu conhecimento lendário.

Os dois decidiram trabalhar juntos. Deixariam os demônios derrotarem o exército do feiticeiro e quebrar a proteção mística que ele mantinha. Então Lothaire e Nîx se precipitaram para apanhar o feiticeiro para si.

Enquanto ele e a Valquíria permaneceram à espera num afloramento de frente para o confronto, Lothaire trabalhou em um quebra-cabeça de anel, ouvindo a conversa da Valquíria, surpreso por concordar com tudo o que ela dizia.

Ela elogiara o feiticeiro por não tomar nenhuma esposa, não ter descendentes e não desenvolver amizades.

— Ele não tem fraquezas. O rei demônio de pedra não terá influência para forçar magias nele.

Lothaire caçava sobre essas mesmas vulnerabilidades. Razão pela qual não acumulou amigos. Por

escolha, não por falta...

Com uma garra pontuda no dedo, Nîx apontou os soldados em ação, fazendo comentários.

— Idiota. Idiota maior ainda. Idiota de um chifre só. — Ele grunhiu concordando. — Oh, olhe isto!

Veja este. — Ela dizia de vez em quando, prevendo um assassinato particularmente horrível no campo de batalha.

Logo começaram a conversar, principalmente sobre como os imortais poderiam ser tolos, até que a conversa ficou pessoal.

— Você não tem companheiro, mulher? — Ele perguntou intrigado com ela, apesar dela ser seu inimigo natural.

— Fui noiva de Loki por um tempo. O que não desenrolou da melhor forma por razões *óbvias*.

Então, por enquanto, sou uma mulher que usa os homens para o seu prazer sem arrependimento. — Ante o olhar sem expressão de Lothaire, ela disse: — Isso será divertido no século XXI.

— Se você é uma adivinha, diga o meu futuro.

201

— Não posso. Ainda não vejo nada em você. Muito poucos deixam minha previsão completamente em branco.

Na hora antes do amanhecer, Lothaire disse.

— Cansei de esperar, Phe Nix. Fique se quiser, mas já vou.

Seu olhar ficou enevoadado.

— Paciência Lothaire. Você *deve* aprender a ter paciência.

Ele se ergueu totalmente, furioso por ela ter se atrevido a repreendê-lo.

— O dia em que eu receber ordens de uma louca que gera raios será o meu último. — Com uma meia risada, ele enrijeceu para riscar pra longe.

Assim que começou a desaparecer avistou um demônio saltando na beirada com a espada em riste. *Deixe a Valquíria ao seu destino*, Lothaire dissera a si mesmo. *Ela não significa nada. Ela é um inimigo!*

No entanto ele hesitou. Talvez estivesse menos cansado do que pensava, talvez não tivesse nada melhor pra fazer. Por alguma razão retornou ao seu lado para matar o macho — bem quando as barreiras do castelo caíram...

Nos anos que vieram depois eles perseguiram inimigos comuns, aumentando a confiança um no outro, pelo menos o suficiente para cuidar um do outro quando a caçada se estendia. Mas Lothaire nunca aprendeu a ter paciência, e sua teimosia os colocou em desacordo em algumas ocasiões. Sua lucidez continuou a diminuir.

Ainda assim eles tinham muito em comum, e um respeito relutante havia crescido. Ele se lembrou de uma vez confessando a ela:

— PheNix, você é a única...

—Lothaire!

Ele sacudiu sua cabeça a erguendo.

— *O quê?*

Elizabeth estava franzindo a testa para ele.

Você e Nix?

Ele se sacudiu do seu devaneio.

— Pertencemos a exércitos diferentes no Lore, o Pravus e o Vertas. Ela está guiando os Vertas e eu ao lado do Pravus ou de ninguém, quem atender ao meu Xeque-Mate.

— Por que nunca a matou? Isso é o que você faz com seus inimigos, certo?

Uma pergunta difícil de responder. Por fim, ele disse.

— Apesar de ser inimiga, Nix é a única que conheço que se equipara a mim em idade e conhecimento. — Na loucura e cansaço. — Temos uma história. — E sua vida seria alterada sem ela. —

Decidi há muito tempo que sempre poderia matá-la, mas nunca poderia trazê-la de volta.

— Entendo. — Quando Elizabeth tomou outro gole da bebida, a condensação da garrafa pingou em seu peito, serpenteando pra baixo. Conforme seu olhar seguia, sua mente facilmente passou do passado para este presente tão atraente.

— Creio que respondi à sua pergunta. — Ele ergueu as sobrancelhas para o seu biquíni.

Com um *huff* ela afastou mais o tecido.

— Pensa em mim quando está longe?

— Penso em como está prestes a morrer. Um belo sacrifício por Saroya.

Enquanto ela puxava mais um pouco seu biquíni, Elizabeth perguntou:

— Quanto tempo tenho?

— Talvez uma semana.

Ela olhou pra longe tomando outro gole de cerveja enquanto ajustava o material. O próximo movimento desnudaria um atrevido mamilo.

— Em algum momento teve pensamentos ternos por mim?

Ele pensou em destruir a alma de Elizabeth e de ter sentido um sussurro de *alguma coisa*.

— Pareço o tipo de homem que teria pensamentos *ternos*, garota? Agora você está sendo ridícula.

Quando seus olhos se arregalaram um pouco, ele retrucou:

— O quê?

— Nada.

— Se não há mais nada para falar, então vamos para a ação.

— Hmm. Talvez tenha mudado de ideia. — Correu a garrafa de cerveja suada para baixo, em seu decote. Exatamente onde ele enfiou seu eixo uma semana atrás. — Você não gostaria de poder ver... e tocar?

— Passei os últimos sete dias desejando poder tocar. Agora pretendo. — Antes que ela pudesse reagir, ele riscou para ela na luz, agarrando-a antes que se queimasse, depois voltou com ela para o apartamento.

Podia sentir o cheiro do sol em seus cabelos, podia ver novas sardas no nariz. Pele dourada, malvadas marquinhos de sol... sua pele estava quente.

— Solte-me! — Ela empurrou o seu peito. — O que quer de mim agora? Talvez em algum lugar da minha pele tenha meio centímetro que você não gozou ainda. É isso?

203

— Estes dias longe de mim te tornaram mais ousada. Tola também. Mas vou mantê-la perto.

Ela se debatia contra ele.

— *Eu te odeio!*

— O sentimento é mútuo. — ele grunhiu com dificuldade, o *rána* queimando. *Blyad* ! É claro que a odiava.

Ela era uma mortal, ignorante inclusive do perigo que *ele* representava para ela. Sua mão enrolada ao redor de sua garganta.

— Eu poderia estrangular você com tanta facilidade. Espremer sua vida de

você.

— Faça! — Ela gritou, seus olhos ferozes. — E pare de falar sobre isso!

— Você não vai me incitar a matá-la. — disse o vampiro. — Então pare de tentar. Se eu fosse fazer isso com minhas próprias mãos, já teria feito.

Por um breve segundo Ellie pensou que o viu franzir a testa, como se só agora tivesse percebido que era verdade.

Não pode mentir, heim? Quando ele aliviou seu aperto em sua garganta ela cambaleou para trás.

— Não estou gritando com você porque quero que me mate, estou gritando porque você me dá nojo! Você era algum tipo de super gênio do Lore? Por que continua decidido a escolher Saroya ao invés de mim? Por que é estúpido demais para ver o que está na sua frente?

— Na minha frente? Você quer dizer uma mortal guinchando para mim com um sotaque carregado caipira? A humana ignorante sem realizações? Talvez eu não seja inteligente o suficiente para me rebaixar a uma criatura como você.

— Eu não sou ignorante. Tenho um diploma!

Ele levantou uma sobrancelha loira.

—

Certamente. E tem H.S.21 escrito nele. Em todo caso, há mais conhecimento do que um diploma.

Você nunca esteve fora do seu próprio estado, nunca encontrou qualquer tipo de povo exceto o seu.

— Porque sou *jovem!* Estive na prisão desde que era adolescente. Não faz ideia do que eu teria feito se essa sua *cadela* não tivesse sequestrado meu

corpo. Você não pode ter as duas coisas, não pode ridicularizar minha ignorância quando tem uma ponta de culpa nisso.

— Não faço ideia do que você teria feito? Aposto que teria vivido num trailer miserável com moleques aos prantos agarrados no seu avental enquanto assistia TV o dia todo.

Ele tinha acabado de fazer a fala do Lothaire .

21 H.S. de High School, de Ensino Secundário, o nosso Segundo Grau ou Ensino Médio.

204

— Você *não* acha que é o que eu teria feito. Não acredita em nada disso.

Golpe duplo no vampiro. Mas ele se recuperou, dizendo num tom brando:

— Isso está ficando tedioso, Elizabeth. Cale-se e tire a roupa.

— Peça para Saroya fazer isso! Ou talvez ela o ache tão odioso quanto eu! — Um músculo pulsou no maxilar dele, alertando-a que foi longe demais. *Não ligue. Já está morta.*

— Você corteja minha ira porque nunca verdadeiramente a testemunhou. Vou corrigir isso agora.

Ele a puxou contra seu peito.

— Vamos fazer uma viagem.

— Você disse que seus inimigos poderiam me encontrar! Ser a prostituta de um demônio...?

— Eu vou nos encobrir. Novamente, quem você mais precisa temer sou *eu*.

— No espaço de um fôlego ele os riscou para dentro de uma caverna. Mas não os teletransportou completamente, pois ficaram numa espécie de penumbra nebulosa.

Ela ainda podia sentir o cheiro de terra mofada e podridão, ouvir as moscas zumbindo. Depois que seus olhos se acostumaram com a pouca luz viu os cadáveres.

Os corpos brutalmente decapitados de homens jovens. Dezenas e dezenas deles.

Sangue coagulado, membros decepados e crânios esmagados. Respingado nas paredes úmidas da caverna.

Ela teria vomitado o conteúdo do seu estômago se tivesse constituição fraca. Ou se não tivesse visto uma cena semelhante em sua própria casa há cinco anos.

Quando pode confiar em sua voz, ela perguntou:

— Você fez isso?

— Ah, Elizabeth, agora você vê do que sou capaz? Abater um bando inteiro em sua própria caverna me entediou. Meu coração nem sequer acelerou, minha sede de sangue nem subiu. Bocejei bem alto quando trabalhei cortando a cabeça de um. A última coisa que ele ouviu foi eu fazendo *tsc tsc* por causa da minha indelicadeza. Você faria bem em temer minha ira, em entender que apenas o meu nome gera medo nos corações daqueles que me conhecem, *por uma razão*.

— Entendo que você é assustador, doente e perverso! Entendo que o Inimigo do Antigo e Saroya, a Ceifadora de Almas, são absolutamente perfeitos um para o outro. Duas partes separadas de um quebra-cabeça colocadas juntas.

Mais uma vez suas palavras atingiram um nervo. Sua mão apertou seu braço, sua expressão prometendo dor.

— Sua vida é assim?

Ele zombou.

— Na maioria das noites durante milênios.

— Então sinto pena de você. Isso mesmo, Elizabeth, sua mascote, a camponesa que despreza, “o corpo” tem pena de você. — Ela olhou para o seu rosto. — Uh-oh, temos esse músculo pulsando em seu maxilar. Significa problemas pra mim! Qual é o problema? Não pode aguentar quando alguém diz como você é? Provavelmente sou a primeira pessoa a fazê-lo em séculos.

Havia uma cintilação em seus olhos vermelhos?

— É como sou. — disse áspero. — E como é que poderia ter pena de mim?

— Tenho 24 anos. Passei mais de vinte por cento da minha vida no corredor da morte. E ainda conheci mais felicidade em minha curta vida do que você tem na sua interminável.

Capítulo 31

Aquela Elizabeth era fodidamente atrevida!

— Como sempre você fala sobre coisas que sua mente não pode nem sequer compreender!

— *Eu?* Aposto que nem *sabe* o que é a felicidade!

Lothaire queria explodir.

— Claro que sei! — Mas ele... não sabia.

Ele acreditava que soube o que era isso enquanto era criança com sua mãe, mas não conseguia se lembrar nitidamente daqueles primeiros anos, não depois que eras vieram e passaram, não depois que sua vida se tornou dedicada à vingança.

E ele não podia ressuscitar o quer que seja que sentiu, porque não sentiu nada que se aproximasse daquilo.

Muitas vezes espionou os outros, estudando seus hábitos. Ele observara duas irmãs feiticeiras que riam silenciosamente sobre piadas irônicas. Em seguida,

observou o grosseiro comportamento Lykae, que davam risadas tão intensas que tinham que segurar as costelas. Eles experimentaram felicidade. Lothaire não.

Sabia que era diferente dos outros. E no entanto não podia averiguar se ele era *in* feliz — pois significaria que poderia reconhecer o oposto.

— Bem, você sabe o que é isso? — exigiu Elizabeth.

Não posso mentir. Contentamento, felicidade, satisfação — todas essas coisas eram incompreensíveis para ele.

Uma das razões pelas quais lutou tão duro por seu Xeque-mate era que, sem dúvida ficaria satisfeito uma vez que todos os seus votos fossem cumpridos. Depois que seu trabalho finalmente terminasse.

206

Ela ofegou.

— Você *não* sabe. Quanto eu sou ignorante? Eu me sentei no meu “trailer miserável”, experimentando algo que *sua mente* nem sequer podia compreender!

— Posso não matar você, mas poderia te machucar, quebrar seus ossos frágeis!

— Você *deveria*. Machucaria a única pessoa que poderia te ensinar a ser feliz! — Ela pegou sua testa. — Oh, Deus... agora?

Saroya estava se levantando?

— Elizabeth, *não* retroceda. Termine isso comigo!

Ela estreitou seus olhos para ele.

— Estou só mantendo as condições do nosso acordo. Se Saroya quiser sua vez, então tenho que sair do caminho, certo?

— Sua pequena cadela, não fuja disso! — Sua voz trovejou na caverna.

—Uh-oh, aqui vou eu... uau, uau, recuando diante dos seus olhos. Red Rover22 enviando Saroya direto para cima. Olhe o quanto *a Ceifadora de Almas* pode te fazer feliz! — E então ela desmoronou.

Lothaire a puxou para ele, pegando-a assim que Saroya disse.

— Onde estou? Senti sangue e violência.

Ele deu um grito furioso. Elizabeth zombou dele, deu a última palavra então retrocedeu de propósito! *Ia malditamente estrangulá-la!*

— Lothaire, o que está de errado com você? — Então Saroya franziu o cenho, lutando para ficar de pé sozinha. Mas ele deixou sua mão sobre o braço dela, cobrindo-a. — Por que estou vestida assim? Oh, minha pele!

Obtenha controle. Antes de esmagar Saroya em fúria. Inspire. Expire.

— A mortal demonstra ser... incômoda. — E de confusão. Ela continuava a surpreendê-lo a cada vez que voltava.

— Você não pode lidar com uma garota humana? — Saroya examinou toda a carnificina ao redor.

— Mas olha para este esplêndido massacre! Seu?

Elizabeth ficou enojada. Saroya não só aceitava o que ele era, exultava sobre isto.

— Não há mais vidas para tomar? Todas estas estão completamente consumidas. Lothaire egoísta.

— Ela cutucou com o dedão do pé uma perna decepada. — Por que trouxe Elizabeth aqui? Tem algo a ver com o anel?

— Fiz progressos quanto a isso.

22 Red Rover é um jogo (Rover é uma palavra norueguesa para pirata) jogado por duas equipes adversárias cujo objetivo é impedir o adversário de quebrar a corrente da equipe.

207

— Então, não tem anel para dar para mim e nenhuma vida para eu tomar, embora não tenha matado há anos! — Ela chutou uma cabeça em

decomposição, então estremeceu de dor pelo contato. —

Você é sempre tão egoísta?

— Sim. — ele respondeu distraidamente. Não poderiam permanecer aqui por mais tempo. Ele poderia só meio-riscar duas pessoas por tanto tempo. Num instante retornou com eles para seu quarto em Nova Iorque, liberando-a.

— Leve-me para corpos vivos, Lothaire! Na verdade me risque para a velha casa de Elizabeth.

Prometi à mãe dela que a mataria. Exijo tê-la ao meu alcance.

— Exija o que quiser, isso não acontecerá. — Afinal ele sentiu gratidão pela camponesa por carregar Elizabeth. Sem essa mortal Lothaire não teria nenhum corpo para sua Noiva.

— Não permanecerei na linha de frente se for tratada dessa maneira. — Saroya começou a cambalear.

Agora *ela* recuaria? O inferno que iria!

— Se você voltar de propósito, marcarei este corpo. Queimarei seu rosto. Arrancarei um olho.

Saroya imediatamente se endireitou.

— O que você quer? — Lothaire estava claramente em um humor perigoso.

— Você vai responder algumas perguntas pra mim.

Em um tom ofendido, ela disse.

— Sério, Lothaire. Qual a causa disso? Sou a única que deveria estar enfurecida. Por que permitiu Elizabeth bronzear minha pele assim?

Ele riscou de uma parede para a outra.

— Preciso de informações.

— Tais como?

— Conversamos anos atrás sobre governar juntos. — ele disse. — Você ainda quer isso?

— É claro. Temo que *you* seja o único com dúvidas.

— Nós falamos de tronos, poder e vingança. Mas e sobre nós?

— O que quer dizer?

— Quando minha retribuição for dispensada e nossas coroas descansarem em nossas cabeças, então o que?

208

— Então conquistamos *mais*. — ela disse. — Poderíamos governar o mundo juntos enquanto procuramos um jeito de devolver minha divindade. Tenho inimigos que imploram por vingança também.

Ou já se esqueceu disso?

— Sua irmã, Lamia.

— Entre outros. — *A Dourada, por exemplo*. — Você tem a Rainha do Mal jurando represálias contra você, o que significa contra mim. — Saroya debateu se contava a Lothaire de seus muitos crimes contra a feiticeira, mas decidiu o contrário. Ele não precisava saber que ela despachou assassinos atrás da Dourada por séculos.

Ele não precisa saber sobre a profecia predita por um oráculo vampiro há muito tempo morto.

— Se você não derrotá-la, ela me matará, Lothaire. Eu *sinto* isso.

— Dourada não pode *encontrá-la*. Ninguém no Lore sabe deste apartamento. Você está escondida se permanecer aqui ou na Bruxa, e camufla o corpo de

outra forma. Acha que eu permitiria que a Dourada roubasse minha companheira, e com ela todo o meu futuro?

Saroya se acalmou um pouco. Embora ela não confiasse em ninguém, sabia que Lothaire era um dos guerreiros mais cruéis do Lore, e um dos mais poderosos vampiros que já viveu.

Ele beliscou a ponte de seu nariz.

— E depois que a Dourada for derrotada, como imagina nossas vidas?

— Vamos aniquilar todos os inimigos restantes nos tornando a parceria mais poderosa que o mundo já conheceu.

Ficando cada vez mais frustrado, ele disse.

— E quando nosso trabalho estiver feito de noite, quando o amanhecer vier... *o que então?*

Ela alisou seu cabelo para trás.

— Não estou entendendo.

— Você sabe o que é a felicidade?

— É assistir a luz escurecer nos olhos de homens bons. É ter vassalos se humilhando. É esgrimir poder sobre a vida e a morte.

— Não, Saroya. Não posso acreditar que estou a ponto de dizer isto, mas... cada uma dessas coisas é um *processo*. Não um resultado. — Ele deu uma risada amarga. — Você não tem mais ideia do que eu sobre o que é a felicidade.

— Você *está* ficando obcecado com sua pequena concubina mortal. Olhe pra você, é quase como se estivesse ansiando por ela. Quase como se *ela* fosse sua Noiva.

O que Elizabeth provavelmente era. Embora Saroya tenha acreditado que ela mesma provocou o sangramento de Lothaire, não acreditava mais.

Como poderia ter sentimentos por uma criatura tão repugnante? Algo maior estava acontecendo aqui.

Ainda assim ele nunca acreditaria que Elizabeth era sua. Tal ideia seria humilhante para um macho de seu posto e envergadura.

Se Lothaire não viu a verdade até agora, então era porque não *queria*.

As dúvidas comiam a confiança de Lothaire, corroendo-a.

Mesmo se tivesse coragem de acreditar que Elizabeth era sua Noiva — e isso era um muito provável — não havia nada que pudesse fazer sobre isso.

Ele já pôs seu destino em movimento. Estava ligado indissoluvelmente a seu destino — compelido não apenas a expulsar a alma de Elizabeth como a garota pensava...

Não podia ser ela.

Certamente.

Porque esteve tão oposto à sua humanidade, Lothaire nunca se permitiu sequer *considerar* que Elizabeth pudesse ser sua Noiva.

Agora, aparentemente, sigo por esse caminho.

Possivelmente Elizabeth não o sangrou em seus primeiros encontros porque não tinha idade suficiente. As fêmeas de outras espécies normalmente não ativavam um sangramento a menos que fossem adultas.

Aos dezessete, Elizabeth não o despertou. Quando ela tinha dezoito anos, um olhar para Saroya despertou seu coração e corpo para a vida.

Isso foi devido à chegada de Saroya? Ou a idade de Elizabeth?

Não, não, não. A Deusa supera a mortal do trailer miserável.

A mortal luxuriosa do trailer miserável — com uma predileção para lambar suas presas e lentamente chupar sua língua.

De todas as partidas que esta Ascensão fez, de todos os contos de aflição e felicidade entre companheiros, nenhum incluía uma humana.

Por que eu seria o sorteado? Até Regin a Radiante terminou com um macho “mortal” que acabou por ser um berserker Lorean.

Saroya cruzou para ele agora.

— Imagine como sua família teria reagido a Elizabeth Peirce. Será que Ivana a aprovaria?

Ivana teria espumando de raiva. Sua única descendência evitando uma Deusa por um humilde

“animal”? Onde estava a lógica nisso?

210

Stefanovich teria rido, zombando.

— O filho de Dacian não é melhor do que um vampiro da Horda. — Ele teria perguntado a Lothaire se Elizabeth tinha gosto de vinho e mel.

E eu teria que dizer que sim.

— Você sabe que Elizabeth não pode ser sua Noiva. — Saroya disse placidamente. — Além do fato que sou uma *Deusa*, e portanto uma impecável companheira para um rei como você, considere isto: nenhum vampiro pode aterrorizar sua fêmea como você fez com ela.

Saroya estava certa. Seus instintos não o preveniram de prejudicar Elizabeth?

Ao invés disso, ele submeteu essa mortal para o corredor da morte. Menosprezou-a em todas as oportunidades, mantendo sua morte iminente

sobre ela, insultando-a com isto.

Atormentando-a mentalmente. Olhe o oceano que você nunca tocará, as joias que nunca serão suas. Deseje o homem que nunca vai te querer de volta e sinta o prazer que nunca experimentará novamente...

Bílis subiu pela garganta de Lothaire. *Não é Elizabeth. Simplesmente não é.*

Nem seu tio Fyodor torturou sua Noiva assim e ela foi uma inimiga execrada.

Ivana disse a Lothaire.

— Você será um rei bom e fiel para sua Noiva. — Mas ele não foi para Elizabeth. Ele fez a vida da garota um inferno.

Ela não. Ela não.

E ainda assim, quando sua inquietude aumentou e sua dúvida pesou sobre ele num nível esmagador, seu primeiro impulso foi tocar Elizabeth.

Não porque era sua Noiva, mas porque poderia dar prazer a ele, fazê-lo esquecer dos problemas por um tempo.

— Force-a para a superfície. — ele soltou.

Saroya piscou para ele.

— Você está me despedindo?

— Sim.

— Por que nem sequer está tentando me seduzir?

— Você não sente desejo por mim. Nunca sentiu. Posso esperar pela humana.
— que sente.

— Como sabe que não será melhor comigo?

— Porque isso *possivelmente* não pode ser melhor com ninguém. — As palavras ditas em voz alta o balançaram. A *verdade* dita em voz alta.

Estou disposto a desistir desse prazer? Que escolha ele tinha?

— O que é tão superior com ela? — Saroya exigiu. — Diga-me o que Elizabeth faz que o deixa babando. As coxas dela se arreganham em boas-vindas? Ela geme em sua boca?

Frustração o encheu. Ele se ressentiu dessa mulher diante dele.

— Ela olha pra você com necessidade?

— Como se fosse morrer se eu não a foder. — ele sussurrou.

— Vou praticar essa expressão no espelho para quando *nós* fizermos amor.

— Pare essa enganação! — Ele enfiou seus dedos pelo seu cabelo. — Você não tem intenção de ir pra cama comigo. Os rumores de sua virgindade são verdadeiros. Você nunca conheceu um homem.

— Mas só porque não encontrei meu companheiro.

Num tom glacial, ele disse.

— Você deveria estar acima de mentir para um simples vampiro como eu, não deveria, Deusa?

Longos momentos se passaram.

— Sim. Você está certo. — O disfarce dela de leve preocupação se transformou em um de regozijo.

—Oh, Lothaire, você foi muito arrogante para acreditar que uma mulher não ia querer você sexualmente.

Mas estou *acima* de desejos básicos.

— Você livremente admite sua traição? Nunca teve intenção de compartilhar

minha cama! —

Mentindo para mim, traindo-me. Já!

— Você tem uma Deusa por Noiva. Nasci de forma diferente, feita de forma diferente. Sexo é tão importante pra você? Estamos falando sobre conquistar reinos juntos! Ir pra cama comigo é tão importante? É pra isso que existem as *concubinas*.

Ele podia manter um harém, tendo uma nova mulher a cada noite. Ele não requeria uma Noiva para aquelas necessidades. *Frente unida, Lothaire?*

— Eu não planejei ter outras mulheres. Elas semeiam discórdia.

— Você é o homem mais singular que já vi. — Então ela estreitou seus olhos.
— Não é uma questão de sexo. É sobre *ela*. — Quando ele não disse nada, seus lábios entreabriram. — Você está se apaixonando pela mortal! Tome conhecimento deste fato: em breve você destruirá a alma dela.

— Você acha que me tem à sua mercê?

— Eu *tenho*.

— Eu poderia usar o anel para forçar a Horda a me seguir.

212

— O anel é astuto e o poder é precário. Precisarás de mim ao seu lado durante o tempo que busca governá-los, ou será desafiado constantemente.

Ele não podia negar isto. Lothaire não cumpria um dos dois requisitos sagrados da Horda. Assim como a Bruxa previu, sua Noiva era a chave para o seu trono.

— Sem mim Lothaire, você enfrenta uma eternidade de insubordinação. Como conquistará os Daci com seu reino mergulhado em rebelião?

—Então talvez eu mantenha você e Elizabeth. Você será minha rainha e ela será nosso sujo segredinho. Uma concubina escondida que goza apenas em

minha cama. — *Perfeito.*

Assim como merecia uma Deusa para rainha, merecia uma mulher jovem em idade de casar para satisfazer seus desejos.

— Você quer que eu compartilhe este corpo, Lothaire? Isso não vai acontecer.

— Eu digo que vai.

— Você se lembra do resto da nossa conversa naquela primeira noite no bosque? — Saroya perguntou, sua voz aveludada. — Eu me lembro. Frequentemente.

Ele pensava nisso frequentemente também...

Riscando a poucos centímetros dela, ele segurou sua nuca com uma mão trêmula.

— *A única coisa maior que minha necessidade é minha força. Sua forma mortal é muito frágil para eu reivindicá-la. Mas tenho que terminar isso.*

— *Então não te entregarei este corpo até que você destrua a alma de Elizabeth e me faça inteira.* —

Saroya disse. — Por enquanto, tenha seu alívio físico de alguma forma, depois que jurar que fará estas coisas que ofereceu. Jure ao seu Lore, e faça este pacto inquebrável comigo.

Eles olharam dentro dos olhos um do outro, e ele sentiu como se o tempo tivesse desacelerado apenas para que ele pudesse apreciar como as palavras seguintes seriam importantes.

— *Juro pelo Lore que farei tudo que estiver em meu poder para extinguir a alma de Elizabeth pra sempre, então tornar este corpo imortal.*

Ela pareceu vagamente surpresa, depois satisfeita.

— *Muito bem, meu rei...*

Agora Saroya disse.

— Você fez seus votos, Lothaire. Será *obrigado* por eles a encontrar o anel a fim de fazer este corpo imortal e libertá-lo de Elizabeth.

Estava certo sobre aquela noite. Suas palavras foram importantes. Só não pelas razões que ele lembrava.

— Libere-me deste pacto.

213

Seus lábios se curvaram, quase num sorriso.

— Eu jurei ao Lore que *nunca* liberaria você. — Ela estava apreciando isto.

— Esses votos são tão interessantes, não? Você se lembra dos meus vassalos? Seu destino está selado, Lothaire.

Estava. Ele sabia disso. Seu caminho era claro.

— Console-se, vampiro. Se permanecer firme, em breve terá tudo que sempre quis. Tudo o que Ivana quis pra você.

Mas ele pode ter começado a querer *mais*.

— Agora, Lothaire, devo chamar sua... temporária... concubina?

Com os olhos estreitados, ele grunhiu.

— Sim, *flor*. Mande-a banhada e vestida em seda vermelha para minha cama. Oh, e ignore a maquiagem extravagante.

Capítulo 32

Ellie despertou com calafrios correndo de cima abaixo em seu corpo.

Lothaire estava ao seu lado na cama, arrastando as costas dos seus dedos desde o umbigo até o vale entre seus seios.

Ela estava vestida num sensual corselete; ele estava nu.

— Gosto de você de vermelho. — ele disse com sua voz rouca, fazendo-a tremer ainda mais. —

Estive esperando por você.

— O que... o que você está fazendo?

— Decidi dar uma chance para você reparar sua insolência anterior. Com a cabeça.

— *Minha* insolência. Saroya acabou recuando por vontade própria? — O que significa... — Oh, Deus, ela me entregou assim em sua cama? Ou será que você acabou de passar um tempo com ela aqui?

Ellie não se sentia como se tivesse tido intimidades. Mas como poderia dizer com certeza?

— Uma ou outra, não importa nada.

— Você está certo, de qualquer modo isso é doentio. Você e Saroya são doentes! — Ela empurrou seu peito, mas ele não se moveu. — Fique longe de mim!

Ele capturou com facilidade seus pulsos com uma de suas mãos, prendendo-os acima dela.

Quando cobriu um dos seus seios com sua mão livre suavemente amassando, ela gritou.

— Não me toque! Não quero você!

214

Ele se inclinou para beijá-la, mas ela esticou sua cabeça pra longe. Ele apertou seu queixo, ainda a segurando... ela manteve seus lábios fechados contra os dele.

Ele se afastou.

— O que é isso? Seja como era comigo nas outras vezes! Quando se derretia para mim.

— Isso foi antes de entender completamente em que trabalhinho sórdido você está metido.

— Por causa de alguns metamorfos decapitados? Qual é Lizvetta, não é como se eu andasse dando pauladas em gnomos.

Ela ficou boquiaberta.

— Você é *incrível*! Um monstro letal, miserável e sem amigos. Bonito por fora e nada mais. Deus, só encontre o anel e me tire desta miséria!

— Seja como você era comigo! Isso não foi um pedido.

— Foda-se, vampiro.

— Logo.

— Solte-me! — Quando ele não fez, ela gritou. — Solte-me, solte-me, SOLTE-ME!

— Deuses das trevas, cale a boca! — ele gritou, mas a soltou.

Ela correu da cama.

— Por que seria infiel a Saroya? A primeira vez que estivemos juntos foi porque ela estava atrasada para um encontro, a segunda acabou de acontecer, mas isso foi premeditado. Por que não pode apenas esperar pela sua Noiva? Não sou *eu* quem você quer, já me disse mil vezes o quanto sou inferior a Saroya.

Juro que permitirei que ela se levante.

Ignorando-a, ele ordenou.

— Volte pra essa cama *agora*.

— Será que ela recuou porque não queria você?

Ele deu uma risada crua.

— Qual mulher não iria me querer? — Lothaire falou.

— Eu! Você me perguntou por que ainda era virgem? É por causa de homens como você, usurpadores. Egoístas. Homens estúpidos! Não quero você!

— Claro que sim, Elizabeth. Só de olhar para mim você fica molhada.

— Olhar pra você me lembra o tipo de homem com quem eu deveria estar.

— Que tipo de homem seria? Bêbado, pobre, patético?

215

— Não. Nunca o encontrei, mas o vejo claro como o dia. Ele tem rugas ao redor de seus olhos quando sorri e pele bronzeada de trabalhar ao ar livre. Trabalho honesto que tornou suas mãos calejadas.

Ele e eu caçaremos juntos, cozinharemos e comeremos grandes refeições em família juntos. Ele vai se casar comigo e amar minha família também. —
Falando suavemente ela disse. — Ele vai me dar um menino e uma menina.

Os olhos de Lothaire se estreitaram.

— Não. *Ele* não vai. Nunca conhecerá outro além de mim. Agora volte pra cama e pare de se comportar como se isso fosse algum tipo de acontecimento. Nós satisfizemos um ao outro antes, e tudo que quero de você é a troca de alguns orgasmos.

— Não sou o tipo de mulher que deixa um homem tratá-la como lixo, depois ser usada sempre que ele quiser. Você não fez nada para merecer estar comigo.

— Mas seu honesto e bronzeado marido imaginário fez? Pense nele o quanto

quiser, ainda serei eu a arrancar gritos de você hoje à noite. Posso fazer você querer isso. Uma mordida e estará implorando para eu tocá-la.

— Uma droga vampírica? Não consegue de outra maneira?

— Você quer que eu trabalhe para isso, então? — A voz de Lothaire ficou mais rouca. — Eu vou, Elizabeth. Não passo por cima da sedução para conseguir o que quero.

Seus olhos se prenderam aos dela com aquele brilho predatório e ela novamente se sentiu como sua presa indefesa, o objeto de desejo de um vampiro impiedoso.

Por alguma razão, aquela ideia fez sua respiração ficar curta. Sentiu sua pele ainda mais corada, como se quisesse atraí-lo...

Num momento ela estava de pé ao lado da cama; no próximo estava lá, deitada sob a firme pressão da mão dele.

Antes que ela sequer pensasse em se defender, ele empurrou a seda pra baixo de seus ombros formando uma piscina em sua cintura.

Com indignação queimando dentro dela deu um soco selvagem, mas com aquela velocidade sobrenatural ele facilmente segurou seus dois pulsos em uma mão.

— Ah-ah, você só vai se machucar. E me divertir. Agora relaxe.

Ela ficou ainda mais tensa.

— Doce Lizvetta, com sua pele e sangue quente. — Ele estirou seus braços acima de sua cabeça, prendendo seus pulsos lá mais uma vez. — Deixe-me ver se não posso ativar uma febre em você. — Com a mão livre rolou um mamilo entre seu o polegar e indicador. — Você gosta disso?

— Não! — Ela ofegou a palavra.

— Mentirosa. E que tal isso?— Ele beliscou o outro.

Seus quadris corcovaram.

216

— Não!

Em seu ouvido, ele ronronou.

— Seja minha querida e me diga que me quer.

— Não vou fazer isso!

Ele se inclinou para um de seus seios. Ela sentiu sua respiração quente ventilando sobre eles e mal manteve seus olhos abertos.

Ele nunca os sugou antes. Ele quis na primeira noite, mas ela negou. Durante sua segunda vez juntos, ele foi na intenção de outras coisas. Agora seu desejo estava claro.

— Olhe para seus bonitos mamilos. — Sua língua circulou um, fazendo-a sufocar um grito. — Eles me imploram que os prove, o sangue os enrijecendo até que fiquem como pequenas bagas. Farei tudo que puder para não perfurá-los. — Ele enredou a ponta entre os dentes... e delicadamente puxou.

Ela ouviu um gemido, mal pode acreditar que aquele som sexy veio dela.

Os lábios dele se curvaram num sorriso antes de fechá-los em cima do bico para chupar. Sua boca estava escaldante enquanto sua língua o enlaçava.

Quando ele recuou para ver sua reação com seu perverso olhar vermelho ela estava ofegando, lutando contra o desejo de se arquear para mais.

— Ah, você gosta disso. — Enquanto mordiscava e chupava seu outro seio, seus dedos percorriam o seu corpo, circulando seu umbigo. Contra seu mamilo úmido falou asperamente. — E gostou quando te toquei aqui, não é?
— Sua mão serpenteou debaixo do corselete.

— Não! — Ela chorou enquanto seu dedo indicador deslizava entre suas dobras.

— Não quer que eu continue? — Ele parou de sugar seu seio e o jogo hábil de seus dedos.

— *Lothaire...*

— Implore. Diga que precisa de mim, que deseja só a mim.

Ela balançou a cabeça.

— Eu a sinto tremendo, sinto você ficando escorregadia. Por que está sendo tão teimosa?

Teimosa? Essa era a única coisa que não conseguia ser com ele! Porque naquele momento tudo o que queria é que ele fizesse amor com ela com a boca e as mãos.

— Por sete dias Lizvetta, pensei nisso constantemente. Sei que você precisava de mim como preciso de você. — A vulnerabilidade subjacente em suas palavras quase foi sua ruína.

Mas depois ele voltou ao Lothaire agressivo.

217

— Foda-se. Tenho uma semana de sementes pra você, e você já está no limite. — Começou a acariciar entre suas pernas novamente. — Você pode não implorar com palavras, mas seu corpo está suplicando.

Espere. Uma semana de sementes? A realização surgiu em sua mente saturada de desejo. Então Saroya realmente não deu prazer a ele hoje à noite? Sexo era obviamente importante — crucial — para ele, e Saroya não estava apagando seu fogo.

Talvez Ellie estivesse certa e Saroya nunca fez. Será que a Deusa de sangue não era uma Deusa na cama?

— Lothaire, diga pra mim que não me comparo a Saroya.

Seus dedos desaceleraram.

— O que?

— Você me ouviu. Você me dirá diretamente depois que gozarmos, então só quero tirar isso do caminho agora. Diga-me, “Você não se compara a Saroya”. Então posso relaxar... e serei toda sua.

— Estou ocupado agora. — Outra carícia arrebatadora.

Concentre-se, Ellie!

— Apenas me diga essas cinco palavras e então farei qualquer coisa que queira de mim.

— Logo você fará qualquer coisa que eu queira de qualquer maneira.

Ele não pode dizer isso. Lothaire estava começando a sentir algo por ela.

Quando ela mencionou outro homem o vampiro pareceu ciumento. Mais cedo ela perguntou sobre pensamentos ternos em relação a ela, e ele se esquivou daquela pergunta também.

O que significa que o jogo — com minha única jogada disponível — ainda está de pé.

Sedução.

Talvez devesse dar ao vampiro exatamente o que ele queria. Buzinar no ouvido, Sadie? Bem, Ellie tinha algo que precisava desesperadamente comunicar a ele.

Quero viver, ser livre de Saroya!

— Lothaire, acho que me comparo a ela aos seus olhos.

— Pense o que quiser. — Puxando suas mãos pra longe dela ele se deitou, tenso pela frustração.

Mas novamente não negou isso.

Ainda tenho uma chance com ele!

— Ela não te deseja tanto quanto eu, não é?

Seus punhos cerraram, sua expressão anunciando outra raiva.

218

— O que eu disse sobre observar sua língua? — Lothaire não queria que essa mortal soubesse que Saroya não o desejava, mas é claro, nada escapava de Elizabeth.

Seus nervos estavam desgastados, sua fúria crescendo. Seu pênis e bolas estavam tão inchados com necessidade reprimida que pareciam como se tivessem sido golpeados. Sugerir seus seios roliços e seus duros pequenos mamilos só fizeram a dor aumentar...

Ela virou para o seu lado, cavando seu rosto com as palmas das mãos. Quando ele finalmente passou a encará-la, ela disse.

— Saroya *não pode* te querer tanto quanto eu, Lothaire. Ninguém pode.

Tão similar ao que ele disse sobre Elizabeth.

Com uma voz ofegante ela murmurou.

— Estou doendo por você.

Deuses, como ele adorava ouvir isto, era como um bálsamo em seu orgulho.

— Diga isso novamente. Diga-me o quanto dói.

— Vou te *mostrar*. — Quando ela se inclinou e apertou os lábios dela nos seus, ele trabalhou para se controlar — tomando sua boca num lento e lânguido beijo, suas línguas preguiçosamente se emaranhando.

Tal como no passado, ela *se derreteu* para ele. *Sim, Lizvetta! Isso é o que*

preciso de você.

Mas por que dar para ele agora? Ele se separou.

— O que provocou essa mudança?

— Você se importa?

— Normalmente? Nem um pouco. Agora, estou suspeitando.

— Pensei que você esteve com Saroya e estava tentando ficar com nós duas em uma mesma noite.

Fiquei irritada. E droga, eu estava com tanto ciúme quanto o dia é longo.

Ciúmes? Finalmente! E era adequado, já que o ciúme ainda fervia dentro de Lothaire pelo homem *imaginário* de Elizabeth, e não podia compreender por que.

Ela se levantou e beijou sua orelha, aninhando-se com respirações abafadas, então pressionou sua boca descendo pela sua clavícula. Dando em seguida, outro beijo no seu peito.

Um homem imaginativo podia pensar que ela levaria aqueles lábios por todo o caminho abaixo. Ele se virou de costas, seu eixo surgindo em prontidão.

— Meu pobre, pobre vampiro — ela lambeu um de seus mamilos fazendo-o estremecer —, tudo que você sempre quis era me ter num corselete vermelho te dando minha cabeça.

219

De alguma maneira ele ficou ainda mais tenso. Com a voz rouca, perguntou.

— Vou ter o que quero afinal?

— Não. — Ela tirou seu corselete, lançando-o de lado. — Somente a cabeça.

— Suponho que tenho que me satisfazer com isso.

Seu lábios se curvaram.

— Estou faminta por você, Lothaire.

— Você está? — Seu tom era duvidoso.

— Quando chupei seu polegar imaginei que fosse a cabeça do seu pau. — Ela continuou sua trilha pra baixo. — Estive sonhando com isso também.

Então é com isso que ela sonha?

— Seu comportamento é... inesperado.

— Agora, nunca fiz isso antes, então não serei especialista nisso como fui montando em você.

Pirralha insolente.

Ela deslizou lambidas quentes ao longo do seu tórax, sua mortal o lambendo como se ele fosse uma sobremesa. Quando alcançou seu umbigo, ela deslizou suas unhas pelo cabelo encaracolado que descia. Ele já tinha começado a balançar os quadris, seu saco se contraindo.

— Você terá que ser paciente comigo enquanto vou dando meus tropeções pelo caminho.

Paciente? Seu eixo não foi chupado por eras. Lothaire não duraria nem com ela tropeçando.

Sem aviso, ele riscou para ficar no pé da cama.

— Prefiro te ensinar como.

220

Capítulo 33

Me ensinar? Ellie pensou estupidamente enquanto se deitava de costas, admirando Lothaire. Sua visão de pé em toda sua glória nua estava

entorpecendo seu juízo — deixando seu corpo em chamas.

Seus olhos amorosamente assimilaram os músculos afunilando do seu peito largo até os quadris estreitos... as cavidades rígidas os lados do seu traseiro duro como uma pedra... sua ereção se projetando orgulhosamente.

— Venha aqui. — ele ordenou. — Sente-se na beirada da cama.

Assim que ela sentou ele pegou seu eixo na mão, dirigindo-o à sua boca.

— Passe a língua na ponta.

Quando ela olhou fixamente para aquilo sentiu-se ruborizar. Parte dela não acreditava no que estava prestes a fazer.

Chupar o membro de um vampiro.

Ela engoliu em seco, então se inclinou pra frente para hesitantemente esfregar sua língua nele. Só com aquele pequeno contato, ele gemeu — enquanto ela sorria maravilhada. A pele dele era tão suave ali, tão *sensível*.

— De novo. — ele disse — E olhe pra mim.

Ela olhou pra cima, correndo a língua pela fenda.

Com a voz tensa, ele perguntou:

— Sentiu meu gosto?

— O mais leve sabor de sal.

— Pré-ejaculação. Isso não vai durar muito.

— Não diga isso! Mal comecei.

No entanto caiu a ficha para o vampiro quando ele agarrou a mão dela, ajustando seus dedos ao longo do seu eixo que pulsava na palma da mão dela.

Quando a guiou para acariciá-lo, ele silvou:

— Sua mão... tão macia em mim. — Quando um lado do punho dela encostou em seus testículos, outro sibilo passou entre seus dentes cerrados.

— Eu te machuquei?

Ele achou aquela pergunta engraçada.

— Não, você não me machucou. Minhas bolas estão pesadas, cheias de semente. Elas precisam do seu toque. — Ele a fez segurá-las com a outra mão.

221

Ele abriu mais as pernas para dar a ela maior acesso enquanto pesava-os na palma da sua mão, fascinada.

— Agora passe sua língua ao redor da cabeça.

Ela ficou fascinada quando outra gota de umidade brotou ali, mas ergueu o olhar para o dele enquanto cobria a ponta com sua língua.

Todos aqueles músculos cinzelados no torso dele se contraíram numa visão de tirar o fôlego. *Só com a minha língua?* Exultação martelava dentro dela, maravilha...

Excitação.

O que era compreensível considerando o cheiro viciante dele, seu delicioso sabor, as reações totalmente masculinas.

— Acho que gostarei disso, Lothaire. — ela disse, pouco antes de enrolar a língua em volta da cabeça bulbosa.

— Chupe... dentro da boca.

Ela assentiu, então o trouxe vagorosamente entre seus lábios. Outro gemido rompeu do peito dele.

Seu prazer a tornou mais ousada e o trouxe mais fundo, lambendo enquanto

chupava.

Quando sua cabeça caiu brevemente para trás, Ellie percebeu que ela *adorava* isso.

Com mãos trêmulas ele enfiou os dedos no cabelo dela.

— Como está sua primeira experiência? — Seu sotaque era acentuado, as palavras roucas.

Ela chupou mais forte e então murmurou:

— Eu poderia fazer isso a noite toda. — Seus pobres testículos pareciam doloridos. Ela se curvou para lamber cada um, sorrindo quando os joelhos dele quase se dobraram.

Ah, boa garota!

Quando ela tomou seu eixo dentro de sua boca mais uma vez, ele segurou sua cabeça no lugar e começou a balançar os quadris. Então, como se estivesse fazendo um grande esforço ele retirou as mãos, formando punhos aos lados.

— Você sabe quanto... é difícil não... foder sua boca?

Era isso que ele precisava? Então *ela* precisava fazer sua boca e sua mão sentirem como se ele estivesse fazendo exatamente isso. Então bombeou o punho molhado em seu eixo, enquanto sua boca seguia no mesmo ritmo.

— *Sim, é isso!* — Um rosnado baixo começou a ressoar dele. Ele aumentou ainda mais duro suas arremetidas, justo quando ela percebeu mais daquele gosto salgado.

— Olhe pra mim. — ele embalou seu rosto. As veias em seus braços musculosos ficaram ressaltadas. Tanta força — mas ele a segurava gentilmente.

222

Enquanto trabalhava sua carne inchada ela encontrou seu olhar; olhos

vermelhos a consumiam.

— Estou... gozando, Lizvetta. — a voz dele estava áspera. — Seja minha querida... tome isto de mim... e vou recompensá-la, bela.

— Sim. — Então ela retornou, ávida pela sua liberação, querendo sentir isso, saborear.

— *Prestes a gozar...* — De repente ele ficou imóvel. — *Diretamente em sua língua talentosa!* —

Com um rugido brutal ele ejaculou, esguichando jatos fortes contra o fundo da sua boca.

Ela sentiu cada estremecimento ondulando através do corpo poderoso, sentindo seu eixo bombeando entre seus lábios enquanto ele berrava alto.

Calor escorregou sua garganta abaixo enquanto ele gritava sua aprovação.

— Sim, sim Lizvetta!

E continuou sem parar, seus quadris se sacudindo desesperadamente em sua boca.

Quando deu um último gemido se retirando dela, ela caiu de costas na cama, recuperando seu fôlego, incapaz de disfarçar sua surpresa.

Que excitante. Que *primitivo*. Ela esticou os braços acima da cabeça e sorriu.

— Você gostou disso? — ele escarneceu. Estava *zangado* com ela? — Inesperada Elizabeth...

Demais. Mais uma vez o prazer foi inesquecível.

Como se Elizabeth estivesse marcando sua mente com essas memórias.

Sua ávida exploração dele... o modo como seus lábios carnudos se selaram ao

redor do seu eixo, suas pequenas bochechas escavadas enquanto o chupava... seu sorriso depois que aceitou seu orgasmo desenfreado.

Ela disse que o assombraria depois que se fosse. Ele estreitou o olhar nela.

Ela poderia.

— Fiz alguma coisa errada? — Lothaire apoiou um joelho na cama.

— Afaste suas coxas.

— Acho que não.

Quando ela facilitou abrindo suas pernas ele começou a endurecer mais uma vez, nem um pouco surpreso dessa vez. Era insaciável por ela.

O que não era certo . *Eu me preocuparei com isso mais tarde.*

223

Ele colocou a mão em concha no sexo dela — Deuses todo-poderosos, ela *gostou* de chupá-lo e engolir sua semente. Ela estava molhada de desejo, tão pronta para ser fodida — se não com seu pênis, então com seus dedos.

Ele afundou um dedo dentro dela, provavelmente a primeira vez que foi tocada assim. Ela arquejou.

— Lothaire, isso é tão *bom*...

— Você dói por mim aqui?

— E-essa é a minha recompensa? Vai fazer sexo comigo?

Seu prazer evidente diante dessa perspectiva o agravava novamente. *Demais.* Ele estava agitado por dentro e ela era a causa disso.

— Não. Como uma mortal você não é forte o suficiente para me receber. — *Não era um jogo para mim totalmente. Carente em todos os sentidos!* — Vou usar meus dedos.

Ele mexeu o que estava dentro dela. Ela era muito apertada, sua virgindade estava atrapalhando.

— Isso precisa ir.

— O que... do que você está falando? Está começando a doer, Lothaire.

Ele a estava machucando? Ele *queria*. Estava obcecado por ela muito mais do que por sua vingança, mais do que por seus votos.

Alguma coisa está errada comigo. Desprezo sua espécie! Ele começou a forçar um segundo dedo dentro dela. Prendendo seu olhar, ele ordenou:

— Tome-o, Elizabeth. Tome-os profundamente.

Quando ele enfiou os dois dedos dentro, alargando-os em forma de tesoura, as lágrimas brotaram.

— Você não pode!

— Posso! Sua virgindade é *minha*. — Ele retirou os dedos, enfiando-os de volta.

— Por favor, pare...

Ela se arrastou para trás, mas ele fixou sua mão livre no pescoço dela. Sua cabeça caiu para o lado, os olhos apertadamente fechados.

Elizabeth não poderia ser sua. *Eu não sujeitei minha frágil fê mea ao corredor da morte por meia década.* É claro que não era ela. Ele não teria tomado a virgindade de sua Noiva com um impulso bruto de seus dedos...

Eu não teria feito um juramento para extinguir sua alma.

Tranquilizado, ele relaxou de um pouco, capaz de frear sua raiva.

224

— Não se preocupe, a dor valerá a pena. — Ele se encontrou afastando o

cabelo do rosto dela enquanto a deixava se ajustar à plenitude dentro dela.

— Ainda dói?

Quando ela acenou para ele com os olhos brilhando, algo se torceu no peito dele. Como alguém podia fazer mal a ela? *Tão linda, tão confiante.*

— Suave pequena mortal... vou fazer melhor, então.

— S-só me dê apenas um segundo.

— Shhh, Lizvetta. — Ele removeu os dedos, ajoelhando-se no chão no fim do colchão. — Eu disse que te recompensaria. — Abaixando sua cabeça ele a beijou no umbigo, e mais embaixo.

— Espere, você não pode fazer isso! Não depois que acabou de... Oh, pare!

— Novamente ela se remexeu tentando escapar, mas ele segurou seus quadris, trazendo-a de volta.

— O que está fazendo? — Ela gritou.

— Pegando tudo que é meu.

As mãos espalmaram embaixo do seu traseiro, ele a ergueu como uma tigela aos lábios, pressionando sua boca aberta entre suas pernas, deslizando a língua entre suas dobras.

— Lothaire, não... Oh! *Ohhh...*

Ele provou a doce mordida de sangue virgem misturado com seu próprio mel; soltando um rosnado baixo na sua garganta, quase se derramou no chão.

— Sonhei provando você, Lizvetta. — Ele mordiscou, lambeu, devorou.

Quando ela começou a balançar contra sua língua, ele escorregou seu indicador de volta dentro de sua umidade, movendo-se nela. Então se curvou para cima até que encontrou aquela carne sutilmente estriada.

O pequeno ponto escondido dela inchou, esperando para ser encontrado por

um homem que o procurasse.

— Já teve um homem tocando em você aqui? — Ele a esfregou ali.

— Lo-THAIRE! — Ela gritou, arqueando suas costas.

— Você parece surpresa. — ele provocou. — Imagino se gosta disso? Valeu a pena um pouco de dor no começo? — Enquanto a esfregava novamente, disparou sua língua no seu clitóris...

— *Oh, meu Deus.* — Ela soluçou, agarrando os lençóis.

— Eu disse que te ensinaria como isso pode ser bom.

— Não pare... não pare! — Ele mexeu seu dedo dentro dela, rindo contra seu corpo.

225

— Seu demônio! — Ela contorceu os quadris, remexendo-se selvagemmente para conseguir seu dedo de volta naquele ponto.

Pedacinho sexy!

— Lothaire, pare de brincar comigo!

— Brincar? — seu pênis latejava. Já sentia os tremores iniciais. — É o mínimo que posso fazer já que está prestes a me fazer gozar no meu carpete.

Ofegando, ela se apoiou nos cotovelos, os olhos arregalados.

— Você está prestes a...

Outra esfregada do dedo dele a deixou desabando pra trás com um grito estrangulado, com os joelhos caindo abertos.

Capítulo 34

Ellie ouviu o vampiro rindo novamente, mas dessa vez soou muito mais

cansado.

Através de seus olhos pesados, olhou pra baixo para a cabeça pálida dele curvada sobre ela enquanto ele usava sua língua, suavemente acariciando-a por dentro.

— *Humm*, está ficando tão *molhada*. — ele rosnou, implacável.

Ela estava perto e ele a manteve bem na borda. Aquela intensidade assustadora que sentiu com ele antes voltou mais forte que nunca.

E ainda assim... um movimento revoou dentro do seu peito. *Não. Não podia ser.*

Então aconteceu novamente.

— Peça-me para te deixar gozar — Lothaire disse a ela. — e eu poderia...

— Não... Não! — Saroya começou a assumir o comando. Duas vezes em um dia?

Ele levantou sua cabeça.

— *Não?*

— Ela está tentando se levantar! — Ellie se inclinou. — Lothaire, eu *quero* isto. Não me faça ir. Por favor, tenho que sentir isso!

— Obedeça-me, Lizvetta. Você *fica* comigo.

Ela deu um aceno trêmulo com a cabeça.

— E-eu vou tentar.

226

— Olhe pra mim. — Seu olhar segurou o dela, o vermelho hipnótico a hipnotizando. Como olhar dentro de brasas. — Esse prazer é só pra você apreciar. Você fica comigo para isso.

Saroya já roubou tanto dela. Ellie se recusou a se render a isso também. Ela resistiu com tudo que tinha.

Esperando... lutando...

Com o tempo a ameaça passou.

— Eu acho que a segurei.

— Bom. — Ele correu seu rosto contra a coxa dela, como se estivesse louvando-a como algum tipo de comportamento animal.

Ellie engoliu em seco.

— Você vai continuar agora? Com aquele seu beijo?

Com sua mão livre acariciando seu membro e um sorriso arrastando nos lábios, ele se curvou até ela uma vez mais.

Quando curvou seu dedo ele tomou seus clitoris entre os lábios para sugá-los. Os olhos dela se arregalaram, então gradualmente se fecharam.

Seu beijo ficou mais forte. Desenfreado. *Voraz*. As sensações se aprofundaram, cada vez mais forte enquanto ele rosnava contra ela.

A espiral se apertou até...

Ela gritou.

— *Ahhh, Lothaire! Meu Deus!*

Atordoante. Êxtase. Com sua mente entorpecida por espasmos, seu sexo agarrou o dedo dele uma vez após a outra.

Ela sentou com um gemido baixo agarrando o cabelo dele, roçando sua carne contra a língua dele enquanto a acariciava profundamente.

Malvada, como ela se move!

Com seu punho voando de cima abaixo sobre o seu pênis, Lothaire rosnou entre cada lambida faminta nos brilhantes lábios escorregadios.

O orgasmo dela encharcou sua língua. Ele a lambeu mais forte. *Ainda não era suficiente, não era suficiente.* O gosto dela tinha que durar pra ele pela eternidade.

Ela tentou afastá-lo; mas ele não aceitou ser negado. Logo ela gritou novamente.

227

Sua fêmea não estava pronta ainda. Suas coxas se fecharam ao redor da cabeça dele conforme ela resistia...

Demais. De uma só vez o clímax explodiu e começou a ejacular no chão.

Sua semente saiu livremente em ondas, minando debaixo dele enquanto lambia inúmeras vezes os orgasmos dela.

Quando ele gozou até a última gota e ela rebolou em sua boca, ele lutou para pegar fôlego. Não confiava em suas pernas para ficar de pé, então vagorosamente beijou suas coxas antes de riscar pra cama.

Lá ele se deitou de costas, puxando-a para ele.

Ela se enrolará próxima a mim, toda ronronando com satisfação enquanto embrulha um braço sobre meu peito e alisa sua perna por cima da minha. Eu vou segurá-la bem perto, então ela adormecerá em meus braços. Ajustando-se a mim...

Elizabeth caiu repentinamente em lágrimas, cobrindo seu rosto com as mãos.

— O que é isso? — Espantado, ele tirou suas mãos do seu rosto. — Ainda está com dor?

— Nãaaao. — ela chorou miseravelmente. —E-eu só quero ir para o meu

quarto.

Seu ego estava tomando golpe após golpe esta noite. *Minha Noiva não me quer e quando dou prazer à minha amante, a mulher chora de angústia.*

Sabia que estava sem prática, mas isso era ridículo.

— Então por que diabo está chorando?

— Você realmente f-fará isso. Você tem toda intenção de expulsar minha alma.

— Por que só agora está aceitando isso?

— I-isso foi meu prêmio de consolação. Você queria que eu tivesse prazer como presente de despedida. Obrigado por brincar, Elizabeth? Mas e o Xeque-mate?

Ele apertou sua testa. Porque provavelmente ela estava certa. E alguns orgasmos não poderiam reparar o que estava prestes a fazer com ela.

Nada podia.

Lágrimas corriam riscando suas bochechas.

— Mas nós... mas com toda a certeza isso não é algo que todo mundo experimenta junto. Você tem que sentir *algo* por mim.

Numa voz inexpressiva, ele disse.

— Se sinto ou não é irrelevante. Uso as pessoas e as descarto. É o que sempre fiz.

— Já descartou alguém e então se arrependeu?

— Nunca.

— Mas você vai *comigo*. — Limpou os olhos com o antebraço. — Eu poderia te fazer feliz, Lothaire.

Vai perceber o que tinha tarde demais.

Suas sobrancelhas se uniram. Ivana não gritou a mesma coisa para o seu pai?

Lothaire cuidadosamente apertou a cabeça de Elizabeth no seu peito, esfregando sua outra palma sobre a parte baixa das suas costas enquanto a envolvia em seus braços. Estranhamente ela permitiu, inclusive se aconchegou mais perto.

— Você me raptou. V-vai me matar. Por que estou deixando você me consolar?

Ele olhou fixamente por cima da sua cabeça. *Porque tenho certeza que você não tem mais ninguém a quem recorrer.*

—Tudo entre nós é doente... distorcido. E não *tinha* que ser.

—Shh, shh. — Ele a balançou em seus braços. Nunca confortou outra pessoa de tal maneira. Era desajeitado com isso também.

— O-odeio t-tanto você. — Ela soluçou tanto que seu corpo tremia contra o dele, suas lágrimas molhando seu peito.

— Eu sei.

— Quando e-eu tiver ido, você vai... vai c-contar aos meus filhos sobre mim? C-cuidará deles?

— Fique tranquila por enquanto, Elizabeth.

— Por que v-você e Saroya não podem simplesmente me deixar em paz? Eu só q-queria viver.

Por que isso estava fazendo suas entranhas se retorcerem? Ou ele estava desenvolvendo uma consciência ou Ellie Ann Peirce era sua Noiva.

Os dois cenários eram desastrosos para ele. Porque qualquer um dos dois significava que não seria Elizabeth que morreria — seria ele.

A única maneira de escapar dos seus votos para o Lore seria sua própria morte.

Ela não é minha, ela não é minha...

229

Capítulo 35

O grito de Lothaire despertou Ellie ao amanhecer.

Ela piscou surpresa por se encontrar nua — e na cama com ele, embalada em seus braços. Ele vestia apenas jeans escuro, apertando-a contra seu peito descoberto.

Como chegaram nessa posição? Não se lembrava de mais nada após seu choro até dormir enquanto ele a acariciava suavemente.

Soluçando até dormir.

Embora sempre se orgulhasse de nunca chorar, liberou um oceano de lágrimas.

Mas como não poderia? Ontem à noite foi do prazer mais sublime à dor mais crua — ambos dados a ela por um macho.

Agora ele estava obviamente nas garras dos pesadelos. Estaria revivendo alguma memória hedionda?

Mesmo depois de tudo o que ele fez para machucá-la — e faria no futuro — ela sentiu uma pontada de simpatia.

Desembaraçando-se de seus braços, ela se ergueu de joelhos para olhar pra ele.

— Lothaire? — ela murmurou com a garganta arranhada.

Os músculos em seu torso ficaram tensos a ponto de parecerem atados embaixo da pele coberta de suor. Ele gritou em russo, seus dedos se torcendo como se estivesse em agonia.

O que faço? Devo tocá-lo?

Embora gritasse uma vez após a outra, ele estava estranhamente quieto, como se não *pudesse* se mover.

— Lothaire, acorde...

— Não! —ele rugiu, seus olhos ainda fechados. — Nãaaao! —Ele arremessou um braço, mandando-a voando.

Aterrissando com um baque a alguma distância da cama, mentalmente fez um inventário do seu corpo, surpresa que nada estivesse quebrado. Vacilante, ela se pôs de pé.

Não posso fazer nada por ele. De qualquer maneira ele não merece minha simpatia!

Sacudindo sua vertigem se afastou para seu quarto, onde vestiu uma camisola. Em sua própria cama ela atraiu seus joelhos para seu peito, balançando-se enquanto seus gritos ficavam mais altos.

Balançando, balançando... Ela nunca ouviu ninguém com tanta dor. *Vou gritar de dor quando ele expulsar minha alma? Ele teria pena de mim?*

230

Ele lhe disse que não mostraria misericórdia...

— Elizavetta? —ele gritou atordoado.

Ela fechou os olhos como se para bloquear o som. Ele *chamou* por ela? Por que seu nome e não o de Saroya? *Porque ele precisa de mim. Não, ignore-o, Ellie!*

— *Elizavetta?*

Ele parecia tão... perdido.

— Droga. —ela murmurou se levantando para voltar ao quarto dele. — Não deixaria um animal sofrer assim...

Ela congelou ao vê-lo. Trilhas sangrentas escorriam de seus olhos fechados. *Meu Deus, aquilo eram... lágrimas?*

Que tipo de miséria poderia levar este vampiro insensível às lágrimas? Os próprios olhos de Ellie marejaram e ela se viu subindo na cama com ele mais uma vez.

— Não se machuque, vampiro! — Ela afastou o cabelo pálido de sua testa.

O que estava errado com ele? O que estava errado com *ela*? Sentiu necessidade de tirar sua dor e não entendia *por que*.

— Lizvetta? — ele disse áspero, começando a se acalmar um pouco.

Ela acariciou seu rosto dolorosamente bonito.

— Estou aqui. — Mais de sua tensão diminuiu.

O vampiro pode pensar que ficaria muito bem sem ela; não estava tão certa sobre suas perspectivas. Ele poderia desprezá-la e tudo que ela gostava, mas claramente *precisava* dela.

E perceber isso a afetou. Enquanto continuava a acariciá-lo novamente imaginou como seria ser amada por Lothaire.

Se ele parasse de planejar matá-la poderia ser tentada a descobrir.

Ellie sacudiu sua cabeça com força. *Melhor não sonhar com coisas que nunca acontecerão.*

Então ela franziu a testa para sua mão. Ele começou lentamente a desaparecer.

— Oh, não, não! — Ele disse que poderia ser morto se riscasse em seu sono.

— Acorde!

A sobrevivente em Ellie pensou, *mande-o pra longe, garota*. Mas outra parte dela — uma que não conhecia muito bem — a fez agarrar seus ombros e sacudir.

Nenhuma resposta.

— Lothaire, não vá! — Ellie sabia que deveria abandoná-lo e se salvar.

231



Ela sacudiu mais forte.

Entretanto, em vez de trazer Lothaire de volta pra ela, tudo que fez foi assegurar que ia para o desconhecido com ele. Seu último pensamento: *Meu Deus, seu pesadelo era sobre o que...?*

Mantenha a sanidade, *Lothaire comandou a si mesmo enquanto a terra pesava em cima dele. Quanto tempo desde que seu pai o enterrou aqui em sua cova eterna?*

Quantos séculos desde que foi deixado para apodrecer dentro de uma floresta de árvores Bloodroot? Seu castigo por tentar assassinar Stefanovich.

A tentativa que falhou. Porque fui traído. Pelo único amigo que sempre conheceu.

Correntes o prendiam aqui no chão. Era incapaz de riscar pra longe deles, muito fraco para quebrar os elos. Incapaz de morrer da luz do sol ou uma decapitação rápida.

Podia dizer que outra raiz encontrou sua pele, tinha começado a sondar. Logo estaria escavando através dele, procurando qualquer carne em regeneração, qualquer gota de sangue da casca do seu corpo.

Raízes enfiadas em todos os seus membros; vermes eternamente

banqueteavam.

Ele queimava gritando em agonia e frustração, mas ele era rapidamente preso, não poderia mover nenhuma parte de seu corpo. Nem mesmo abrir sua mandíbula ou parte que foi deixado de seus lábios.

Quanto tempo desde que seu pai o castigou assim? Um o enterrou para salvar sua vida, o outro para atormentá-lo...

Um movimento lá em cima?

Podia sentir as vibrações. Às vezes Stefanovich cortava a garganta de um mortal sobre este túmulo, encharcando a terra com o sangue — tão perto que Lothaire podia sentir o cheiro, mas nunca chegava até ele.

Sempre fora de alcance. Perdendo sua sanidade, entregando-se hora após hora interminável. A superfície sempre fora de alcance...

Será que ouviu pás raspando a terra acima?

Não, ninguém está cavando. Quantas vezes imaginou tal cenário?

Quem cavaría por ele, quem diabos se importaria o suficiente pra fazer? Seus amigos, família?

Lothaire não tinha ninguém com quem pudesse contar.

A cada segundo seu tormento o lembrava que ninguém neste mundo inteiro dava a mínima para o que ele sofria.

Mesmo assim sentiu parte da pressão sobre ele aliviar. Poderia ser a tensão no grilhão em volta do seu pescoço?

232

Como um tiro ele foi arrastado pra cima, as raízes violentamente arrancadas do seu corpo, tirando crostas de sua carne.

Finalmente na superfície? Muito brilhante, muito brilhante! Depois de tanto

tempo na escuridão, até mesmo o negro estrelado da noite doía sua visão. Ele tentou silvar, tentou cobrir seus olhos deteriorados com o que restava do seu braço.

— Ah, Lothaire!

Fyodor? Meu tio?

—Tenho procurado por você.

Salvo. Meu tio veio para me salvar. Se Lothaire possuísse algum sangue sobrando, lágrimas estariam caindo por seu rosto. Eu tive alguém lá fora, alguém leal a mim.

— Eu o procurei por seis séculos.

Seiscentos anos! No chão por tanto tempo? Nunca imaginei...

— E agora sobrinho, vou libertá-lo de suas obrigações. Com duas condições.

Condições? Lothaire quis esganiçar.

— Qualquer coisa! Farei qualquer coisa! —mas seus lábios e língua foram devorados. Ele barganharia pela condenação eterna — não poderia ser pior que sua situação atual.

— Caso contrário vou plantá-lo diretamente de volta no chão, para nunca mais voltar.

Tio, como pode dizer isso pra mim? A traição...

—Meu irmão te fez mal nesses séculos, Lothaire. Mas não deveria ter enfrentado Stefanovich até que estivesse mais forte. Vou ajudá-lo a se curar, vou ensiná-lo como ficar poderoso o suficiente para derrotá-lo. Tudo que peço em troca é sua fidelidade — e sua cabeça. Sou o herdeiro real de Stefanovich. A Horda me aceitará porque ele não tem nenhum filho legítimo. Vou encontrar um modo de deixar o trono pra você se eu morrer.

Ele me liberta apenas para caçar seu irmão, perdendo-me da minha gaiola

como uma criatura do inferno.

Fyodor deu sangue a Lothaire para se curar, despejando-o dentro de sua boca coberta de crosta, apenas o suficiente para que ele pudesse falar mais uma vez.

— *Você jura sua lealdade a mim, seu futuro rei, até o dia que eu morrer?* — *Fyodor disse.*

Embora Lothaire quisesse uivar com fúria, dizer a seu tio para fazer o pior possível, ele não podia.

— *J-juro — engasgando, vomitando sujeira e sangue novo — p-pelo Lore. — Nunca esquecerei esta traição, tio, nunca.*

— *Então bem-vindo de volta a vida, Lothaire, para um novo começo.*

233

Contra a ofuscante luz das estrelas, Lothaire estreitou os olhos para trás de Fyodor e viu o que ele uma vez chamou de amigo, observando secretamente do bosque...

Deixando para trás os restos do sonho, Lothaire arranhou seu peito nu, afundando-se de joelhos dentro da Floresta Bloodroot mais uma vez. Enquanto berrava para o céu noturno, umidade trilhava de seus olhos.

Não posso continuar vivendo assim. O abismo olhou de volta. Finalmente tomei na borda.

Ele se ajoelhou diante da imponente árvore com quem tinha crescido, olhando para cima com horror a casca, o sangue brotando.

Meu sangue. Ele queria fodidamente mergulhar no abismo!

A sanidade forjada apenas da dor. Deu uma risada enlouquecida, *aliviado* quando se sentiu caindo... caindo...

— *L-Lothaire. —* ouviu Elizabeth chamá-lo debilmente. Estava sonhando

suas lembranças?

Sentindo o cheiro do seu medo, levantou-se.

Não, não, ela não pode estar aqui. Isso não era real.

— P-por favor... — ela chorou.

Ele girou ao redor, mas não acreditou em seus olhos. Ela estava caída de quatro num monte de neve, rastejando em direção a ele.

Elizabeth *estava* aqui. Seus lábios estavam pálidos, sua expressão aflita.

— M-muito frio.

A loucura deve esperar.

— Lizvetta! — ele gritou, enrijecendo para riscar...

Inimigos apareceram ao lado dela. Uma espada em sua garganta deteve seu frio. A espada de Tymur, o Leal.

A gangue de demônios de Tymur, Cerunnos e vampiros os cercaram.

Para tomá-la de mim. Todos empenhados em tomá-la de mim.

— Ah, Lothaire, acredito que tenho algo seu. — Tymur disse, sua barba desgrenhada balançando até o peito. — Se riscar pra longe ou resistir a nós, nunca mais vai vê-la.

Mais dos subordinados de Tymur se aproximaram de Lothaire. Demônios atingindo golpes em sua cabeça e costas, apunhalando-o com espadas curtas. Ele não podia fazer nada para se proteger — não podia fazer nada para alcançá-la.

Sua visão nublou. *Sangue em volta dos meus pés? Meu?* Sangue negro, do seu coração negro. Com a consciência oscilando, Lothaire lutou para manter seu olhar treinado em Elizabeth.

Tymur a empurrou de joelhos, enrolando uma mecha do seu cabelo ao redor do seu enorme punho.

Seus gritos suaves. Não é possível chegar até ela. Seu olhar apavorado encontrou o de Lothaire.

A clareza o atingiu; o reconhecimento cantou dentro dele, correu através de cada veia.

Era ela. Sua Noiva.

Queridos Deuses, era... Elizabeth. *Você vai perceber o que teve tarde demais.*

Era tarde demais? Sua mulher, capturada pelos seres mais mortíferos do Lore. *Eu aliado com eles.*

Sou pior do que eles.

— Isso é demais. — Os olhos de Tymur ficaram vermelhos de satisfação. — O flagelo do Lore emparelhado com uma mortal? Você não poderia ter uma responsabilidade maior. É tão difícil manter esta espécie viva.

Com a boca cheia de sangue, Lothaire se engasgou.

— Machuque-a e visitarei com uma ira indescritível... sua casa... seus descendentes. Não viverei para nada mais!

Quantas vezes estive nesta situação, mas invertida? Quantas vezes colocou sua espada na garganta de uma mulher, sorrindo do frenesi do seu homem para chegar até ela, seu animal precisando protegê-la.

Mas barganhei *com eles*.

Elizabeth ergueu as mãos aos ouvidos, murmurando.

— *Não é real, não é real.*

— O que você quer, Tymur? A recompensa?

— Embora seja tentador, pretendo manter a adorável humana. E cada noite que meus homens e eu bebermos de suas coxas, brindaremos ao Inimigo do Antigo, o bastardo indesejável que pensou em nos governar.

— Você não vai tocá-la porra nenhuma!

Um Cerunno se inclinou para Elizabeth, sua língua bifurcada sacudindo pela sua bochecha enquanto sua cauda enrolava em torno dos joelhos dela. Com isso, seus olhos cinza ficaram assustadoramente vazios. Seus lábios se separaram, seus braços desmoronaram frouxos. Ela olhava fixamente para o nada.

— Não, Lizvetta! — Pânico o encheu.

— Oh, querida, sua mente já era. — Tymur estalou a língua. — Isso acontece com eles. Uma vergonha. Ela não vai saber o que sente falta. Quanto a você, vou plantá-lo de volta no chão, deixar sua árvore se alimentar um pouco mais do seu sangue. Creio que sentiu sua falta.

Lothaire estremeceu, conforme o suor irrompia sobre seu corpo.

235

— Quanto tempo estive enterrado da última vez? — Tymur perguntou num tom pensativo. — Ou quem sabe você possa me dar seu lendário livro de contabilidade. A garota em troca do livro, Lothaire.

Meus milhares de dívidas para salvá-la? Depois de todos aqueles anos de trabalho árduo?

Parte dele queimava para gritar. — O livro é seu, só me deixe tê-la de volta!

Parte dele ainda era... Lothaire. Disse a si mesmo que poderia riscar daqui, então encontrar Elizabeth no futuro, poderia recuperá-la de seus inimigos.

Mas por todos os deuses, eu a quero agora!

— Decida... — Tymur parou de falar quando uma névoa súbita soprou. A gangue ficou inquieta. Ele ordenou. — Verifique o perímetro...

Quatro machos apareceram — corpulentos, espadachins de pele pálida, cada um com sua arma erguida.

Lothaire não acreditou em seus olhos. Eles vieram da névoa. *Dacians*.

Quando demônios e Cerunnos se lançaram ao ataque, os Daci começaram a cortá-los friamente, metodicamente. Lutando sem emoção, apenas precisão letal.

E eles estavam lutando ao encontro de Elizabeth.

— Capture a mortal. — o Dacian maior ordenou. — Retorne com ela ao castelo.

Nem Lothaire, nem aqueles espadachins poderiam alcançá-la antes de Tymur riscar com ela para longe deste lugar. *Longe de mim*.

Enquanto Lothaire lutava contra seus capturadores, o vampiro pegou Elizabeth pelo cabelo mais uma vez, arrastando-a para se levantar. Ela não esboçou nenhuma reação.

No entanto, quando Tymur tentou riscar, nada aconteceu. Lothaire casualmente olhou ao redor.

Nenhum dos demônios ou vampiros da Horda podiam riscar na névoa.

Aquele líder dos Daci se aproximava de Tymur, aproximava-se de *Elizabeth*.

Se o espadachim Dacian a levasse de volta para o seu reino escondido, Lothaire nunca poderia encontrá-la.

O pânico redobrou. Com toda a força que restava em seu corpo, ele disparou contra as garras dos guardas demônios, finalmente se libertando.

Ele matou três inimigos, quatro... Só os Daci, Tymur e dois outros guardas permaneceram.

Tymur girava para se defender contra Lothaire, soltando Elizabeth; ela afundou na neve, seu olhar ainda vago.

E se ela nunca se recuperasse? A fúria o atacou como um chicote.

236

— Você cometeu um erro terrível, Tymur. — A sede de sangue ferveu adiante. — *Agora você começa a morrer.* — Investindo em um rastro, Lothaire se chocou com o vampiro, arremessando-o longe de Elizabeth.

O impacto esmagando ossos. Tymur gemeu em agonia. Lothaire arrancou sua arma.

O vampiro ergueu os olhos para Lothaire, sabia que a morte vinha pra ele; quando Lothaire exibiu suas presas e jogando a espada pra longe, Tymur se encolheu.

— Você faria *minha* Noiva uma escrava de sangue? — A voz de Lothaire... enlouquecida, irreconhecível. — Minha mulher?

Minha Elizabeth? Irracional com raiva, cortou Tymur com suas garras, perfurou com um soco através do tórax espancado do macho, recolhendo punhados de vísceras. Gritou de prazer quando arcos de sangue se espalharam pela neve.

Quando finalmente arrancou a cabeça espancada de Tymur, Lothaire perscrutou pra cima através da neblina.

Todos os inimigos foram abatidos, menos os frios Daci. Eles circularam Lothaire e Elizabeth, seus olhares atentos, mas inescrutáveis.

A sede de sangue soou dentro dele, a necessidade voraz de carnificina. Ele fechou seu olhar no sangue ainda jorrando do pescoço de Tymur. Lambeu seus lábios para essa fonte de vapor.

O corpo se debateu nos estertores da morte, excitando-o. Lothaire gemeu, as garras afundando na cabeça que carregava.

Será que o Daci o observaria cair em cima de sua presa num frenesi? Sede de sangue, uma febre incontestável...

Os batimentos cardíacos de Elizabeth?

Calmantes... como ondas. Como um farol. Com sua visão clareando ele viu sua forma delicada —

em meio ao massacre que ele fez.

Ele soltou a cabeça de Tymur, agachando-se diante dela para enfrentar o Daci.

O líder tinha olhos da cor do gelo glacial e tão impiedoso quanto . *A cor que meus olhos costumavam ser.*

Em Dacian, ele disse.

— Tão perto de perdê-la para sempre, Primo. — Ele estreitou seu olhar no olhar vazio de Elizabeth, em seus lábios tingidos de azul. — Você ainda pode.

Primo? Com um rugido brutal, Lothaire riscou Elizabeth para longe.

237

Capítulo 36

Ela ouviu a Bruxa e Lothaire discutindo, suas vozes ao longe.

Mas Ellie não podia responder.

Quando ela desapareceu com Lothaire, de repente se viu transportada para uma terra congelada, em seguida abandonada no meio de árvores desfolhadas e escuras que gotejavam sangue. *A “floresta de sangue” sobre a qual ele divagava?* À distância avistou o castelo mais assustador que jamais imaginou.

Então, demônios com chifres e Cerunnos a cercaram. Uma coisa era ler sobre

serpentes ambulantes, outra bem diferente era ser capturada por elas.

As coisas que ela viu... coisas que não poderiam existir.

E as coisas que ela ouviu, as insinuações sobre as torturas de Lothaire.

Ele disse que foi enterrado vivo por 600 anos. Quando preso nas garras de um extenuante pesadelo, ele inconscientemente retornou ao seu... túmulo?

Ela quis apenas recuar um pouco para deixar Saroya sofrer aquela cena horrível. Mas quando a Deusa não se levantou Ellie caiu nesse estupor. Se lembrava de muito pouco depois disso, apenas percebeu gritos à distância, espadas ressoando, os rugidos ímpios de Lothaire.

E agora Ellie não conseguia sair dessa e nem falar. Ele a sentou ereta numa cadeira, mas ela não podia se mover dali.

— Vampiro, eu te avisei sobre isso! — A Bruxa gritou enquanto prendia cobertores ao redor dos ombros de Ellie. — Mortais podem *quebrar*.

— Então *conserte*!

— Como eu poderia saber como tratar uma mortal em choque? Ela está catatônica!

— Não dou à mínima, cure-a!

— Por que a levou para Helvita? O que você esperava? Tem sorte que ela não morreu por causa dos elementos.

— Eu risquei enquanto dormia. Devo ter agarrado ela.

Não, eu agarrei você. Como uma idiota.

— Isso não importa, Bruxa! — Com cada palavra ressoando mais alto, Lothaire repreendeu. —

Agora pare de ser uma cadela idiota e *conserte-a*!

— Não acho que se importa com sua mente, só com seu corpo. Correto? Saroya sairá ilesa, vampiro. Então pode relaxar.

Boa colocação. Por que Lothaire se preocupava?

238

— Silêncio! Deixe-me pensar! — Num tom vago, Lothaire murmurou. — Me lembro de alguém que passou por isso. Devo lembrar quem. Porra, quem foi?

Ambos começaram a vagar de um lado para o outro, falando ao mesmo tempo:

— Ele quer que eu conserte um ser humano! Devo pegar um uísque? Ou talvez um Band-Aid?

— Era um macho. Ele sofreu muito essa coisa! Quem diabos era? — Então Lothaire disse —

Lembrei! — e desapareceu.

A Bruxa soava como se tivesse começado a vasculhar algum livro de feitiços.

— Elizabeth, o vampiro está mortalmente enlouquecido por causa disso. Como é improvável que ele puna a *si mesmo*, você deve acordar!

Devo? Ellie não achava que queria viver num mundo como o Lore. Onde um pai é capaz de enterrar seu filho vivo por séculos. Onde monstros moravam. *A língua bifurcada que deslizou na minha bochecha...*

Com a lembrança, seus pensamentos se aquietaram novamente. Por quanto tempo ela não sabia.

Repentinamente a Bruxa estalou.

— Quem é *ele*, Lothaire? Isso é algum tipo de piada?

Outro homem estava aqui?

Uma voz profunda disse.

— O nome é Thaddeus Brayden, senhora. Mas pode me chamar de Thad.

Lothaire roubou o garoto diretamente do jardim da frente de Val Hall, dizendo.

— Preciso da sua ajuda pra consertar Lizvetta.

As Valquírias gritaram.

— Você não pode levá-lo! Deixe-o, vampiro!

Ao que Lothaire eloquentemente respondeu.

— *Vão se foder!*

— Você pode, por favor, explicar o que está acontecendo? — Thaddeus perguntava à Bruxa agora.

— O senhor Lothaire não está fazendo muito sentido. E, uh, de quem é o sangue que o está cobrindo?

Quando a Fey olhou de relance para Lothaire ele acenou com a cabeça, confiando no garoto.

Imensamente.

A Bruxa disse.

239

— Essa garota é nova no Lore e esteve justamente no meio de uma luta de espadas do Lore.

Lothaire venceu, mas ela viu criaturas Pravus.

Entendimento desceu sobre o rosto de Thaddeus.

— Entendi. Era tudo que precisava para acertar os ponteiros.

E Thaddeus era um Lorean, mesmo que não soubesse que era na época. Elizabeth era uma mortal.

Ela é tão fraca. Fraca!

E se ele nunca mais visse seu olhar teimoso novamente? Sentisse sua paixão? *Você ia acabar com ela de qualquer maneira.* A mente dele sussurrou. *Ela pode ser minha Noiva, mas não minha rainha.*

Lutando para controlar seu tom, Lothaire disse.

— Então o que precisa para acertar os ponteiros, Thaddeus?

— Algumas semanas e o cuidado de uma Valquíria legal e uma Fey.

— Semanas! — Para a Bruxa, Lothaire disse. — Está de volta com você, Venefican.

Ela baixou o olhar para o seu livro de feitiços como se esperasse uma resposta.

— Uh, apenas uma sugestão, Sr. Lothaire — Thaddeus começou —, você não deveria estar, tipo, segurando Lizvetta ou algo assim?

Se eu tomá-la em meus braços a apertarei tão desesperadamente, tão forte.

— Espere! — A Bruxa gritou. — As cinzas das vinhas ajudam aos mortais também. Eu poderia limpar a mente dela com a poção que tinha destinado a você.

— Excelente ideia, Bruxa. Há apenas um problema, *não há nenhuma fodida videira para ser encontrada!*

— Há uma outra fonte. Não me dei ao trabalho de mencionar por ser tão impossível...

— Diga!

— Nereus. — Ela não disse mais nada.

O Deus do mar.

— Ele tem uma dívida de sangue comigo. — Mas temendo a chegada dele, *sem dúvida assumindo que iria para o seu primogênito*, Nereus recrutou guardas para proteger seu refúgio, alguns dos imortais mais cruéis que já viveram. — Bruxa, comece a poção novamente.

— Mas como vai passar pelas sentinelas dele para cobrar seu débito?

— Provavelmente não vou. — E com isso Lothaire riscou até uma costa montanhosa, perpetuamente assolada por tempestades para encontrar um Deus.

240

Capítulo 37

Onde Lothaire foi? Ellie imaginou.

Estaria em perigo? Não sabia por que deveria dar à mínima. Fora sua catatonia, nada mudou entre eles. Certo?

Aquele jovem se abaixou na frente de Ellie, então gentilmente moveu sua cabeça até que ela estivesse diante dele. Mas ainda não podia focar seus olhos.

— Então você é a Noiva de Lothaire. Sabia que ele ia me deixar te conhecer! Não importa o quanto seja rígido.

Não sou sua Noiva, apenas uma mascote caipira que ele usa para sair até que possa me matar. Pelo menos foi o que ela pensou apenas algumas horas atrás enquanto chorava em seus braços.

Mas considerando a reação de Lothaire mais cedo...?

Agora ela não sabia.

— Lizvetta, não é? — O recém-chegado perguntou com um sotaque do sul. Não um sotaque montanhês, mas definitivamente do sul.

A Bruxa disse:

— Ela prefere ser chamada de Ellie.

— E você? Simplesmente não posso chamar alguém tão bonita quanto você de... Bruxa. Talvez você tenha um nome do *meio*?

Ellie achou que ele estava sorrindo quando disse isso.

— Lothaire não gostaria que você me chamasse...

— Deixe que eu me preocupo com ele.

— Muito bem. Meu nome é Balery²³.

Ela disse a ele mas não a mim?

— Prazer em conhecê-la, Balery.

— E o que você poderia ser, Thaddeus? Você parece mortal.

— Obrigado. Mas sou realmente um vampiro e metade fantasma.

A Bruxa — Balery — respirou fundo. Por quê?

²³ Balery, deixei assim mesmo, apesar da tradução no inglês significar, pouco, mal (tipo mal remunerado) e escasso.

241

— Sim, isso acontece de montão. — Mais uma vez Ellie ouviu diversão em seu tom. — Já que sou mau, poderoso, raro e tudo mais. — Então para Ellie ele disse. — Meu nome é Thad. Sou um amigo do Sr.

Lothaire. E vou te ajudar nisso.

Esse cara era real? Sua voz profunda estava cheia de bondade, mas se era amigo de Lothaire e parte vampiro, isso não o tornava parte diabólico?

— O Sr. Lothaire veio e me pegou porque eu era humano até pouco tempo atrás. Ou pelo menos eu achava que era. E fiquei catatônico quando vi algumas das criaturas que você conheceu hoje. Coisas assustadoras, heim?

As coisas que vi...

Thad tomou suas mãos nas dele. Elas eram grandes e ásperas, aquecendo as suas.

— Mas está a salvo agora. Ninguém vai machucar você. Vamos te proteger.

Segura. Protegida. Como Ellie ansiava por alguém que lhe dissesse exatamente isso! A qualquer momento nos últimos cinco anos.

Mas ainda não conseguia focar seu olhar, nem mesmo para ver como ele era.

— Quando estive fora do ar — continuou ele — esta Valquíria muito simpática chamada Regin, a Radiante, e uma Fey sombria chamada Natalya me tomaram debaixo das suas asas.

Regin, a Radiante, aquela que Lothaire perseguiu? Oh, rapaz.

Eu odeio *este mundo*.

— Todos os dias as senhoras falavam comigo, sobre coisas normais principalmente. E depois de algum tempo me senti confortável o suficiente para espiar com minha cabeça erguida. — Ele deu um leve aperto em suas mãos. — Então é isso que vou fazer com você. Falar. Porque não tem nenhum outro lugar onde eu gostaria de estar. Estou me escondendo da minha mãe adotiva. Ela é ótima, mas acha que estou na escola e ainda sou humano, mas saí da escola dos mortais. Assim, todos os dias das oito às três tenho que sumir. Saio na maioria das vezes com as Valquírias, mas nenhuma delas joga futebol. Elas só gostam de ficar “altas” com as bruxas, jogar vídeo game e gritar para as “coisas”.

Isto é melhor do que o Livro do Lore...

— Ei, se você aparecer vou te contar histórias sobre o Sr. Lothaire. Sobre como ele salvou a minha vida inúmeras vezes.

A Bruxa interrompeu brevemente de mexer sua poção ou o que?

— Então sobre o que devo falar agora? — Thad ponderou. Ellie o ouviu estalar os dedos enquanto disse. — Oh, eu sei...

Sua voz era um bálsamo calmante quando contou a ela sobre as Valquírias emitindo raios com emoção, iluminando o céu como se fosse Quatro de Julho. Falou sobre uma Valquíria do tipo fada madrinha chamada Nix que o colocou com um tutor vampiro — que estava lhe ensinando como riscar — e ligar para o Delivery pedindo sangue. Contou a Ellie como ele, sua mãe e sua avó estavam agora vivendo numa grande mansão em Nova Orleans.

242

E o tempo todo ele fazia uma pausa para lembrar que nunca deixaria ninguém machucá-la, que estava segura.

Conforme o tempo passava o olhar de Ellie começava a se focar nele. Podia dizer que ele era alto, musculoso e de cabelos escuros. *Bonito*.

— Você está voltando, Ellie. — Ele sorriu.

Ah, que sorriso! Com *covinhas*. Tão genuíno, tão aberto.

— Você só tem que voltar um pouco mais. Não vou deixar nada te machucar.

Ela tentou falar, se mover. Lutando...

Posso fazer isso. Mente sobre a mente. Assim como chutar Saroya pra fora do palco. Ellie começou a abrir seu caminho a empurrões.

— É isso, querida. Volte pra nós.

Lutar... lutar... respiração profunda.

— Oi?

— Bem-vinda de volta!

— Oh, graças aos Deuses. — A Bruxa disse, acrescentando num murmúrio:

— Agora todos vamos viver.

Capítulo 38

Quando Ellie saiu do chuveiro, a Bruxa estava esperando com uma muda de roupa.

— Thad se recusou a partir até Lothaire retornar, pensando que você poderia precisar de alguém

“vigiando” até que seu “mano” consiga voltar.

— Está claro que Thad nunca viu você empunhar um facão. — Ellie pegou a roupa, uma camiseta e um short jeans que ela tinha deixado aqui.

— Não que o código permita que ele saia de qualquer maneira. Sem um portal ou escolta, ninguém exceto Lothaire pode riscar com ele pra dentro ou pra fora. Eu planejei segurá-lo aqui até que Lothaire decida o que vai fazer com ele.

— Onde Lothaire me levou mais cedo? O que era aquele lugar horrível?

— Ele acidentalmente riscou você para Helvita, a capital da Horda.

— Aquele sobre o qual eu li. Aquele onde ele foi torturado?

A Bruxa não confirmou nem negou.

243

— Agora, sobre este garoto. Se você contar a ele qualquer coisa sobre sua situação atual, Lothaire o matará. Uma palavra será o mesmo que seu decreto

de morte. Não pode pedir a ajuda dele para escapar.

Ellie enfiou seu short.

— Não vou dizer nada.

— Vi como você olhou para o celular de Thad antes de se desculpar e ir tomar banho.

— Sim, bem, percebi que você me viu olhando para o telefone.

A Bruxa cruzou seus braços sobre os seios.

— Foi por isso que não pediu para usá-lo? Porque temia minha represália?

— É verdade, não queria que você cortasse sua mão. Mas também me contive por outra razão. —

Ante a expressão questionadora da Bruxa, Ellie disse. — Sou a Noiva do Lothaire, não sou?

Ela abruptamente se virou para arrumar uma toalha na prateleira.

— Por que me perguntou isso de novo?

Ellie vestiu sua camiseta.

— Houve um momento na briga quando ele pareceu... estava abismado quando olhou pra mim.

As últimas vinte e quatro horas foram uma montanha russa para Ellie. Na noite passada ela aceitou seu fim. Agora, alguma coisa mudou.

Como Ellie poderia acreditar que Lothaire a condenaria depois de sua óbvia preocupação, seu pânico?

— Não importa se você é ou não, Elizabeth. Ele precisa de Saroya para reivindicar a coroa da Horda.

— Porque ele é ilegítimo.

Bruxa concordou hesitante.

— Porque ele apenas não usa o anel para obter isso? Lothaire me disse que o anel poderia fazer qualquer coisa.

— Você só pode usá-lo algumas vezes antes que seus desejos comecem a dar errado. Além disso, sem Saroya ao seu lado haveria incontáveis rebeliões.

— Eu não entendo. Saroya não tem poderes.

— A Horda só aceitará um herdeiro vampiro nobre, ou um casado com uma nobre...

— Ou uma antiga Deusa vampiro.

— Exatamente. E já que ele planeja usar a Horda para assumir o comando dos Daci, Saroya equivale a duas coroas.

244

Ellie se igualava a nada.

Não importa se sou sua Noiva. Ele tinha que querê-la mais do que aqueles tronos.

Quando Ellie terminou de se vestir a Bruxa disse.

— Mais uma vez, você não pode contar nada a Thad que possa ficar no caminho dos planos de Lothaire.

— Sei disso. Mas ei, não vá dizer ao garoto que estive na prisão por assassinato, ok?

A Bruxa concordou com a cabeça e elas voltaram pra cozinha.

Imediatamente Thad se levantou de sua cadeira no balcão. *Que cavalheiro.*

Estava vestido de calça jeans desbotadas que destacavam suas pernas poderosas e uma simples camiseta preta que se esticava sobre seus bem desenvolvidos peitorais.

O garoto era constituído como um linebacker²⁴.

— Conseguiu recuperar sua cor, Ellie. Você estará fresca como a chuva no momento que o Sr.

Lothaire retornar.

Quando a Bruxa voltou para o seu trabalho na confecção da nova poção, Ellie se sentou ao lado dele.

— Conte-me como você e meu mano se conheceram. — disse Thad com seus olhos excitados.

De perto ela podia ver que eram cor de avelã com manchas azuis vívidas.

— Hum, a Bruxa nos uniu. — Ellie respondeu vagamente.

Ele franziu a testa ante a palavra Bruxa.

— Quer dizer, Balery usou sua visão e tudo mais.

— Esses oráculos — ele sorriu para a fey. —, sempre ajudando sua gente.

Morda sua língua, Ellie.

— Você... pode realmente ser amigo de Lothaire?

— Eu sou, minha senhora. — ele respondeu orgulhosamente, seu peito estufando. — Tenho certeza absoluta que sou seu único amigo.

Por que isso fez seu coração apertar? Ela odiava Lothaire mais do que nunca depois de ontem à noite. Não odiava?

Claro que odiava. No entanto outra coisa estava se agitando dentro dela. Ellie não se atrevia a nomear isso porque confirmaria que era uma tola.

Não sou nenhuma tola, muito menos de Lothaire.

24 Linebacker é uma posição no futebol americano.

245

Ele podia ter mudado o modo como olhava pra ela, mas ainda recentemente soluçava sobre sua futura execução. Sem mencionar o deslize desta manhã.

— Espere, você me chamou de *senhora*? Não sou muito mais velha do que você. Você parece ter uns vinte.

— Apenas dezessete. — Num tom trivial ele disse. — Todo mundo pensa que sou mais velho porque sou muito alto e forte.

A Bruxa murmurou.

— Isso você é. — Depois de pigarrear ela perguntou. — Como conheceu Lothaire? Acharmos que essa amizade é improvável para ele.

— Ele e eu fomos capturados por estes soldados humanos, então aprisionados naquela ilha para sermos torturados e sofrer experiências e tudo o mais.

— Oh, meu Deus, isso é horrível! — Ellie disse, por um breve instante agarrando seu braço musculoso. — Porque fariam essas coisas com você?

— Eles são chamados de Ordem. Consideram os imortais equívocos e criações equivocadas.

Abominações e tal. Eles planejam exterminar até o último de nós.

— Como você foi levado?

— Foi a coisa mais maldita. Eu tinha acabado de pegar uma garota para levar ao cinema, preocupado com nada além dos Escoteiros Águia, meu toque de recolher e talvez roubar um beijo do meu encontro. — Ele piscou pra Ellie e ela se sentiu como se estivesse se abanando. — A próxima coisa que soube é que acordei num tanque com todas aquelas criaturas. Foi quando pirei.

— Deve ter sido terrível.

— Bem, não foi um piquenique de junho, com certeza. E a cela! Você não pode imaginar como é estar enjaulado por dias a fio.

Não posso? Seu amigo me colocou na cadeia por cinco anos.

O elástico estava esticando. Snap!

— Tive apenas uma sessão de tortura, não foi muito ruim, mas o Sr. Lothaire? Eles o queimaram até que sua pele carbonizasse e fosse possível ver seus ossos. Eles o deixaram faminto. Ele simplesmente ria, mexendo com a mente dos humanos e tudo.

Ellie podia facilmente imaginá-lo fazendo isto.

— Quando todos os prisioneiros se libertaram ele salvou minha vida, repetidamente. E o tempo todo estava desesperado pra sair da ilha. Nós imaginamos que ele tinha alguém para quem voltar. Não sabia que era você!
— Claramente recordando alguma lembrança, Thad disse. — O Sr. Lothaire certamente é louco por você.

Não por mim.

246

— Então, o que você faz, Ellie? — ele perguntou.

Bem, antes eu tinha uma posição no corredor da morte, mas ultimamente tenho sido o brinquedo de um vampiro. Em breve serei sacrificada para que a Ceifeira de Almas e o Inimigo do Antigo possam fazer bebês.

— O que eu faço? — Ellie pegou o olhar de advertência da Bruxa. Num tom borbulhante fingido ela disse. — Ei, quer um bebida, Thad? Eu poderia tomar uma bebida. Temos que mostrar esse peito...

Três horas mais tarde, a voz de Ellie soava indistinta.

— G-gente... C-corvo é tee killer²⁵, por favor.

De alguma maneira ela, Thad e a Bruxa tinham terminado dois baldes de Coronas.

Thad disse que nunca provou tequila. Ellie mal se lembrava. Só tinha uma maneira de remediar isso!

— Limão. Sal. Outro balde de Coronas. E batatas fritas, obrigado.

Quando Ellie se arrastou pra fora do deck encontrou Thad embriagado apertando uma dobradiça da veneziana com uma ferramenta de bolso multiuso. Sempre o escoteiro.

Ela e a Bruxa estavam em traje de banho e ele tirou a camisa. Embora fosse um dia sem nuvens, Thad não tinha nenhum problema com o sol, e tinha o bronzeado pra provar isto.

— Acho que é minha metade fantasma. — ele explicou dando de ombros.

Por trás dele Ellie imitou um gatinho com as garras de fora; a Bruxa sorriu por cima da sua cerveja.

Depois de abrir mais uma rodada para os três, Ellie afundou na espreguiçadeira para assistir o suor gotejar ao longo das subidas e descidas dos músculos esculpidos do tórax de Thad.

Estou sentindo desejo por ele? Ou só apreciando sua incrível gostosura?

Ocorreu-lhe que ele era exatamente o tipo de garoto com quem sempre se imaginou. Boa índole, bonito, atencioso.

Então por que estava tão atraída por um sanguessuga ameaçador e fatal como Lothaire?

Por causa do trauma mental e desespero sexual?

Ou por causa de sua mente brilhante e toque sedutor? *Aquele olhar derretido...*

Talvez ela devesse testar se realmente desejava Lothaire ou se simplesmente precisava de um homem — qualquer homem.

25 Tee Killer era um pistoleiro que quando bebia se tornava um temível assassino. Ninguém sabe realmente porque ele lambia sal em cada tiro.

247

Devia testar isso com Thad? As inúmeras coronas lhe disseram que este era o melhor — plano —

que teve.

Quando seu cronômetro disparou, a Bruxa se levantou oscilando apontando para o céu.

— Poção! — ela disse, como se quisesse dizer “Eureka!”, então foi em direção à cozinha.

Sozinha com Thad Ellie disse.

— Muito obrigada por me trazer de volta esta manhã. — Tomando ainda outro gole de coragem líquida ela ficou de pé, atravessando em direção a ele.
— Você é meu herói.

Ainda concentrando em sua tarefa, ele disse com voz arrastada.

— Disponha, querida. — Ela descobriu que ele era nascido e criado no Texas. Um longo, alto e lindo bêbado do Texas...

— Se importa se eu te der um abraço em agradecimento? — Sua voz estava gutural.

Ele se virou para ela com a testa franzida, esfregando sua palma no queixo.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ela enlaçou as mãos ao redor do seu pescoço, suas unhas penetrando nos cabelos que enrolavam em sua nuca.

Deus, seu cheiro era incrível. Os músculos do tórax flexionando contra seus

seios, sua pele úmida tão quente que ela podia senti-la através da parte de cima do seu biquíni.

— Que tal um beijo de agradecimento? — Ela ficou na ponta dos pés.

Ele corou profundamente.

— Uh. Você é a mulher do Sr. Lothaire, o que significa que está tomada. Realmente tomada. E

quanto a mim, estou...

Ellie apertou seus lábios contra os dele, reforçando seu abraço enquanto ele congelava em choque.

Mas seus lábios eram firmes, com gosto de limão e uma pitada de sal. *Agradável*. Ela beijou mais duro e seus lábios finalmente se separaram num fôlego.

Ele cheira, sente e tem um gosto maravilhoso.

Então, onde estava o desejo?

Caramba! Agora podia admitir o que instintivamente sabia. *Sem Lothaire nunca sentiria tal paixão novamente.*

Ela estava prestes a interromper o beijo quando a Bruxa saiu.

— Deuses da escuridão! O que é isso, Elizabeth? — ela gritou. — Você quer que este garoto morra?

Thad e Ellie ambos tropeçaram pra trás pedindo desculpas para a Bruxa, e um para o outro. A Fey apontou para Ellie ir em direção ao banheiro.

248

— Vá lavar seu rosto agora! — Para Thad a Bruxa disse. — Sente-se. Você é o próximo.

Dentro do banheiro a Bruxa bateu a porta atrás de Ellie.

— Lave-se! Tire o cheiro dele de você.

Ellie obedientemente esfregou seu rosto. Ok, talvez as cervejas tivessem sido um erro e aquilo não foi uma boa ideia.

— Você não vai dizer a Lothaire?

— Isto aconteceu sob meus cuidados. Deixei dois bêbados pós adolescentes ficarem sozinhos.

Lothaire nunca pode saber. Por que em nome dos Deuses você fez isso?

— Eu só... eu tinha que saber por que sinto as coisas de uma maneira tão forte com Lothaire. Se é por eu ter saído da prisão ou se é ele.

A fisionomia desaprovadora da Bruxa suavizou.

— Não importa o quanto sua tentativa foi imprudente, não posso te criticar por sua curiosidade. —

Ela suspirou. — Posso apenas imaginar o que deve estar sentindo. Mas você pelo menos tomou uma decisão?

— Existe apenas Lothaire para mim. Paixão sensata, pelo menos. —
Ninguém é tolo.

Então Ellie franziu a testa. E se houvesse realmente um futuro com um vampiro como ele? Em algum lugar — e de alguma forma — para ser encontrado?

Para se salvar ela foi seduzindo seu corpo e sua mente, com algum sucesso. Mas o coração dele ficou fora disto.

E se ela partisse para conquistar o vampiro, porque queria tentar uma vida com ele?

— Vou fazer Lothaire se apaixonar por mim. Quero dizer realmente

apaixonado. — *Vou colocar seu coração na minha mira. Pode riscar, vampiro, mas não pode se esconder.*

— E se ele ainda sacrificar você por Saroya, para obter suas coroas? — A Bruxa perguntou. — Tudo o que você vai fazer é tornar as coisas piores para ambos.

Ellie estaria guardando seu próprio coração o tempo todo, determinada a não se apaixonar por Lothaire. E uma vez que meteu aquilo na sua cabeça, não podia voltar atrás. — Então tenho que fazer com que me ame mais do que dois reinos vampiros.

— E exatamente como você vai fazer isso?

Ellie sorriu.

— Vou descobrir mais sobre a tequila. Agora, deixe-me acalmar as coisas com o pobre Thad...

249

Capítulo 39

Um amor, um só coração... vamos ficar juntos e nos sentiremos bem...

Quando Lothaire riscou de volta até a casa da Bruxa, música reggae e risos soavam do deck. Ouviu o som de uma garrafa abrindo e copos tinindo.

Embora a poção borbulhasse pronta, a área da cozinha estava vazia. Elizabeth estava lá fora? Teria ela recuperado a plena consciência e sem essa mistura?

Imaginou tanta coisa. A Bruxa completando a poção, eu a administrando, o olhar cinza teimoso de Elizabeth entrando em foco, seus braços me envolvendo em sinal de gratidão...

Com as cinzas das videiras agarradas em sua mão trêmula, Lothaire se tornou invisível, semi-riscando para as portas abertas do pátio para encontrar Elizabeth, a Bruxa e Thaddeus tomando tequila no deck.

O alívio o invadiu quando examinou a cena. Elizabeth estava acordada, seus olhos brilhantes. Ela usava um top curto e maiô, e já que Thaddeus não estava comendo seu corpo com os olhos, ele poderia viver.

Elizabeth estava segura, o garoto estava sendo um cavalheiro com ela e Lothaire podia dizer que a Bruxa mudou o código da barreira desde que ele partiu. Tudo estava bem.

Ainda assim, ficou furioso com os três. Embora Lothaire não soubesse o motivo. Ele só sabia que *seu* oráculo, *sua* mulher, *seu...* amigo, não precisavam estar bebendo e rindo juntos, sem ele por perto.

Os olhos de Lothaire se estreitaram. Isso parecia vagamente semelhante a um... motim, mas não podia dizer com precisão o motivo.

Ele os ouviu falar entre os disparos. Thaddeus estava contando histórias sobre ele?

— Lothaire é o cara mais engraçado que você já conheceu. — disse ele.

— Sim, certo. — Elizabeth zombou. — Posso processar isso tão bem quanto fiz com os Cerunnos.

— Estou falando sério! No meio da nossa fuga, todo mundo estava indo para o inferno, brigas em todos os lugares, explosões acontecendo a torto e a direito com gritos arrepiantes. Lothaire apareceu do nada tão calmo como podia ser. A última vez que o vimos, ele estava lutando contra uma gangue enorme de vampiros. Alguém do nosso grupo perguntou como ele poderia ter sobrevivido à batalha. Neste tom inexpressivo, ele disse três palavras: “Sou o cara.”

Conforme as mulheres riam, Lothaire inclinou o ombro contra a porta, ainda invisível, lançando sua mente de volta para esse intercâmbio. Lembrou-se porque Thaddeus tinha mostrado lealdade logo após.

O grupo estava prestes a decolar em um avião com Declan Chase rumo à fuga, mas não quiseram incluir Lothaire. No entanto Thaddeus exigiu que ele fosse autorizado a embarcar.

Lothaire tinha declinado, é claro. Então ordenou aos demônios alados a queda do avião — para trazer Chase pra ele.

250

Mas Lothaire nunca esqueceu que Thaddeus se impôs por ele, embora o garoto não fosse ganhado nada com isso.

Um dos primeiros exemplos de lealdade verdadeira que Lothaire experimentou desde que sua mãe tinha morrido...

— Conte mais. — Elizabeth gritou, virando um copo de cerveja. A área em torno de sua espreguiçadeira estava coberta com batatas fritas esmagadas, o que o fez seus lábios se curvarem. — Mais!

— Uma noite, estávamos correndo contra o tempo neste laboratório pavoroso. — Thaddeus começou. — Ferramentas de tortura estavam penduradas por todos os lugares, mas Lothaire estava completamente imperturbável. Simplesmente subiu no topo da gaiola para dormir, dizendo para o resto de nós, *"Para quem só pensar em me perturbar enquanto durmo: vou enforcá-lo com suas próprias vísceras"*, quero dizer, quem diz uma merda dessas.

Mais risos.

Nessa altura eu tinha bebido o sangue de Chase, já estava ansioso para chegar às memórias do homem.

O garoto tomou um trago.

—E na trilha Lothaire falou para aquele *berserker* corpulento para tomar cuidado, “ou eu iria rever minha fase juvenil fodendo crânios”.

Elizabeth se engasgou com cerveja saindo pelo seu nariz, e Thaddeus jogou a cabeça para trás pra rir. A Bruxa não se juntou a eles, ela sabia que Lothaire tinha falado sério.

Ah, minha juventude travessa...

— E ele é um louco corajoso. — assegurou Thaddeus, exibindo aquele inconfundível caso de culto ao herói.

Mas Elizabeth está atenta a cada palavra que ele diz sobre mim. Bateu um sentimento de satisfação.

— Agora eu posso acreditar. — disse ela. — Sei que ele matou um bando de Wendigos.

Thaddeus acenou com a mente distante.

— Isso foi no início da luta. Depois disso ele assumiu um *exército* deles, salvando a vida de todos nós. E o tempo todo ele estava tentando voltar pra você.

O sorriso de Elizabeth se apagou. Lothaire quase podia ouvir seus pensamentos: *Não estava tentando voltar para mim.*

— Na ilha eu era o único que suspeitava que ele tinha uma dama — continuou Thaddeus. —

Quando Lothaire ficou atordoado, murmurou pra mim sobre sua jovem Noiva que olhava para ele com medo, o que reconheço é um pouco estranho de ouvir.

— Voltei. — Lothaire interrompeu. Todos pularam, cabeças viraram em sua direção.

251

Ele não se lembrava de dizer a Thaddeus essas coisas. *Jovem? Medo?* Definitivamente não descrevia Saroya.

Será que no fundo sempre soube que Elizabeth é minha?

O sorriso dela voltou agora.

— Lothaire, você está a salvo.

Assim como você. Depois das lágrimas da noite passada — e o terror desta manhã — ela estava feliz em vê-lo ileso?

— Claro. — Para Thaddeus, ele disse. — Você está se sentindo em casa.

O garoto baixou o olhar pra sua cerveja.

— Pensei em sair, talvez te dar uma mão protegendo sua dama.

— Você reanimou Elizabeth?

— Só dei uma mãozinha.

Lothaire lhe deu um breve aceno de cabeça.

— Uma palavra, Bruxa. — Ele riscou pra dentro, jogando as videiras no balcão.

Ela o seguiu.

— Você os protegeu.

Mal. Os guardas foram tão cruéis quanto ele esperava. De alguma forma ele violou suas defesas para enfrentar Nereus...

Enquanto o Deus entregava as videiras com alívio, ele perguntou a Lothaire sobre sua nova Noiva, aquela que em todos os lugares do Loreans estavam especulando. "Ela é alguém que conheço?"

— Ela não é ninguém. — Lothaire respondeu com sinceridade.

— Eu realmente pensei que você exigia o meu primogênito.

— *Como se eu quisesse o seu maldito peixe barrigudinho.* — Lothaire falou com voz arrastada, riscando pra longe antes que Nereus pudesse assassiná-lo.

— O estoque está pronto. — disse a Bruxa enquanto desfolhava as videiras numa panela borbulhante. — Nada que precisemos agora. — A fey o estava enrolando?

— Como é que Thaddeus a trouxe de volta?

— Ele falou com ela dizendo que estava protegida. *Incrível* como ela respondeu a algo tão simples.

Imagino que se sentir segura é uma novidade pra ela.

Lothaire ignorou seu tom de censura, atribuindo-o aos espíritos e focado no resultado. Elizabeth estava bem e Thaddeus demonstrou lealdade novamente.

252

Talvez o halfling possa ser um aliado...

Agora que a preocupação de Lothaire com Elizabeth foi aliviada, poderia finalmente avaliar a batalha desta manhã — e suas ramificações.

O macho Dacian era de verdade seu primo? Que outros familiares vivos ele teria do lado Dacian?

Talvez estivesse ficando mais perto de encontrar esse reino, de encontrar Serghei. Ele tinha que estar, se eles estavam visando a Noiva de Lothaire de forma tão agressiva.

Outro inimigo para combater. Depois de testemunhar a habilidade deles com as espadas, Lothaire não iria subestimá-los.

E agora que Tymur o Leal foi despachado, maquinações políticas entre os vampiros aumentariam mais uma vez. Os Forbeares provavelmente fariam um lance para o trono, liderados pelo naturalmente nascido Kristoff — por quem Lothaire mantinha uma animosidade particularmente letal, e que se

rebelou contra a Horda no passado.

Mas Kristoff proibira o seu exército de beber sangue diretamente da carne — para se conter. Para quem violasse um dos dois princípios sagrados da Horda: a Sede.

Além de Kristoff havia outro concorrente, por mais improvável que ela pudesse ser.

Muito pra analisar, jogadas para prever...

— Joguei os ossos para encontrar a Dourada, mas ela está muito distante de nós no momento. —

disse a Bruxa.

— Ótimo. — Respondeu ele distraidamente, só agora lembrando que não previu os movimentos de Tymur, não matou o vampiro com seu desprendimento habitual. Ao defender Elizabeth, Lothaire jogou fora a sua maior arma, confiou no seu instinto abrasador.

Ela é minha.

Lendo-o tão bem, a Bruxa disse:

— Você sabe que é *Elizabeth* agora, não é? Talvez não vá arrancar minha garganta pela espinha se eu falar sobre isso?

Ele foi tão arrogante durante aquela conversa com a Bruxa, descartando a ideia de uma Noiva mortal como um absurdo. Nem sequer se preocupou em dizer à Bruxa exatamente como ele foi enlaçado com Saroya.

— Como vai fazer para que Elizabeth esqueça tudo que você fez com ela? — A Bruxa perguntou. —

Ela não será capaz facilmente, não totalmente. Confie em mim.

— Não importa se ela é minha Noiva. Não posso ficar com ela. Meus planos devem permanecer inalterados.

Bruxa pestanejou.

— Você não pretende...? Lothaire, se você continuar com isso, vai se destruir.

253

— Vou ser destruído se não cumprir esses votos.

— Sua mãe não ia querer isso pra você.

— Você acha que estou falando dos votos que fiz para Ivana? Talvez eu tolamente tenha feito outros...

Elizabeth entrou tranquilamente. Bronzeada, pés descalços, sorrindo em seu short.

Então esses pensamentos sensuais o apagaram por um longo momento.

— Ei, Lothaire. Thad está nos contando tudo sobre você. Como você é heróico. — Ela se esgueirou pra cima dele com um rebolado que acelerou seu pulso. — E você foi e trouxe as vinhas cinza pra mim?

A Bruxa escolheu aquele momento para transformar o fogão num ebulidor e expulsá-los para fora da cozinha, ao deck.

Antes que tivesse decidido alcançar Elizabeth, Lothaire encontrou suas mãos circundando sua cintura.

— Então, certamente fiz isso com você? — Ele perguntou a levantando para o balcão.

—Uh-huh. Você só é necessário para manter meu corpo saudável. Não minha mente.

Ele descansou os quadris entre os joelhos dela.

—Talvez você não deva me atribuir características que não estão lá.

— E você deve parar com essa fala-de-Lothaire. — Ela levantou a mão ao peito dele, fazendo redemoinhos preguiçosos com o indicador.

— Sobre o que está falando?

— Você faz perguntas para contornar uma mentira. Ou diz coisas como — ela imitava seu sotaque

— “talvez você” ou “suponho que você”. Sim, isso mesmo, vampiro, te peguei.

Ele se desconcertou com a rapidez com que ela aprendeu suas falas, mas manteve o rosto impassível.

— Você se preocupou comigo hoje? Entre as doses de tequila?

Ela suspirou.

— E você também muda abruptamente de assunto. Em todo caso, eu me preocupei com você, Leo.

— Do que você me chamou?

— Suas iniciais. Lothaire, o Inimigo do Antigo²⁶? Soa como Lothaire, o Mágico de Oz. Leo combina melhor com você.

²⁶ Aqui ela diz Leo, as iniciais se referem ao nome em inglês, **Lothaire the Enemy of the Old**.

254

Seus dedos escavaram o balcão de ambos os lados dos seus quadris.

— Inimigo do Antigo não é apenas um nome, é uma designação. É preciso pinceladas ousadas para sobreviver no Lore, eu *ganhei* o direito de ser chamado assim.

— Bem, agora ganhou seu apelido, também.

— Por que agora?

— Estou tonta e você está me parecendo maravilhoso e beijável. Você precisava de um apelido.

Em toda sua vida ninguém jamais o chamou por um. Tampouco sentiu a facilidade casual de fazê-

lo.

— Por que esse... carinho? Na noite passada você estava chorando. Não está zangada por eu ter te levado para Helvita?

— Eu te agarrei. — Ela admitiu. — Você começou a desaparecer, então tentei te sacudir para acordar.

— Preocupada comigo? — Seu pico de prazer foi invadido pela irritação. — E havia pedido para que não tocasse em mim. Por que me desobedeceu?

— Você me chamou, gritando repetidamente meu nome.

Em seguida uma parte dele *soube* que Elizabeth era dele.

— E você me disse que poderia ser morto se riscasse em seu sono! Depois de ver as criaturas

“aguardando” você, acredito nisso.

Os músculos do seu ombro enrijeceram.

— O que você lembra?

— Confundi uns pedaços até certo ponto, então nada. Além do mais, já passou.

— Como pode ser possível?

— Tenho algo para seguir adiante. — Em um tom solene, ela disse: — Decidi Leo, que vou mantê-

lo.

Apesar de tudo dentro dele estar em turbulência, ele disse calmamente:

— Então você decidiu?

— Mesmo que você tenha sido o maior imbecil imaginável.

Ele olhou para aquilo com raiva.

— Fedelha insolente.

— Sou a sua Noiva, não sou?

255

—A ideia de uma Noiva mortal é ridícula. — *Mesmo se a Noiva em questão me deixa fraco por querê-la.*

— Estou chamando a fala-de-Lothaire! Você não me respondeu.

— Quantas vezes eu te disse que está abaixo de mim?

Em vez de se sentir insultada, ela sorriu.

— Devo te chamar de marido? Ou noivo vampiro?

Justamente quando ele estava prestes a lhe dar um —presta atenção —, ela se inclinou para sussurrar em seu ouvido:

—Se você tomar um gole de mim ficará embriagado?

Seu corpo ficou tenso.

— Só tem uma maneira de descobrir.

— Então me leve de volta pra sua cama e faça coisas realmente perversas comigo enquanto fala coisas sujas no meu ouvido.

Ele mal reprimiu um rosnado.

Em seu caminho para fora, ele rapidamente parou no deck para dizer a Thaddeus:

— A Bruxa vai abrir um portal temporário para você chegar em casa, mestiço. Deixe seu número de telefone com ela antes de ir. E é claro, não dê esta localização para ninguém.

— Claro que sim, Sr. Lothaire. — Mas novamente o garoto se recusou a encontrar seu olhar.

Capítulo 40

— Há algo diferente em você. — o vampiro disse assim que eles apareceram no seu quarto.

Descobri algumas coisas sobre eu mesma.

— Não posso nem imaginar. — *E sobre você.*

Ele começou a fazer aquela coisa predadora de espreitar ao seu redor.

— Se penas pudesse mentir tão facilmente. Eu descobriria seu segredo.

Ávida por mudar de assunto, Ellie perguntou.

— Com o que estava sonhando quando riscou antes? — Então mordeu a língua quando viu um vislumbre da angústia crua em seus olhos.

Sua expressão se fechou.

256

— Uma das minhas... memórias. Algo de que não quero falar.

Ela teve uma boa ideia disso.

—Tudo bem.

— Você não vai pressionar?

— Você me dirá quando estiver pronto. — ela disse.

Isso realmente pareceu agradá-lo. Ele a puxou pra perto para acariciar seus cabelos.

— Você cheira a sal, sol e tequila. Exótico para alguém como eu. — Ele inalou profundamente como se quisesse levar seu cheiro para dentro dele...

De repente seu corpo estremeceu com tensão e ele a empurrou.

— Por que ainda sinto um vestígio do cheiro de Thaddeus, mesmo quando estamos longe dele?

— Naturalmente nós nos abraçamos. — Mas podia sentir suas bochechas corando. Seu coração estava acelerando?

— Você está... *mentindo*. Por que mentiria, a menos que... — Seus olhos dardejaram um vermelho flamejante.

— Não, Lothaire, não foi assim!

— Diga-me como foi — ele disse suavemente antes de rugir —, ou vou cometer um assassinato.

— E-eu o beijei.

— Então você o matou.

— Thad não devolveu o beijo! Ele estava desnortado, apenas ficou lá. Depois ficou mortificado.

— Então vou puni-la mais, sua vagabunda! Eu deveria amarrar você nua num poste no cruzamento do demônio! — Com um berro enlouquecido, ele lançou um de seus punhos na parede, batendo como se fosse uma bola de demolição. O quarto tremeu. Outro soco antes dele ficar de frente a ela, gritando. —

Você tocou nele?

— Não! Em todo caso, por que se importa? Você continua me dizendo que não sou sua Noiva.

Saroya é! O que é um beijo inofensivo para uma mulher que você logo vai matar?

— Diga-me por que fez isso! Porque diabos você foi beijá-lo?

— Minhas razões são problema meu!

Ele colocou a mão sangrando em sua garganta.

— Diga-me ou vou torcer seu lindo pescocinho.

Nada mudou para Lothaire. *Nada.*

257

— Você não pode. — Ela se debateu do seu aperto. — Então pare de tocar na mesma tecla, vampiro!

— Não, mas posso matar sua família! Quer que eu faça você escolher um parente em detrimento do outro para viver?

Oh, Deus, não eles!

— Por favor, não, Lothaire...

Ele já estava riscando para a montanha.

— Leve-me de volta para o apartamento e vou dizer a você... — Ela parou de falar quando viu que o lugar era como uma cidade fantasma.

Sem luz, sem voz, nenhuma TV ligada em qualquer um dos trailers na montanha inteira. A família Peirce conseguiu desaparecer.

— Onde diabos eles estão? — ele estalou, riscando-a pra dentro do seu antigo trailer.

A primeira vez que ela voltou desde a noite dos assassinatos.

Os pertences estavam espalhados. Mama conseguiu que saíssem às pressas, e claramente se foram há algum tempo.

Vazio. Ellie verificou com um olhar de vitória.

Lothaire lançou seu olhar sobre ela, riscando de volta para o lado de fora pra olhar a montanha sem luzes abaixo.

— Diga-me onde eles estão!

— Eles se foram. — Ela respirou profundamente o ar do campo, endireitando os ombros. — Estão fora do seu alcance para sempre.

De volta à sua montanha, ela absorveu sua força. Este lugar vira centenas de anos de luta e sofrimento, de sangue perdido e dor encontrada.

Neste momento Ellie acreditou que foi forjada pela vida aqui, como se apenas estivesse esperando estar de igual para igual com um demônio como Lothaire.

— Humm. — Ela bateu com a ponta do dedo em seu lábio. — Não pode matá-los. Não pode me machucar. Parece que está segurando uma merda de uma cartada, Leo.

Na última vez que estiveram na soleira da porta desse trailer Elizabeth arriscou sua vida para matar Saroya, chocando-se com uma saraivada de balas.

Agora, depois de tudo o que ele fez, ela o provocava.

Eu realmente pensei que ela fosse se acovardar?

258

— Então, o que é pior, Lothaire? O fato de que sou uma caipira humana

ignorante? — Ela espetou seu peito com o dedo indicador. — Ou apenas o fato de que foi superado por uma?

Esta ousadia nela... é deliciosa.

Não, você está enfurecido com essa vagabunda!

E fascinado por ela. Possessividade, luxúria e alguma outra coisa que não podia definir guerreavam dentro dele.

Então se lembrou dela beijando aqueles garotos anos atrás. Como Lothaire facilmente poderia imaginar o olhar de admiração de Thaddeus!

O ciúme — fervilhou.

— A Bruxa nunca deixaria você ligar para eles.

— Não.

— Não pode ser Thaddeus. — Sua família se foi há muito tempo. — Diga-me como você os avisou!

— Ou o que? — Ela riu zombeteiramente.

— Vou encontrá-los.

— Eles estão escondidos, como apenas o povo das montanhas pode conseguir. Enfrente isso, Lothaire, você perdeu esse jogo. Você joga na ofensiva, e eu na defensiva. Botei esse plano em movimento meia década atrás.

Lothaire riscou de volta para o apartamento.

— Do que está falando?

De queixo erguido, Elizabeth tentou se lançar para longe dele. Depois de um momento, ele a deixou.

— Esperei com paciência você distribuir a punição que prometeu se eu

tivesse sucesso em matar sua rainha. Então, fiz minha mãe jurar que ela e a família inteira sumissem como num feitiço.

Para limpar uma montanha inteira de Peirces?

Como extraído de um formigueiro completamente limpo. No entanto, isso aconteceu.

— Você quer que sua reputação como o Inimigo do Antigo te preceda para fazer seus inimigos o temerem? — Quando ela espetou seu peito novamente, suas entranhas se apertaram com necessidade. —

Meu maior trunfo é que sempre sou subestimada por pessoas como você. — Ela prendeu seu olhar com o dela. — Sou a maior sacana que você jamais viu.

Inesperada Elizabeth, com seus ferozes olhos cinza. Saroya podia ser cruel e letal, mas Elizabeth era esperta e sedutora.

Silenciosamente correndo em círculos ao redor dele em cada oportunidade.

259

Não seria inesperada apenas outra maneira de dizer *subestimada*?

Sacana? Ela o deixou tonto.

— Então não, Lothaire, não haverá nenhum dano causado a minha família por você hoje à noite. Ou nunca. Está... tudo... esclarecido?

Como cristal, ele pensou enquanto seus lábios se separaram. *Sei exatamente o que você é agora. Eu sei o que você será.*

Era evidente o que tinha que fazer. Até ele poderia reconhecer que estava passando por alguma necessidade antes desconhecida por essa garota mortal, algo ainda maior que o desejo. E isso ocorreu *apesar* da Deusa dentro dela.

— Lothaire, fiz uma pergunta!

Ele estreitou seus olhos quando um pensamento obscuro ocorreu.

—Se você suspeitou que sua família estava segura, por que seguiu com os meus planos? Por que agiu como se estivesse com medo por eles?

Ela deu de ombros, lançando um olhar majestoso que ousava que ele fizesse algo; um rosnado de luxúria explodiu em seu peito.

Seu pecadinho esquecido — por enquanto — ele se inclinou para beijá-la.

Capítulo 41

— Fique longe de mim, maluco! — Ellie o empurrou inutilmente. — Não vou beijar você! Esteve prestes a machucar minha família! — *E me levou pra longe da minha montanha mais uma vez...*

— Eu não ia machucar ninguém. — disse o vampiro. — Planejei levar você pra fora do trailer e te assustar. Então você cairia em si.

Ele não pode mentir.

— Mas parece que estou segurando *uma merda de uma mão de cartas*. — Ele correu os dedos pelo seu cabelo. — Você se recusa a fazer como previ.

— É você quem está falando isso. — Ele não era o homicida que ela pensou que fosse — ele estava *impressionado*.

E ver aquele olhar nos seus olhos a afetou. Junto com a sensação que experimentou só por cheirar o ar fresco do seu lar — o bosque, a própria terra — ela quase podia sentir... esperança.

Ele me levou pra longe da minha casa, mas talvez um dia o macho diante mim me levará de volta pra lá.

Num tom cansado, ele disse.

260

— Diga-me por que beijou o garoto?

— Para descobrir se eu desejava *qualquer* homem depois da minha estadia na prisão, ou se era somente você...

— E?

Ele está prendendo a respiração. Meu Deus, ela realmente poderia ter uma chance com Lothaire.

— Não senti nenhum desejo por ele, porque estava querendo... você.

— Eu. — O orgulho queimou nas profundezas vermelhas dos olhos dele. — Ótimo. Eu não quero...

eu não *queria* ter que decapitar Thaddeus. Ou te amarrar numa encruzilhada de demônios.

— Sério? Oh, Lothaire, isto é formidável! Isto é o que eu chamo de avanço.

— Cale-se.

Ela deu um grande sorriso.

Seu olhar caiu para sua boca.

— Você quer um beijo de verdade agora? Do seu próprio homem?

Meu próprio homem. Ela quase balançou. Lothaire nunca a tratou como sua Noiva; agora seu olhar sobre ela estava aquecido e *possessivo*. — Eu quero, Leo, mas quero por muito mais do que uma semana.

— *Eu quero viver!*

Ele pegou seu rosto com as pálidas mãos.

— Vou manter você, Lizvetta.

— Você quer dizer — os olhos de Elizabeth começaram a brilhar —, eu não

tenho que morrer?

Que monstro poderia matar uma pessoa como ela?

Eu estive planejando fazer isso. Não, pior do que a morte.

— Você *nunca* morrerá! Mantereí você para sempre.

Porque ela seria... sua *rainha*.

Em Helvita ele reconheceu Elizabeth como a Noiva que o destino escolheu para ele. Agora contemplava a astuta rainha que escolheu para si mesmo.

De alguma maneira ele descobriria uma maneira de contornar seus votos para a Deusa. Afinal, ele era Lothaire. Ele daria um jeito.

— Mas e Saroya?

— Cuidarei dela.

261

— Como?

— O anel ainda está no jogo, não é? — ele disse. — Você viverá e eu cuidarei de Saroya, mas em troca você deve... — Ele agarrou seus ombros. — Estou ordenando que esqueça o que se passou entre nós antes.

— O que quer dizer?

— A Bruxa me disse que você não seria capaz de superar a maneira como te tratei.

—Ohhh. Como as ameaças contra mim e meus entes queridos? Como a angústia mental e zombaria sem fim? Como quando me colocou no corredor da morte?

Ele fez uma careta.

— Se você quer viver então tudo isso deve ser esquecido, assim como fez com suas misérias no passado. Você me disse que já fez isso antes!

— Fiz e farei agora. Tudo que peço é que jure *nunca* ferir minha família, pela sua mão ou sua ordem. Temos um trato?

— Sempre com os juramentos. — ele murmurou. — Acrescento minha própria condição. Nas próximas semanas, você não me questiona sobre meus planos e ações. Você confia em mim para decidir o que é melhor pra nós dois.

Ela hesitou.

— Concordo.

— Então juro pelo Lore nunca ferir sua família por ação ou ordem.

— E eu juro deixar você decidir o que é melhor para nós. Por três semanas.

Ele estreitou seus olhos pela qualificação dela, mas deixou passar.

— Você também disse que podia me fazer feliz. — Ele levantou seu queixo com um dedo. — Tenho um trabalho sob medida pra você.

—Eu ouvi, provavelmente só um boato maluco, que sexo deixa os homens felizes. Você quer selar este acordo, Leo?

Ele a atraiu firmemente para seus braços.

— Acha que não quero reivindicar você?

Ela inclinou a cabeça pra ele.

— Mas você acha que vai me machucar.

— Quando um macho humano machuca uma mulher durante o sexo, o que acontece?

— Acho que ela poderia andar de um jeito engraçado.

— Eu posso erguer a porra de um trem, Lizvetta. O que aconteceria com você? — Pela primeira vez em sua longa vida ele lamentava sua força, e pagava muito caro por isso. Agora, era um obstáculo.

Sem falar dos seus instintos vampíricos. Ele não era um mortal transformado. Era de uma espécie diferente, um vampiro *nascido* sem impulsos humanos para temperar seu comportamento predatório.

— Imagine se você tentasse dominar uma borboleta, mas sabe que não pode apertar suas asas. É

equivalente à nossa situação.

Ela arrastou o indicador pelo seu peito, dizendo numa fala arrastada e sexy.

— E se a borboleta cavalgar você como um cavalo preguiçoso?

Ele enrijeceu todo ao redor dela.

— Continue.

— Ao invés de me esfregar em você como fiz quando estávamos no sofá — disse Ellie — eu poderia *montar* em você.

O interesse do vampiro foi definitivamente despertado. Mas então ele sacudiu sua cabeça.

— Não tive sexo durante milênios. O que te faz pensar que não perderei o controle?

— Apenas sei que não vai. — Ellie enfiou na cabeça que isso ia acontecer. Ela acreditava que era a sua Noiva — embora ele não tenha especificamente reconhecido o fato ainda — o que significava que acreditava que ele não a machucaria.

Além do mais, no fundo da sua mente ela queria selar este acordo. Para roubá-lo de Saroya completamente. *Só guarde seu coração, Ellie.* O ciúme dele mais cedo fez coisas engraçadas com ela.

— Essa é sua primeira vez Elizabeth, e longe, muito *longe* de ser a última. Não posso arriscar você sendo machucada ou assustada.

Sua mão deslizou até afagá-lo por cima das calças, ganhando um grunhido.

— Você não me assustou nas vezes em que estivemos juntos. — Muito. — Tudo que senti foi prazer. — Depois de um pouco de dor.

— Estive negando meus instintos com você.

— O que quer dizer?

Ele esfregou uma mão por seu rosto cansado.

— Vampiros não fodem como machos humanos. O ato para nós é tudo sobre possessão, sangue, *dominação*. Esses movimentos serão mais fortes se eu estiver dentro de você. Quando se tornar uma vampira não terei que me conter tanto.

— Eu? Tornar-me uma vampira? — *Uau.* Nunca pensou que aconteceria para ela, só para Saroya.

263

— Quando eu disse que a manteria para sempre, *eu quis dizer isso.*

Ela engoliu em seco pela intensidade em suas palavras, o flash das presas. Claramente uma discussão para outro dia...

—Tenho uma ideia. Vamos tirar nossas roupas e nos divertir no sofá. Se eu tropeçar e cair de boca no seu pênis, então não será culpa sua.

— Perder sua virgindade ficando por cima?

— Eu tipo meio que perdi minha virgindade.

O rosto dele ficou corado?

— Seria mais fácil pra você se eu ficar por cima do *seu* corpo, assim que você tiver se transformado.

Ela nunca o viu tão dilacerado. Justamente quando estava prestes a desistir, ele soltou o ar dos pulmões fortemente.

— Não posso lutar com isso. — Ele despiu sua parte de cima. — Por que agora minha mente se apoderou da imagem de você *caindo de boca* no meu pênis. Já quase posso sentir isso.

Sem o menor cuidado pelas suas roupas, ele rasgou seu cinto e a calça. Quando sua ereção saltou livre, ele a riscou para o lugar habitual deles.

Enquanto se sentou gloriosamente nu no sofá, ela ficou de pé entre seus joelhos, escapando de sua bermuda.

— Você está nervoso, Lothaire?

— Houve um tempo. — Ele esquadrinhou seu olhar sobre ela. — E quero que sua primeira foda seja...

— Suprema?

Seus lábios se curvaram no sorriso mais sensual que ela já viu em um homem, e ela por um breve instante esqueceu como desatar a parte inferior do seu biquíni.

Ela suspeitou que Lothaire ansiava por esta excitação. Agora seus olhos estavam incandescentes, sua respiração superficial. Uma de suas pernas se movimentava pra cima e pra baixo.

Assim que ficou nua se arrastou para seu colo, subindo nos seus joelhos e se espalhando sobre ele.

— Irei para dentro de você. — ele disse, como se só agora estivesse aceitando isso. Seu eixo se projetava em antecipação, a cabeça quase encontrando seu sexo.

— Armado para o urso de novo? — ela brincou, fazendo-o sorrir mais uma vez.

— Eu de fato vim armado para um urso. — Ele se inclinou sempre muito suavemente para roçar suas presas junto ao seu pescoço. — Só para encontrar uma borboleta.

Ela estremeceu. Ele podia ser tão encantador, tão sedutor quando queria ser.

264

— Quero beijar você, Lizvetta.

Ela avidamente se inclinou para apertar seus lábios contra os dele.

Mas ele tomou a iniciativa, inclinando-a em seu braço. Com seus lábios sobre os dela, ele a forçou a aceitar as investidas fortes de sua língua, até que parecia como... sexo, como se ele estivesse fodendo sua boca com a língua.

Ela deu um gritinho contra os seus lábios quando ele mergulhou um dedo dentro do seu sexo por trás, empurrando-o sincronizado com seu beijo. Como ele mergulhou um segundo dedo dentro, ela pensou, e *le está me preparando*.

Inúmeras vezes ele beijou e empurrou... mais duro. Mais rude.

Não, ele está me avisando.

Em vez disso, ele deixou sua imaginação em chamas. Ela viu o modo como ele se movia; o que mais poderia fazer com aquele corpo pecaminoso? O que eram aqueles movimentos que ele continuava fazendo?

Ela e Lothaire tiveram alguns momentos de toque-e-vá juntos, mas o êxtase sempre se seguiu.

Quando a liberou do seu beijo ela estava ofegante, numa névoa de desejo.

— Estou *pronta*, Lothaire.

Ele disse a ela que a frase, *acordo com o diabo* veio dele. Ellie sentiu como

estivesse prestes a vender sua alma.

— Você realmente confia em mim para não te machucar. — Lothaire agitou sua cabeça de forma dura, perguntando-se exatamente quando concordou em reivindicá-la.

Antes ela disse que era do tipo sacana. Agora percebeu que poderia *nunca* parar de enrolar.

Mas não havia volta atrás. Até um homem melhor do que ele faria qualquer coisa para possuir esta adorável criatura — com sua pele de mel e sensuais marquinhos bronzeadas, com seus longos cachos balançando até fazer cócegas em seus mamilos. Aqueles ardentes olhos cinza...

Muito menos um vampiro que desejou sua rainha por tanto tempo.

— Confio mesmo em você, Leo. Você é o meu cara. — ela murmurou, olhando para ele por baixo de suas pestanas. — Você vai cuidar de mim esta noite.

Como suas palavras podiam fazer seu peito se apertar? Deixá-lo desesperado para não machucá-la?

— Então não posso tocar você. — Ele entrelaçou seus dedos atrás da cabeça. — Não até que saiba que posso passar por isso.

— Você faz soar como uma provação.

265

Será.

— Só saiba que está por sua conta.

— Ótimo. Posso fazer isso. Quanto pode ser duro

— Como um fodido ferro.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Então somos um casal perfeito, porque estou me sentindo quente como uma fornalha bem agora. — Tomando-o na mão, ela o acariciou sem pressa, de cima abaixo... pra cima... pra baixo, deixando seu controle aos pedaços.

Mal reconhecendo sua voz, ele disse.

— Comece, Lizvetta. Monte em mim.

Ela mordiscou seu lábio e concordou, abaixando-se sobre ele.

Quando a ponta do pênis encontrou seu sexo úmido e macio, ele quase se derramou contra sua abertura.

— Deuses todo-poderosos, você está *apertada*.

Ela alargou os joelhos, mas só foi capaz de tomar a cabeça dentro.

—Lothaire, por favor...

Não toque nela! Se ele agarrasse seus quadris a puxaria pra baixo em seu comprimento, rasgando sua carne tenra. Seus dedos entrelaçados se apertaram até que pensou que seus ossos estalariam.

— Você está... fazendo... bem. — Ele deixou suas mãos cair, apertando-as aos lados.

Mais uma vez ela arreganhou seus joelhos, mas caiu na armadilha rapidamente.

— Não posso descer mais. Oh, Deus, *preciso* abaixar mais.

Ele grunhiu.

— E como exatamente planejou me tomar?

Ela piscou.

— Pensei que era só deslizar pra baixo.

— Então precisarei de você escorregadia, precisarei de você gotejando. — Ele recuou para contemplar seus seios inchados. Bem diante de seus olhos um rubor radiou sobre sua pele flexível, provocando-o com todos os lugares que ele podia perfurá-la. — Traga seus seios até minha boca.

Quando ela fez, ele segurou seu olhar enquanto encostava o nariz em um mamilo. Fechando seus lábios sobre ele, lambeu o cume...

266

— Lothaire! — Quando começou a sugar ela ondulou, trabalhando para empalar a si mesma.

Agonia. Ele sentiu como se fosse explodir, a segundos de bombear dentro dela só com a cabeça dentro. Com um gemido ele perfurou seu mamilo, uma picada minúscula de sua presa, sangue fluindo para sua língua que lambia. Deliciosa! Algum dia ele teria o suficiente disso?

Ela gritou. Com dor? Não, estava arqueando as costas.

— Lothaire, chupe mais *forte*.

Ele fez, até que a sucção em seu mamilo estava quase a mantendo na vertical.

Quando se forçou a parar, ela choramingou, apressadamente segurando seu outro seio para tentá-

lo novamente.

— Aqui.

Ele roubou outro gosto. Contra seu seio, molhado pela sua boca e seu sangue, ele falou áspero.

— Não posso tomar mais.

Agarrando seus ombros, ela murmurou.

— Nem eu. — E ele ainda nem a penetrou. — Você realmente é muito grande.

Ela começou a rastejar pra fora dele. *Para longe de mim?* Suas presas ficaram ainda mais afiadas, seus instintos o comandando...

Risque com ela para a cama, prenda-a embaixo de você.

Tome seu sangue, inunde-a com sua semente.

Ele agarrou sua cintura minúscula, interceptando-a, só prevenindo suas garras de se cravar em sua pele.

— Ahn-ahn, Lizvetta.

— Nós não encaixamos!

— Nós iremos. Não deixarei você ir até que eu tenha reivindicado você. — *Me perdoe.* Seus quadris corcovaram, impelindo-a sobre seu eixo, enviando-a pra cima, então deslizando de volta pra baixo.

— Lothaire! — Sua voz era uma mistura de dor e desejo. — Solte-me!

— Não. Porque neste exato momento, você não é — outro salto de seus quadris — ainda — um impulso mais forte — *minha!* — ele rosnou quando atingiu o fundo do seu sexo.

Com um grito sufocado, ela curvou sua cabeça pra frente, seu corpo tremendo contra o tórax arfante dele.

— Olhe pra mim. Machuquei você? — ele perguntou, ignorando as vozes em sua cabeça, aquelas clamando, *Prenda-a, reivindique-a, faça-a entender quem a marcará.*

267

Quem vai dominá-la.

Ela mordeu seu lábio, sua expressão solene.

— Doeu um pouco, Leo.

Não, nunca machucar você! Ele se agitou, interiormente cantando, *Xeque-mate. Xeque-mate.*

Elizabeth como minha rainha. Não posso assustá-la.

Ela nunca soube da batalha dentro dele quando começou a manobrar sobre seu eixo. Ele espalhou os dedos no traseiro dela, sentindo sua carne se mover tão sensualmente quando ela testou seu corpo, seu ajuste apertado.

Porra, ele estava latejando dentro dela! *Não, controle-se!* Ele rangeu os dentes, suor umedecendo sua pele.

Quando ela deu uma cautelosa balançada com seus quadris, seus olhos se encontraram, ambos se perguntando como ela reagiria.

As pálpebras dela ficaram pesadas... um gemido deslizou de seus lábios.

Ele estremeceu em resposta. Ocorreu a ele que realmente estava assistindo sua mulher — *sua* —

descobrir este prazer pela primeira vez. A ideia o satisfez de modos que não poderia descrever.

Quanto tempo esperei por isto, esperei por ela.

— Agora só vai ficar melhor. — Ela tocou sua testa contra a dele.

— Bebê, posso sentir seu coração pulsando dentro de mim.

Logo você sentirá de mais modos do que imagina.

— Você nunca pode tomar isso de volta, Lizvetta. Eu te reivindiquei para mim. — *Mas não completamente.* Ele ainda precisava morder o pescoço dela. *Ritual.* A marca era um sinal desta reivindicação, o selo entre eles.

Afunde suas presas nela. Faça-a se contorcer nelas também.

Justamente quando seus olhos se fixaram num ponto do pulso em seu pescoço, ela sussurrou.

— Nunca soube que poderia ser assim. Lothaire, nunca me senti tão próxima de outra pessoa.

Ele arrastou seu olhar até o dela. Com a voz grossa, ele admitiu.

— Nem eu.

Ela sorriu.

— Bom.

Não a machuque. Somente gentileza. Não a assuste.

Esta noite Lothaire, você não chega a ser um vampiro com ela.

268

Em russo, ele disse a ela.

— Pequena mortal, você mudou *tudo*.

Como posso te querer tanto? Para negar o que sou?

Porque ele estava sentindo algo mais forte por ela — um sentimento profundo até os ossos de possessividade, de *proteção*.

Ninguém jamais machucaria a mulher em seus braços, nem mesmo ele.

Capítulo 42

Quando Ellie se levantou e deslizou de maneira hesitante pela primeira vez, os olhos de Lothaire se arregalaram, então ficaram encobertos mais uma vez.

Ele estava tão chocado quanto ela por como aquilo parecia *certo*?

Até mesmo sua íris parecia mais nítida, sua forma mais definida, seu olhar

lúcido quando se fechou no dela.

Conexão...

No passado Ellie nunca comungou com outro, nunca olhou nos olhos de um garoto e sentiu algo mais profundo do que a necessidade de liberação.

Agora, com Lothaire... ela sentia.

Isso era mais do que apenas sexo; era um laço, como uma promessa entre eles.

Pensou que sabia que tipo de homem ela queria. Agora percebia que sempre precisou deste amante vampiro com seus olhos vermelhos famintos e sua existência de anseios.

Ele ansiava todo esse tempo por mim.

Quando ela lentamente começou a montá-lo acariciou seu rosto, debruçando-se para beijá-lo com todos os sentimentos borbulhando dentro dela. Ele encontrou sua boca com a língua ansiosa e lábios inflexíveis.

Proteja o seu coração, Ellie. Mas o seu beijo possessivo... quem poderia se proteger disso?

Ou das sensações cascadeando sobre ela? Seus mamilos se arrastando de cima abaixo pelo seu peito musculoso, suas mãos quentes marcando como ferro toda sua bunda.

Quando ela recuou ofegante, ele disse asperamente.

— Olhe para sua expressão. Você está apaixonada por mim.

Ela mal podia pensar, mas por algum motivo não queria que ele tivesse esse poder sobre ela.

269

— Eu não estou apaixonada por você. — *Eu poderia estar apaixonada por*

você.

— É claro que está.

Proteja seu coração!

— E... eu nunca disse isso.

— Ah, mas eu sou *eu*.

— Lothaire, você é sempre tão malditamente falador durante o sexo? Eu posso fazer um chá...

Ele deu uma risada aflita, então gemeu quando ela remexeu seus quadris.

— Lizvetta! — Ele pulsou dentro dela. — Mais *disso*.

Ela já estava se aproximando do seu auge, mas queria ver o seu prazer. Isto não era apenas sobre ela ter um orgasmo, ela necessitava satisfazer seu homem. Ela diminuiu o seu ritmo.

Um erro.

— Mova-se comigo! — Ele enrolou seus cabelos em torno da sua mão, puxando-a de volta para lambar seu pescoço. — Mais forte, mais rápido.

Como se Lothaire jamais se permitisse ficar insatisfeito.

— Vou ter mais de você! — Ele liberou seus cabelos para apalpar seus seios. — Dando ou tomando.

Ela colocou os braços em volta do seu pescoço, cavalcando-o com abandono. No entanto, quando viu seus olhos, sua clareza desvaneceu.

Um rosnado começou a emanar dele quando seu eixo inchou dentro dela ainda mais. Seus lábios se afastaram para exibir suas presas.

— Preciso foder você mais duro. — Ele parecia selvagem, os olhos como fogo.

O medo a percorreu.

— Lothaire...

Ele a envolveu nos braços e riscou para a cama... com ela presa embaixo dele.

Quando ele empurrou dentro de Elizabeth, Lothaire rugiu para o teto com a certeza de como aquilo era correto.

Ele era um vampiro nascido e ela sua mulher predestinada — agora imobilizada na cama.

Através da névoa de prazer incomensurável sentiu sua tensão sob ele. *Não, ela pode me tomar.* Ele se retirou para outro impulso, mergulhando em seu sexo apertado.

270

— D-duro demais. — ela sussurrou.

— *O que? Quero* isso duro! Você vai me dar o que eu quero.

— Por favor, seja gentil comigo, Leo. — Ela se inclinou para beijar seu pescoço roçando levemente com seus lábios. Como asas de uma borboleta.

Sua mortal. Tão delicada. Como ele podia facilmente quebrar seu corpinho.

Fim do jogo. Essa criatura é a minha rainha. Disposto a machucá-la com minha força amaldiçoada.

Mas como ele poderia se manter enfiando dentro dela? Quando cada vez que o fazia, seu canal o acariciava— um paraíso úmido e sedoso que esfregava em cima da cabeça do seu pau como uma língua, então apertando seu eixo dolorido como um punho...

Ninguém irá machucá-la, inclusive eu.

Ele rangeu os dentes, em seguida esticou o braço se erguendo. Enjaulando-a com o seu corpo imóvel, ele deslizou seu polegar sobre seu clitóris.

—Trabalhe seus quadris pra cima e pra baixo sobre mim. — Puxando suas últimas reservas de controle ele se impediu de empurrar, até que seus músculos começaram a tremer com o esforço e o suor escorrer pelo seu peito.

Então... sua Noiva começou a se mover debaixo dele.

—Ah, isso! — Ele abaixou a cabeça para sugar seus mamilos duros. — Mais rápido. — ele rosnou em volta de um bico, dando-lhe uma mordidinha com suas presas, estimulando-a.

— Oh!

Ela gostava disto. *Estava tão molhada.* O cheiro de seu delicioso sexo o fez estalar,

— Mais rápido! — *Me tire do meu sofrimento.*

Suas mãos voaram para o seu traseiro com dedos crispados, usando-os para puxá-la pra cima. Seus gemidos ficaram mais altos, mais urgentes.

— Você vai me dar isso sempre que eu quiser... vai me deixar fazer o que eu quiser com você. — ele grunhiu. — Porque você é a minha Noiva, Lizvetta. E tenho muitos anos para compensar.

Entre respirações ofegantes, ela perguntou.

— Eu realmente sou sua?

— Até o dia em que eu morrer. — ele disse com a voz tensa. A pressão crescente em seu pênis o chicoteou com a necessidade de mover seus próprios quadris, os apelos vampíricos que ele negava cada vez ficavam mais fortes. De alguma forma ele ainda se continha.

Mas precisava marcar seu pescoço. Suas presas estavam gotejando por ela, tão afiadas como nunca estiveram.

— Preciso morder você.

— Sim! Faça.

— Uma mordida de verdade. No seu pescoço.

Sem vacilar ela virou sua cabeça de lado, oferecendo aquela pele dourada.

Ele doía por perfurá-la.

— Vou tentar não machucá-la... — *Devo fazer uma mordida limpa.* Ele arreganhou suas presas em cima dela, pressionando as pontas contra o seu pescoço.

Elas afundaram profundamente, como se ela o estivesse atraindo para dentro dela.

Perfeição.

Ele a sentiu gritando:

— Oh, Deus, sim!

Delirando com a sensação, ele engoliu o fluxo quente. *Consuma-a completamente.* Seu sangue fluiu de verdade, como se diretamente ao seu coração, unindo-os.

— Lothaire! — Ela arqueou embaixo dele. — Estou... estou gozando! — Suas unhas marcaram sua pele.

Ele rosnou contra ela, apreciando suas marcas nele. *Consumindo-a.* Quando ela chegou ao clímax, ele sentiu seu sexo ordenhando seu órgão, exigindo seu tributo.

Tome assim como eu dou. Tome...

Não. Não poderia tomar mais sangue, nem poderia plantar sua semente. *Não*

posso gozar dentro dela. Como ele tão desesperadamente precisava fazer.

De alguma forma ele lutou contra a felicidade absoluta de sua mordida, uma retidão que ele nunca conheceu. De alguma maneira ele liberou seu pescoço.

Suas costas se curvaram mais uma vez. Sua cabeça se debatia. *Gozando novamente?*

— Ah, Deuses, eu sinto você! — A pressão latejando em seu pênis o fez lançar sua cabeça para trás e berrar. — *Lizvetta! Eu reivindico você...*

No último segundo, ele puxou os quadris pra trás, justamente quando o sêmen começou a bombear dele, jato após jato marcando seu corpo macio.

Lothaire desmoronou ao seu lado com o coração trovejando, ainda languidamente empurrando contra o quadril de Ellie.

— Você é minha agora. — ele rosnou, sacudindo sua língua contra a marca de sua mordida.

272

Atordoada. Não consigo me orientar. O vampiro não tinha mais conhecimento dela. E ela não poderia estar mais feliz.

Ele se ergueu sobre um cotovelo e afastou os cabelos úmidos de sua testa jogando-os para trás, inclinando-se para beijá-la de tempos em tempos.

Quando ela conseguiu articular as palavras novamente, perguntou:

— Por que você gozou fora?

— Não posso te deixar grávida.

Ela franziu a testa.

— Você disse que queria herdeiros.

— Não teremos nenhuma descendência até que você seja um vampiro. Amanhã a Bruxa te dará uma poção de contracepção para durar um mês ou dois.

Tão arbitrário. *Nem mesmo me perguntou?*

— Posso dizer alguma coisa?

— Apenas uma hora atrás você concordou que eu tomaria as decisões por nós.

Bem, então tá. Ela lhe lançou um sorriso.

— Você está certo. Calcinhas em poções.

Com um olhar enigmático ele disse.

— Vou guiá-la corretamente, se confiar em mim.

Ela olhou fixamente em seus olhos. Podia confiar cegamente num homem como ele? Ela se forçou a acenar com a cabeça.

— Você também vai precisar de uma tatuagem de camuflagem. Tenho muito a te mostrar fora destas paredes, Elizabeth.

— O que? — ela perguntou sem fôlego, porque ele já começava a endurecer para outra rodada.

— Nada menos do que o mundo inteiro, menina bonita...

No fim da noite quando ela pediu só mais uma vez, ele sacudiu a cabeça.

— Não importa o quanto eu quero você. — Ele a arrastou para perto até que estivesse deitada em seu peito.

— Estou bem. — ela disse sonolenta. — Sua mortal pode sair até mesmo com os grandes e malvados vampiros.

Ele colocou o dedo debaixo do seu queixo, erguendo seu rosto.

— Vamos deixar para conversar quando você acordar. — Ele parecia estar realmente olhando para ela.

— Suas íris estão tão afiadas agora.

— Minha mente está tranquila.

Ela se aconchegou mais perto dele.

— Isso me deixa feliz, Leo.

— Você me agradou essa noite. — Ele pressionou um beijo em seu cabelo.

— Acima de tudo, você me agradou.

É ele. Lothaire é para mim. Acordo com o diabo? Se isso é errado, não quero estar certa.

Quando ela adormeceu se sentia protegida, cuidada.

— Fico feliz que você tenha me escolhido.

— Eu também estou. — Então, num embalo, adorando murmurar, ele disse.

— Mas nunca me traia, Lizvetta.

Depois que Elizabeth dormiu Lothaire permaneceu acordado, querendo desfrutar desta paz rara.

Sua respiração em meu peito. Aliviando a tensão de cada músculo. Um relaxamento quente.

Sua companheira. Reivindicada. Ela era a coisa mais primorosa que já possuiu.

Quando enroscou seus dedos por seus brilhantes cabelos escuros, seus pensamentos eram surpreendentemente claros. Cristalino . *Vou descobrir*

uma maneira de contornar os meus votos de sangue.

Sua situação era apenas um quebra-cabeças para resolver.

E sou o mestre deles.

Seu olhar caiu sobre o diabolicamente difícil quebra-cabeças de dezoito peças entre sua coleção.

Levaria sessenta e cinco movimentos calculados para montá-lo — sem um único passo em falso.

Afastando Elizabeth para longe com um beijo em sua testa, ele riscou até sua cadeira.

Sessenta e cinco movimentos ridiculamente simples mais tarde, ele segurou o quebra-cabeças completado em seu aperto atordoado.

Então, Lothaire sorriu malignamente. *Estou de volta...*

274

Capítulo 43

Nunca vou me acostumar com isso, Ellie pensou enquanto as ondas lambiam seus pés numa praia isolada na França. Uma brisa amena dançava sobre sua pele, a maior parte estava nua em um biquíni.

Por quase três semanas Lothaire a levava até as costas sob o luar ao redor do mundo — depois da Bruxa ter lhe dado uma tatuagem druida de aparência legal em torno do seu tornozelo.

Mas a dor tinha valido a pena para poder ver o mundo.

— É lindo aqui, vampiro. — *Quase tanto quanto você...*

Ele estava descalço, sem camisa, vestindo apenas um jeans de cintura baixa. Gotículas do mar em forma de spray umedeceram seu cabelo e aspergiram em seu peito. À luz do luar sua pele era esplendorosa, seus os olhos

brilhavam.

Embora ele tivesse visto sua expressão emocionada em cada lugar que visitaram, seu olhar vigilante estava fixo no rosto dela.

— Obrigada por me trazer aqui.

Um aceno curto.

Depois daquela primeira noite de sexo alucinante Ellie tinha despertado dolorida, mas feliz, esperando que as coisas fossem diferentes entre eles. Em vez disso Lothaire a deixara com a Bruxa de novo, como se nada tivesse mudado.

Bem, exceto pelo escaldante beijo encurvador-de-dedos que ele lhe deu antes de partir. E então ele voltou cedo, perguntando:

— Se você pudesse ir a qualquer lugar no mundo, onde seria?

—Bora-Bo...

Ela ainda não tinha terminado as palavras e ele os riscou até lá. Sempre que estava com a Bruxa ela lia revistas de viagens, e então ele a levava para qualquer destino que ela levantava as orelhas, como um cachorro.

Aparentemente Lothaire esteve em todos os lugares. Ela ainda tinha que tocá-lo em todas as suas viagens. Ele lhe mostrou todos as Grandes: a Grande Muralha da China, as Grandes Pirâmides, a Grande Barreira de Corais. Além disso, as Maldivas, as florestas da Ásia, as Calotas Glaciares, as selvas...

Agora, ela olhava para baixo a água em torno de seus tornozelos.

— Uh, Lothaire, por que a água é cintilante?

—É a fosforescência.

Em cada destino ele ensinava coisas novas sobre a área. Parecia saber de tudo e ela sentiu que ele realmente gostava de ensiná-la.

— Fosfo... o quê?

275

Ele soletrou a palavra, então explicou:

— Organismos minúsculos que emitem luz quando perturbados.

— Sério? — Ela jogou água por vários minutos, fascinada.

— Você sabe, esta não é a última vez que você vai vê-lo.

Como alguém que teve prazos aplicados à sua vida — duas vezes —, ela achava difícil afastar a sensação de que a morte estava à espera.

— Antes de ir podemos caminhar mais para baixo na praia, talvez pegar algumas conchas? — Ela tinha uma prateleira no apartamento destinada só para conchas do mar.

— Como você quiser.

Eles caminharam em silêncio, perdidos em seus próprios pensamentos.

Estas semanas não foram perfeitas entre eles, claro. Quando resolveram dormir juntos, ele se acorrentava à cama. Como ele explicou:

— Sem mais viagens não planejadas para minha Noiva.

E tinham os assuntos sobre uma cadela agachada dentro de Ellie e um anel para ser encontrado.

Sem mencionar a tensão constante que ela sentia nele, como se estivesse lutando contra uma força dentro de si.

Uma noite depois de terem feito amor, ele murmurou.

— Gostaria de poder te dizer as coisas que passam pela minha cabeça. — Só o fato de que ele *queria* confiar nela significava muito.

— Você poderia me ajudar a vê-las de forma mais clara.

No entanto, não importa o quanto perguntasse, ele não contaria a ela. Talvez só estivesse ficando impaciente para transformá-la em uma vampira. Isso poderia explicar a tensão que começou a ver em seu rosto bonito?

Ela não estava tão ansiosa para ser transformada.

A ideia de se transformar em outra espécie era aterrorizante para ela. Como não poderia se lamentar por todas as coisas que estaria abrindo mão para sempre? O frango frito da sua mãe, waffles, cerveja.

Luz do sol. Ela perguntou:

— Já desejou passar um dia se espreguiçando sob o sol?

— Não posso sentir falta do que nunca tive.

— Mas eu podia.

276

— Vamos ver isso...

Acima de tudo, ela perderia seus entes queridos.

Ele disse:

— Você nunca mais vai vê-los, Elizabeth. *Eu* sou sua família agora, você aceitou meu nome no instante em que te reinvidiquei. Sua lealdade é só para mim.

Mesmo se ela acreditasse que poderia manobrar em torno desse anúncio, havia outras preocupações.

Ela aprendeu que praticamente não haviam mulheres vampiras no Lore — porque todas morreram de algum tipo de praga imortal — uma que afetava somente à elas.

— E se eu pegar a praga quando você me transformar? — Ela perguntou.

— Essa deve ser a última das suas preocupações. Preocupe-se com assassinos, guerras, torturadores. Mas não uma doença.

— O seu mundo é sempre tão violento?

Ele admitiu.

— O Lore é um... lugar cruel.

Para sobreviver nele Ellie teria de se tornar mais agressiva, até mesmo insensível. Ele contou que os que sobreviveram mais tempo foram os notórios, os imortais com reputação com base em algum golpe ousado ou ato corajoso.

Na prisão ela trabalhou tanto para manter sua humanidade. Agora seria esperado que ela jogasse tudo fora.

Será que ela gostaria de estar com ele tanto assim? Para mudar tão drasticamente?

Se o amasse, ela poderia. Mas ela não o *amava*. Nem um *pouco*. Mente sobre mente. *Só uma tola o amaria...*

Além disso, toda vez que sentia como se estivesse em perigo de se apaixonar por ele, eles tinham uma discussão sobre alguma coisa.

Algumas noites atrás quando ele esteve debruçado obsessivamente sobre seu premiado livro de contabilidade, ela limpou alguns destroços de suas diversas raivas e lavou suas roupas.

Ele ficou horrorizado.

— Você... você *limpa*?

— Alguém tem que fazer. Não gosto de dormir em lençóis sujos.

— Até podermos contratar funcionários mudaremos para outro quarto. Até

mesmo outra propriedade! Nenhuma Noiva minha *limpa*.

277

— Você continua tentando me mudar, meu jeito de falar e agir. Você vai alterar minha própria espécie para ajustar à sua. Quando *você* vai mudar alguma coisa por mim?

— Este cachorro antigo não vai aprender novos truques. Além disso, é dever da fêmea se ajustar ao seu macho.

Ellie mordeu a língua para não gritar com ele. Às vezes com ele, ela mordida a língua com tanta força que sangrava.

E eles brigaram por causa do seu ciúme irracional. Uma noite ele a levou para um riacho onde ela costumava nadar quando mais jovem.

— Por que me trouxe aqui, Lothaire?

— Certa vez você gostou deste lugar.

Ela amava aquele lugar. Porém sua emoção sobre o gesto atencioso desapareceu diretamente.

— Como sabe disso? — O vampiro deve tê-la visto aqui, à *noite*. — Você me *espionou*?

— Eu espiono a todos. Por que com você seria diferente? Logo você vai espionar comigo.

Então a ficha caiu.

— Oh, meu Deus, foi você quem machucou Davis, o garoto com quem eu estava. Você nos viu juntos e o atirou num barranco. Ele quebrou as duas pernas!

— Ele *viveu*? — Com os olhos estreitando, Lothaire murmurou. — *Não por muito tempo*.

Ellie mal o impediu de buscar seu antigo namorado com a intenção de cometer um assassinato.

Fazer com que ele perdoasse Thaddeus era uma batalha difícil.

— Qual é, Lothaire. — Ellie dissera. — Ele só quer nos visitar na casa da Bruxa. Ele pode ajudar a me proteger enquanto você está longe.

— Esqueça isso.

— Ele é seu melhor amigo. — Não necessariamente porque Lothaire não se importava nada com Thaddeus, mas porque o garoto se preocupava mais com Lothaire do que qualquer outra pessoa no Lore fazia.

— Como vou saber que não vai *mortificá-lo* com mais de seus beijos?

— Porque você sabe que estou apaixonada apenas por você. Além disso, pode confiar nele.

Qualquer outro homem teria me devolvido o beijo. — Quando ele permaneceu impassível, ela gritou: —

Você está com ciúmes de um rapaz de dezoito anos de idade!

— Ele tem 17.

Eventualmente ela ganhou de Lothaire. Ou ela assim pensava. Na casa da Bruxa ele imprensara o garoto uma parede com a expressão cheia de malícia.

278

— Elizabeth Daciano é a *minha* mulher.

Thad engoliu em seco.

— E ela com certeza é uma boa mulher, Sr. Lothaire.

— Mantenha sua boca para si mesmo hoje, garoto, ou sua coluna vai decorar nossa lareira...

Mas depois de suas brigas com Lothaire, sempre que a encontrava pensativa ele a surpreendia com novos presentes. Ele lhe trouxe joias do mundo inteiro. As joias da *própria* Ellie. Ela supunha que as outras eram dela também, mas estas novas eram especiais porque as escolheu especificamente para ela.

Ou a surpreendia com sexo perverso. Seu vampiro sensual tinha tantos truques na manga, e como estava mais confortável controlando sua força com ela, ele revelou um após o outro.

No entanto, cada novo movimento a fazia imaginar com quantas mulheres imortais deslumbrantes ele praticou antes dela. Ele uma vez disse que se deitava com uma nova a cada noite: feys cortesãs, garçonetes ninfas, e ocasionalmente uma demônio pastora.

Mas nunca uma *humana*, é claro...

De repente ele pegou sua mão. As mãos dela se encaixaram nas dele como uma luva sob medida.

Ela olhou de relance para ele e suspirou.

Lothaire era como um Deus de cabelos pálidos ao lado dela.

Ele fez uma pausa então, parecendo como se quisesse dizer alguma coisa, mas fechou a boca, andando.

Mataria para saber o que você está pensando... Ellie não queria quebrar essa tênue trégua com ele, não queria estragar esse período de lua de mel. Mas na primeira oportunidade precisava saber como eles expulsariam a Deusa.

Na noite em que trocaram seus votos, Ellie esteve muito esgotada com todo o desenrolar para perceber algo crítico. Quando ela perguntou como se livrariam de Saroya, Lothaire respondera:

— O anel ainda está em jogo, não é?

A clássica fala-de-Lothaire.

Ela foi tão ingênua prometendo que passaria por cima de todas as coisas que

ele fez com ela.

Naquele momento ela não teria dito nada. Reconheceu que tinha ele as cordas, e caramba, ela queria viver.

Agora, mesmo enquanto segurava a mão dele e se inclinava em seus braços fortes, ela se perguntou se poderia manter sua palavra.

Ela realmente queria passar por cima do seu ressentimento — em vez de apenas mentir para ele sobre isso e fazer um curativo mental.

Mas como poderia deixar para trás o seu tratamento com ela quando tudo o que ele estava fazendo agora só a lembrava disso?

279

Ele dizendo que nunca mais veria sua família novamente trouxe à sua mente como ele os ameaçou de forma tão cruel. Sem mencionar o fato de que ele a meteu no corredor da morte. Ela tentou argumentar que ele impediu Saroya de matar trancando Ellie longe. Disse a si mesma que ele salvou vidas.

Ellie disse isso a si mesma um montão de vezes.

E embora tivesse tomado a poção contraceptiva da Bruxa, ele ainda se retirava para gozar fora durante o sexo. Não que ela quisesse engravidar nesse momento ou coisa parecida, mas ele deveria estar horrorizado com a ideia de um herdeiro parte humano.

Toda vez que ele deixava sua semente em qualquer lugar exceto *nela*, ele a lembrava de todos os seus muitos insultos.

Mortal fraca, humana idiota. Ninguém nunca a fez se sentir tão carente.

Não era como se ele tivesse mudado de ideia sobre o que ela era, aceitá-la, estava apenas esperando o momento em que ela se *tornaria diferente*.

Fora a diferença em suas espécies, eles ainda eram de mundos distantes. Ele era da realeza. Ela era... Ellie. *Será que ele ainda me considera apenas uma “caipira retrógrada e vulgar”?* Ele provavelmente se envergonharia de mim

perto dos outros.

Deus, isso dói.

E como poderia se sentir confortável com ele quando percebia o quanto perigoso — e mal — ainda era?

Ela se orgulhou muito dele por não querer decapitar seu amigo.

Uma forma de estabelecer um padrão ali, Ellie...

Ele parou de andar, atraindo-a para perto.

— Se pudesse ter qualquer presente, o que seria? — A brisa sacudiu seus cabelos na face magra. —

Não se preocupe com dinheiro.

— Quitar a montanha da minha família. Talvez ter um lugar perto deles.

— Elizabeth... — disse ele em advertência. À luz do luar, seus olhos brilhavam como um animal preso em um farol.

— Está certo então, talvez algo para Balery? Você poderia tirá-la do seu livro! Inúmeras vezes a fey ajudou Ellie a tentar entender como um enigma como Lothaire. Na noite passada Ellie admitiu que seria um caso perdido para ele se pudesse ajustar apenas algumas coisas.

Balery respondeu:

— Você tem que entender que ele nasceu e cresceu num mundo fora do reino humano, numa época diferente. Eras atrás ele foi criado nesse castelo nefasto que você viu, sob o reinado de um déspota cruel, que também era seu pai. Mesmo que Lothaire seja um dos homens mais inteligentes que já encontrei, ele não tem sabedoria sobre os sentimentos das mulheres. Nenhuma. O seu será o primeiro relacionamento que ele teve com uma amante, a curva de aprendizagem precariamente íngreme...

Agora Lothaire disse.

— A dívida da Bruxa ainda não está quitada. Em todo caso, eu estava falando de um presente para *você*. — Claramente frustrado, ele murmurou. — Esqueça. Você simplesmente terá que suportar quando eu te trazer mais joias.

— Exatamente quanto você é rico, Leo?

Ele tinha começado a gostar quando ela o chamava assim porque era um nome só deles. Assim como ela aprendeu a adorar ser chamada de Lizvetta no seu sotaque rouco.

— *Nós* somos obscenamente ricos. Condizente com um rei e uma rainha. Eu sempre vou te prover.

E só pra mim. Talvez ela pudesse secretamente penhorar algumas de suas joias no futuro e enviar algum dinheiro para sua família.

Ele puxou a mão dela.

— A água está morna. Junte-se a mim para um mergulho.

Sorria Ellie.

— Você tem aquele olhar no seu rosto. Estou prestes a transar, não estou?

Depois de um trabalhinho rápido em suas roupas ele a alcançou, dando um tapinha em suas nádegas.

Ela se surpreendeu gemendo guturalmente.

— Na verdade — respondeu asperamente, amassando a carne que ele bateu quando a levantou, forçando suas pernas em volta da cintura dele. —, você está prestes a *transar*...

Algum tempo depois com as ondas quebrando em torno deles, Ellie gritou de prazer, gritando seu nome como uma oração, enquanto se agarrava a seus ombros molhados.

Imediatamente após ele deu um grito brutal e se retirou dela. Arfando em seu ouvido, ele bombeou seu sêmen entre seus corpos escorregadios.

Tão cuidadoso em não me deixar grávida. Aquela conexão que sentiu na primeira vez que fizeram sexo estava faltando agora.

Quando ele finalmente a soltou ela se afastou para lavar sua semente, seus olhos cheios de lágrimas.

— Lizveta? — Ele roçou as costas dos seus dedos ao longo de sua bochecha. Tamanha força nele e ainda podia acariciá-la tão gentilmente. — Olhe para mim. — Quando ela fez, seu olhar parecia queimar de emoção. — Machuquei você, amor?

Como ele poderia fazer seu coração derreter tão facilmente? Quando olhava assim para ela, todas as suas defesas desmoronavam.

— Não, não é isso.

281

Com uma voz rouca, ele disse a ela:

— Você é minha. Sua vida está comigo. Não lute contra isso.

A ternura em sua voz a fez querer jogar os braços ao redor dele e admitir o quanto se importava com ele.

Mas se forçou a dizer a verdade.

— Às vezes tenho dúvidas.

— Dúvidas? — Como um tiro, ele enrolou uma mecha do seu cabelo em torno do seu punho, sua expressão alterada carregada de ameaça. — O tempo para dúvidas *acabou*. Isso está decidido, Noiva.

— Lothaire...

— Se nós nos separássemos eu traria você de volta para mim. — respondeu

asperamente. — Não há nenhum lugar no mundo que eu não pudesse encontrá-la.

Vindo de qualquer outro homem, essas palavras poderiam ser uma promessa de futuro. De Lothaire, não eram nada mais do que ameaças.

Coloque-o com os outros.

Snap!

— Em nenhum lugar, Elizavetta. — Repetiu ele com os olhos em chamas. Um contraste tão grande aos seus sentimentos anteriores sinceros.

Era como se dois homens estivessem de pé diante dela, um que precisava amar e ser amado, e outro que só queria a Noiva que acreditava ser sua pelo destino. Nenhuma das versões *sabia* amar.

— Entedi, Lothaire.

Ao longo das últimas semanas, seu elástico tinha se esticado tanto que teve que se perguntar por que não arrebentou ainda.

Capítulo 44

Ela não está apaixonada por mim, Lothaire pensou quando deixou Elizabeth na casa da Bruxa.

Isso o deixou extremamente perplexo.

Ele satisfez sua Noiva, mimou, protegeu. Quis lhe dar a imortalidade e torná-la da realeza. Era o homem mais bonito que ela já viu.

Mesmo assim continuou a se resguardar.

Ela o enlouquecia completamente! Por que se agarrava a sua família miserável? Por causa da sua antiga vida?

Ele não tinha respostas —porque ainda não tinha sonhado nenhuma das memórias da sua Noiva...

Em sua saudação a Bruxa disse.

— Thaddeus perguntou por você mais cedo. — A fey exibia listras de uma pasta púrpura num lado da face e nas mãos. — Ele quer ir em sua missão de vingança para cuidar de você.

— Do pizdy27. Ele faria bem em esquecer que já me conheceu.

A Bruxa não discordou.

— Já tentou explicar para o garoto o que você realmente gosta?

— Mostrei a ele. Caí no seu pescoço dez segundos depois de conhecê-lo, logo depois que me ajudou a sair de um lugar apertado.

E daquelas poucas gotas de sangue, ele roubou as memórias de Thaddeus com bastante facilidade.

Lothaire já tinha experimentado algumas delas, sonhou correndo no sol, sentindo o calor na sua pele.

Não é de se admirar que sua Noiva temesse a perda.

— Por que ninguém acredita que ainda sou mau? — ele perguntou a ela.

— Oh, eu acredito. Honestamente. — Elizabeth disse solenemente antes de se virar em direção ao banheiro. — Vou lavar a água salgada. Não vá até que eu volte!

Enquanto assistia ela se afastando, ele pensou. *Ela não acredita que sou mau, não realmente.*

Ontem quando retornou à casa da Bruxa buscar Elizabeth, ela estava adormecida. Cuidadosamente a ergueu nos braços e ela enterrou seu rosto no seu peito tão confiante. Baixou o olhar para ela pensando perturbado. *Ela ainda não faz ideia do que eu realmente sou capaz de fazer, nenhuma ideia*

do que fiz.

O que eu faria para possuí-la para sempre.

Agora ele exalou uma rajada de ar, sentando-se à mesa da sala de jantar. Num tom baixo ele perguntou à fey.

— Elizabeth fala de mim? — A Bruxa deu um aceno com a cabeça cauteloso.
- E? Quais são seus sentimentos em relação a mim?

— Eles variam de acordo com seu comportamento. — Ela deixou cair umas folhas numa panela. —

Incrível como isso funciona.

Seus olhos se estreitaram.

— Cuidado, Bruxa. — Novamente seu humor estava em falta. Ele passou o dia sonhando inutilmente suas próprias lembranças mais uma vez.

— Ela não me disse que te ama, se é isso o que quer saber.

27 Do pizdy é não me importo em russo.

283

Era. Ele precisava que Elizabeth se apaixonasse por ele — porque só então ele poderia confiar em sua lealdade a ele.

No entanto um macho menos confiante poderia suspeitar que ela ainda o odiasse por todos os seus pecados contra ela e apenas aguardasse até que pudesse estar livre dele.

E livre de Saroya.

A Bruxa perguntou.

— Você não vê seus pensamentos em sonhos?

Ele beliscou o alto do nariz.

— Nenhum. — Embora continuasse a beber dela.

Sempre que ele dormia Elizabeth era como um lugar tranquilo em branco na sua mente. E não importa quanto ele solicitasse, ela nunca falava sobre seus sentimentos .

No entanto, todas as noites ela dizia ou fazia algo para lembrá-lo do quanto ansiava por sua família.

Embora se sentisse como um insignificante e ciumento amante, sabia que se ela foi leal a eles, então não poderia ser completamente leal a ele. A situação seria propícia para traição, porque ela escolheria os interesses deles acima dos seus se um conflito surgisse.

Vamos ser realistas, quando não estou em conflito com aqueles humanos malcriados?

Cortar o contato com eles era o mais sensato. Os noticiários declararam que Elizabeth foi mortalmente ferida numa fuga da prisão que deu errado. Sua família acreditaria que ela estava morta.

— Você está cedendo seu coração para ela. — A Bruxa observou.

Ele olhou em direção a Elizabeth.

— Ela é — ele fez uma pausa, em seguida admitiu. — estimada. Se qualquer coisa acontecer comigo, você a protege. Procure um modo de libertá-la.

A fey assentiu.

— Por falar em algo acontecendo com você, Dourada foi sentida no Sul, próxima ao coven das Valquírias na Louisiana.

A feiticeira viveu anteriormente na Amazônia; agora estava na Louisiana? Apostava que a múmia horrorosa e seus lacaios Wendigo estavam escondidos no pântano.

— Vou lá esta noite. — Ele riscaria até um bar bayou²⁸ chamado Erol's, um freqüentado por dezenas de imortais. Quem sabe Dourada viajou para aquela área por causa da energia do Lore. Ou talvez sentiu que *ele* esteve ali recentemente.

— Saroya se levantou? — A Bruxa perguntou.

28 Bayou é a designação vem do Choctaw, bayuk, que significa “pequeno córrego”. A palavra é mais associada ao povo Cajun que se refere a áreas alagadas ou pantanosas que proliferam à margem do Mississippi.

284

— Uma vez. Enquanto Elizabeth dormia. — A garota nem sequer soube.

Ele não perdeu tempo castigando Saroya, descontando sua fúria nela.

— Você sabia que não era a porra da minha Noiva!

— Você tem tanta certeza?

Como ele podia ter sido enganado?

— Você não é minha. Vou procurar o sol do meio dia se me emparelhar com você. — Ele não disse a mesma coisa a Elizabeth? Ele se encolheu quando pensou no quanto a insultou. — Você sabia o tempo todo que eu não era predestinado a você.

— Eu usei sua própria arrogância como uma arma contra você. Um arsenal tão abundante. Além disso, no fundo você reconheceu Elizabeth como sua, mas se recusou a aceitar. O que é bastante compreensível, Lothaire. Independente disso, você a abandonará por mim, porque ainda quer que suas coroas. — Ela baixou o olhar para o corpo de Elizabeth com desprezo. — Mesmo que esteja obviamente se acasalando com ela.

— Encontrarei outra maneira de obter meus reinos.

— Se descobrir uma maneira de um vampiro quebrar um voto ao Lore me avise...

Seus votos o amarravam como algemas, forçando-o a um caminho ao qual não podia se virar.

Eles o compeliavam a procurar incansavelmente. Para passar um tempo com Elizabeth ele teve que resistir a compulsão, mas só podia fazer isso por uma quantidade muito limitada de tempo.

Ela retornou então de banho tomado, vestida, carregando um prato com o café da manhã.

— Você vai ser agradável com todos os outros vampirinhos enquanto está fora procurando hoje a noite?

Ele ignorou o olhar inquiridor da Bruxa. Sabia que a oráculo se perguntava qual o seu Xeque-Mate agora.

Lothaire só desejava que fosse tão claro quanto foi há um milênio.

— Claro.— Ele ficou de pé. — Vou partir agora.

— Pelo menos me beije como se fosse sentir minha falta, Leo. — Elizabeth exigiu num tom insolente que o fez querer fazer nada mais do que riscar de volta pra sua cama. — Outra coisa, não acho que você é doce comigo.

Os cantos de seus lábios se curvaram. Ele gostava de seu sotaque agora. Mesmo se não tivesse começado a achar seu sotaque das montanhas sexy, era um trunfo para ela — as pessoas a ouviam falar, viam sua beleza e a subestimavam.

Assim como ele fez. *Golpe baixo*. Mas não mais. A cada dia ele estava aprendendo a mulher formidável que ela era.

285

Sempre que viajavam sua mente afiada absorvia o conhecimento como uma esponja. Ensiná-la se mostrou gratificante, agradável. E visitar esses lugares com ela o lançava sob uma nova luz, tornando-os excitante para ele mais uma vez.

Ela o fazia se sentir jovem e vivo.

Elizabeth Daciano era uma droga para um macho como Lothaire.

Então por que não podia evitar o sentimento que estava se afastando dele?

Ele se curvou para pressionar seu lábios nos dela, levando seu perfume suave para dentro dele.

— Vai se preocupar comigo quando eu for?

Ela balançou sua cabeça.

— Mas vou ter pena de qualquer um que cruza com você.

Seu peito se oprimiu. *Como uma droga, Elizavetta...*

Relutante ele riscou pra longe. Assim que apareceu no estacionamento do Erol's do tipo ostra, ele percebeu uma forte presença. Dourada estava perto.

A Chuva desabava e trovões retumbavam. Música soava alta de dentro da cabana em ruínas de um bar. Os odores de tantos dos seus inimigos misturados num só lugar o fazia desejar que tivesse trazido uma bomba mística. *Para erradicar todos eles tão facilmente...*

Não. Foco.

Ele cruzou a margem de água negra, espiando um velho pato cego distante no meio de uma enseada. Riscando para o cego, ele se agachou em cima dele, escutando Dourada.

Acima do ruído da chuva forte ouviu apenas sons esperados — répteis deslizando através do pântano, um grito estridente perdido de uma Valquíria. Ele cheirou o ar úmido, percebendo um leve rastro da pele apodrecida de Dourada, mas não conseguia identificar sua fonte.

No passado ele teria esperado aqui até amanhecer perseguindo seu inimigo, prevendo sua próxima batalha em detalhes sangrentos.

Agora ele estava impaciente, sabendo que seus pensamentos ficariam mais caóticos a cada momento que estivesse longe de Elizabeth.

Relâmpagos bifurcavam no céu, momentaneamente incandescendo o bayou. Os olhos reflexivos das criaturas do Lore brilhavam ao redor da água. Nenhum deles era a sua presa.

Onde você está, Dourada? Ele não tinha tempo para persegui-la...

Sua cabeça se sacudiu ao redor quando pegou aquele cheiro mais uma vez. Lançou-se riscando, desembarcando no perímetro do bayou, girando no lugar. O cheiro parecia vir de todos os lados.

Então vou vasculhar cada centímetro deste lamaçal esquecido por Deus. Meio riscando, meio correndo, ele começou a cobrir a distância se desmaterializando através das moitas de espinhos, em seguida surgindo em torno das árvores.

286

Os ventos começaram a uivar, o lençol de chuva fustigando lateralmente, dispersando o cheiro.

Ainda assim ele correu, seus pensamentos ficando tão emaranhados quanto a vegetação rasteira.

Encontrar Dourada. Matá-la. Então nada vai me distrair do anel.

Ele considerou perdoar a dívida do Magistrado em troca da localização do Webb. Afinal, Chase certamente odiava Webb; o comandante virou as costas pra ele e “estudou” Regin.

Mas Lothaire sabia que o Magistrado não diria nada a ele. Desprezava Lothaire até mais do que ao homem que ordenou abrir sua mulher — enquanto ela estava consciente.

Navegando num amontoado de ciprestes, Lothaire se desviou de um ramo, surpreendendo um bando de metamorfos de crocodilos e ninfas que bebiam com eles.

Os seres o viram e gritaram com medo, então dispersaram em todas as direções.

Ele não deu nem um silvo pra eles. Aquele cheiro... por que não podia localizá-la na terra... ?

Não, não haveria negociação com o Magistrado; entrar nas lembranças de Chase era a única forma de Lothaire recuperar seu anel. Contudo em vez de sonhá-las, continuava a experimentar suas próprias memórias.

Sua última? Lothaire reviveu a noite que finalmente capturou Stefanovich para Fyodor, séculos depois que a tortura de Lothaire terminou.

Num acesso de raiva irracional, Lothaire torturou Stefanovich por horas — dias — divertindo-se com as súplicas de misericórdia do seu pai. Assim que Fyodor deu a ordem, Lothaire levantou sua espada para o golpe fatal, estabilizando-se o suficiente para compreender que o coração do rei estava batendo.

— Blyad! Ele foi sangrado, tio.

Fyodor pareceu horrorizado.

— Então ele pode ter gerado um herdeiro secreto.— Ele pressionou a extremidade de sua própria espada contra a garganta de Stefanovich, começando a cortá-lo de um lado ao outro. —Onde está sua Noiva?

— Morrendo. —Stefanovich grunhiu com dificuldade; ele mesmo mal estava vivo. — Como as outras.

As vampiras foram atingidas em massa por algum tipo de praga. O rei Stefanovich considerou isso como um embaraçoso sinal de fraqueza — imortais sucumbindo à doença! — que manteve a tragédia em segredo, disseminando rumores selvagens...

— Onde está seu herdeiro? — Lothaire perguntou, preparando-se para outra rodada de tortura.

— Onde você nunca o encontrará, bastardo.

Mas Lothaire encontrou.

Movendo-se como uma sombra, silencioso como a morte, ele assomou acima de um berço. Um bebê de cabelos claros levantou o olhar para ele, pegando seu dedo com uma mão minúscula...

287

Por que ver esta cena novamente? O que sua consciência estava dizendo a ele?

Quando o amanhecer se aproximou ele diminuiu seu ritmo implacável, dando uma parada. O suor escorria por suas costas e rosto misturando-se com a chuva.

Ele lançou um olhar acusador para o céu iluminado por um raio. Lothaire não descobriu nenhum sinal da Dourada. Aquela forte presença se desvaneceu para o nada.

Outra noite desperdiçada. Será que é assim quando minha mente falha para sempre? Ele apertou a cabeça entre as mãos.

Embora ele só tivesse dado um pensamento passageiro para suas coroas, sua apreensão por Elizabeth era incessante, reduzindo-o a pó, como a Terra uma vez fez séculos atrás.

Eu a quero tanto! Que merda vou fazer?

Eventualmente ele encontraria o anel. Então três cenários se abririam diante dele.

Ele poderia desejar voltar no tempo, apagando seus votos completamente. Enquanto estivesse lá ele expulsaria Saroya, então teria tempo para cortejar Elizabeth, tratando-a como uma rainha.

Ou poderia desejar voltar, ainda sendo negado — os votos em si poderiam impedi-lo de usar o anel dessa forma. Ele fez um juramento de *fazer tudo em*

seu poder para transformar Saroya em uma imortal e extinguir Elizabeth.

O que significava que qualquer tentativa de fazer o contrário seria satisfeita com a oposição.

Se tudo o mais falhasse, poderia deixar Elizabeth aos cuidados da Bruxa, em seguida se queimaria até as cinzas no sol.

Buscar minha própria morte depois de sobreviver por tanto tempo... ?

Mas tentar suicídio também quebraria seus juramentos a Saroya. Seria mesmo possível resistir a compulsão — e dor — tempo suficiente para morrer por Elizabeth?

Todos os três cenários significariam que ele realmente recuperou o talismã que podia destruir sua Noiva.

O risco...

Ele não podia contar a ninguém sobre sua situação, não pedir nenhuma ajuda, sem quebrar seu pacto com a Deusa.

Ele não podia sequer avisar Elizabeth para deixá-lo. Não que importasse. O anel funcionaria, não importa a distância que ela estivesse.

Em um labirinto mortal que ele mesmo criou, não poderia determinar nenhuma fuga.

Desfeito pela minha própria arrogância, pela minha necessidade insaciável para vingança. Minhas falhas seriam literalmente fatais?

Todo o sangue daqueles votos que ele colecionou não podiam fazer nada para ajudá-lo a se esquivar de si mesmo. Sua esperança —ou a desgraça da sua Noiva— estava com o anel.

288

Justamente quando se enrijeceu para riscar de volta para Elizabeth por causa do dia, perder-se em seu corpo e cheiro, ele ouviu um grito estridente de

Valquíria acima do tamborilar diminuindo da chuva.

Poderia ser Nix? Traíçoeira como era, ela sempre parecia entendê-lo. Talvez lhe concederia uma vantagem; ele não merecia nada menos dela.

Com sua mente em apuros a ponto de quebrar, ele decidiu engolir seu orgulho e chamar a única pessoa que poderia entender seu vínculo.

Ele riscou para Val Hall em pé na névoa, aguardando.

Momentos mais tarde, Nix passeou para a varanda da frente, oferecendo uma mecha de cabelo preto para os fantasmas circulando.

O cabelo era o pedágio negociado. Lothaire sabia que quando o Flagelo recolhesse o suficiente para fazer uma trança de um determinado comprimento, eles poderiam dobrar todas as Valquírias à sua vontade por um tempo.

As poderosas Valquírias seriam escravizadas. Ele mal podia esperar.

Nix passeou tranquilamente em direção a ele sob a chuva fina, sua atitude despreocupada. No passado ela disse que ele desafiava sua previsão.

Era justo, já que ela desafiava sua perspicácia.

Mas agora estava apostando na capacidade dela de tudo, menos ler sua mente —basicamente tendo os poderes de uma Deusa.

Ainda assim ela carregava a porra de um bastão no seu ombro? Na sua camiseta rosa se lia: *Por que não podemos ser amigos?*

Sutil, Nix. Realmente sutil.

Ela parou a poucos metros diante dele. Eles permaneceram de pé sem dizer uma palavra, avaliando um ao outro.

Seu cabelo longo de zibelina estava úmido e balançando ao vento, seus grandes olhos dourados inescrutáveis. Sua saia esvoaçante estava puída na bainha.

Poucas semanas atrás ele a viu na ilha-prisão; desde então ela parecia mais magra, exausta. Ela sempre foi pequena, mas agora parecia menor.

Mesmo assim, ela foi abençoada na forma, tão bem fisicamente quanto era danificada mentalmente.

Ela inclinou sua cabeça então, como se pudesse espiar dentro da própria cabeça.

Ele silenciosamente a persuadiu a ver — saber — o que precisava tão desesperadamente. *Ajude-me neste vínculo.* Com dificuldade ele permitiu que escapasse.

— Nix, devo ter Elizabeth. — Ele não podia dizer nem explicar mais nada. Até aquela declaração testava os limites do seu voto; simplesmente permanecendo na presença de Nix drenava sua força.

289

Ela sorriu, seu olhar vago.

— O rei preto procura a ajuda da rainha branca então? Relâmpagos cortavam os céus acima das suas cabeças, iluminando duramente seu rosto. Suas feições graciosas afiadas, seu semblante de mau presságio enquanto ela sussurrava. — Lothaire, você foi enganado sobre algo. O abismo não *olha* de volta.

Ele pisca.

Então ela deu meia volta e o deixou.

Incredulidade. Ela havia passado pelos espectros antes que ele recuperasse sua voz.

— *Sua cadela do caralho!* — ele berrou, enquanto pensava, *estou perdido...*

Naquele dia enquanto ele dormia com Elizabeth apertada em seus braços, Lothaire sonhou com o anel.

Capítulo 45

As memórias de Chase sobre a localização do anel eram caóticas e confusas. O que significava que Lothaire esteve certo sobre elas, usando-as para riscar diretamente ao esconderijo de Webb nas montanhas rochosas canadenses.

Nunca teria imaginado o Canadá.

Mais cedo quando Lothaire acordou, ele agiu como se nada estivesse errado, deixando Elizabeth com a Bruxa.

Mas assim que começou a dar um beijo de despedida em Elizabeth, achou difícil parar.

Agora ele inspecionava a frente de um rancho indefinível — um que estava rodeado por alguns dos equipamentos de segurança da mais alta tecnologia da Terra.

E mais, Chase estava familiarizado com todas as salvaguardas, o que significava que Lothaire também estava. Ele deu a volta em todas elas, violando facilmente as estruturas de defesa.

Desmaterializando-se, Lothaire riscou pra baixo pelos corredores pouco iluminados. Invisível aos olhos mortais, entrou nos aposentos privados de Webb. O cofre-forte do homem estaria atrás de uma parede dentro dessas câmaras, e o anel dentro.

Encontrou Webb sentado diante de sua escrivaninha no meio de um telefonema, seus músculos dos ombros tensos. Lothaire podia ouvir os dois lados da conversa.

Webb estava falando com o Magistrado, Declan Chase.

Interessante.

— Não posso dizer o quanto significou para mim você ter ligado. — disse Webb.

— Eu não tenho interesse em retomar a comunicação com você. — disse Chase no seu profundo sotaque irlandês. — Mas, para recompensá-lo por salvar minha vida, decidi te dar um aviso.

— Sobre o quê?

— O Inimigo do Antigo bebeu meu sangue na ilha. Ele tem minhas memórias, o que significa que eventualmente vai sonhar com a localização do seu rancho, sua segurança, tudo. Ele virá atrás de você. E

do anel.

Já está aqui. Lothaire quase não reprimiu uma risada. *Tempo é essencial, Chase.*

— Ele não terá a combinação, e há medidas defensivas no local. — disse o comandante. — Mas vou movê-lo imediatamente, escondendo dele ainda esta noite. — Uma pausa pesada. — A menos que você queira fazer isso. Volte, Declan. Precisamos de sua força. Ainda há trabalho a ser feito para impedir a onda de imortais invadirem a terra. De nos escravizar.

Como se quiséssemos.

— Minha conexão com a Ordem está encerrada. — disse Chase. — Apenas mantenha o anel fora do alcance das mãos do vampiro. Por incrível que pareça, confio em Lothaire com isso ainda menos do que em você.

Palavras magoam, Chase.

— Você realmente vai se aliar com esses deformados? — Webb exigiu. — Você se esqueceu que aquelas abominações torturaram e mataram seus pais? Torturaram e quase mataram você? Eu te salvei deles!

— *Eu* sou um desses deformados, Webb. Um berserker nascido.

Estamos nos livrando da lavagem cerebral da Ordem, não estamos, Magistrado?

Apesar do rosto de Webb estar vermelho de raiva, seu tom permaneceu

paternal, preocupado.

— Filho, sua mente não está clara. E aquela mulher influenciou você.

— Não sou seu filho. — Chase estalou. — E *aquela mulher* se tornará minha esposa. Melhor Regin me influenciar do que você.

Discutível.

— Informei à Ordem que você morreu na ilha. — disse Webb. — E vou manter isso, mas apenas se você não for contra nossa missão.

Chase contestou.

— Você me disse que ou eu estava do seu lado ou do deles. Estava certo. Faça mal a qualquer um dentre meus aliados e vou revidar. — Clique.

O Magistrado subiu um degrau na minha opinião.

Assim que a ligação terminou, Lothaire disse.

291

— Ah, Chase o estava advertindo contra mim? Que vergonha. Se apenas ele tivesse feito isso *mais cedo*.

O comandante se virou, disparando uma carga contra ele.

Lothaire riu enquanto a corrente elétrica atravessava seu torso.

— Meio riscando, Webb. Você não pode me tocar. Mas eu posso tocar você.

— Se materializou brevemente para derrubar a arma da mão de Webb, quebrando o braço do mortal com um estalo satisfatório.

Webb gritou de dor, sua outra mão se movendo rapidamente para um botão sob sua mesa.

— Ahn, ahn, não toque nesse alarme. — Lothaire prendeu a mão do homem em seu próprio pulso.

Dando um leve apertão, ele quebrou os ossos de Webb como se estivesse triturando nozes.

Enquanto o homem engolia um grito, Lothaire sorriu, sabendo o quanto ele parecia aterrorizante —

a face da morte.

— Agora você tem duas escolhas, humano. Se me disser a combinação do seu cofre e revelar quais as medidas defensivas foram colocadas, posso poupar sua vida. Ou posso torturá-lo para obter a informação, em seguida beber suas memórias para que eu possa encontrar e punir sua família também.

Você tem uma escondida em algum lugar, não tem?

— Nunca. Nunca direi a você!

— Muito bem. Vou me divertir mais se você lutar...

No final das contas, ele torturou Webb até o homem *implorar* para revelá-las. Depois de um tempo, Lothaire o deixou.

— E uma última pergunta. — disse Lothaire, erguendo-se por cima do corpo mutilado do homem.

— Quem deu meu nome à Ordem? Quem me colocou na lista de captura do Chase?

Sangue borbulhou dos lábios de Webb quando ele riu de forma entrecortada.

— Vampiro... no fundo... você *sabe*.

Com isso, a postura de Lothaire vacilou. Ele tinha uma suspeita, é claro, mas não poderia estar correta.

— Não é possível.

Entre tosses sufocantes, Webb grunhiu.

— Você *sabe...* quem o entregou para nós.

Ele tinha que estar mentindo. Havia apenas uma maneira de descobrir com certeza.

O olhar de Lothaire caiu para o pescoço do homem. Poderia ser esta a vítima que o enviaria para o abismo? Ele poderia parar de beber de Webb se fosse rápido?

Tinha que arriscar.

292

— Vou drená-lo agora. — Lothaire arrastou o homem até que ficasse de pé.
— Resista. Isso adiciona algo. — Então perfurou a jugular do Webb, fazendo caretas para o sangue.

O comandante tinha gosto de esgoto comparado a Elizabeth. Mas a morte iminente excitava Lothaire, acenando para sugar mais forte enquanto o corpo descontrolado de Webb ficava mais leve pela perda de sangue.

Quando o homem caiu débil, Lothaire o deixou cair, cambaleando para trás.
O que tinha no sangue dele?

Uma neblina narcótica o envolveu. Crua, potente. Lothaire estava muito drogado, muito alto para ponderar o por que. Ele deslizou suas costas pela parede, fechando os olhos contra a sala que girava.

Enquanto Webb dava seu último fôlego num estertor, imagens começaram a jorrar pela mente de Lothaire na velocidade da luz. Ele se sentia num transe profundo, imerso nas lembranças distorcidas do homem.

Passou o que pareceram horas antes que Lothaire pudesse agarrar a memória que procurava...

O comandante *não estava* mentindo sobre o traidor de Lothaire.

Bílis subiu pela garganta de Lothaire, um redemoinho de puro ódio o revivendo. Ele entreabriu os olhos. Todo mundo em quem ele confiou havia

morrido — ou o traído.

Elizabeth ainda poderia ser um. Ou ambos.

Sempre traído. Stefanovich, Serghei, Fyodor, Saroya, até mesmo o único que Lothaire havia chamado de amigo...

Mas não Elizabeth. Nunca ela.

Ele se levantou pesadamente, chutou o corpo sem vida de Webb — *boa viagem, idiota* — então partiu para o cofre.

Agora, desativar as salvaguardas. *Pressione um botão ali, entre com um código falso, gire a alavanca uma vez. Entre com o código real.*

Jogadas de quebra-cabeça. Se Lothaire não estivesse tão no limite poderia ter apreciado isso.

Com um chiado a porta do cofre abriu. Lá. Uma bolsa de veludo preto.

Deslizou o anel no dedo. Enquanto colocava a faixa de ouro puro, ele sentiu um poder incomensurável irradiando do anel.

Sem desperdiçar um segundo Lothaire girou o anel, fazendo seu pedido. *Voltar no tempo para desfazer meus votos à Saroya, a Ceifeira de Almas.*

Nada. Lothaire não sentiu nenhuma onda de poder como sentiu no passado com outros talismãs inferiores.

Talvez o anel proibisse viagem no tempo. Ele corrigiu seu pedido: *Apague meus votos para Saroya.*

293

Novamente, nada. Queridos Deuses, o anel tinha negado; os votos permaneciam sagrados. O puxão para destruir sua Noiva cresceu de forma impressionante.

A morte era o único movimento deixado no tabuleiro de xadrez. A de

Elizabeth ou a dele?

Ele olhou pra fora através da janela do escritório. O sol estava surgindo, raios de luz irrompendo sobre as montanhas distantes.

Como dedos se estendendo. Seu instinto era ir para o chão, para fugir do de seu alcance.

Ele poderia sacrificar a si mesmo por Elizabeth? Parte dele mal podia acreditar que Lothaire — o inimigo do Antigo com coração negro — estivesse até mesmo ponderando isso! Para poupá-la ele se tornaria cinzas?

Como Ivana fez todos aqueles anos atrás para protegê-lo...

Disse a si mesmo que estava considerando isso apenas porque a morte de Elizabeth poderia alterá-

lo. Como qualquer vampiro poderia continuar vivendo sem sua Noiva? Ele tentou se convencer que seu coração não tinha nada a ver com essa decisão.

Mas tinha. *Pequena mortal, você mudou tudo...*

Antes de Ivana ir ao encontro da morte, Lothaire perguntara a ela.

— Como pode fazer isso? — Finalmente ele entendia sua resposta.

Porque tudo que vale a pena em mim começou com Elizabeth.

Ele esfregou a mão no peito, assustado pela dor que sentia ali. *Gostaria de poder vê-la pela última vez...*

Com os ombros para trás, ele riscou para o lado de fora para encontrar o amanhecer, desafiando um inimigo de quem ele fugiu toda a sua vida.

Um inimigo que ele agora rezava que pudesse derrotá-lo.

— Está acontecendo. — Ellie admitiu para Balery enquanto bebia uma Coca.
— Estou me apaixonando por ele.

Ela e a fey estavam no deck assistindo o pôr do sol enquanto Ellie aguardava Lothaire ansiosamente. Ele esteve ausente durante o dia todo.

Quando ele partiu Ellie novamente disse que não se preocuparia. *Tanta coisa por isso.*

Mais cedo Thad a visitara. Por horas ele e Balery tentaram distraí-la, mas seu sentimento de pavor cresceu continuamente ao longo do dia.

Às quatro da tarde ela exigiu que Balery rolasse seus ossos. Seja o que for que a fey viu deixou seu rosto sem cor, arrancando uma palavra engasgada:

—... *queimando.*

No entanto, assim que se recolheu em si mesma, Balery colou um sorriso falso no rosto e decidiu que rolar os ossos seria um “fracasso”. Não importando o quanto Ellie a adulasse, ela se recusou a tocar no assunto.

Agora Balery disse.

— Eu poderia dizer, apenas pelo modo como olha para ele. Você já contou?

Ellie murmurou.

— Ainda não. — Agarrando-se a um fio de sua antiga teimosia, ela se apoiou em seus próprios votos. *Nunca se apaixonar por Lothaire tinha se transformado em não dizer Eu te amo primeiro...*

— Elizabeth — Balery começou num tom aflito. —, há algo que você precisa saber sobre Saroya e...

— Lothaire apareceu; o queixo de Ellie caiu.

Ele estava com várias marcas de queimaduras profundas, seus músculos salientes, sangue e suor escorrendo de sua pele carbonizada.

Antes que ambas, a Bruxa ou Ellie, pudessem pronunciar uma palavra ele pegou o braço de Ellie, riscando com ela para o seu quarto no apartamento.

— Lothaire, meu Deus! O que aconteceu com você? — *O que Balery testemunhou?*

Suas íris estavam com um vermelho mais profundo do que Ellie jamais viu, a cor se derramando em toda a parte branca dos seus olhos.

— Olha o que eu recuperei, Lizvetta. — Ele apertou uma aliança de ouro simples com dois dedos brancos arqueados, sua expressão uma mistura de loucura e agonia.

— Isso é bom, certo?

Ele riu amargamente.

—Bom? É a sua *ruína*.

— O que você está falando?

— Não posso te salvar... não importa o quanto eu tente, meus votos me controlam.

Calafrios deslizaram de cima abaixo pela sua coluna.

— Não entendo. Por favor, acalme-se, Lothaire. Você bebeu de alguém?

— Lizvetta, nem mesmo posso matar seu corpo primeiro para poupar sua alma.

— Matar-me? E a minha alma? Você está falando loucuras novamente! — ela gritou. — É só usar esse anel para expulsar Saroya pra fora de mim.

Ele começou a andar pelo quarto, não era um bom sinal.

— Não posso traí-la. Você não entende!

— Então faça com que eu entenda!

Com grande dificuldade, ele disse entredentes.

— Jurei pelo Lore tornar Saroya imortal e destruir você. Você não morre simplesmente. Sua alma é *extinta*. Tentei de tudo para escapar do meu voto... lutando até agora.

Ele sabia desde o princípio que teria que fazer isso? Até ela entendia que os votos para o Lore eram inquebráveis.

— Deixe-me fugir, Lothaire.

Mais andar de um lado para o outro.

— Você poderia estar do outro lado da Terra. Não vai fazer diferença quando

eu for forçado...

forçado a... acabar com você.

Ela não conseguia obter ar o suficiente.

— Minha alma será extinta deste corpo ou *completamente*?

— Vai partir! Como se você nunca tivesse existido!

Respire, Ellie, respire.

— É sobre isso que você esteve insinuando! Por que não me contou? Para me preparar?

— Não podia... *fisicamente não podia* deixar você de um modo que pudesse interferir com meus votos. Pensei que poderia te salvar de alguma maneira.

O desespero se aprofundou. *E eu ainda vou morrer.* De volta ao começo.

Não, agora era muito pior. Pelo menos antes ela não estava apaixonada pelo vampiro. Pelo menos antes ela teria ido do corredor da morte para o céu, ou isso ela acreditava.

296

Agora estava para ir de um paraíso de prazer para... o nada.

Eu não vou existir mais? Destruída pelo homem que comecei a amar?

Ele correu os dedos pelos cabelos cobertos de fuligem.

— Não pude nem permanecer no sol...

Ficou boquiaberta. Era por isso que sua pele estava queimada? Balery dissera que aquela dor era excruciante para um vampiro.

— Você tentou morrer por minha causa?

— Claro! — ele berrou, puxando-a para seus braços.

— Preferiria morrer a machucar você!

Ela não conseguia acreditar nisso, mas sabia que ele não podia mentir.

Hoje Lothaire tentou acabar com sua vida por ela, desafiou um instinto de sobrevivência que o manteve vivo por milhares de anos.

— Como é capaz de me contar tudo isso agora? Porque está praticamente acabado?

Ele apertou seus ombros, baixando o olhar para sua face. Sua expressão lhe deu a resposta.

— Oh. — Lágrimas se juntaram e caíram. Por que não chorar? Ela nunca se sentiu mais desesperançada.

Finalmente soube com o que ele esteve lutando.

— Será que isso dói?

Ao ouvir suas palavras ele rugiu com angústia, sangue brotando do canto de um olho.

— *Lizvetta, não...*

— Você pode usar o anel para me trazer de volta?

— Não é possível reverter um desejo! Mas encontrarei um modo de trazer você de volta!

— Lothaire, eu estou... — ela deu um soluço. — estou com medo.

Outro rugido agonizante se seguiu, então ele a envolveu contra o seu peito. Ele se estremecia todo ao redor dela, lutando nessa batalha interior.

— Se não puder te salvar, eu a seguirei. — Segurando-a num abraço apertado ele a balançou, murmurando palavras desconhecidas em russo.

Sua pele e roupas carbonizadas cheiravam a cinzas. *Ele tentou se queimar por mim.*

Foi esse o último cheiro que ela percebeu?

297

—Não me siga, Lothaire. Não quero que você...

— ANNNNNEEEEEELLLLL!

A cabeça de Ellie chicoteou para cima.

— O que é isso?

— Remova meu annnnneeeellll! — soou o grito estridente de uma mulher justamente do lado de fora na varanda, vinte e cinco andares acima.

Ao mesmo tempo Lothaire empurrou Ellie de lado para tirar o anel.

— *Dourada*. Como diabos ela nos encontrou?

Alguma fêmea do lado de fora o estava controlando? Exatamente como eles temiam!

— *Inimigo do Antigo!* —as palavras de Dourada soando estáticas, como se estivessem passando através de um filtro. — *Permita minha entrada. Não resista a mim.*

— Não posso lutar contra ela. —Lothaire estalou baixinho enquanto cruzava em direção à parede ao lado da porta da varanda. Símbolos foram gravados no gesso. — Vá para a porta da frente, Elizabeth!

Você será capaz de abri-la em breve.

Assim que Lothaire desbloqueou a barreira, Dourada saltou sobre a grade da varanda como se ela tivesse apenas passado por uma entrada invisível. Com um aceno de sua mão, as portas francesas se escancararam.

Enquanto Ellie ficava boquiaberta a feiticeira flutuou para dentro, metade de um pé fora do chão.

Lothaire revelou algumas coisas sobre Dourada — como ela esteve meio louca, grotescamente mumificada, gritando pelo seu anel.

Agora a feiticeira estava se regenerando. Ela ainda tinha apenas um olho, mas este era impressionante — verde oliva com cílios arrebatadores. Algumas mechas do seu cabelo eram de um preto grosso e luxurioso, outras mechas escorridas. Metade do seu rosto tinha pele lisa e macia; a outra estava incrustada com gazes apodrecidas.

Um peitoral de ouro maciço cobria seu torso, uma saia de fios de ouro envolvia seus quadris.

— *Corra, Elizabeth!*

Ellie fechou sua boca num estalo e se virou, correndo em direção à porta da frente. Ela correu corredor abaixo. A entrada da frente à vista.

Ela a alcançou, abriu a tranca comum e então escancarou a porta...

Ellie parou bruscamente com um grito; Lothaire deu um rugido em resposta do seu quarto.

Wendigos bloqueavam seu caminho.

298

Seus corpos emagrecidos eram curvados e disformes, suas presas do tamanho do seu dedo. A pele pastosa esticada sobre seus corpos esqueléticos pareciam ondular em alguns lugares...

O horror a atingiu. Eles estavam usando as peles dos *outros*.

Mangas, coletes, colarinhos...

Ellie cobriu sua boca com a mão, afastando-se. *É muito. Não posso lidar com muito mais disso.*

À medida que corriam para dentro do apartamento, eles lambiam seus lábios para ela, seus olhos vermelhos em chamas.

Com fome.

Ela fugiu de volta para Lothaire, balançando os braços, correndo como nunca fez antes. Eles estavam em seus calcanhares, grunhindo, babando. Dentro do quarto ela derrapou.

De olhos arregalados Lothaire estendeu sua mão para ela, mas não se moveu, não tentou protegê-

la. Ela correu para trás dele, de qualquer maneira.

— Ela está me controlando, Elizabeth! Disse para não me mover. Estou preso numa armadilha.

Dourada puxou uma cadeira da mesa de Lothaire, sentando-se com ar casual. Mas seus movimentos eram lentos.

— Como você encontrou este lugar? — ele exigiu.

A feiticeira colocou o anel contra a luz da lâmpada.

— Um velho conhecido me disse. — Ela deslizou o anel em seu polegar, então acenou para Ellie. —

Venha, menina.

Ela sacudiu a cabeça lentamente.

— Venha ou farei seu vampiro beber de você até sua morte.

Lothaire agarrou seu pulso — até Dourada exigir.

— Solte-a.

Ele fez de uma vez.

Vendo quanto controle a feiticeira tinha sobre ele, Ellie cruzou o quarto para ficar de pé diante de Dourada. *Ela vai me matar? Vai me transformar em uma dessas coisas?*

— Ajoelhe-se.

Sem outra escolha, Ellie fez.

A feiticeira a examinou com seu único olho.

299

— Será que Saroya, a Ceifeira de Almas, enterrou-se profundamente dentro desta mortal, Lothaire?

Era a Deusa dos vampiros, a Noiva que procurava? Talvez quisesse transformar esta anfitriã humana em uma imortal com o meu anel.

Ele permaneceu em silêncio.

— Você protege o corpo de forma tão veemente para preservar Saroya? Ou é a sua garota?

— Você veio aqui pra me insultar? Sabe a resposta para essa pergunta. — *Fala de Lothaire?*

Dourada levantou sua mão boa para tocar a testa de Ellie, ordenando.

— Enfrente-me, Saroya.

Ellie se encolheu, resistindo a Saroya com toda a sua força.

— Não, feiticeira! — Lothaire gritou. — Não faça isso!

— Sei que pode me sentir profundamente, Deusa. — Dourada disse, ignorando-o. — *L evante-se agora!*

As placas de ouro da fêmea pareceram vibrar enquanto o poder irradiava no quarto. Ellie podia sentir Saroya deslizando selvagememente em seu peito, mas

ainda assim ela lutou.

Lothaire ficou muito tenso contra o controle de Dourada.

— Isso tem mais coisas envolvidas do que meus crimes contra você. O que deseja de Saroya?

— Vingança.

Ellie permaneceu em silêncio, lutando para manter a Deusa de volta.

— Pelo quê? — Lothaire disse áspero.

— Por que acha que eu estava naquela tumba, vampiro? — Dourada disse. — Porque os assassinos de Saroya me caçaram sem cessar! Em desespero me virei para o anel, mas ela era muito poderosa para ele vencer. Então desejei nunca ser encontrada pelos seus assassinos, para ser liberada dos seus tormentos. E

o anel fez com que eu estivesse para sempre fora do seu alcance — tendo os meus outros inimigos me aprisionando naquela tumba por séculos. — Ela olhou fixamente pra fora com seu único olho por longos momentos, então girou de volta para ele. — Até que você apareceu me despertando. Imediatamente senti a ausência da divindade de Saroya. Recusei-me a deixá-lo usar meu próprio anel para dar poderes a ela de alguma maneira.

— Isso não faz sentido, Dourada. Saroya não teria nenhuma razão para assassiná-la. Quem era você para uma Deusa?

A visão de Ellie oscilou. Estava perdendo terreno, não conseguiria segurar por muito mais tempo...

Dourada franziu a testa para Lothaire.

— Você não sabe sobre a profecia?

— Do que você está falando? — ele falou por entredentes. — Que profecia?

Divertimento.

— Hmm. Só sei que ela está prestes a ser cumprida.

Com isso Ellie deu um grito, desmoronando quando sua visão escureceu.

Saroya se sentiu compelida a se levantar, piscando ao abrir seus olhos. Estava no quarto de Lothaire? Levando a mão à testa, ergueu-se de joelhos... e viu-se rodeada por Wendigos.

À sua frente uma velha inimiga.

A predição! Medo surgiu dentro dela, parecendo inchar dentro de sua garganta. Mas Saroya blefaria como se ainda tivesse poder.

— Dourada. — ela zombou. — Passaram-se séculos.

A Dourada sorriu, revelando dentes podres entre os brancos reluzentes.

— Você não é mais a Deusa com olhos-de-gato. — ela disse, falando inglês com estática através de algum tipo de feitiço de tradução.

— Você não é mais digna de se olhar. Conveniente que mantenha a companhia de bestas babando.

— Regeneração. — Dourada deu de ombros. Seus adornos habituais eram quase ofuscantes, placas de ouro tão pesadas que davam a impressão que esmagariam sua forma putrefata. — Seu macho me feriu meticulosamente. Eu queria me vingar de Lothaire. Não fazia ideia que poderia estender isso para você também.

Isso não podia estar acontecendo. *É predito... é predito...* O pavor inundou Saroya, mas se forçou a fazer um gesto com a mão de descaso.

— O que você pode fazer comigo? — *Estou suando de pavor?* — Sou uma Deusa.

— Você não tem poderes. E é pura maldade. Fácil para mim te controlar. Devo fazer como foi predito há muito tempo?

Saroya engoliu em seco.

— Se tentar isso vai falhar. E então golpearei você com a ira de um Deus.

Dourada sorriu, seu rosto desenhado numa máscara repelente.

— Acredito que vou arriscar.

Saroya se virou para Lothaire.

— Vampiro, faça alguma coisa!

Seus músculos estavam amarrados, sua expressão tensa, mas ele permanecia imóvel. Dourada claramente o tinha escravizado.

301

— Não tome Saroya, feiticeira. Deve haver outra maneira de resolver isso!

A compreensão acertou em cheio. Lothaire estava agindo como se ela fosse sua Noiva, porque ele sabia que Dourada a lançaria fora para castigá-lo.

Com certeza ele descobriu uma saída dos seus votos.

— Dourada, não sou a Noiva dele! Se você busca vingança contra Lothaire, então deve matar...

— Por que me nega agora, Saroya? — Lothaire berrou.

Dourada ergueu sua mão, seus dedos espalmados direcionando a energia mística em Saroya. As joias de ouro em seu corpo reverberaram, seu único olho reluzindo. Os Wendigos uivaram enquanto o ar se tornava elétrico.

— Não! — Saroya gritou. — Não faça isso!

— Eu nunca teria te prejudicado, Deusa, nunca teria te alvejado se você não

tivesse me atacado com seus assassinos. Tola! Você levou as coisas para este caminho. Você cumpriu esta profecia.

— Você vai pagar, Dourada! Minha irmã...

— Envia seus cumprimentos. — Dourada fechou seu olho e arrebatou seu punho fechado.

Escuridão se estendeu diante de Saroya, a profecia se repetindo uma vez após a outra enquanto sua consciência começava a escurecer.

É predito que A Dourada, a Rainha do mal e dos Ouros, uma feiticeira de grande poder, destruirá Saroya, a Ceifeira de Almas, a Deusa Divina da Morte, condenando-a ao Éter que lhe deu origem, para sempre tão sem forma quanto o caos de onde ela surgiu...

Profetizado. Uma profecia auto-realizável. Sombria. Silenciosa. Fria.

Nada.

O último pensamento de Saroya: *Minhas ações tiveram uma consequência.*

302

Capítulo 47

Elizabeth desabou no chão, seu corpo mole. Horas pareciam estar sendo marcadas no relógio enquanto Lothaire — e Dourada — esperavam que ela despertasse. *Esperando...*

Por fim ela se levantou, atirando-se de pé apressadamente, acariciando ansiosamente seu peito.

— Saroya se foi? — Elizabeth o encarou. — Oh Deus, ela se foi!

O maxilar de Lothaire afrouxou quando olhou para ela, vendo sua pele radiante e seus olhos vívidos. Aqueles lábios em forma de arco...

Antes o seu fascínio o atormentara. Livre de Saroya, sua mulher era

irresistível.

O ser dentro de Elizabeth deve ter diluído sua necessidade por ela. Agora era como se o desejo feroz e o protecionismo que sentia por ela tivessem sido exponencialmente multiplicados.

Então injetado diretamente em seu coração.

Minha Noiva. Era isso o que todo mundo falava.

O rosto de Elizabeth... como se um vitral de uma janela tivesse quebrado deixando a pura luz brilhar. Ela estava flamejante com absoluta beleza...

— Mate-a, Lothaire. — disse Dourada.

Lutando para se controlar, ele fez seu tom de desprezo.

— Porque devo me incomodar? Você tomou Saroya de mim.

— Por que neste caso, esta mortal é sua verdadeira Noiva.

Antes, seus *próprios* votos o acorrentaram — agora que estava livre deles se sentia mais poderoso do que jamais esteve. Elizabeth era um farol focando tudo dentro dele.

— Nunca vou feri-la. E você sabe que não posso mentir.

— Eu suspeitava que ela fosse sua Noiva. Agora eu te ordeno que a mate.

— Não dou à mínima, feiticeira. — Qual a única coisa mais forte do que Dourada o possuir?

Elizabeth possui-lo. — Você não pode me obrigar a feri-la. Você não está completamente curada e acabou se debilitando matando uma Deusa. Lutarei com você até que nenhum de nós tenha forças para ferir Elizabeth.

— Tornarei isso simples. — Dourada retrucou. — Mate-a. Ou vou forçá-lo a se matar.

Ele riu.

— Então faça isto devagar por mim, suka. Gosto de preliminares.

— Devagar, Lothaire? Tenho todo o tempo do mundo para ver você descascar a pele do seu corpo.

303

— Não! — Elizabeth correu para ficar protetoramente diante dele. — Por favor, não faça isto, Dourada!

A feiticeira nem sequer deu atenção a ela.

— Quero que você remova sua carne como uma camisa, vampiro. Vou fazer uma de minhas feras usá-la até apodrecer em seu corpo.

— É você quem os veste de... peles? — Elizabeth engoliu em seco repetidamente, como se estivesse se sentindo mal.

— Comece com seu pescoço, Inimigo do Antigo. — disse Dourada. Os Wendigos jogaram seus corpos horríveis no chão, ajeitando-se para um show — e seus restos mortais.

Ele encontrou suas próprias garras cortando a pele do seu pescoço. *Não posso me deter...*

— Espere! — Elizabeth gritou. — Porque não barganha conosco?

— Você ousa se dirigir a mim? — Dourada virou seu único olho assustador para Ellie.

— Temos algo que você quer. — disse ela sem ter ideia do que estava fazendo.

Entre os Wendigos, esta dama mumificada, a confissão de Lothaire e o exorcismo de Saroya, sua mente estava tão aberta que quase rachou ao meio.

Ainda assim estava tentando se aguentar para salvar seu vampiro.

— O livro caixa de Lothaire das dívidas de sangue. Só pare com a mutilação por um minuto e me deixe falar com você sobre isso.

Dourada fez um gesto com a mão para Lothaire parar, então se dirigiu a ela.

— Explique-se.

— Há milhares de dívidas. Ele trabalhou a vida toda nisso. Em troca de nos deixar viver e não nos incomodar mais, daremos a você... metade do livro.

— E quem está em débito? A escória Lorean? — Dourada desenrolou uma extensão de gaze, espiou o ferimento escorrendo por baixo então suspirou. — Imortais fracos?

Ellie balançou sua cabeça.

— Temos reis, rainhas, Deuses. Alguns bons também, os que você não conseguiu deter. —

Tornando sua voz severa, ela disse. — Mas não pode obrigar Lothaire a te entregar apenas porque ele é mau e você pode controlá-lo como uma marionete. Isso tem que ser uma troca mesmo.

Dourada pestanejou.

— Porque devo fazer isto?

304

Boa pergunta. Pense, Ellie, pense!

— Para você coletar estas dívidas, elas têm que ser voluntariamente, uh, outorgada a você. — Isso soava lógico. — Se você tirar seu livre arbítrio e roubar os votos de sangue, eles não valerão o papel em que foram rabiscados.

Para Lothaire, Dourada disse.

— Você pode falar. Este livro existe?

Ellie esperava que ele rugisse por causa disso, recusando-se a negociar o trabalho de sua vida.

Em vez disso ele estava me olhando como se estivesse... admirado.

— O livro é exatamente como minha Noiva disse. — Fala-de-Lothaire. A parte do livro era verdade, mas o livre arbítrio *não*.

Dourada inclinou a cabeça, enviando ondas brilhantes de cabelo caindo como cordas sem vidas.

— Escolho meus próprios devedores, decida a divisão.

— Se me conceder o uso do anel — disse Lothaire —, eu te darei a coisa toda.

Ellie ofegou.

— Esse anel não é nada além de problemas. Ele é perigoso!

—Você *não* faz ideia. — Dourada murmurou. — Eu suporto isso, mas não o usarei nunca mais.

— Então não há nenhuma razão para não emprestá-lo para mim, feiticeira!

Ellie balançou a cabeça tristemente.

— Não, Lothaire.

Com sua voz aumentando de volume com cada palavra, Lothaire disse para a Dourada.

— Agora que estamos em negociações e você tem o anel, *gostaria de poder fodidamente me mover de novo!*

Outro ondear de Dourada e ele estava livre.

Ele agarrou os braços de Ellie.

— Devo ter este poder. Lizveta, você deve se tornar um vampiro. E embora eu esteja exultante que Saroya se foi, a coroa da Horda desapareceu com ela. Não vou engavetar minhas ambições como a porra de um tabuleiro de xadrez.

— Por favor, vamos resolver isso juntos. — disse Ellie, mas ele estava impassível. — E se houver mais votos que está me escondendo que eu não sei?

— Não há nenhum. Confie em mim sobre isto.

305

— *Tenho* confiado em você e quase morri duas vezes hoje à noite por sua causa.

Ele fez uma careta. Mas então disse a Dourada.

— Permita-me o uso do anel até amanhã à meia-noite e o livro é seu.

Dourada fechou brevemente seu olho, ficando calada.

— Traga-o para mim. — ela finalmente disse a Lothaire. — Se é como sua mortal disse, então vou negociar com o anel.

Na periferia da sala os Wendigos ficaram mal humorados, como se irritados por não conseguirem uma matança.

Anulando os adicionais protestos de Ellie, Lothaire pegou o livro do seu cofre, exibindo-o para Dourada. O olho da feiticeira brilhou. Os dois fizeram seus votos.

O livro de contabilidade do Lothaire, dado livremente, compraria vinte e quatro horas com o Anel de Somas. Depois disso ela retornaria pelo anel aqui.

Com uma expressão aguda, Dourada o deslizou do seu dedo e o entregou.

— Desta vez vou manter meu polegar, Inimigo do Antigo.

E quando Lothaire entregou seu livro de contabilidade de valor inestimável para Dourada, o fez sem um segundo olhar.

Porque seu olhar estava arrebatado em Ellie.

Capítulo 48

— Como é a sensação de estar livre de Saroya? — Lothaire perguntou. Ele tinha acabado de tomar banho, curar sua carne e se restabelecer. O cheiro de fumaça que permanecia nele parecia particularmente incômodo para Elizabeth.

Ele não gostava da lembrança de sua repetida e enlouquecida tentativa de suicídio. Mas agora tudo estava se encaixando, a pressão das últimas semanas estava no passado.

— Eu prometi que ganharia essa guerra contra ela. — disse Elizabeth. — Ainda assim mal posso acreditar que ela se foi, ela e Dourada. Não posso acreditar que tudo isso acabou.

— Por sua causa. — Sua Noiva foi esperta mais uma vez e o surpreendeu. — Você negociou com Dourada, *enrolou* a Rainha do Mal. Eu não poderia estar mais orgulhoso de você, Lizvetta.

Ela corou, conscientemente colocando o cabelo atrás da sua orelha. Podia dizer que ela estava satisfeita — mas surpresa — com o elogio.

Então, ele franziu a testa. Ela estava agindo como se nunca a tivesse elogiado. Deve ter elogiado.

Certamente.

306

Mas ele não podia apontar uma única vez.

Como alguém que sabia a importância de proteger o ego de alguém, ficou

horrorizado consigo mesmo. *Isso vai mudar. Muita força de vontade...*

— Lothaire, você teve a chance de riscar Balery do livro quando foi buscá-lo no cofre?

— O que você acha? — Ele perguntou com toda a seriedade.

— Eu acho que você... fez.

— Errou.

Seu rosto se desfez.

— Oh.

— Mas consegui apagar um oráculo fey chamado de Bruxa.

— Sabia que você conseguiria! — Ela deu aquele sorriso de bagunçar com a sua cabeça.

— Foi como um sinal pra você. Nada mais.

— Não importa o motivo, importa que fez. — Entretanto seu sorriso vacilou.

— Explique-me o que aconteceu antes, com você e minha... alma.

— Eventualmente vou te contar tudo — *como eu estava cego pelo preconceito e a sede de vingança*

—, mas não temos tempo agora. — Ele levantou o dedo, brandindo o anel. — Devemos concluir esta última etapa para você e então planejar nosso futuro.

Lothaire teria que modificar sua estratégia. Com Saroya fora, a Horda não cairia sob sua escravidão

— mas então ele poupou um desejo quando se livrou dos seus votos. *Poupar Elizabeth...*

Agora, as parcelas e esquemas começaram a se desenrolar com uma clareza chocante. Suas tarefas, em ordem de importância: *tornar Elizabeth imortal,*

encontrar um modo de enganar a Horda em sua apresentação, encontrar e conquistar Daci.

Assim posso matar Serghei.

Ele ainda poderia ter sua companheira eterna, dois tronos e sua vingança. Tudo ainda estava bem...

Mas quando Lothaire tomou Elizabeth em seus braços, ele franziu a testa por encontrá-la trêmula.

— Você está segura agora, amor. Eu restaurei a barreira. E você ficará escondida com a Bruxa quando Dourada e seus Wendigos retornarem. Tenho a intenção de que você nunca mais veja uma daquelas bestas enquanto viver.

— Ele curvou o dedo sob o queixo dela. — E, Elizabeth, você vai viver por muito, muito tempo.

— Eu não quero isso, Lothaire.

Inalando fundo por paciência, ele disse.

307

— Para roubar o anel de Dourada eu derrotei cultos e bestas lendárias. Para recuperá-lo mais uma vez sobrevivi à prisão da Ordem, dizimando exércitos. Sacrifiquei meu livro. Fiz todas essas coisas por você!

Não consegue entender o presente que está prestes a receber?

— Tenho dificuldades em vê-lo como um. Você me disse que nunca poderei ver minha família novamente. Nunca serei capaz de retornar a minha antiga vida. Ao sol, caçadas, caminhadas. Comer com meus entes queridos.

Lothaire estava ficando irritado... com ciumes mais uma vez.

— Você precisa esquecer os outros mortais. Eles estão no seu passado. *Eu* sou o seu futuro.

— Você não pode simplesmente abandonar sua família!

— Claro que pode. Eu fiz.

— Os seus estão todos mortos!

— Eles estão? — Ele ergueu suas sobrancelhas. — Elizabeth, lembre-se do que eu te disse, mortais e vampiros não se misturam.

— Você e eu nos misturamos.

— Se você soubesse quantas vezes estive perto de perder o controle... Além disso, os Deuses chovem castigos sob os imortais que se revelam desnecessariamente para os humanos. Eu não fiz essa lei, mas ainda temos que respeitá-la. Agora, não estrague essa noite para mim, Noiva.

— Faça amor comigo primeiro, Leo. Uma última vez como humana.

— Você não vai atrasar mais isso.

— Você não está me escutando! Só me dê um tempo. Não estou dizendo que não concordo com isso, mas só me dê um tempo para chegar a um acordo com isso. Uma hora atrás você ceifaria minha alma!

É demais para minha cabeça.

Lágrimas caíram por suas bochechas e ele não gostava da visão delas mesmo. Elas o faziam se sentir instável — como um fracassado. *Minha Noiva nunca deveria ter motivos para derramar lágrimas.*

Ele ternamente as limpou.

— Você me prometeu que me deixaria tomar decisões por você por três semanas. Meu tempo ainda não acabou.

— Por favor. Estou implorando para que não faça isso comigo. Vamos apenas conversar sobre isso.

Ele fez uma pausa. Mas ainda que fosse o tipo de homem que discutia as decisões com sua mulher, eles não tinham tempo para isso. *Ela não estaria segura até que se transformasse.*

— Lothaire, se você se importa comigo não fará isso.

Ele cruzou os braços.

— *Essa* é a pior coisa que poderia ter dito. É porque me importo com você que devo fazer isso.

308

— Não pode usar esse anel em mim! Você mesmo disse que não sabe o que ele irá fazer.

— O primeiro desejo é o mais exato. Até agora não foi concedido nenhum, então vou começar do zero com ele.

— Percebe como isso soa vago? Essa é a *minha vida*! Eu li no *Livro do Lore* que o catalisador para a transformação é a *morte*.

— Nós não faremos isso da maneira habitual. Olhe pra mim, Elizabeth. Ouça minhas palavras: não tenho nenhuma dúvida que isto funcionará exatamente como planejei, ou não arriscaria com você. —

Quando ela começou a tremer mais forte, ele disse. — Você acha que não tenho examinado repetidamente meu desejo, verificando cada interação com a previsão da Bruxa? Em coisas como essa, eu sou *sábio*.

— Não pode me convencer disso!

— Então deve confiar em mim para saber melhor, Elizabeth. A parte difícil foi *conseguir* o anel, então elaborar o desejo levava habilidade, mas o *processo* será fácil. Num piscar de olhos se tornará um vampiro, como se você mesma tivesse desejado.

— Você disse que as pessoas normalmente são transformadas porque estão prestes a morrer. Eu não. Sou saudável. Sou jovem...

— Meus inimigos estão tendo você como alvo. Mesmo sem as dívidas de sangue, ainda terei inimigos procurando me prejudicar através da minha Noiva. Você é minha maior flagrante vulnerabilidade.

— Flagrante vulnerabilidade. — ela repetiu suavemente.

Falando com ela como se fosse uma criança, ele disse.

— Pense amor, se você pudesse riscar poderia ter desaparecido na cara daqueles Wendigos. Como posso te trazer para dentro do meu mundo se não tiver força para se defender ou habilidade de escapar de uma ameaça num instante?

— Então não quero estar em seu violento e confuso mundo! Que tal isto? Eu não teria que riscar para escapar dos Wendigos porque não poderia vê-los no meu apartamento!

Ele jogou sua cabeça para trás.

— Você não vai aceitar esse presente para ficar comigo? Você está apaixonada por mim, faria qualquer coisa que eu pedir.

Mulheres apaixonadas fazem sacrifícios. Simplesmente era isso o que faziam.

Ele observou o mundo durante toda a sua vida, e na maior parte dela as mulheres se renderam aos homens que desejavam. Certamente os últimos cinquenta anos foram uma anomalia...

— Você está pedindo demais! Se usar esse anel eu vou te odiar.

— Vai superar isso. Assim como fez com todo o resto.

Suas sobrancelhas se juntaram, seu olhar austero.

309

— Não vou passar por isso, Lothaire.

— Como disse a Dourada, vou me arriscar.

Ele realmente vai fazer isto! Apavorada Ellie deu meia volta, correndo do

quarto mais uma vez.

Atrás dela, ouviu um suspiro irritado de Lothaire. Então ele gritou.

— Prepare-se, Elizabeth.

Conforme corria corredor abaixo, ela o ouviu dizer alguma outra coisa, mas não pode distinguir as palavras...

Subitamente um fogo assolou dentro dela. Agarrando seu peito, ela foi mais devagar — mas ainda estava acelerando pelo apartamento. Ela sentiu os caninos crescendo na sua boca.

Não, não, não!

Ele apareceu na frente dela, segurando-a contra ele.

— Está feito, Elizabeth. Você é como eu agora. Viu como foi fácil?

Ela enterrou seu rosto nas mãos quando a vertigem a abateu. Tudo era alto demais; seu corpo se sentia leve como o ar.

Os *cheiros...* era o seu sangue que ela cheirava? Contra o seu ouvido, seu coração batia como o tambor de um relógio da torre.

Ele retirou as mãos dela. Ela notou com horror que suas unhas estavam escuras — e mais parecidas com garras.

— Não, deixe-me ver você, amor. Suas íris estão negras, adoráveis além das palavras. Mas deve se acalmar. Tudo está bem agora, você está segura comigo.

— E-eu sou um *vampiro*? — *Mente aberta, mente aberta.*

Enquanto ela permanecia muda, ele segurava suas mãos, pressionado um de seus dedos contra sua garra, parecendo encantado em como estava pontuda.

— E olhe para suas pequenas presas. — Sua voz estava rouca. — Ah, Lizvetta, eu poderia gozar só olhando para elas. Você é perfeita em todos os

sentidos.

Ele parecia um menino com um brinquedo novo — enquanto ela estava em carne viva com a perda, doente com a confusão.

Emoções explodiam dentro dela, impulsos que não entendia. Seus pensamentos corriam. *Odeie-o!*

Amá-lo? Necessitava saboreá-lo. Beba-me!

Nunca sentiu seu corpo menos como dela mesma. Nem quando Saroya vivia dentro dele.

Ele podia me mudar de volta com o anel. Se ela lhe desse uma razão, se o assustasse o suficiente...

310

— Fique à vontade. — Ele acomodou seu rosto entre as palmas das suas mãos. — Agora nada nos separará.

— Me abraça? — Ela murmurou.

— Ah, qualquer coisa! — Puxou-a bem apertado contra ele, enfiando sua cabeça debaixo do seu queixo. — Agora não tenho medo de te machucar.

Odeie-o... Ame-o... Seu cheiro!

— Lothaire, e-eu *preciso* de você.

— Você não poderia me fazer mais feliz, Elizabeth. — Agora que ela era imortal, Lothaire poderia finalmente reconhecer o que sentia por ela, poderia parar de lutar com isto afinal.

Quando ela entrelaçou os dedos atrás do seu pescoço, apertando os seios contra seu tórax, ele respondeu asperamente.

— Este é apenas outro sinal que sua transformação foi impecável, vampiros são notoriamente criaturas luxuriosas.

Ela se levantou nas pontas dos pés para beijar seu peito no decote em V de sua camisa, aninhando...

Suas presas o perfuraram.

Prazer como ele nunca conheceu sacudiu o seu corpo.

— *Uhn! Elizavetta!* — Quando ela gemeu e sugou sua mente momentaneamente se pôs em branco...

— Não! — Ele rugiu, livrando-se da mordida dela. — Você bebeu da carne, de *mim*. — Ele agarrou seus ombros, ainda nebuloso com a luxúria depois da sua mordida, até como alarme o encheu. — Você não sabe o quanto minha cabeça é errada? Quanto minhas memórias são envenenadas? E não tenho nenhuma dúvida que você é uma *cosas* como eu!

— Mude-me de volta! — Ela gritou, sua íris de um negro sólido com a emoção, o sangue fazendo uma trilha no canto dos seus lábios. — Ou vou enlouquecer!

Ele balançou sua cabeça duramente.

— Eu queria... eu queria facilitar para você bebendo apenas uma gota na sua língua. Para ensiná-la a gostar disso. Mas você caiu de cabeça na sua primeira vez.

— Então me mude de volta!

— Eu tinha considerado esta possibilidade, já tinha jogado com a ideia de usar outro desejo de torná-la imune ao meu sangue. Afinal você seria obrigada a tomar diretamente de mim, mais cedo ou mais tarde. Mas eu também queria ambos os tronos. — Ele exalou. — Não posso acreditar que estou prestes a fazer isso. — Levantando sua mão, ele tocou o anel em seu dedo. — Sempre que minha Noiva beber de 311

mim, colherá apenas minhas memórias feitas desta noite em diante. Nenhuma

das memórias das minhas

“vítimas” nunca a afetarão, nem do meu passado.

O rosto dela se desfez e ela cambaleou.

— Bem Elizabeth, isso nos custou apenas um reino. E ainda... o desfecho é necessário.

Normalmente não nos alimentamos de nós mesmos, mas agora você pode beber de mim. Beberá *somente* de mim.

Seu sangue tomado da carne a tornaria ainda mais forte. E agora eles tinham uma ponte entre eles.

Laços inquebráveis.

— Eu podia ter desejado que você não tomasse memória nenhuma — ele continuou —, mas quero que saiba dos meus atos, veja minha coragem na batalha, como luto por você e nossos filhos. Quero que tenha orgulho do seu homem.

E todos os dias ela sonharia com seus sentimentos por ela — experimentando como eles eram fortes, como sua obsessão apenas continuava a crescer.

Esse vínculo tornaria sua vida mais fácil. Ele tinha muito pouco conhecimento sobre relacionamentos, de unir sua vida com outra, de discutir seus sentimentos. Agora não teria nenhuma necessidade de aprender.

Ela simplesmente conheceria sua mente assim como ele o fazia.

Os lábios dela se moviam silenciosamente.

— Serei tudo o que você precisa, alimentarei você. — Ela bebera apenas um golinho antes; agora pretendia alimentá-la completamente.

Ao pensamento dela tomando para encher o seu corpo, suas novas presas afundando cada vez mais em sua carne...

Seu pênis inchou tão rapidamente que teve que abafar um gemido. Talvez pudesse rever seus complôs e esquemas *depois* de ter reivindicado e alimentado sua Noiva vampira.

Seu olhar dardejou enquanto ela bolava outro recurso. Ele ia ter certeza que ela não teria nenhum.

Em seguida sua língua recolheu o sangue em seus lábios. O sabor fez seus olhos selvagens ficarem ainda mais encobertos, sua respiração superficial.

— L-Lothaire?

Ele podia ouvir seu coração disparando, podia cheirar sua excitação. Mas a fome em sua expressão quase o derrubou.

Tudo que você precisar, Elizabeth.

312

Capítulo 49

Ellie podia ouvir os hipnóticos batimentos cardíacos de Lothaire, podia percebê-lo acelerando enquanto ele baixava o olhar para o seu rosto.

—Tão linda. Elizabeth, você recompensou amplamente minha longa espera.

— Sem soltar a mão dela ele riscou para seu cofre, jogando o anel dentro.

— Está feito. — ele a levou para a cama. — Esta noite começamos nossa vida de novo.

Ela já palpitava inteira — seu sexo umedecido no calor de sua calcinha, seus mamilos tensos contra seu top, suas... presas lancetando sua língua.

Aquela pequena amostra do sangue dele tinha gosto de *volta ao lar*.

E ela ainda estava tão enfurecida com ele que poderia sufocá-lo.

— E-eu não queria isso. — Esses sentimentos eram tão intensos, até demais. *Assustador*.

— Você está zangada. Mas vai passar.

Ela não disse nada, apenas tentando manter o foco.

— Depois dessa noite vou te mostrar quanto prazer é seu para ser tomado, e você vai me perdoar.

— Ela sacudiu a cabeça.

— Eu arruinei seu Xequê Mate, você não quer me abandonar? Renegar?

Ele apenas sorriu, aquela curva sensual dos seus lábios.

— Com você ao meu lado, quem sabe o que posso ganhar? Juntos seremos invencíveis. Além disso, não tenho tempo para vingança no momento. Preciso ensinar minha Noiva a riscar, a se *alimentar*.

Conhecer sua própria força e controlá-la. — Ele a trouxe mais perto. — Mas primeiro preciso persuadi-la a admitir que sou o seu homem e que ela me ama, então ela aceitará a si mesma.

A satisfação que sentiu nele era inebriante. Ele parecia estar vibrando com isso, mesmo quando ela podia sentir o quanto ele doía por reivindicá-la.

— Eu nunca disse que te amava.

— Você deve — disse ele num tom condescendente —, e agora que é da minha espécie, vai se sentir ainda mais ligada a mim. — Ele a segurou pela nuca, trazendo-a mais perto para esfregar os lábios ao longo do pescoço dela. Quando ele sacudiu sua língua, sensações a bombardearam até que ela cedeu contra ele.

— Quero você nua, Noiva. — No espaço de um suspiro dela, ele arrancou suas roupas, empilhando-as aos pés dela. — Tire minha camisa. — ele grunhiu em seu ouvido. — Quero sentir esses mamilos se esfregando no meu peito.

Oh, Deus, ela também! Com um gemido, ela estendeu a mão para sua camisa. O tecido parecia desmanchar em seus dedos.

— A força é embriagante, não é?

Ela rasgou isso em farrapos? Exatamente o quanto ela era forte...?

Os pensamentos dela foram à deriva, seu olhar fechado no seu peito nu, na marca da sua mordida.

Porque nunca apreciou completamente a beleza do corpo dele, a pele macia que a seduzia a mordê-lo novamente?

Ele a instigava a saciar essa fome...

Ele a fez agarrar seu cinto de couro, baixando o olhar para os olhos dela.

— Tire isso se quiser mais de mim.

Ela não poderia ter interrompido isso mesmo se quisesse. Seu corpo pulsava como uma corda de violão dedilhado.

Ela mal o puxou. O couro se rasgou em dois.

— *Vazia*. — ela murmurou, arrancando o jeans dele. — *Faminta*. — Suas roupas não eram páreo para os dedos frenéticos dela, e logo ele estava nu diante dela. — Lothaire... o que está acontecendo comigo?

— Vou cuidar de você. Tudo vai ficar bem se você confiar em mim. — Ele pegou as pequenas mãos de Elizabeth, apoiando-as contra seu peito. Por vontade própria as garras dela se cravaram nos músculos dele, garantindo o que ela desejava, prendendo-o perto.

Como se eu fosse sair do lado dela.

— Esta noite você vai se familiarizar com seu corpo todo novamente. E eu também.

Sua aparência mudou, mas felizmente não muito. Embora ela não tivesse as marcas do bronzado, sua pele era totalmente dourada, como era quando ele a viu quando ela tinha dezenove anos. A longa cabeleira cascadeando sobre o seu ombro era ainda mais rica em cor, mais sedosa. Suas íris cintilavam do cinza brilhante para o profundo negro, suas presas afiando diante dos seus olhos.

Vendo esses traços vampíricos nela fez com que seus próprios instintos furiosos longamente negados viessem à tona. Durante semanas, ele impediu a si mesmo de fixá-la contra qualquer coisa.

Não a empurrando de frente contra o colchão enquanto vinha por trás.

Não forçando os joelhos dela até os ombros, impelindo mais centímetros de si mesmo dentro dela.

Agora ele manobrou suas costas contra a parede, sua mão prendendo a garganta dela enquanto ele beijava sua orelha, sua bochecha, seu lábio inferior. Lambeu o sangue ali, saboreando a si mesmo nela.

— Você é infinitamente mais poderosa agora. — Mas comparada com a força adquirida com a idade dele, ela permanecia delicada para ele.

— Então você não terá que se conter?

314

Não posso mentir.

— Vou te dar tudo que puder.

Ao ouvir suas palavras, o olhar dela se fechou no seu pescoço, na veia que pulsava ali.

— Você quer mais sangue?

Ela desviou o olhar, mas não antes que sua língua dardejasse nos lábios.

— Jamais se envergonhe de sua sede. Nós consideramos isso sagrado. Olhe

pra mim e me diga que quer mais.

Ela olhou de esguelha para ele.

— Deus me ajude... E-eu quero.

— Nesse momento meu sangue fluiu forte para um lugar do meu corpo.

Seus olhos se arregalaram com compreensão.

Antes que ela pudesse protestar, ele os tinha na cama.

— Deite de costas então. — Quando ela o fez hesitante, ele ficou de joelhos ao lado da cabeça dela.

Agarrando seu pau, ele disse a ela: —Mergulhe suas belas presas em mim aqui. — Ele sabia que ela queria, sabia que ela podia ouvir seu sangue correndo ali. — Beba, Elizabeth.

Ela o encarou com cobiça.

— Mas vou te machucar.

Ele agarrou sua nuca, puxando-a até ele de modo que seus lábios se pressionaram nele.

— Beba.

Tome dela. Não era sempre esse o pensamento dele durante o sexo? Essa noite, ele pensou, *Dê tudo a ela...*

Com um gemido perdido, ela cobriu sua carne saboreando com lambidas, descendo para acariciar seu saco, em seguida de volta ao seu eixo. Mas ela não mordia.

Em vez disso, ela sussurrou seu nome, plainando beijos amorosos pelo seu comprimento, acariciando-o com sua face... apreciando-o.

Carinhosamente ele colocou o cabelo dela atrás da orelha, querendo que

continuasse fazendo isso para sempre — mesmo que estivesse desesperado pela mordida dela.

Para tentá-la, ele correu uma garra na lateral do seu pau, traçando uma linha de sangue.

— Lizvetta, amor... tome!

315

O olhar de Ellie estava paralisado pelas gotas vermelhas como pérolas no topo da ereção de Lothaire. Um grito escapou dela quando suas presas cresceram, parecendo inchar dentro da sua boca.

— Eu serei tudo que você precisa. — Alguma vez o acento dele foi tão denso? — Prove-me! — Sua grande mão cobriu um lado do seu quadril, suas garras se cravando na pele dela. Ele era mais enérgico com ela agora, mais animalesco.

Ainda que a agressão dele a chamasse, invocando uma resposta selvagem dentro dela, balançou sua cabeça.

— Lothaire, não posso machucá-lo!

— Sua presas doem?

— Oh, Deus, sim!

— Você precisa afundá-las na carne. *Minha* carne . A dor só vai piorar.

Levantando o olhar para ele para ter coragem, ela abriu os lábios.

— Sim, Noiva, *alimente-se...*

Ela disparou a língua para o fluxo; ao primeiro contato, um gemido delirante escapou dela.

Seu sangue a queimava, parecendo saltar para sua língua, trazendo aquela sensação de volta ao lar, de *certeza*.

Ao mesmo tempo, sede e excitação a inundaram. Insuportável.

— Você deve morder... — ele sibilou.

Antes que ela tomasse uma decisão consciente, suas presas começaram a afundar ao lado da grossa ereção dele.

Ela perfurou sua carne revirando os olhos.

— *Deuses, sim!* — Ele rugiu, suas costas se arqueando.

Inegável. Enquanto o delicioso sangue de Lothaire encharcava sua língua, seu poderoso coração trovejava em seus ouvidos, um tamborilar para os gemidos dele de êxtase.

— Chupe, Lizvetta, até não conseguir mais. Sou forte *para você*.

Ela fez, extraíndo uma rica e sensual investida dele. Ela sentiu como se esperasse toda sua vida para beber assim. A cada gole, seus seios e sexo incharam, seus mamilos se projetando desenfreadamente.

Ela estava em chamas, seu corpo parecia pulsar com cada batida do seu coração — ou do dele?

O sangue de Lothaire a afetava de maneiras que não conseguia entender. Sentia-se mais viva do que antes, mas suas emoções estavam fora de controle. Num momento ela pensava que ia chorar, no outro, rir histericamente. Ela sugou mais forte.

— Não pare, não tire suas presas. — Deitando-se de costas, ele disse áspero.
— Devo beijá-la também.

316

Ela se mantinha mordendo-o, enquanto ele manobrava o corpo dela para o seu lado.

— Grite, Lizvetta, grite para mim.

Quando ele enterrou a cabeça entre suas pernas, pressionando sua boca aberta nela, ela gritou.

— Ah, continue se *alimentando* — ele ordenou com um açoite de sua língua — e irei recompensá-

la.

Vagamente se lembrou da última vez que ele disse isso. Ela queria sua recompensa, não pararia de sugar até ele a afastar.

Ele se debatia de prazer enquanto ela enfiava suas garras em seu peito, bebendo com gananciosos puxões. Então ele cobriu seu clitóris com a boca, sugando-a.

Êxtase. *Nunca tire isso de mim.* Ela mergulhou as garras no seu traseiro. *Quero que isso nunca acabe.*

Quando ele rosnou contra sua carne, as vibrações deram ainda mais prazer. *Prestes a gozar.* Para um orgasmo como nunca teve antes.

O sangue dele na sua língua. Seus músculos flexionando enlaçados embaixo de suas garras. Seu eixo em sua boca voraz.

Ela podia sentir sua semente subindo, pensou que *saboreava* isso.

E quando percebeu uma minúscula picada de sua própria presa, seus olhos flamejaram abertos. Ela caiu pelo precipício.

Gritando... sugando profundamente... gritando mais.

Ele rosnou contra ela enquanto seu sêmen começou a bombear sobre seu tronco, atingindo seu peito.

O cheiro de sêmen, de sexo. De sangue. *Paraíso.*

Mesmo depois de gozar, ele permaneceu duro entre seus lábios.

Entre duras respirações, ele disse áspero:

— Amor, tem que me devolver isso para ter sua recompensa. — Ele segurou sua face entre as mãos em concha, pressionando um polegar no maxilar dela pra soltá-lo.

Ela o fez relutante, dando lambidas saudosas enquanto ele se puxava dela.
Perdendo a cabeça.

Ele descuidadamente limpou um pouco da sua semente marcando seu peito, então riscou entre as pernas dela.

— Agora que tiramos esse primeiro frenesi do caminho... — Ele deslizou um dedo dentro do seu núcleo escorregadio.

317

—Lothaire! — Ele não lhe deu trégua enquanto afundava um segundo dedo profundamente. Com movimentos torcidos de seu pulso, ele perversamente os empurrava, mais rápido... mais fundo. As veias salientes em seu braço e músculos do pescoço agora pareciam duplamente sensuais para ela.

— Isso é... é sempre assim?

Orgasmo humano, fogos de artifício. Orgasmo de vampiro, *explosão atômica*.

— Assim que aprendermos o que seu corpo pode fazer? Só vai ficar melhor. Vou fazer você amar isso, fazê-la agradecer por ter te transformado em uma da minha espécie.

Ela balançou a cabeça fortemente.

— Ainda não aceitei isso...

Ele tocou suavemente o topo do seu canal até ela gritar.

— O que era mesmo, Noiva?

Quando ele parou, ela exclamou:

— Isso não é justo!

— Eu deveria ser injusto mais uma vez, Lizvetta?

Outra carícia, outra pausa.

Olhando dentro dos seus olhos, ela novamente sentiu como se estivesse fazendo um pacto com o diabo, sua alma entregue no espaço de um apelo.

— Por favor, não pare...

Capítulo 50

As íris de Elizabeth estavam escuras de emoção enquanto ele acariciava seu calor, sua respiração superficial entre seus lábios ensanguentados. Só de olhar para ela fazia aquela dor retornar ao seu peito.

Mas Lothaire não podia se permitir saborear esse sentimento desconhecido — ou a liberação surpreendente que eles acabaram de compartilhar. Ele tinha uma agenda. Deveria convencê-la que este era o caminho certo.

Se sua Noiva tinha uma falha fatal, era sua teimosia. Claro, agora que ele amava essa característica nela, achava admirável. Não significava que ela não devesse ser persuadida disto às vezes.

Ele estava à altura do desafio.

Novamente curvou seu dedo dentro dela. Porque seu sangue corria dentro dela, aquele lugarzinho enrugado tinha aumentado — tanto que seria capaz de senti-lo contra seu eixo quando a tomasse, sentiria capturando a borda de sua cabeça ingurgitada.

E Deuses, como *ela* sentiria isto...

318

— Vou te banhar com prazer, com riqueza. — Ele começou circulando seu polegar sobre o clitóris, enquanto esfregava o seu interior. — Você nunca vai lamentar isso. Esta noite vou fazer você gozar mais uma dúzia de vezes, cada

uma mais forte que a anterior.

Um lampejo de angústia passou pelo seu rosto. Ele ouviu falar de humanos transformados, que sexo com um imortal era mil vezes mais intenso. Não se admirava que ela temesse.

— Shh, shh, amor, você pode suportar isso agora. Eu nunca faria nada com o seu corpo que não pudesse me agradecer mais tarde.

— Como mudar minha espécie.

Sem nenhuma vergonha ele disse.

— Exatamente. — Removendo seus dedos, ele enfiou suas mãos debaixo de sua bunda e a ergueu.

Com uma punhalada rápida, ele montou sua fêmea.

Lothaire se retirou e mergulhou seu eixo profundamente, torcendo seus quadris esguios para fazer Ellie sentir coisas que nunca poderia conhecer.

— Sim, sim! Sim? — Ela começou a gozar antes mesmo que compreendesse o quanto estava perto.

— Estou gozando... *Oh, Deus!* — Ela podia sentir seu sexo apertando seu eixo inúmeras vezes enquanto ele estremecia e suave em cima dela, ele mesmo já no limite.

— Isto não vai parar Lothaire! — Seu pênis estava deslizando sobre aquele ponto dentro dela, fazendo com que o orgasmo continuasse indefinidamente.

Ele foi impiedoso, continuava mergulhando, mergulhando, até que ela estava soluçando por misericórdia — enquanto levantava seus quadris pedindo mais.

Mas ele rangeu os dentes, diminuindo o ritmo.

— Você aceita isso? — Ele enroscou os dedos nos cabelos dela, agarrando-a,

erguendo o rosto dela para o seu. — Você me aceita?

Ela quase podia imaginar que ele estava dizendo *perdoar* em vez de *aceitar*.

— Aceito! Oh, sim! — Ela teria dito qualquer coisa a ele naquele momento, qualquer coisa que o mantivesse se movendo dentro dela.

Ele mergulhou para beijá-la, lambendo seus lábios, suas presas sensíveis. Enquanto o rico sangue fluía entre suas línguas, ela rasgou os lençóis com suas novas garras.

Na primeira vez que eles fizeram sexo, ela implorou que ele fosse mais gentil. Agora ela exigia.

— Mais duro!

— Você quer isto duro? — Seu tom a advertiu que ela poderia não suportar.

No entanto ela se encontrou marcando suas costas para instigá-lo. Ele estremeceu, arqueando em suas garras. E por um breve momento, ele lhe lançou um olhar de... espanto?

319

Então o Lothaire implacável retornou. Com um grunhido ele empurrou seus quadris no colchão, golpeando contra ela. Os sons de seu sexo era ensurdecedor —suas peles se chocando, seus gemidos contínuos, suas palavras guturais em russo.

E sempre o trovejar de seus corações. Ela estava na borda, perto de chegar ao clímax novamente.

Este êxtase a teria matado como uma humana.

Entre respirações ofegantes, ele disse asperamente.

— Diga que você me ama.

Ela quase gritou que o amava. Mas, mesmo nesta névoa de emoção, ela se

apegou a um sussurro de teimosia. *Não diga a ele primeiro.*

E uma vez que começou a ter um orgasmo, não podia fazer mais do que gritar seu nome.

Justamente quando Ellie temeu que não pudesse mais aguentar suas punhaladas, seu corpo acalmou completamente, seus músculos salientes estirados.

— *Nunca deixarei você ir, Lizvetta!* — Ele permaneceu imóvel dentro dela, seu rosto uma máscara de tensão. — *Você é minha!* — ele rugiu com seus olhos incandescentes, seu olhar fixo no dela. — *Minha!*

Ah, Deuses, você é... *minha...*

O êxtase iluminou suas feições.

Sua semente fervia diante das arremetidas. Seus quadris avançavam numa fúria incontrollável, pistoneando entre suas pernas. Os jatos escaldantes de sêmen bombeando para dentro dela... seu corpo se derramando dentro dela... repetidamente...

Uma vez que ele a encheu com seu calor, finalmente desmoronou sobre ela.

— *Lizvetta.* — ele gemeu atordoado.

Ela o agarrou apertado, pressionando beijos por suas têmporas úmidas, o suor escorrendo por seu pescoço. Ele permaneceu dentro dela, ainda empurrando suavemente.

Enquanto seus corações martelavam juntos, ela experimentou aquela proximidade com ele que conheceu uma vez e depois perdeu.

— Isso está apenas começando, amor. — ele prometeu, seu eixo se agitando dentro dela...

No final da noite, depois de incontáveis turnos de sexo, ele a apertou contra seu peito — rígido.

Mas ela se sentia tão bem.

—Você sabe há quanto tempo eu queria segurar minha Noiva assim? —
Esfregando seus lábios contra seus cabelos, ele murmurou. — Você nunca
mais vai querer qualquer coisa, Elizabeth. O mundo é seu para tomá-lo.

Novamente, ela se sentia protegida. *Segura*. Suas pálpebras começaram a
ficar pesadas. Mas não queria que isso acabasse, temia que despertaria
amanhã e tudo teria sido um sonho.

320

— Estou tão sonolenta.

— Minha linda menina, a madrugada se aproxima. E todos os bons vampiros
estão na cama.

Abrandando ela arqueou uma sobrancelha para ele.

— Então você vai ficar acordado.

Cavando seu rosto, ele cobriu levemente sua boca com a dele, lambendo
ternamente sua presa, dando-lhe um último gosto de sangue.

O mais doce beijo de boa noite. Então voltou ao berço seguro dos seus
braços.

Então por que ela ainda sentia uma sombra de desconfiança? Por que sentia
como se tivesse de fato, apenas vendido sua alma para o diabo — e não
houvesse nenhuma política de reembolso?

Não, não. Que mulher não adoraria este Deus, este amante decadente com
poder e dinheiro que parecia adorar o seu corpo?

Se ele dissesse que a amava nesse instante, ela diria de volta. E iria querer
dizer isto.

Mas ele não dissera. E nunca disse a ela que se sentia arrependido por tudo
que fez a ela.

Eu sou a tola do Lothaire...

Lothaire tinha exatamente zero reinos sob seu controle. Nenhuma de suas vinganças foram executadas e todos os seus planos foram derrubados.

No entanto, um lânguido relaxamento se espalhava por ele. Seus lábios continuavam a se curvar por conta própria.

A satisfação que sentia por acariciar os cabelos de Elizabeth enquanto ela dormia contra seu peito...

era indescritível.

Ele a satisfez com seu corpo alimentando sua necessidade, então a saciou. Ele a alimentou com seu sangue até que sua pele estivesse aquecida. Agora ela dormia profundamente enquanto ele a salvaguardava com a força que ganhou através de eras de sobrevivência.

Claro que ela o amava. Ele sabia que ela esteve a ponto de dizer mais cedo. Então sua lealdade era dele...

Indescritível.

Lothaire se esforçou bastante para ensaiar esse desejo de transformação, e o anel fez exatamente como ordenado. O que significava que amanhã ele lhe daria um presente que nenhum outro macho poderia oferecer.

Quando ela distraidamente mordiscou preocupada seu lábio inferior com uma de suas adoráveis pequenas presas, ele suspirou.

321

O fodido Inimigo do Antigo *suspirou*.

Queridos Deuses, aquilo finalmente aconteceu com ele.

Felicidade.

Então suas próprias presas afiaram. *Matarei qualquer um que tentar tirar esse sentimento de mim.*

Capítulo 51

Quando chegou o crepúsculo Ellie acordou sem tontura. Num segundo ela estava dormindo, no outro, acordada. Estranho.

Ela encontrou Lothaire contemplando-a com uma ternura desconcertante, seu cabelo desgrenhado caindo sobre um de seus olhos.

Se ele era deslumbrante antes... Lothaire parecendo bem amado era de tirar o fôlego.

Com uma voz rouca, ele disse:

— Bom crepúsculo.

Uma versão vampira de bom dia?

— Uh, pra você também.

— Como se sente?

Mentalmente? *O júri ainda está fora.* Fisicamente? *Surpreendentemente bem.* Embora se recusasse a admitir isso.

Ellie não queria que ele pensasse que podia continuar fazendo o que quisesse com essa prepotência, no que dizia respeito a ela. Se ia fazer uma vida vampírica — oh, Meu Deus — com ele, ela precisava acabar com este comportamento pela raiz.

Ela deu de ombros.

— Eu me sinto bem. É definitivamente diferente. — Ela não tinha pontadas, apesar do sexo agressivo.

Mas também não desejo meus waffles habituais.

— O que está pensando?

— Sinto falta de comida. — Com uma pontada de tristeza ela se levantou, sentindo seus olhos no seu corpo como nunca antes. Palpável. *Possessivo*.

322

— Serei seu café da manhã. Reabasteci a geladeira. Vem, Lizvetta, você adora o meu gosto. E sei exatamente como você prefere tocar a minha... fonte.

Tão presunçoso. Ela olhou para ele na cama — parecia uma cena de assassinato. O colchão estava desfiado. Por suas garras? Tinha sangue por toda parte.

Ela corou ao perceber que nunca ofereceu a ele seu próprio sangue. Isso a tornava uma amante egoísta?

Ele seguiu seu olhar, parecendo orgulhoso da destruição. Lançou-lhe um sorriso de autossatisfação como se tivesse acabado de ganhar uma discussão. E por alguma razão suas presas pareciam tão...

incrivelmente... sexys.

Sua mente parecia em branco. *Lambê-las, senti-las em mim*. Esfregou a língua sobre uma das suas próprias presas. Esse vampiro pecaminoso poderia fazer dela uma escrava sexual irracional se ela deixasse.

Ela balançou a cabeça com força, em seguida entrou no seu quarto para botar algumas roupas.

Não confiava em si mesma para ficar nua perto dele.

Quando ela abriu seu closet, quebrou o puxador da porta.

— Você vai se acostumar com a força. — disse ele, de repente atrás dela. Conforme ela olhava boquiaberta para o puxador, ele acrescentou. — Não é uma coisa ruim ser forte.

Engolindo em seco, ela colocou o puxador em cima de uma prateleira e cuidadosamente começou a se vestir, tomando cuidado para não destruir os tecidos que pareciam frágeis como teias de aranha.

Lothaire a contemplava com uma expressão fascinada, como se nunca a tivesse visto nua antes —

ou talvez simplesmente não quisesse deixá-la fora de sua vista.

— Admita. Sexo vampiro é melhor.

explosão atômica.

— Não importa. Lothaire, nós precisamos conversar.

— Nós iremos. — Ele foi ao seu encontro, puxando-a para perto, até que podia sentir sua ereção como uma barra de aço contra ela. — Depois que nos cansarmos novamente e se alimentar de mim mais uma vez. Dourada retornará à meia-noite, mas depois tenho uma surpresa para você...

— *Agora.* Por favor, vista-se.

Vendo que ela estava falando sério, ele deu de ombros.

— Estou me sentindo muito magnânimo agora.

O vitorioso. Se ele era arrogante antes, agora era insuportável. E isso irritava como nunca.

Ele riscou para longe. Quando ela voltou para o seu quarto, ele saiu do seu closet completamente vestido.

Exatamente como fizeram muitas vezes antes, ele se sentou em sua escrivaninha, ela no sofá.

— Diga-me, Elizabeth. O que não pode esperar até mais tarde?

— Lothaire, você não pode tomar decisões por mim.

— Claro que posso.

— Não, nós começamos essa coisa de igualdade. Diga.

— Eu não posso dizer isso. Enquanto você, meu amor, mantém a capacidade de mentir, eu não a tenho.

— O que foi? — Ela não entendeu.

— Nós *não* somos iguais, Elizabeth. Tenho milhares de anos de conhecimento na sua frente. A sanguinária sabedoria das eras.

A sala parecia balançar.

— Você é minha Noiva, minha posse mais querida, e sou seu companheiro e tecnicamente seu senhor. Tomarei decisões por nós e você confiará em mim para saber o que é melhor.

— Como pode dizer isso?

— Você não queria ser um vampiro, mas acabou adorando.

— Amei uma noite disso. Veremos o resto! — Ela tentou dizer a si mesma que ele simplesmente não sabia mais o que dizer dessas coisas. Como Balery explicara, Lothaire era emocionalmente insensível porque nunca aprendeu como — ou por que poderia — se comportar de forma diferente. — Lothaire, prometa que nunca irá tirar minha escolha de novo.

— Vou cuidar de você para o resto da minha vida, fazendo o que for necessário para garantir sua segurança. Se isso inclui tomar decisões por você, então que assim seja.

Seus lábios se separaram. Ela agora era um vampiro e ele *ainda* estava tratando-a como merda.

Isso nunca vai acabar.

Uma eternidade vivendo com esse idiota arrogante?

— Não, Lothaire, essa merda para *agora*! Ou estou deixando você. Está me entendendo? Eu não

tenho que estar com você, e prefiro ficar sozinha a ser constantemente tratada como uma criança.

— Seu sangue ainda está alto. Isso vai amenizar com o tempo. — Ele lhe deu um olhar indulgente.

— Vou perdoar estas palavras precipitadas por enquanto.

Ela gaguejou.

— *Perdoar*? Vamos falar sobre quem deve perdoar o que.

— Quem. — ele corrigiu.

— Cale-se! Eu estou certa aqui. Lembra de todas aquelas coisas que fez comigo? Ameaçar a minha família? Minha mãe e meu irmão? Enviando meu traseiro para a prisão? Você nunca me pediu desculpas.

Nenhuma vez pediu perdão, para *mim*. Simplesmente ordenou ao seu bichinho de estimação para superar isso. E somente *depois* que reconheceu que eu era sua Noiva, assim que a lâmpada *finalmente* acendeu em sua cabeça dura.

324

— E você me disse que superaria essas coisas! — retrucou. — Você me prometeu isso.

— Eu... *menti*.

Ele parecia atordoado, como se esta possibilidade nunca tivesse lhe ocorrido.

— Então você já me traiu!

— Você achou que eu apenas chutaria tudo pro alto em algumas semanas? Eu nem poderia, especialmente quando você não mudou nada! E tudo isso foi *antes* que me transformasse numa bebedora de sangue contra a minha vontade.

— Te tornar uma *bebedora de sangue* deveria cancelar qualquer ofensa contra você!— ele gritou se levantando. — Você deveria estar ainda mais agradecida comigo. Trabalhei durante anos para encontrar o anel! Arrisquei minha vida de inúmeras vezes e não cortejo a morte de forma leviana!

— Nunca pedi por isso. — Para ser uma criatura "feita" por Lothaire, para ser sua posse. — Eu nunca pedi para você!

— Você me disse que aceitou essa coisa entre nós, que me aceitou. Tomei suas palavras como verdade e acreditei nelas. Eu confiei em *você*!

— Você mentiu, também. — ela gritou. — Você me disse que eu nunca me arrependeria disso.

Agora me arrependo, com todo meu coração! Está se tornando claro como cristal que isso nunca vai funcionar entre nós dois.

Com isso sua expressão furiosa se transformou num sorrisinho cruel. Ela desprezava esse olhar.

— Isso é um problema. Você já se apaixonou por mim. Você não será capaz de viver sem mim.

Ele achava que a tinha à sua mercê, ela desejava machucá-lo tanto quanto ele continuava a feri-la.

— Não, eu não me apaixonei por você.

Depois da noite passada, eu me apaixonei completamente por você. Mas como sempre, ela não queria que ele soubesse dos seus sentimentos, não queria dar a ele mais poder sobre ela. Além disso, o amor *não* conquistava tudo. Se ela aprendeu uma coisa crescendo em uma comunidade miserável, era que às vezes o amor não era o suficiente.

— E novamente você mentiu para mim. — ele disse, mas ela pensou ter visto um lampejo de dúvida em seus olhos.

— Amor ou não, eu decidi dar a nós uma oportunidade. Mas você está estragando tudo. Está estragando tudo com sua arrogância e egoísmo, *tudo!*

Ele parecia nem estar ouvindo-a, sua mente se agarrando a uma coisa:

— Você me ama. É óbvio. Mesmo se não tivesse me dito, oh, como você colocou? que "o que sentimos entre nós não é algo que todos experimentam juntos".

— Eu não disse isso naquela noite que percebi que você ia realmente me matar? O que você não teria dito no meu lugar?

325

— Vamos acabar com isso agora, Elizabeth. Você está fazendo besteira.

— Claro que *sou* a única fazendo besteira. Nunca você. Porque sou comprovadamente inferior a você! Não é assim que *você* coloca? Como eu poderia amar alguém que me trata como um cão? Você espera que eu tenha sentimentos de ternura por um homem que me capturou, atormentou e estava secretamente planejando destruir a minha alma. O que acha que isso diz sobre mim? Será que *você* quer uma mulher que permitiu a um idiota tratá-la dessa maneira?

— Se você não se apaixonou por mim, então o que estivemos fazendo nessas três semanas?

— *Nós? Eu estava sobrevivendo!* E fiz o que foi necessário.

Com uma voz calmamente ameaçadora, ele disse.

— Isso é tudo o que foi pra você? Um subterfúgio?

— Como poderia ser mais alguma coisa? Diga-me, Lothaire, quero saber. Convença-me por que eu deveria te amar.

— Porque qualquer outra mulher faria isso! No entanto, você *fingiu* afeição por mim? — Seus olhos brilhavam com ira.

Isso... a assustava. O que só a deixava mais furiosa.

— Sempre no fundo da minha mente eu pensava em tudo o que você tinha feito.

— Vai fazer o que for preciso para sobreviver mais uma vez? Você não tem ideia de como riscar ou obter sangue. Está totalmente dependente de mim. Se eu tiver que usar a sua sede para mantê-la como minha cativa, então eu vou.

Qualquer confiança que ela conseguiu sentir por ele tinha acabado de ser violada — além do reparo.

Ela sentiu os lábios recuando sobre suas próprias presas, sentiu-os se alongando enquanto as memórias a atormentavam. “*Eu decidi deixá-la ir para a prisão esta noite*”. “*Vou matar sua família com prazer...*”

O medo e a frustração que vinham crescendo continuamente agora transbordaram.

— Nunca mais quero ver seu rosto novamente.

— É uma pena, Elizabeth. Você está presa a mim. Não por algumas décadas, não por séculos. Está ligada a mim para sempre. Essa filha e filho de que você falou? Eles virão de mim ou de ninguém.

— Estou *saindo*! — Ela se virou para a porta caminhando corredor abaixo, vacilando quando se lembrou daquelas coisas a perseguindo na noite passada.

— Deixando-me? — Ele riscou na frente dela com uma risada zombeteira. — Mesmo que pudesse passar pela barreira, para onde iria?

Ela caminhou em torno dele.

326

— Onde você poderia ir que eu não a encontraria? — Ele a seguiu

insultando-a, mesmo que seus sentimentos fossem primitivos, seus nervos desgastados.

Eles estavam agora na sala de estar onde ele a trouxe naquela primeira manhã — direto da cadeira de injeção.

Ele a arremessou ao redor, empurrando-a para o chão.

— Para onde eu iria? — Perguntou ela. — Que tal o mesmo lugar para onde a minha família foi, onde você não pode encontrá-los! Algum dia eu ficarei livre.

Ela pensou ter visto um flash de alarme em seus olhos, mas sua própria agressão rapidamente encobriu isso.

— Resigne-se ao fato de que nunca vai vê-los novamente! Eles estão mortos pra você, assim como você está para eles.

— O que isso quer dizer?

— Eles acreditam que você morreu naquela fuga da prisão, morta a tiros por um guarda. Eles nunca saberão a verdade, mascote.

E com isso, seu elástico mental... arrebentou.

Em vez de cair fora, vou atacar.

Ela pegou um vaso, jogando-o em cima dele.

— Eu te odeio! Só uma tola poderia te amar! — Então uma luminária. — Feio por dentro! — Ela se precipitou sobre a espada decorativa com que o ameaçara no primeiro dia. — Por que não tenta me jogar do outro lado da sala agora!

Em um tom malicioso, ele disse.

— A bruxa te chamou de selvagem antes. A bruxa não viu *nada*.

— Vou matar você!

— Você nunca me machucaria. Negue tudo que quiser, mas você me ama. Use sua pequena espada para me convencer do contrário, ou aceite que é minha para sempre. — Mais uma vez, ele riu.

Sua risada a tirou do sério, cortando como uma faca. Selvagem com a confusão, ela levantou a espada, desejando que pudesse cortá-lo de volta.

Quando ele avançou, ela gritou:

— Fique longe de mim! Eu não posso... Eu não posso estar aqui agora! Apenas deixe-me ir!

— Você não pode estar aqui? E mais, não deixarei você ir.

— Eu te disse pra ficar longe! Vou atacar! — Vermelho cobriu sua visão. Literalmente.

Lágrimas de sangue. Querido Deus, eu tenho lágrimas de sangue agora. Não posso ver.

327

— Você nunca poderia brandir essa espada contra mim. Agora pare de agir como uma criança, e afaste isso antes que alguém se machuque.

Ela gritou com fúria, mas *ainda* podia ouvir sua risada.

Não consigo parar de gritar... o cabo da espada se encravou no meu punho... cegamente brandindo a lâmina...

O riso parou. Aquilo foi baque no chão? Ela engoliu em seco, a tontura a engolfando.

Isso *não* foi apenas o seu corpo? *O desgraçado está brincando comigo, me enganando.*

Ela esfregou os olhos, uma vez e depois outra, e viu...

Horror.

Lothaire deitado de costas, sua cabeça pendendo em um ângulo com o corpo. Seu pescoço foi cortado completamente, sua espinha cortada...

Os dedos dela ficaram moles. A espada caiu no chão.

Seus joelhos se curvaram, ela desabou ao lado do seu corpo. *Eu... o matei?*

Mais lágrimas surgiram quando se jogou sobre o peito imóvel. Não, não, não! Ele era invencível —

nada poderia derrubá-lo. Muito menos ela. *O que eu fiz?*

Ela não tinha chegado perto o suficiente para alcançá-lo. *Como, como, como?*

Angústia substituiu sua raiva. Mesmo depois de tudo, ela nunca quis machucá-lo assim — para...

matá-lo. Só porque ela não achava que eles pudessem viver juntos não significava que não sentia amor por ele. *Eu não estava perto dele!*

— Ele não está m-morto. — soluçou. — Não está. N-não pode estar. — Ellie se levantou, inconscientemente arrancando os cabelos. Seus olhos cheios de sangue dispararam... Ela congelou. O anel.

—Eu n-não quero que ele *esteja*. — Ela se levantou correndo para o cofre. — Vou trazê-lo d-de volta.

— Você não vai fazer nada. — disse uma voz atrás dela.

Ellie se virou. Uma mulher com longos cabelos negros, orelhas pontudas e pequenos caninos estava ao lado do corpo de Lothaire. Ao lado dela estava um demônio corpulento observando atentamente a cena.

— Quem é você? — Ellie exigiu. — Como rompeu a barreira?

— A Valquíria prestes a te raptar. Com informações de uma vidente.

— Tente me impedir do que eu quero. — Ellie estalou suas presas. — Eu te desafio.

Com uma velocidade correspondente a de Lothaire, a mulher de cabelos negros atacou Ellie, seu punho pegando-a desprevenida.

328

Ellie girou em um pé, sangue espirrando de sua boca antes que ela caísse de joelhos. A mulher estava sobre ela imediatamente, prendendo seus pulsos, em seguida empurrando uma lâmina contra sua garganta.

— Não! Deixe-me ir!

— Você é uma ex-humana, então? Aposto que tomou o bastardo presunçoso abaixo com uma estaca. — Ela sinalizou para o demônio. — Deshazior, agora.

Imediatamente o demônio riscou à frente, agarrando o braço de Ellie. Ele podia teletransportá-la dali em um instante.

Para longe de Lothaire.

— Não, não me toque! — Ellie sibilou, lutando com toda sua nova força, mas não podia se soltar do aperto do demônio. Agora implorando à Valquíria, ela exclamou: — Tenho que pegar o anel! Estou implorando a você! Vou negociar com ele, apenas me escute! — A fêmea estava imóvel. Para o demônio, Ellie gritou: — Não! Não faça isso...

Ele começou a riscar com ambas, a Valquíria e ela. Pouco antes de desaparecerem, Ellie se virou para uma última visão de Lothaire.

O vampiro por quem ela se apaixonou. *Eu matei o homem que eu amava.*

Mas vou trazê-lo de volta...

Um instante depois os três apareceram na frente de uma enorme mansão com fantasmas vestidos de vermelho voando ao redor. Relâmpagos riscavam o céu noturno enevoadado, gritos soando constantemente.

Eles me trouxeram para um Coven de Valquírias? Ela precisava descobrir onde estava e então traçar um plano de fuga. Tenho que voltar para o anel

antes que a Dourada chegue.

Enquanto a Valquíria a arrastava para a entrada da frente, a mente de Ellie zumbia com ideias. Ela poderia forçar o demônio com a ponta da espada para riscá-la de volta! Então poderia curar Lothaire, poderia levá-los de volta no tempo, se ela tivesse que fazer.

Ficar livre. Encontrar uma espada. Isso ainda não acabou. Suas novas garras cravaram nas palmas das suas mãos até que o sangue escorreu. Tenho que escapar! Lothaire está lá... morto.

Quando a fêmea começou a empurrá-la até os degraus da varanda, o demônio fez uma reverência provocativa.

— Até nos encontrarmos novamente, Carafina.

— Não! — Essa era a sua viagem de volta! Ellie se debateu contra o aperto incansável da mulher, mas ele já tinha desaparecido.

Depois de casualmente oferecer uma mecha do seu cabelo para os fantasmas voadores, esta Carafina apertou firme Ellie, enviando-a deslizando pelas portas da frente.

Ellie se virou.

329

— Deixe-me ir, sua puta!

Os olhos da Valquíria ficaram violetas, brilhando sinistramente.

— Sou a única coisa que protege você de minhas irmãs agora.

No interior, fêmeas de orelhas pontudas estavam por todo o lugar — olhando para baixo do patamar do segundo andar, revestindo as paredes. Embora cada uma delas fosse de uma beleza surpreendente à sua própria maneira, todos tinham garras, dentes e se moviam com uma graça sobrenatural.

Enquanto sua sequestradora forçava Ellie mais para dentro, uma Valquíria

disse.

— Estamos permitindo que uma sanguessuga ande livremente por Val Hall?

Val Hall – A fortaleza Valquíria! Na *Louisiana*.

Oh, Deus, como posso conseguir voltar para Nova York? Mais lágrimas inúteis derramadas, mas foi capaz de piscar para afastá-las rápido. *Isso a inda não acabou!*

— Onde é que o Inimigo do antigo encontrou uma *vampira*? — Outra perguntou. — Ah, nojento, odeio quando sanguessugas choram!

Uma terceira gracejou:

— Então por que sempre os faz agir assim no campo de batalha?

O grupo riu.

Voltar para Lothaire, voltar para Lothaire. Mas Ellie estava se enfraquecendo a cada momento, sua boca seca de sede. De suas lágrimas?

— Essa cadela está checando meu pescoço? — Uma ruiva baixinha lançou.
— Porque se sim ela está desejando me comer.

Quando entraram em outra sala, Ellie viu ainda mais Valquírias cobrindo as paredes. Uma de olhos dourados estava sentada na cabeceira de uma longa mesa de jantar — com um morcego empoleirado em seu ombro.

— Bem-vinda Ellie Ann Peirce Daciano. Sou Nix, a sabe-tudo, e serei sua vidente esta noite.

Então esta é a famosa Nix.

— Por que fui trazida pra cá?

— Cara, a Justa, sua Valquíria/Fúria sequestradora desta noite, planeja pedir seu resgate a Lothaire para obter informações. Você vê, ele levou a irmã gêmea de Cara, nossa rainha Furie e a aprisionou.

Cara deu a Ellie outro empurrão, seus olhos violeta ficando prateados com emoção.

— Seu amante a acorrentou no fundo do oceano para que ela pudesse se afogar repetidas vezes até o fim dos tempos! Ele fez isso há seis décadas!

330

Tinham *chamas* se espalhado em torno da cabeça de Cara?

Nìx murmurou.

— Carafina, calma, suas asas começam a aparecer.

Asas de fogo? Ellie estava muito perturbada para se importar. Ela cuspiu as palavras:

— Você está muito atrasada. Ele está *morto*.

— O quê? — Nìx gritou, parecendo realmente chateada. — Eu não vi isso!

— E-eu o decapitei. — Sangue borbulhava do seu estômago quando náuseas a invadiram, mas ela o engoliu de volta.

Alguém ao longo da parede murmurou.

— Uma vampira decapitou o Inimigo do Antigo? Não consigo decidir se devo estripá-la ou pedir seu autógrafo.

Ellie se virou com um silvo.

Cara disse a Nìx.

— Ele não está morto. Sua noiva deixou um fiapo de tendão. Não foi uma decapitação completa.

Ele vai se levantar novamente.

A esperança saltou no coração de Ellie.

— Ele vai... ele vai viver?— Mais uma vez suas novas garras se cravaram nas palmas da suas mãos.

— Aproxime-se, Elizabeth, e deixe-me ver ao certo. — disse Nix. Quando Ellie ansiosamente o fez, a vidente pareceu perscrutar dentro de sua mente. Depois do que pareceram horas Nix pronunciou. —

Lothaire está muito vivo.

— Você jura?

— Muitas vezes. Embora não tanto quanto a desbocada da Regin. Tento não fazê-lo na frente de Bertil. — Ela acariciou o morcego.

— Eu quis dizer se... Lothaire vai viver?

— Vai.

Por alguma razão ela confiava nesta Valquíria louca. Se Nix disse que ele viveria, então Ellie acreditaria. Ela cedeu com alívio.

Cara a agarrou.

— E assim que ele se curar, virá atrás de você. Até esse momento, será mantida aqui. — disse Cara.

— Não há como escapar de Val Hall. Se tentar riscar daqui, os espectros vão impedi-la... violentamente.

Ellie mal estava escutando. *Eu não o matei*, sua mente entoava, *eu não o matei*.

331

Nix acrescentou:

— Você vai ser um tipo de prisioneira política.

Ele está vindo para mim. Ellie nunca esperou estar tão animada com a

perspectiva.

Então ela franziu a testa. Lothaire *viria* para ela? Ele a perdoaria? Em um momento na sua briga, ele pareceu homicida. E isso foi *antes* dela quase o decapitar. Claro que ele saberia que foi um acidente.

Ela era sua noiva vampira, ele *teria* que vir para ela. Tranquilizada, Ellie finalmente olhou ao redor da sala.

Embora ela estivesse mais que aliviada de que Lothaire viveria, não podia sentir felicidade.

Presa mais uma vez?

Capítulo 52

Como se de uma grande distância, Lothaire ouvisse seres murmurando em... Dacian?

Onde estou? Ele riscou dormindo novamente? *Por que não consigo abrir meus olhos?* Cada músculo em seu corpo ficou tenso, seu primeiro pensamento frenético para Elizabeth.

— Ele está enlouquecido o suficiente. — uma voz profunda disse. — Mas sua companheira também?

— Pelo menos a maldição estará terminada. — disse uma mulher.

— É verdade Mina, mas Lothaire não é simplesmente uma nova maldição? — um macho disse secamente. — Talvez devêssemos tê-lo deixado em York.

— Devo dizer o que eu te disse mais cedo ou simplesmente mais vezes? — outro macho disse num tom depreciativo. — E é Nova Iorque. — Evidentemente, há diferenças entre os dois.

Porra! Eles eram Daci. Eles o capturaram. Onde estava Elizabeth?

Então as memórias caíram sobre ele. A última coisa que se lembrava era dela gritando, seus olhos negros com raiva enquanto empunhava uma espada. Ela

se precipitou para ele.

Em seguida a mordida da lâmina . *Ela... ela quase cortou minha cabeça?*

Deuses, ela mentiu pra ele, fingiu amor por ele e tentou matá-lo! Ele se perguntou quantas vezes teria uma espada em seu pescoço antes de uma atingi-lo de verdade.

Nunca pensou que fosse ter que se preocupar com sua própria Noiva desferindo o golpe.

Mais uma vez fui traído.

332

Com dificuldade ele levou a mão à sua garganta, sentindo um curativo. Por que os Daci colocariam um curativo nele?

— Ele está despertando finalmente.

Quando Lothaire conseguiu erguer as pálpebras, ele se encontrava na cama em algum quarto palaciano.

O cheiro de sangue fresco enchia o ar. A luz derramava através da janela aberta e se espalhava sobre seus braços, mas não se queimou. Figuras desfocadas estavam junto à sua cama.

Ele tentou se levantar. Não podia.

À medida que sua visão se ajustava ele viu três machos altos, de cabelos escuros, todos semelhantes na aparência e uma mulher pequena de cabelos claros. Cada um vestido com roupas à moda antiga.

Outro vampiro enorme sentado à escrivaninha com botas apoiadas sobre ela. Ele estava bebendo de uma jarra — que cheirava como uma infusão de sangue e álcool. Sua aparência era mais moderna que a dos outros, seus olhos de um azul glacial. *Como os meus costumavam ser.*

O Dacian da Floresta de Bloodroot!

— Onde estou? — Lothaire falou asperamente, sua garganta queimando como se ele tivesse engolido um atizador.

— No castelo de Dacia. — disse o que estava sentado. — Sou o Príncipe Stelian. De pé estão os Príncipes Trehan, Viktor e Mirceo, como também a irmã de Mirceo, a adorável Princesa Kosmina.

Ela nervosamente fez uma reverência formal.

— *Um vampiro fêmea?* — Lothaire não vira uma puro sangue há séculos.

— As nossas estão a salvo da praga aqui.

Lothaire estreitou seu olhar em Stelian.

— Você estava em Helvita naquela manhã.

— Está certo. Estávamos empenhados em salvar nossa rainha dos homens de Tymur. Uma vez que você tinha, como é o termo moderno? Deixado a bola cair.

— Rainha? — Uma vertigem tomou conta de Lothaire.

— Bem vindo ao seu reino, meu soberano. Você é nosso governante agora. Recém restaurado. —

Ele levantou a jarra num brinde simulado.

— Como? Não conquistei nada, não travei nenhuma guerra com vocês.

— A família real te escolheu para ser nosso regente. Quase por unanimidade, apenas um voto contra.

333

— Por que você faria isso? — Lothaire exigiu, tossindo sangue. — Porque você mesmo não assumiu o trono?

— Aqui, Tio Lothaire. — disse a mulher, apressando-se adiante com um

cálice incrustado de pedras preciosas. — Beba isso. Tem ervas medicinais.

Lothaire arremessou a taça contra a parede, espirrando sangue perfumado.

— *Tio?*

Stelian exalou.

— Tecnicamente você é nosso primo. Mas os jovens Mirceo e Kosmina chamam os primos mais velhos de tio numa tradição peculiar.

— Responda à minha pergunta!

Trehan disse.

— Quando Ivana a Corajosa morreu, ela amaldiçoou sua família para viver em guerra e receber punhalada pelas costas até que você fosse feito rei, até que todos nós jurássemos lealdade a você.

— Minha mãe não era bruxa.

Stelian fez um gesto de descaso.

— Talvez ela tenha colocado em jogo as intrigas já em funcionamento. Isto foi antes do nosso tempo. Em todo caso, seis gerações foram dizimadas por assassinatos e guerras civis. Finalmente decidimos te investigar pra ver se você daria um bom governante. — Ele bebeu um gole, dizendo baixinho. — Antes de nos matarmos uns aos outros.

O três machos de pé olharam para Stelian. Ele apenas deu de ombros.

— Lothaire descobrirá tudo eventualmente.

Viktor disse:

— Nós estudamos você, mas decidimos que era muito louco para governar qualquer coisa.

Lothaire fez uma cara feia, Mirceo apressadamente explicou.

— Você insistiu em aparecer nos arredores de nosso reino meio vestido, berrando para algum fodido “lutar com você”.

Kosmina ofegou.

— Olhe a linguagem!

Batendo levemente em sua mão, Mirceo continuou.

— E você também desafiou *Serghei*, que está morto.

— Morto! — *Minha vingança não existe mais?*

334

Mirceo assentiu.

— Há mais de um milênio.

Lothaire tinha desperdiçado todos estes anos obcecado em retaliar. Por um macho que já não existia.

Trehan disse num tom comedido.

— Sem mencionar o fato de que você parecia como se tivesse intenção de consumir aquele líder da Horda na floresta. Mas então você se acomodou com a sua Noiva e se tornou mais lúcido. Decidimos jurar fidelidade a você e sua rainha.

Lothaire ficou ainda mais tenso. Então Elizabeth *era* a chave para o seu trono. A premonição da Bruxa provou estar correta. Pena que Elizabeth tentou cortar sua cabeça.

— Onde está — *aquela cadela* — “ela”?

Ele a lançaria no calabouço deste castelo, condenando-a ainda a outra prisão.

Blyad! Por que o pensamento não dava prazer a ele?

Unicamente porque ela era sua Noiva?

Ele menosprezava o destino que o predestinou a ela! E agora estavam vinculados pelo sangue também.

Mas mesmo com esta união, Elizabeth não sentira nada por ele — e violentamente tentou escapar dele — enquanto ele baixava sua guarda...

— Depois do atentado contra sua vida — Stelian disse —, ela foi capturada por uma Valquíria chamada Cara, a justa.

Então Carafina levou minha Noiva. Elizabeth estava dentro dos muros de Val Hall. Aqueles demônios relâmpagos iriam aterrorizá-la mais do que ele jamais poderia. Sua mulher o enganou e agora ela pagaria.

Lothaire teve vontade de rir.

Porém sua amargura cambaleava sob o peso de outro sentimento.

Perda. Tudo que sinto é... perda.

— E a Dourada? — ele perguntou. — Você teve um encontro com ela?

— Seu anel foi devolvido e sua transação foi concluída. — Stelian disse, acrescentando contra a beirada da jarra. — Os Deuses ajudem as pobres almas daquele livro.

Lothaire já lamentava pelo seu livro, sua fortuna desperdiçada. Começaria um novo livro! Talvez ele e a Dourada pudessem negociar as dívidas como cartões de beisebol...

Kosmina pigarreou. Quando todos os olhos se viraram para ela seu rosto ficou vermelho vivo.

335

— N-nós tememos que a Rainha Elizavetta esteja por trás da guarda do Antigo Flagelo. L-lá não há nenhum modo de lográ-los. — A fedelha era socialmente inepta, mais acanhada do que ele jamais acreditou que Elizabeth

seria.

— Seu *tio* conhece uma maneira de contornar o Flagelo. — Lothaire falou com desgosto. — Mas não vou usá-lo.

Carafina pensava em forçá-lo a revelar onde sua irmã estava? Todos assumiam que ele sabia —

simplesmente porque foi ele quem a afundou em primeiro lugar.

Talvez eu não devesse ter escolhido o fundo do mar com frequentes fendas sísmicas e uma forte corrente?

Quando contou aos outros que não tinha ideia de onde a Fúria estava, tinha falado a verdade.

Até hoje Lothaire não tinha conseguido encontrar a rainha das Valquírias, apesar da ajuda da Bruxa.

Ainda que pudesse, ele jamais resgataria Elizabeth. — *Feio por dentro!* — Ela gritou. — *Eu nunca poderia amar você!*

Ela realmente não se apaixonou por ele.

Por *ele*.

O que indicava que ela era uma idiota. Ele não tinha tempo ou paciência para eles.

Porra, Elizabeth, por que...?

Stelian pigarreou.

— Sentimentos feridos por causa de uma mísera decapitação?

Eles sabiam o que ela fez com ele? *Vou matar todos eles...*

— Ela deixou um fiapo de tendão. — Stelian adicionou. — Muito para regeneração.

Lothaire estreitou seu olhar nele.

— Você foi o único que votou contra minha restauração.

— Pois é. Naquele momento parecia sensato, e ainda mais agora que perdeu sua rainha.

— Eu não a *perdi*.

— Eu não sou nenhum perito em mulheres — os outros reviraram os olhos para isto —, mas acredito que uma tentativa de decapitação significa a necessidade de um pouco de *espaço*.

Lothaire não gostava deste Stelian espertinho.

Num tom inocente, o Dacian perguntou:

— Não é este o termo moderno para isto?

336

Viktor disse:

— Já reunimos um grupo para negociar com as Valquirias. Se isso falhar, vou alegremente liderar o cerco. — O negro cintilou em sua íris, como se a ideia de uma guerra o despertasse.

Então este aqui gosta de lutar.

— Desfaça. Carafina pode apodrecer esperando. — Ante o olhar incrédulo do macho, Lothaire disse. — Não quero recuperar minha Noiva.

Mirceo disse:

— O que quer que tenha acontecido entre a Rainha Elizavetta e você deve ser relevado pelo bem da coroa...

— Não fale o nome dela novamente — Lothaire murmurou —, ou será sua última palavra.

Os lábios de Mirceo se abriram de surpresa.

— Se isto é o que você... ordena, meu soberano.

— Não estão acostumados a receber ordens, estão, Mirceo? — Lothaire olhou para eles um por um. — Vocês todos presumiram que eu *quero* o seu reino? Talvez eu prefira a porra da Horda!

Outro suspiro de Kosmina, com rubores mais furiosos.

Stelian disse:

— Vá para a janela, olhe pra fora.

Indiferente a sua nudez, Lothaire o fez. Com um balbucio sufocado chocado, Kosmina riscou para longe enquanto Mirceo ria.

— Essas *são* vestes para você, tio. Tome cuidado para não ditar uma nova moda.

Da janela Lothaire olhou para fora, curioso. *Por que Ivana jamais deixou este lugar?*

Ele estava no lendário castelo de pedras negras de Dacia, rodeado por fontes de sangue.

A magnífica estrutura se assentava no alto de uma vista rochosa — a partir daqui ele poderia inspecionar um reino que se estendia por diante — antes de se desvanecer em uma névoa no horizonte.

Elevadas cavernas se erguiam acima, ruas de paralelepípedos atravessavam a névoa abaixo. A arquitetura era antiquada, mas ornamentada construída com pedras esculpidas.

No topo de uma caverna alta um prisma gigante diluía a luz do sol, brilhando acima do reino inteiro

— raios suaves que iluminavam tudo, mas não queimava. Nem mesmo a pele de um vampiro.

Tudo que eu vejo é... meu.

Quando conseguiu articular as palavras mais uma vez, ele informou: 337

— Minha coroação será realizada assim que minha garganta se curar. Então aceitarei seus votos de lealdade.

Isso realmente estava acontecendo, os imbecis o estavam convidando para governar este reino fantástico.

— Muito bem. — disse Stelian com indisfarçável desapontamento. — Você adotará um novo nome de regente?

Uma tradição dos vampiros. O tio de Lothaire, Fyodor, tomou um novo nome quando foi coroado pela Horda — o que significava uma *regra sem fim*.

— Ah, não exatamente, Tio. — Não. Eu fiz RP29 demais com o nome que tenho. Serei conhecido como o Rei Lothaire, o Inimigo do Antigo.

Ele ainda teria sua guerra vampira, mas os lados seriam mudados. *Vou usar os Daci para assolar a Horda*. Ele não tinha nenhum problema em inverter os lados; ele trocava alianças com facilidade.

E então estaria feito. Teria tudo que sempre quis. Então ele conheceria a felicidade.

Eu conheci a felicidade antes. Mas ela roubou isso de mim.

Com um balançar de sua espada. De todos os golpes, de todas as torturas, aquele ataque o machucou muito mais.

Por que, Elizabeth...?

Com os punhos fechados ordenou a eles.

— Deixem-me para que eu possa me vestir.

Deixe-me para saborear a ideia de minha Noiva presa num buraco infernal cheio de Valquírias maliciosas. O arco da Furie Carafina a deixaria

aterrorizada. A agressiva Regin pularia na sua garganta. Será que Nix salvaria Elizabeth ou deixaria a natureza seguir seu curso?

Espero que o último. Talvez ele devesse enviar para a sua mulher um presente de despedida, como ela disse uma vez.

Sim, para informá-la que eu agora sou um rei, e a abandonei.

Os príncipes riscaram para longe um por um, com Stelian murmurando.

— Um rei de olhos vermelhos que rejeita sua Noiva. Que os Deuses nos ajudem a todos...

29 RP de Relações Públicas.

338

Capítulo 53

— Esse é um cenário mate ou morra, sanguessuga. — Regin a Radiante, uma espadachim milenar de pele incandescente disse a Ellie num tom sinistro. — Portanto levante sua arma e se prepare para o seu fim. Porque estou prestes a tomar sua cabeça.

Ellie bocejou. Dez dias disso e já estava se sentindo *velha*.

— Menina, não quero mais jogar vídeo games.

Declan, o companheiro berserker de Regin, teve reuniões com alguns outros berserkers sobre a Ascensão, assim Regin tinha andado por aqui a cada dois dias, brilhando no sofá, jogando vídeo game com Ellie.

A princípio Regin estava entusiasmada para conhecê-la porque Ellie fez o que Regin sonhara durante séculos.

— Compre para esta assassina sanguessuga ancestral uma caneca de material grosso! Derrubou Lothaire? Não brinca? Descreva segundo a segundo numa voz sussurrante...

A única coisa que as Valquírias odiavam mais do que os vampiros em geral, era Lothaire em particular.

É claro, Regin teria *conseguido* "coletar a cabeça e as presas de Lothaire."

No entanto depois de alguns dias, Regin percebeu que Ellie ainda tinha sentimentos pelo arquiinimigo das Valquírias.

— *Não é legal, caipira, não é legal.*

Por que ele ainda não veio por Ellie? De vez em quando Nix a visitava mantendo-a informada —

mesmo que nem sempre fosse coerente. Através de Nix Ellie soube que Lothaire estava realmente se recuperando e que foi convidado a voltar a Dacia para governar.

Serghei não existia mais. Lothaire se tornou um rei.

Exatamente como ele sempre quis.

Ellie passou por tantas emoções quando pensava sobre ele — culpa, raiva, saudade.

Tudo foi perdoado? Claro que não! Ela ainda estava furiosa com ele. Isso não

significava que não estava ansiosa para ele salvá-la. Ellie sabia que ele podia — acreditava que ele pudesse fazer qualquer coisa. Mas depois de quase duas semanas teve que se perguntar se o rei Lothaire alguma vez reclamaria a sua rainha.

Ela perguntou a Nix.

— Se ele está curado, então por que não veio por mim?

— Quem?

— Uh, *Lothaire*.

339

— Não toque o sino...

— Posso enviar uma mensagem a Dacia para explicar o que aconteceu?

Com os olhos brilhando com antecipação, Nix gritou.

— Quem somos nós enviando uma mensagem para...?

Agora Ellie disse a Regin.

— Vamos jogar amanhã. Além disso, não está na hora da minha xícara de jantar?

As íris âmbar de Regin faiscaram prata com ira.

— Eu não sou sua garçonete de sangue. — Ela deu um grito estridente que feriu os ouvidos sensíveis de Ellie. — Vá se catar, Vampirella30, engole essa.

Irritada, Ellie perfurou a articulação no braço de Regin com toda a sua nova força de vampira. Nix dissera no início.

— Se qualquer uma das minhas meias-irmãs sair da linha, passe por cima delas.

Ellie aprendera que não havia outra maneira de lidar com as Valquírias. Se elas gostavam de mulheres que não toleravam merda nenhuma delas, era apenas uma questão de tempo antes que ela fosse a Sra. Popularidade aqui.

— Puta! — Regin gritou. — Você só pode patinar por ter se envolvido com Lothaire por tanto tempo.

Nix disse a todos que Ellie atacou Lothaire de propósito, e a quase decapitação de um dos vilões mais temidos do Lore fez de Ellie *uma criatura com a qual não se deveria foder*.

— Engole isso, Regin, em qualquer dia da semana.

— Da próxima vez vou *fingir que recebi um chamado*. E o seu sangue está no microondas, vagaputa³¹. — Então ela saiu pisando duro.

Aparentemente, era assim que Regin tratava todos os seus amigos.

Ellie deu de ombros. Cada uma das Valquírias era excêntrica à sua própria maneira, desde os olhos vagos de Nix até a assustadora Cara — que era parte Fúria, uma raça de mulheres guerreiras que até mesmo as Valquírias mantinham certa distância.

Embora muitas das dezenas que viviam em Val Hall tinham receio do vampirismo de Ellie, ela pensou que estava se dando bem com elas. Quando se esqueciam de si mesmas, as Valquírias eram uma espécie de *diversão*.

Eram todas meio-irmãs, basicamente uma grande família, com tudo o que vem com uma família deste tamanho — feudos, palavrões durante os jogos, favoritismo e fidelidade inabalável.

30 Vampirella é uma personagem vampira de histórias em quadrinhos. Tipo mulher fatal.

31 Vagaputa, no original *slore*, que é um mix de vagabunda com puta. Achei que no nosso português ficava melhor assim.

De certa forma, Ellie estava em casa aqui.

Ela suspirou. Mas ainda sentia falta de seus próprios amigos — Balery e Thad — e sua própria família...

O olhar de Ellie caiu no sofá para o *telefone celular esquecido* de Regin. Seus olhos se arregalaram.

Após dez dias intimidando seus captores a deixarem que ela fizesse uma chamada, Ellie ainda não os convencera.

Com o mesmo cuidado que teria com uma cesta de ovos, Ellie recolheu o telefone. Ousaria chamar sua família para que soubessem que ela estava viva?

Ela estava justamente começando a debater consigo mesma sobre isso, quando percebeu que tinha que dizer a eles que poderiam sair com segurança do esconderijo agora.

Além disso, ela ainda se recusava a aceitar que não podia vê-los, que nunca voltaria para a sua montanha.

Embora entendesse a cautela de Lothaire sobre misturar força imortal com a fragilidade humana —

Vampirella nunca encontrou uma maçaneta que não quebrasse — ela acreditava que poderia se treinar para controlar sua força.

E o aviso de que ela nunca deveria revelar o Lore desnecessariamente aos humanos? Bem, sua família estava sem os antolhos³² muito antes de agora. Primeiro com Saroya, em seguida com Lothaire.

Se os Deuses queriam punir Ellie, ela os lembraria que hospedar Saroya em seu corpo durante seis anos foi *um tempo fodidamente servido*.

Com esse pensamento ela discou o número do celular de sua mãe.

— Mamãe? Sou eu, Ellie.

— Oh, Senhor Jesus Amado, eu sabia que não estava morta! Eles nos

disseram que você foi baleada em numa fuga da prisão, mas eu sabia que ainda estava viva! Porque não veio pra casa?

Ellie podia ouvir a perplexidade no tom de voz da sua mãe, e entendeu isso. Se ela estava viva e fora da cadeia, então deveria estar em casa — fim da história.

— Irei no futuro. Algum dia. Mas é... complicado, mamãe. E realmente difícil de acreditar.

— Bom, vamos ver se não posso acompanhar e manter meus olhos na minha cabeça.

Por onde começar? Tanta coisa tinha acontecido. Quanto deveria revelar à sua mãe?

— Primeiro me diga como Josh está.

— Josh está cada vez mais indisciplinado, rebelde e voluntarioso, então naturalmente a família está orgulhosa como tudo está indo...

Um grito agudo da Valquíria soou na sala ao lado.

32 Antolhos são as viseiras usadas pelos cavalos para apenas olharem pra frente e não se assustarem.

341

Mamãe gritou:

— Que diabos foi isso?

— A TV! Deixe-me abaixar o volume. — Ela correu para a porta, fechando e trancando — pra quebrar a maçaneta. Merda. — Como vai todo mundo? E você?

— Oh, querida, estamos administrando tudo muito bem. — disse ela animada. Com excessiva intensidade.

— Diga-me o quanto é ruim, mamãe.

Ela soltou o ar audivelmente no telefone.

— Estamos juntando os pagamentos da hipoteca a cada mês, mas Va-Co está mantendo nossos pés no fogo, menina.

As presas de Ellie cresceram, a violência fervendo dentro dela.

— Todos os nossos homens estão de volta na mina.

— *O quê?* Mas eles juraram que tinham acabado com isso. E quanto à loja de Efraim?

— Nessa economia? Tudo fechado. Ou era a mina ou perderíamos a montanha. A maior parte dos seus primos estão apenas felizes por trabalhar.

— Vou descobrir uma maneira de enviar dinheiro, ok?

— Ellie, só me conte sobre você. Desde o início.

Ela mordiscou o lábio.

— Lembra-se daquele demônio de olhos vermelhos que todos viram naquela noite?

— Aquele de quem estávamos nos escondendo? O Homem-Mariposa?

— Esse mesmo. Só que ele não é um demônio ou Homem-Mariposa e você não precisa se esconder por mais tempo. Ele nunca vai te machucar. — Lothaire nunca poderia romper seu voto de não prejudicar sua família; ela vira em primeira mão como aqueles votos eram vinculativos.

— Então, o que ele é?

Depois de hesitar, Ellie admitiu:

— Ele é um vampiro. Foi quem me tirou da prisão. Seu nome é Lothaire Daciano. — Apenas dizer o nome dele lhe trouxe uma pontada. *Você levou*

meu nome no instante em que te reclamei...

Mamãe gaguejou.

— V-vampiro? Oh Ellie, você está prestes a me dar um ataque cardíaco. Tem certeza?

—Tenho certeza. Eu o vi beber sangue.

342

— Jesus! Esse... vampiro te machucou? Você está com ele agora?

— Ele se tornou meu protetor, levou-me para viajar pelo mundo todo. Ele pensou que aquela aberração da Saroya era sua companheira, mas acontece que eu é que sou.

— E Saroya continua matando?

— Ela se foi, mamãe. Para sempre.

— Você está curada! Por que não me disse isso primeiro?

Porque estou curada de uma coisa apenas para ficar aflita com outra coisa
— *algo que vai ser ainda mais difícil de aceitar.*

— Hum, não está totalmente enterrado que estou livre dela.

— Você ainda está saindo com esse vampiro? Ou preciso enviar os homens da nossa família para resgatar você?

— De jeito nenhum, mamãe! A menos que queria todos eles mortos. Além disso não estou com ele no momento. Eu meio que fui presa por alguns dos seus inimigos. Um monte de garotas. Porém elas são muito decentes. — Ellie rapidamente acrescentou. — Recebo todos os alimentos que posso comer —

sangue que eu posso beber — e assistimos novelas juntas. Tenho meu próprio quarto — que costumava pertencer a algum tipo de Princesa do Gelo — e me tratam muito bem.

Não que Ellie apreciasse ser uma prisioneira, mas até que pudesse descobrir todos os seus novos poderes, estar num ambiente protegido e sem sol não era tão ruim assim.

A cada hora aqui ela estava aprendendo mais sobre o Lore, e as garotas eram boa companhia.

Nunca chutando minha bunda mais do que chuto a delas.

Uma das primeiras coisas que aprendeu? Lutar era divertido desde que não fique machucada por muito tempo.

— Não me importo em estar aqui realmente. — De certa forma, era grata por estar em Val Hall.

Porque, por alguma razão, Lothaire não veio buscá-la.

No fundo Ellie sabia que não tinha para onde ir. Esse conhecimento era aterrorizante.

— Elas estão me ensinando tudo sobre vampiros — eu mesma — enquanto espero para ver se Lothaire virá me resgatar.

Nix fora uma salva-vidas, ligando Ellie com a mesma tutora que ensinou Thad a riscar — apesar de Ellie não estar autorizada a ver ou se comunicar com o próprio garoto. Thad era muito leal a Lothaire e as Valquírias temiam que ele dividisse informações sobre ela com seu inimigo.

A tutora meia vampiro, meia Valquíria chamada Emmaline MacRieve era absolutamente adorável, com estrutura óssea invejável, presas pequenas, orelhas pontudas e longos cabelos dourados. Ela estava realmente a encorajando quando Ellie começara a riscar. Bem, a tremeluzir. Embora Ellie não tinha pegado bem o jeito, praticava todos os dias.

343

Mas percebia que Emmaline a estava mantendo à distância, e algo sobre a mestiça mexia com a memória de Ellie, fazendo-a desconfiar também.

Emmaline provavelmente teve algum tipo de experiência pessoal ruim com Lothaire. Parecia que todos no Lore tinham uma história para contar sobre esse vampiro.

— Se ele vai te resgatar? — Mamãe exigiu. — Pensei que você disse que ele é seu protetor. Por que não iria?

— Nós meio que brigamos. Mas estou confiante que ele está “vindo por aí”.
— *Por favor, venha por aí Lothaire!*

— Como ele é? — Mamãe perguntou, acendendo um cigarro. — Esse bebedor de sangue?

— Ele é alto, bonito e rico como o dia é longo. — E uma celebridade.

No mundo mortal Lothaire teria sido um ator galã — que apenas cometeu uma média de alguns assassinatos por dia, durante milênios.

Como a “Noiva de Lothaire” ela ganhou alguma notoriedade, bem como entre Loreans curiosos sobre a mortal do corredor da morte que tinha de alguma maneira sobrevivido à transformação para vampira. Quando nenhum outra mulher conseguiu.

— Ele também é um poderoso rei entre os da sua espécie. — disse Ellie. — Famoso em seus círculos. — *Infame por sua crueldade dissimulada.*

Sim, Ellie ouvira tudo sobre seus crimes, conheceu todo mundo no Lore que o considerava um demônio diabólico. Mas no final, ela decidiu que embora ele pudesse ser um demônio, ainda era seu homem.

Ela suspirou novamente. Ele era *dela*? Ela se perguntava isso a cada minuto do dia. Será que nunca viria resgatá-la?

Na sua cabeça, o que se resumia era que tinham um monte de trabalho a fazer em seu relacionamento, agora que não estava *alucinada* com uma raiva real do vampiro, ela estava pronta pra ir fundo.

Contanto que ele venha e me pegue, vou chutar sua bunda em forma, mas vamos trabalhar para que isso funcione.

Ou ele estava levando muito tempo para se curar — ou decidiu não vir atrás dela.

Certamente um imortal com sua idade avançada seria maduro o suficiente para discutir suas diferenças.

— O que acontece se ele *não* for, Ellie?

Boa pergunta.

— Vou pensar em alguma coisa...

— Ei, por que essa porta está trancada? — Regin gritou da sala. — Com quem diabos a Vampirella está falando?

344

— Mamãe, tenho que correr! Mas vou enviar o dinheiro quando puder.

A porta veio abaixo aos pedaços, revelando Regin brilhando fosforescente.

— Você nem imagina o quanto está morta, sanguessuga.

— Eu te amo mamãe, amo todos, falamos em breve! — Ela desligou o telefone. Para esmagá-lo acidentalmente...

Regin se lançou em Ellie.

Ellie se preparou para o impacto, fechando os olhos enquanto uma tontura a tomou. Esperando...

Então veio um estrondo no console da TV. Regin gritou.

— Vou te foder!

Quando Ellie abriu os olhos estava do outro lado da sala e Regin tinha acabado de colidir de cabeça com a TV.

Eu risquei? Finalmente! Aquela tontura... quando ela sentiu isso antes?

Na luta com Lothaire! *Eu risquei ali então?* Não é à toa que o alcançou com aquele brandir da espada.

Como desejava poder explicar isso pra ele!

Por enquanto, ela tinha uma Valquíria muito puta com quem lidar. Mas Regin nunca poderia pegá-

la agora que podia desaparecer!

— Qual é o problema, vaga-lume? Esqueceu como mudar de canal? Ha-ha-ha, Valquíria, você não pode me pegar. — Ellie provocava cantarolando. — Caipira na corrida para o home-run³³.

Quando Regin virou o sofá, Ellie riscou mais uma vez, mas Regin antecipou seu reaparecimento e a derrubou no chão.

— *Ai!*

Então Regin passou a mostrar sua verdadeira face, fazendo Ellie socar seu próprio rosto.

— Por que está batendo em si mesma? Heim? Vampira, pare de se bater.

— Vampira? — Nix questionou da porta, o cabelo selvagem, seu olhar desfocado. Seu morcego empoleirado no seu ombro, batendo fervorosamente suas asas, tão louco quanto sua dona. — Em Val Hall?

— Seus olhos âmbar ficaram prateados, as cores rodopiando. A eletricidade começou a crepitar de forma estranha no ar.

Cada um dos sentidos elevados imortais de Ellie gritavam PERIGO. Certamente não de Nix?

³³ Referindo-se à jogada de baseball.

Deixando o morcego para trás a adivinha atacou, colocou Regin para trás, enviando-a através da sala.

Antes que pudesse reagir Nix empurrou seus joelhos nos ombros de Ellie, prendendo-a com força bizarra. Com o cabelo espalhado sobre seu rosto pálido, Nix murmurou.

— Helen pagou com o coração partido. Fúria pagou. Emmaline...

— Nix! Sou eu, Ellie! O que está fazendo?

A adivinha inclinava sua cabeça como um animal.

— Você não sabe onde Fúria está...? — Luzes explodiram lá fora, um trovão estremeceu a casa.

— Nixie, *calma!* — Regin escalou, puxando sua irmã. — Nós estávamos apenas fodendo as coisas.

— Mas mesmo Regin não era páreo para o poder de Nix.

Finalmente Nix permitiu que Regin a arremessasse pra longe, ambas pousando enroscadas no chão.

A adivinha piscou em confusão.

— Que aconteceu?

Ellie gritou:

— Você está perguntando pra mim? — Então se arrependeu do seu tom quando Nix de repente pareceu exausta, doente mesmo.

Seu morcego bamboleou em direção a ela pulando em seu braço, parecendo acalmá-la.

— Que porra é essa, Nix? Você está se revelando uma merda nesses dias! — Regin se desvencilhou da sua irmã, espantando o morcego pra longe. — Você foi toda a Cavalgada das Valquírias na Vampirella.

Nix franziu o cenho para algo invisível em Ellie, então suspirou tristemente.

—E temo, cá entre nós, estou fazendo o melhor...

Capítulo 54

Rei Lothaire, o rei louco.

Ele gostava bastante do apelido, ouviu isso muitas vezes dito na frase: “O que o rei louco fez agora?”

Não porque tivesse perdido sua sanidade — mas por causa do seu comportamento — raramente dormia, vagando pelas ruas a qualquer hora, planejando enviar seus novos súditos para a guerra contra a Horda na primeira oportunidade.

Nesse crepúsculo Lothaire estava aguardando a corte. Sentou-se no seu trono dourado, decorado com crânios banhados em ouro. Seu design. Se tivesse uma rainha, seu trono seria similar. Claro, suas caveiras seriam mais *delicadas*.

346

Mas ele não tinha nenhuma rainha.

Os primos reais que agiam como seus conselheiros sabiam medir sua sanidade mental, abrindo a corte nas noites em que Lothaire parecia mais lúcido e composto.

Nas últimas três semanas esses tipos de noites foram surpreendentemente frequentes.

Ele e Elizabeth trocaram sangue, o que significava que ele tinha um vínculo inquebrável com sua mente. Ao contrário de Chase, o vínculo com sua Noiva estava mantendo Lothaire relativamente saudável.

Uma bênção — porque se recusava a deixar que alguém acreditasse que ele sofria devido a sua

“Noiva Regicida”.

Lothaire não era para ser objeto de piedade. Quantas vezes zombou dos homens de coração partido? Quantas vezes perguntou a eles: “Ei, nos masturbamos pensando nas lágrimas da noite passada?”

Conforme o destino quis, o empate para Elizabeth significava que poderia sobreviver sem ela. Ele não precisava mais dela; felizmente não a queria mais.

Mentindo pra si mesmo, Lothaire?

Quando ele falou em tom monótono para a corte:

— Verei meu conselho sozinho. — Súditos se espalharam como se estivessem pegando fogo. Estava na hora de uma reunião com os membros da realza, agora que os conhecia intimamente, rotineiramente os espionava. — Esvazie a galeria. Inclusive você, Bruxa.

Ela olhou de relance, sem dúvida desejando que nunca tivesse aceitado sua posição como oráculo real.

Após sua coroação, um acontecimento formal que era ridiculamente mergulhado em tradição, Lothaire riscou para a casa da Bruxa por uma poção — apagar Elizabeth de sua memória completamente.

A casa da fey estava abandonada, parecendo como se não tivesse vivido ali por centenas de anos.

Não havia aromas, nem pegadas na areia levando para longe da entrada.

Riscou até a cidade mais próxima para dar um telefonema, roubando um celular do seu proprietário distraído — alguns idiotas que vieram salvar órfãos de um inferno ou algo assim — então discou o número da Bruxa.

— Onde diabos você está?

— Longe. Não quero ficar no meio de você e Elizabeth.

— No meio! — ele rugiu, lamentando ter tirado o nome da Bruxa do seu livro. — Se você não está comigo, está contra mim. Não existe *meio*! Você é a porra do meu oráculo.

— E alguns inimigos seus descobriram nossa conexão. Estou sendo perseguida enquanto falamos pelo rei e rainha dos demônios da raiva. Eles buscam minha ajuda para encontrá-lo, como também a irmã da rainha, que está desaparecida desde a fuga na ilha-prisão. Boa sorte para eles com essa última. — ela disse enigmaticamente. — Mariketa a Esperada, Portia a Feiticeira de Pedra e muitos outros nos meus calcanhares. Em todo caso, seus negócios estão concluídos, suas tarefas completas.

347

— Nem todas. — Restava uma. Ele ainda queria a coroa da Horda, ainda planejava resolver aquela retribuição. — Você será meu novo oráculo real. Não será encontrada se estiver dentro do meu reino.

Desde que ela chegou sua atitude deixou muito a desejar. Inclusive agora ela o encarou antes de deixar a sala.

Assim que ele e os cinco membros da realeza ficaram a sós, Lothaire os estudou com calma.

Nenhum deles era acasalado.

Trehan foi sangrado, mas não tinha Noiva para mostrar. Mirceo era o caçula dos homens, só tinha trinta anos, e logo congelaria em sua imortalidade, perdendo toda capacidade sexual. Seus batimentos cardíacos estavam erráticos — e desacelerando.

Sua irmã, Kosmina, era imatura demais até para cogitar um macho pra ela.

Lothaire não tinha ideia se o coração de Viktor ou Stelian batia. Ambos usavam um velho feitiço para encobrir isso. O que Lothaire achava intrigante.

Viktor provavelmente não tinha tempo para tais coisas de qualquer maneira, já que tudo que fazia era lutar. *Encontrei alguns ghouls que eram mais*

pacíficos.

E o sexto membro da realeza, o oculto que eles pensavam que ele não sabia?
Minha investigação continua...

Com um ar entediado, Lothaire se virou para Stelian. — Nenhum dos meus súditos pediu um benefício do seu Rei?

O grande vampiro sacudiu sua cabeça.

— Eles vivem com muito medo de você.

— Por que razão? — ele perguntou suavemente.

Sorrindo, Mirceo perguntou.

— O que está achando de suas acomodações, Tio? — Ele era o chefe da guarda do castelo. Gostava de Lothaire, o achava divertido por ser imprevisível.

Como eu uma vez achei Elizabeth.

— São adequados. — Lothaire respondeu, não era mentira, apesar de sua sala de estar ser do tamanho de um salão de baile. Se não fosse um mestre de quebra-cabeças, poderia se perder no labirinto do seu novo castelo. — Mirceo, não acredito que seu coração bateu muito desde que você chegou. — Não mais do que um jato trovejante. — E você não precisa mais respirar?

O jovem vampiro sufocou sua expressão aflita.

— Infelizmente isso é verdade, Tio. — Ele agia de modo estóico sobre isso, mas em segredo estava a cada noite freneticamente se enroscando em qualquer coisa que se movia, tão excitado quanto Lothaire fora na mesma situação séculos atrás.

348

Só ontem à noite, Mirceo estava todo feliz lambendo os seios de uma mulher enquanto um macho o chupava — até que o pobre Mirceo... perdeu o

entusiasmo.

— Não tema — disse Lothaire. — provavelmente nem vai perceber que se parece com qualquer outra pessoa no mundo que está constantemente fodendo como animais.

Com um único comentário, Lothaire podia deixar tanto Mirceo quanto sua puritana irmã profundamente desconfortáveis. Como efeito dominó.

Stelian rapidamente mudou de assunto.

— Você tem viajado muito. — Como o mais antigo da realeza ele era o Guarda do Portal, a posição mais poderosa depois do rei. Stelian era quem decidia quem entrava ou saía de Dacia, e só ele ensinava ao seu povo como usar a névoa para sair sem ser detectado.

Ele pareceu surpreso — e insatisfeito — que Lothaire aprendeu a controlar isso tão facilmente.

Mas Stelian era rápido para acrescentar que só ele sabia todos os poderes esotéricos da névoa.

Dê-me tempo.

Contudo, o Guardião do Portal deve ter feito um trabalho danado de bom se até o *Livro do Lore* não marcava Dacia. De sua espionagem Lothaire sabia que Stelian era pacato — até que alguém tentasse sair sem autorização.

Então? Até Lothaire levantou uma sobrancelha ante sua resposta fria.

— Eu viajo muito. — Lothaire concordou. Para reforçar sua sanidade ainda mais ele retornava ao seu apartamento e tomava o perfume de Elizabeth dentro dele, enterrando seu rosto em suas camisolas de seda, seu travesseiro.

Embora não fosse o mesmo que tocá-la, sentir seu cheiro — associado ao seu vínculo de sangue —

era suficiente para levá-lo pela maioria das noites.

Ele se perguntava o que os Daci pensariam do seu novo rei se descobrissem que ele carregava a lingerie de sua Noiva no bolso o tempo todo.

Mas então, que rei vampiro enlouquecido não carregava a lingerie de sua rainha no bolso?

— A capital é entediante. — disse a Stelian. Era — embora outras espécies fossem bem-vindas aqui.

Desde que nunca partissem.

O que significava que as ninfas estavam ali para cuidar de jovens vampiros excitados como Mirceo.

— Você permanece dentro da névoa quando vai para o exterior? — Stelian perguntou. — Invisível para todos?

— De que outra maneira eu seria capaz de voltar? — Fala-de-Lothaire. Ele pediu à Bruxa que inventasse um sinalizador só para ele — porque às vezes Lothaire gostava de ser visto.

A parte dele queria proibir a névoa completamente, fazer seus súditos se anunciarem ao mundo.

Caso contrário, Lothaire era apenas o rei de um domínio que ninguém sabia que existia.

349

Em outras palavras, ele era a árvore na floresta que caiu silenciosamente — quando ninguém estava por perto para ser esmagado.

Mas o encasulamento na névoa protegia os Daci de invasão e praga. Além do mais, com cada excursão eles basicamente estavam fora espionando, o que ele aprovava plenamente...

Seu impetuoso primo Viktor disse.

— Entendi que você observou nossos soldados lutando. O que achou deles?

— Ele era um General e justificadamente orgulhoso de seus batalhões.

O exército era afinado, disciplinado e magistral com as espadas. De fato, os Daci eram obcecados com todas as armas medievais — maças, adagas de arremesso, chicotes e machados de guerra.

Assim que um Dacian empunhava uma arma, o sangue frio e uma única mentalidade o inundava. Já governado pela lógica, ele se tornava ainda mais focado, capaz de prever os movimentos do seu oponente.

Tanto quanto eu.

— Os soldados estavam muito preocupados com a corte marcial. — respondeu Lothaire. Toda aquela habilidade e poderio, e ainda assim eles não travavam nenhuma guerra, só entre eles? — Não se preocupe, Viktor. Verei isso. Em todo caso, eles me servirão bem o suficiente na minha guerra contra a Horda. A menos que esteja preocupado com a defesa do meu domínio *escondido*.

Viktor ficou tenso, apertando suas mãos em punhos debaixo da mesa. Sangrado ou não, ele tinha uma natureza impetuosa e rabugenta, que assegurava que fosse o mais solitário entre os reservados e lógicos Daci.

E a “sobrinha” honesta de Lothaire?

Embora Kosmina tivesse vinte anos, fora protegida pela realeza masculina superprotetora num grau prejudicial.

Aparentemente, o corpo nu de Lothaire foi o primeiro que ela viu.

Que pena, Mina, que você sempre vai achar todos os outros carentes em comparação com o Tio Lothaire.

No entanto, apesar dela ser tão ignorante de sexo e pecado quanto uma criança, Kosmina era uma máquina mortal, uma mestre das armas com reflexos ardentes.

Metade estudante com um sorrisinho bobo, metade assassina letal.

Lothaire notou que suas orelhas eram apontadas, cortesia de algum ancestral fey — que também a presenteou com aquela velocidade fantástica. Ele lhe perguntou agora.

— E qual é a sua função? Ou você existe só para ser mimada?

Com a face quente, ela gaguejou.

— E-eu...

Lothaire a atropelou, dizendo.

350

— Entendi que nunca se aventurou fora de Dacia, não conhece um automóvel nem saberia se ele batesse no seu rosto, o que poderia acontecer, se você não for, digamos, *familiarizada com a porra do carro*.

Seus olhos se arregalaram.

Ele deveria enviá-la à frente de Dacia, despachando-a para investigar um Coven de ninfas na Louisiana particularmente indisciplinado.

— Kosmina, você é uma parente distante de uma mulher chamada Ivana, *a Corajosa*. Aja como ela.

Cobrindo sua boca com a mão, ela riscou para longe.

Por fim se virou para o seu primo Trehan, um assassino encarregado de uma equipe de assassinos de elite. Ele era o mais digno de todos os primos, o mais “Dacian” deles, e o menos divertido de espiar. Ele frequentemente olhava fixamente para o nada, sem dúvida pensando sobre qualquer que seja a Noiva que o sangrou, depois o deixou.

Lothaire estalou seus dedos.

— Ah, Trehan, só uma mulher poderia fazer você ficar assim.

— Você sabe. — ele respondeu glacialmente.

Enquanto Mirceo estava fora se refastelando em cada canto escuro de Dacia, Trehan sempre riscou de volta aos seus aposentos sozinho, gastando sua luxúria em sua própria mão, frequentemente várias vezes em uma noite — enquanto Lothaire revirava seus olhos com desgosto.

Mas eu não faço o mesmo?

Não por muito tempo; Lothaire decidiu que depois desta reunião, iria se familiarizar novamente com outras mulheres.

Ele era um rei todo poderoso, e definitivamente lia interesse enquanto caminhava pelas ruas de paralelepípedo do seu reino. Evidentemente, seus súditos ainda apreciavam *muito o seu lado de fora*.

Sim, um monarca todo poderoso que estava prestes a iniciar sua caçada por um bando de concubinas. Então onde estava a felicidade?

Perdeu.

Ele agora sabia o que estava faltando, porque sentiu brevemente — antes mesmo de sua coroação.

Lothaire concluiu que cada um tinha uma única chave para a sua felicidade. *A minha era Elizabeth.*

Por causa de suas ações, ela roubou de Lothaire sua chave.

Suas presas alongaram. Ele matou outros por bem menos. *Se você não está comigo, está contra mim...* Seu instinto era o de punir, sua mente autorizando a vingança.

— Meu soberano? — Stelian disse com suas sobrancelhas erguidas. — Que vingança estamos pensando esta noite?

351

Falei em voz alta?

— Vamos continuar isso mais tarde. — Lothaire lançou, em seguida riscou

para sua suíte, andando de um lado ao outro de seu quarto.

Tudo que queria era não sofrer mais traições. Ele nem sequer desejou o amor de Elizabeth, não particularmente. Mas acreditou que sua lealdade seguiria isso.

Por que foi incapaz de conquistá-la?

No passado, ele se deitou com qualquer mulher que o seguiria por anos. Mas não sua Noiva, a que ele quis acima de todas as outras.

Ela não me quer de volta. E não consigo entender por que.

Enquanto tentava resolver o quebra-cabeça que era Elizabeth, sua mente corria por suas interações passadas. *Nunca disse a ela como me sentia. Mas pelo amor de Deus, eu tentei morrer por ela. Ela me conhecia melhor do que ninguém; era inteligente o suficiente para descobrir os meus sentimentos.*

Talvez deveria ter dito a ela que era inteligente...?

Ele se lembrou de julgar Saroya tão arrogante que nunca passou pela cabeça dela que alguém pudesse não desejá-la. Lembrou de se sentir como se tivesse uma lição para ele aprender.

Eu era tão arrogante que nunca percebi que Elizabeth não me desejava como eu a ela.

Na maioria das noites se mantinha ocupado, mas na calmaria ele podia senti-la, podia perceber sua presença através do seu laço de sangue. Embora tentasse mergulhar em suas emoções, a distância era muito grande, e mal podia discernir suas próprias emoções, muito menos outras.

Tudo o que sabia era que ela não sentia medo. Então deve estar segura.

Que vou fazer sem ela?

Quando conseguia dormir, ele a alcançava inúmeras vezes, doendo por ela com seu corpo e alma.

Ele a desprezava por isso!

Seu coração doía como nada fez antes, fazia querer uivar com miséria. Uma punhalada aguda de agonia queimava com cada batimento.

— *Elizavetta!* — ele rugiu para o teto, arranhando seu peito. Ele odiava que seu coração batesse só por ela, que ela o trouxe à vida...

Trouxe-me à vida.

Como um animal mastigando seu próprio membro preso numa armadilha, Lothaire escavou o seu peito.

352

Capítulo 56

— Onde estou indo? — Ellie perguntou a Nix enquanto arranhava o seu novo curativo. Ela e a Valquíria, que parecia lúcida hoje, permaneceram na varanda da frente de Val Hall esperando o sol se pôr.

Embora a maior parte do Coven quisesse que Ellie ficasse, Cara pôs isto de modo simples:

— Ela hesita; ela morre.

Apesar de estar sem dinheiro, com apenas uma única muda de roupa, um moletom e um quarto de sangue empacotado numa bolsa de supermercado, ela prestaria atenção ao decreto de Cara.

— Nunca pensei que fosse embora assim. — Ellie disse para a advinha. — Como me alimentarei ou me protegerei do sol? Como faço pra ganhar a vida?

As palmas de Nix voaram para suas bochechas.

— Queria ensinar a você como se juntar aos tipos da sinuca!

— Estou falando sério, Valquíria! Não posso exatamente usar meu diploma pra conseguir um trabalho. Nem mesmo tenho uma identidade que eu possa

usar. Ei, talvez eu possa ir para Nova Orleans arrumar um trabalho em uma loja do Lore em algum lugar?

— Imagino que essa seria uma má hora para te dizer que muitos seres matarão você à primeira vista só por ser uma vampira. Lobisomens, Fúrias, berserkers e bruxas tentariam acabar com você antes que eles mesmos chegassem perto para compreender quem você é e por que eles deviam temer você.

Estive enviando memorandos, mas estas coisas levam tempo.

— Por que Lothaire me abandonaria assim? *Apodreça no inferno?* O que foi isso?

— Eu sei, certo! Por causa de uma quase decapitação? Infelizmente ele ainda está cozinhando, poderia cozinhar por décadas. Tempo não significa a mesma coisa para os muito antigos. Pense sobre isso deste modo: Lothaire viveu tanto tempo que três semanas pareceriam como poucas horas. O relógio interno dele está lhe dizendo que esteve longe de você por uma tarde.

— Então só devo esperar para ele cair em si? Depois daquele pacote, por que eu ia querer estar com um não morto desequilibrado?

— Bem, não se esqueça de que ele veio a mim para ajudar a salvar você. Considerando que ele me abomina, acha que eu o traí, isto foi formidável.

— Você o *traiu*?

— Sim. Muitas vezes. — Ela deu de ombros. — Às vezes você tem que ser cruel para ser amável.

— Eu não acompanho...

Nix a empurrou para dentro do jardim, sob a luz de um ardente sol da tarde.

— Bata suas asas, borboletinha!

Ellie riscou de volta para dentro; os espectros a jogaram de volta. Ela curvou e silvou, mas sua pele... não estava queimando.

— O que é isso, Valquíria? — Ela olhou fixamente para seus braços sem marcas. — Como isso é possível?

— Você ouviu Lothaire quando ele fez seu desejo para te transformar?

Ellie sacudiu sua cabeça lentamente.

— Ele foi extremamente brilhante. Certamente teria fraseado seu desejo para dizer, “torne Elizabeth uma vampira com todas as forças de um e nenhuma de suas fraquezas”.

Lothaire disse que tinha uma surpresa para ela. Ele a *escutou* quando ela disse o quanto sentiria falta do sol.

E ele lhe deu um presente que nenhum outro homem poderia.

Cada nascer-do-sol pela eternidade.

Infelizmente, ela quase o decapitou antes que ele pudesse apresentar sua oferta para ela.

Ela levantou seu rosto para a luz, ainda em descrença. *Estou realmente livre.*

Depois de anos de cativo, de responder a outros, ela poderia ir aonde ela quisesse, fazer qualquer coisa que a agradasse. Podia viajar pelo mundo — sem medo de se queimar.

Mas o abnegado presente de Lothaire — afinal ele nunca poderia apreciar isso com ela — somente lembrou a Ellie que *houve* uma chance entre eles. Quando as lágrimas brotaram, ela as afastou pra longe, envergonhada por Nix ver.

Precisava de sua família, se apenas pudesse vê-los à distância por um feitiço, Ellie pegou sua bolsa e apressadamente acenou adeus para Val Hall, para os espectros, para Nix.

— Adieu, Rainha Ellie! — a Valquíria chamou.

— Obrigada por tudo, Nix. — Ellie encolheu os ombros dentro do seu moletom puxando o capuz sobre a cabeça, só no caso de alguém localizá-la. Então riscou para o bosque próximo ao trailer de sua mãe.

A floresta cobrindo a montanha estava ficando velha, os pinheiros e madeiras tão densos que a luz do sol mal alcançava o úmido solo — não que tivesse que se preocupar sobre isso muito mais. Enquanto passeava pelos caminhos familiares, ela olhou pra cima, observando as mais altas copas das árvores se remexerem por uma ondulante brisa constante.

Seus sentidos estavam tão aguçados agora. Aqui ela podia cheirar a própria terra. O som das cigarras era como um rugido em seus ouvidos.

Toda vez que ela pisava nas verdes agulhas de pinheiro, o cheiro delas estourava. Um leve traço de sempre-viva.

Como o cheiro de Lothaire.

Não pense nele, Ellie! Olhe adiante, nunca pra trás.

354

Da beirada do bosque ela espiou seu velho trailer, encontrando-o mais sujo do que nunca na luz do dia. O aroma de comida cozinhando vinha de dentro. Embora não mais atraente para seu apetite, cheirava como lar.

Como seria capaz de deixar esta montanha novamente? Ela sabia que não podia ficar, mas para onde poderia ir?

Ellie considerou brevemente viver em um dos lugares exóticos que Lothaire a levou. *E como exatamente eu conseguiria sangue dos Bora-Borenses...*

Oh, lá estava Josh! Ele brincava com um de seus primos em um arruinado e enferrujado balanço fixo.

Olha quanto ele cresceu! Seu cabelo escuro tinha um tom mais ruivo do que o dela, mas eles tinham olhos da mesma cor.

Como ela sentia falta do seu irmãozinho! Enquanto o olhava se perdeu nas lembranças dele como um bebê gordinho, recordando como ele rolava em volta do trailer como um Weeble³⁴, sempre liderando com seu queixo teimoso.

Suas lágrimas se juntaram e derramaram...

— *Coloque as mãos onde eu possa vê-las ou vou explodir sua cabeça.*

Tio Ephraim. No bosque atrás dela.

Ela congelou. *Oh, meu Deus!* Tanto cuidado para não fazer contato com sua família.

E ele era rápido no gatilho, ela se perguntou se poderia riscar pra longe antes de uma bala chegar até ela. *Riscar longe pra onde, Ellie?*

— Eu disse mãos pra cima!

Ela deixou sua sacola cair, levantando as mãos.

— Sou eu, Tio Eph. É Ellie. — Ela relaxou, então descobriu sua cabeça.

Seu rosto curtido pelo tempo empalideceu, seu queixo caiu enquanto ele abaixava sua arma.

— Ruth! — ele gritou em direção ao trailer. — Ruth, venha rápido, sua filha está perdendo seus olhos!

Ellie chorou.

— O que? — Oh, as lágrimas! — Espere, não estou perdendo meus olhos! Não a chame...

Muito tarde. Mamãe veio de dentro de casa enfiando seus chinelos, quase tropeçando nos degraus.

— O que é? — Ela afastou seu cabelo vermelho grosso do rosto, jogando o cigarro fora.

Ephraim cobriu o ombro de Ellie com sua mão calejada.

34 Weeble é um boneco parecido com o que temos no Brasil e chamamos de João Teimoso, que é impossível mantê-lo deitado, ele vai e volta em pé.

355

— Mantenha a calma, menina, e vamos te levar para um hospital tão rápido quanto um relâmpago.

— Estou bem. É assim que eu choro agora. — Como se isso fizesse *qualquer* sentido.

Mas quando sua mãe os alcançou, ela deu uma olhada para Ellie e agitou sua cabeça tristemente.

— Ellie Ann, são lágrimas deles? O que aquele camarada *fez* com você?

Quando Josh veio saltando em direção a eles, Ellie deu meia volta.

— Mande-o lá pra baixo da montanha. Não quero que ele me veja assim!

Sua mãe evitou que ele viesse, espantando-o de volta para seus amigos, então disse para Ellie.

— É melhor você entrar.

Ela concordou e os três marcharam para o trailer em silêncio. No interior, uma vez que sua mãe lhe deu um olhar mais atento — seu olhar percorrendo a trilha de lágrimas de Ellie, garras negras e pequenas presas — a compreensão começou a aparecer.

— Oh, Ellie — ela murmurou — você não sabe que quando se deita com cães, acorda com pulgas?

Ela sabe o que eu sou! Como reagiria? Ela me evitará? Ficará com nojo?

— Não significa que não vou amar um saco de pulgas.

Ellie quis cair com alívio. Quando sua mãe abriu os braços ficou tentada a correr pra ela, mas se conteve.

— Não posso abraçar ninguém ainda. Sou do tipo forte.

Ephraim olhou de um lado para outro entre elas.

— Ellie, acho que você tem um monte de coisa pra dizer.

Assentindo gravemente, ela afundou no sofá surrado da sala de estar, liberando pelo de cachorro e montes de pó flutuando pela luz do sol entrando. Então começou a descrever suas novas habilidades e imortalidade, sua necessidade de sangue...

Tão logo ela terminou, Ephraim pareceu atordoado.

— Vou ter que ponderar sobre tudo isso por algum tempo. Mas o fato é: você é uma Peirce. Não importa no que se transformou. E nós fazemos o que é certo pelo nosso povo. Então só nos diga se vai precisar — ele engoliu em seco — beber ou qualquer coisa. Irei caçar, ajudar no que puder.

Mamãe cruzou os braços no seu peito, ofendida se recostando em sua poltrona reclinável.

— Quero saber mais sobre o vampiro que fez isso com você.

Então Ellie contou a eles sobre Lothaire também — deixando de fora o sexo alucinante, é claro —

resumindo tudo com:

356

— E então ele me deu seu coração em uma caixa e disse que eu apodrecesse no inferno. Ele nem quis conversar sobre que aconteceu, só me mandou embora!

— Vou matá-lo. — Ephraim disse asperamente com seus olhos brilhando, o que fez Ellie soluçar se engasgando de novo. Quando ele viu suas lágrimas de

sangue, seu tio prometeu. — Vou matá-lo pelo que é certo, Ellie Ann. Ele põe um pé em nossa montanha e é mais um filho da puta morto.

Capítulo 57

— Você tem uma visita, Lothaire. — A Bruxa chamou.

— Uma visita? Em meu reino supostamente escondido? — Ele arreganhou os dentes para Stelian, que apenas levantou as sobrancelhas. — Sem dúvida, traga meu hóspede não convidado.

Era Nix carregando uma caixa de presente pequena.

— Como chegou aqui, Valquíria?

Ela olhou ao redor, seus olhos dourados arregalados, então sussurrou.

— Chegar *onde*? Seu cabelo estava embaraçado pelo vento e ela tinha manchas escuras embaixo dos olhos. Usava uma blusa camponesa plissada, uma saia longa e esvoaçante — e uma bota.

— Você está ficando pior. — Por que não tinha energia para odiar Nix quando ela merecia ser odiada? Na ilha, ela disse: “Não *haverá* uma próxima partida, vampiro.” *Porque ele não podia ficar incomodado?*

— Você *foi* ficando cada vez melhor. — disse ela. — Antes. Não tanto agora.

—Se está aqui para negociar a libertação de Elizabeth, poupe seu fôlego. — *Um fiapo de tendão.*

Levou embora a porra da minha felicidade.

— Não estou. Sou apenas uma mensageira de Elizabeth. Você lhe enviou o seu coração em uma caixa e ela respondeu.

Imediatamente ele riscou para Nix, arrebatando o pacote dela. Assim que Lothaire levantou a tampa com uma sensação de pavor, Nix murmurou:

— Dica: é o do meio.

O dedo frágil de Elizabeth. Vendo-o cortado desta forma trouxe a ele uma reação de dor visceral —

dor passando através de sua própria mão, irradiando por todo o seu coração regenerado.

Ele fechou a tampa adornada com uma andorinha, embrulhando sentimentalmente o pacote.

— Você deu a ela o seu coração e ela te deu o pássaro. — Nix suspirou. — Canções serão escritas sobre isso.

Stelian riu, se engasgando com seu hidromel.

357

Então Elizabeth realmente me odeia.

Não dou a mínima.

— A propósito, meu Coven foi à loucura por causa disso. — disse Nix. — Adoraram absolutamente esta vampira decidida. Se eu não encontrar a nossa rainha logo, elas provavelmente colocarão seu nome em votação.

Tanto para a sua atormentada Elizabeth. As Valkírias nunca previram sua vinda.

— E agora a sua rainha está no próximo capítulo de sua vida eterna.

Que é, que é...?

Não, não me importo! Não...

Porra! Ele agarrou o braço de Nix, então riscou com ela para sua suíte particular no alto do castelo.

Tarde demais ele se lembrou do estado dos seus quartos. Desde que não permitiu ninguém lá dentro para limpar, eles estavam em... desordem.

— Redecorando, vampiro? — Ela examinou a área, atendo-se aos móveis que ele destruiu e na parede que ele socou tantas vezes que finalmente desabaria.

Tudo por causa de Elizabeth!

Nix franziu a testa.

— Eu gostava do jeito que era antes.

— Antes? Naturalmente, você já esteve aqui?

Ela deu de ombros.

— Então não quer saber do que foi feito de sua Noiva?

Não posso mentir.

— Eu não fui por ela, fui?

Ela caminhou até a janela da sala de estar, espiando lá fora.

— Compreensível. Elas dizem que *você* está com medo dela. E por *elas*, quero dizer *eu*. Mas o boato está pegando. Você vai me agradecer por isso mais tarde. — ela prometeu, passeando até sua mesa e fuçando seus documentos. — Deve ter levado dias para você regenerar um coração. Toda a dor... se eu pudesse encontrar um homem tão romântico.

— Romântico? Era pra marcar o fim do nosso relacionamento. Mantê-la em Val Hall para sempre, se você quiser.

— Oh, não. Ela se foi. Paradeiro desconhecido.

Suas entranhas deram um nó. A tatuagem de camuflagem em seu tornozelo havia desaparecido com sua transformação. Elizabeth estaria segura fora da guarda dos espectros?

358

Quem ele estava enganando? Ela era uma mulher cruel — uma vampira que o

derrubara!

— Ellie mencionou alguma coisa sobre ver o mundo.

Ele queria dizer a Nix, “Eu não poderia me importar menos”, mas sua garganta queimaria com a mentira.

— Você sabe que há uma recompensa pela sua cabeça?

— Aquela que Kristoff postou?

— Kristoff? — ele grunhiu. *O Caminhante de Sepulturas estará recebendo minha visita...*

— Ele atualmente está andando por aí. Estará de volta em Oblak em poucas semanas. Se eu me lembrar, vou fazer com que ele saiba que você está chamando por ele.

— Faça o que quiser. — ele retrucou.

— Não tema, muitos poucos Loreans caçariam Ellie. Depois que eu disse a todos o que ela fez com você? Além disso, eles sabem que é melhor usá-la como um incentivo — já que parece que você não a quer.

Não quero? Ele ainda a procurava em sua cama, apenas para se ver apertando o nada. Após cada despertar ele rugia de frustração, abalado novamente por ela não estar com ele.

— Você pode manter a fechada Lothaire, fingindo como é maravilhoso estar sem ela. Mas nós dois sabemos que sente falta dela.

— Talvez eu simplesmente sinta falta de uma mulher — *qualquer* mulher. Aposto que serei o único vampiro que vai abandonar sua Noiva e desfrutar de outras.

A partir de *hoje* ele iria. Seu plano para instalar concubinas foi adiado para regenerar o seu coração. Então ele perdeu o entusiasmo pela ideia, porque seu novo coração sofreria mais do que o outro.

Mas sem mais adiamentos.

Nix examinava suas garras como se sua declaração fosse o cúmulo do absurdo.

— Sabe quantas vezes já ouvi isto?

Ele riscou à sua frente, lentamente apoiando-a em direção a parede.

— Ah, flor, gostaria que eu demonstrasse o quanto eu a esqueci rapidamente?

— Ele perguntou, a voz gotejando com insinuações.

Num sussurro ofegante, ela disse:

— Sim. Beije-me, Lothaire.

Ele arqueou uma sobrancelha. *Poderia qualquer homem derrubá-la?* Nix era impressionante — e aparentemente disposta. Ele escovou seus cabelos emaranhados em volta do rosto dela.

Eu sempre soube que ela me queria. Que mulher não gostaria?

359

Elizabeth. *Porque sou feio por dentro.*

Ignorando os pensamentos sobre sua Noiva — e seu passado controverso com Nix — ele se inclinou mais perto... mais perto. Ele sorriu enquanto imaginava Elizabeth descobrindo sobre outras mulheres em sua vida, descobrindo que ele estava fazendo pontuações na cama deles sem um pensamento dedicado a ela.

Nem um pensamento. *Vou beijar Nix — e será melhor do que com Lizvetta.*

Melhor do que a noite em que reclamou sua Noiva pela primeira vez, ajudando-a a levá-lo dentro de seu corpo? Melhor do que na noite em que ele a transformou? Quando ela amassou sua carne com suas pequenas garras enquanto se alimentava dele?

A forma como seu coração batia ao mesmo tempo que o dela... do jeito que ela sempre o rodeava... a forma como seu queixo se projetava teimosamente, os olhos cinzentos ferozes...

Pouco antes de chegar aos lábios de Nix ele congelou.

Melhor com a Valquíria? *Tolo, isso não pode ser melhor.*

Fúria entrou em erupção.

— Ahhh! — Ele berrou. — É ela! Essa cadela me arruinou!

Ele socou a parede ao lado da cabeça de Nix; ela bocejou.

— Você sabia que isso ia acontecer! Você sabia que nunca nos beijaríamos. Mesmo assim, você disse que eu desafiava a previsão.

— Não precisa um adivinho para ver o quanto você a deseja ardentemente, Lothaire. Ela é sua peça de quebra-cabeça que estava faltando. Nunca estará completo sem ela, não importa quantas Valquírias etéreas lindas você leve pra cama.

Elizabeth é a minha felicidade, ele pensou novamente.

— Eu poderia odiá-la pelo que ela fez comigo.

— Por causa de uma decapitação mal sucedida? — Ela bateu sua garra no queixo. — Uau. Eu nunca pensei que você fosse um maricas. Estou repensando a nossa amizade.

Ele arreganhou suas presas mais uma vez.

— Não é sobre o meu pescoço! Ela me *traiu*. — Ela fingiu afeição por ele. *Por ele*. — Tive traição suficiente na minha vida. Do meu pai, meu tio, de você.

— Eu?

— Não seja modesta, Valquíria. Eu sei da sua traição. Você alertou

Stefanovich da minha tentativa iminente contra sua vida. Ele *ouviu bem*.

Ela deu de ombros com indiferença.

360

— Eu realmente contei pra ele, mas só depois de te explicar que pretendia fazer exatamente isso.

Eu várias vezes te disse para ser paciente, pra confiar em mim, mas você não quis ouvir. Você se estabeleceu de qualquer jeito.

— Você era minha amiga mais antiga! Nunca pensei que você realmente entraria em contato com ele.

— Eu agi para o seu bem maior, para virar seu destino numa direção diferente, antes da tragédia se abater.

— *Tragédia?* — Ele se virou pra bater o punho na mesa que se quebrou em estilhaços, papéis voando. — O que poderia ter sido pior do que o que ocorreu? Sofri seis séculos de inferno por sua causa!

Sabe como era naquela sepultura, ter insetos chatos vivendo dentro do seu próprio cadáver, escolhendo a minha carne? Sem ideia de quando acabaria... a árvore de sangue crescendo por *dentro de mim*. — Ele cambaleou, as memórias ameaçando dominá-lo. — Isso... *alimentado*. Rezei pela morte. Qualquer coisa pra acabar com a dor!

— Se Stefanovich não tivesse te apanhado, então você não teria a sua Noiva.

Inspire para se acalmar. Expire. Extraia do vínculo com Elizabeth.

— De que porra você está falando?

— Você nunca se perguntou por que eu *trairia* — Nix abriu aspas no ar — você?

— Porque somos inimigos naturais. Instintivamente você despreza o que eu sou. Era apenas uma questão de tempo.

Ela se empoleirou no banco de estudos da janela.

— Se você não tivesse sido apanhado por Stefanovich teria morrido na invasão da Horda de Draiksulia.

— Não houve invasão da Horde no plano fey.

Ela estalou os dedos.

— *Exatamente*. Você, assim como todos os aliados das Valquírias foram poupados. Com apenas um sussurro no ouvido do seu pai.

Seus lábios se abriram.

— E você teria morrido então, nunca teria feito contato com Saroya, que teria matado ainda mais, enquanto estava no corpo de Elizabeth, não deixando tempo para uma tentativa de exorcismo. — Os vagos olhos dourados de Nix brilhavam. — Eu vi o futuro alternativo da sua Noiva tão claro quanto o dia. Numa manhã de outono Elizabeth lavava a roupa para sua mãe, dobrando roupas do varal. Então pegou o Remington do seu pai e entrou na floresta sozinha. Ela colocou o canos debaixo do queixo. Sangue, cérebro e osso respingaram sobre as folhas.

Ele se encolheu.

— Eu vi tudo. Ainda me considera uma traidora?

361

Eu não teria Elizabeth se não fosse pelas ações de Nix. Ele não a tinha de qualquer maneira! Então seus olhos se estreitaram.

— Por que me deixou tanto tempo na sepultura? Você estava lá na noite em que Fyodor me liberou, eu vi você na floresta.

— Minha previsão não funciona com você. Só fui capaz de encontrá-lo lendo o destino de Helen.

Você sabe o que ela se tornou para você.

— Sim. *Minha tia*. Um embaraço.

— Fale mal da minha irmã morta novamente, Lothaire, e vou levar a minha loucura para algum outro lugar.

— Algum lugar fora de Dacia? — Ele fez um gesto com o braço. — Se você pudesse encontrar este reino o tempo todo, poderia me *dizer* como! Passei séculos procurando. Como você sabia muito bem!

— Você não estava pronto para encontrá-lo ainda. Preferia ter guerreado com eles ou se tornar seu rei através de convite? Tudo que precisou foi paciência, que foi o que eu disse a você várias vezes. Mas nunca me ouviu. *Você* quebrou a confiança entre nós, não eu.

— Mesmo depois de todo o antagonismo entre nós, eu vim para te pedir ajuda apenas algumas semanas atrás. Você virou as costas pra mim e mandou Dourada direto para minha casa! Não se atreva a negar.

— Eu estava esperando que Dora encontrasse você para dar o endereço certo. MapQuest35

algumas vezes é piegas.

Seus punhos se cerraram bem apertados, os músculos de seus ombros ataram com a tensão.

— Você queria Elizabeth e precisava que Saroya se fosse, sem quebrar seus votos.

Nix enviara Dourada para *ajudá-lo*?

— Meu plano foi brilhante.

— E arriscado. — Se Elizabeth não tivesse usado a cabeça... *Ambos poderíamos estar mortos*.

— Um grande risco leva a uma grande recompensa, não é? — Então Nix gargalhou. — Aprecio dizer aos Loreans, “Está avisado que sua dívida de sangue agora está sendo atendida pela Dourada, com efeito imediato”.

Ele foi atingido por estas explicações. *Meu mérito milenar por odiar Nix era infundado?*

Quem seria seu inimigo, senão Nix? Em todo o Lore ela era a única adversária digna dele. Essa foi uma das inúmeras razões pela qual ele não retaliou depois que ela o traiu.

Sempre poderá matá-la, mas nunca poderá trazê-la de volta...

Num tom contemplativo, ela acrescentou:

35 MapQuest é um site americano gratuito de mapas de propriedade da AOL.

362

— Você viu Dora quando ela estava eufórica por uma vitória há tanto tempo esperada. Na maioria das vezes ela é tão apocalíptica. E agora ela tem peões bons e maus para travar sua guerra. Vou ter que corrigir isso no futuro. — Nix franziu a testa e de repente parecia muito, muito cansada. Após o que pareceu contar nos dedos, ela murmurou. — Como vou me lembrar de corrigir isso no futuro?

Por fim, ela encarou Lothaire.

— Estou arriscando um apocalipse por você e nem mesmo quer ficar com Elizabeth!

— Ela quase me *decapitou*! Nunca estive tão perto da morte antes em todos os meus anos!

— Então agora está fazendo beicinho no seu castelo. Após as misérias que você infligiu a legiões?

Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço?

— É diferente.

— Como?

Ele meteu os dedos por entre seus cabelos.

— Simplesmente é.

— *Como?* — Ela insistiu.

— Porque eu acho... por que eu estava me apaixonando por ela!

— Então por que ela não está aqui com você agora?

— Não fui correspondido! — Ele chocou a si mesmo por dizer isso em voz alta.

Lothaire Daciano, um rei, admitindo estar caído por uma mulher que o desprezou?

— Você acredita que sonha lembranças por causa dela? Ou por causa das suas ações?

— Não posso *ver* as memórias dela, Nix. Mas sei, por que os vampiros não veem aquilo que não podem aguentar! — *Eu não posso aguentar saber que ela brincou comigo.* Ela o superou.— Apenas me diga o que eu... Me diga o que deveria ter feito diferente para fazê-la me amar.

Nix revirou os olhos.

— Por onde começar?

— Foda-se.

— Por que eu deveria ajudá-lo com Elizabeth, afinal? Você me traiu pior do que eu jamais te traí.

Por que atacou Furie ao invés de cobrar sua vingança diretamente em mim?

— E onde estaria o esporte nisso? Você é mais louca do que eu! Porque você não pode encontrar Furie, adivinha? Ela é outro ponto em branco em suas visões? Nunca duvidei que você a localizaria.

— Isso teria mudado sua decisão de aprisioná-la?

363

— Não. Segui as ordens do meu rei. Você de todas as pessoas deveria saber por que eu era obrigado a obedecê-lo em todas as coisas.

— Em todo caso, vai ajudar as Valquírias a encontrarem Furie agora?

— Como eu disse a Regin, não sei onde ela está.

— Mas você fez uma vez, Lothaire. Foi você quem a acorrentou no fundo do oceano.

— Por suas intervenções no passado, eu deveria estar obrigado pela honra a te ajudar. — disse Lothaire. — Infelizmente não tenho honra.

Sua cara caiu.

— Eu não posso te ajudar assim. Você está mais devorado pelo ódio do que jamais pensei, e mais ignorante sobre as mulheres do que jamais imaginei. Estou perdendo tempo que preciso para outras coisas.

— Ela se virou para ir embora.

Atrás dela, ele chamou.

— Eu bebi do Comandante Webb, Valquíria. Tenho suas lembranças. Sei que você estava trabalhando para ele.

Lothaire também sabia que provavelmente Webb já fora... renascido. Como um imortal.

Antes que Lothaire o mordesse, o bastardo ardiloso estalou uma amostra de sangue com uma cápsula de cianureto. Quando Webb morreu ele tinha o sangue de um imortal correndo através dele, um sangue tão poderoso que mesmo Lothaire foi superado depois de beber.

Webb levantaria, só os Deuses saberiam como.

Talvez eu devesse contar a Chase todos os segredos obscuros que aprendi sobre seu pai substituto para aliviar um pouco da sua culpa.

E para prepará-lo.

Mas Lothaire ainda era Lothaire, e laço de sangue ou não, Chase ainda era um idiota. *Não darei sem receber.*

No entanto, ele não teve com Elizabeth?

Nix se voltou para ele, seu rosto marcado pelo cansaço.

— Eu não estava trabalhando com Webb, eu o estava *usando*.

— Como seus aliados se sentiriam ao saber de sua ligação com ele? Através de Webb você enviou uma bruxa para a ilha. Inferno, você enviou sua própria irmã. Eu me pergunto por que deu a ele o *meu* nome para acrescentar à lista de captura. Uma outra traição.

Ela inclinou a cabeça para ele, seus olhos ficaram prateados.

— Tive que pegar você antes que usasse o anel, Lothaire. Só mais um segundo e você seriamente reescreveria a mulher errada. Não queira nem imaginar o que teria acontecido com sua Noiva se Saroya 364

tivesse se tornado uma vampira, com a capacidade de riscar... E mais, eu precisava de você na ilha por seis objetivos: extermínio dos Wendigos, salvar a vida de Tadeu, dar sangue a Chase para estabilizá-lo até seu lado berserker assumir. Esqueci os outros. — disse ela com agitação crescente. — Não importa. Sua escolha: às vezes você tem que ser cruel pra ser gentil.

— Então depois desta noite, eu supostamente deveria me sentir em dívida com você? Espera que eu simplesmente desligue minha animosidade contra você?

Ele não podia mesmo se quisesse. Ela estava certa, ele estava devorado pelo ódio.

— Eu *vejo* Furie se afogando, mas nunca posso encontrá-la. Ela é minha

irmã! E você não me pouparia isso?

Talvez eu devesse contar a Nix onde a deixei...

Contudo, havia mais em jogo.

— Você e eu sabemos a quem ela está vinculada. Afundandá-la também foi algo estratégico.

Nix parecia desanimada. Lábios se movendo silenciosamente, ela se abraçou com os braços em volta do peito.

O entendimento o acertou em cheio. *A fim de me ajudar esta noite, ela se machucou de todas as maneiras.*

— Nix? — Ela estava cansada, confusa, dificilmente o ser malicioso que ele pensava dela por tanto tempo.

Em nórdico antigo, ela perguntou:

— Como vou lembrar o apocalipse? — Sua voz estava assombrada, sua constituição delgada tremendo. — Há tanta coisa para ver, pra lembrar, tantos rostos...

Por todas aquelas memórias que assombraram seus pensamentos, visões do futuro foram obscurecendo as dela. Ele jogou o seu Xeque-Mate, aparentemente ela estava jogando milhares.

— *Como?* — Gritou ela. Relâmpagos faiscaram dentro das grandes cavernas de Dacia pela primeira vez na história.

Nas ruas abaixo gritos soaram. Um trovão abalou todo o reino, ecoando até tremer os escombros.

A ameaça desconhecida da qual a Bruxa falou.

— Acalme-se, Valquíria! — Ele agarrou os ombros dela, dando-lhe uma sacudidela.

Ela se debatia contra ele ainda mais forte, e mais dois raios vieram em rápida sucessão para baixo.

Como detonações. Ela poderia derrubar o castelo!

— Phenix, acalme-se! — Ele a levantou nos braços para riscá-la para longe...

No mesmo instante os relâmpagos diminuíram. Segundos se passaram. Um grito amortecido aqui e ali. Desastres evitados.

365

— *Phenix?* — ela sussurrou para ele. — Ninguém me chama assim, exceto você. Todo mundo que costumava me chamar assim está morto. Eles estão todos mortos.

Ele exalou uma rajada de ar.

— Eles sempre morrem antes de nós, não é?

— Sem falhar.

— Quando foi a última vez que você dormiu?

— Desde que te vi na ilha.

Isso foi há várias semanas.

— Por quê? Os gritos estridentes de Val Hall a mantiveram acordada?

— Gosto de divagar ao som dos gritos. Não, é porque alguém sempre precisa da minha ajuda.

Loreans são incessantes, escondendo-se em torno da mansão com seus corações definhando e seus desejos não realizados. Posso senti-los sofrendo, como um dente ruim do qual nunca poderei me ver livre.

— Você precisa de um homem para manter os seres afastados.

— Você não tem ideia.

Ele murmurou uma maldição, então disse:

— Você pode descansar aqui esta noite. — Riscando para o sofá da sala de estar, ele gentilmente a deitou. — Manterei os Loreans afastados por uma noite.

— É abençoadamente pacífico aqui, no alto deste castelo. Rainha branca e Rei preto podem declarar empate por um tempo...

Minha inimiga, minha ex-amiga. Por que ela continuava a ajudá-lo? Com um brusco "Boa noite"

ele jogou um cobertor sobre ela.

Mas ela disse:

— Fique. Só até eu cair no sono.

Após debater por alguns momentos ele se afundou, descansando as costas contra o sofá, os braços estendidos sobre os joelhos dobrados.

— Por que *me* quer aqui?

Ela bocejou amplamente, como uma jovem fez.

— Nós podemos nos revezar em turnos um cuidando das costas do outro.

Embora se sentisse como nos velhos tempos, ele disse:

— Você ainda não pode confiar em mim. Estou pensando em cortar seu cabelo enquanto você dorme, apenas como chave para passar pelo Flagelo.

366

— Naturalmente. Fale-me sobre outras coisas.

— Sobre o quê?

— Qualquer coisa.

Outra exalação, então ele falou o que passou pela sua cabeça.

— Eu me sinto... velho. — Sabia que ela poderia se simpatizar. Quando foram amigos, uma vez ele confessou a ela: — “Phenïx, você é a única que entende a verdade: a vida eterna não é nada senão um castigo eterno.”

— Lothaire, eu conheci a sujeira mais jovem do que nós.

Ele esfregou a mão sobre o rosto.

— Não me sentia velho quando estava com Elizabeth. Eu me sentia como um vampiro jovem, apenas começando a sair com ela. O mundo era nosso para ser tomado.

— Invejo você por esse sentimento.

Após vários batimentos do seu coração, ele admitiu em voz baixa:

— Eu voltaria para o túmulo se isso forçasse Elizabeth a me amar.

— Oh, Lothaire. — ela suspirou, dando tapinhas em seu ombro. — Eu tentei ajudá-lo com ela.

Cuidei dela em Val Hall. Mostrei a ela que podia andar ao sol.

— Ela estava animada? — Ele se torceu para enfrentar Nïx. — O que ela disse? Mencionou meu nome? — Embora Lothaire há muito jurou nunca mais dar um presente sem pensar no retorno sobre seu investimento, ele finalmente fez. *Eu dei o sol para Elizabeth*. Ele queria que ela conhecesse essa felicidade, mesmo se ele próprio não pudesse...

— Ellie estava... triste.

—Triste? — Ele cuspiu. Ele nunca entenderia as mulheres! —Será que ela *nunca* fala de mim?

— Nas semanas que você a ignorou, humilhando-a a cada dia que você não ia

recuperá-la?

Honestamente Lothaire, se ela tivesse falado de você com alguém seria... *estranho*.

Ele olhou com raiva para o teto. O silêncio reinava.

Droga, Nix ia cair no sono e deixá-lo sozinho e inquieto, querendo saber como ele fez para deixar Elizabeth triste — e se ele deveria dar a sua Noiva outro de seus corações negros em penitência.

Com uma cara feia, ele disse ríspidamente:

— Eu não sou um marica, você sabe.

— Então sonhe as lembranças dela. — Nix sussurrou, antes de dormir.

367

Capítulo 58

Depois de vários dias de volta ao lar da sua infância, Ellie ainda não tinha se acostumado. Enquanto remendava meias, olhou ao redor do trailer, tentando vê-lo através dos olhos de Lothaire.

Sua mãe estava no fogão, fritando frango para quando Efraim e os outros chegassem em casa vindo da mina. Um Big Mouth Billy Bass³⁶ estava orgulhosamente montado na parede. Bonecas de porcelana que gritavam “QVC³⁷ Venda de Natal” alinhadas numa prateleira. Dois cães de caça preguiçosos, Bo e Bo Junior, cochilavam aos seus pés.

Lothaire provavelmente odiava animais. Ele acharia tudo cafona e arrepiante.

Ela deu de ombros. Mesmo comparado com o luxo do apartamento e da grandeza de Val Hall, ela gostava mais daqui. Embora já não se sentisse em casa.

Porque Lothaire não está comigo. Sua mãe olhou para ela.

— Se você está suspirando por aquele vampiro, pode parando com isso, Ellie Ann Peirce.

— Acredito que meu último nome é Daciano, na verdade.

— O inferno isso que você diz! Eu poderia matar esse monstro pelo que fez com você.

— Ele não é um monstro, mamãe. Acho que é apenas mal interpretado...

Josh entrou saltitante, correndo diretamente para Ellie.

— Meu forte é o melhor, Ellie! — Disse ele, trepando sobre Ellie no sofá.

Ele estava brincando na casa da árvore que ela construiu pra ele — em menos de quarenta e cinco minutos sem um martelo. Ela usou seus polegares para pressionar os pregos na madeira involuntariamente doada.

Inicialmente Josh foi cauteloso com sua irmã há muito perdida, como se percebesse que ela não estava certa de alguma forma. Embora não era de supor que Ellie parecesse tão diferente — contanto que ela não estivesse com fome ou chateada — nunca tentava. Já que ele a estava travando em todos os momentos, ela teve que acelerar fortemente seu curso intensivo de controle de força vampira.

— Josh, ainda não consigo superar o quanto você está grande!

Quando ele fez um músculo com seu braço direito, ela segurou um sorriso e pareceu devidamente impressionada.

— Tio Efraim disse que vou ter mais de três metros de altura.

— Bem, talvez se você comer suas verduras.

36 Big Mouth Billy Bass é um peixe de borracha montado numa armação mecânica, considerado brega e popular na década de 90 possui um sensor de movimento, que quando acionado toca uma música, feito para causar susto em um transeunte distraído.

37 QVC é uma loja de departamentos on line.

368

— E mamãe disse que você voltou para a montanha porque teve um di-vorce, e se algum homem vier “por aí perguntando” por você, estou preparado para dizer que você está morta, então cuspir em suas botas.

Com um olhar para a mãe, Ellie disse:

— Um divórcio? Ela disse isso? — Sua mãe deu de ombros. Ellie virou para Josh. — Por que não vai se limpar, e farei pra você um sanduíche de manteiga de amendoim com geleia.

— Sem crosta?

— Depende de como as finanças estão, querido. — Ante suas sobrancelhas levantadas, disse: —

Ellie está brincando. Sem crosta, prometo.

Tão logo ele se foi, ela disse a mãe:

— Vou sair esta noite. — Na última semana ela pensou constantemente em como poderia invadir o apartamento de Lothaire e roubar as joias.

Ela veio de mãos vazias.

Em vez disso, pretendia ir como um gatuno arrombar mais tarde, qualquer coisa pra tirar sua família da mina...

O trailer sacudiu, a gordura espirrando pra fora da frigideira. Justamente quando Josh veio correndo do banheiro com seus olhs arregalados, um grande estrondo se seguiu.

Ellie e sua mãe olharam uma pra outra, sabendo que apenas uma coisa poderia desencadear uma explosão não planejada assim.

Só poderia ser outra queda da mina.

Lothaire adormeceu logo após Nix, com a cabeça caída pra frente e os olhos tremulando atrás das pálpebras.

Finalmente, ele começou a testemunhar um fluxo de memórias de Elizabeth. Ele temia o que encontraria, mas imprudentemente se abriu ao seu passado...

Quando seu pai morreu, Elizabeth foi tomada pelo pesar, mas ela se permitiu pouco tempo para pranteá-lo. Em vez disso trabalhou incansavelmente para batalhar por uma vida melhor para sua mãe e irmão.

Lothaire observou exemplo após exemplo do uso de sua inteligência para fazer avanços com o trabalho e com a escola. E ela se deu bem, ganhando força.

Até Lothaire e Saroya devastarem sua existência com um ano de inferno, culminando em uma noite de massacre.

369

Seguida da prisão. Os olhos de Lothaire ardiam quando experimentou a mortalha da maca existente na ala. Ele sentiu o pulso acelerado quando ela deu um pulo na cama, acordada pelos outros presos sibilando no escuro, gemendo, lamentando.

Seu lábio inferior tremia quando sonhava com os estandartes da faculdade e as bochechas rosadas do seu irmãozinho. Quanto ela ansiava em vê-lo crescer!

Mas em cinco anos ela nunca se permitiu chorar.

Ele experimentou em primeira mão a sua execução próxima, as intravenosas afundadas em suas veias, seu "resgate" para um lugar ainda mais torturante. Ele reviveu a si próprio zombando, como se estivesse se dirigindo a ele. Ele ridicularizou seu passado e seus entes queridos, ferindo-a repetidamente.

Se ele tinha de fato sempre elogiado a inteligência dela, então ela não se lembrava disso.

Ele não apenas não tinha se retratado de seus comentários odiosos, como nunca corrigiu seus erros.

Lothaire ouviu seu pensamento: "Será que ele ainda me considera apenas uma caipira retrógrada e vulgar? Ele provavelmente se envergonhará de mim perto dos outros. Deus, isso dói. "

— *Não, você é tudo para mim!*

Do seu ponto de vista, ele experimentou a noite em que disse que ficaria com ela, que escolheu a ela. Sentiu a vibração da esperança e, mais tarde, sentiu a miséria, assim que compreendeu que ele ainda a mataria, destruiria sua alma.

No início do seu calvário com Saroya, Elizabeth aceitou que morreria, ainda que em seguida ela se deixou ter esperança, pela primeira vez desde a noite em que ele a mandou para o corredor da morte. A esperança frustrada foi o pior.

Elizabeth lhe contou honestamente:

— *Não quero viver no seu mundo violento e confuso.*

Por que ela *decidiria* viver dentro do reino de imortais violentos — e muito menos *escolhê-lo* como seu protetor, no meio dele?

Ele deu a ela nenhuma razão para escolhê-lo acima dos seus entes queridos, simplesmente decretando que nunca os veria novamente.

Agora que viu as memórias de sua família — rindo com eles, cobrindo-os, sempre lá para ajudar —

reconheceu que foi ridículo esperar que ela os esquecesse.

Sua família provara ser tão leal quanto Elizabeth. Sem perguntas, dois dos seus primos enterraram corpos para ela atrás do celeiro.

Eu não tinha nem pensado — ou me importado — sobre o que aconteceu com as vítimas de Saroya.

Elizabeth uma vez disse que sua família era uma unidade, que sua montanha era um sistema de apoio inflexível . *Minha própria família está em falta em relação a isso*. Ivana foi traída por seu pai. O próprio pai de Lothaire o torturou.

370

Os Peirce eram invulneráveis a falsidade e covardia como essas.

Mas enfim, Lothaire não estava com ciúmes da devoção de Elizabeth para os outros — não importando o quanto ele cobiçasse isso.

Só porque ela amava sua família e era leal a eles não significava que não poderia ser leal a ele também.

Contanto que ele jamais cruzasse com eles.

Em vez disso, colocou eventos em movimento que a separaria de seus entes queridos para sempre.

Ele a roubou de sua família.

Justamente como Serghei me roubou de Ivana.

No sono ele começou a suar quando captou a verdade: *eu fiz para Elizabeth... o que ele fez comigo*.

Lothaire nunca viu suas memórias por uma razão — porque não poderia lidar com a maneira como tratou a sua mulher preciosa.

Exatamente quando ele estava prestes a acordar, desesperado para nunca vencê-la de volta, um flash de outra memória surgiu. Enquanto ele estava dormido uma noite sofrendo de algum pesadelo, ela olhava para ele com ternura. Seu peito doía com o sentimento por ele — enquanto continuava a fazer das suas com ela. Ela alisou os cabelos de sua testa, acalmando-o com palavras suaves.

Ele nunca soube disso antes. Ah, Deuses, ela o *amava*.

Lothaire podia *sentir* aquilo queimando forte dentro dela. *Eu poderia ter a lealdade que ela mostrou a sua família. O amor...*

Ele acordou com um berro.

— Lizvetta!

Eu sabia que ela estava se apaixonando por mim!

Ele se virou, mas Nix não estava no sofá. Ele a encontrou sentada na janela, acenando aos seus súditos que estavam lá embaixo. Ela parecia revigorada, seu cabelo penteado.

— Elizabeth me amava! — Ele vociferou sem preâmbulos. — Então por que ela fugiu assim?

Nix deu de ombros, soprando um beijo a alguém.

— Porque ela era uma vampira nova com suas emoções correndo alto? Você disse alguma coisa que poderia ter provocado a ela esse tipo de raiva?

Ele esfregou a nuca.

— Pode ter havido algumas frases bem escolhidas.

— Além do mais ela riscou quando balançou a espada pra você.

— Impossível. Ela era uma vampira apenas há poucas horas.

371

— Ela pode riscar o mundo todo agora.

Elizabeth inesperada.

— Estou orgulhoso. Mas se ela pode riscar sem limites, vai voltar para sua família. — Ele era incapaz de pensar muito além de obter sua noiva de volta, sua mente apreensiva por uma tarefa tão pequena? *Obter Elizavetta.* — O que ela disse quando saiu de Val Hall?

Nix se voltou para ele.

— Lembro-me dela de pé atordoada em nossa varanda. A alardeada rainha da orgulhosa Daci estava sozinha, sem dinheiro, com suas poucas roupas e tudo das Valquírias, diga-se de passagem, numa sacola de supermercado. Ela não tinha ideia do que ia fazer ou como faria para se alimentar, e temia que sua família nunca a aceitaria. Ah, e ela estava com menos um dedo.

Ele berrou de frustração, riscando para arremessar um soco na parede nova.

— Por que você me diz essas coisas? É melhor me cortar com uma lâmina.

— Só estou te dizendo isso para que saiba que ela pode não estar muito entusiasmada se você aparecer.

— Senti suas emoções, sei que ela me amava.

— Antes de você partir seu coração.

Longos momentos se passaram. Num tom baixo, ele perguntou:

— Nunca mais terei o seu amor novamente?

— Eu manteria o seu dedo, Lothaire. Pode ser tudo o que você tem dela.

A família é sua chave. Ele jogou a cabeça para trás e berrou:

— Stelian!

Quando o vampiro grande riscou para dentro, ele fez uma reverência da corte para Nix, que sorriu distraidamente. Lothaire não perdeu tempo.

— Vai e compre a montanha da família da minha rainha. Coloque-a em seu nome. Minta, roube, engane ou mate para conseguir isso.

Stelian o saudou sarcasticamente.

— Temos intermediários que lidam com os humanos. Considere-o feito.

— E as montanhas próximas a ela, só pra garantir.

— Vejo que estamos planejando comprar o perdão da rainha. Já era hora.

— Pare. De. Falar.

372

Stelian desapareceu. Nix assentiu com aprovação.

— Agora você está começando a entender, vampiro... — Ela parou de falar, levantando-se de um pulo, seus olhos rodopiando prateados. — Lothaire, algo está errado.

Ele também sentiu um pesado sentimento de pavor. Sua ligação com Elizabeth estava mais clara agora, mais do que nunca.

— O que você vê, Nix?

Com o olhar esgazeado ela murmurou.

— Ellie girando em círculos, sangue escorrendo de sua boca. Vá para a montanha, Lothaire, siga os gritos!

Capítulo 59

— Elizabeth! — Lothaire a encontrou de joelhos num campo iluminado pelo sol, coberta de pó de carvão, mantendo as mãos sobre os ouvidos sangrando. Ele estava meio riscado, mas mesmo assim a luz o queimava.

— L-Lothaire? — Lágrimas escorriam pela sua face, mais sangue derramava de sua boca. Ela estava frágil, obviamente não tinha bebido o suficiente e foi ferida recentemente.

Mortais feridos jaziam pelo chão ao redor deles.

— Estou aqui, diga-me o que aconteceu.

Ela sacudiu sua cabeça em confusão. Não conseguia ouvir, mal podia falar.

— Ajude... me...

Ele a apertou em seus braços, riscando com ela de volta para sua casa.

— Não! — ela gritou, debatendo-se contra ele. — Volte. Volte para lá!

Lothaire estabilizou sua respiração, lutando para igualar seu batimento cardíaco com o de Elizabeth freneticamente disparado. Quando seus batimentos começaram a aumentar em seus ouvidos, Lothaire fechou seus olhos brevemente — vendo em sua mente, falando diretamente em seus pensamentos.

— *Shh, shh, amor. Acalme-se.*

— *Leve-me de volta! Minha família está morrendo!*

— *Consertarei isto! Mostre-me o que aconteceu.*

— *Tenho que voltar!*

— *Vou salvar qualquer um que esteja vivo. Você sabe que posso fazer qualquer coisa. Confia em mim?*

373

Seus lábios tremiam. Outro par de lágrimas corria por seu rosto.

— *Posso?*

— *Você só pode confiar em mim. — Palavras em russo escaparam de seus lábios: — Lutarei qualquer batalha por você, esmagarei qualquer adversidade. Porque você é minha, menina bonita. Eu te amo tão loucamente que o passado antes de você parece razoável...*

— *Lothaire?*

— *Conte comigo. Você deve, pela sua família.*

Por fim ela concordou e ele quis berrar de satisfação.

— *Então beba.* — Ele mordeu seu pulso empurrando o corte contra os seus lábios. — *Cure-se.* —

Quando ela resistiu, ele gritou em sua mente. — *Agora, Elizabeth!*

Ela estremeceu, seus olhos arregalando, então apertou seus lábios contra o seu pulso. Quando ela sugou suavemente, o prazer o percorreu, mas ele ordenou a si mesmo para se concentrar, lembrando-se que seu Xeque-Mate estava em jogo.

Quando ela tirou a força dele, começando a se curar, ele disse.

— *Deixe-me ver o que aconteceu. Mostre-me.*

De repente ele viu um pandemônio.

Uma explosão em uma mina, dezenas de homens presos... Elizabeth tentando riscar seus parentes para fora enquanto as pedras continuavam a cair... Ela só podia levar um de cada vez, debilitando-se rapidamente... Outra explosão estourou seus tímpanos... Uma viga de sustentação despencando, atingindo seu tórax, danificando algo internamente.

— *Se mais pedras caírem, Lothaire, se isso pegar fogo...*

— *Para onde devo riscar? Imagine exatamente o local.* — Ela o fez. — *Deixe-me ver o rosto de seus parentes.*

Imagens de um após o outro surgiram. Doze homens saíram. Lothaire os memorizou.

— *Permaneça aqui, Elizabeth. Não deixe este lugar. Salvarei qualquer um que estiver vivo.*

Ele riscou para longe, mas quando sua ponte imediatamente se interrompeu, ele pensou que a ouviu dizer.

— *Traga-os de volta pra mim.*

Duas pequenas tarefas: encontrar os mortais principais e voltar para

Elizabeth.

Dentro. Escuridão total. A obscuridade o engolfou, o tipo de escuridão só encontrada no subsolo.

Mesmo ele se esforçava para ver aqui embaixo.

A poeira irritava seus olhos e enchia seus pulmões, como se estivessem comprimindo com a sujeira.

374

Ele congelou em compreensão. Ele poderia ser enterrado vivo aqui embaixo.

A terra me esmagando...

Com tremores violentos ele lutou para respirar. Um suor frio escorrendo em sua pele.

Ele disse a Nix que voltaria para o túmulo por Elizabeth. *Estou fodidamente aqui.*

Não, concentre-se! Duas pequenas tarefas. Elizabeth iria querê-lo depois que salvasse sua família .

Poderei levá-la pra casa comigo neste mesmo dia.

Ele firmou a primeira pedra em seu caminho, jogou-a de lado. Então outra. Gritando com o esforço, começou a limpar seu caminho através do túnel.

O tempo todo o teto se inclinava precariamente sobre ele, vigas de sustentação rachavam sob seu fardo.

Conforme os sedimentos choviam em cima dele, estremeceu de novo. Foco!

Por fim, ele viu as luzes dos capacetes dos mineiros. A maioria dos homens estava inconsciente, mas todos tinham batimentos cardíacos. Com o pó escurecendo seus rostos, ele não poderia discernir os parentes de Elizabeth dos outros.

O que significava que teria que salvar todos eles e classificá-los mais tarde.

Os que estavam ainda conscientes recuavam diante dele.

— Quem diabos é você?

— Seus... olhos!

— O que você é?

Ele agarrou os homens pelo colarinho, riscando seis de cada vez, despejando-os naquele campo escaldante e rapidamente esquadrinhando seus rostos para registrar os Peirces.

Mas ele ainda não tinha encontrado o parente que Elizabeth secretamente mais amava — seu tio Ephraim. Lothaire riscou mais fundo, mais fundo, esforçando-se para enxergar.

Assim que viu o homem uma curta distância, Lothaire ouviu outro tremor sinistro.

Ele arrebatou o seu tio e riscou, lançando-o no campo antes de retornar. Um homem ainda estava desaparecido, um primo.

Lothaire salvou o mortal *favorito* de sua Noiva; mas agora estava se arriscando a ser enterrado aqui embaixo por algum primo qualquer? Ficou tentado a riscar para longe, dando isso por terminado. Ela disse a ele que retornasse, não foi? Ele estava pronto para voltar para o negócio *deles*.

Mas ela confiava nele, confiou nele para salvar qualquer um que vivesse. A lealdade deve vir nos dois sentidos. Entretanto se ele demonstrasse isto neste inferno sombrio, então que os Deuses o ajudassem, tinha que receber mais isto dela...

375

Sentiu o cheiro da faísca tarde demais...

Lothaire veio por ela. Teria vindo *para* ela?

Ellie estava se curando a cada segundo, seu sangue como um rico e quente combustível de foguete, comparado ao sangue dos animais que ela vinha forçando abaixo.

Sua audição já estava de volta, sua lesão interna consertando.

Ela já não estava mais apavorada por sua família — porque Lothaire podia fazer qualquer coisa. Se ele disse que salvaria todos os que viviam, então era isso o que faria.

Engraçado, Ellie — você não se importava com sua alta imparcialidade nisso.

Mas imortal ou não, se a poeira de carvão inflamasse lá embaixo, ele poderia... morrer. Assolada pela ansiedade — por *ele* — ela andava/riscava, mordendo os lábios.

Ela não podia perdê-lo novamente. Seus olhos começaram a lacrimejar, o sangue empoçando.

Porque estava demorando tanto? Ela estremeceu se lembrando das pedras caindo, o carvão em seus pulmões...

Ela ofegou.

— Oh, meu Deus. — Ele tinha sonhos de estar sendo sepultado na terra, aprisionado. Ela tentou acalmar seus pesadelos angustiantes.

E ainda o enviei para uma mina desmoronando. Com um grito ela riscou para o campo de triagem.

Tantos já foram salvos. Contou as pessoas apressadamente. Cada um dos seus parentes, alguns gravemente feridos, foram contabilizados. Então por que Lothaire não voltou?

Então ela notou que um dos seus primos de terceiro grau estava ajudando os outros, mas ele não tinha nenhuma poeira nele. Ele não estivera na mina

anteriormente — mas ela o mostrou a Lothaire como um dos desaparecidos.

Lothaire estava procurando por alguém que nunca encontraria.

Cheia de medo ela riscou para o interior da mina, imediatamente caindo pra frente quando as chamas dispararam sobre ela. Não havia fogo antes! *Oh, Deus, oh, Deus.* Ela puxou sua camisa sobre sua boca para manter o pó inflamável fora de seus pulmões.

Se Lothaire respirou muito disso...

Rastejando cegamente pelos desvios de fumaça ela se esforçou para alcançá-lo, lutando para senti-lo enquanto navegava nas artérias da montanha. Ele disse que eles tinham laços inquebráveis.

Guie-se por sua inteligência, Ellie!

376

Depois que ela se acalmou e se concentrou, ela parecia instintivamente saber para onde ir, qual caminho tomar ao redor das pedras e sua conexão com Lothaire ficou mais forte, como um som cada vez mais alto mais perto da fonte.

Quase lá...

Ela o encontrou.

— Lothaire! *Leo?* — Ele estava inconsciente, preso sob um deslizamento de rochas incandescentes, sua pele em chamas.

Quando ela o arrastou para fora dos escombros, ela gritou. Seus pulmões cheios de carvão se romperam largamente, seu peito explodiu.

Suas pálpebras se abriram. Suas sobrancelhas repuxaram e ele murmurou:

— *Deixe-me agora... saia...* — Seus olhos se fecharam. A tensão deixou seu corpo.

Melhor poupar suas ordens para alguém que vai segui-las, vampiro.

Capítulo 60

— Sua mãe está vindo. — Ephraim advertiu Ellie enquanto ela pressionava uma compressa fria sobre o rosto de Lothaire.

Por dois dias Lothaire esteve enfaixado e inconsciente no quarto escuro de Ellie, com Bo Júnior enrolado em torno dos seus tornozelos pela maior parte do tempo.

Aquele cachorro tinha um tamanho médio de uma milha de largura. Parecia um genioso cão de caça que um vampiro genioso ostentaria.

Depois que Ephraim teve sua própria cabeça enfaixada, ajudou Ellie a limpar as feridas de Lothaire e deixá-lo confortável, até mesmo conseguiu caçar um cervo para alimentar o homem que salvou sua vida.

Todo mundo — inclusive sua mãe, *especialmente* ela — mudou sua cantilena sobre o vampiro vilão de Ellie.

— Então me deixe ver se entendi direito. — mamãe dissera olhando fixamente com reverência para a face de Lothaire. Mesmo queimado e envolvido por gaze, ele ainda parecia um Deus. — O homem mais bonito que você já viu te transformou, então nunca poderá ficar doente ou morrer, depois te mimou com joias e roupas enquanto estava te levando ao redor do mundo?

— Quando você diz isso assim, soa absurdo rejeitá-lo e acidentalmente quase decapitá-lo.

— Se a carapuça serviu, Ellie Ann Daciano!

— Você esqueceu tudo o que eu te disse ? — Ellie gritou. — Ele me tratou como... como você trata Bo.

— Aquele cachorro dorme na cama comigo, menina!

— Se eu estivesse com Lothaire teria que viver dentro de uma montanha!

Finalmente sua mãe franziu a testa.

— Como numa toca ou algo assim?

— Um castelo. Mas este não é o ponto...

Agora Ephraim murmurou.

— Eu estive evitando interferir, mas ela já tem a opinião formada sobre esse seu vampiro.

Sua mãe o enxotou para dentro, as sobrancelhas reunidas com a visão de Lothaire dormindo.

— Olhe só para ele. — ela sussurrou. — *Nunca* vou me acostumar com esse rosto.

Ellie quase disse. “Espere até receber o peso de seus olhos.”

— Ele não é simplesmente a coisa mais linda? Como uma estátua chique de museu.

Lothaire continuava a se curar, parecendo cada vez mais com o perfeito anjo caído que Ellie tinha se acostumado.

Mamãe verificou novamente os cobertores sobre as janelas cacarejando pelo quarto, organizando alguns dos balões de boas vindas pelo pronto restabelecimento e ursinhos de pelúcia que continuavam a ser entregues.

Finalmente ela se sentou ao lado da cama.

— Um homem que quer tanto que o meu bebê seja sua rainha. — ela suspirou. — Rainha Elizabeth.

Você viverá para sempre num castelo, e pode voar por aí como uma *fada* — Ellie não a corrigiu. — e será rica e adorada por ele.

— Mama, de novo, nós não sabemos por que ele voltou. Ele poderia somente precisar de um herdeiro ou algo assim. Quem sabe?

— Porque outra razão esse anjo teria poupado todos os homens da nossa família?

— Ele nunca disse que retornou por mim. — A menos que tivesse dito isso em russo. Ela recordou a emoção naquelas palavras, o que sentiu como uma promessa...

— Melhor esperar que ele diga. — Sua mãe murmurou com raiva.

— Só estou te dizendo que ele é conhecido por ser do mal. Não faço ideia do que está tramando.

— Nós não somos exatamente santos por aqui, Senhorita Telhado de Vidro. Pelo amor de Deus Ellie, quando chegou a ser tão crítica?

Minha mãe está desapontada comigo por não fazer meu casamento vampírico dar certo. Mesmo sua mãe nem sequer dando uma palavra com Lothaire, já tinha instruído Josh a chamá-lo de Tio Leo.

Ephraim balançou sua cabeça.

378

— Não terá mais como continuar vivendo com sua mãe agora. Você sabe disso, heim?

— Sim. — *Eu realmente espero que Lothaire tenha vindo aqui pelas razões certas...*

— Estou num *trailer*, não estou? — Lothaire disse rouco quando veio parar na cama de Elizabeth.

Ele tinha acabado de acordar com seu aroma doce no travesseiro, quando o cheiro de algum bicho infeliz fritando na cozinha o oprimiu.

Agora perscrutava ao seu redor — paredes de vinil e roupas surradas, bonecas de porcelana extravagantes. Um cão de caça de aparência malévola cochilava aos seus pés. Ele gostou bastante do cachorro.

Elizabeth cruzou seus braços por cima do peito.

— Era isso aqui ou eu teria que te deixar na mina.

Quando ele viu os balões de boas vindas e ursos de pelúcia com olhos de botão, ele quase preferiu a mina.

Ela se levantou e bateu as palmas na coxa, persuadindo o cachorro.

— Aqui, menino, saia daí.

A besta rosnou assim que Lothaire disse.

— Ele pode ficar.

Ela se sentou de volta, murmurando.

— Vocês dois são perfeitos um para o outro. Ele agora é seu, pelo jeito.

Então ele é nosso.

— Porque há ursos de pelúcia horrorosos com meu nome neles?

— Minha família inteira ama você agora. Eles quiseram te agradecer por salvá-los. Você salvou a todos, já sabe.

— E então você me resgatou. — Salvando sua vida enquanto arriscava a dela. Lealdade recompensada em espécie. *Mas se ela se puser em perigo novamente...*

Ela acenou de longe.

— Em todo o caso, temos mais caçarolas do que nós, ou eles, conseguiríamos comer em um mês.

— E como eles explicam o seu resgate?

— Minha família sabe o que somos, mas eles não contarão o segredo para estranhos, acredite em mim. Os outros mineiros pensam que você é... o Homem Mariposa.

379

Lothaire revirou os olhos.

— Homem Mariposa. Realmente, Elizabeth? Sêrio?

Ela deu de ombros.

— Olha, estou profundamente agradecida pelo que você fez. Mas por que veio aqui?

— Por você. Ganhei o controle de um reino. Volte comigo para Dacia e seja minha rainha.

— Suas últimas palavras sobre o assunto foram que eu deveria apodrecer no inferno.

A inesperada Elizabeth não estava caindo em seus braços como ele antecipou, mesmo depois dele agir heroicamente e ter sido ferido valentemente. Talvez ele a *tivesse* perdido.

— Lothaire, você me deu seu coração negro e me disse que eu nunca poria minhas garras em outro.

— Eu te darei um novo. — Ele alongou suas próprias garras sobre seu peito, prestes a cavar. — Isso doeu em mim como nada antes...

— Não! — Ela pulou pra frente, batendo em sua mão. Forte. — Você acabou de remendar essa pele.

Ele abaixou sua mão, murmurando.

— Meu coração não está funcionando fodidamente direito sem você.

Ela pareceu suavizar com isso, entretanto perguntou.

— Alguma coisa realmente mudou?

— Aprendi que preciso te consultar sobre as coisas para não me decapitar.

— Lothaire... — ela disse em advertência. — Você não me quis verdadeiramente, não até que eu fosse uma vampira. E isso dói.

— Quando Saroya foi expulsa de você naquela noite, senti como se alguém tivesse me injetado sentimentos por você. Vi você claramente pela primeira vez, sabia que era minha Noiva, sem dúvidas. *Antes* que você fosse uma vampira.

— E se não houvesse nenhum anel, nenhum modo de me transformar? Poderia ter aceitado isso?

— Nunca.

Dor passou rapidamente em sua expressão.

— Por quê?

— Eu não cortejo minha própria morte, Lizvetta. Você era mortal, podia perecer muito facilmente.

Quando uma Noiva de um vampiro morre, ele está *acabado*, volta a ser um morto vivo, se ele não saudar o sol. Então, finalmente, sou tão forte quanto você.

380

— Então por que estava tão ansioso para me transformar?

Ele endireitou os ombros.

— E o sexo é melhor.

— Ugh! — Ela lançou suas mãos para o alto.

— Por que é mais *seguro*. A cada vez que neguei meus instintos, temi que eu mesmo te ferisse.

— Se tivesse permanecido humana, você teria sentido o mesmo por mim?

— Nunca teria reconhecido pra mim mesmo tudo que sentia por você enquanto estava tão vulnerável. Entretanto, quando você foi transformada ficou tão forte... — Com sua voz caindo uma oitava, ele disse. — Você levou toda a minha luxúria e *me* deixou fraco.

Quando ela mordiscou seu lábio inferior com uma de suas pequenas presas, seus pensamentos se apagaram por um momento.

— Tudo o que você sentia por mim?

— Venha, vem, Noiva. Você é extremamente inteligente. Deve saber que estou apaixonado por você. Agora você vai voltar comigo?

Parecendo se enrijecer contra ele, ela disse.

— Mas você disse para mim que não éramos iguais. Essa não é realmente a minha ideia de amor.

— Você riscou no seu primeiro dia como vampiro. Você *me* derrubou com uma espada. A maior parte do Lore vive com medo de você. Sua lealdade para sua família jamais vacilou, não importando o quanto te ofereci, ou quanta pressão coloquei sobre você. Você tem muito para me ensinar, Elizabeth.

Quando ela permaneceu incerta, ele disse.

— Entendo o quanto sua família é importante para você porque me lembrei do quanto minha mãe era importante para mim. Nesses longos milênios eu odiei Serghei por tomar minha família de mim, agora percebi que eu tentei fazer o mesmo com você.

— E se nós tivermos outra briga? Vai se recusar a conversar comigo? Eu desejava dizer a você o quanto estava arrependida por te machucar, até que me enviou aquele terrível pacote!

— E você me deu o dedo em troca. Que eu posso admitir agora que foi hilariante. Especialmente por que cresceu de volta.

— Você não respondeu a minha pergunta. Você não domina exatamente as habilidades de relacionamento. E vamos brigar no futuro.

— Como eu disse, você vai me ensinar. Além disso você terá minhas memórias e saberá como me sinto de verdade. Tudo que tem a fazer é beber de mim todas as noites. — ele olhou para sua boca, suas presas se preparando só de pensar naquilo. — Você sente falta do meu sangue, admita.

— Não! — ela ofegou, pressionando seus lábios juntos.

381

Com a voz rouca, ele disse.

— Então por que essas suas presas sensuais estão tão afiadas? — Erguendo seu olhar para seus olhos escurecidos, ele disse rouco. — Deuses, vou fazer coisas depravadas com você ao voltar para o nosso castelo.

Ela engoliu em seco.

— E-eu não aceitei ir com você.

— Então me diga onde eu posso fazer aquelas coisas com a minha Noiva. Se ficarmos aqui quebraremos esta frágil cama, talvez eu transporte isso tudo.

Com o queixo erguido ela disse.

— Você precisa se desculpar comigo pelo modo como me tratou.

Ela está balançando. Ele a checkou com um olhar de vitória, dizendo honestamente.

— Sinto muito, Elizabeth. Tentei voltar a tempo com o anel, com a intenção de tratá-la como uma rainha no nosso primeiro encontro. — Então ele franziu o cenho. — Você sempre deve me dizer quando preciso pedir desculpas.

— Só até você estar pegando o jeito da coisa!

— Ah, você aceitou? Então vamos pra fora. — Ele se sentou inquieto. — Estou vestindo uma velha camiseta regata que a esposa usa pra dormir, Lizvetta? — Ele olhou boquiaberto para baixo. — Ah, qual é!

— Suponho que agora não seja uma boa hora pra te dar seu boné?

— Sua vingança é indescritível. Só por isso deve me perdoar pelo modo como te tratei.

— Ainda tão arrogante?

— Eu literalmente arrisquei meu pescoço bem agora para dizer isso na sua cara.

Ele a viu fazer um biquinho com os lábios, mas ela educou sua expressão.

— Eu disse a Nix que iria para o túmulo novamente se isso fizesse você me amar. Eu fui para o túmulo naquela mina, portanto...

— Você está tentando fazer com que eu me sinta culpada, assim você pode me manipular?

Ele piscou o olho pra ela.

— Claro. Agora diga que me ama.

— Eu amo, Lothaire. Por alguma razão, eu realmente amo você. E vou te dar uma chance. — ela disse. — Se você ficar aqui comigo.

Ellie já tinha se convencido que tentaria viver no castelo de Lothaire e ser a rainha dos vampiros e tudo, mas esta era uma oportunidade muito engraçada pra deixar passar.

382

Lothaire engoliu em seco, seu olhar cintilando ao longo das bonecas no parapeito da janela e nos bichos de pelúcia.

— Você pode gostar daqui, Lothaire, eu sei disso!

Com uma expressão aflita, ele disse.

— Esses animais empalhados me horrorizam e repelem. — ele estremeceu.

— E a aura de emoção neste lugar é inevitável. Você não... não pode querer viver *aqui*. Não em vez de um castelo com servos para atender a todas as suas necessidades?

— Claro que eu poderia! E então você não precisaria de todas aquelas suas roupas extravagantes.

Ele se contorceu.

— Não acho que eu possa viver aqui. Realmente não, Elizabeth.

E porque estava tão em sintonia com ele, ela pode sentir algo similar ao pânico dentro dele.

— Não quer mesmo fazer uma tentativa?

— Na verdade, não posso nem *estar* aqui por muito mais tempo.

Ela deu um tapinha na sua mão.

— Eu sei, bebê, eu sei.

— Se você sabe que não posso estar aqui, e você não virá comigo... — Seus olhos avermelharam ameaçadoramente. — Você acredita que vamos viver *separados*? Eu tentei isso e detestei!

Então ele fez um esforço evidente para se acalmar. Abriu a boca pra dizer alguma coisa, pensou melhor. Finalmente, ele disse áspero.

— Estou comprando esta montanha e as adjacentes pra você.

Ela perdeu o fôlego.

— Lothaire, nem sei o que dizer.

— Venha comigo de volta ao nosso reino e construirei uma mansão aqui para sua mãe. — Com grande esforço, ele disse. — Poderemos visitar, se for esporadicamente.

Ela se inclinou até que seus rostos estavam a centímetros de distância.

— Vamos visitar todos os fins de semana, feriados e NASCAR, vampiro. — Ela apertou seus lábios contra os dele, suspirando pela certeza que sentia nisso, na certeza que sua vida era com ele.

Oh, Lothaire, você nem mesmo vai saber o que o atingiu...

Entre beijos, ele disse a ela.

— Se você concordar em apenas domingos e feriados, comprarei todas as casas dos seus irmãos. —

Contra seu lábios, ele disse. — E você sabia que NASCAR era provocação, noiva.

383

Epílogo

ALGUM TEMPO DEPOIS...

— Nós rimos pelas suas costas — Stelian disse a Lothaire num tom aturdido. — achando graça por que a tal garota o estava manipulando. — Sua expressão era estupefata.

Lothaire conhecia aquele olhar, ele mesmo o usava frequentemente.

— Mas você não entendeu nada do que falou? — ele disse, olhando para Elizabeth através da guarida de seu apartamento no castelo. Ela se sentou diante do fogo da lareira, rindo com a Bruxa e Kosmina, o cão de caça real aos seus pés.

— Correto. — Stelian bebeu um profundo gole de sua bebida misturada com sangue. — Como é que ela simplesmente me fez concordar com a visita de sua família no Natal?

Num tom tanto pesaroso quanto cheio de orgulho, ele disse.

— Você nunca vê minha rainha chegando até que já é tarde demais. — Ainda esta noite, Elizabeth de alguma maneira conseguiu que Lothaire aceitasse assumir Joshua, e oito dos seus primos, doce ou travessura.

Mas realmente. Como aquilo poderia ser difícil?

Embora não devesse ser nenhuma surpresa, o menino mortal adorava Lothaire.

Estou adquirindo parentes como metamorfos de gatos não castrados.

Elizabeth pegou seu olhar, lançando a ele aquele seu sorriso de enlouquecer. Envolta nas joias que ele amorosamente lhe deu, ela irradiava seu contentamento.

Ela não teve nenhuma dificuldade de adaptação a este estilo de vida estranho, levando tudo na esportiva. A cada incursão em seu novo reino, ela

prontamente pegava mais do idioma e dos costumes de seus súditos.

E os ensinava um pouco dos seus próprios costumes. Os reservados Daci o... a *adoravam*, achando-a refrescante. Como predito.

Depois de se desculpar, Elizabeth riscou para sentar ao lado dele no sofá. Seu cão de caça — que ele se recusou a chamar de Bo Junior — orgulhosamente indignado, ainda ficava confuso sempre que alguém riscava.

Enquanto Lothaire pegou a mão dela na sua, pressionando um beijo nas costas delas, Stelian se desculpou com um olhar cauteloso para Elizabeth.

— Todo mundo está se dando muito melhor, não acha? — ela perguntou. Ela há muito tempo sonhava suas lembranças de Dacia, e depois de analisar as relações de Lothaire com a realeza ela começou a “salvá-los”.

384

Agora que Elizabeth era rainha, parte do gelo entre todos eles estava de fato descongelando. Após séculos de conflitos, eles começaram a se reunir em volta da lareira da guarida. Mesmo assim ele disse.

— Eu teria que admitir isso, se achasse?

— Fala-de-Lothaire? — Ela arqueou uma sobrancelha. — Bem, acho que tudo está indo muito bem.

Após encontrar Viktor, ela disse ao General.

— Você é o feroz que Lothaire se gabou! Não é à toa que o designou para ser o chefe da minha guarda. Quando está longe, ele não confiaria em mim com mais ninguém. — O peito do soldado se estufou.

Para Mirceo, ela disse.

— Você podia perguntar a Balery para ver quanto tempo vai esperar pela sua Noiva. Contagem regressiva às vezes ajuda. — Conselhos de uma rainha sábia que teve experiências de vida extenuantes para uma contagem regressiva.

Ela disse a Trehan.

— Se eu posso viver com Lothaire, então *tudo* é possível com sua Noiva. Você não pode simplesmente dar ao seu relacionamento só mais uma chance?

Com Kosmina, ela fez muito pouco, admitindo para Lothaire.

— Nem sei por onde começar. Ela poderia realmente precisar de um novo começo... — *Olá, Louisiana.*

Elizabeth acreditava que todos eles estavam “chegando juntos como uma família” ou algo assim, e que a razão pelo qual se sentia desconfortável perto deles era que temia que “pudesse se importar de verdade com eles”.

Ele ridicularizou, pronto para garantir a ela que detestava sua família e não os queria perto, mas não fora capaz de pronunciar as palavras.

Então por enquanto, eles invadiram seu espaço pessoal, Dacianos o atropelando.

Apesar disso estava feliz mais uma vez. Quando olhou de relance para sua Noiva requintada, ele pensou, *Mas eu guardo minha chave zelosamente.*

A rainha Elizavetta Daciano era seu Xeque-Mate, sempre foi.

Ivana a Corajosa teria se curvado para ela? Sim. Mas no fundo, ele sabia que não importava mais.

A cada noite quando Elizabeth bebia dele, seu vínculo inquebrável só fortalecia — e com isso sua mente continuava a se manter estável. Ele nunca seria completamente são — nenhuma possibilidade disso

— mas contanto que ela o aceitasse, ele podia administrar.

Sempre que dormia ela sonhava com suas ações do dia anterior. Se ele saísse em negócio real oficial, ela lhe dava um beijo de adeus com um apelo.

— Não faça nada que eu vá lamentar sonhando, Leo.

Apenas duas tarefas urgentes permaneciam. Ele precisava reembolsar Nîx e cumprir a promessa que fez a sua mãe de governar a Horda.

Ele se decidiu — com a ajuda de um golpe baixo — a ajudar a adivinha a procurar pela Furie. Ele não queria necessariamente que Phenîx fosse sua generosa companheira mais uma vez, ele não gostava de ficar em débito com ninguém.

E quando pensava sobre o quanto amava Elizabeth e como inconcebivelmente certo parecia tê-la ao seu lado, ele reconheceu que estava seriamente — gravemente — em dívida com Nîx.

Agora, se ele pudesse apenas encontrar a adivinha para dizer a ela; quando ele riscou de Dacia para salvar Elizabeth, a Valquíria tinha desaparecido.

Ninguém no Lore podia localizar Nîx, a Sabe-Tudo...

Quanto ao seu voto final para Ivana, Lothaire estava dividido. Elizabeth assinalou:

— Ivana queria que você governasse a Horda enquanto Serghei governasse os Daci, juntando os dois reinos, certo? O que ela diria se soubesse que você tomaria o lugar de Serghei como rei?

Um bom ponto.

Porém Elizabeth acrescentou.

— Claro, se a coroa está apenas ali esperando para ser tomada, sei que o meu homem está disposto para o trabalho...

A fim de evitar um conflito em larga escala, Trehan se ofereceu para ter seus assassinos eliminados e os dois outros concorrentes: Kristoff, o Caminhante de Sepulturas e Emmaline, a Improvável, a filha halfling da Valquíria Helen e do tio Fyodor de Lothaire — também conhecido como Rei Demestriu.

Embora tanto Kristoff quanto Emmaline fossem legítimos, nenhum adorava a

Sede.

Lothaire colocou Trehan em espera, mas em prontidão. Com esse pensamento em mente, ele disse a Elizabeth agora.

— Eu vou ver um dos concorrentes ao trono da Horda esta noite.

— Você vai o quê?

— Eu devo enfrentar Kristoff — *esse idiota* — para obter a recompensa sobre sua cabeça revogada.

Ela sorriu.

— Além disso, você só quer ver o olhar em seu rosto quando se revelar para ele.

— Não é isso. — *Me conhece tão bem.* — Você permanecerá aqui?

— Desta vez, sim.

— Muito bem — ele disse, escondendo sua excitação, porque pretendia fazer uma captura esta noite. Que adianta ter seu próprio calabouço, a menos que fosse utilizado?

386

Elizabeth descobriria seu golpe — realmente só um insignificante, provavelmente nem sequer um assassinato — em seus sonhos seguintes?

Seus lábios se curvaram. Claro. Assim ele “armazenou” uma mensagem apenas para ela: *Admita isso, amor, você gosta quando sou um pouco mau ...*

Ela olhou de relance para ele.

— Só não esqueça o nosso novo lema, Leo. “Nós sempre podemos matá-los mais tarde, mas não podemos trazê-los de volta”.

— Minha Noiva sábia e inteligente. — Ele pegou sua nuca, atraindo-a para

perto. — Você é tudo. —

disse ele simplesmente.

Com um suspiro satisfeito, ela pressionou sua boca na dele, dando um beijo que quase a jogou de costas na cama deles.

De alguma maneira ele se afastou, murmurando em seu ouvido.

— Quando eu retornar, esteja vestindo seda vermelha.

Suas íris relampejaram negras, seu olhar ardente.

— Eu me certificarei que você ficará... satisfeito.

— Pirralha atrevida. — ele provocou com leveza, mesmo quando seu corpo se apertou com querer.

Devo fazer isso rápido...

Lothaire se teletransportou para Monte Oblak, a sede Forbearer e desembainhou sua espada. Meio riscando para dentro das câmaras do Caminhante das Sepulturas, quase invisível, ele descobriu Kristoff olhando pela janela aberta, seu cabelo cor de areia soprando com a brisa.

Os olhos azuis escuros do macho estavam claros da sede de sangue, mas parecia preocupado enquanto olhava fixamente para a noite.

Sonhando com sua futura Noiva? Com o pai que ele nunca conheceu?

Lothaire se lembrou de estar olhando para baixo pra Kristoff quando era bebê. Todos aqueles anos atrás Lothaire pairou sobre o seu berço, disposto a assassinar o verdadeiro herdeiro de Stefanovich... até que o bebê de cabelos claros se aproximou e agarrou o seu dedo.

Como se em reconhecimento.

Se Kristoff fizesse um movimento errado nessa noite, Lothaire remediaría sua misericórdia de antes.

Movendo-se como uma sombra, silencioso como a morte, Lothaire colocou sua espada contra o pescoço de Kristoff.

— *Olá, irmão...*